A
1-269

Biblioteca Universitaria
GRANADA
Sala A
Estante 1
Tabla
Número 269

22. a. 5.
- 21.

Nº 1
25-210

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA
GRANADA

Biblioteca Universitaria
GRANADA
Sala A
Estante 1
Tabla
Número 269

22. a. 5.
- 21.

Nº 1
25-210

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA
GRANADA

R. 1422

RUDIMENTOS CONCIONATORIOS,

Prégados, & poſtos por ordem neſte Livro

Pelo P. M. Fr. MANOEL DE S. LUIS,
Religioſo obſervante da Provincia de Saõ Joaõ Evangeliſta nas Ilhas Terceyras, Leytor jubilado, & Ex Provincial immediato da meſma Provincia,

Del Col.º de la Comp.ª de Jhs de Granada

DEDICADOS

A GLORIOSA

SANTA ANNA,

MÃE DA MÃE DE DEOS,
E AVÓ DE CHRISTO.

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA DE GRANADA

LISBOA.
Na Officina de MANOEL, E JOSEPH LOPES FERREYRA,
à ſua cuſta impreſſo. Anno de M. DCC. VIII.
Com todas as licenças neceſſarias.

MINHA SENHORA S. ANNA.

O Meſte abreviado titulo a ſeccas imagino que naõ falto à cultura da cordialiſſima devoçaõ, que cõcebi à voſſa ſagrada Imagem collocada neſtes dias no magnifico Tẽplo deſſe celeſtial Monte Carmelo, offerecendo-vos o pequeno obſequio deſtes Rudimentos Concionatorios, que ſeu Autor fiou da minha eleyçaõ, para os dedicar a algum generoſo patrocinio, & creyo ſe darà por muy ſatisfeyto de minha acertada eſcolha: porque conſtando a mayor parte deſte volume de Panegyricos da ſoberana Virgem Mãe de Deos voſſa Filha, quem os havia de patrocinar, ſenão vós, Matrona nobiliſſima, Mãe da melhor Filha? E ſe ella revelou a huma grande Serva ſua que entre os louvores, que as almas Chriſtãs lhe rendiam quando na terra era applaudida, aceytava com particular agrado que a louvaſſem por Filha de Santa Anna, naõ eſtimarà menos que a vós recorramos, para patrocinar ſeus encomios.

E quanto aos voſſos, quem poderà vadear os mares de tantas excellencias, pois me obrigam por immumeraveis a q̃ confece que inopem me copia fecit.

Amparay pois, Anna Sacratiſſima, a obra, que a voſſos pés rẽde o terniſſimo affecto de voſſo humilde ſervo, & amantiſſimo eſcravo.

Manoel Lopes Ferreyra.

PROLOGO

Ao Leytor.

DEtermineyme, amigo Leytor, a dar eſtes Sermões ao prelo depois de haver ſubido com el es ao pulpito, para de algum modo ſatisfazer a huma queyxa muyto antigua, que ſempre ouvi neſta Provincia, donde ſou indigno filho; a qual vem a ſer, que havendo nella tantos letrados de nome, & tantos Prégadores de fama, pudeſſe tanto com elles a propria humildade, que nunca quizeram que a ſua fama ſe divulgaſſe, nem q̃ o ſeu nome ſe imprimiſſe, para que gozaſſẽ muytos por letras impreſſas a noticia das ſuas letras, & participaſſem dellas abſtractivè os que as naõ podiam ter intuitivè: para ſatisfazer pois a eſta queyxa, ſe bem que com o conhecimento proprio da minha limitada eſfera me animey a pór em ordem eſtes Sermões, aos quaes dou o titulo de Rudimentos, porque foram as primicias dos meus eſtudos, & juntamente porque foram feytos em alguns intervallos, que as occupações da Cadeyra de Artes por eſpaço de ſeis annos me permittiram; no qual tempo mais facil me ſeria deſcrever os Univerſaes de Porfyrio, do que explicar as Epiſtolas de Saõ Paulo. Se por eſta razaõ te naõ contentarem, ficarmehaõ os outros, que tenho no tinteyro, porque cantar mal, & porfiar, naõ ſou deſſe parecer. O que farey, *Deo dante*, por naõ dar entrada á preguiça, virarmehey para o Moral, ou eſpeculativo, que como foram materias, em que mais me exercitey, poderá ſer que lhe tenha melhor geyto. Por em quanto deſculpa os defeytos deſta limitada obra, a qual no titulo leva comſigo a deſculpa, & pelo motivo, que me obrigou, merecerey o perdaõ, pois naõ reparey em ſer cenſurado, ſó por me moſtrar á minha Provincia agradecido.

Vale.

SER;

SERMÕES,

Que ſe contem neſte Livro.

SERMAM I. do Eſpirito Santo, prégado no Moſteyro da Eſperanſa da Cidade de Ponta Delgada. Pagina 1.

SERMAM II. dos Eſcravos de Jeſus, prégado em dia de Reis com circunſtancia de novo Jubileu, que ſe alcançou para a ditta feſta no Moſteyro da Eſperanſa da Cidade de Ponta Delgada, p. 29.

SERMAM III. do Evangeliſta Saõ Mattheus, prégado no Paço do Excellentiſſimo Conde da Ribeyra, p. 53.

SERMAM IV. de Santo Antonio, prégado no Paço do Excellentiſſimo Conde da Ribeyra na feſta, que fazem os Soldados do Preſidio cõ a circunſtancia de ſer o Santo ſeu Protector, eſtando o Santiſſimo manifeſto, & o meſmo Santo ao pé do throno, p. 76.

SERMAM V. de Santa Clara com o Senhor expoſto, prégado no Moſteyro da Eſperanſa de Ponta Delgada, eſtando junto ao throno do Sacramento N. P.S. Franciſco de huma parte, & a Santa da outra, pag. 98.

SERMAM VI. da eſclarecida Virgem, & glorioſa Martyr Santa Barbora, prégado no Moſteyro de S. Joaõ de Ponta Delgada, p. 118.

SERMAM VII. de Profiſſaõ da Reverenda Madre Soror Tereſa da Annunciada, prégado no Moſteyro de Santo Andre da Cidade de Ponta Delgada, p. 142.

SERMAM VIII. de N. Senhora da Vittoria, prégado no dia da ſua Appreſentaçaõ, eſtando o Senhor expoſto no Moſteyro

teyro das Religioſas de Ribeyra Grande, p.165.
SERMAM IX. de N.Senhora da Piedade,eſtando o Senhor manifeſto,prégado na Eſperanſa da Cidade de Ponta Delgada, p.190.
SERMAM X. de N.Senhora da Eſperanſa, prégado na ſua Igreja da Cidade de Ponta Delgada, p. 213.
SERMAM XI. prégado na meſma feſtividade, p.233.
SERMAM XII. de N.Senhora de Guadalupe, prégado na Eſperanſa da Cidade de Ponta Delgada, p. 256.
SERMAM XIII. de N.Senhora do Pilar, prégado no Moſteyro da Eſperanſa de Ponta Delgada com a circunſtancia de ſe collocar a Senhora em hum novo altar, & entrando no meſmo dia em o ditto Moſteyro hũa Aya da caza do Excellentiſſimo Senhor Conde da Ribeyra, p.280.
SERMAM XIV. de N. Senhora do Roſario, prégado em o Moſteyro da Eſperanſa de Ponta Delgada, p. 300.
SERMAM XV. da Soledade da Senhora, prégado no Moſteyro da Eſperanſa de Ponta Delgada, p.320.
SERMAM XVI. de Santo Thomás de Villa-Nova, prégado no Moſteyro de S.Joaõ de Ponta Delgada, p.342.
SERMAM XVII. do meſmo Santo, prégado no ditto Moſteyro de S. Joaõ de Ponta Delgada, p. 366.
SERMAM XVIII. do Santiſſimo Sacramento, prégado na Matrîs da Cidade de Ponta Delgada, p. 386.
SERMAM XIX. da Penitencia, prégado no Convento de S.Franciſco da Cidade de Ponta Delgada, p.403.
SERMAM XX. da Payxaõ, prégado no Moſteyro de Jeſus da Villa de Ribeyra Grande, p. 431.

LI-

LICENÇAS

DO S. OFFICIO.

PODe-ſe imprimir o livro intitulado *Rudimentos Cõcionatorios*, prégados pelo P. M. Fr. Manoel de Saõ Luis,Leytor jubilado da Ordem de Saõ Franciſco das Ilhas,& impreſſo tornará para ſe conferir, & dar licença que corra,& ſem ella naõ correrà. Lisboa 22. de Junho de 1706.

Monis. Haſſe. Ribeyro. Rocha. Fr.Encarnaçaõ.

DO ORDINARIO.

VIſtas as licenças do SantoOfficio,póde-ſe imprimir o livro *Rudimentos Concionatorios*; & depois de impreſſo tornará para ſe dar licença para correr. Lisboa 7. de Julho de 1706.

Fr.Pedro

DO PAC,O.

QUe ſe poſſa imprimir,viſtas as licenças do S. Officio,& Ordinario, & depois de impreſſo tornará á Menza para ſe taxar, & conferir,& ſem iſſo naõ correrá. Lisboa 12. de Julho de 1706.

Duque P. Oliveyra, Vieyra. Andrade. Botelho.

VIsto eſtar conforme com o Original póde correr eſte livro. Lisboa 18. de Mayo de 1708.

Carneyro. Moniz. Haſce. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Fr. Encarnaçaõ.

PÓde correr. Lisboa 4. de Junho de 1708.

Sylva.

TAxaõ eſte livro em ſinco toſtões em papel. Lisboa 21. de Mayo de 1708.

Duque P. Oliveyra. Lacerda. Vieyra. Andrade. Coſta. Botelho.

SER

SERMAÕ DO ESPIRITO SANTO,

Prègado no Moſteyro de N. Senhora da Eſperanſa da Cidade de Ponta Delgada á Reverenda Madre Barbora do Bom Deſpacho, ſobre quem cahio a ſorte de Emperatriz o anno de 1703.

Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia. Joan. 14. num. 26.

QUE differente eſtá hoje o monte Siaõ, do que eſteve là antiguamente o monte Sina; ſendo que tudo o que ſuccedeu no monte Sina antiguamente, foy o meſmo, q hoje ſe obrou no monte Siaõ; mas como no monte Sina foy ſó em ſombra, & em figura, (como diſſe S. Jeronymo) por iſſo hoje vay tanta differença de monte a monte, quanta vay da figura ao figurado, & da realidade á ſombra. Ora declaremos *S. Hieron. ad Fabiolã.*

A

remos os succeſſos, que neſtes dous montes acontecéraõ, & dahi colheremos os effeytos, que reſultáraõ.

Paſſados ſincoenta dias depois do ſacrificio do Cordeyro Paſcoal, (ceremonia, q̃ ſe uſava na ley antigua) ſubio Moyſés ao mõte Sina, deyxando o ſeu Povo ao pé do monte: *Moyſes autẽ aſcendit ad Deum.* Paſſados tambem ſincoenta dias depois da morte do innocẽte Cordeyro Chriſto JESUS, ſubio o meſmo JESU Chriſto ao mõte da Gloria, deyxando os Diſcipulos ao pé do monte Siaõ: *Chriſtus aſcendit in Cælum.* Moyſés auſentando-ſe do ſeu Povo para o monte, mandoulhe que eſtiveſſe preparado para haver de receber os beneficios de Deos: *Stote parati in diem tertium.* Chriſto auſentãdo-ſe do ſeu Collegio Apoſtolico para o Ceo, mandoulhe que eſtiveſſe prevenido, para poder receber os dons do Eſpirito Santo: *Stote parati uſque induamini virtute ex alto.* Depois de Moyſes ſubir ao monte Sina, deſceu o Senhor do Ceo ſobre o monte para conſolar a Moyſés: *Deſcendit Dñus... ſuper mõtem Sinai.* Depois de Chriſto haver ſubido ao Ceo, deſceu o Eſpirito Santo ſobre o monte Siaõ para conſolar aos Diſcipulos, que pela auſencia de Chriſto eſtavaõ ſaudoſos. Deſcendo Deos ao monte Sina, aonde eſtava Moyſés, ſe ouviraõ trovões taõ vehementes, & relampagos taõ frequẽtados, que todo o monte parece ardia em fogo: *Cœperunt audiri tonitrua, ac micare fulgura... Totus autẽ mõs Sinai fumabat: eo quod Dominus deſcendiſſet ſuper eum in igne.* Deſcẽdo hoje o Eſpirito Sãto ao mõte Siaõ, aõde eſtavaõ os Apoſtolos, ſe ouviraõ taes ſoidos, & eſtrondos, que deſatando-ſe o Ceo em linguas de fogo, ficou todo o monte rodeado deſtas linguas: *Factus eſt repente de Cælo ſonus. Et apparuerunt diſpertitæ linguæ tanquam ignis.* O fim, para que Deos deſceu ao monte Sina, foy para dar a Moyſés aley eſcritta. O fim, para que hoje deſce o Eſpirito Sãto ao mõte Siaõ, he para dar aos Apoſtolos a Ley Evangelica. Antes de deſcer aquella ley eſcritta para o povo Hebreo, foy primeyro neceſſario que Moyſés ſubiſſe ao monte. Antes de deſcer hoje a Ley Evangelica para o Collegio Apoſtolico, foy neceſſario que Chriſto primeyro ſubiſſe ao Ceo. Ao dar a ley no monte Sina ſe ouvio huma lingua, a qual os Hebreos ignoravaõ, ao dar a Ley no monte Siaõ ſe ouviraõ tambem muytas linguas, q̃ os Apoſtolos naõ ſabiaõ.

Eſtes foraõ os ſucceſſos, que neſtes dous montes ſe obráraõ, & ſendo eſtes ſucceſſos em tudo muy ſemelhantes, vejo que reſultáraõ delles effeytos muy differentes; & jà que ouvimos as ſemelhanças, ouçamos agora as differenças.

Em hum, & outro monte deſceu Deos do Ceo em fogo, & vento, mas cõ eſta differença, que no monte Sina cauſou eſte fogo, & eſte vento grande medo, & terror em todo o povo: *Timuit populus*; porém no mõte Siaõ cauſou grande conſolaçaõ, & alegria. No mõte Sina foy tal o medo nos homens, que os fazia apartar do monte, porém no monte Siaõ era nos homẽs taõ grande a affabilidade, & o goſto, que todos concorriaõ para o Cenaculo: *Facta autẽ hac voce, convenit multitudo.* A ley eſcritta, que Deos deu no monte Sina, foy dada a hum ſó Moyſés, & em huma ſó lingua, que era a lingua Hebrea, em demonſtraçaõ de que aquella ley era para hum ſô povo; a Ley Evãgelica, que o Eſpirito Santo deu no monte Siaõ, foy dada a doze Apoſtolos, & em muytas linguas, em final de que eſta Ley era para todo o Mũdo. A ley antigua foy eſcritta em taboas de pedra; a Ley Evangelica foy eſcritta nos corações dos Apoſtolos: *Dabo legem meam in viſceribus eorum.* A ley antigua foy dada em taboas em final de que aquella ley naõ ha-

Exod. 15. *n.* 3.

Ibid. n. 15.

Ibid. n. 11.

Ibid. n. 16.

Act. 2. *n.* 2.

Exod. 19. *n.* 16.

Act. 2. *n.* 6.

Jer. 31. *n.* 33.

via de perſeverar, mas antes ſe havia de quebrar, & deſtruir; a Ley Evangelica foy dada no Eſpirito Santo para ficar cõ noſco para ſempre: *Ut maneat vobiſcum in æternum.* A ley antigua finalmente foy dada no monte Sina, que he o meſmo que çarça, porque era taõ carregada, & chea de eſpinhos eſta ley, que continha ſeis centos & treze preceytos; porém a Ley Evãgelica foy dada no monte Siaõ de Jeruſalem, que he o meſmo q viſaõ de pax, porque he taõ leve, & ſuave eſta Ley, que naõ contem mais que dez Mandamentos.

Sylv. in act. Apoſt.

Eſta differença, que vay entre eſte monte, & aquelle monte, entre eſte dia, & aquelle dia, vay tambem entre eſta ſolennidade, & aquella feſta; porq ſuppoſto que aquelle dia foy de feſta para o povo Hebreo, porque deſceu Moyſés do mõte a ſantificallo: *Deſcendit á Moyſes de monte,... & ſanctificavit eum*; com tudo foy hũa feſta agoada; porque no meſmo ponto, em que Deos lhe communicava o favor, os ameaçava jũtamente com a morte: *Omnis, qui tetigerit mõtem, morte moriatur.* Porém neſte dia he taõ creſcido o favor, & taõ relevante a fineſa, q toda a Igreja Catholica recebe hoje a vida da graça. Naquelle dia deſciaõ os beneficios de miſtura com os temores; neſte dia recebemſe ſem temores os beneficios. Naquelle dia ficáraõ os Hebreos cheyos de medo; neſte dia ficáraõ os Apoſtolos cheyos do Eſpirito Santo: *Et repleti ſunt omnes Spiritu Sancto.*

Exod. 19. n. 14.

Act. 2 n. 4

Grande feſta temos logo hoje! Mas para melhor conhecermos a grandeſa deſta feſta, vamos ao Evangelho para delle deſcifrarmos o aſſumpto: *Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia.* Saudoſos eſtavaõ os Diſcipulos por verẽ ſe auſentava para o Ceo o ſeu divino Meſtre; o qual naõ ſó os cõſolava com ſua preſença, mas tambem os inſtruhia com ſua doutrina; & para Chriſto lhes mitigar a pe-

a pena, & aliviar a ſaudade, lhes falou deſta maneyra: Diſcipulos meus, naõ vos queyrais entriſtecer, nem perturbar por me auſentar para o Ceo: *Non turbetur cor veſtrum.* Porque neſta minha auſencia naõ ſentireis a menor falta, pois quãdo menos o cuydardes, deſcerá ſobre vós o Eſpirito Santo: nelle achareis naõ ſó cõſolador, que vos alivie nas penas, mas tambem achareis Meſtre, que vos declare, & ſolte as voſſas duvidas.

Aſſim lho prometteu Chriſto naquelle dia, & aſſim o experimentáraõ os Diſcipulos neſta hora. No mõte Siaõ, & na caza do Cenaculo eſtavaõ hoje os Diſcipulos com Maria Santiſſima, aquem na auſencia do Filho foy cõmettido o governo: & ſuppoſto eſtavão certos, q havião de receber a promeſſa, que Chriſto lhes havia feyto: ſuppoſto ſabiaõ muy bem que o Eſpirito Santo havia de vir; cõ tudo como naõ ſabião a hora, em q havia de chegar, o eſperavaõ a toda a hora, naõ dando tempo algum ao deſcanço, mas antes occupando todo o tempo em orações continuas, em Cõmunhões quotidianas, paſſando os dias ſem comer, as noytes ſem dormir: quãdo de repente ſe ouvio hum ſom vindo do Ceo à maneyra de hum pé de vento muyto rijo: *Factus eſt repente de Cælo ſonus tanquam advenientis ſpiritus vehemẽtis*: acompanhado eſte vento com muytas linguas de fogo: *Apparuerunt illis diſpertitæ linguæ tanquam ignis*: as quaes fazendo aſſẽto ſobre as cabeças dos Apoſtolos, ficárão todos cheyos do Eſpirito Santo: *Sedit que ſupra ſingulos eorum Et repleti ſunt omnes Spiritu Sancto.*

Act. 2.

Suppoſto pois que o Eſpirito Santo foy mandado hoje pelo Eterno Pay em nome de JESU Chriſto para haver de inſtruir, & enſinar a todo o Collegio Apoſtolico *Spiritus Sãctus, quem mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia*: & para eſte fim veyo hoje em

ma de fogo, & de vento; neſte vento, & neſte fogo quizera eu fundar o meu aſſumpto, não porque preſuma que poſſa fazer Sermaõ de eſtouro, mas porque deſte modo me conformarey melhor com o Evangelho.

He o fogo hum elemento taõ perfeyto, que ſendo hum alimento sò, tem ſete propriedades: porque o fogo purifica, derrete, affermoſea, ſolda, levanta, alumia, & adoça; & neſtas ſete propriedades do fogo, diz Ludolfo, ſe incluem os ſete dons do Eſpirito Santo, com os quaes encheu neſte dia toda a caza do Cenaculo: *Replevit totam domum.* Porque o Eſpiritu Santo purifica pelo dom do temor, derrete pelo dom da piedade, affermoſea pelo dom da ſciencia, ſolda pelo dom da Fortaleſa, levanta pelo dom do Conſelho, alumia pelo dom do entendimento, & adoça pelo dom da Sapiencia.

Ludolph. a Saxonia de vita Chriſt p. 2. cap. 84. feſt. Pent.

Porem á lem deſtas ſete propriedades, que tem o fogo, deſcubro eu outras duas, que ſaõ acender, & alumiar; & eſtas duas propriedades ſe deſcobrem hoje por modo muy eminente na Peſſoa do Eſpirito Sãto. Por iſſo diſſe o doutiſſimo Sylveyra que o Eſpirito Santo deſcera hoje ſobre os Apoſtolos, para lhes alumiar os entendimentos na Fè, & inflãmar os corações no amor: *Venit hic Divinus Spiritus ad inflã mandã cordã Diſcipulorum in amore, & ad illuminandas eorum mentes in myſteriis Fidei.* E como fogo com vento entaõ ſe moſtra mais ligeyro, & mais flãmante, quis eſte Eſpirito Soberano deſcer tambem em forma de vento, ou para moſtrar a diligencia, com que hoje deſce a favorecernos; ou para que ſe ateaſſem mais as chãmas, com que vem ainflãmarnos. Serà pois o aſſumpto do meu Sermaõ huma liçaõ vinda do Ceo, a qual manda fazer hoje o Padre Eterno pela Peſſoa do Eſpirito Santo ſobre todo o Collegio Apoſtolico: ſendo

Sylv. in Act. Apoſt.

do o fim principal deſta miſſaõ deſterrar erros do entẽdimento humano, & introduſir na vontade as chãmas do Amor Divino. Eſuppoſto ſey muy bem que na opinião de alguns, naõ ſaõ os Sermões de miſſaõ os de mayor applauſo, com tudo he experiencia certa, que ſaõ os de mayor fruto; & como importão pouco, ou para melhor dizer, nada importão os applauſos deſta vida, faltando os frutos da graça, roguemos á Senhora no la alcance do Divino Eſpirito, para que conſigamos hoje eſtes frutos.

Ave Maria.

Sermaõ de miſſaõ em dia de feſta! Na verdade que devia ſer eſtranhado, ſe o naõ permittira hoje o meſmo Evangelho: *Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo.* Mas quem poderia eſtranhar hoje eſta miſſaõ, ſe hè huma miſſaõ vinda do Ceo, & feyta pelo Eſpirito Santo na terra? Como ſe naõ hade aceytar hoje eſta miſſaõ, ſe he feyta por hũ Miſſionario de taõ grande eſpirito, que tem por timbre do ſeu nome ſer hum Eſpirito Santo: hum Eſpirito, que como dador de todos osbens enriquece as neſſas almas de graça; como luz lãça fora as ſombras da ignorancia, como chuva, fecunda a eſterilidade do entendimento, como rayo, penetra o mais intimo dos corações; hum Eſpirito, que enſina toda a verdade, que conforta a noſſa fraqueſa, que nos argue, ſe eſtamos em peccado, que nos livra, ſe eſtamos em cativeyro: hum Miſſionario de taõ grande eſpirito, que he noſſo Conſolador, Patraõ, Cuſtodio, Guia, Meſtre, & Advogado: hum Eſpirito taõ puro, & taõ Santo, que no Conſiſtorio da Santiſſima Trindade conſtitue a terceyra Peſſoa, que procede do Pay, & do Filho por acto da vontade, que he calor, com que o Pay, & o Filho amoroſamente ſe inflãmaõ, que he nò, com que o Pay, & o Filho docemẽte

D. Tho. a Vil. Nov. conc. 2. in die. Pent. fol. 226. col. 1.

ſe apertaõ, que he nexo, com que o Pay, & o Filho indiſsoluvelmente ſe ataõ: hum Eſpirito finalmente, que he lingua, fogo, luz, guia, da diva, fláma, amor, chuva, fonte, vento, rayo, & ſom; porque conſerva, rege, guia, fecunda, purifica, inflãma, alumia, refrigera, alegra, ſara, conforta, renova, & dá vida.

Pois ſe deſtas, & outras infinitas prendas he dotado eſte Miſſionario celeſte; julgay vòs de quanta utilidade, & de quanto fruto ſerà hoje a miſſaõ deſte celeſte Miſſionario. A duas couſas ſe termina hoje eſta miſſaõ; a illuſtrar entendimentos na Fè, & a inflãmar vontades no amor, que jà por iſſo deſce o Eſpirito Sãto em linguas de fogo: *Venit Divinus Spiritus linguis igneis ad inflãmanda corda Diſcipulorum in amore, & ad illuminandas illorum mentes in myſterijs Fidei.* Ora principiemos pelo entendimẽto, pois (como diz Ariſtoteles) naõ póde amar quem naõ ſabe conhecer: *Nihil volitũ, quin præcognitum.* Deſce hoje o Eſpirito Santo ſobre os Apoſtolos, para lhes alumiar os entendimentos na Fè, & para eſte fim deſce em linguas de fogo; & cuydãdo eu que eſtas linguas lhe fizeſſem aſſento nas boccas, vejo que nas cabeças he que fizeraõ ſeu aſſento: *Seditque ſupra ſingulos eorum.* Pois como aſſim? Se a bocca he o proprio lugar da lingua, & naõ a cabeça, como eſtas linguas ſe põem ſobre as cabeças, devendo porſe nas boccas? Iſto mais parece querer o Eſpirito Santo fazer mudos aos Diſcipulos, do que fazellos Meſtres, & Prègadores; porque ter a lingua na cabeça he propriedade de hum mudo, porque a hum mudo ſerve-lhe a cabeça de lingua; pois o que a cabeça de hum mudo não póde explicar com vozes, explica a cabeça com acenos. Logo ſe o Eſpirito Santo deſce em linguas, para moſtrar que os Apoſtolos haõde ſer os Meſtres, & Prègadores da Fè, & ſò a bocca, & lingua ſaõ

Axioma.

ſaõ o inſtrumento de quem enſina, & de quem prèga, como haõde os Apoſtolos enſinar pela bocca, tendo a lingua na cabeça?

O certo he, que determinallo aſſim o Eſpirito Santo não foy ſem grande myſterio. Deſce o Eſpirito Santo ao Mundo, como Eſpirito de verdade: *Spiritum veritatis*: para illuſtrar os entendimentos dos Apoſtolos nos myſterios da Fè, & para os Apoſtolos prègarem com toda a verdade eſtes myſterios: para os Apoſtolos moſtrarem em todo o Mũdo que os ſeus entendimentos eraõ illuſtrados pelo Eſpirito Santo, naõ ſò lhes era neceſſario que tiveſſem lingua na bocca, mas tambem lhes era preciſo que tiveſſem lingua de cabeça: porque lingua, que naõ paſſa da bocca, he huma lingua faladeyra, & mentiroſa; porem lingua, que ſe une com a cabeça, he huma lingua verdadeyra, & entendida.

Quiz o Divino Eſpoſo louvar as perfeyções de ſua amada Eſpoſa, & entre os elogios, que lhe deu, & encomios, com que a engrãdeceu, foy dizerlhe que eraõ os ſeus beyços como hũa fitta de nacar, & a fala da ſua bocca taõ ſonora, q̃ continha toda a doçura: *Sicut vitta coccinea labia tua, & eloquium tuum dulce.* Que ſejaõ de nacar os beyços da Eſpoſa, naõ me admira; porque como a Eſpoſa era por extremo fermoſa: *Formoſa mea*: bem era que tiveſſe beyços de nacar, para que tiveſſe tudo a pedir por bocca; mas porque haõde ſer eſſes beyços da Eſpoſa à maneyra de huma cinta de nacar: *Sicut vitta coccinea?* Delrio explicando eſte lugar, diz que alludia aqui o Eſpoſo ao eſtylo, q̃ antiguamente uſavaõ as donzellas; & vinha a ſer, que uſavaõ as donzellas antiguamente trazer humas cintas de nacar na cabeça para melhor oſtentarem a ſua fermoſura, & galhardia. Eſtà bem, porem eſta razaõ naõ nos ſolta a noſſa duvida: porq̃ huma cinta de nacar, que na cabeça

Cant. 4. v. 3.

Delrius ſup. Cant. 4.

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA

cabeça póde ſer gala, na bocca póde ſervir de afrõta; pois he certo que quem tem a bocca vendada, moſtra que tem a fala impedida. Pois logo que tem eſſas cintas de nacar, que as donzellas traziaõ na cabeça, com as palavras, que pronunciâ a Eſpoſa pela bocca, para que no meſmo tempo, em que o Eſpoſo lhe louva as palavras da bocca, faça mençaõ da cinta, que ſe trazia na cabeça?

Ruperto nos hade ſoltar a duvida. Era a lingua da Eſpoſa huma lingua illuſtrada pelo Eſpirito Santo; & como as linguas, a quem o Eſpirito Santo illuſtra, mais ſaõ linguas de entendimento, q̃ da bocca, porq̃ falaõ pela bocca o que o Eſpirito Santo lhes dictou no entendimento; por iſſo o Eſpoſo louvando as palavras da Eſpoſa, as comparou á cinta de nacar, que ſe trazia na cabeça.

Notay: he a cabeça o lugar, em que aſſiſte formalmente o entendimento; he a lingua, & a bocca o inſtrumento, com que ſe pronunciaõ as palavras; & como as palavras da Eſpoza eraõ muy concordes com o ſeu entendimento, era taõ verdadeyra, & entendida eſta lingua da Eſpoſa, que parece lhe aſſiſtia mais na cabeça, que na bocca: tanto ſe equivocavaõ na Eſpoſa a lingua de ſua bocca com o entendimento de ſua cabeça, que ſẽdo lingua de bocca, era lingua do entendimento. Que admiravelmente o diz Ruperto: *Hujus labia fuere ſicut vitta coccinea, quia verba ejus ſemper fuere concordia veritati.* Rup. ſup. hoc. cap.

Eſta lingua de entẽdimento, com que o Eſpirito Santo, dotou a Eſpoſa dos Cantares, com eſta meſma illuſtrou hoje aos Apoſtolos: porque como vinha a inſtruillos no officio de Prègadores, naõ exercitariaõ os Apoſtolos com toda a verdade eſte officio, ſe a lingua de ſua bocca ſenaõ conformaſſe com a lingua, que o Eſpirito Santo lhes punha ſobre a cabeça: porque aſſim como o mentir he proferir

ferir a bocca o contrario do que dicta o entendimento, como diz Santo Aguſtinho: *Mentiri eſt cõtra mentem ire*, aſſim o prègar verdade he unirſe a lingua do entendimẽto com a quillo meſmo, que pronunciâ a lingua da bocca.

Eſte he o primeyro documento, que o Eſpirito Santo, como Eſpirito de verdade, & Miſſionario celeſte, dá hoje aos Apoſtolos quando os vem illuſtrar, & inſtruir no officio de Prégadores: illuſtra-lhes os entendimentos com linguas nas cabeças, para moſtrar que os que ſaõ Prégadores Evangelicos, mais devem ter lingua de entendimento, que entendimento de lingua: porque ter entendimento de lingua he dizer cada hum o que quer; porem ter lingua de entendimento he dizer cada hum o que entende; & os Prégadores devem prégar dos myſterios o que entenderem, & naõ haõde prégar o que quizerem; porque prégar hum Prégador o que quer, he moſtrar que he Prégador ſó de bocca, porẽ pregar o que entende, he ſer Prégador de entendimento: he moſtrar que he Prégador illuſtrado pelo Eſpirito Santo. Dizer hum Prégador ſó palavras, que façaõ ſom nas orelhas, & faltar com o mantimento eſpiritual ás almas, mais he querer preſumir que fala de myſterio, doque explicar o myſterio, de que fala: he querer liſongear ſó aos entendidos, & deyxar em jejum aos ignorãtes; & naõ advertem em que no meſmo tempo, em que agradaõ a huns, deſagradaõ a outros, & faltaõ na ſua obrigaçaõ: porque a obrigaçaõ do Prégador Evangelico he repartir a ſua linguagem com todos, para que todos alcancem o fruto da ſua lingua.

Eſte he tambem o documento, que hoje nos dá o Eſpirito Santo, porque deſcendo em linguas de fogo, diz o Texto que eraõ linguas divididas: *diſpertitæ linguæ*. Mas como naõ haviaõ Act. 2.

haviaõ de ſer divididas eſtas linguas, ſe eraõ linguas, que deſciaõ do Ceo para enſinar a todos na terra; & linguas, q haõde enſinar a todos, he neceſſario que todos as entendaõ, & que ſe repartaõ por todos eſtas linguas: porque as linguas, que ſe daõ a entender a todos, ſaõ de tanta utilidade para a Igreja de Deos, que de vento fazem edificios de marmore; porẽ linguas, que ſe entendem ſó para ſi, ſaõ taõ nocivas à Igreja, que dos marmores fabricaõ torres de vento.

Quiz Deos desbaratar, & deſtruir aquella celebre, & affamada torre de Babel, na qual trabalhavaõ todos os homens do Mundo; & cuydando eu que Deos deſtruiſſe eſta portentoſa maquina com tempeſtades, rayos, ou terremotos, vejo que ſó a deſtruhio, & desbaratou com huma confuſaõ de linguas de tal ſorte, que ſendo as linguas, que fabricavaõ aquela torre, ſetenta & duas, (porque ſetenta & duas eraõ as nações de todo o Mundo) ſó com a confuſaõ deſtas linguas ſe desfez, & arruinou aquella torre: *Confundamus linguas eorum.* Quem tal dicera, ou quem tal imaginára! que huma fabrica taõ forte, & ſumptuoſa, feyta a poder de braço, & à põta do piçaõ, ſe havia de deſtruir ſó com palavras, & ſe havia de arruinar ſò com linguas! Gen. 11. n. 7.

Sey eu, & todos nòs o ſabemos, que deſcendo hoje o Eſpirito Santo do Ceo para fundar a ſua Igreja na terra; os materiaes, & preparos, com que fundou eſta Igreja, foy deſcer ſobre os Apoſtolos com outras ſetenta & duas linguas, acompanhadas de hum furioſo vento: *Factus eſt repente de Cælo ſonus tanquam advenientis ſpiritus.* E ſendo o vento, & linguas os materiaes deſta Igreja, vemos que ficou taõ forte com eſtes materiaes, que ſempre eſtá fixa, & permanente, & o eſtará até o fim do Mundo. Pois que he iſto? ſe ſetẽta & duas linguas foraõ a cauſa de deſtruir a maquina daquella

quella torre; como vemos que com outras linguas perpetùa hoje o Eſpirito Santo o edificio de ſua Igreja? Com aquellas linguas hade converterſe em vento huma torre feyta de marmore; & hoje com vento, & linguas hade fundarſe hũa Igreja, cuja duraçaõ he perpetua? Sim: & ſabeis porq? pela differença que vay entre humas, & outras linguas. Notay.

Deſtruhio-ſe aquella torre de Babel ſómente com a confuſaõ daquellas linguas; porque eraõ linguas, que ſe entendiaõ ſò para ſi, & não ſe davão a entender a os ſeus proximos: *Confundamus ibi linguam eorum, ut non audiat unuſquiſque vocem proximi ſui.* Porem edificou-ſe hoje a Igreja com a multidão deſtas linguas, porque eraõ linguas, com que os Apoſtolos ſe davão a entender a todos: *Judæi quoque, & Proſelyti,...: audivimus eos loquentes noſtris linguis magnalia Dei.* Aquellas linguas da torre de Babel, ſuppoſto que eraõ muytas, ſò eraõ entendidas dos que as falavão, & não dos que as ouvião; hoje eſtas linguas do Cenaculo, não ſò ſão entendidas dos que as falão, mas tambem dos que as ouvem: eraõ linguas, que ſe davão a entender a todos; porque ao Judeu parecialhe a ſua lingua, o Romano dizia que era a ſua, & cada hum em particular lhe parecia que os Apoſtolos na ſua lingua falavão, porque cada hum na ſua lingua os entendia. Mas que muyto que todos os entendeſſem, ſe eraõ eſtas linguas não ſò para ſi, mas para todos; & ſe as linguas, que ſò para ſi ſe entendem, fazem dos marmores edificios de vento; as linguas que ſe deyxaõ entender de todos, fazem do vento os mais ſolidos edificios. Gen. 11. n. 7. Act. 2. n. 11.

Eſta devia ſer a razão, porque Chriſto Senhor noſſo, antes de ſubir ao Ceo, prometteu aos ſeus Diſcipulos que lhes daria bocca, & ſabedoria: *Dabo vobis os, & ſapientiam.* Que Chriſto Luc. 21. n.

prometta aos Diſcipulos que lhes hade illuſtrar os entendimentos com ſabedoria, eſtà bem, porque neceſſitavão della; mas que lhes prometta tambem lingua, & bocca, parece era eſcuſado, pois os Diſcipulos tinhão bocca, & mais lingua. Porem não era eſcuſado; porq̃ letras em ruim bocca, letras poſtas em lingua, que ſe não ſabe explicar, de que me podem ſervir, ou que poderey eu, mediãte ellas, aprender? Eſta ſabedoria, eſta lingua, & eſta bocca, que Chriſto havia prometido aos Apoſtolos, ſe lhes communicou hoje com a vinda do Eſpirito Santo: deulhes o Eſpirito Santo ſabedoria por dentro, & deulhes tambem bocca, & lingua para enſinarem por fòra; por iſſo ſouberão dizer pela bocca o que o Eſpirito Santo lhes dictou no entendimento. Eſtes ſaõ os verdadeyros Meſtres, eſtes ſaõ os Prégadores, & eſtes ſaõ os letrados verdadeyros. Porẽ Letrados, Meſtres, & Prégadores, que ſó para ſi ſe entendem, & não ſe daõ a entender aos proximos, ſaõ obreyros da torre de Babel, que mais procuraõ a vaidade, & o applauſo: *Celebremus nomen noſtrum*, que a utilidade do proximo, porq̃ devendo dar a conhecer os myſterios, para que os ouvintes tirem os fruttos eſpirituaes deſſes myſterios, & confecem todas as grandeſas de Deos, deyxam os ouvintes de confeçar eſtas grandeſas, ou porque o Sermaõ talves não he couſa grande, ou porque naõ daõ a noticia eſſencial do myſterio, ou porque naõ ſabem explicar o que tem no entendimento.

Todos os ouvintes, que hoje acodiraõ á prégaçaõ dos Apoſtolos, publicavão em altas vozes as grandeſas de Deos: *Audivimus eos loquentes noſtris linguis magnalia Dei.* E de huma pancada ſe convertérão logo tres mil; porque ſendo os ouvintes muy diverſos na intelligencia, todos entendiaõ o que os Apoſtolos lhes prégavaõ. Os Parthos, os Medos,

dos, os Elamitas, os Romanos, os Judeus, os Eſtrangeyros, os Cretenſes, os Arabes, & todos os que habitavaõ em Meſopotamia, em Judéa, em Cappadocia, em Frygia, em Pamfylia, no Egypto, em Libya; todos confeçam, & publicaõ hoje as grandeſas de Deos. Mas porque? Porque os Apoſtolos prégavaõ para todos, & por todos repartiaõ a ſua linguagem, ou as ſuas linguas: porque os Apoſtolos ſabiaõ prègar pela bocca o que o Eſpirito Santo em linguas divididas lhes enſinou no entendimento.

Eſta hera doutrina, que hoje o Eſpirito Santo como Miſſionario celeſte enſinou aos Apoſtolos, pois para eſte fim foy mandado do Ceo pelo Padre Eterno em nome de JESU Chriſto: *Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia.* Porèm á cerca deſta meſma doutrina ſe me offerece huma grande duvida; porque diz Chriſto que o Eſpirito Santo havia de enſinar hoje aos Apoſtolos aquillo meſmo, q̃ elle lhes havia já enſinado: *Vos docebit omnia,... quæcumque dixero vobis?* Pois ſe Chriſto já havia enſinado os Apoſtolos com ſua ſoberana doutrina, para que he neceſſaria a vinda de outro Meſtre? Se Chriſto ſó baſtou para os redimir, porq̃ não baſta o meſmo Chriſto para os enſinar? Sim baſta, reſponde Tertulliano; porem he neceſſario q̃ venha o Eſpirito Santo ao Mundo, para dar mayor luſtre, & perfeyçaõ a eſſa doutrina de Chriſto: *Quæ eſt Paraclyti adminiſtratio? Niſi quòd intellectus reformatur, & memoria perficitur.* He verdade que já eſtavaõ os Diſcipulos enſinados; porem naõ eſtavaõ perfeytamente inſtruidos; & para q̃ os Diſcipulos ficaſſem inſtruidos com toda a perfeyção, para que os Diſcipulos tiveſſem de todas as ſciencias hum perfeyto complemento, foy neceſſario deſcer ſobre elles o Eſpirito Santo.

Tertul. c. 1. de velãd. Virg.

Quiz David levantar o ſeu

seu espirito a Deos, para se pôr na sua presença, & como hum dos melhores pontos, com que huma alma se pòde pôr na presença de seu Deos, saõ os que se achaõ escrittos neste vistoso livro do Universo, lançou David os olhos a este livro, para descobrir o ponto; & vendo nelle escritta, & estampada a diversidade das flores, a perfeyçaõ das plantas, a bellesa das creaturas, & a galhardia das estrellas, o q̃ mais lhe roubou o affecto, & lhe prendeu o espirito, foy a contemplaçaõ da fabrica dos Ceos; tão assim, que para desafogo de sua prisaõ amorosa rompeu David em vozes, dizendo desta maneyra: *Videbo Cælos tuos, opera digitorum tuorum.* Senhor, espero ver, & gozar os vossos Ceos, que saõ obras dos vossos dedos.

Ps. 8. v. 4.

Eu bem sey que o intento de David nestas palavras foy o querer louvar a Deos pela magnificencia das suas obras: foy querer David mostrar que, sendo Deos conhecido por todas as obras do Universo, devia ser particularmente louvado pela factura dos Ceos; porque supposto que tudo o q̃ Deos obrou, foy com intelligencia summa, com tudo a obra dos Ceos foy factura especial da sua intelligencia: *Qui fecit Cælos in intellectu*, disse o mesmo David. Pois se este he o intento de David, se David pretende louvar a fabrica dos Ceos por particular obra de Deos; porq̃ naõ diz que a factura desses Ceos he obra das suas mãos, mas que saõ obras dos seus dedos: *Opera digitorum tuorum?*

Psalm 135. n. 5.

Eu o direy. Ha obras, q̃ se fazem com as mãos, & ha obras, que se fazem só com os dedos; & entre hũas, & outras obras notou o Doutor Angelico hũa singular differença; & vem a ser, que as obras, que se fazem com as mãos, naõ saõ de tanto primor, & subtileza, como as obras, que se fazem só com os dedos: *Quæ digitis facimus, subtiliora opera sunt*, ou como disse o Cardial Thomás Anglico:

Doct. Ang. hic.

Thom Angl.

Ea, quæ volumus subtiliter operari, digitis operamur, & non tota manu. As obras, que fazemos com toda a maõ, saõ obras, que ficaõ feytas, mas naõ saõ obras, que fiquem aperfeyçoadas; as obras, que fazemos com os dedos, naõ saõ obras, q̃ se façaõ, mas saõ obras, que se aperfeyçoaõ: de sorte, que as mãos saõ as que daõ o ser à obra, porém os dedos saõ os que lhe daõ o lustre, & perfeyçaõ. O q̃ supposto.

D. Aug. serm. 85.

Notay agora. A obra da Redempçaõ, que Christo Senhor nosso obrou, foy obra de mãos: *Emitte manũ tuam de alto*; porém as obras do Espirito Santo saõ obras de dedo; porq̃ dedo de Deos chama a Igreja ao Espirito Santo: *Dexteræ Dei tu digitus.* E se as obras, que se fazem com as mãos, recebẽ a perfeyçaõ, & o lustre dos dedos; se cõ os dedos se costuma dar o ultimo lustre, & perfeyçaõ a hũa obra, sendo o Espirito Santo dedo da mão direyta de Deos, bem era q̃ descesse hoje do Ceo, para dar o ultimo lustre, & cõplemento à doutrina, que Christo havia ensinado no Mundo. Que bẽ o disse Santo Augustinho: *Illa, quæ Salvator inchoavit, Spiritus Sanctus speciali virtute consummet, & quod ille redemit, iste sanctificet.* Vem hoje o Espirito Sãto aperfeyçoar, & pôr a coroa a todas as obras, que Christo obrou na sua vida. Vinde pois, Espirito soberano, q̃ se naõ vindes a redimirnos, vindes a santificarnos: vindes a dar linguas de entendimento, & naõ entendimento de linguas: vindes a repartir linguas com todos, para que todos alcancem os fruttos espirituaes dessas linguas: vindes illustrar com essas linguas os nossos entendimentos, para que fiquem perfeytamente instruidos nos mysterios da Fé, sendo este hũ dos principaes fins da vossa missaõ, para a qual fostes mãdado do Ceo pela Pessoa do Padre Eterno, & em nome de JESU Christo: *Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo. Venit hic Divinus Spiritus*

Psal. 143. n. 7.

linguis igneis ad illuminandas Discipulorum mentes in mysteriis Fidei.

Desce tambem hoje o Espirito Santo em linguas de fogo sobre os Apostolos para lhes inflammar os corações em amor: *Venit Divinus Spiritus linguis igneis ad inflammanda corda Discipulorum in amore.* Naõ se contentou o Espirito Santo com lhes illustrar os entendimentos, mas quiz tambem inflammarlhes as vontades: porque como os vinha instruir, & aperfeyçoar no officio de Prégadores, quiz com isto advertirlhes que o Prégador Evangelico naõ deve tanto apurarse em resplandecer nos conceytos, como em introdusir o amor de Deos nos corações dos ouvintes; porq naõ he a subtileza do engenho a que engrandece ao Prégador, o frutto, q causa nos ouvintes, isto sim, isto he o que o engrandece.

Enviou Deos a Moysés por Prégador de Faraò, para que o admoestasse da cegueyra, em que vivia, & do mao estado, em que andava; & como para hum coraçaõ obstinado, & na culpa adormecido, naõ bastaõ quaesquer diligencias para se abrandar, & para se arrepender, naõ bastou q Moysés ameaçasse a Faraó cõ castigos, para q Faraó desistisse de seus depravados intentos; porq fazendo-se Faraó forte com os seus Magos, & encantadores, intentou sair ao desafio cõ Moysés. Daõ principio á contenda, & tocando Moysés o pó da terra com a vara, que tinha na sua maõ, fez levantar muytos bichos, com os quaes Faraó, & os seus Magos ficáraõ atemorizados: *Percussitque pulverem terræ, & facti sunt cyniphes in hominibus.* Exod. 8. n. 17. Manda tambem Faraó aos seus Magos que por industria de suas maleficas artes produzaõ semelhantes bichos; & diz o Texto que o naõ puderaõ fazer, nem os puderaõ produzir: *Fecerunt autem similiter malefici, ut educerent cyniphes, & non potuerunt.* Porém Ruperto affirma q os Magos

Magos de Faraó tambem eduziraõ bichos da terra; mas q estes bichos naõ eraõ semelhantes aos q Moysés creou, & eduzio, por cuja causa vẽdo-se os Magos frustrados no seu intẽto, exclamáraõ deste modo: *Digitus Dei est hîc.* O dedo de Deos está cõ Moysés. Este dedo he o que nos ha de declarar o mysterio.

Supponho com S. Jeronymo q por este dedo de Deos he entẽdido o Espirito Sãto: *Digitus Dei est Spiritus Sanctus.* D. Hieron. apud Lipoman. Supponho tambem q dizerem os Magos que o dedo de Deos assistia com Moysés, foy o mesmo q dizerem q Moysés era hum Prégador illustrado pelo Espirito Santo. O que supposto, entra agora o meu reparo. E donde inferiraõ os Magos q o Espirito Santo assistia com Moysés? Sabeis donde? De verem os Magos q naõ podiaõ produzir bichos semelhãtes aos q produzia Moysés. Pois q he o q faltava a esses bichos, para serem aos de Moysés semelhantes? Sabeis o que? He q os bichos, que os Magos produziaõ, eraõ bichos sem ferraõ.

Notay. Tocava Moysés a terra com a vara, & sahiaõ bichos da terra. Usavaõ tambem os Magos do artificio da sua arte, & produziaõ tambẽ bichos; mas cõ esta differença, q os bichos, q produziaõ os Magos, voavaõ, mas naõ mordiaõ; porẽ os bichos, q produzia Moysés, mordiaõ, & juntamente voavaõ. Os bichos dos Magos, como tinhaõ só azas, & lhes faltava o ferraõ, naõ faziaõ mais q voar; porẽ os de Moysés, como tinhaõ ferraõ, & azas, voavaõ, & mais mordiaõ. De sorte, q os bichos dos Magos só serviaõ de recreaçaõ para a vista; porẽ os de Moysés serviaõ tambem de despertar a cõsciẽcia E como os Magos viraõ q os bichos de Moysés, naõ só eraõ objecto da vista, mas tambẽ hũ despertador para a consciencia, inferiraõ os Magos por certo q assistia em Moysés o Espirito Sãto: *Digitus Dei est hîc.* Rupert. apud Lipoman. Agora Ruperto: *Cyniphes vi-*

dere potuerunt, sed quia molestos aculeos nulli infixerunt, idcirco fallaciter feciſſe convicti ſunt.

Prégadores, que naõ inflãmão as almas, dandolhes picadas nas conſciencias; Prègadores, que mais attendem à preſpectiva, & fachada do aſſumpto, que à intelligencia do myſterio: Prègadores, que mais ſe cançaõ no artificio, & novidade dos conceytos, que na utilidade dos proximos, naõ lhes convem o titulo de Prègador Evangelico, nem he Prègador illuſtrado pelo Eſpirito Santo: naõ ſe lhe póde dizer: *Digitus Dei eſt hîc.* Aqui eſtá o dedo de Deos; pois mais ſe preſaõ de fazer conceytos à maneyra de bichinhos, que façaõ ſuſſurro nas orelhas dos ouvintes, que fazer conceytos, que cauſem arrependimento, & dor nos penitentes.

Deſtes taes diſſe aquelle amigo de Job Baldad Suhites, que a ſua preſumpção era como as teas das aranhas: *Sicut tela aranea-* *Job 8. n. 14.*

rum fiducia ejus. E que tem as teas das aranhas com a preſumpção, & hypocriſia dos Doutores preſumidos, para que ſe compare eſta ſua preſumpção àquellas teas? Eu o direy. Se attendermos à factura de huma tea de aranha, acharemos que he huma obra de tanta ſubtileſa, que a todos cauſa admiração a ſubtileſa deſta obra; porém ſe perguntardes para que fim, ou para que utilidade ſe compos eſta obra, ou eſta tea, achareis que de nenhũa utilidade ſerve, ſalvo para apanhar moſcas, & tirar a vida a quem a tinha. Pois deſte meſmo modo (diz S. Gregorio comentando eſte lugar) ſe haõ algũs Prègadores na fabrica dos ſeus Sermões, buſcando ſubtileſas de palavras, novidade de conceytos, invectiva de diſcurſos, affectaçaõ de equivocos & ainda ſobre iſſo, querem que lhe dem louvores por hum artificio, de que naõ tira nenhũ proveyto o auditorio: *Non proferunt* (diz S. Gregorio)

Greg. Mag. lib. 7. Mor. cap. 26. gorio) *alia, niſi quæ auditorum corda ad rependendas laudes excitant, non autem ad lacrymas accendant.* Sequerem ſe lhes louve o engenho de ſuas palavras, façaõ muyto porque as ſuas palavras ſejaõ proferidas com a ponta do eſpirito, para que picando nas conſciencias, ſe inflãmem as almas, ſe evitem as culpas, & ſe emendem as vidas: porque (como diz o meſmo Saõ Gregorio) ociosa he aquella prégação, na qual o Prégador naõ acende nos corações do auditorio as chammas do amor Divino: *Otioſus eſt ſermo Doctoris, ſi præbére non valet incendium amoris.* *Greg. ubi ſup.*

Eſte hade ſer o intuito do Prégador; porque eſte foy tambem o intuito, que teve o Eſpirito Santo, deſcendo hoje ſobre os Apoſtolos em linguas de fogo. Aſſim o diz Saõ Gregorio: *Linguis igneis apparuit Spiritus, quia omnes, quos repleverat, ardentes pariter, & loquentes fecit.* Deſceu o Eſpirito Santo em linguas de fogo ſobre os Apoſtolos, naõ ſó para os fazer eloquentes, mas tambem para os fazer amãtes; naõ ſó para lhes illuſtrar os entendimentos na Fé, mas tambem para lhes acender as vontades no amor. *Greg. ubi ſup.*

Mas ſe para eſte fim baſta que deſça o Eſpirito Santo com apparencias de fogo, para que deſce tambem com ſemelhanças de vento: *Factus eſt repente de Cælo ſonus?* Sabeis porque? Para que ſe acendeſſe mais eſte fogo, porque he certo que o fogo mais ſe acende com o vento; & para que os Apoſtolos ardeſſem mais na Caridade, & mais ſe inflammaſſem no amor, quiz deſcer eſte Amor Divino em fogo, & vento. Em Jeruſalem começou Chriſto aquerer atear eſte fogo: *Ignem veni mittere in terram, & quid volo, niſi ut accendatur?* Aſſim explica Nazianzeno eſte Texto. Puzeraõlhe alli logo os inimigos os pés, & apagarão-no, matando o Meſtre, & encantoando os Diſcipulos: *Era* *Luc. 12. n. 49.* *Nazian. orat. 44. de Pente.*

damus eum de terra. Torna o soberano Mestre à vida na sua Resurreyçaõ, & deu hũ assopro mais vivo a este divino fogo, para q̃ senaõ apagasse: *Insufflavit, & dixit eis: Accipite Spiritũ Sanctum.* Até que descendo hoje o Espirito Santo, de todo acendeu este fogo, ficando o fogo perpetuo ardendo para sempre nas Apostolicas alampadas da sua Igreja.

Joan. 20. n. 22.

Se jà naõ quizermos dizer que desceu o Espirito Santo em semelhança de vento, porque o vento entre as cousas sensiveis he o mais veloz, & ligeyro, (como diz Geminiano) & com nenhum obstaculo se póde impedir; & para o Espirito Santo mostrar o fervoroso desejo, com que desce do Ceo para nos favorecer, por isso desce cõ semelhanças de vẽto, cujo impeto he accelerado, & inquieto.

Geminian lib. 1. de exempl. c. 73.

Advertio Maldonado discretamente, que naõ se lé nas divinas letras que o Espirito Santo esteja nunca sentado; sendo que se lé muytas vezes na Escrittura que o Pay, & o Filho tem thronos, em que descançaõ, & cadeyras, em que se sentaõ. E a razaõ, q̃ aponta este Doutor, vem a ser; porque ao Pay, & ao Filho pertence o governo exterior das creaturas; porém o governo interior das almas pertence ao Espirito Santo: para o Pay, & o Filho mostrarem a authoridade daquelle mando, como pertence mais aos sentido, por isso o Pay, & o Filho se consideraõ sentados; porém isto naõ convem ao Espirito Santo porque (como diz S. Gregorio) he o Espirito Santo essencialmente amor: *Spiritus Sanctus amor est.* E como lá disse o Poeta: *Non bene conveniunt, nec in una sede morantur maiestas, & amor.* Assento, & majestade naõ diz bem com o amor, porque toda a vida do amor consiste no movimento. He o amor exhalaçaõ, he fogo, he rayo, pois como hade parar? O throno que se fez para o descanço, he para o amor

Mald in cõplem. Aug.

amor o mayor tormento; porque podendo o amor tudo, só estar ocioso naõ póde. Por isso S. Gregorio Nazianzeno chamou ao Espirito Santo Deos peregrino: *Peregrinus Deus.* Porque se o officio de hũ peregrino he naõ ter nunca lugar certo, o Espirito Santo nunca descança, porque nunca está parado em hum lugar: he amor, que parece que com o descanço morre, & com o movimento vive.

Greg. Hom. 30. in Evãgel.

Daquella estrella acertadamẽte errante, que conduzio aos Magos do Oriẽte atè o portal de Belem, disse Simaõ de Cassia que em chegando ao portal, logo se desvaneceu, & acabou: *Postquam eos conduxit ad Præsepe, evanuit.*

Sim. de Cassia lib. 1. c. 11.

Pois naquelle sitio, em que assiste o Autor da vida, ahi he que morre esta estrella? Por ventura desvanecersehia esta estrella, & acabaria as suas luzes no portal, por se ver á vista daquelle Divino Sol? Naõ por certo; porque naõ he aquelle Sol Divino Sol, que impida luzimentos a menores astros. Pois logo porq̃ razaõ aquella estrella devendo gozar nova vida, taõ depressa se desvanece, & acaba? O mesmo Simaõ de Cassia nos hade soltar a duvida. Morreu, & acabou aquella estrella, porq̃ naõ tinha já que fazer, nẽ tinha em que se occupar: *Evanuit, quia jam non ultra habebat quid faceret.* Era o officio desta estrella guiar, & conduzir aos Magos até o portal de Belem; & em vendo que já tinha posto aos Magos no portal, em vendo que se lhe tinha acabado o officio, desappareceu tambem a estrella, & acabou.

Sim. de Cass. ubi supra.

Notay agora. Representava aquella estrella ao Espirito Santo; assim o diz Maldonado; porque assim como o Espirito Santo no Jordaõ tomou a fórma de pomba, assim no Oriente tomou a fórma de estrella: *Stella illa fuit Spiritus Sanctus, qui ut post Baptismum specie columbæ, ita*

Auth. de mirabilib. sacræ Script in operib. D. Aug. tom. 3

ita nunc ſpecie ſtellæ ad demonſtrandum Chriſtum deſcenderit. Pois ſe aquella eſtrella repreſentava ao Eſpirito Santo, naõ he muyto que, deyxando eſta eſtrella de ſervir, a vejaõ logo fenecer, & acabar: *Evanuit, quia jam non ultra habebat quid faceret.* Porque ſe o Eſpirito Santo he hum amor, que naõ ſabe eſtar ocioſo, porque he amor peregrino: *Peregrinus Deus*; ſe o Eſpirito Santo he amor, que vive de movimento, faltando eſte movimento àquelle amor, he o meſmo, que condenallo a morrer.

Agora entendo eu a razaõ, porque aquellas rodas do carro de Ezequiel eraõ ſemelhantes ao mar: *Aſpectus rotarum quaſi viſio maris.* Aſſiſtia o amor Divino naquellas rodas: *Et Spiritus Sanctus erat in rotis.* E aonde aſſiſte hum perfeyto amor, naõ póde deyxar de haver a ſemelhança de mar. E iſſo porque? & que tem o mar com o amor? Grande ſemelhança tem, notay. Commummente todas as couſas ſe movem, & trabalhaõ para deſcançar; que por iſſo Ariſtoteles diffinindo a natureſa, diſſe que a natureſa em todas as couſas era principio de movimento, & quietaçaõ: *Principium motûs, & quietis.* Porém ſó a natureſa do mar naõ he deſta ſorte, parece excepçaõ das demais couſas; por iſſo diſſe Avicena que eſta diffiniçaõ ſe havia de entender disjunctivamente, porq̃ vè que o mar nunca deſcãça, nem aquieta; porque álem dos movimentos cõtinuos, que tem do Oriente para o Occidente, do Septentriaõ para o Auſtro, continuamẽte ſe move com o fluxo, & refluxo das marés; com q̃ ſe as demais couſas trabalhaõ para deſcançar, o mar o naõ deſcãçar tem por deſcanço; porq̃ em ſe mover ſe conſerva, & em naõ deſcãçar ſe perpetua: porq̃ (como eſcreve Plinio) ſe o mar naõ tivera o movimento continuo, havia de deyxar de ſer mar, por q̃ logo ſe havia de corrõper.

Ariſt. lib. 2. Phyſic. c. 1

Plin. lib. 2. c. 28.

Ezech. 1. n. 16. Cap. 20. n. 21.

Com

Cõ razaõ logo, aſſiſtindo o Eſpirito Santo naquellas rodas: *Et Spiritus Sanctus erat in rotis*, bem era q̃ tiveſſem eſſas rodas as ſemelhãças do mar: *Et aſpectus rotarum quaſi viſio maris.* Porq̃ o amor perfeyto nunca para em ſervir, nem ſe cança nunca com o obrar; mas antes no continuo movimento he que conſiſte o ſeu deſcanço de tal ſorte, que ſe o obrigarem aparar, ſerá o meſmo que obrigarem-no a corromper. Da qui podemos nós inferir, que a onde virmos peſſoa, que no ſerviço de Deos pára, & deſcança, podemos dar o ſeu amor por corrupto, porque logo a podrece em eſtando ocioſo. Amor que eſtanca nas obras de virtude; amor, que pára nos fervores do eſpirito, taõ fora eſtá de ſer amor perfeyto, que mais ſelhe póde chamar amor podre, & corrupto. Oh & quanto ha diſto no Mundo! Julgue-o cada hum de nós: entre cada hum de nós em sî meſmo, & veja ſe o amor, que tem a Deos, eſtá quieto, ou ſe anda em continuo movimento, que dahî poderá inferir, ſe o ſeu amor eſtá corrupto, ou ſe tem perfeyto amor; & quando ſeache enganado, por lhe faltar eſte amor Divino, recorra ao Eſpirito Santo lhe queyra conceder muyto do ſeu amor, que lhes alumie os entendimentos, que lhes inflamme as vontades, & que ſeja com aquelle acelerado, & continuo movimento, cõ q̃ hoje deſceu ſobre o Collegio Apoſtolico; pois para eſte fim quiz deſcer hoje em fogo, & vento; em fogo para os alumiar, & acender; & em vento, para mais os inflammar, & continuamente lhes aſſiſtir.

Oh Eſpirito Divino! que fineſas fazes na alma, a onde aſſiſtes! como vento a levas, como fogo a abrazas: como fogo apurgas, como vento a refreſcas: como vento a moves, como fogo a alumias. Quantos houve, que opprimidos com o frio das culpas ſe inflammárão de repente com o fogo deſſe amor, & ſe fizeraõ amigos

de

de Deos? Assim o diz Santo Augustinho: *Sunt, qui salubriter arserunt; inimici ejus erant, & nũc fideles ejus sunt.* Naõ houve pessoa, nem officio, (diz Saõ Gregorio) aquem este Divino fogo naõ acendesse, nem inflammasse: inflammou, & acendeu a David, a Daniel, a Amós, a Pedro, a Paulo, & a Mattheus. A David de Citharedo o fez Psalmista, a Daniel de menino de poucos annos o fez Juiz de velhos, a Amós de pastor de ovelhas o fez Profeta, a Pedro de pescador o fez Apostolo, a Paulo de perseguidor da Fé o fez Doutor da sua Igreja, a Mattheus de Publicano o fez Evangelista; a todos acendeu, & a todos alumiou.

D. August. in Psal 98.

E se isto faz o Espirito Santo em todos, como naõ experimẽtamos todos isto? *Oh duritia cordis mei!* exclama Saõ Bernardo desfeyto em lagrymas. Oh dureza do meu coraçaõ! que possa o fogo da terra abrandar aço, & ferro, & naõ possa o fogo do Ceo abrandar hũ coração humano? isto he ter o coração mais frio, & duro, que o diamante, aquem naõ aquenta o fogo! O' frios, & duros filhos de Adão, exclama Santo Augustinho: *Quare in meditatione vestra non exardescit ignis?* Porque razaõ na oração, que fazeis, se vosnaõ acende este fogo? Por ventura não se acendia este fogo em David quando orava? Sim, elle mesmo o confeça: *Et in meditatione mea exardescet ignis* E para que naõ vamos mais longe; olhay para aquelles dous Serafins Francisco, & Clara, que de tal sorte se acendiaõ, & inflammavaõ no fogo do amor Divino, que estando ambos em oraçaõ na Igreja da Porciuncula, era tanto o fumo, que apparecia por fóra, que acodiraõ os visinhos, cuydando que tinha pegado fogo na Igreja. Conlideray em outro Saõ Francisco de Paula, que em certa occasiaõ sahio da oração taõ inflammado neste amoroso fogo, que acendeu com o dedo huã alampada,

D. Aug. ubi sup.

Psal. 38. n. 4.

Apud En. gelg. Serm. de Spirit Sanct.

pada, & fez ferver com a maõ hũa panela: a hũa Santa Teresa q era tal amina de fogo, que lhe ardia no peyto, que foy necessario que se lhe abrisse no peyto huã porta, para que desafogasse esta mina: a hum Saõ Filippe Neri, que com esta fogueyra amorosa lhe estourou huma costela.

Pois se nestes, & em todos os mais Santos se acendia este fogo: *Quare in meditatione vestra non exardescit ignis?* Porque razaõ se naõ acende este fogo na oração, que fazeis? *Quare?* A razaõ deste *quare*, ou esta semrazaõ ninguem a sabe melhor que cada hum de nós, porque da nossa parte he que vay. Lancemos pois fóra os impedimentos, que nos prendem, as ligaduras, que nos atão, as tibiesas, que nos resfriaõ, & as más inclinações, que nos perturbaõ, que logo se acenderá nos nossos corações este fogo, pois desce hoje do Ceo sò a fim de inflammar corações: *Venit Divinus Spiritus ad inflammanda corda Discipulorum in amore.*

Está concluido o Sermaõ. Resta que tiremos agora a consequencia. Porem eu entendo que para esta consequẽcia ser perfeyta, necessariamente a havemos de tirar em Barbara: porque bem sabem os Filosofos que a consequencia tirada em Barbara he a mais perfeyta, & excellente consequencia. Muyto Reverenda Madre, & Religiosa Senhora. Disse Saõ Cyrillo Jerosolymitano que o descer hoje o Espirito Santo em linguas de fogo sobre as cabeças dos Apostolos, naõ foy só para os inflammar, & instruir, mas que foy tambem para os coroar: *In specie linguarũ apparuit, ut novæ coronæ per linguas igneas imponerentur capitibus eorum.* Coroou hoje o Espirito Santo as cabeças dos Apostolos com linguas, como que se fosse com coroas; & se as linguas do Espirito Santo saõ coroas, & as coroas saõ linguas, assistindo hoje em vossa Reverencia a coroa do Espirito Santo,

D. Cyril. Catecheses. 116.

to,

to, assistida está vossa Reverẽcia hoje destas linguas: & se aonde assistem estas linguas, ou estas coroas, tudo saõ enchentes de graça, fazendo Vossa Reverencia muyto por conservar esta graça em sua vida, poderá viver muy certa que terá por bom despacho a mesma Gloria. *Ad quam, &c.*

SER-

SERMAÕ
DOS ESCRAVOS
DE
JESUS,

Prégado em dia de Reis com circunstancia de novo Jubileu, que se alcançou para a ditta festa, no Mosteyro de Nossa Senhora da Esperança da Cidade de Ponta Delgada no anno de 1703.

Cum ergo natus esset JESUS in Bethlehem...., ecce Magi ab Oriente venerunt...: Ubi est qui natus est Rex? Venimus adorare eum. Matth. 2. in cap.

HOJE se admirou a terra de ver huma estrella nova no Ceo, porém mais se admirava o Ceo de ver hum novo Sol na terra: *Mirabatur quidem terra* (diz Saõ Maximo) *quòd novam Stellam vidéret in Cælo, sed plus mirabatur Cælum, quòd novum Solem vidéret in terris.* Aterra admirava-se de ver huma estrella

Sanct. Max. apud Syv. tom. 1.

eſtrella no Ceo, porque era eſttella nova: *Novam ſtellã.* Admîrava-ſe o Ceo de ver hum Sol na terra, porq̃ era hũ novo Sol: *Novum Solem* E como tudo eraõ novidades, naõ he muyto que tudo foſſem admirações. Porem nós hoje ainda temos mais de q̃ nos admirar, porq̃a inda temos mais novidades para ver, pois vemos hoje executado na terra o que o Evãgeliſta mimoſo vio repreſentado no Ceo.

No Ceo vio o Evangeliſta Saõ Joaõ a vinte & quatro corteſaõs, os quaes arraſtando ſuas mageſtoſas purpuras, offereciaõ a Deos as coroas de ſuas cabeças: *Mittebant coronas ſuas ante thronum Dei.* Na terra vemos hoje a tres Monarcas, que aos pés do Menino Deos lhe daõ de Reis ſuas coroas: *Procidentes adoraverunt eum.* No Ceo àlem dos vinte & quatro corteſaõs, que aſſiſtiaõ a Deos, diz o Texto que ſeguiaõ tambem ao meſmo Deos cento & quarenta & quatro mil com titulo de eſcravos: *Et cum eo centum quadraginta quatuor millia.* E que aſſiſtiſſem todos com titulo de eſcravos naõ faz duvida, porque ſeguiaõ ao Senhor, que hia diante, & elles hiaõ atrás, & eſcravos ſaõ os que vaõ atrás de ſeu Senhor: *Sequuntur Agnum quocunque ierit.* A'lem de que affirma o Evangeliſta que todos eſtavaõ aſſinalados na teſta com o Santiſſimo Nome de JESUS: *Habentes nomen ejus ſcriptum in frontibus ſuis.* E ſó he proprio dos eſcravos o ſerem aſſinalados. Na terra àlem dos Monarcas do Evangelho, que humildemente rendidos ſe proſtrãraõ como eſcravos offerecendo hoje a JESUS as ſuas dadivas, vemos tambem outra multidaõ de Eſcravos, que proſtrados humildemente offerecem a JESUS os ſeus corações por prendas. Só acho huã differença entre aquelles Eſcravos do Ceo, & eſtes Eſcravos da terra, que os Eſcravos do Ceo todos eraõ

Apoçal. 4. v. 10. *Ibi. cap. 14. n. 1.* *Ibid.*

eraõ Reis, porque todos tinhaõ coroas; porèm os noſſos Eſcravos da terra huns ſaõ Reis, & eſcravos, & outros ſaõ eſcravos, & naõ ſão Reis. Mas pouco entende quem aſſim o diſcorre, pois (como diz Saõ Gregorio) todos ſaõ Reis, porque todos ſaõ Eſcravos de JESUS, cujo ſervir he reynar: *Servire Deo regnare eſt.*

Mas não he muyto que vejamos executado na terra oque o Evangeliſta Saõ Joaõ vio repreſentado no Ceo, pois eſtamos vendo que o Ceo ſe tranſmutou para a terra; aſſim o diz o doutiſſimo Cartagena: *Quis non ſtupet, videns ſtabulum in Cælum converſum!* Quem naõ paſma, quem naõ aſſombra de ver o Preſepio trocado em Ceo! porque ſe no Ceo ha Sol, Lua, & eſtrellas, no Preſepio ſe achaõ eſtrellas, Lua, & Sol. Achaõ-ſe as eſtrellas, que ſaõ os Anjos: *Ubi eras quando me laudabant aſtra matutina?* Acha-ſe a Lua, que he Maria: *Pulchra ut Luna.* Acha-ſe o Sol, que he Chriſto: *Exteortus eſt Sol Chriſtus Deus noſter.*

Job 38

A eſte Divino Sol poſto nas palhinhas do Preſepio vem hoje buſcar, naõ ſó os eſcravos, de que trata o Evangelho, mas tambem todos os mais Eſcravos, que eſtaõ matriculados no livro deſta feſta; & quero eu entender que ſaõ todos tão venturoſos em ſe offerecerẽ por eſcravos de JESUS, que ficaõ ſendo eſcravos livres, por ſerem de JESUS Eſcravos. Eſte quizera eu que foſſe hoje o aſſumpto do Sermaõ, moſtrar que tem tal regalia os Eſcravos de JESUS, que entaõ ficaõ mais livres, quando ſe lhe offerecem por eſcravos. Porém he neceſſario que eſtes Eſcravos tenhaõ tres propriedades, convem a ſaber, diligencia, reſoluçaõ, & fidelidade: haõ de ſer fieis, haõ de ſer reſolutos, & haõ de ſer diligentes; haõ de ſer diligentes no ſervir, reſolutos no obrar, & fieis no obedecer. Toda eſta materia dividirey em dous diſcurſos.

fos. No primeyro moſtrarey a regalîa, & liberdade dos Eſcravos. No ſegundo tratarey das ſuas propriedades. Tudo ſerá fundado no Evangelho. E para animar melhor os diſcurſos farey muyto por provar tudo com lugares de eſcravos. Só me reſta para poder concluir eſtes diſcurſos com gloria, principiallos primeyro com graça.

Ave Maria.

Cum ergo natus eſſet, &c.

No moſteyro de Belem (que iſſo quer dizer Belem, como affirma Laureto: *Bethlehem id eſt monaſterium*) ſe matriculaõ hoje tres Reis por eſcravos de JESUS: *Procidentes adoraverunt eum.* E no moſteyro da Eſperanſa quizera eu hoje conduzir tambem para JESUS muytos eſcravos. Oh ſe quizeſſe Deos que aſſim como os eſcravos do Evãgelho acodiraõ próptamente ás luzes de hũa eſtrella, que os aviſava, acodiſſem tambem hoje todos os circunſtantes ás vozes do Prégador, que os admoeſta! mas quando as vozes do Prégador por pouco eficazes naõ movaõ aos ouvintes, para que todos ſejaõ eſcravos de JESUS, movellos ha ao menos a ſoberania que lograõ neſta illuſtre eſcravidaõ, pois por ſerem de JESUS Eſcravos, naõ vi eu eſcravos mais livres, nem cattiveyro mais goſtoſo; porque o meſmo JESUS, que os obriga ao cattiveyro, & á priſaõ, eſſe meſmo lhes concede a alforria, & liberdade.

Lauret. verb. Bethlehem. Matth. 2. n. 11.

Eſtando Joſué ſobre a Cidade de Jericó com tençaõ de a deſtruir, & aſſolar, enviou primeyro occultamente humas eſpias, para q̃ viſſem as forſas, & os petrechos, com que a Cidade ſe defendia, & com que ſe aquartelava. Entráraõ as eſpias na Cidade, & naõ obſtante que foraõ diſfarçadas, logo foraõ dos moradores conhecidas: tratáraõ de as apanhar, & ſabendo por indicios que ſe haviaõ eſcondido em caza de huma mulher chamada Rahab, entràrão na ditta caza, para lhe tirarem a vida; porèm Rahab os havia jà eſcondido com tal arte, & induſtria, que por mais diligencias, que fizerão, não os achárão. La pela mea noyte tomou Rahab hum cordaõ, & por elle os deytou de huma janela abayxo, enſinandolhes os caminhos, por onde poderião ir ſeguros: *Ad montana conſcendite.* Porèm em retorno deſte favor, que lhes fazia, lhes pedio tambem Rahab outro favor.

Joſue 2. n. 16.

Amigos meus, (lhes diſſe Rahab) todos ſabemos a grande deſtruiçaõ, que Joſuè tem feyto em todas as mais Cidades, degollando a huns, & cattivando a outros; & entendo que o meſmo executarà com noſco neſta Cidade. Por tanto peço-vos que quando elle achegar a combater, & deſtruir, vos lembreis da miſericordia, que eu agora uſo com voſco, para que a uſeis tambem comigo, &

n. 21.

com a mais gente deſta caza, deyxando nos a todos com vida: *Jurate mihi per Dominum, ut quomodo ego miſericordiam feci vobiſcum, ita & vos faciatis, & eruatis animas noſtras à morte.* Aſſim lho promettèrão, & cõ juramento lho affirmàraõ. Eſte foy o ſucceſſo. Agora entra o meu reparo.

n. 12.

Se attendermos ao favor, que fez Rahab a eſtas eſpias, acharemos que foy hum favor muy grande; porque não ſó os livrou da morte, mastambem os livrou do cattiveyro; & por hum favor taõ crecido parece que pede Rahab hum retorno muy limitado. Se Rahab ſabe muy bem que Joſuè tem feyto taes deſtroços nas Cidades circumviſinhas, que a huns deyxa por mortos, & a outros leva cattivos, como pede ſómente que a deyxem com vida, & a todos os de ſua caza: *Ut eruatis animas noſtras à morte?* Naõ vè Rahab que, ainda que fique com vida, ſempre fica eſcrava? Peça logo que naõ ſó a

deyxem com vida, mas q̃ a deyxem tambem cõ liberdade. Isso não: porq̃ entendeu Rahab q̃ naquella occasiaõ melhor era que ella, & todos os da sua caza ficassem vivos, & juntamente escravos, do que ficarem livres, & vivos. E sabeis porque? Porque ficavaõ sendo escravos de Josué; & como Josué he o mesmo q̃ JESUS, entenderaõ que, sendo escravos de JESUS, com essa escravidaõ adquiriaõ a mais perfeyta liberdade.

Notay. Aquelle cordaõ, que Rahab dependurou na janela, para deytar por elle as espias de Josué, diz o Texto q̃ era de cor encarnada: *Appendit funiculum coccineum in fenestra.* E nesta cor (diz Santo Ambrosio) se representava o sangue, com que o verdadeyro Josué, ou JESUS havia de resgatar o Mundo; & como Rahab via que o mesmo Josué, ou JESUS, q̃ a havia de cattivar, esse mesmo cõ o seu proprio sangue a havia de redimir; julgou por mayor acerto ficar antes cattiva, & escrava de JESUS, do que ficar com vida, & não ser sua escrava; que admiravelmente Santo Ambrosio: *Coccum in fenestra liga vit, ut species cruoris mystici, quæ foret Mundum redemptura, vernaret.* D. Amb. sup. hunc Text.

Bem pudera Rahab pedir q̃ a livrassem do cattiveyro de escrava, assim como pedio que lhe conservassem a vida; mas como sabia q̃ com aquella escravidaõ, por ser escravidaõ de JESUS, adquiria a mais perfeita liberdade; por isso antes quiz ficar com vida, sendo escrava, do q̃ ficar com liberdade, & com vida. Desejava Rahab a vida, porém era para ser escrava, desejava q̃ a livrassem da morte, porém era para servir a JESUS: que vida, que senaõ emprega no serviço de JESUS, mais se lhe póde chamar morte, do que vida.

Oh Rahab entendida! Oh mulher discreta! Que bem mostras ser discreta, & entẽdida, pois podendo viver na tua antigua liberdade, trocaste essa liberdad antigua por

por hũa escravidaõ amorosa; podendo ser senhora na tua terra, quizeste antes ser escrava na rerra alhea; & cõ razão, porque na tua terra, sendo senhora, eras escrava da culpa: *Rahab meretrix.* Na terra alhea ficas escrava da graça; na tua terra eras escrava do teu mesmo appetite; na terra alhea ficas sendo escrava de JESUS; & só alcança hũa perfeyta liberdade quem deyxa de ser escravo do seu proprio appetite, só por ser de JESUS escravo.

Isto, que succedeu cõ Rahab, que foy a primeyra escrava de JESUS na ley escritta, vemos que succede tambem hoje com os nossos Reis do Evangelho, q̃ foraõ os primeyros escravos de JESUS na Ley da graça; porq̃ se Rahab em ser escrava de Josué alcãçou a liberdade mais perfeyta, os nossos Reis por se virem hoje offerecer por escravos de JESUS conseguem tambẽ a mais perfeyta liberdade. No mesmo Evangelho do dia havemos de descobrir a prova,

Lauret. verb. Rahab.

Diz S. Mattheus no presente Evangelho q̃ appareceu hũa estrella aos Magos no Oriente, a qual não só lhes moveu os affectos, mas tambem lhes dirigio os passos; & com tal promptidão, & fidelidade, q̃ mais parecia a estrella ser escrava dos Magos, q̃ ser estrela do Ceo; porq̃ se os Magos paravão, a estrella não se movia, se os Magos dormiaõ, a estrella vigiava, se os Magos caminhavaõ, a estrella proseguia: *Ambulante Mago,* (diz S. Pedro Chrysologo) *stel la ambulabat, sedente Mago, stat stella, dormiente Mago, excubat stella.* De tal sorte moderava a estrella as suas luzes, q̃ servia aos mesmos Magos, como escrava; assim o diz o mesmo Santo: *Sic moderatur incessum, ut Magorum serviat.* Chrysol. Serm. 156. Chrysol. ibid.

Venero a authoridade de taõ grande Padre; porém da sua mesma authoridade seme offerece huma duvida; porque os Magos (como affirma o mesmo Santo) viviaõ na sua idolatria taõ cegos, que cada hum delles

tinha a ſua eſtrella, aquem ſervia, & o ſeu Aſtro, aquẽ adorava: *Chladæus totidem diis, quot ſideribus ſerviebat.* Que os Magos ſerviaõ a tantos ſenhores, quantas eraõ as eſtrellas do Ceo. Pois pergunto. Se os Magos adoravão aos Aſtros do Ceo, ſe os Magos eraõ eſcravos das eſtrellas, como vemos hoje que eſta eſtrella ſerve de eſcrava aos Magos: *Sic moderatur inceſſũ, ut Magorum ſerviat?* Sabeis porque? Eu o direy.

No meſmo ponto, em que naceu JESUS em Belem, appareceu eſta eſtrella aos Magos no Oriente: *Cum ergo natus eſſet JESUS ..., ecce Magi ab Oriente venerũt.* E reconhecendo os Magos por revelação Divina que aquella eſtrella era de JESUS: *Vidimus ſtellam ejus*, logo ſe vieraõ offerecer por ſeus eſcravos, *venimus adorare eum.* E o meſmo foy offerecerem-ſe os Magos por eſcravos de JESUS, q̃ experimentarem neſte amoroſo cattiveyro a mais perfeyta liberdade. Notay. Em quãto os Magos viviaõ na eſcravidão de ſua idolatria, aindaq̃ erão Reis, & ſenhores, eraõ eſcravos das eſtrellas, porq̃ ás eſtrellas rendiaõ as ſuas adorações; porém depois q̃ ſe reduſiraõ á eſcravidaõ da graça, depois que ſe publicáraõ por eſcravos de JESUS: *Venimus adorare*, adquiriraõ com eſta eſcravidão tal ſenhorio, & liberdade, que ſendo elles os que de antes ſerviaõ como eſcravos às eſtrellas, as meſmas eſtrellas ſaõ as que os ſervem agora como eſcravas.

Matth. 2.

Eſta he a dita, que tem os eſcravos de JESUS, entaõ ficaõ mais livres, quando ſe lhe offerecem por eſcravos. Tem hũ cattiveyro goſtoſo, porq̃ fazem hũ obſequio voluntario; tem hũa eſcravidão amoroſa, porq̃ nella encontrão a mais perfeyta liberdade; porq̃ o meſmo Sãgue de Jeſus, q̃ os prẽde, eſſe meſmo os reſgata.

Eſta a meu ver deve ſer a razão, porq̃ ſendo os eſcravos do Evãgelho Reis: *Reges Tharſis*; lhes naõ dá o Evãgeliſta o titulo de Reis, & ſó lhes

lhes dá o nome de Sabios: *Ecce Magi.* Pois ſe ſaõ igualmẽte Sabios, & Reis, como calla o Evangeliſta o nome de Reis, & ſó publica o de Sabios? He porq̃ os Reis, ſuppoſto q̃ na ſua terra eraõ ſenhores, com tudo eraõ eſcravos da culpa, porq̃ como cegos ſeguiaõ a Idolatria, deyxavaõ de adorar a Deos, para adorar aos aſtros; porẽ reconhecendo hoje o ſeu erro cõ as luzes, q̃ lhes enviou o Ceo, vem hoje a matricularſe por eſcravos em o portal de Belem; porque entenderaõ que melhor era ſer eſcravo na terra alhea, do que ſer Rey na ſua propria terra; porq̃ na ſua terra adoravão ao Demonio, na terra alhea vem adorar a JESUS: na ſua terra eraõ eſcravos da culpa, na terra alhea ficão eſcravos da graça; & quem he taõ entendido, que ſabe trocar a liberdade da culpa pela eſcravidaõ da graça, ainda que ſeja Rey por officio, ſo lhe convem o appellido de Sabio: *Ecce Magi.*

Daqui parece ſe infere, q̃ ſe quem troca a eſcravidaõ da culpa pela eſcravidaõ da graça, he Sabio; quem troca a eſcravidaõ da graça pela eſcravidaõ da culpa, he neſcio. Combinemos eſta jornada, que os Magos fizeraõ da ſua terra para o portal de Belem, cõm a que fez o filho Prodigo da ſua patria para huma regiaõ muy deſviada: *Abiit in regionem longinquam.*

Na ſua terra, & debayxo da protecçaõ, & graça do pay vivia o filho Prodigo; mas com tantas regalias de ſenhor, que parece q̃ a meſma regalia, & abundancia lhe occaſionou a ſua ruina, & deſgraça (que muytas vezes o demaſiado mimo nos filhos he cauſa de grandes danos.) Pedio eſte filho ao pay todos os bens, que lhe pertenciaõ; & auſentando-ſe da ſua preſença, em breves tempos ſe vio em extrema miſeria: *Diſſipavit ſubſtantiam ſuam.* Eu naõ me admiro de que eſte moço deſtruiſſe em taõ breve tempo a fazendã; porq̃ como andava em mao eſtado,

Luc. 15. v. 13.

como vivia entre vicios, diante dos olhos ſe lhe havia de ſumir tudo, ſó me admiro de que diga Tito Boſtrenſe, que eſte filho, naõ ſó diſtribuhio a ſubſtancia da faſenda, mas q̃ tambem diſſipou o cabedal do entẽdimento: *Diſſipavit ſubſtantiam, ideſt, intellectum.* Com que naõ ſó ficou eſte moço pobre, mas tambem ficou neſcio; & cuydando eu que eſta ſua necedade, & ignorancia ſó naſcera da ſua deſordenada torpeſa, pois ſendo homem, vivia como bruto; vejo que diz S. Pedro Chryſologo que d'outro principio naceu tambem eſta ſua necedade. E qual ſeria o principio, donde naceu? Sabeis donde? Foy, que ſendo eſte moço na ſua terra ſenhor, ſe veyo fazer eſcravo na terra alhea: *Abiit longe plus mente, quàm loco, ut dato, non accepto pretio miſerè ſe vendidit ſervituti.* Era o filho Prodigo ſenhor na ſua terra, vivia na graça de ſeu pay; & deyxar hum homem a graça, em que vivia, & o eſtado de ſenhor, que lograva, por ſe fazer eſcravo da culpa, não póde haver mayor ignorancia, nem necedade mayor: quem he taõ mentecapto, que troca o eſtado da graça pela eſcravidão da culpa, ainda q̃ não fora laſcivo, bem lhe compete o ſer neſcio: *Diſſipavit intellectum, miſerè ſe vendidit ſervituti.*

Tit. Boſt. bis.

S. Pet. Chryſ. Serm. 1.

Nada appetecem mais os homens, (diſſe Saluſtio) que ſerem ſenhores: *Natura mortalium avida eſt imperii.* *Saluſt. in Ing.* Todos deſejaõ ſer Sabios, & he certo que nenhum ſe tem em conta de neſcio; por iſſo diſſe hum douto, que ſe os entendimentos ſe vendéraõ nas praças, a hi haviaõ de eſtar ás moſcas, porque ninguem os havia de comprar, ſó por não deſcobrir cada hum a falta que tinha de entendimento. Pois ſe os homẽs mais appetecẽ o mandar, que o ſervir; porque o mandar he de livres, & o ſervir he de eſcravos: ſe os homens mais appetecem ſer Sabios, do que neſcios, porque os neſcios vivem abatidos, & os Sabios ſaõ ſublimados,

blimados, troquem hoje a eſcravidaõ da culpa por eſta Eſcravidão da graça: deyxem de ſer eſcravos de ſeus appetites, & offereçaõ-ſe deſde hoje por Eſcravos de JESUS; porque fazendo-o aſſim, não ſó ficaráõ ſendo eſcravos livres, mas ficaráõ eſcravos ſabios: *Ecce Magi.*

Mas que pouco appetecem os homens ſer eſcravos de JESUS, dem-me licença para formar eſta queyxa. Ha vinte & quatro annos, que ſe inſtituhio neſte religioſo Moſteyro eſta illuſtre Eſcravidão; & cuydando eu q̃ em breves tempos não baſtaſſem poucos livros para ſe matricularem os Eſcravos, vejo que faltaõ os Eſcravos, & q̃ ſobejão os livros. Para affervorar pois eſta devoção nas almas, fez a Sacriſtiã, ou Coadjutora deſta Confraria a Sua Santidade hũa ſupplica, naqual pedia duas couſas: hũa era, que foſſe ſervido conceder hum Jubileu pleniſſimo, & remiſſaõ de todos os peccados a todos os que eſtiveſſem matriculados por Eſcravos no livro, q̃ eſtá neſte religioſo Moſteyro: a outra couſa era, q̃ eſta Indulgencia plenaria foſſe no dia da Circunciſaõ de JESUS, q̃ era o dia, em que por entaõ ſe fazia eſta feſta. E ſendo neſta fórma a ſupplica, ſahio o deſpacho em outra fórma; porq̃ prorogou Sua Santidade o Jubileu, & ampliou mais a graça, porque a concedeu não ſó para os Eſcravos, mas para todos os Fieis, dizendo nas ſuas letras Apoſtolicas q̃ todos os Fieis, aſſim homens, como mulheres, que confeſſados, & commungados viſitarem eſta Igreja deſde as primeyras Veſperas de hõtem até hoje às ſegundas Veſperas, lhes concedia Indulgẽcia plenaria, & remiſſaõ comprida de todas as ſuas culpas.

Não ha duvida, que tudo o que Sua Santidade determina he com acerto, porq̃ faz na terra as vezes do meſmo Chriſto; & ſendo iſto aſſim, devemos ſuppor que mayor acerto foy conceder a Indulgencia neſte

dia, (como eu depois moſtrarey) como tambem foy mayor acerto conceder que foſſe a Indulgencia para todos. Más por iſſo meſmo, q̃ eſta eleyçaõ foy acertada, pretendo nella deſcobrir hũa ponderação piedoſa.

Pergunto. Se nas mais Confrarias, ou ſejaõ de Senhora, ou de Santos, quãdo ſe coſtuma pedir ſemelhãte Indulgencia ſómente para os Confrades, ſe coſtuma deſpachar na meſma fórma, em q̃ ſe pede, como na Confraria dos Eſcravos de JESUS, pedindo-ſe Indulgẽcia ſómente para os Eſcravos, ſe concede para todos a Indulgencia? Já diſſe que não pretẽdo dar razão, pretendo ſim inferir hũa piedoſa conjectura. Ora vejaõ.

Nas demais Confrarias concede-ſe a Indulgencia ſómente para os Cõfrades, porq̃ ſaõ Confrades ſómente por devoção porém na Confraria dos Eſcravos de JESUS concede-ſe a Indulgencia para todos, porq̃ todos tem obrigaçaõ de ſerem de JESUS eſcravos. Nas mais Confrarias ſaõ Cõfrades ſó os q̃ querem; na Confraría dos Eſcravos de JESUS, ou queyramos, ou não queyramos, todos ſomos ſeus eſcravos. Para o q̃ devemos ſuppor q̃ ha differença entre criado, ſervo, ou eſcravo: porque criado ſe diz aquelle, que hoje eſtá com hum amo, & á manhã eſtá com outro; porém ſervo, ou eſcravo, que he o meſmo, chama-ſe aſſim, ou porq̃ foy ganhado na guerra, ou porque foy comprado com faſenda, & por iſſo meſmo he eſcravo, & ſervo, que guardado, porque: *Servus dicitur à ſervando.* O que ſuppoſto. *Filip. Dias Serm. de Expect.*

Ouvi agora o que eſcreve Saõ Paulo, falando com os de Corintho. Eſcreve o Apoſtolo S. Paulo aos Corinthios, & diz lhes na carta, que lhes eſcreve, eſtas ſeguintes palavras: Irmãos meus adverti, que todos ſois eſcravos comprados à cuſta de grande preço: *Empti enim eſtis pretio magno.* E que ſenhor foy eſte, que os comprou? E que preço foy eſte, *1. Cor. cap. 6. n. 20.*

eſte, q̃ por elles deu? O Senhor que os comprou, (diz a Gloſſa) foy JESUS; & o preço, q̃ por elles deu, foy ſeu precioſo Sangue: *Pretio magno, ideſt, Sanguine JESUS.* Pois ſe JESUS foy o que nos comprou a todos com ſeu Sangue; ſe JESUS foy o que nos livrou a todos da morte eterna; todos ſomos por direyto eſcravos de JESUS, & ſe todos ſomos ſeus eſcravos por direyto, juſto era que vieſſe a Indulgencia para todos.

Conforme iſto, poderaõ dizer os meus ouvintes, que na ſuppoſição, em que todos ganhaõ a Indulgencia, porq̃ todos ſaõ por direyto eſcravos de JESUS, que ſera eſcuſado aſſinalarem-ſe por eſcravos no livro, porque baſtará que o ſejaõ de coraçãõ. Porém ſe aſſim o differem, (o que naõ creyo) provarey com evidencia que não devem dizer aſſim; por que não baſta que os eſcravos de JESUS ſejaõ aſſinalados no interior, mas tambem he neceſſario que o ſejaõ no exterior: não ſó he neceſſario que tenhaõ no interior o ſinal de eſcravos, mas tambem he preciſo, & neceſſario que lhe appareça no exterior eſte ſinal. Ora ouçaõ.

Fala JESUS na figura do Eſpoſo com a ſua amada eſpoſa, em quem eſtaõ repreſentadas todas as almas juſtas, & diſlhe eſtas amoroſas palavras: Eſpoſa minha, ſe quereis moſtrar o exceſſo, com que me amais, & o muyto, que me quereis, haveis de trazer o meu ſinal impreſſo no coração, & no braço: *Pone me ut ſignaculum ſuper cor tuum, ut ſignaculum ſuper brachium tuũ.* *Cant. 8. n. 6.* E para que fim quererá o Eſpoſo Divino que a ſua eſpoſa ande aſſinalada com o ſeu ſello, ou ſinal? Se he para moſtrar a eſpoſa que he toda do ſeu eſpoſo, iſſo tem ella ja confeſſado pela ſua meſma bocca: *Dilectus meus mihi, & ego illi:* Pois ſe as vozes ſaõ o melhor final, porque ſaõ ad placitum do Eſpoſo, como lhe manda por

pôr o Esposo por divisa outro final: *Pone me ut signaculum?*

Para resolver esta duvida, havemos de primeyro suppor, que era estylo entre os Cidadões Romanos assinalarem aos seus escravos, para que fossem delles conhecidos: *Signaculum est nota publica, ut hoc modo possint latitãtes agnosci.* E daqui naceu aquelle celebre emblema, q diz: *Estigmate servũ.* Que pelo final se conhece o escravo. Logo segũdo isto, o mesmo soy pôr o Esposo o seu final na esposa, que fazella sua escrava. Assim he. Porém agora entra a duuida principal. Pois se o intento do Esposo he assinalar a esposa por sua escrava, & para este fim, ou intento, hum só final he bastante, como lhe manda pôr dous?

Leg. 3 C. de Fabricurſib Picinele.

Sey eu que mandava o mesmo Deos no Exodo que todo aquelle escravo, que depois de servir seis annos, móstrasse ter ley ao seu senhor, lhe fizessem na orelha hum final, & que depois de feyto ficasse escravo perpetuo: *Si dixerit servus: Diligo dominum ..., perforabitque aurem ejus ...: & erit ei servus in saculum.* Pois se entaõ mandava Deos pôr hum só final no que se offerecia por escravo, como vemos que mãda pôr dous finaes na esposa, quãdo aquer por sua escrava: entaõ bastava hum só final na orelha, & agora saõ necessarios dous finaes, hum no braço, & outro no coraçaõ; hum no interior, & outro no exterior: *Pone me ut signaculũ super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum?* Sim. Notay.

Exod. 21. n. 5.

Há escravos da natureza, há escravos da fortuna, hà escravos da graça, & hà escravos da culpa. Os escravos da natureza saõ aquelles, que logo do ventre da mãe sahem escravos; tal foy Agar, q foy escrava de Sara. Os escravos da fortuna saõ aquelles, aquem o Argel de hum cattiveyro, ou a sorte de huma batalha lhe trocou a liberdade em prisões: tal foy o Patriarca Joséph, aquem

aquem a roda da desgraça fez escravo de Putifar. Os escravos da culpa saõ aquelles, que despresaõ as inspirações de Deos, por seguir ao demonio, que he o que disse Saõ Joaõ: *Qui facit peccatum, servus est peccati.* Os escravos da graça saõ aquelles, que sendo redimidos com o Sangue de JESUS, de tal sorte se enlaçaõ nas prisões deste Senhor, que de nenhum modo se querem soltar destas prisões. O que suppoſto.

Joan. 21. n. 34.

Respondamos agora à duvida. Mandava Deos no Exodo pôr hum só final nos escravos; porque esses escravos, que mandava assinalar, erão escravos da natureza; porém nos Cantares manda pôr na esposa dous finaes, porque a esposa, aquem assinalava, era escrava da graça; & esta differença se dá entre os escravos da natureza, & os escravos da graça; que o escravo da natureza, como se lhe compra só o corpo, & naõ a alma, só no corpo se deve assinalar, que ja por esta razaõ disse Seneca: *Errat, siquis existimat servitutem in totũ hominem descendere; pars melior ejus excepta est.* Porém o escravo da graça, como se lhe compra corpo, & alma, na alma, & no corpo deve andar assinalado; & como a esposa era escrava da graça, aquem o seu Esposo JESUS havia comprado o corpo, & alma á custa do seu precioso Sangue, por isso lhe manda pôr o seu final naõ só no coraçaõ, mas no braço.

Senec. lib. 3. de beneficiis, cap. 2.

Esta he tambem a razaõ, porque quando Saõ Paulo nos chama escravos comprados com o Sangue de JESUS, nos adverte logo, que temos obrigaçaõ de o trasér por final, tanto na alma, como no corpo, tanto no interior, como no exterior: *Empti enim estis pretio magno. Glorificate, & portate Deum in corpore vestro, & in spiritu vestro*, diz a letra Grega, & Syriaca; para que saybamos que a obrigaçaõ dos escravos de JESUS he andarem assinalados, naõ só no interior, mas tambem no exterior

1. Corinth. cap. 6 n. 20. Liter. Grac. & Syriac.

exterior. Pois ſe eſta he a obrigaçaõ dos Eſcravos de JESUS, parece que naõ ſatisfazem com a ſua obrigaçaõ em ſerem ſó de coraçaõ eſcravos; parece que naõ ſatisfazem em terem ſómente o ſinal de eſcravos no interior, mas tambem he neceſſario que lhes appareça no exterior eſte ſinal. Appareça pois daqui em diante eſte ſinal exterior de eſcravos, & já que naõ apparece no exterior do corpo pelas mortificações, que aſſim o entendem os Expoſitores, appareça ao menos por devoção no exterior do livro; porque fazendo-o aſſim ſó entaõ moſtrarão q̃ ſaõ verdadeyros eſcravos de JESUS, pois naõ ſó traſem o ſeu ſinal no interior, mas tambem lhes apparece exteriormente eſte ſinal: *Pone me ut ſignaculum ſuper cortuum, ut ſignaculum ſuper brachium tuum. Empti enim eſtis pretio magno, portate Deum in corpore veſtro, & in ſpiritu veſtro.*

Viſto o que temos dito, ſupponho que todos ſe querem já matricular por eſcravos de JESUS, & tem razaõ, porque he taõ illuſtre eſta Eſcravidaõ ſoberana, que todos os mayores ſugeytos nella ſe matriculáraõ. De haver entrado neſta eſcravidaõ rendia S. Paulo a Deos as graças: *Gratias ago Deo, cui ſervio á progenitoribus.* Ou como commenta Chryſoſtomo: *A multis retro ſæculis dedicatus ſum tuæ ſervituti.* Senhor, (dizia Saõ Paulo a Deos) eu vos rendo as graças, porque ha muytos annos, que eſtou matriculado neſta voſſa eſcravidaõ. O meſmo dizia David: *Oh Domine, quia ego ſervus tuus, & filius ancillæ tuæ.* Oh Senhor, vede que ſou voſſo eſcravo, & filho de huma eſcrava voſſa. A meſma Mãe de Deos ſe honrou tambem muyto deſte titulo de eſcrava; & ſabeis quando? Diſſe Santo Epifanio que foy no meſmo ponto, em que toda a Trindade Santiſſima a declarou por ſua Eſpoſa: *Ecce ancilla Domini. Et Trinitatis Sponſa fa-*

2. *ad Timoth.* 1. n. 3. *D. Chryſ. in Paul. ad Tim.*

S. Epiph de laudib. Virg. M.

Eta eſt. Pois no meſmo ponto, em que o Ceo a acclama a Senhora por ſua Rainha, entaõ ſe publica ella por eſcrava? Sim: (diz Arnoldo) porque eſte genero de eſcravidaõ excede a todo o Senhorio, & imperio: *Quia hoc genus ſervitutis omni regno ſublimius eſſe intelligit.* Pois ſe por meyo deſta eſcravidaõ amoroſa ſe chega a taõ ſoberana grandeſa, quem haverá, que de hoje por diante ſe naõ queyra matricular neſta amoroſa Eſcravidaõ? Sim, meu Deos Menino, já todos ſe querem matricular, já todos querem ſer voſſos eſcravos, & sò deſejaõ ſaber as propriedades, que haõ de ſeguir para vos poderem agradar.

Arnold. Carnot. tom. BB. PP.

Tres propriedades (dizia eu no principio) devem ter os Eſcravos de JESUS, diligencia, reſoluçaõ, & fidelidade; & todas eſtas tres propriedades deſcobrimos nos eſcravos do Evangelho. Comecemos pela diligencia. Diz hoje o Evangeliſta S. Mattheus que em naſcendo JESUS, logo os Magos ſe puzerão a caminho: *Cum ergo natus eſſet JESUS, ecce Magi.* Tende maõ, Monarcas Santos. He poſſivel que com tanta diligencia, & brevidade vos pondes logo a caminho, ſem reſolverdes primeyro eſta jornada no voſſo conſelho de eſtado? Que Conſelheyro de eſtado vos não dicera neſta occaſiaõ que não convem aventurar hũa Mageſtade pelo ſinal incerto de hũa eſtrella? Que parece acçaõ pouco real ir buſcar outro Rey para o adorar, & ſervir. Que melhores ſaõ os theſouros, que levais para remediardes as miſerias da voſſa patria, que para enriquecer outra coroa? Que cõ a voſſa auſencia não ſó enfermais a voſſa Monarquia, mas tambem vos expõdes, ou a admittir deſigualdades, ou a litigar jurisdições? E finalmente que com eſte voſſo retiro ſe póde amotinar o povo, & perderdes o dominio do Reyno?

Pois ſe todas eſtas razões de eſtado ſaõ convenientes

á Mageſtade de hum Rey, ſe todas eſtas politicas parecem acertadas, como não põderais primeyro eſtas razões, & aceytais eſtas politicas? Mas aſſim ſem mais, nem mais deyxais Reynos, emprendeis caminhos, atropellais difficuldades, & iſto com promptidão, & diligencia: *Ecce Magi*: Sim: porque ſe vem offerecer per eſcravos de JESUS para o ſeguir: *Venimus adorare*. E em ſeguir a JESUS não ha mais tardanças, que as que propoem o medo, ou repreſenta a imaginação: cada hum forma a idea do caminho do Ceo, conforme o ſeu affecto. Ao delicado, & medroſo lhe parece o caminho do Ceo inacceſſivel; porèm o alentado, & diligente o julga por muy tratavel. *Affectus tuus* (diſſe o Abbade Celeuſe) *operi tuo nomen imponit*. Cada hum dá o nome ás couſas conforme os ſeus affectos. O negligente, & remiſſo chama trabalhos ao que o diligente chama goſtos; hum dá nome de aſpereſas àquillo, que o outro tem por ſuavidades, & ſó aquelle, que com affectos, & diligẽcia ſe reſolve a ſeguir a virtude, nada difficulta, porq̃ tem por creſcidas glorias aquillo meſmo, que o negligente julga por inſofriveis penas.

Abbas Celeuſis lib. 9 Epiſt. 1.

Atribulados ſe acháraõ os Hebreos no Egypto (mas que muyto, ſe eſtavaõ eſcravos de Faraó, & não póde haver mayor tormento, que padecer hum triſte cattiveyro). Alli paſſavaõ hũa vida taõ canſada, que a ſua occupação era acender fornalhas, & fabricar tijolos; porém o que mais cuydado lhes dava, & o q̃ mais os affligia, era o andarem carregados com alcofas, q̃ por iſſo foy neceſſario que lhas mandaſſem paſſar dos hombros para as mãos: *Divertit ab oneribus dorſum ejus: manus ejus in cophino ſervierunt*. Façamos aqui ponto, & vamos ao deſerto.

Pſal. 80. n. 7.

No deſerto ſuſtentou Chriſto Senhor noſſo a finco mil homens com finco pães,

pães, & dous peyxes, & mandando Chriſto aos Apoſtolos que recolheſſem os ſobejos, diz o Texto que ſobejáraõ doze alcofas, as quaes levàraõ cada hum dos Apoſtolos aos ſeus hõbros: *Impleverunt duodecim cophinos fragmentorum*. Contrapõem Sãto Ambroſio eſtes dous ſucceſſos, & difficulta deſte modo. Que razaõ haverá, para que os Hebreos tenhaõ por trabalho inſoportavel levarem as alcofas às coſtas; & os Apoſtolos de Chriſto tenhaõ por occupaçaõ goſtoſa carregarem eſſas alcofas? Os Apoſtolos levam a carga com goſto, & os Hebreos gemẽ com o peſo da carga? Sim. Notay.

Joan. 6. n. 13.

Eraõ os Hebreos eſcravos violẽtos, eraõ os Apoſtolos eſcravos voluntarios, q̃ iſſo quer dizer *Apoſtolus, ideſt, miſſus*. Huns, & outros ſe governavaõ pela diverſidade dos ſeus affectos, & como o affecto dos Apoſtolos era ſeguir a virtude, pareciallhes tudo taõ leve, que em nada achavaõ difficuldade. Porém os Hebreos, que deviaõ com aquellas penas ſatisfazer pelas ſuas culpas, parecia-lhes tudo taõ peſado, que tudo achavaõ difficultoſo: *Qua ratione* (diz Santo Ambroſio) *cophinos duodecim Chriſtus implevit, niſi illud populi Judaici ſolverent, quia manus ejus in cophino ſervierunt*.

D. Amb. lib. 6. in Lucam.

A meſma carga, que nos hombros dos Apoſtolos era alivio, nos hombros dos Hebreos era tormento. Mas que muyto, ſe os Hebreos eraõ eſcravos de Faraò, & os Apoſtolos eraõ eſcravos de JESUS; & os que ſe reſolvem a ſer de JESUS eſcravos, nenhuma difficuldade os embaraſſa, porque em nenhuma couſa encontraõ dificuldade. Por iſſo os noſſos Eſcravos do Evangelho nenhuma difficuldade puzerão, nem no dilatado do caminho, nem o ſer o tempo de Inverno, nem o paſſarem a terras eſtranhas, nem o veremſe entre naçoẽs eſtrangeyras; nenhuma deſtas couſas foy baſtante para os fazer deter,

ter, mas antes o meſmo foy ſaberem que era nacido JESUS, que porem ſe logo a caminho com toda a diligencia, & cuydado. *Cum ergo natus eſſet JESUS. Ecce Magi.*

Deſta diligencia, com que os noſſos eſcravos buſcárão hoje ao ſeu Senhor JESUS, lhes naceu tambem a ſua reſolução. Então na corte de Herodes, & na ſua meſma preſença lhe perguntão: *Ubi eſt, qui natus eſt Rex.* Onde he aqui nacido o novo Rey? Vòs não vedes que animo tão forte; & reſoluto? Achão-ſe na preſença de hum Rey eſtranho, & não temem perguntar por outro Rey? Não: porque nada devem temer aquelles, aquem Deos aſſinalou por eſcravos para oſervir.

Na ſua barca eſtava Pedro peſcando, & deytando os olhos à praya, vio nella huma peſſoa, que lhe parecia ſeu Meſtre. Inquieto Pedro por amoroſo, naõ pode ſocegar na barca, ſem que logo lhe pediſſe que ſe elle era o ſeu Senhor JESUS, o mandaſſe ir ter com elle: *Domine, ſi tu es, Matth. 14. n. 30. jube me venire ad te.* Reſpondeulhe o Senhor que vieſſe: *Veni.* Deita-ſe Pedro ao mar, & o meſmo foy começar a nadar com pés, & mãos, que começar a cobrirſe todo de temores: *Videns vẽtum validum timuit.* Chega Chriſto a reprehender eſte temor de Saõ Pedro, & dislhe eſtas palavras: *Modicæ fidei, quare dubitaſti?* Homem de pouca fé, porque duvidaſte? *Ibid.*

Notavel couſa! Pergunto. Se o Texto diz que Pedro temeu: *Timuit*, & naõ diz que duvidou, como o reprehende Chriſto, dizendolhe, porque duvidaſte? *Quare dubitaſti*; dever do dizerhe, porque temeſte? *Quare timuiſti?* Se Pedro ſó teme, & naõ duvida, porque hade ſer reprehendido da duvida, devendo ſer reprehendido do temor? ſabeis porque? diz Santo Hilario he porque Pedro pelo meſmo, q̃ teme duvida: o meſmo foy Pedro temer, que duvidar; duvidou Pedro do auxilio de JESUS, como lhe faltou a fé, logo lhe ſobreveyo o temor, pois bem merece ſer reprehendido. Notay. *Hilar. hic.*

Eſtava Pedro aſſinalado por eſcravo de JESUS. Aſſim o diz elle, eſcrevendo aos de Galacia: *Petrus ſervus JESU Chriſti.* Ochamallo JESUS da barca, era para o livrar dos naufragios deſte Mundo, & ir em ſeu ſeguimento; aſſim o diſſe Laureto: *Petrus veniens ad JESUM ſuper aquas deſignat tendentem ad perfectionem.* Pois homẽ, aquem o meſmo JESUS eſtá chamando; homẽ, que move os ſeus paſſos para buſcar a JESUS, he poſſivel que chegue a ter temor? Temor he eſte taõ delinquente, que lhe chama o meſmo JESUS pouca fé: *Modicæ fidei.* Porque temer quando ſe entra voluntariamente nos perigos he prudencia; porem temer quando o meſmo JESUS manda que ſe arrojem a elles, parece a poſtaſia. *Laureti. verb. Petrus*

Naõ quer JESUS que os ſeus eſcravos ſejaõ timidos, mas quer que os ſeus eſcravos ſejaõ reſolutos, porque nada deve temer aquelle, aquem JESUS chama por eſcravo para o ſervir. Por iſſo os noſſos eſcravos do Evangelho nenhum temor os acobarda, porque como vem chamados por JESUS, pará ſerem ſeus eſcravos: *Venimus adorare*, por iſſo entaõ com tal reſoluçaõ na Corte do Rey Herodes, que naõ temem perguntar na ſua meſma preſença, onde he nacido o novo Rey: *Ubi eſt qui natus eſt Rex?*

Mas ſe os noſſos eſcravos naõ temem a Herodes, quando vaõ em buſca de JESUS, como moſtraõ que o temem, quando voltaõ; pois diz o Texto que voltárão por outro caminho: *Per aliam viam reverſi ſunt?* Sendo, que lhes pedio o meſmo Herodes que tornaſſem a voltar pela ſua Corte. Pois ſe lhes pede Herodes que voltem por ſua caza, como lhe furtaõ a volta, & vem por outro cami-

nho? Sabeis porque? Naõ foy porque tiveſſem temor, mas foy por moſtrar a ſua fidelidade; aſſim o diz Saõ Joaõ Chryſoſtomo: *Conſidera admirabilem Magorum fidem.* Aviſou Deos aos Magos, eſtando dormindo, que naõ voltaſſem pela Corte de Herodes, & foraõ taõ fieis os Magos, que ainda eſtando dormindo, obedecéraõ a Deos, & naõ quizeraõ obedecer a Herodes, eſtando acordados; porque como eſtavaõ já matriculados por eſcravos de JESUS, entendéraõ que ſó deviaõ reconhecer a JESUS por ſeu Senhor: porque ſó moſtra que he eſcravo fiel aquelle, que naõ reconhece a outro Senhor, mais que a Deos, aquem ſe tem offerecido por eſcravo.

D. Chryſ. Hom. 8.

Pſalm 118. n. 125 *Servus tuus ſum ego.* Dizia David a Deos Senhor, eu ſou voſſo eſcravo. Equẽ ha, que naõ ſeja eſcravo de Deos? Se iſto he louvor em David, todos pretenderáõ eſte louvor, porque como Deos he Senhor univerſal de todos, todos devẽ confeçar q̃ ſaõ eſcravos de Deos. He verdade, (diz Santo Ambroſio) porẽ ſó David, ou outro de ſemelhante eſpirito, póde dizer com verdade que he eſcravo de Deos; porque he David eſcravo taõ fiel, que ſó reconhece a Deos por ſeu Senhor: *Nõ poteſt hoc dicere peccator*, (diz o Santo) *multos enim dominos habet.* Naõ póde dizer o peccador que he eſcravo de Deos, porque tem muytos ſenhores, de quem ſe tem feyto eſcravo: *Venit libîdo, & dicit: Meus eſt. Venit avaritia, & dicit: Meus eſt. Veniunt omnia vitia, & ſingula dicunt: Meus eſt.* Naõ póde dizer o peccador que he eſcravo dè Deos, porque tem muytos ſenhores, de quem o peccador he eſcravo. Vem a cobiça, & diz elle, he meu. Vẽ a ſoberba, & diz elle, he meu. Vem a avareſa, & diz, elle he meu. Vem a ambiçaõ, & diz, elle he meu. Finalmente vem todos os vicios, & cada hum delles diz, he meu, meu he. Pois como pòde

póde ſer eſcravo de Deos quem de tantos vicios ſe tem feyto eſcravo?

Bem entendeu eſta verdade o Filoſofo Diogenes, pois ouvindo gabarſe Alexandre de que era ſenhor de todo o Mundo, lhe reſpondeu: *Nequaquam es dominus, ſed ſervorum meorum ſervus; vitia enim ſunt domini tui, & ſervi mei: tibi enim dominantur, ego verò ea ſuppeditavi.* Naõ es por certo ſenhor, mas eſcravo dos meus eſcravos; porque os vicios ſaõ teus ſenhores, & ſervos meus; elles eſtáõ ſenhoreando-te, & eu trago-os ſujeytos, & metidos debayxo dos pés. Tambem alcançáraõ eſta verdade huns gentios chamados Bragmanes; os quaes vendo que o meſmo Alexandre hia conquiſtando muytas terras, lhe eſcrevéraõ neſta forma: *Quid tibi prodeſt totius Orbis dominum fieri, qui infimæ, & abjectæ rei interim ſervias. Inimicos externos ſubvertis, ut internos foveas, ac ſuſtentes.* Alexandre, andas deſtruindo os inimigos exteriores, para ſuſtentares os interiores. Que importa que te faças ſenhor de todo o Mũdo, ſe te fazes eſcravo de couſa taõ vil, & bayxa, como ſaõ as culpas: moſtrando neſta admiravel ſentença, que com aquellas vîttorias, que Alexandre ganhava, lhe creſcia a ſoberba, a vaidade, a ambiçaõ, & outros muytos vicios, de quem ſe fazia eſcravo.

Apophthe. Laert. lib 6.

Picinelo

Por iſſo là hum douto, querendo retratar hum eſcravo fiel, mandou pintar em hum quadro huma fechadura, & porbayxo huma letra, que dizia: *Patet uni.* Eſta ſò a hum eſtá ſujeyta: dando niſto a entender que aſſim como a fechadura ſò eſtà ſujeyta ao que tem a chave para a poder abrir; aſſim tambem o que foſſe eſcravo fiel, ſò a Deos devia ſervir, & obedecer. Aſſim o vemos hoje nos eſcravos do Evangelho, pois ſe moſtraõ taõ fieis, que naõ quizeraõ obedecer a Herodes, & ſó obedecèraõ a JESUS, por-

q só a elle reconheciaõ por Senhor: *Per aliam viam reversi sunt.*

Estas saõ as propriedades, que devem ter os escravos de JESUS: diligencia, resoluçaõ, & fidelidade. Haõ de ser fieis, haõ de ser resolutos, & haõ de ser diligentes: diligentes no servir, resolutos no obrar, & fieis no obedecer; porque servindo deste modo a JESUS, alcançaráõ a mais perfeyta liberdade, & ficaráõ escravos livres. Todas estas propriedades tiveraõ os escravos do Evangelho, & por isso alcançáraõ hoje no portal de Belem tal indulgencia de alforria, que da escravidaõ da culpa ficáraõ reduzidos ao estado da graça. Assim o disse Euthymio: *Ingratia fuerunt sanctificati.* Esta mesma indulgencia de culpas, que hoje concedeu o mesmo Deos aos Magos, nos concede hoje tambem a todos o seu Vigario na terra; que jà póde ser, que por ser hoje o dia taõ proprio de Indulgencia, reservasse de industria a Indulgencia para este dia, como eu dizia depois. Façamos pois todos por ganhar hoje esta taõ grande Indulgencia, matriculando-nos todos por escravos de JESUS, porque fazendo-o assim, deyxaremos o caminho da culpa, & voltaremos pelo caminho da graça, pelo qual se vay a louvar a Deos por eternidades de gloria. *Quam mihi, & vobis, &c.*

Apu Sylv. tom. 1.

SER-

SERMAÕ

DO EVANGELISTA S. MATTHEUS,

Prégado no Paço do Excellentissimo Conde da Ribeyra no anno de 1700.

Cum transiret JESUS, vidit hominem sedentem in telonio Matthæum nomine, & dixit illi: Sequere me.
Matth. 9.

Uydava eu atégora que o parar o Sol antiguamente ás vozes de Josué fora o mayor prodigio, que no Mundo já mais se vio; porém pondo hoje os olhos no Evangelho deste dia, vejo q ainda succedeu no Mundo outro prodigio mayor. Cuydava que o parar o Sol ás vozes de Josué fora o mayor prodigio, & fora o mayor milagre: porque se a mayoria de hum milagre, & a grandeza de hum prodigio entaõ se deve reconhecer por supremo, quan-

do a couſa, que por elle ſe obra, tem mayor difficuldade; não vi eu difficuldade mayor, que fazer parar o Sol, ſendo taõ grande no corpo, & taõ veloz no movimento.

He o Sol hum corpo taõ grande, que ſegundo os melhores Aſtronomos, he mayor que a terra cento & ſeſſenta & nove vezes. He o Sol taõ veloz no movimento, que paſſa qualquer ponto do Zodiaco cõ muyto mayor ligeyreſa, do q̃ a q̃ tivera hũa ave, ſe no eſpaço em que ſe póde reſar huma Ave Maria, dera ſette voltas ao redor de toda a terra. E ſendo o Sol taõ grande na quantidade do corpo, & taõ veloz na ligeyreſa do motu, ver que as vozes de Joſué fizeraõ parar o Sol! Foy iſto hum prodigio taõ raro, que fez paſmar o Mũdo todo: *Toto ſtupente Orbe*, diſſe o douto Sylveyra: foy hum milagre taõ eſtupẽdo, que ſe chama por Antonomaſia grande: *Magnum ſignum ſiſtere mobiliſſimum luminare*, diſſe tambem o doutiſſimo Zuleta.

Sylv. tom. 6

Zulet.

Porém ſendo Joſué taõ milagroſo, que fez com duas palavras que o Sol paraſſe no ſeu curſo: *Sol cõtra Gabaon ne movearis Ste tit itaque Sol*, naõ pudéraõ fazer as palavras de Joſué que paraſſe a cobiça de hũ homem, para que naõ furtaſſe huma regra de ouro da Cidade de Jericó: *JESUS Nave, qui potuit Solem ſiſtere, ne præcederet; avaritiam hominis non potuit ſiſtere, ne ſeiperet: ad vocem ejus Sol ſtetit, avaritia non ſtetit.* Póde Joſué fazer (diz Santo Ambroſio) que o Sol paraſſe, porém naõ pode fazer que a avareſa de hum homẽ ſe detiveſſe: às ſuas vozes parou o Sol: *Ad vocem ejus Sol ſtetit*, porém não parou a avareſa às ſuas vozes: *Avaritia non ſtetit.*

Joſ. 10 n. 12.

D. Amb. lib. 3. offic. c. 26.

Mas como havia Joſué de fazer parar a avareſa de hum homem, ſe he muyto mayor milagre fazer deter a hum homem na carreyra da ſua cobiça, do que fazer parar o Sol na ſua agigantada carreyra. Taõ grande milagre he a converſaõ de hum avarento, que ſe para fazer parar o Sol baſtou o poder de Joſué, para fazer parar a hum avarento he neceſſario o poder do meſmo Deos: *Magna relinquere*, (diz Saõ Joaõ Chryſoſtomo) *& minora amare, Dei poteſtatis eſt.* Pois ſe o fazer parar hum homem na carreyra da avareſa he couſa taõ difficultoſa, que ſó o póde obrar a Omnipotẽcia Divina; já me naõ admira o milagre de Joſué em fazer parar o Sol, pois o fazer parar a hum avarento ainda he mayor milagre. Eſte milagre, que Joſué naõ pode obrar naquelle homem de Jericó, vemos hoje que o obrou o verdadeyro Joſué Chriſto JESUS em hum homem de Galilea. Vamos ao Evangelho, & veremos como ſuccedeu o caſo.

D. Chryſ. Serm. 168.

Paſſando Chriſto Senhor noſſo pelas prayas de Cafarnaũm, vio junto do mar hum homem, que ſe chamava Mattheus, o qual eſtava ſentado em huma menza, ou telonio, aonde ſe cobrava o dinheyro das rendas, & impoſições, que ſe pagavaõ a Ceſar; & pondo Chriſto nelle os olhos, lhe diſſe que ſeguiſſe logo os ſeus paſſos: *Cum tranſiret JESUS, vidit hominem ſedentem in telonio, & dixit illi: Sequere me.* Sentado eſtava Mattheus junto do mar, tratando dos ſeus negocios, & dos ſeus cambios, quando Chriſto Senhor noſſo poz nelle os ſeus olhos, & naõ ſó me quer parecer que eſtava Mattheus junto do mar, pelo lugar, em que aſſiſtia, ſenaõ tambem que era Mattheus hum mar, pelo officio que exercitava. Exercitava Mattheus o officio de Publicano, que he o meſmo que de hum contratador publico, cujo exercicio tudo ſaõ negocios, cuja vida tudo ſaõ cambios, & como eſte era o officio de Mattheus, era Mattheus hum mar no ſeu officio.

Matth. 9.

E ſe naõ dizeyme: que couſa he a vida de cambio? Senaõ hum mar, aonde ſe embarcaõ em cartas huns

para Roma, outros para Flandes; huns para Inglaterra, outros para França; huns para Lisboa, & outros para a India; & em dous dedos de papel levaõ às vezes mais do que coubera em hum navio. Desta casta de mar, & deste modo de embarcaçaõ parece que falou o Profeta Isaias, quando disse: *Mittunt legatos suos in vasis papyri.* Que em vasos de papel se fazem muytas viagens. E huma letra, huma firma, ou huma carta, importa ás vezes muyto mais, doque hũa nao, que vem da India. He a vida de cambio vida de mar, porq̃ se o mar sempre anda em hũ continuo movimento; o que se exercita em negocios, & em cambios, sempre está em hum continuo alvoroço, já temẽdo o receyo dos correspõdentes, a pouca lealdade dos criados, a falta de providencia nos homens de negocio, o descuydo dos agentes, os perigos dos piratas, o naufragio das ondas; & com todos estes enchentes, & minguantes de tal sorte se altera este procelloso mar da cobiça, que nunca se acha cõ socego, porque sempre corre inquieto.

Isaia 18.n. 2.

Para fazer parar a Mattheus nas correntes deste mar, ou para livrar a este mar de correntes, lhe pos o Senhor JESUS os seus olhos, fazendo pedra fundamental da sua Igreja ao que de antes era hum mar inquieto na cobiça. Das ribeyras do mar foy tirar hoje esta pedra para singular ornamento de toda a sua Igreja. Queria Christo Senhor nosso principiar o edificio, para afactura do qual tinha vindo ao Mundo, como o disse Isaias: **Posui verba mea in ore tuo,..., ut plantes Cælos, & fundes terrã: & dicas ad Sion: Populus meus es tu* Para fundamẽto deste espiritual edificio escolheu Christo doze pedras, que foraõ os doze Apostolos, & de dentro das agoas tirou Christo estas pedras. Que jà por esta razaõ mandou Deos antiguamente a Josué que das agoas

Isaia 51.n. 16.

agoas do Jordaõ escolhesse doze pedras, as quaes servissem de base, & munimento eterno aos filhos de Israel: *Tollant de medio Jordanis duodecim durissimos lapides..., in monumentũ filiorũ Israel in æternum.* Do rio Jordaõ mandou Deos tirar estas doze pedras, para que se visse que do mar deste Mundo havia de escolher aos seus doze Apostolos: mandou-as escolher do rio Jordaõ, porque se a agoa deste rio he muy turva, & muyto chea de lodo por causa das inundacões, que correm do monte Libano, como diz o doutissimo Tostado: *Aqua Jordanis erat turbida, & lutulenta propter alluvionem.* Do lodo das culpas, & domar das occasiões tirou Christo estas pedras cheas de limo, para que purificadas com as novas agoas da graça, servissem de ornamento a toda a sua Igreja, & sendo d'antes pedras toscas, ficassem ao depois pedras preciosas.

Josue 4.n.3.

Abulens. in 4. Reg c. 5.q.6.

Bem conheceu o Evangelista S. Joaõ a preciosidade destas pedras, quando as vio engastadas nos diafanos muros da celestial Jerusalem. Doze eraõ as pedras, (diz o Evangelista mimoso) que adornavaõ aquella celestial Cidade, porque doze foraõ os Apostolos, que edificàraõ esta militante Igreja. A primeyra pedra era Jaspe, a segunda Safira, a terceyra Calcedonio, a quarta Esmeralda, a quinta Sardonix, a sexta Sardius, a settima Chrysolithus, a oytava Beryllo, a nona Topasio, a decima Chrysopraso, a undecima Jacintho, a duodecima Amethisto.

Apoc. 21. n. 19.

O Jaspe representava a Saõ Pedro, a Safira a Saõ Paulo, o Calcedonio a Santo André, a Esmeralda a Saõ Joaõ, o Sardonix a Saõ Thadeu, o Sardio a S. Filippe, o Chrysolitho a S. Mattheus, o Beryllo a Saõ Thomé, o Topasio a Saõ Bartholomeu, o Chrysopraso a Santiago, o Jacintho a Saõ Simaõ, & o Amethisto a Saõ Mathias. Todas estas pedras serviaõ àquella Celestial

Ita Castill. de vest. exceptuãdo. Chrysolitho, q̃ he de opiniaõ cõtraria.

leſtial Cidade de ornato, porque todas ellas ſerviraõ á Igreja de fundamento.

Porém ſendo iſto aſſim, naõ ſey que cores diviſo em huma deſtas doze pedras, que ſendo no numero a ſettima, parece que leva às demais a primaſia. He o Chryſolitho a ſettima pedra, q̃ o Evangeliſta vio naquella Celeſtial Cidade. He Saõ Mattheus o ſettimo Apoſtolo, que Chriſto chamou para pedra fundamental de ſua Igreja; por iſſo diſſe o doutiſſimo Ozorio q̃ o Chryſolitho repreſentava a Saõ Mattheus: *Septimo loco Matthæus numeratur inter Apoſtolos, & ſeptimum fundamentum Cæleſtis Hieruſalem Chryſolithus eſt, ideo hic lapis meritó Matthæo tribuitur.* Pois ſe Mattheus ſe repreſẽta no Chryſolitho, quizera eu hoje que as meſmas propriedades, com que a natureſa dotou a eſta preciosa pedra, me ſerviſſem de aſſumpto para o Sermaõ deſta hora. Veremos pois nos diſcurſos do Sermaõ que todas as ſingularidades, de que participa o Chryſolitho por influxos da natureſa, todas ſe achaõ em Saõ Mattheus por privilegios da graça. Deſta neceſſito.

Ozor. in feſt. D. Matth.

Ave Maria.

Cum tranſiret JESUS, &c.

DO lodo da culpa, & do mar da occaſiaõ foy hoje Chriſto tirar a Mattheus, para o ſazer pedra precioſa, & ſingular ornamento de toda a ſua Igreja; & ficou taõ precioſa eſta pedra, que ſe d'antes era pedra de avareſa, em lhe pondo Chriſto os olhos, ficou huma pedra cryſtallina; ſe d'antes era huma pedra de eſcandalo, com a viſta de Chriſto ſe converteu eſta pedra em precioſo Chryſolitho. A primeyra propriedade, que deſcobrimos no Chryſolitho, he ſer de huma cor taõ diafana, & tranſparente, que parece hũeſpelho; aſſim o affirma Boecio do Chryſolitho da Europa: *Chryſolithi Europei inſtar ſpeculi Chryſtalli:* Pois eſta meſma propriedade, de que participa o Chryſolitho por influxo da natureſa, deſcubro eu em Saõ Mattheus por privilegio da graça.

Boecio citat apud Enigm. Numer.

Foy Saõ Mattheus hum eſpelho, que aſſim o diſſe S. Paſcaſio: *Erat Matthæus ſpeculum, ſed in tenebris reconditum*; porém como os vapores da terra tinhaõ mãchado eſte eſpelho, tudo o que repreſentava, eraõ negocios do Mundo, porque faltava a eſte eſpelho a claridade do Ceo; mas tanto que o Sol Chriſto pôz os olhos neſte eſpelho: *Vidit JESUS hominem*, logo ficou o eſpelho cryſtallino, porque logo ſe veſtio com as propriedades do Chryſolitho. E que reſultou daqui? Sabeis que? Que de tal ſorte ſevio Mattheus no eſpelho de ſi meſmo, q̃ primeyro chegou hoje a confeçar a ſua culpa, do que declare a ſua peſſoa, primeyro publica o ſeu telonio, do que diga o ſeu nome: *Vidit JESUS hominem ſedentem in telonio Matthæũ nomine.* Naõ diz que vio JESUS a Mattheus ſentado em o telonio; mas que vio Jeſus a hum homem ſentado em hum telonio, que ſe chamava Mattheus. Poes qual ſerà a razaõ, porque eſcrevendo Mattheus a ſua vida, primeyro faz menção do ſeu telonio? Sabeis porque? Porque ſe revia Mattheus nos ſeus peccados como em eſpelho, para a emenda da ſua vida. E ſendo iſto aſſim, bem podemos affirmar q̃ de tal ſorte peccou Mattheus nas ſuas onzenas, como ſenaõ peccára nos ſeus contratos.

D. Paſch. apud Sylv. tom. 6.

Diz o Eſpirito Santo por bocca de Salamão que de todos os Reis de Iſrael ſó David fora Santo, porq̃ naõ offendera a Deos com a menor culpa, naõ lhe quebrára a ſua Ley com o menor peccado: *Omnes præter David peccatum commiſerunt.* Confeço que naõ entendo a verdade deſte Texto! Se da meſma Eſcrittura conſta que David gravemente delinquio, como diz o Eſpirito

Eccl. 49. n. 5.

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA COIMBRA

rito Santo que David nunca peccou? Póde haver mayor peccado que o homicidio? ou póde haver mayor delito, q̃ o adulterio? Não por certo. Pois ſe David eſquecido das obrigações de Rey ſe fez vaſſallo do ſeu affecto; ſe David naõ ſe lembrando do que devia á fidelidade do ſeu Reyno, mandou matar a Urias, fazendo o correyo da ſua meſma deſgraça, & proprio da ſua meſma ruina; ſe David tudo iſto cõmetteu, como diz Deos que David de nenhũa ſorte peccou: *Omnes præter David peccatum commiſerunt?* Eu o direy. He verdade que peccou David muytas vezes, mas aſſim tinha preſente na ſua conſideraçaõ a ſua culpa, que ſempre traſia diãte dos olhos o ſeu peccado: *Et peccatum meum contra me eſt ſemper.* E quem de tal ſorte offende, que tras diante dos olhos o ſeu delito, aſſim pecca, que parece que naõ offende; aſſim offende, que parece que naõ pecca: *Præter David omnes peccatum commiſerunt.*

Aſſim ſe houve David nas ſuas offenſas, & aſſim ſe houve tambẽ Mattheus nas ſuas uſuras. David por traſer diante dos olhos o ſeu peccado, naõ ſe deu Deos por offendido de David. Mattheus por ſe rever como em eſpelho no ſeu telonio, ficou como ſenaõ commettera contra Deos algũ peccado. Oh ſe todos os homens tiveraõ por eſpelho os ſeus peccados, como he certo q̃ haviaõ de emendar os ſeus defeytos! Se aſſim como imitaõ a David, & a Mattheus no eſtado de peccadores, os imitáraõ nas ſuas conſiderações, como ſe comporia a ſua alma á viſta deſte eſpelho!

Diſſe Seneca que o fim, para que ſe inventáraõ os eſpelhos, naõ ſoy para hũa peſſoa ſe adornar, mas ſoy para ſe conhecer: *Inventa ſunt ſpecula, ut homo ipſe ſe noſceret.* He o eſpelho hum conſelheyro mudo para todos os eſtados; porque o eſpelho ao objecto, que he fermoſo, eſtá mudamente aconſelhãdo que naõ affeye com

com vicios a ſua belleſa; ao que he ſeyo aviſa que recupere com virtudes da alma as faltas, que tem de fermoſura; ao que he moço lhe adverte, que naõ gaſte em torpeſas a ſua mocidade; ao que he velho lhe aconſelha que aquellas cãs do ſeu roſto lhe eſtaõ ſervindo de motivos para cuydar já no ſeu ſepulchro: a todos o eſpelho nos aconſelha, porq̃ a todos nos deſengana. Oh ſe em nós houvera olhos para ver eſtes deſenganos, como não haveria em nós tãtos vicios! Se o avarento tivera olhos para ver o ſeu peccado, como havia de ver os defeytos da ſua culpa, para deyxar a grandeſa do ſeu delicto! Se o ambicioſo ſe vira no eſpelho do ſeu delicto, como conheceria bẽ o ſeu peccado, para aborrecer a fealdade da ſua culpa! Se a mocidade ſe vira no eſpelho da ignorãcia, quẽ havia de enganar a mocidade? Se a fermoſura ſe vira no eſpelho dos ſeus deſatinos, quẽ havia de fazer caſo dos enganos da fermoſura! Mas porq̃ cada hum de nós ſe naõ vé, como Mattheus, no eſpelho dos ſeus peccados, por iſſo nos naõ cõvertemos como Mattheus, q̃ o meſmo foy verſe no eſpelho do ſeu deſẽgano, q̃ trocar logo as fragilidades de eſpelho nas excellẽcias do Chryſolitho: *Chryſolithi Europæi inſtar ſpeculi cryſtalli: Erat Matthæus ſpeculũ, ſed in tenebris reconditum.* D. Iſidor. apud Panlet.

Mas como não he eſta ſó a propriedade do Chryſolitho, aſſim naõ foy ſó eſta a excellẽcia de Mattheus. Tẽ o Chryſolitho o ſeu nacimẽto na Ethiopia, porq̃ (como diz Sãto Iſidoro,) na Ethiopia he q̃ ſe gera: *Æthiopia hunc lapidẽ gignit.* E ſuppoſto q̃ Mattheus naõ naceu na Ethiopia, habitou na Ethiopia por muytos tẽpos, porq̃ nella aſſiſtio vinte & tres annos: a hi converteu muytos gentios, edificou muytos templos, levantou muytos altares, ordenou muytos Sacerdotes, & cõſagrou muytos Biſpos: ahi cõpos o Evãgelho, & ahi teve o ſeu martyrio. He verdade, q̃ naceu Mattheus ẽ Galilea, mas

mas como naſcia para Chryſolitho da Igreja, bem era que tiveſſe na Ethiopia, o reſplandor já que naõ teve na Ethiopia o nacimento.

Mas hè digno de reparo, que veſtindo a natureſa neſta terra aos Ethiopes de preto, veſte a natureſa ao Chryſolitho da cor do ouro: *Chryſolithus ut aurum fulget*: diz Santo Anſelmo, ou como diſſe Carthuſiano: *Gemma hæc tota aurei eſt coloris.* De ſorte que naõ ſó luz o Chryſolitho, como eſpelho, ſe naõ que tambem reſplandece como o ouro. Ora vede. Poz Chriſto os olhos em Mattheus: *Vidit JESUS hominem*; & naõ ſó com a viſta de ſeus olhos ficou Mattheus hum eſpelho claro, mas tambem ficou hum ouro fino. Nem hè muyto de admirar què aſſim foſſe; porque ſe o Sol penetrando os meatos da terra, produz o ouro mais fino nas ſuas entranhas, & cria as pedras mais preciozas nas ſuas veas, quanto melhor os olhos de Chriſto, que ſaõ mais reſplandecentes que o Sol: *Occuli Domini* (diſſe o Eccleſiaſtico) *multò plus lucidores ſunt ſuper Solem.* Com eſtes olhos penetrou hoje o Sol Divino o mineral de Mattheus, gerando nelle o ouro da graça, & a pedra preciozа da miſericordia; aſſim o diz Jacob de Voragine: *Oculi Domini ſuper Solem lucidores, peccatorum corda penetrando generant aurum gratiæ, & lapidem pretioſum miſericordiæ.*

Dionyſ. Carthuſ. in cap 21. Apoc.

Eccleſiaſt. 23. num. 28.

Jacob de Vorag. ſerm. de D. Matth.

Eſtava eſte ouro de Mattheus deſconhecido, porq o traſia a terra encuberto; mas como aos olhos de Deos nada ſe eſconde: *Omnia ſunt nuda, & aperta oculis ejus*; & com os olhos vé todo o precioſo, (como diſſe o Santo Job: *Omne pretioſum viuit oculus ejus*) com a claridade deſte Divino Sol ſe deſcobrio eſte precioſo ouro. Refere Bercorio que na Cidade de Roma houve antiguamente huma eſtatua de bronze, aqual tinha junto dos pés hum titulo, que dizia deſte modo: *Kalendis Martii orientes Sole, le habebo caput aureum.* No primeyro dia de Março, em naſcendo o Sol, heyde ter huma cabeça de ouro. Paſſaraõ-ſe muytos tempos, ſem que houveſſe alguem, que interpretaſſe aquella inſcripçaõ nem entendeſſe aquelle titulo, atè que diſcorrendo hum agudo engenho ſobre o caſo, foy no primeyro dia de Março ao lugar, a onde eſtava a eſtatua, & advertindo com cuydado, que ao ſair do Sol ſe dilatava a ſombra da eſtatua, poz hum final na quella parte, aonde tocava a ſombra da cabeça, & cavando no meſmo ſitio, achou huma mina de ouro

Job. 28. n. 10.

Eſtatua de bronze era Mattheus na dureſa dos ſeus cambios, & na permanencia dos ſeus contratos: *Sedentem in telonio*; porém tanto que o Sol Divino iluſtrou eſta eſtatua com ſeus rayos, logo com os rayos deſte Sol ſe deſcobrio eſte ouro. Tanto que Chriſto pôs os olhos em Mattheus, logo com a luz deſtes olhos deſpio Mattheus as propriedades de bronze, ficando como precioſo Chryſolitho com propriedades de ouro. Ora vamos diſcorrendo ſobre eſtas propriedades.

He o ouro hum metal taõ peregrino, que com nenhum accidente ſe altera, porque com nenhuma contradiçaõ ſe muda: porque o ouro, ou ſe lance na fornalha, ou ſe precipite no lodo, ou ſe miſture com chumbo, ou ſe bata com o martello, ſempre oa chareis o meſmo, porque nenhũa deſtas contrariedades faz mudar ao ouro de cores. Donde veyo, que formaraõ alguns ao ouro hum emblema com hum titulo por bayxo, que dizia: *Semper idem*: Eſte ſempre he o meſmo. E ſe eſta he a propriedade do ouro, eſta foy tambem a excellencia de Mattheus.

Foy Mattheus hum Santo como o ouro; porque ſe o ouro, ou ſe veja ſublimado ſobre as cabeças, ou metido de bayxo dos pés, ſempre ſe acha com a meſma conſtancia; porque ſempre tem o meſmo valor, Mattheus

theus tanto que com a viſta de Chriſto ſe tranſmutou em fino ouro, ſempre ſe cõſervou o meſmo; porque nenhum accidente lhe fez mudar a cor da ſua reſoluçaõ, nem variar a conſtancia do ſeu propoſito. Se he neceſſario largar livros de contas, & deyxar todas as riqueſas, tudo deyxa Mattheus com preſteſa, & ſegue a Chriſto com a legria: *Sequebatur Matthæus Chriſtũ lætus, & alacer*, diſſe Santo Ambroſio. Com taõ bom roſto aceytou Mattheus as caricias, com que o recebeu o Rey do Egypto, como aceytou as ameaças, com que o comminou o Rey Hytaco; com a meſma conſtancia ſe houve no martyrio, que lhe deraõ, como na adoraçaõ, que os ſacerdotes do Egipto como a Deos lhe offereciaõ. De tal ſorte ſe houve Mattheus em todas as ſuas acçoẽs, que nem o vento da vãgloria o fez cahir, nem os ameaços dos tormentos o fizeraõ deſmayar, conſervando-ſe ſempre o meſmo, tanto nas adverſidades, como nas bonanças: *Semper idem*. E tendo Mattheus todas eſtas prerogativas, naõ foy muyto que Chriſto o foſſe tirar junto das agoas para Apoſtolo da ſua Igreja, & para ſoldado da ſua milicia.

D. Amb. citat. à Faco. de Vorag. Serm. de D. Matth.

Quiz Deos antiguamente fazer eſcolha dos ſoldados, que haviaõ de pelejar debayxo da ſua bandeyra, & mandou a Gedeaõ, que os levaſſe a todos ás agoas, para que no modo do beber experimentaſſe o ſeu valor: *Duceos ad aquas, & ibi probabo illos*. Deu Gedeaõ á execuçaõ eſte Decreto de Deos, mandando a todo o exercito, que bebeſſe da fonte Harad. Mas he muyto de notar que, bebendo todo o exercito naquella fonte, ſó fez Deos eſcolha dos ſoldados, que lambèraõ as agoas como caẽs: *Qui linguâ lambuerint aquas, ſicut ſolent canes lambere, ſeparabis eos ſeorſum*. O que ſuppoſto, entra agora o meu reparo.

Judicum. 7. num. 4.

Se Deos quer examinar o valor, que devem ter os ſeus ſoldados, & o preſtimo que

que haõ de ter os ſeus eſcolhidos, naõ parecia melhor que os comparaſſe a Leões, Tigres, ou Urſos, que ſaõ animaes muy esforçados, do q̃ comparallos aos cães, que não ſaõ os mais valentes? Melhor parecia aſſim. Pois ſe eſta comparação parecia mais ao intento para repreſentar o valor de hum ſoldado, como quer Deos que os ſoldados do ſeu exercito tenhaõ as propriedades do caõ, devendo ſerem Leões, ou Urſos nas ſuas propriedades? Sabeis porq̃? Porq̃ naõ fazia Deos tanto caſo da valentia, como fazia da conſtancia; naõ examinava tanto aos ſeus ſoldados de valentes, como os examinava de firmes, & conſtantes; & ſendo eſte o ſeu fim, melhor era q̃ os ſoldados de Deos tiveſſem as propriedades do cão, do que ſerem Leões nas ſuas propriedades.

Notay: he o cão de condiçaõ taõ generoſa, q̃ nem os afagos do dono o enſoberbecem, nem os caſtigos, que lhe dà, o exaſperaõ: *Canis* (diz Eſtefano Cantuarienſe) *percuſſus à domino non oblatrat, ſed etiam poſt verbera redit ad dominum*. Aos afagos do ſeu ſenhor correſponde o cão com rendimentos, aos caſtigos com ſubmiſſoẽs, ficando ſempre o meſmo, tanto regalado com o paõ, como caſtigado com o pao. Pois com eſtas propriedades quer Deos aos ſeus eſcolhidos. E ſe eſtas devem ſer as propriedades, que haõ de ter os eſcolhidos de Deos, não faltáraõ a Saõ Mattheus eſtas meſmas propriedades; porque foy Mattheus entre os mais Santos hũ Santo muy eſcolhido; foy eſcolhido Mattheus entre os Santos, como o ouro entre os metaes; & ſe o ouro (como diſſe Caſſiano) he o Rey de todos os metaes: *Aurum eſt Rex corporalium rerum*; Mattheus foy o Principe entre os Evangeliſtas.

Stephã. Cant. in Allegor. Titel. mag.

Caſſiano.

Aquelles quatro rios, que correm do Parayſo, dizem cõmummente os Doutores que repreſentaõ os quatro Evangeliſtas, que

E eſcre-

escrevèraõ o Evangelho; porém desejando eu saber, qual destes rios representava a S. Mattheus, acho que diz S. Pedro Damiaõ que Mattheus se assemelha ao rio Fison: *Matthæus assimilatur flumini Phison.* E qual será a razão? Será por ventura, porque assim como as agoas deste rio sempre conservaõ a mesma limpesa, & claridade, assim tambem Mattheus sempre conservou a mesma firmesa, & constancia? Naõ duvido ser assim; porque assim o temos dito. Será tambem, porque assim como este rio he symbolo da sabedoria, assim Mattheus foy na sabedoria hum mar? Sim póde ser. Ou será, porque assim como as agoas deste rio a todos causaõ saude, assim Mattheus a muytos enfermos deu a vida? Todas estas razões saõ muyto boas; porém a que dá Saõ Pedro Damiaõ, passa por todas.

Representa (diz S. Pedro Damiaõ) o rio Fison a Mattheus, porque assim como este rio he o primeyro dos quatro, que correm do Parayso, assim Mattheus entre os quatro Evangelistas, não só he o primeyro na ordem, mas tambem na dignidade; & gerando se neste rio o ouro mais precioso, era muy conveniente q Mattheus se assemelhasse a este rio, para que se conheça que aquella primasia, que tem o ouro entre os metaes, essa mesma tem Mattheus entre os Evangelistas. Vaõ as palavras de Saõ Pedro Damiaõ: *Matthæus assimilatur flumini Phison: sicut enim Phison primus est fluviorum de Parady si fonte procedentium, ita Matthæus inter reliquos Evangelistas primum obtinet locum. Satis ergo conveniens est, ut sicut apud Phison optimum repræsentatur aurum, sic apud beatissimum Evangelistam ordinis primicerium intelligamus thesauri cælestis incomprehensibile Sacramentum.* D. Petr Dam. Serm. 2. de D. Matth. fol. 129. col. 1.

Leva Mattheus a primasia a Saõ Marcos, & a Saõ Lucas; porque supposto q estes foraõ Evangelistas, naõ foraõ Apostolos. Leva Mattheus a primasia a Saõ Joaõ, porq suppposto q Joaõ foy Apostolo, & Evangelista, não cõsta da Escrittura que padecesse martyrio ás mãos de algũ tyranno; porém Mattheus foy Apostolo, Evangelista, & Martyr; tudo disse o Bispo Menepolitano: *Socios antecellit, Marcum quidem, & Lucam, quia Apostolorum dignitatẽ non sunt sortiti; Joannẽ verò, quia martyrii palmam non accepit.* Joan. Lop. Epist. Menep in fest. D. Matth. fol. 170 col. 1.

Desta primasia resultou a Mattheus tal dignidade, q me atrevo a dizer q não teve Mattheus semelhãte. De Elias diz a sagrada Escrittura q foy hum Santo taõ unico, q se podia gloriar de naõ ter a si semelhante *Quis potest similiter sic gloriari?* Pois porq naõ ha de haver Sãto semelhante a Elias? Se foy pelos milagres q obrou, mais duplicados milagres obrou o seu discipulo Eliseu, porq teve dobrado espirito. Pois sendo isto assim, porq hade ser só Elias o q goze esta excellencia? A mesma Escrittura dá a razaõ: *Quia sustulisti mortuum ab inferis.* Goza Elias aquella prerogativa, porq deu a vida a hũ morto. Pois quanto he por isso, muytos foraõ os q resuscitáraõ mortos. Assim he, (diz Abulense) porẽ Elias foy o primeyro entre todos, & por ser entre todos o primeyro, naõ teve Elias semelhãte: *Gloriosior est omnibus Prophetis, quia ipse fuit primus, qui suscitavit hominem.* Pois se Elias naõ teve a si semelhante, por ser o primeyro, q deu a vida a hum morto; Mattheus tambem naõ tem semelhante, por ser o primeyro, q escreveu o Evãgelho. E se Elias, por gozar aquella excellencia, foy o mayor entre os Profetas, Mattheus por gozar esta prerogativa, foy o Principe entre os Evangelistas. Ecclí. 48. n. 4. Abul. q. 16. c. 2. l. 4. Reg

Eu bem quizera fugir de cõparações, porẽm o assũpto me mete nellas, sẽ eu querer, porq como he assumpto de ouro, obriga me a q ponha este ouro no seu ponto. Ora vamos subindo de põto cõ este ouro, porq naõ he bẽ

q̃ apuremos ſó a Mattheus entre os Evangeliſtas, mas tambẽ entre os mais Sãtos. Vejamos como ſendo Mattheus ſemelhãte aos mayores Santos, não ha Santo ſemelhante a S. Mattheus. O mayor Santo da ley eſcritta foy Moyſés, pois gozou tal excellẽcia, q̃ chegou a ſubſtituir as vezes de Deos na terra: *Conſtituo te Deũ Pharaonis*. Porẽ ſẽdo Mattheus muy ſemelhante em tudo a Moyſés, como diſſe S. Pedro Damiaõ: *Matthæus fuit alter Moyſes*; na meſma ſemelhãça deſcubro eu em Mattheus a ſua ſuperioridade. Ora ouçaõ primeyro as ſemelhãças que dellas inferiremos a ſuperioridade em Mattheus.

Primeyramente foy Mattheus ſemelhante a Moyſés, porq̃ ſe Moyſés he o meſmo q̃ mãdado por Deos: *Miſſus a Deo*; Mattheus he o meſmo q̃ mãdado do Altiſſimo: aſſim o diz Sãto Athanaſio: *Matthæus, ideſt, mandatum Altiſſimi*. Se Moyſés com a ſua vara obrou milagres, Mattheus com a ſua penna obrou prodigios. Se Moyſés foy maõ de Deos: *Digitus Dei eſt hic*, Mattheus tambem ſe chama maõ de Deos. Aſſim o diz Jacob de Voragine: *Matthæus, ideſt, manus Dei*. Se Moyſés era de ſeu natural muyto brando: *Vir erat in terra mitiſſimus*, Mattheus foy taõ brã do no natural, que tinha a ſuavidade do mel; aſſim o diz Saõ Germaõ: *Matthæus idem eſt, ac mel, & ſuavis*. Se Moyſés ſe confeſſou por indigno de ſer Deos de Faraó; Mattheus renunciou a dignidade de Deos, que lhe offereciaõ no Egypto. Se Moyſés foy o eſcrittor, que nos deu luz de todas as obras, que Deos fez, Mattheus foy o primeyro Coniſta q̃ nos declarou os myſterios, q̃ Chriſto S. noſſo obrou. Se Moyſés ao primeyro livro, q̃ fez, lhe pos por titulo livro da geraçaõ: *Liber Geneſis*, Mattheus ao primeyro Evangelho, q̃ cõpos, tambem lhe pos eſte titulo: *Liber generationis*. Finalmẽte ſe Moyſés mereceu ſer ſublimado ſobre todos os que eſcrevéraõ o Teſtamẽto velho,

Jacob de Vorag. in vit. D. Matth.

D. Germ. de rebus Eccleſiaſtic.

lho, Mattheus mereceu ſer preferido a todos os q̃ eſcrevéraõ o Teſtamento novo. Tudo diſſe Saõ Pedro Damiaõ: *Beatus Matthæus fuit alter Moyſes: ſicut enim Moyſes proponitur omnibus, qui ſcripſerunt in veteri Teſtamẽto, ita beatus Matthæus juxe præcellit qui ſcripſerunt in Teſtamento novo.*

Vbi ſupra.

Porém tendo Mattheus todas eſtas ſemelhanças cõ Moyſés, ainda ſe deſcobre mayor ſuperioridade em Mattheus; porque ſe Moyſés eſcreveu as obras da creaçaõ de todo o Mundo, Mattheus eſcreveu as obras da Redempçaõ, que foy todo o noſſo remedio. Por iſſo diz Saõ Pedro Damiaõ que ſerá Mattheus o ſegundo a Moyſés nas obras da natureſa, porém que foy Mattheus o primeyro na dignidade, & na graça: *Secundus quidem quo ad ordinem, primus tamen quo ad dignitatẽ, & ſanctitatem.*

Vbi ſupra.

Paſſemos do mayor Santo da ley eſcritta para o mayor Santo da Ley da graça. O mayor Santo da Ley da graça foy o Baptiſta; porém ſe a mayor reſiſtencia he prova da mayor ſantidade, querme parecer que mayor reſiſtẽcia fez Mattheus na occaſiaõ, que ſe lhe offereceu, do que o Baptiſta na occaſiaõ, que evitou. Proponho o caſo, & cada qual dará o ſeu voto.

Reſuſcitou Mattheus a hum filho de Egypto, que era Rey da Ethiopia, & vendo o Rey eſta grande maravilha, convocou a todos os grandes do ſeu Reyno, para que veneraſſem todos a Mattheus como a Deos; & preparando-ſe todos com coroas de ouro, para offerecerem a Saõ Mattheus ſacrificio, lhe ſahio o noſſo Santo ao encontro, dizendolhes eſtas palavras: *Viri fratres, quid facitis? Ego Deus non ſum, ſed ſervus Domini JESU Chriſti.* Irmãos, que fazeis? Porque eu naõ ſou Deos, mas ſervo de noſſo Senhor JESU Chriſto. Iſto foy o que ſuccedeu a Mattheus, vejamos agora o que ſuccedeu ao Baptiſta.

Offerecéraõ ao Baptiſta a dignidade de Meſſias, & renunciou a offerta, dizendo que não era Chriſto: *Non ſum ego Chriſtus.* Iſto fez o Baptiſta, & iſto ſez tambem Mattheus; o Baptiſta dizendo: Eu naõ ſou Chriſto; Mattheus dizendo: Eu naõ ſou Deos. Porém ſẽdo eſtas reſpoſtas iguaes, creyo que naõ foraõ iguaes as reſiſtencias, ſe attendermos ao modo, com que ſe fizeraõ as offertas, porque as offertas, que fizeraõ ao Baptiſta, conſiſtiaõ ſó em palavras: *Tu quis es?* As offertas que fizeraõ a Mattheus, eraõ offertas acompanhadas com obras; porque com effeyto vinhaõ offerecer a Saõ Mattheus ſacrificio, como a Deos. A Divindade que offereciaõ ao Baptiſta, era huma Divindade diſtarçada, porque lha naõ offereciaõ claramente; a Divindade que offereciaõ a Mattheus, era huma Divindade deſcuberta, porque claramente lha offereciaõ.

Logo attendendo ao modo das offertas, parece que de algum modo foy mayor a reſiſtencia de Mattheus, do que foy a do Baptiſta. E ſe damayor reſiſtencia ſe deve inferir a mayor ſantidade, julgay vós o que quizerdes, que o que eu digo he, que ſendo Mattheus figurado no Chryſolitho com propriedades de ouro, he bem q̃ leve a todos os Santos a primaſia, aſſim como o ouro leva a todos os metaes a preminencia. Mas para que naõ fiqueis com a menor duvida, ouvi-o dabocca de Saõ Pedro Damiaõ: *Inter omnes Sanctos, qui de Cæleſti gloria, de triumphato Mundo victoriæ titulos intulerunt, Beatus Matthæus videtur mihi inſignis, atque conſpicuus, & quondam inter eos dignitatis obtinère primatum.* Entre todos os Santos do Ceo dis (Saõ Pedro Damiaõ) foy Saõ Mattheus taõ inſigne, que leva a primaſia a todos. D. P. Dam. Serm. 49. fol. 116.

Mas como naõ havia Mattheus de ſer o Primáz entre os mais Santos, ſe Chriſto tanto que vio a Mattheus, lhe concedeu as graças de todos? Diſſe Ruperto que os olhos, com que Chriſto vio a Mattheus, foraõ aquelles meſmos, que Saõ Joaõ tinha viſto em hũ cordeyro: *Sunt oculi, quibus iſtum vidit, qui juxta Apocalypſim Joannis in capite Agni ſunt.* E como os olhos do cordeyro repreſentavaõ os dons do Eſpirito Santo: *Septem oculi, qui ſunt ſeptem Spiritus Dei.* Como aquelles olhos eraõ todas as Divinas graças: *Oculi gratiarum*; o meſmo foy empregar Chriſto em Mattheus os olhos, que communicar a Mattheus todas as graças. Cõcorreraõ para Mattheus as graças de todos os Sãtos, como correm para o mar as agoas de todos os rios; & ſẽdo os demais Santos rios de graça, foy Mattheus hum mar de gloria. Ruper.

Para prova deſte conceyto he neceſſario, que demos hũa volta ao Chryſolitho. Diz Bercorio que o Chryſolitho, he na cor ſemelhante ao mar: *In colore mari ſimilis eſt*; ou como diz Santo Iſidoro: *Habet cum marino colore ſimilitudinem.* Que tẽ o Chryſolitho muyta ſemelhãça com o mar, porq veſte a meſma cor. Pois ſabey q̃ ſendo Mattheus o Chryſolitho da Igreja, foy Mattheus hũ mar de gloria. Berch in Bed lib. 10 c. 60. D. Iſid. l. 10. c. 14.

Todos os rios correm para o mar, como para o ſeu proprio centro; aſſim o moſtra a experiencia, & aſſim o confirma tambem a Eſcrittura: *Omnia flumina intrant in mare.* O que ſuppoſto. Notay, diz Saõ Paulo que naõ ha Santo algum, com quem Deos naõ repartiſſe algum dom particular: *Unuſquiſque proprium donũ habet ex Deo.* Porque ahuns deu Deos o dom da ſabedoria: *Alii ſermo ſcientiæ*; a outros o dom da Fé: *Alii Fides*; a outros o dom de curar enfermos: *Alii gratia ſanitatũ*; a outros o dom de profecia: *Alii prophetia*; a outros o dom de linguas: *Alii genera linguarum.* Com todos repartio Deos as ſuas graças, porèm a Mattheus communicoulhe as graças de todos. Porque todas as gra-

ças correráõ como rios para o mar de Mattheus: *Omnia flumina intrant in mare.* porque foy Mattheus juntamente Apoſtolo, Evangeliſta, Doutor, Martyr, Biſpo,& Prégador. Falava como ſabio, enſinava como ſcientifico, inſtruhia como fiel, ſabia todas as linguas, operava virtuoſamente, profetizava as couſas futuras, ſarava aos enfermos,& expellia aos demonios. Emfim ajuntáraõ-ſe em Mattheus as graças de todos os Santos, como ſe ajuntaõ no mar as agoas de todos os rios: *Omnia flumina intrant in mare.* E ſe Mattheus (como eu diſſe no principio) foy mar de cambio antes da ſua converſaõ, chegou a tanto a dignidade de Mattheus, que paſſou de mar a mar, paſſou do mar da cobiça a ſer Mattheus hum mar de gloria.

Confeço que já naõ poſſo tomar pé neſte mar, para o que me reſolvo a deyxar eſte mar vivo, & deytar ancora neſte mar morto. Diſſe o Doutor Angelico que he propriedade do Chryſolitho lançar de ſi humas faiſcas ardentes: *Chryſolithus veras ſcintillas ardentes emittit.* Muytos ſo raõ os reſplandores, que deſpedio de ſi eſte myſtico Chryſolitho, prégando a Fé de Chriſto, eſcrevendo o Evangelho, & obrando muytos milagres; aſſim o diſſe o Biſpo Menepolitano: *Fulſit, & ſcintillas miſit ardentes, tam ore docendo, quàm ſcribendo Evangelium, & miraculis coruſcando.* Porém reſplandecendo eſte myſtico Chryſolitho com tantas luzes na vida, mayores luzes moſtrou na ſua morte. D. *Thom in c.* 21. *Joan. Lop. ubi ſup. L.* D.

Chegou Saõ Mattheus à Cidade de Nadaver, que era a principal da Ethiopia, & achando nella dous Magos, que com ſeus encantos, & feytiços faziaõ naquelle povo muytos danos, começou Mattheus a diſſuadir o povo, que não déſſe credito áquelles Magos, porque eraõ miniſtros do demonio. Exaſperados os Magos

Magos com a prégaçaõ de Mattheus, fizeraõ vir do deſerto dous dragões muyto ferozes, para que atemorizaſſem a todos os que ſeguiſſem a Saõ Mattheus; porém Mattheus fazendo o final da Cruz ſobre elles, como ovelhas manſas os fez voltar para o deſerto.

Com eſte milagre, & com reſuſcitar o filho do Rey, ſe converteu, & reduſio a mayor parte daquelle povo, & toda a caza do Rey: tanto aſſim, que fez Mattheus com Efigenia, que era a filha do Rey de Ethiopia, que ſe meteſſe em hum moſteyro, como com effeyto o fez cõ mais duzentas donzellas, que até niſto havia de ter Mattheus a primaſia, pois foy Mattheus o primeyro q̃ inſtituhio moſteyro de Freyras. Paſſados vinte & tres annos, morreu o Rey da Ethiopia, que era pay de Efigenia; & como Hyrtaco irmão do Rey tomaſſe poſſe do Reyno, obrigado da belleſa, & fermoſura, de Efigenia ſua ſobrinha, ſe reſolveu a tiralla do moſteyro para ſe caſar com ella, para o que ſe valeu do patrocinio de Mattheus. Porém prégando Saõ Mattheus hum dia na preſença do Rey Hyrtaco, reprehendeu ao Rey do pulpito, dizendo-lhe que, ſe intentaſſe receber por ſua mulher a que era Eſpoſa de Chriſto, o havia de ir pagar ao inferno.

Corrido, & envergonhado o Rey com eſta reprehenſaõ ſe ſahio para fóra da Igreja, & deſcendo o Apoſtolo do pulpito, ſe foy pór a dizer Miſſa; & eſtando celebrãdo no Altar, o mandou o Rey atraveſſar com huã eſpada, & acabou Mattheus a ſua vida, & aſſim ſe foy com Chriſto o noſſo precioſo Chryſolitho. Deſeſperado o Rey, por naõ conſeguir o ſeu intento, mandou lançar fogo de noyte ao moſteyro; porém apparecendo no ar o noſſo Santo, fez recuar o fogo, & em ves de atear no moſteyro, foy pegar no palacio do Rey, aonde fez tudo em cinza; & ſuppoſto

que

que eſcapou o Rey do fogo, ainda experimentou mayor caſtigo, porque cuberto de lepra, como naõ tiveſſe cura, com as ſuas proprias maos tirou a ſi meſmo a vida.

Oh Chryſolitho precioſo, que reſplandecendo tanto na vida, com muyto mayores luzes reſplandeceſtes na morte! apparecendo de noyte como fogo, & de dia como ouro, que tambem eſta he propriedade do Chryſolitho. *De die videtur aureus, de nocte igneus*, diz Abulenſe E ſe o Chryſolitho (como diſſe Malonio) repreſenta as gottas de Sangue, que corréraõ do peyto de Chriſto, eſtando offerecendo ſacrificio no altar da Cruz: *Chryſolithus vivi gutas cruoris in Chriſti pectore ſignificat*, bem era que o noſſo myſtico Chryſolitho verteſſe tambem o ſeu ſangue no altar, para que ſe pareceſſe com Chriſto. E ſe o Filho de Deos (como diz Santo Auguſtinho) acabou a ſua vida, fazendo de ſi ſacrificio por todos os noſſos peccados: *Moritur Dei Filius, hoſtia factus pro nobis*, Mattheus à imitaçaõ de Chriſto acabou a ſua vida, fazendo de ſi meſmo ſacrificio. Aſſim acabou Chriſto, & aſſim acabou tambem Mattheus, para que acabemos nós tambem de conhecer que ſe naõ ha Santo ſemelhante a Mattheus, he porq̃ Mattheus ſó tem ſemelhanças com Chriſto.

Abul. in cap 21.

Mal. de ſacr. fol. 264.

D. Aug. apud Sylv. tom. 2. Apoc.

Meu glorioſo Apoſtolo, naõ he muyto ſe achem em vós todas eſtas prerogativas, pois ſois Chryſolitho precioſo de taõ raras excellencias. He o Chryſolitho (como diz Bercorio) remedio univerſal para todas as infirmidades: ſois vós, meu Santo, univerſal medicina para todas as doenças: bem o experimentaõ todos os que ſe valem do voſſo patrocinio, & muy particularmente o experimentou o ſenhor Dom Franciſco Eſtevaõ Xavier da Camera, que por voſſa interceſſaõ alcançou a ſaude, que hoje logra. Peçovos, meu Santo, que a todos os

os Excellentiſſimos Senhores deſta illuſtre caza da Ribeyra alcanceis huma ſaude muy perfeyta, & hũa vida muy dilatada; & o que mais he, para elles, & para nós todos huma bençaõ de muyta graça, que he o penhor da eterna Gloria. *Quæ mihi, & vobis, &c.*

SER-

IHS.

SERMAÕ
DE SANTO
ANTONIO,

Prégado no Paço do Excellentiſſimo Conde da Ribeyra na feſta, que fazem os Soldados do Preſidio, com a circunſtancia de ſer o Santo Protector dos dittos Soldados, eſtando o Santiſſimo Sacramẽto expoſto, & o meſmo Santo no Altar mayor ao pé do throno do Santiſſimo, em 12 de Julho de 1699.

Qui autem fecerit..., hic magnus vocabitur.
Matth. 5. num. 19.

TAmbem havia de haver hum dia, em que ſe applaudiſſem as armas, aſſim como ha muytos dias, em que ſe celebraõ as letras (meu Deos & meu Senhor Sacramentado: bem me parecia a mim que, eſtando hoje Antonio neſſe poſto de ſintinella, não podieis vós deyxar de apparecer em Cuſtodia. Muytos o julgaraõ por fineſa, porém eu dicera que he divida; porque ſe Antonio por credito deſſe myſterio naõ temeu ſahir a campo contra os hereges que o negavaõ, bem era que para agradecerdes a Antonio eſta ſingular fineſa ſahiſſeis tambem hoje a campo, authorizando-lhe a feſta. Se já naõ he, meu Deos, quererdes dar a entender que aonde Antonio aſſiſte como Protector da Milicia, naõ podieis vós faltar como premio da batalha: *Vencenti dabo Manna abſconditum.* (Apoc. 2. n. 17.)

Tambem havia de haver hum dia, (dizia eu) em q̃ ſe applaudiſſem as armas, aſſim como ha muytos dias, em que ſe celebraõ as letras; mas quando havia de ſer eſte dia de taõ ſingular applauſo, ſenaõ no dia, em que vejo a Santo Antonio de Padua cabalmente feſtejado, & aquelle Soberano Sacramento glorioſamente applaudido. Vejamolo em hum lugar da Eſcrittura, & nelle deſcobriremos todas as circunſtancias da feſta.

Ordenou Deos a Moyſés que dividiſſe em Terços, & aliſtaſſe em Companhias todos os filhos de Iſrael: *Metabuntur autem caſtra filii Iſrael unuſquiſque per turmas*; porém que os Soldados, que pertenciaõ á Tribu de Levi, os aliſtaſſe no exercito por muy differente modo, porque eſtes haviaõ de fazer ſintinella, & ter o ſeu corpo de guarda junto à menza do Santuario, & junto á Arca do Teſtamento: *Et cuſtodient Arcam, menſamque, & candelabrum..., inquibus miniſtratur*: mas que havia iſto de ſer com tal diſpoſicaõ, & ordem, que aſsim a menza, como a Arca haviaõ de eſtar poſtas no meyo do Tabernaculo á viſta deſſes Soldados: *Per gyrum Tabernaculi metabuntur*. E como naõ era acerto, que os Soldados eſtiveſſem ſem Protector, ordenou o meſmo Deos a Moyſes que o Protector deſſes Soldados havia de ſer Eliſafan, filho de Oziel: *Princeps que eorũ erit Eliſaphan filius Oziel.* Iſto

(Numeror. 1. num. 52. Ibid. cap. 3. n. 31. Ibid. cap. 1. n. 50. Ibid. cap. 3. n. 30.)

Iſto foy o que lá antiguamente ordenou Deos a Moyſés no monte Sinai; & iſto meſmo cuydo, ſe me naõ engano, vemos executado neſta hora; & para o vermos melhor, vamos explicando o lugar, entaõ julgarà cada hum conforme lhe parecer. Saybamos primeyro aquem repreſentavaõ eſtes Soldados, quem he eſte ſeu Protector, aquem ſignifica eſta Arca, a quem ſymboliza eſta menza, & para que fim tem os Soldados no meyo do Tabernaculo a menza, & mais a Arca.

Primeyramente os Soldados, que Deos eſcolheu para eſte miniſterio, diz o Texto que eraõ da Tribu de Levî; & Levî que quer dizer? Laureto o diz: *Levi, ideſt populus fidelis.* Levî he o meſmo, que povo fiel: já logo temos, que fez Deos eſcolha dos Soldados de Levi, por ſerem os mais fieis: & que Soldados ſaõ acclamados no Mundo por mais leaes, & fieis, ſenão ſó os Portuguezes? Nenhuma duvida tem: logo aquelles Soldados, por ſerem da Tribu de Levi, que era a Deos dedicada, repreſentaõ os Soldados Portuguezes, cuja naçaõ, & Reyno he dedicado a Deos. Eſtá bem.

Laur. verb. Levî.

O Protector deſſes Soldados diz o Texto que era Eliſafan filho de Oziel; & Eliſafan que quer dizer? O meſmo Laureto o diz: *Eliſaphan, ideſt, typus Doctoris Evangelici, qui curet expellere hæreticos ab Eccleſia.* Eliſafan he o meſmo, que hum Doutor Evangelico, q̃ tem por ſua empreſa impugnar aos hereges, que ſe oppõem contra a Igreja. Pois Doutor Evangelico, que tem por timbre, & brazaõ impugnar aos hereges, quem póde ſer, ſenaõ Antonio, a quem a Igreja dá o titulo de Doutor: *Vos eſtis ſal terræ.* E ultimamente o intitula por martello dos hereges: *Malleus hæreticorum.* Para mayor individuaçaõ deſte caſo, accreſcenta o meſmo Texto que eſte Eliſafan, ou Protector dos Soldados, era filho

Laur. verb. Eliſaphan.

filho de Oziel; & (como affirma Laureto) Oziel val o meſmo q̃ molde, ou forma do Evangelho: *Oziel typus eſt Evangelii.* E que Santo ha na Igreja, q̃ cõ mais propriedade ſeja molde do Evangelho, ſe naõ o meu Patriarca Saõ Franciſco? He iſto couſa taõ clara, que naõ neceſſita de prova; porque quem quizer ſaber o que Chriſto ordenou no Evangelho, naõ tem mais neceſſidade, que pór os olhos em Franciſco. Pois ſe Eliſafan, porque repreſenta a hum Doutor da Igreja, que tem por officio perſeguir aos herejes, he figura expreſſa de Antonio, ſe Eliſafan era filho de Oziel, o qual por ſer molde do Evangelho, he imagem de Franciſco, ſeja ſó Eliſafan o Protector dos Soldados, que pertencem á Tribu de Levî, que por ſer a Tribu mais fiel, repreſenta aos Portuguezes; & daqui conheçaõ todos, que a nenhum outro Santo pertence ſer Protector dos Soldados Portuguezes, ſenaõ ſó a hum Antonio figurado em Eliſafan, por ſer filho de Franciſco figurado em Oziel.

Laur. verb. Oziel.

Temos explicado a mayor parte do lugar, porém falta-nos agora o melhor. Accreſcenta mais o Texto, que aquelles Soldados, que eraõ da Tribu de Levi, tinhaõ á viſta, & no meyo do Tabernaculo a menza do Santuario, & a Arca do Teſtamento; & a quem repreſenta eſta Arca, ou a quem ſymboliza eſta menza? Todos ſabem que he a Arca figura de Antonio, porque aſsim lhe chamou o Papa Gregorio IX. & que a menza do Santuario, por ter em ſi o Mannà, repreſenta o Sacramento, que allî eſtamos vendo naquella divina Menza. Logo o meſmo era terem os Soldados à viſta a menza, & mais a Arca, que terem diante dos olhos em figura o Sacramento, & Antonio; aſſim he: & pois iſſo porque, & para que? o Texto dà a razaõ: *Ne fiat indig. natio ſuper multitudinem filiorum Iſrael.* Tinhaõ os

Sol-

Soldados á viſta,&no meyo do Tabernaculo a Arca,& mais a menza,ao Sacramento, & a Antonio, para que nas ſuas batalhas ſempre os favoreceſſe ſo Ceo, & nunca cahiſſe ſobre elles a indignaçaõ de Deos: *Ne fiat indignatio ſuper multitudinem filiorum Iſrael.*

Ibid. cap. 1. n. 53.

Naverdade me parece, que vem o lugar taõ proprio para o intento,que naõ neceſſita applicado,& ſe naõ vejaõ: quem faz hoje eſta feſta? quem? Os Soldados mais leaes, quaes ſaõ os deſte Preſidio:a quem tomàraõ por ſeu Protector,& amparo? A Antonio filho do meu Serafim Franciſco. E que Eſtaõ hoje vendo neſte templo com ſeus olhos, ou em quem em prégaõ a viſta no meyo daquelle Altar? Bem ſe vé que no Sacramento, & em Antonio, que he toda a viſta dos ſeus olhos. E qual he o fim,para que lhe tributaõ hoje eſtes applauſos, & lhe offerecem eſtes obſequios, ſenaõ para que o Ceo ſempre os patrocine nos perigos, & ſempre os defenda nos trabalhos: pois ſendo iſto tudo aſſim, bem dizia eu no principio que era bem houveſſe dia, em que ſe applaudiſſem as armas, aſſim como hà muytos dias, em que ſe celebraõ as letras, & que ſó hoje era ſingular o applauo, porque ſó hoje era particular o acerto.

Mas ainda me occorre huma duvida para mayor realce deſta exellente feſta. Se Santo Antonio ſe feſtejou ja no ſeu dia com taõ univerſal aplauſo; ſe a feſta do Sacramento ſe celebrou jà Domingo neſta Igreja com ſumma veneraçaõ, como vemos hoje a Antonio novamente feſtejado,& a quelleSacramento ſegunda vez applauldido?Depois de ſe haver, feſtejado Antonio no ſeu dia, depois de ſe haverem concluido as feſtas doSacramento em todas as freguefias da Cidade, entaõ he que ſahem os Soldados a feſtejar a Antonio,& a applaudir ao Sacramento? Sim; & niſto deſcubro eu o mayor realce da feſta: porque,

que,ſe diz o adagio q alfin ſe canta la gloria, como eſte glorioſo cantico ſó aos Soldados convem, bem era que reſervaſſem a ſua feſta para o fim. Vejamos ſe me deſempenha a prova.

A primeyra vez que ſe feſtejou na terra aquelle ſoberano Sacramento, foy no Preſepio de Belem, porque o meſmo foy eſtar Chriſto no Preſepio nacido, que eſtar com ſombras de Sacramentado, que ſe o Sacramento he paõ, que deſceu do Ceo: *Hic eſt panis, qui de Cælo deſcendit;* em Belem foy a primeyra vez, que ſe vio aquelle graõ de trigo entre palhas, & por iſſo ſe chama Belem caza de paõ, como notou Saõ Gregorio: *Bethlehem, ideſt, domus panis interpretatur.* Para feſtejarem pois eſte ſoberano myſterio, competiraõ o Ceo, & terra com obſequioſa emulaçaõ; o Ceo deſatando ſe em luzes, & em vozes; a terra em veneraçõeſ, & dadivas. Tres foraõ as Jerarquias, que concorreraõ a triburar ao Sacramento eſtes cultos, & a offerecerlhe eſtes obſequios; concorréraõ Anjos, Reis, & Paſtores; porém com ſingular differença; porque os Paſtores feſtejárão-no com reverencias; os Reis adoráraõ no cõ dadivas, & os Anjos acclamáraõ no cõ glorias: *Gloria in altiſſimis Deo.*

Joan. 6.

Gloſſ. interl. Reclinavit eum in Preſepio: hoc eſt Corp Chriſti ſuper altare.

O que ſuppoſto, difficulto deſte modo. Se todos os eſtados de peſſoas concorréraõ para feſtejar a Chriſto nacido, que eſtava com ſombras de Sacramentado, porque haõ de ſer eſtes applauſos diverſos, ſendo o Sacramento o meſmo? Porque dos Paſtores hade receber as caricias, dos Reis ha de aceytar as dadivas, & ſó os Anjos lhe haõ de cantar as glorias? Eu o direy. He porque os Anjos ſe a juntáraõ naquella feſta com titulo de Soldados: *Multitudo militiæ cæleſtis.* Vinhaõ os Anjos feytos Soldados, porque vinhaõ em fórma de exercito, & de

Luc. cap. 2. n. 13.

F mili-

milicia; & quando ſe ajuntaõ todos os eſtados de peſſoas a render veneraçõeſ a Chriſto no Sacramento, ſe dos pequenos recebe carinhos de affecto,&dos grandes adoraçõeſ da peſſoa,dos Soldados tira creditos de gloria : *Gloria in altiſſimis Deo: Multitudo militiæ cæleſtis.*

Eſtá bem: mas falta-nos aqui Antonio comoProtector dos Soldados: pois he engano, que no meſmo lugar o temos Diz Caſſiodoro que aquelle Anjo,que annunciou aos Paſtores o Nacimento deChriſto,foy o meſmo,que em fórma de eſtrella no meſmo ponto levou as novas aos Magos;& ſegundo iſto, ficou eſteAnjo multiplicado em duas partes,convem a ſaber,com os Paſtores em Belem, & com os Magos no Oriente. Pois Anjo em duas partes multiplicado, a quem póde repreſentar, ſenaõ a Antonio:pois ſó Antonio gozou a preroga iva de eſtar no meſmo tempo com os Veneſianos em Padua,& cõ os Portuguezes em Lisboa. Notem mais,q̃ repreſẽtava eſte Anjo a Antonio como Protector da milicia: porq̃ (como diz o meſmo Texto) todo aquelle celeſtial exercito foy ſeguindo aquelle Anjo: *Facta eſt cum Angelo multitudo militiæ cæleſtis.* Pois já naõ falta nada, *ſupra.* pois no meſmo lugar achamos Soldados, Antonio, & Sacramẽto; & ſe a feſta deAntonio, ſe as glorias do Sacramento ſó correm por conta dos Soldados, como alfin ſe canta la gloria, por iſſo reſervárãõ a ſua feſta para o fim. *Vbi*

Temos viſto as circunſtancias da feſta, peguemos agora no Evãgelho do dia. O Evangelho,com q̃ ſe feſteja a Santo Antonio de Padua,he o que cõmummente ſe canta aos Doutores da Igreja, aos quaes chama Chriſto no Evangelho Sal, Luz,& Cidade: *Vos eſtis ſal, vol eſtis lux. Non poteſt Civitas abſcondi.* E o meſmo foy darlhesChriſto eſtes titulos, q̃ imporlhes logo as ſuas obrigaçõeſ : chamalhes *Matth.5. n.13.*

lhes Sal, para que com a ſua diſcriçaõ preſervem aos homens da culpa: chamalhes Luz, para que deſterrem as ignorancias, & chamal-hes Cidade, para que amparem com ſeus favores. E por premio deſtes trabalhos lhes promette o meſmo Chriſto que o que aſſim obrar na terra, virà a ſer grande no Ceo: *Qui autẽ fecerit, hic magnus vocabitur.* *Matth. ut ſupra n. 19.*

Tres couſas (diz o Filoloſo) fazem a hum ſujeyto grande, Armas, Letras, & Virtude; todas eſtas engrãdecéraõ a Antonio, & por todas mereceu ter o titulo de grande; porém ſó das armas me pretendo hoje valer,para que a grandeſa de Antonio ſe venha a deſcobrir. Feſteja-ſe hoje Antonio,naõ ſó como Santo,mas tambẽ como Soldado; pois bem he que naõ ſó no titulo de Santo, mas tambem no de Soldado ſe funde hoje o aſſumpto.

Sinco faõ as prendas, (dizem commummente os Politicos) q̃ ha de ter hum Soldado para ſer em tudo generoſo: convem a ſaber, Patria, Idade, Corpo, Animo, & Vida; & todas eſtas prendas ſe deſcobrem com tal ſingularidade em Antonio, que a cada huma dellas correſponde com ſua inſignia na maõ, & vem a ſer palma, lirio, coraçaõ, Livro, & Cruz, porq̃ com todas eſtas inſignias ſe coſtuma pintar Antonio. Eſta queria eu que foſſe a materia do Sermaõ, mas como parece dilatada para tempo taõ calmoſo, de todas eſtas prendas, que para hum bom Soldado ſe requerem, eſcolheremos ſó duas, que ſeraõ Patria, & Animo; as quaes prendas correſponderaõ as duas inſignias,com que ſe pinta Antonio, que ſeraõ Palma, & Cruz. Eſte ſerá o aſſumpto repartido em dous diſcurſos, para os finalizarmos com gloria, he neceſſario principiallos cõ graça. *Politic. predicav.*

Ave Maria.

A Primeyra prẽda, q̃ aſſignaõ os Politicos

para hum Soldado ſer inſigne, he a Patria, aonde naſce. Fazem as influencias da Patria tanta propẽſaõ nos homens, que chegou a dizer Hercules que a Patria fazia as vezes de Deos: *Patria eſt alter quidam Deus*, porque ſe Deos como univerſal Senhor tem em ſuas mãos os corações mais abſolutos, para os inclinar para a parte, que quizer: *Cor Regis in manu Domini quocumque voluerit, inclinabit illud*; aſſim em o ſeu modo parece o fas tambem a meſma Patria. Por eſta razaõ conta Saõ Jeronymo a variedade das inclinações pela diverſidade das Patrias: porque os naturaes de Creta ſaõ mentiroſos, os de Dalmacia ſaõ crueis, os Mouros ſaõ vãos, os de Frygia ſaõ cobardes, os de Athenas ſaõ engenhoſos, os Gregos ſaõ inconſtantes, & os Iſraelitas obſtinados. Finalmente de tal ſorte influe a Patria nos homens os ſeus effeytos, que da meſma Patria ſe podem inferir os ſeus coſtumes.

Prov. c. 21. v. 1.

Enviava Deos ao Profeta Jonas para a Cidade de Ninive, & devendo o Profeta renderſe humilde, & obediente ao mandado de Deos, furtou a volta à viagem, & ſe embarcou para Tharſis; porẽ o meſmo foy faltar na obediencia, q̃ experimentar logo no mar huma tormenta desfeyta. Encreſpaõ ſe as ondas, enfurecem-ſe os ventos, alteram-ſe os mares, atemorizaõ ſe os homens, vendo que o Ceo os deſamparava, & que o mar os ſubmergia. E como os apertos preſentes traſem á memoria as culpas paſſadas, tratou cada hum de buſcar a origem da pena no mar da culpa. Chegaõ ao deſcuydado Jonas, o qual dormindo a ſono ſolto, nem o horror da culpa o fez temer, nem o eſtrondo dos mares o pudéraõ deſpertar, & inquirindo a ſua vida, lhe falaõ deſta maneyra: *Indica nobis...: quod eſt opus tuum? quæ terra tua?* Dizey-nos Jonas o voſſo officio, declaray-nos voſſa terra.

Jona c. 1. n. 8.

Na

Na verdade que ſaõ dignas de reparo eſtas palavras. Se os marinheyros deſejaõ ſaber a cauſa da tempeſtade, & o delicto, que a excitou, como perguntaõ a Jonas pela terra, aonde naceu? Que ſobre a terra cayaõ effeytos da culpa, naõ o eſtranho, porq̃ iſſo cauſou a primeyra culpa, q̃ ſe cõmetteu no Mundo: *Maledicta terra in opere tuo*; mas que ſe attribua à terra culpa, ſendo incapaz de a commetter, iſto he o que eu naõ ſey ponderar. Pois como eſtes homens querendo inquirir a cauſa da tormenta, perguntaõ a Jonas pela Patria? Theodoreto ſolta a duvida: *Jubent hæc dicere, ut ex omnibus gentibus vitam hominis agnoſcant.* Pelo meſmo que os marinheyros quizeraõ ſaber ſe era Jonas o culpado, por iſſo meſmo lhe perguntàraõ pela Patria, aonde havia nacido, porque imprime tanto a influencia da Patria nos naturaes, que para conhecérem a culpa, ou a innocencia do Profeta, intentáraõ primeyro conhecer a ſua Patria: *Indica nobis...: quæ terra tua?*

Naceu Antonio, naõ digo bem, naceu Fernando (que eſte foy o ſeu primeyro nome) na populoſa, & invẽcivel Cidade de Liſboa, & ſe a primeyra prenda, para hum Soldado ſer inſigne, he a patria, aonde naſce, nacendo Fernando em taõ generoſa patria, bem ſe colhe que foy inſigne Soldado, como tal reconhecẽdo muy bem que toda a vida do homem he hũa guerra continua, como o diſſe o Sãto Job: *Militia eſt vita hominis ſuper terram*, logo em os ſeus primeyros annos determinou ſentar praça no Templo de Saõ Vicente, q̃ ficava junto ás cazas de ſeus paes, aonde começando a militar debayxo do patrocinio, & bandeyra do ſoberano Rey da Gloria, de tal ſorte ſe ſoube vencer a ſi, q̃ já nunca entrou em guerra, aonde ficaſſe vencido. Aſſim o canta a Igreja na lenda do noſſo Santo: *Sub tanto duce militans, vincendo ſe ad non Vict.*

Job 7. n. 1.

En Hymn

non vincitur. Duci miles cohabitans jam bello non concutitur.

Pareceulhe a Fernando q̃ podia haver outro posto, aonde fizesse mais viva sintinella, & para conseguir este desejo tratou de deyxar a Patria, & se foy para Coimbra; alli se alistou por algũs teimpos no Terço dos Conigos Regrãtes, aonde de dia, & de noyte teve continua vigilia, porq̃ sempre andou com perpetua cautela; mas como para se conhecer o augmento deste valeroso Soldado, era necessario que fosse subindo de posto, por hũas espias occultas lhe ordenou o General da Gloria que deyxasse aquelle posto, em que estava, & q̃ fosse assentar praça no Terço dos Franciscanos. Obedeceu promptamẽte á voz do seu General, & vestindo-se no habito de Francisco, como na melhor saya de malha, entrou dentro da sua Religiaõ como em novo corpo da guarda, & para naõ faltar na vigilancia da ronda, tomou logo o nome do Sãto, porq̃ largãdo o de Fernãdo, ficou cõ o nome de Antonio.

Mas q̃ he isto, meu valeroso Soldado? He possivel que agradeçais á vossa Patria o valor, q̃ vos influhio, com deyxardes o nome, q̃ vos deu? Naõ sabeis que he descredito nos Soldados deyxar esquecer o nome, q̃ lhe entregaõ nos postos? Como pois, sendo vós hum Soldado taõ vigilante, deyxais esquecer o nome? Mas oh deyxay, q̃ naõ foy omissaõ em Antonio, mas providencia do Ceo. Quiz o Ceo apremiar de antemaõ os serviços de Antonio, por isso lhe muda o nome. O Ceo apremia de diverso modo, do que apremia a terra; na terra apremiaõ-se os Soldados com o Habito de Christo, porém Christo para apremiar a Antonio, tira-lhe o nome da Patria só por lhe dar o seu nome.

Naceu Christo em Belẽ, & consequentemente o nome que lhe deu a sua Patria, foy Belemita; porém naõ obstante ser este o nome, q̃ a sua Patria lhe deu, vejo que

que commummente se chamou Christo Nazareno; assim lhe chamáraõ os Judeus, quãdo o buscavaõ no Horto: *Jesum Nazarenum.* Com o nome de Nazareno lhe escrevéraõ o titulo da Cruz: *Jesus Nazarenus*, & com o mesmo nome o appellidáraõ os Anjos na manhã da Resurreyçaõ. Todos os Expositores sagrados perguntaõ neste lugar, porq̃ razaõ se ha de chamar Christo Nazareno, havendo nacido em Belem? E naõ achaõ mais razaõ, do que a q̃ diz S. Mattheus, que se chamou Nazareno, para se dar complemento ao ditto dos Profetas: *Ut impleretur quod dictum est per Prophetas, quoniam Nazaræus vocabitur.* E em qual dos Profetas se achará esta profecia? Confeçaõ os Expositores que em nenhum Profeta se acha com clareza. Porém Caetano diz que, ainda que naõ ha Profeta, que diga claramente que Christo se ha de chamar Nazareno, ha Profetas, que dizem que Christo se ha de chamar o que significa essa voz. E que significa a voz Nazareno? Eu o direy. Esta voz, ou palavra *Nazareno*, tem duas significações; quer dizer flor, & quer dizer Santo: pois esse he o proprio nome de Christo, porque Christo falando de si mesmo, disse que era flor: *Ego flos.* E Daniel falando de Christo, o intitulou por Santo: *Ungatur Sanctus.* O que supposto.

Moralizemos agora o lugar. O nome que pertencia a Christo por haver nacido em Belem, era o nome de Belemita; porém naõ obstante haver Christo nacido em Belem, naõ quiz o nome da Patria, porque na mudança, que fez para Nazareth, alcançou o seu proprio nome, que era o nome de flor, & juntamente o de Santo. Pois isto mesmo, que descobrimos em Christo, divisamos em Antonio. Nasce Antonio em Lisboa, & dandolhe a Patria o nome de Fernando, o mesmo foy mudarse para a Religiaõ

Joan. c. 18. n. 5. Joan. c. 13. n. 19. Matth. 13. n. 35. Cajet. hic. D. 9. n. 24.

de Franciſco, que tomar o nome de Antonio. E ſabeis vós que ſignifica Antonio? Antonio quer dizer flor, & quer dizer Santo. Que Antonio ſignifique flor, o diz expreſſamente Rodulfo: *Antonius dicitur ab Anthos, qui Latinè florem ſignificat.* Que Antonio ſeja o meſmo que Santo, iſſo cantáraõ em Padua os meninos pelas ruas na morte de Santo Antonio; & da hi vem ſaberem todos que ſó de Antonio ſe diz que he por Antonomaſia o Santo. Pois que muyto naõ aceyte Antonio o nome, que lhe offerece a Patria, ſe quiz Chriſto hõrallo com o ſeu proprio nome; porque ſe o nome de Chriſto he ſer flor, & he ſer Santo: *Ego flos. Ungatur Sãctus*, eſſe meſmo nome lhe deu Chriſto em lhe dar o nome de Antonio: *Antonius dicitur ab Anthos, qui Latinè florem ſignificat.*

Mas naõ imagine alguẽ que por Antonio deyxar o nome da Patria, deyxou por iſſo de lhe agradecer a prenda de bom Soldado, que lhe influhio, & a prerogativa, q̃ lhe cõmunicou: porque ſe a Patria engrandeceu a Antonio no politico, porque della recebeu o valor, como herdado, tambem Antonio illuſtrou a ſua Patria como Santo, porq̃ lhe grangeou o mayor credito. Naõ ſaõ hõrados os Santos por naſcerem em Patria illuſtre, porq̃ como os Sãtos vivem como peregrinos na terra, ſó reconhecem o Ceo por Patria: aſſim o diſſe o meſmo Santo Antonio: *Animæ Sanctorũ, quandiu ſunt in corpore, ſunt quaſi peregrinæ in carcere.* E pelo contrario, ſe hũa cidade naõ tiveſſe outro titulo, com q̃ ſe engrandeceſſe, ſó em ſer mãe de algum Santo cõſeguiria o mayor titulo. *D. Ant. citado pelo Auth. Apis Lib.*

Quiz o Evangeliſta mimoſo deſcrever a Cidade de Bethſaida, & cuydando eu que a definiſſe pelo lugar aonde era ſituada, ou pela Provincia, a que eſtava ſugeyta, acho que ſomente a nomea por Cidade, aonde haviaõ nacido Sãto Andrè, & Saõ Pedro: *Erat autem Philippus à Bethſaida civitate Andreæ, & Petri.* He certo que as couſas mais quidditativamente ſe explicaõ pelo que em ſi ſaõ, do que pela ordem que dizem aos ſujeytos: pois ſendo iſto aſſim, como deſcrevendo Saõ Joaõ a Cidade de Behtſaida, a explica pelos ſujeytos, & naõ peloque em ſi he? Direy. Era Bethſaida huma Cidade taõ pequena, que Saõ Mattheus lhe chamou *Vicus*, que he o meſmo que bayrro, ou aldea, & para Saõ Joaõ a ennobrecer, para Saõ Joaõ a illuſtrar, diſſe que era patria de Santo André, & Saõ Pedro: porque julgou como diſcreto, & diſcorreu como entendido, que ſó intitulandoa por patria de taõ grandes Santos, lhe podia dar os titulos mais grandioſos.

Ainda que Lisboa naõ ſora hum Mundo em huma ſó Cidade, como diſſe hum diſcreto: *Vidi Orbẽ in Urbe*, baſtava que foſſe Patria de Antonio, para que gozaſſe do mayor titulo. Bem correſpondeu logo Antonio á

ſua patria, bem lhe pagou a prenda de bom Soldado, q̃ della recebeu; & ſe amor com amor ſepaga, para Antonio pagar á ſua Patria eſte amor, naõ ſó aquis illuſtrar como Santo, ſe naõ que tambem ſe empenha em defendella, como Soldado: aſſim o dá a entender a palma, com que coſtuma pintarſe Antonio. Pinta-ſe Antonio na terra com huã palma na maõ, para que ſe veja que eſtá Antonio ſempre armado, naõ ſó para defenſa da Patria, mas de toda a naçaõ Portugueſa.

Vio o Evangeliſta Saõ Joaõ no ſeu Apocalypſe huma multidaõ de innumeraveis eſpiritos, os quaes eſtavaõ na preſença do Cordeyro veſtidos com roupas brancas, & tendo nas mãos vitorioſas palmas: *Et in conſpectu Agni, amicti ſtolis albis, & palmæ in manibus eorum.* Todos os Expoſitores ſagrados convem em que eſtas palmas, ou inſignias, com que Saõ Joaõ vio no Ceo aos Bemaventurados, ſaõ em ſatisfaçaõ, *Apoc. 7. n. 9.*

façaõ, & premio dos seus merecimentos; porém nesta mesma razaõ he que fórmo a minha duvida. Se os trabalhos desta vida sehaõ de apremiar com coroas na Gloria, como o disse Saõ Paulo: *Non coronatur nisi legitimé certaverit*; como os Santos na Gloria tem por premio palmas nas mãos, devendo ter coroas nas cabeças? Semedisserem que tem os Santos nas mãos as palmas, para com ellas se mostrarem vittoriosos; a isso respondo eu que tambem com as coroas nas cabeças se podiaõ mostrar triunfantes; porque a coroa, naõ só demonstra o premio do trabalho, mas tambem declara a gloria do triunfo. Pois se parecia mais acerto terem na cabeça coroas, como nos diz Saõ Joaõ que os divisou com palmas: *Et palmæ in manibus eorum?*

2. Tim. cap. 2. v. 5.

Eu o direy. Tem a palma (diz Hugo Cardial) huma circunstancia muy viva, & para o nosso intento curiosa; fórma a palma as suas folhas á maneyra de espadas: *Folia palmæ sunt instar gladii, ut verè pungant tangentem.* E supposto que para os Santos no Ceo declararem o seu triunfo, bastava-lhes o laurel da coroa; com tudo para mostrarem o seu patrocinio, era necessario que tivessem a insignia da palma. Notay. Esta differença se descobre entre a espada, & a coroa, que a espada fes-se para a defensa, a coroa fes-se para a vittoria. Vendo Saõ Joaõ no Ceo aos Santos Coroados, era vellos como vittoriosos, mas naõ como defensores; porém vendo-os com palmas nas mãos, que fazem fórma de espada, naõ só era vellos como triunfantes, mas inculcallos em nossa defensa diligentes. Ah sim! Pois appareçaõ os Santos com palmas, cujas folhas tem fórma de espada, para que se veja q a mesma insignia, q lhes serve de triunfo, serve para nós de amparo; & que no mesmo tempo, em que na Gloria começaõ os Santos a triunfar, empunhaõ logo

Hug. hèc

logo a espada para nos defender.

Porém sendo esta defensa geral em todos os Sãtos, he muyto particular em Santo Antonio de Padua, pois parece que faz Antonio só na terra o que fazem todos os Santos là no Ceo: porq se no Ceo todos tẽ palmas, ou espadas para nos patrocinar, na terra só Antonio està com palma, ou cõ a espada na maõ para nos defender. Na Igreja triunfante haverà palmas para todos; porém na militante Igreja só ha palma para Antonio, mostrando com esta insignia q, se a Patria o engrãdeceu no Politico, dandolhe hũa das prendas, que hade ter o bom Soldado, Antonio naõ só como Santo a illustra, mas tambem como Soldado a defende. E se vós, ó generosos Soldados, o que pretendeis nas batalhas he alcançardes vittoria, bem era que tomasseis por Protector a hum Santo, que naõ só he grande entre todos, mas entre todos leva a palma: *Magnus vocabitur.*

A segunda prenda, que hade ter hum bom Soldado, he o animo. Por isso disse Vigesio que toda a defesa de huma Republica consiste em que nos Soldados se procure, naõ tanto a grandesa do corpo, como a generosidade do animo. Por esta razaõ costumavaõ os Lacedemonios pór aos Soldados nos pés pesos de chumbo, para que naõ fugissem da guerra, & só lhos tiravaõ quando se dava a batalha. Para Tito Livio engrandecer o generoso animo de Lucio Dentato, disse que combatéra com o inimigo em cento & vinte batalhas, & jà nunca recebera ferida pelas costas. E de huma mulher chamada Lacena refere Ausonio, que partindo-se hum filho seu para o exercito, ella mesma foy a que o armou; & ao pór do escudo lhe disse estas palavras *Filho meu, ou com este, ou nelle.* Querendo dizerlhe nisto: Ou com este escudo haveis de tornar para casa, ou com

ella

elle vos haõ de enterrar na guerra; porque aſſim como era eſtylo enterrarem-ſe os Soldados, que morriaõ na guerra, com os eſcudos; aſſim tambem era grande affronta, ſe tornavaõ para caza ſem as armas, que levavaõ. Por iſſo diſſe Tertulliano que mais fermoſo he o Soldado morto na guerra, que vivo na retirada; & que melhor he chorar a ſua falta, que ver o opprobrio da ſua fugida: *Pulchrior eſt miles in pugna amiſſus, quam in fuga ſalvus.* E ſe falarmos naõ ſó como politicos, mas tambem como Eſcritturarios, acharemos no primeyro capitulos dos Reis, que a razaõ, porque os Filiſtheus acclamáraõ o triunfo, foy porque faltou nos Iſraelitas o animo, & aſſim antes quizeraõ perder a honra, do que perderem a vida.

Eſta propriedade de animo, que deve ter o bom Soldado, ſe vio por modo muy ſingular no noſſo Soldado Antonio. Era Antonio de taõ generoſo animo, que a todos os inimigos da Igreja a cometia, ſem temer carrancas de poderoſos, ameaças de tyrannos, nem aggravos de inſolentes. A todos levava a eſpada do ſeu Apoſtolico zelo por huma meſma medida, deſpedindo da fortaleſa do pulpito balas de verdades vivas, q̃ arrazavaõ igualmõte aſſim a ſoberba dos grandes, como tambem confundia as bayxeſas dos pequenos. Aſſim lho canta a Igreja na lenda da ſua feſta: *Veritatis jaculis æquè feriebat.* *Ex Reſp. 6.*

Porém a onde Antonio mais oſtentou a generoſidade do ſeu animo, foy na enveſtida, que teve com o cruel Excelino. Era eſte Excelino General dos exercitos do Emperador Federîco; homem na milicia taõ deſtro, como bem affortunado, porém de condiçaõ taõ feroz, que era temido em toda a Italia por monſtro da crueldade, & cada vez ſe fazia mais temido com o ſeu poderoſo exercito Entre as Cidades, que padecéraõ o golpe deſ- *Ex Chron* ta *ſeraph*

ta infernal furia, foraõ as Cidades de Padua & de Verona, a onde ſó de huma vez degollou a ſangue frio mais de onze mil peſſoas, onde entráraõ tambem ſettenta Frades de minha Religiaõ. Voava a fama deſtas crueldades por toda a Italia, & naõ havia quem ſe animaſſe a impugnar ſua feresa.

Ouvio iſto Santo Antonio, & aceſo todo no fogo do amor Divino determinou a venturar ſua vida para livrar a de tantos. Entra como animoſo Soldado pelo meyo do exercito, & chegando á preſença do General Excelino, lhe falou por eſte modo: Tu es Excelino, aquelle cruel Romano, que teñs cheyo de eſcandalos todo o Mundo? Tu es aquella venenoſa vibora, que com crueldade tyranna tens rompido as entrsnhas da Igreja, a qual como piedoſa mãe te deu o ſer, & a natureſa? Quando haſde a cabar de profanar as Igrejas, de infamar as Matronas, & de matar innocentes? Como naõ temes, barbaro in humano, a crueldade de tormentos, que há muyto tem merecido teus peccados? Olha pois que te aviſo da parte do meſmo Deos, que ſe naõ puzeres fim às tuas tyrannias, has de ſer condenado a eternas penas.

Eſtavaõ os Soldados eſperando quando mandava o General deſpedaçar a Antonio; porém foy o ſucceſſo ao contrario, porque na meſma occaſiaõ, em que o temiaõ como Leaõ furioſo, o experimentáraõ como hũ manſo cordeyro; porque Excelino, perdida a cor do roſto, com voz ſubmiſſa, & temeroſa confeſſou a ſua culpa, offerecendo o ſeu meſmo talim a Antonio, paraque o prendeſſe pela garganta. Oh animo generoſo de Antonio! Oh Soldado valeroſo! Eu naõ me admiro de que Antonio alcançaſſe deſte tyranno a vittoria, porque Antonio he taõ valeroſo Soldado, que nunca nas ſuas contendas deyxou de levar a palma:

ma: *Jam bello non concutitur.* O que me admira he eſta reſoluçaõ de Antonio, porq̃ me parece naõ obſervou neſta acçaõ a politica de Soldado, porq̃ (como diz Demoſthenes) arriſcar a vida em temeraria contẽda, he mais acçaõ de imprudẽte, q̃ lance de valeroſo. Pois como ſe atreve Antonio enveſtir animoſamente a Excelino, ſabendo que he hum homem, a quem naõ ſó a natureſa fez tyranno, mas ainda a multidaõ, que o ſeguia, o fazia mais ſoberbo? Sabeis porque? Para que foſſe ſingular o triunfo de Antonio, porque vencer a hum ſó he grandeſa de animo, porém o vẽcer a quem tem ſequito he o mais inſigne triunfo.

Duas vezes acho eu na ſagrada Eſcrittura que foy vencido o demonio principe da milicia infernal. Huma vez foy vencido por Chriſto no deſerto, outra vez foy vencido no Ceo por Saõ Miguel; em hum, & outro lugar foy a batalha renhida, porq̃ a do Ceo diz o meſmo Texto q̃ foy grande: * *Et factum eſt prælium magnũ in Cælo: Michael, & Angeli ejus prælia-bantur.* E a batalha do deſerto foy taõ altercada, que por tres vezes deu o inimigo a enveſtida. Porém naõ obſtante iſto, eu vejo que a vittoria, que Saõ Miguel alcançou no Ceo do inimigo, foy acclamada por todos os Anjos do Ceo: *Lætamini Cæli, & qui habitatis in eis*; & a vittoria, que Chriſto alcançou do inimigo no deſerto, naõ vejo q̃ tiveſſe acclamações deſſes Anjos, & mais ſendo que naõ faltáraõ alli Anjos, que lhe vieraõ aſſiſtir, & lhe vierão miniſtrar: *Et ecce Angeli acceſſerunt, & miniſtrabant ei.*

Apoc. 12. n. 7.

Matth. cap 4. n. 11.

Pois pergunto, ſe a vittoria entaõ he mais para acclamada, quanto a pendencia foy mais renhida, como parecendo mais renhida a pendencia, q̃ Chriſto teve no deſerto, doque a que teve Saõ Miguel no Ceo, naõ ha de ter a batalha do deſerto Anjos que a acclamem, & a do Ceo ha de ter Anjos, que a publiquẽ? Eu o direy. A pẽdencia, q̃ S. Miguel teve no Ceo, era có hum inimigo taõ poderoſo, que tinha no Ceo muyto ſequito, * *et cauda ejus trahebat tertiam partẽ ſtellarũ*; porém a pendẽcia, que Chriſto teve no deſerto, era com hum inimigo taõ ſolitario, que naõ conſta da Eſcrittura que tiveſſe alli algum ſequito. O vencer Chriſto a hum demonio em o deſerto naõ era couſa de muyto credito para hum valor, como o de Chriſto; porém o vẽcer Miguel a hum demonio no Ceo, que traſia a tãtos com figo, eſſe era o mayor credito. Pois eis ahi a razaõ, porque a vittoria do Ceo quis Deos q̃ foſſe acclamada, & a vittoria do deſerto naõ quis Chriſto que foſſe applaudida: porq̃ naõ moſtra tanta generoſidade de animo quem vence a hũ inimigo ſolitario, como quem vence a hum contrario, que tem ſequito.

Apocal. cap. 12. n. 4.

Grande ſequito tinha em Roma o tyranno Excelino, mas que importou eſſe ſequito, ſe era mayor o animo de Antonio. E ſe a vittoria, que S. Miguel alcãçou no Ceo, mereceu o applauſo dos Anjos por vencer a Lucifer, q̃ levava atrás de ſi grande multidaõ de cõpanheyros, * *et cauda ejus trahebat tertiam partem ſtellarum*; tambem mereceudos Anjos o applauſo a vittoria, q̃ Antonio alcãçou de Excelino, por traſer cõſigo grãde numero de Soldados. Em fim era Miguel o Protector da Milicia do Ceo, he Antonio o Protector da Milicia da terra, & ſendo ambos ſemelhantes nos officios, naõ he muyto que ſejaõ iguaes nos triunfos.

Porém a mim me quer parecer q̃ eſte triunfo de Antonio ſe avãtajou ao de Miguel, porq̃ ſe Miguel vẽceu a Lucifer no poſto, em q̃ eſtava, naõ lhe venceu o animo, nem a má condiçaõ, q̃ tinha; porém Antonio naõ ſó venceu a Excelino no poſto, mas tambẽ lhe rẽdeu o animo. Lucifer ſuppoſto ficou vencido, ficou ainda no

animo

animo obſtinado; porẽ Excelino, q̃ era peyor q̃ Lucifer, naõ ſomente rende as armas, mas chega a confeçar as ſuas culpas. Mas que muyto ſe deſcubra eſte exceſſo em Antonio, ſe ſendo Antonio Anjo por graça, como Miguel o he por natureſa. Quis Deos de tal ſorte engrandecer a Antonio, que chega a obrar Antonio o q̃ naõ pode fazer hũ Anjo.

Vendo o Patriarca Jacob que ſeu irmaõ Eſau o acometia com quatro centos Soldados pela retaguarda, tratou de deyxar o poſto, & de ſe pór logo em fugida; & quando lhe pareceu que pela diſtancia do lugar eſtaria já ſeguro, para poder deſcançar, ſe deytou Jacob a dormir; mas foy debalde o ſeu intento, porque no meſmo ponto lhe appareceu hum Anjo, que pegando de braços com Jacob, toda hũa noyte lutou com elle abraços; até q̃ chegãdo a Aurora, veyo o Anjo a partido cõ Jacob, pedindolhe q̃ o havia de largar, por quanto naõ podia alli aſſiſtir: *Dimitte me, jam enim aſcendit aurora.*

Quem ouvir que eſte Anjo pede a Jacob que o largue de pois de lutar com elle por eſpaço de huma noyte, poderá imaginar que foy forſa em Jacob, & cobardia no Anjo: mas como no Anjo naõ póde haver cobardia, por ſer esforſado de ſua propria natureſa, o commetter eſte Anjo partido a Jacob, para que o deyxe ir, deve ter algum myſterio digno de ſe ponderar. Aſſim he, (diz Abulenſe) & o myſterio foy, porque vinha rompendo a Aurora, tempo, em que os Anjos repreſentados nos luzeyros da manhã, começaõ a entoar no Ceo os ſeus Angelicos conticos; & era neceſſario que eſte Anjo foſſe acompanhar aos mais Muſicos: *Tempus eſt,* (diz Abulenſe) *ut redeam ad cantandum laudes cum aliis coram Deo, qui vocantur aſtra matutina.* Pois naõ fará eſte Anjo huã fineſa por Jacob? Naõ aſſiſtirá com Jacob na luta, & juntamente cõ os mais Anjos no Coro? Naõ póde ſer; porq̃ iſſo ſó eſtá guardado para

Gen. cap. 32. n. 22.

Abul. apud. Zul.

para hum Anjo particular, como foy Santo Antonio; pois no meſmo tempo, em que eſtava prégãdo no pulpito, ſe vio cantando no Coro. Eſe o Anjo de Jacob largou o officio de Soldado para ir fazer o de Muſico, Antonio tem tal animo, q̃ ſem deyxar o officio de Muſico, faz tambem o de Soldado. E aſſim podemos dizer de Antonio que ſó elle pode lutar cantando.

Daqui parece que naceu a Antonio a velocidade, cõ que em taõ breve tempo correu tantas partes do Mũdo, pois andou ſó dés annos o que muytos em grande numero de annos naõ puderaõ concluir. Eſteve por duas vezes em Fráça, duas vezes em Cicilia, duas vezes em Roma, em Milaõ, em Arimino, em Bononia, em Florença, em Padua, & em Mecina, ganhando grandes vittorias com as armas de ſua luz em todas eſtas partes do Mundo, cõfutando herejes, convertendo peccadores, & aſſombrãdo tyrannos: ſendo nas penitencias auſtero, na oraçaõ continuo, na prégaçaõ incanſavel, & em tudo maravilhoſo; naõ parece que o ſeu obrar ſe ſujeytou ás leis do tempo.

Foy Antonio como aquelles myſticos animaes, que vio Ezequiel, acujos robuſtos hombros ſe fiou a carroça da gloria de Deos, os quaes hiaõ, & tornavaõ á ſemelhança de rayos refulgentes. Rayo foy Santo Antonio, & foy Soldado como hum rayo, porque lhe naõ faltou a propriedade de animo. Aeſta propriedade correſponde Antonio com a inſignia da Cruz; porque ſe Chriſto no monte Calvario levãtou a Cruz como trofeo das ſuas vittorias, (como diz S. Paulo) Antonio com a Cruz na maõ eſtá moſtrando o triunfo das ſuas batalhas; mas que muyto triunfaſſe deſte modo, ſe he Antonio milagre da natureſa, goſto dos Ceos, terror dos infernos, Senhor da vida, eſpanto da morte, & eſmero da graça, que he o penhor mais certo da Gloria. *Quam mihi, & vobis, &c.*

SERMAÕ

DE

SANTA CLARA

Com o Senhor expoſto

No Moſteyro da Eſperanſa da Cidade de Ponta Delgada, eſtando junto ao throno do Sacramento noſſo Padre S. Franciſco de hũa parte, & Santa Clara da outra, prégado no anno de 1700.

Accipientes lampades ſuas, exierunt obviam Sponſo.
Matth. 25.

QUem dicera que haviamos de ver hoje no Templo da Eſperanſa o que Iſaias vio ha muyto ſeculos no Templo de Salamaõ! (Divina, humana, & tremenda Mageſtade) Se no dia, em que ſaye a luz Clara, he ſinal evidente de ſe deſcobrir o Sol, juſto era que viſsemos hoje eſſe Divino Sol deſcuberto, pois nos amanheceu taõ Clara luz: *O' Clara luce clarior.* *Ex Hymn ad Laud.*

clarior. Chriſtus in Euchariſtia eſt Sol. Mas que muyto que eſſe Sol ſe deſcubra, para nos fazer eſta luz mais clara, ſe tambem a claridade da luz venerou tanto eſſe Sol. Tanto vos venerou Clara neſſe ſoberano Sacramento, que ainda eſtando de cama enferma, fiava os Corporaes para vos ornar o Sacrario. E ſe he juſto que hum amor ſe pague com outro, juſto he que pagueis hoje com voſſa real preſença as veneraçoẽs, que deveis a taõ querida Eſpoſa, para que conheçaõ todos que, ſe aſſiſtis hoje a voſſa Eſpoſa Clara neſſe Sacramento expoſto, tudo ella vos mereceu pela devoçaõ, que vos teve neſſe Myſterio encuberto: *Veré tu es Deus abſconditus.* *Mendoç. Tract. de Euchar.*

Quem dicera que haviamos de ver hoje no Templo da Eſperanſa o que Iſaias vio ha muytos ſeculos no Templo de Salamaõ! No Templo de Salamaõ vio Iſaias a Deos em hum mageſtoſo throno, o qual naõ ſó pela elevaçaõ do ſitio ſe fazia muy agradavel, mas tambem o reſplandor das muytas luzes o moſtrava muy apraſivel: *Vidi Dominum ſedentem ſuper ſolium excelſum & levatũ.* Junto a eſte throno, aonde o Senhor aſsiſtia, eſtavaõ em pé dous Serafins taõ inflammados no amor do meſmo Deos, que para mitigarem os incendios, que lhes ardiaõ no peyto, eſtavaõ com duas azas em hum continuo movimento: *Et Seraphim ſtabant: & duabus volabant.* Ouvia ſe naquelle Templo tal conſonancia de vozes, que affirma o meſmo Profeta que a melodia deſtas vozes alegrava, & enchia todo o Templo: *Et ea, quæ ſub ipſo erant, replebant templum.* *Iſaiæ 6.*

Iſto foy o que Iſaias vio antiguamente no Templo de Salamaõ; & iſto meſmo (ſe me naõ engano) eſtamos vendo tambem hoje neſte Tẽplo. E ſenaõ, vede. Iſaias no Templo de Salamaõ eſtava vendo a Deos em hum mageſtoſo throno na forma de Sacramẽtado;

assim o explica a Glossa deste Texto: *Vidi Dominum super solium, idest, Christum super expositum.* Nós hoje no Templo da Esperança tambem estamos vendo a Deos na forma de Sacramentado em hum throno magestoso. Isaias no Templo de Salamaõ vio em pé dous Serafins junto ao throno do Sacramento, dos quaes hum estava á mão direyta, & o outro á esquerda; assim o explica a mesma Glossa: *Et Seraphim stabant: unus ad dexteram, & alius ad sinistram.* Nós hoje no Templo da Esperança tambem estamos vendo junto ao throno do Sacramento dous Serafins postos em pé, hum que está da parte direyta, & o outro da esquerda.

Gloss. exp.

Gloss. ord.

Os Serafins, que Isaias vio junto ao throno do Sacramento, tinha hum delles apparencias de homem, & o outro de mulher, porque (como diz Alapide) aquelles dous Serafins, que lá assistiaõ a Deos no throno, tinhaõ a mesma forma, & figura, que tinhaõ os dous Querubins, que assistiaõ a Deos no Propiciatorio: *Hi Seraphim fuerunt instar Cherubim Propitiatorii.* E dos Querubins do Propiciatorio disse Arias Montano referindo a Rabî Salamaõ, que tinha huns delles semblante de homem, & o outro de mulher: *Asserit duo Seraphim fuisse sexu distinctos, unum fuisse marem, & alium fœminam.* Nós hoje no Templo da Esperança tambem vemos naquelle throno dous Serafins, hum com semblante de homem, que he nosso Padre Saõ Francisco, outro com semblante de mulher, que he nossa Madre Santa Clara. Finalmente Isaias no Templo de Salamaõ ouvio humas vozes taõ suaves, que (como explica a Glossa) eraõ de Anjos estas vozes: *Et ea, idest, agmina Angelorũ, replebant templum.* Nós tambem hoje no Templo da Esperança estamos ouvindo huma

Alap. in Exod. 25.

Arias Mon. lib. de Noe tit. de Propitiat.

Gloss. ord.

huma musica taõ sonora, que parece dos Anjos esta musica. Oh ditoso Templo da Esperança, que nenhuma inveja podes ter ao Templo de Salamaõ!

Porém só huma cousa aqui noto, que me dá grande cuydado, & vem a ser; que sendo as visoẽs destes dous Templos taõ parecidas, vejo que saõ os Prégadores dellas muy desiguaes. E que mayor desigualdade, que ser Isaias o Prégador daquelle dia, & ser eu hoje o Orador desta hora! E quando Isaias, sendo hum Prégador taõ ingsine: *Isaias, idest, Prædicator,* se reconheceu por indigno de poder prégar ao povo naquelle dia taõ solenne: *Væ mihi, quia vir pollutus labiis ego sum;* que direy eu de mim, vendome hoje no pulpito em hum dia taõ festivo? Porém o mesmo Deos, que se dignou enviar hum dos dous Serafins, que assistiaõ no throno, para purificar os labios de Isaias: *Et volavit ad me unus de Seraphim,... Et tetigit os meum;* se digne tambem agora enviar hum daquelles dous Serafins, que naquelle throno assistem, para purificar os meus labios. E se o Serafim, q̃ veyo a purificar a lingua de Isaias, pela veneraçaõ, cõ que tratoua o Sacramento, representado na braza, foy imagem expressa do meu Padre Saõ Francisco, como o disse o doutissimo de Castilho da minha Religiaõ, seja hoje aquelle Serafim Francisco o que venha purificar minha lingua, para q̃ acerte em os louvores de sua amada filha Santa Clara.

Gloss.

Cast. in Sanct.

Para poder pois descobrir os louvores da nossa Sãta, he necessario que comecemos primeyro pelo Evangelho do dia. Diz hoje Christo no Evangelho q̃ o Reyno dos Ceos he semelhante a cẽs virgens, as quaes cõ alampadas acesas sahiraõ a receber o Esposo, que vinha a celebrar suas bodas: *Quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso.* Destas dés Virgens diz o Texto que etaõ sinco nescias, &

as outras ſinco prudentes,& he muyto de admirar que o numero dos prudentes ſe iguale ao dos neſcios, ſendo que diz Salamaõ que os neſcios naõ tem numero: *Stultorum infinitus eſt numerus.* Pareceu a eſtas virgens que tardava o Eſpoſo, & deytáraõ-ſe todas a dormir: *Dormitaverunt omnes, & dormierunt,* ſem advertirem q̃ o meſmo ſono, que lhes prendia os ſentidos, lhes deſacreditava tambẽ os affectos; pois (como diz o Adagio) quem tẽ amores, naõ dorme. A horas de mea noyte ouvio-ſe hum grande ruido, ſinal claro, & evidente, de que vinha o Eſpoſo: deſpertáraõ todas ao clamor, & achando-ſe as neſcias ſem oleo, ſe valéraõ das prudentes, lhes empreſtaſſem hũ pouco; & na verdade, q̃ bẽ moſtráraõ q̃ eraõ neſcias, pois naõ pode haver mayor necedade, que querer luzir, & luſtrar com os luzimẽtos alheyos. Reſpondéraõ lhes as prudentes que o foſſem comprar ás tendas, que querer repartir de ſuas luzes quem naõ tem propriedades de Sol, he querer com brevidade ficar ás eſcuras. Foraõ emfim as neſcias a comprallo: q̃ os neſcios ſempre aguardaõ de prevenir para o fim o q̃ deviaõ prevenir no principio. Chegou neſte tempo o Eſpoſo, & achando as prudẽtes prevenidas, entrou cõ ellas no Ceo a celebrar ſuas bodas; & mandando fechar as portas, ficáraõ as neſcias excluidas por pouco acauteladas: * *Vigilate itaque, quia neſcitis diem, neque horam.* Matth. 25. n. 13.

Eſta he em breve a letra do Evãgelho, deſcubramos agora nelle o aſsũpto. Hugo Cardial explicando o Evangelho preſente, diz que pela luz das alãpadas ſe entẽdem os fruttos das boas obras, os quaes produs huma creatura, mediãte a virtude da virgindade, & cõtinẽcia: *Accipientes lampades ſuas, id eſt, opera, quæ ſecundum continentiam fiunt.* Venero a expoſiçaõ de taõ grave Doutor, porém ſobre ella fundo agora o meu reparo. Que a luz das alampadas repreſente

Ecclſ. 1. n. 15.

Hug. Card. ſup. hoc. c.

preſẽte a virgindade, & pureſa, naõ o duvido; porém q̃ haja pureſa, & virgindade, q̃ ſeja productiva de fruttos, iſto he o q̃ eu naõ entendo. E a razaõ de duvidar he, porq̃ o ſer Virgẽ he ſer eſteril, o ſer productiva de fruttos he ſer fecũda. Pois como póde a meſma luz lograr os privilegios de virgẽ, & ter juntamente as prerogativas de mãe? Sabeis como? Sendo hũa luz de alampada: porq̃ (como diſſe o douto Silveyra) a luz da alampada, que vemos arder no templo, he ſymbolo de hũa Virgẽ clauſurada em hũ moſteyro. Eſta differença ha entre a luz da alampada, & a luz de hũa candea, q̃ a luz da alampada he hũa luz clauſurada, a luz de hũa candea he huma luz divertida. Aſſim hũa luz, como outra ſaõ ſymbolo da Virgindade; porẽ ſó a luz da alãpada denota hũa virgindade fecunda, porq̃ ſó a luz da alampada repreſenta huma virgindade figurada. Por iſſo Santo Ambroſio chamãdo á virgindade Jardim de fruttos delicioſos, logo ſe explicou, dizendo que a delicia deſtes fruttos procedia da clauſura, aonde a pureſa vivia encerrada: *Bonus hortus Virginitas, quæ plurimos ferat boni fructus odoris, quia* (notem a cauſal) *quia undique vallata eſt muro Caſtitatis.* D. Amb. lib. 10 epiſt. 82.

Suppoſto pois q̃ a luz das alampadas repreſenta os fruttos das boas obras, por ſer hũa luz ſymbolo da virgindade, & metida em clauſura, naõ ſey eu q̃ haja Sãta, a quem com mais propriedade convenha eſta expoſiçaõ do Evangelho, do que à noſſa Madre Santa Clara. Porq̃ foy Clara hũa luz taõ ſoberana, que luzindo na clauſura com privilegios de Virgem, gozou juntamente das prerogativas de mãe, ſendo tantos os rayos, & fruttos, que produzio eſta luz, que podemos dizer a bocca chea q̃ foy Clara hũa nova Debora da Ley da graça: porque ſe a valeroſa, & affamada Debora da ley antigua tinha por brazaõ de ſeu nome ſer mulher de rayos, & reſplandores, como

Judic. 4.n.4. diz a Escrittura : *Debora.. uxor Lapidoth, ideſt, fulgurũ*; noſſa Madre Santa Clara tẽ por timbre, & brazaõ de ſeu eſclarecido nome, ſer mãe de luzes, & de eſtrellas. Se a antigua Debora libertou a ſua patria do poder dos inimigos, noſſa Madre Santa Clara tambem por duas vezes libertou a ſua patria do poder dos Sarracenos.

Vieg. in Judices. Villarroel in Judicũ. Se a antigua Debora conſervãdo o eſtado da virgindade, (como querem graves Doutores) fazia a ſua aſſiſtencia em o mõte Efraim jũto a Bethel, o qual (como diz Laureto) repreſẽta hũa Religiaõ, & moſteyro, em hum moſteyro, & clauſura cõſervou Clara ſua virgindade, & pureſa. Se a antigua Debora he o meſmo, q̃ abelha: *Debora, ideſt, apis*, porq̃ (como diz Ruperto) foraõ muytos os fruttos, que para Deos produſio; Clara ſempre foy officioſa abelha pelos ſuaviſſimos fruttos, que para o ſeu Eſpoſo gerou, pois (como diz Salamaõ) o meſmo he abelha, q̃ Clara, ou o meſmo he Clara, q̃ abelha: *Apis Clara eſt, & brevis in volatilibus.* E ſe Debora, por ter o nome de abelha, *Lib. Judicum cap. 4. n 5.* dis a ſagrada Escrittura q̃ aſſiſtia jũto da palma: *Et ſedebat ſub palma*: porq̃ (como diz Hugo Cardial) o venerar ſempre a palma he propriedade na abelha: *Apis palmam colit*; Clara tambem venerou a palma, porq̃ ſempre fez officio de abelha. Finalmente ſe abelha pica na palma para produzir os ſeus fruttos, & Clara he o meſmo q̃ abelha: *Apis Clara eſt, &c.* vereis hoje neſte Sermaõ, q̃ do meſmo modo, que procede a abelha nos fruttos da natureſa, procedeu noſſa Madre Santa Clara nos fruttos da graça. Deſta neceſſito. *Ave Maria.* *Hug. Card.*

Eccl. 11.n. 3.

NAceu noſſa Madre Sãta Clara na Cidade de Aſſis de illuſtriſſimos paes, taõ ricos de virtudes, como de bens; & como o nome, q̃ lhe deraõ no Baptiſmo, foy hum nome vindo do Ceo, porq̃ lho deu o meſmo Chriſto, ainda eſtando Clara no vẽtre de ſua mãe: *Ne paveas mulier, quia quoddam lumen ſalva parturies.* Tratou logo Clara em naſcendo de deſempenhar o ſeu nome; porq̃ naõ ſó começou a reſplãdecer como luz *O Clara luce clarior*; mas tambem começou a voar como abelha: *Apis clara eſt, & brevis in volatilibus*; & como he propriedade da abelha fugir do fumo, & do vento, como diſſe Bercorio: *Apis fumũ, & vẽtum fugit*; tratou logo Clara de fugir das fumaças, comq̃ o Mũdo nos cega, & do vẽto da preſumpçaõ, com q̃ o Mundo nos precipita. *Ex lect. Brev.* *Eccl. 11.* *Berch n.9.*

Reſolveu-ſe por cõſelho de meu Padre S. Franciſco a deyxar a caza de ſeus paes, para ir ſervir a Deos na ſua propria caza; & para o poder fazer com melhor diſfarce, veſtio-ſe no dia de Ramos cõ os mais precioſos veſtidos, & partio-ſe para a Igreja a aſſiſtir á bẽçaõ das palmas. Porẽ ſendo eſte o primeyro voo do ſeu deſejo, logo nelle deſcobrimos hum prodigioſo ſucceſſo; & foy o caſo, q̃ ſubindo todos os q̃ eſtavaõ na Igreja ao altar à diſtribuiçaõ das palmas, como he uſo neſte dia, ſó noſſa Madre Sãta Clara obrigada de hũa virginal modeſtia, ſe deyxou ficar no lugar, em q̃ eſtava; reparou niſto o Biſpo de Aſſis, q̃ era o Preſbytero, q̃ diſtribuhia as palmas, & deſcendo pelos degraos do altar, ſe foy ao lugar, aonde eſtava a noſſa Santa, & lhe meteu nas mãos a palma.

Eu bem ſey q̃, creãdo Deos a Clara cõ propriedades de abelha, he certo q̃ lhe naõ havia de faltar a palma: porq̃ (como jadiſſe com Hugo Cardial) he inclinaçaõ na abelha ir ſempre em buſca da palma: *Apis palmã colit*; que ja por eſſa razaõ diz a ſagrada Eſcritturaque Debora aſſiſtia jũto da palma: *Et ſedebat ſub palma*; porq̃ Debora (como fica dito) he o meſmo que abelha: *Debora, ideſt, apis.* Pois ſe he propriedade na abelha ir ſempre em buſca da palma, como vemos q̃ a noſſa myſtica Abelha naõ quiz ſubir os degraos a buſcalla, mas deſceu o meſmo Biſpo a offerecerlha? Sabeis porq̃? Porq̃ quiz Deos moſtrar cõ eſta acçaõ *Laurẽ verb. De bor.*

acçaõ o quanto era ſingular a ſantidade de Clara.

Notay: diz Laureto que a palma he ſymbolo da ſantidade: *Palma deſignat ſervãtem ſemper innocentiam.* Se Clara ſubira a buſcar a palma, era moſtrar que ſubia a ſer Santa; porém vindo a palma em buſca de Clara, foy para aſſinalar a Clara por centro da ſantidade. Todas as couſas (dizem os Filoſofos) appetecem o ſeu centro: ſobe a pedra violenta, porque tem o ſeu centro na terra; ſobe o fogo voluntario, porque tem o ſeu centro no Ceo. Pois naõ ſuba Clara a buſcar a palma, ſymbolo da ſantidade, porque iſſo he ſair fóra do ſeu centro, deſça ſim a ſantidade repreſentada na palma a buſcar o ſeu centro em Clara.

Laur. verb. Palm.

Ainda aqui deſcubro outra razaõ mais ſubida. A palma (como diz Santo Ambroſio) he huma planta taõ ſingular entre todas as demais, que deſde que naſce até que acaba, ſempre conſerva as ſuas folhas com perpetua verdura: *Palma virens ſemper manet, & folia ſine ſucceſſione conſervat.* A meſma verdura, que moſtra a palma nos ſeus principios, eſſa meſma conſerva em todos os ſeus annos; & ſe a verdura na palma (como já diſſe) he ſymbolo da ſantidade, bem ſe colhe que, ſendo eſta verdura na palma ſempre permanente, eſtá repreſentando huma ſantidade ſempre cõtinuada. Pois eis ahi a razaõ, porque diſpõem Deos que venha a palma em buſca de Clara: porque ſe a palma, a meſma verdura, de que goza no principio, deſſa meſma participa até o fim; ſaybaõ todos que Clara deſde o principio em que naceu, até o fim em que a cabou, ſempre poſſuhio a meſma freſcura da ſantidade, ſempre gozou da meſma verdura da graça; pois o meſmo foy imporlhe Deos o nome de Clara, que canonizalla logo por Santa. Creyo que a todos hade contentar a prova, porque em tudo tem o ſer de Clara.

D. Amb. lib. 3. Hexaẽmer. Cap. 17.

Dos

Dos abyſmos do nada creou Deos todas as couſas, que vemos. Seis dias gaſtou Deos em crear todas eſtas couſas, para que ſerviſſem ao homem, ſendo que há muytos homens, que naõ gaſtam hum ſó dia em algũ ſerviço de Deos. Chegou o dia ſettimo, & vendo Deos que havia a cabado com perfeyçaõ toda a fabrica do Mundo, diz a ſagrada Eſcrittura que deſcançou Deos neſte dia *Requievit die ſeptimo, &c.* Naõ me admiro que deſcançaſſe Deos neſte dia, que como toda eſta fabrica era em beneficio dos homens, naõ tem Deos mayor deſcanço, que fazer aos homens beneficios. Oh fineſa rara! Mas oh ingratidaõ humana, pois tendo Deos por deſcanço fazer a os homens beneficios, tem os homens por ſeu deſcanço correſponder com injurias a os beneficios de Deos! Porém eu reparo, que naõ ſó nos diz a Eſcrittura que Deos deſcançou no ſettimo dia, ſenaõ que tambem o ſantificou, & canonizou por ſanto: *Benedixit diei ſeptimo, & ſanctificavit illũ.* Iſto ſuppoſto.

Gen. 2 n. 2.

Ibid. n. 3.

Difficulto deſte modo. E que teve mais o dia ſettimo, para que Deos o canonizaſſe por ſanto? Se Deos ſantificou eſte dia, porque he obra de ſeu agrado, tambem todos os outros dias foraõ obra de ſeu contento: *Vidit Deus cuncta, quæ fecerat, & erant valde bona.* Pois ſendo iſto taõ certo, porque ſo o ſettimo dia hade ſer canonizado por ſanto: *Benedixit diei ſeptimo?* Reparay vós na perfeyçaõ deſte dia, & conhecereis logo a cauſa, porque goza deſta excellẽcia. Os demais dias diz a ſagrada Eſcrittura que tiveraõ manhã, e tarde: *Factum eſt veſperé, & mané dies unus*: & aſſim proſegue o Texto em todos os outros dias; porem no ſettimo dia naõ faz Moyſés tal advertencia. Os demais dias tiveraõ manhã, & tarde, porq a luz, que os conſtituhia, aſſim como teve augmentos no reſplandecer, aſſim teve deſmayos no acabar.

Gen. 1 n. 31.

Gen. 1 n. 5.

Porém

Porem o dia ſettimo naõ teve manhã, nem tarde, antes reſplandeceu com huma luz taõ ſoberana, que aſſim de manhã, como de tarde tudo foy luz do meyo dia. Ouvi hum Expoſitor dos Cantares: *Sabbatho nec veſperam, nec auroram aſſignavit, quippe totum ſplendidum, totum meridies.* Logo a cauſa, porque Deos ſantificou o dia ſettimo, foy porque eſte dia naõ teve manhã, nem tarde, mas ſempre reſplandeceu com luzes de meyo dia? Aſſim he.

Sherlogo in Cant. tom. 3 ſect. 1.

Porém ſe perguntardes agora ao Profeta Iſaias, quem he eſta luz do meyo dia, reſpondervos ha que he Clara: *Meridiana lux clara eſt.* Pois ſe Clara he luz do meyo dia, & com luſes do meyo dia reſplandeceu o dia ſettimo, clara nos fica a razaõ, porque Deos canonizou por ſanto aquelle ſettimo dia. Foy aquelle dia figura expreſſa de Clara, pois claro eſtá que naõ havia de haver neſte dia nem crepuſculos de manhã, nem diminuiçoẽs de tarde, porque he Clara huã luz taõ ſoberana, que aſſim de manhã, como de tarde tudo foy luz do meyo dia: *Benedixit diei ſeptimo. Meridiana lux clara eſt.*

Iſaiæ 18. n. 4.

E ſe as luzes de Clara ſaõ luzes do meyo dia, oh como vejo hoje parecidas as luzes de Santa Clara com as luzes do Sacramento. A'quelle diviniſſimo Sacramento chamou a Eſpoſa dos Cantares meyo dia do Senhor, que aſſim entẽdem muytos Padres aquellas palavras da Eſpoſa: *Indica mihi ..., ubi paſcas, ubi cubes in meridie;* E ſe inquirirmos a razaõ, porque a Eſpoſa chamou meyo dia ao Sacramento, acharemos que foy, porque aſſim como o Sol no meyo dia he que communica todas as ſuas luzes, aſſim Chriſto no Sacramento recopilou todas as ſuas fineſas: *Memoriam fecit mirabilium ſuorum.* Pois ſe as luzes do Sacramento ſaõ luzes do meyo dia, muyto parecidas andaõ hoje as luzes de Santa Clara com as luzes do Sacramento, pois vemos

Cantic. 1. n. 6.

Pſalm 110. n 4.

vemos hoje reſplandecer a Clara com luzes do meyo dia: *Meridiana lux clara eſt. Indica mihi..., ubi paſcas,..in meridie.*

Naõ he logo de admirar, que devendo Clara ir buſcar a palma como abelha: *Apis palmam colit,* vieſſe a palma em buſca de Santa Clara, naõ ſó para a canonizar por Santa, mas tambem para que viſſemos que fez Deos a Clara taõ ſubida na ſantidade, que ſempre nella permaneceu a luz da graça, aſſim como a verdura ſempre permanece na palma: *Palma virens ſemper manet, & folia ſine ſucceſſione conſervat.*

Alb. Mag. lib. 26 de animalib.

Mas que muyto foy que Deos logo nos crepuſculos da natureſa canonizaſſe a Clara por Santa, ſe o meſmo Deos deſtinava a Santa Clara para ſer Abelha meſtra. He certo que as abelhas na clauſura, em que aſsiſtem, tambem tem ſua Preladá, áqual chamamos commummente abelha meſtra. E entre as muytas ſingularidades, de que goza eſta abelha, diz Alberto Magno que excede ás demais na quandidade do corpo; porque ſó ella entre todas he que tem mayor quantidade: *Regem habent apes, quem natura inſtituit corpore maiorem.* Oque ſuppoſto, vede agora. Creava Deos a Clara para Meſtra de tantas filhas, & como Clara na clauſura havia de ſer Abelha meſtra, por iſſo a creou Deos entre os mais Santos com ſingular differença. Notem a prova, como he propria para Clara.

Eſcreve o Apoſtolo Saõ Paulo aos naturaes de Corintho, & diz na carta, que lhes eſcreve, que a claridade do Sol he diverſa da claridade da Lua, & que a claridade da Lua he diverſa da claridade das eſtrellas: *Alia claritas Solis, alia claritas lunæ, & alia claritas ſtellarum.* He certo que, ſe attendermos ao literal deſte Texto, acharemos que nos naõ diz Saõ Paulo couſa alguã de novo, pois eſtamos vendo a olhos viſtos a grande diverſidade de luz, que con-

1. Corinth. 15. n. 41.

tem

tẽ em ſi eſtes Aſtros. Porém ſe atendermos ao ſentido moral deſte Texto, deſcobriremos grande myſterio: porque (como diz Santo Ambroſio) na claridade do Sol ſe repreſentaõ os Apoſtolos, & Doutores; na claridade da Lua ſe repreſentaõ os Martyres; na claridade das eſtrellas ſe ſymbolizaõ os Confeſſores, & Virgens: porque ſuppoſto que Virgens, Cõfeſſores, Martyres, Doutores, & Apoſtolos todos gozem da meſma claridade eſſencial na Gloria, porque todos poſſuem a meſma Viſaõ beatifica, com tudo na claridade accidental ſaõ differentes, porque foraõ nos merecimentos deſiguaes. Porque huns conſeguiraõ eſſa claridade pelo ſeu zelo Apoſtolico, & outros a alcançáraõ pelo rigor do martyrio: huns a conſeguiraõ pelas mortificaçoẽs, & penitencia, outros pela virtude da pureſa, & Caſtidade. He verdade que todos os Santos no Ceo ſaõ claros, porque para todos ha claridade no Ceo; porém huns a gozaõ como Sol, outros como Lua, & outros como eſtrellas: *Alia claritas Solis, &c.*

O que ſuppoſto, pergunto. E como gozará Santa Clara deſta claridade no Ceo? Sabeis como? Goza ella tanto ſó, como gozaõ todos os Santos juntos, porque goza da claridade das eſtrellas, da Lua, & do Sol. Naõ me reſolvera a dizello, ſe o naõ dicera primeyro o Doutor Illuminado: *Beata Clara* (diz o Illuminado Mayron) *á claritate fuit denominata, ideo ad extollendam ejus claritatem aſſumitur verbum, in quo Beatus Paulus de felicitate Sanctorũ ſub nomine claritatis loquitur: Alia claritas Solis, alia claritas lunæ, & alia claritas ſtellarum.* Da claridade (diz eſte Doutor) ſe derivou o nome de Clara; & aſſim como o Sol, Lua, & eſtrellas convem na razaõ commua de claridade, & differem entre ſi: porque a claridade do Sol naõ he a meſma que a da Lua, nem a claridade da Lua he a meſma, que a das

Mayr citat. à Tetvar Serm. de S. Clara.

das eſtrellas; aſſim tambem todos os Santos, repreſentados no Sol, Lua, & eſtrellas, convem na razaõ commua de ſantidade, & differem entre ſi: porque he diverſa a ſantidade dos Apoſtolos da ſantidade dos Martyres; & a ſantidade dos Martyres diverſa da dos Confeſſores, & Virgens; porém Clara partîcipa da ſantidade, & claridade de todos, porque a ſantidade, ou claridade de todos, conſtituhio huma Santa Clara: *Beata Clara à claritate fuit denominata.*

Teve Clara a claridade do Sol, porque naõ ſó foy Doutora, mas huma Santa em tudo taõ Apoſtolica, que ella meſma foy a que compos a Regra, que havraõ de obſervar as ſuas filhas: *Alia claritas Solis.* Teve Clara a claridade da Lua, porque foy Martyr, naõ ſó pela aſpera penitencia, que no ſeu delicado corpo executava, ſenaõ tambem pelas muytas mortificações, que o demonio lhe fazia: porque naõ podendo ſofrer o demonio ſua rara ſãtidade, chegou muytas vezes a arraſtalla, ferindoa de tal ſorte, q̃ lhe fazia verter rios de ſangue: *Alia claritas Lunæ.* Teve finalmẽte a claridade das eſtrellas, por ſerem ſuas prendas taõ luzidas, q̃ mereceu Clara ſer Matriarca illuſtre de tantas eſtrellas clauſuradas, *& alia claritas ſtellarum.* Mas aſſim havia de ſer, porque como Deos havia creado a Clara para ſer Abelha meſtra, aſſim como a abelha meſtra na ordem da natureſa leva ventagem ás mais abelhas na mayoria do corpo; aſſim era conveniente que Clara na ordem da graça excedeſſe aos mais Sãtos na ſantidade da alma.

Mas como naõ he eſta ſó a ſingularidade, com que a natureſa dotou a abelha meſtra, aſſim tambem naõ he eſta ſó a prerogativa, cõ que a graça ſublimou a Sãta Clara. Dis Bercorio que a Rainha, ou Prelada das abelhas he de ſeu natural taõ branda, & taõ humilde, que tendo as de mais abelhas a-

gui-

guilhaõ para offender: *Rex ipſe humilis, & ſine aculeo eſt.* E por inſignia, ou diviſa deſta ſua humildade diz Alberto Magno que lhe pos a natureſa na cabeça huma gotta de ſuor, como ſe foſſe huma coroa: *In capite albam habet guttam quaſi coronam.* Eſtas ſingularidades, que experimentamos na Rainha das abelhas na ordem da natureſa, deſcobrimos hoje em Santa Clara por privilegio da graça. Vamos á primeyra ſingularidade, que deſta inferiremos a ſegunda.

Alb. Magnus ubi ſupra

Taõ branda, & taõ humilde ſe moſtrou ſempre Santa Clara, que aceytando ſer Prelada porforſa da obediencia, era o mandar para o ſeu genio taõ moleſto, que para evitar eſta pena, ſe occupava nos officios humildes da coſinha. Nos primeyros annos, antes que fizeſſe voto de clauſura, coſtumava lavar os pés as ſuas filhas, quando vinhaõ de fora: ſuccedeu que hum dia lavando os pés a huma, & querendolhos beyjar, como tinha de coſtume, a Religioſa com humilde encolhimento, & com muyto pouca cautela recolheu o pé com tal violencia, que lhe laſtimou, & offendeu muyto o roſto. Porém a Santa com o interior ſocegado lhe mandou ſegunda vez que eſtendeſſe o pé, & beyjandolho com ternura, lhe diſſe: Filha, o melhor meyo de ſer humilde hé ſer muyto obediente. Na verdade que quando chego a conſiderar que a humildade de Clara he piſada com os pés, quero entender que o diſpos Deos para lhe pór na cabeça huma coroa, como a celeſtial Abelha meſtra.

Diz a ſagrada Eſcritura que concebeu Rebecca juntamente a dous filhos, hum que ſe chamou Jacob, & o outro Eſau. Porém eu noto, que ſendo Eſau o primeyro que naceu, naõ foy Eſau o primeyro que governou: antes o contrario diz o Texto, porque diz que o mais velho he que ſervio ao mais moço: *& maior*

ior ſerviet minori. Pois que providencia he eſta? Se naſce Eſau morgado, porque ſe naõ ha de dar a coroa a Eſau? Ha de ſer Jacob o ſegundo no naſcer, & ha de ſer o primeyro no reynar? Sim: por iſſo meſmo que Jacob foy o ultimo, que gozou da luz da vida, por iſſo lhe coube a coroa. Notay. Sendo Eſau o primeyro que naceu, & ſendo Jacob o ſegundo, naſcia Jacob com o roſto pegado aos pès do irmaõ, aſſim o diſpõem a natureſa, & aſſim o adverte tambem a Eſcrittura: *Plantam fratris tenebat manu.* E diſſe Hugo Cardial que omeſme foy tocar Eſau com os pés no roſto de Jacob, que ficar Jacob piſado: *Quod ſub plãta eſt, conculcatur.* Pois ſe Jacob ſe deyxa piſar humilde, & dar com os pés pela cara, bem he que ſe lhe ponha na cabeça huma coroa: *et maior ſerviet minori.* Eſta coroa, que Jacob alcãçou pela ſua humildade, conſeguio tambem noſſa Madre Santa Clara pela ſua brandura: porque cõmo a creava Deos para Prelada, & Abelha meſtra de tantas filhas, bem era que por eſta ſua humildade lhe puzeſſe o meſmo Deos na cabeça huma coroa branca de eſtrellas, como a poz a natureſa á Rainha das abelhas: *In capite albam habet guttam quaſi coronam.*

Genes. 25. n. 24.

Ibid. n. 25.

Hug. hic

Porém naõ param ainda aqui as prerogativas de Clara, porque ainda aqui naõ paraõ as ſingularidades da abelha. Todas as abelhas ſaõ ſymbolo da virgindade, porque todas as abelhas ſaõ caſtas; aſſim o diz Santo Ambroſio: *Apis concubitus neſcit.* Porém a abelha meſtra, alem ſer virgem, he mãe, & quereis ſaber como? Ora vede. As de mais creaturas, que tem o nome de mãe, concebem o parto no ventre, porém ſó a abelha concebe o ſeu parto na bocca. Das meſmas hervas, & flores, com que a abelha ſe alimenta, com eſſas meſmas ſe fecunda, para produſir o ſeu parto. E ſe a abelha gera o ſeu parto na bocca, ſahindolhe tambem o

D. Amb. lib. de virgin

mel da bocca, bem ſecolhe que ſaõ os fruttos da abelha taõ doces como o mel.

Oh Clara Santa! Oh celeſtial Abelha meſtra! Equẽ poderá explicar a ſuavidade dos teus fruttos, & a doçura do teu mel? Só o Eſpoſo Divino, que te deu o nome de abelha: *Apis clara eſt, & brevis in volatilibus*; poderá bem declarar a doçura do teu mel, & a ſuavidade dos teus fruttos.

Cantic. 4. n. 11. *Favus diſtillans labia tua ſponſa, mel, & lac ſub lingua tua.* Eſpoſa minha, (diſſe aquelle Amante Divino a ſua querida Eſpoſa) Eſpoſa minha, he a voſſa bocca taõ ſingular, que diſtilla favos de mel, & he a voſſa lingua taõ doce, que ſe acha neſſa lingua, naõ ſó a doçura do mel, mas a brancura do leyte: *Mel, & lac ſub lingua tua.* Que o Eſpoſo neſtas palavras fale com a ſua Eſpoſa Santa Clara, claramente ſe deyxa ver, porque a intitulou por Abelha, & vemos que ſo a abelha he que produz favos de mel: *Favus diſtillans labia tua.* Porém eu, como todo o meu empenho foy prégar hoje de Sãta Clara, para que ſe veja como eſte lugar lhe vem muy accommodado, difficulto-o deſte modo.

Se o Eſpoſo Divino quer engrandecer, & louvar a bocca de ſua Eſpoſa, & por eſſa meſma cauſa lhe põem o mel pelos beyços, dizendo que os ſeus beyços parecem hum favo de mel: *Favus diſtillans*; porque accreſcenta tambem que a ſua lingua he taõ doce, & ſuave, que naõ ſó participa da ſuavidade do mel, mas da brancura do leyte: *Mel, & lac ſub lingua tua?* Sabeis porque? Porq falava o Eſpoſo cõ Clara.

Notay: do orvalho, & rocio das flores he que as abelhas fabricaõ o ſeu mel; & diz Alapide, ſeguindo o parecer de Plinio, que das candidas açucenas he que chupaó as abelhas com mais goſto, & deleyte onectar ſuaviſſimo do ſeu mel: *Apes caſtæ, quæ mela conficiunt, delectantur lilio quaſi virgineo.* E bem ſabem todos que

Plin. 21. cap. 10.

pelos lirios, ou açucenas ſe entendem as virgens, que ſaõ a Deos conſagradas; aſſim o diz Santo Ambroſio: *Lilia ſunt virgines ſacræ.* Pois ſe a abelha meſtra nos brancos lirios, & candidas açucenas he que fabrica o ſeu mel, ſendo Clara Abelha meſtra de tantas açucenas, & lirios, quantas foraõ as virgens, que attrahio á clauſura; naõ he muyto, que experimentaſſe o Eſpoſo na doçura dos ſeus favos a brancura do leyte, repreſentada nos lirios: *Favus diſtillans, &c Mel, & lac ſub lingua tua. Lilia ſunt virgines ſacræ.*

D. Amb. lib. de virg.

Eſta doçura do mel, que o Eſpoſo achou em Clara, he juſto que ache tambem em todas as ſuas filhas: porque ſe he certo que a onde ha as abelhas, hà o mel, bem he que ſe ache o mel da contemplaçaõ aonde aſſiſtem taõ caſtas, & taõ officioſas abelhas; bem he que lavrẽ naquella colmea Eucariſtica onectar da oraçaõ, & a ambroſia da abſtinencia, para vivificarem a alma.

Reverendas Madres, & ſenhoras minhas, eu bem ſey que he eſcuſada a advertencia aonde tudo he ſantidade; mas como o conſelho naõ he meu, mas do Eſpirito Santo, bem podeis a ceytar hoje eſte conſelho. Diz o Eſpirito Santo por bocca de Salamaõ que aprendamos da abelha, & que vejamos como he admiravel na ſua obra: *Vade ad apem, & diſce quomodo operaria eſt; operationem quoque quàm admirabilem facit.* E commentou Saõ Jeronymo. *Opus ſuum caſtum facit*: que a obra da abelha he muyto caſta, & muyto pura. E ſe a obra da abelha he muy caſta, & muy pura; aprendey hoje da quella Abelha meſtra: *Vade ad apem, & diſce*; pois a creou Deos com taõ ſingular prerogativa de pureſa, que lha chama a Igreja imagem de Maria Santiſſima: *Matrix Dei veſtigium.* Oh excellencia rara! Imitay pois a eſta pureſa de Clara, paraque mereçais ouvir da bocca do voſſo Eſpoſo: *O quàm pulchra eſt caſta generatio*

Prouerb. 6. n. 6.

ex Chr. Seraph

Sapientia 4.

ratio cum claritate. O' como he caſta, & pura ageraçaõ de Santa Clara.

Se as abelhas (como diz Santo Ambroſio) tem taõ grãde obediencia á ſua abelha meſtra, q̃ naõ ſahem dos ſeus cubiculos, ſem ella ſahir primeyro: *Vade ad apem, & diſce*; aprendey daquella Abelha meſtra a ſua rara obediencia, pois foy neſta virtude taõ ſingular, que por naõ ter acçaõ, aque pudeſſe chamar ſua, naõ ſó tinha dado obediencia ao ſeu Padre Saõ Franciſco, mas tambem ao Cardial Protector, & ao Biſpo de Aſſis. Imitay pois eſta obediencia de Clara, & naõ haja em vós acçaõ, que naõ ſeja de obediencia; para que mereçais ouvir do voſſo Eſpoſo: *O quàm pulchra eſt caſta generatio cum claritate.* O' como he fermoſa, & bella a geraçaõ de Santa Clara!

D. *Amb. tom. 1. lib. 6. Hexaem. cap. 21. Nulla ê domibus exire audent niſi Rex fuerit primò egreſſ.*

Se as abelhas ſaõ taõ pobres, que ſe ſuſtentaõ das flores, mais para o ſuſtento alheyo, que para o ſeu proprio ſuſtẽto: *Vade ad apem, & diſce*, aprendey da quella Abelha meſtra a ſua rara pobreſa; pois querendo abſolvella o Summo Pontifice da obrigaçaõ da pobreſa, lhe reſpondeu Santa Clara: SantiſſimoPadre, de minhas culpas, que ſaõ muytas, quero, & peço humildemẽte abſolviçaõ; porém da obſervancia da minha Regra naõ quero, nem pedirey eternamente que me abſolva voſſa Santidade. Imitay pois eſta pobreſa de Clara, para que mereçais ouvir da bocca de voſſo Eſpoſo: *O quàm pulchra eſt caſta generatio cum claritate.*

Se as abelhas entre muros diafanos de alambre diſpõem muytas cellas de ſuaviſſimo nectar: *Vade ad apem, & diſce*; aprendey daquella Abelha meſtra, que entre tantos muros de clauſura fabricou tantas cellas do nectar ſuaviſſimo da oraçaõ. Todas deveis fabricar eſte mel da contemplaçaõ, aſſim as abelhinhas modernas, como tambem as mais antiguas: devem fabricallo as abelhinhas modernas, porque o mel da oraçaõ

raçaõ lavrado na primavera da mocidade, he para Deos mais ſaboroſo: porque (como diſſe Bercorio) o mel das abelhinhas novas he o mais doce. Devem lavrallo tãbẽ as abelhas mais antiguas, porq̃ ſe a abelha ſẽpre aſsiſte na palma, he porque a palma entaõ ſe empenha com mais fruttos, quando ſe vé mais crecida nos annos: *Palma quó annoſior, tantó fructuoſior.* Imitay pois neſtes fruttos a voſſa Abelba meſtra, para que mereçais ouvir da bocca: *O quàm pulchra eſt caſta generatio cum claritate.* O' como he fermoſa, & bella a geraçaõ de Santa Clara!

Gemi-nian.

E vós, minha glorioſa Santa, já que como Abelha meſtra ſoubeſtes lavrar neſſa colmea Eucariſtica fruttos taõ delicioſos; enſinaynos afrequentar eſtes fruttos, que como ſaõ fruttos da Eucariſtia, que quer dizer boa graça, acharemos nelles o penhor da eterna Gloria: *Et futuræ gloriæ nobis pignus datur, &c.*

IHS.

SERMAÕ

DA ESCLARECIDA VIRGEM, & glorioſa Martyr

S. BARBORA,

Prégado em o Moſteyro de Saõ Joaõ da Cidade de Ponta Delgada, no anno de 1703.

Dormitaverunt omnes, & dormierunt.
Matth. 25. num. 5.

A Fortaleſa entre todas amais cõſtante, (cõfecem-no aſſim todos os Martyres) á honra do Chriſtianiſmo (celebrẽ eſte applauſo os Fieis), ao trofeo da mais ſolida nobreſa, (ſolennizem eſte melhor ſangue os Principes) á afronta do meſmo inferno, (naõ me poderáõ negar eſta certeſa os abyſmos) ao triunfo da Divina Omnipotencia (honre-ſe cõ tal filha o meſmo Deos) celebra hoje feſta toda a Igreja

Igreja Catholica, & cõ particular affecto a piedade mais devota, & a devoçaõ mais pia deſte religioſo Moſteyro. Mas quem poderá ſer eſte prodigio de virtudes, eſte milagre de prodigios, & eſte prodigio de milagres, ſe naõ aquella Eſpoſa do Divino Cordeyro, a eſclarecida virgem, & glorioſa Marty Santa Barbora, que entre barbaras naçoẽs foy a coluna mais forte da ley de Deos, a donzella mais ſabia, que teve o Chriſtianiſmo, pois ſem ter Meſtra, de quem aprendeſſe as materias eſcolaſticas, leu do alto de huma torre, como de cadeyra, a materia da Santiſſima Trindade, ſendo a mais difficultoſa materia, que tem toda a Theologia; aquella, que mereceu ſer Eſpoſa do meſmo Chriſto, aſſiſtindo todas as tres Divinas Peſoas ao deſpoſorio: aquella, aquem por eſpecial privilegio foy concedido do Ceo o baptizarſe aſi meſma, ſendo ella o Miniſtro, & abaptizada: a que por virtude Divina, ſó com a invocaçaõ do ſeu nome deſfaz rayos, deſterra coriſcos, & affugenta trovões; aque, finalmente foy o unico emprego dos amores mais requintados, & favores mais ſubidos do meſmo Filho de Deos.

Para cujos cultos, & applauſos nos offerece hoje o Evangelho a parabola de dés Virgens, as quaes com alampadas a ceſas ſahiraõ a receber o Eſpoſo, que vinha com a Eſpoſa a celebrar ſuas bodas: *Accipientes lampades ſuas exierunt obviam ſponſo, & ſpõſæ.* E querẽdo eu hoje copiar as excellẽcias de Barbora pelo ſucceſſo, que relata o Evangelho, acho que todo o Evangelho he curto para copiar as ſuas excellẽcias. A primeyra excellencia, que ſe acha nas prudentes do Evangelho, foy em que veyo o meſmo Chriſto a buſcallas, para ſe deſpoſar com ellas *Ecce ſponſus venit.* Porém eſta vinda do Eſpoſo foy lá pela mea noyte: *Media autem nocte.* E com- *Hug.*
mãtou Hugo Cardial: *Nul* *ſup.*
loſciente, aut cogitante: que *hoc.*

veyo Chriſto a celebrar eſtes deſpoſorios ás eſcondidas, ſem que ninguem o ſoubeſſe. Foraõ huns deſpoſorios, aque chamaõ os Juriſtas clandeſtinos, que ſaõ os que ſe faziaõ de noyte ſem aſſiſtencia de padrinhos, nem noticia de parentes, por arguirem grande diſparidade de merecimentos entre os deſpoſados.

Porém ſendo o deſpoſorio das virgens do Evangelho ás eſcondidas, porque foy ſem aſſiſtencia de padrinhos: *Nullo ſciente*: o deſpoſorio, que Chriſto contrahio com Barbora, foy muyto ás claras, porque teve os mais excellentes Padrinhos, q̃ ha no Ceo, & na terra, que ſaõ o Padre Eterno, & o Eſpirito Santo, porque na occaſiaõ, em q̃ne Chriſto ſe deſpoſou com Barbora, todas as tres Divinas Peſſoas aſſiſtiraõ ao deſpoſorio, o Filho como deſpoſado, o Pay, & o Eſpirito Santo, como Padrinhos do deſpoſorio. Logo ſe o deſpoſorio das prudentes do Evangelho foy ſem aſſiſtencia de padrinhos, por haver nas eſpoſas grandes faltas de merecimẽtos, tendo Barbora no ſeu deſpoſorio taõ ſoberanos Padrinhos, bem ſe colhe que foraõ grandes os merecimentos de Barbora, & que parece vem curto o Evangelho para copiar merecimentos taõ grandes.

De mais diſto. As prudentes do Evangelho ſuppoſto que ſe acháraõ prevenidas com luzes, porque ſempre tiveraõ o oleo da Caridade nas ambulas dos ſeus coraçoẽs: *Acceperunt oleum in vaſis ſuis*, com tudo foy eſte amor, & Caridade com tal medida, que a inda que baſtava para ellas, naõ baſtava para empreſtar ás companheyras: *Ne forte non ſufficiat nobis, & vobis*. Porém Barbora de tal ſorte prevenio o ſeu coraçaõ com o oleo do amor Divino, que naõ ſó teve luz para ſi em abundancia, mas tambem para empreſtar a Juliana, que foy no martyrio companheyra.

Finalmente as prudentes

tes do Evangelho, ſuppoſto que moſtráraõ fortaleſa em naõ cahir, com tudo chegáraõ adormitar: *Dormitaverunt omnes*; porém a fortaleſa de Barbora nunca chegou a diminuir, por mayores que foſſem as tormentas das perſeguições, & por mais que creſceſſem as tempeſtades dos martyrios. Aſſim o certifica a hiſtoria da ſua vida, & aſſim o perſuade tambem a ſua myſterioſa pintura. Pinta-ſe Barbora com huma torre na maõ; & como eſta torre em tudo he myſterioſa, naõ faltaõ nella motivos para poder fundar hoje os meus diſcurſos. Primeyramente, ſe attendermos á razaõ ſuperficial deſta pintura, acharemos que o pintarem a Barbora com huma torre na maõ, he para memoria eterna de que ſeu pay a recluſou em huma torre. Porém iſto he regulando-nos pelas determinações do pay da terra; porém ſe attendermos ás diſpoſições altiſſimas do Pay do Ceo, deſcobriremos neſte retrato o mais profundo myſterio.

He huma torre por Antonomaſia o ſymbolo da fortaleſa, que já por eſta razaõ, querendo Areſio retratar a fortaleſa, mandou pintar huma torre com hum titulo por bayxo, que dizia: *Oppugnata fortior*, que val o meſmo que dizer, quando ſou mais combatida, entaõ ſou mais valeroſa; & como Deos queria dar a conhecer a todo o Mundo quaõ grande era a fortaleſa de Barbora, determinou o meſmo Deos que ſe retrataſſe Barbora tendo na maõ huma torre, para moſtrar que era taõ valeroſa, que tinha a fortaleſa da ſua maõ. Porém naõ paraõ ainda aqui os myſterios, porque ainda neſte torre deſcobrimos mais ſegredos.

Tres janelas ſe diviſaõ tambem neſta myſterioſa torre; & bem ſabem todos que eſtas tres janelas ſaõ figura expreſſa das tres Peſſoas Divinas. Que já por iſſo, naõ tendo a torre mais, que duas janelas ſomente, mandou Santa Barbora abrir

brir terceyra, para que naquelle numero ternario veneraſſe a Deos Trino; & o meſmo foy apoſtar ſe Santa Barbora a venerar naquella torre a hum ſó Deos em tres Divinas Peſſoas, que apoſtarem-ſe tambem todas as tres Peſſoas Divinas a defenderem naquella torre a Santa Barbora. E de que modo defendéraõ as tres Peſſoas Divinas eſta myſterioſa torre de Barbora? Sabeis como? Pondo em cada hũa das janelas hũa ſintinella viva para vigiar, defẽder a fortaleſa deſta torre.

Na primeyra janela, que ſymboliza ao Pay, ſe pos por ſintinella a fortaleſa, porque a fortaleſa, & poder ao Padre ſe attribue. Na ſegunda janela, que repreſenta ao Filho, eſtá de ſintinella a Fé, que como a Fé he habito de ſciencia, a ſciencia ao Filho ſe appropria. Na terceyra janela, que figura ao Eſpirito Santo, eſtá de ſintinella o amor, porque o amor ao Eſpirito Santo ſe attribue. E para que no encontro da ronda naõ houveſſe algũ deſcuydo, cada huma deſtas ſintinellas tomou ſeu nome diverſo. A' primeyra ſintinella deſta torre, que he a fortaleſa, ſe lhe deu o nome: *Oppugnata fortior*: porque eſte he o emblema, que convem á fortaleſa, que foy o meſmo, que encarregarlhe, que quando ſe viſſe mais combatida, entaõ ſe havia de moſtrar mais valeroſa. A' ſegunda ſintinella, que he a Fé, ſelherecomendou eſte nome: *Uni ſervo fidem*: porque eſte he o emblema proprio da Fé, & val o meſmo que dizerlhe: A hum ſó Deos guardo a minha Fé. A' terceyra ſintinella, que he o amor, ſe deu eſte nome: *Donec in cineres*, que eſte he o emblema, de que o amor Divino ſe compõem, & val o meſmo, que dizer: Tanto heyde amar, & querer, até que de todo heyde acabar.

Reparada aſſim a noſſa torre com as ſuas ſintinellas, reſta agora que ſaybamos quem haõ de ſer os inimigos, que a haõ de invadir, & que a haõ de combater. Os

Os inimigos que ſahem hoje a combater eſta torre, ſaõ dous: convem a ſaber, o engano com as ſuas deſtrezas, & a tyrannia com as ſuas crueldades. Todo o intento deſtes dous valentes armados ſe dirige hoje a deſtruir, & derribar a fortaleſa deſta torre; mas pouco importarà o ſeu intento, porque acharáõ tal valor neſta torre ſoberana, que quando for mais combatida, entaõ a haõ de achar mais valeroſa: *Oppugnata fortior*; porq ao primeyro inimigo, que he o engano, ſahirá de encontro a Fé com as ſuas verdades. Ao ſegundo inimigo, que he a tyrannia, ſahirá o amor de encontro com as ſuas fineſas. Temos poſto a noſſa torre em tom de guerra, para que neſta contenda alcancemos a victoria, he neceſſario primeyro q̃ nos ponhamos em graça.

Ave Maria.

Dormitaverunt omnes, &c.

FOy a antigua Cidade de Nicomedia o Oriẽte glorioſo, aonde naceu a eſclarecida Virgem, & invictiſſima Martyr Santa Barbora, & ſendo certo que tendo Barbora pay, & mãe, que a geráraõ, naõ nos diz a ſua lenda quem foy ſua mãe, & ſó nos diz quem foy ſeu pay; & poderá ſer que, como a vida deſta Santa em tudo he myſterioſa, houveſſe tambem niſto algum myſterio; & o myſterio a meu ver foy, porque como as mães ſaõ de ſua natureſa inclinadas á piedade, parece quiz occultar a hiſtoria a piedade da mãe, paraque ſe viſſe que padecia Barbora ás mãos do pay ſem nenhuma piedade. O nome de ſeu pay foy Dioſcoro, homem muy illuſtre no ſangue, mas muy perverſo na idolatria. Era Barbora muyto fermoſa no corpo, mas mais fermoſa era na alma, que fermoſura, que ſe naõ adorna com as virtudes, nada tem de engraçada. Deſde os ſeus primeyros annos começou logo Barbora a deſpreſar as couſas da terra, & ſuſpirar pelas

pelas do Ceo, deſejando ter alguem, que lhe déſſe noticia do verdadeyro Deos, aquem ſó deſejava amar, & querer; aſſim o declarou a noſſa Santa a Origenes, enviandolhe huma carta, naqual lhe pedia lhe déſſe eſta noticia: *Aprima ſcintilla ingenii mei cum toto corde concupivi, ut ad veri Dei notitiã pervenirem.* Mas como o amor naõ ſabe eſtar encuberto, naõ pode Barbora diſſimular por muytos tempos eſte amor; porque entrando hum dia no templo com ſeu pay, & olhando para os idolos, a quem a gentilidade adorava, fez ao pay eſta pergunta: Dizeyme, pay, para que eſtaõ aqui neſte templo eſtas imagens de homens: *Quid ſibi volunt hæ ſimilitudines hominum?* Reprehendeu ao pay, que ſe callaſſe, & que naõ falaſſe tal couſa, porque aquellas imagens naõ eraõ de homens, mas que eraõ imagens dos deoſes.

Claud Rot.in vitaS. Barb.

Claud Rot. ubi ſupra.

Replicou Santa Barbora, dizendo: E eſtes deoſes, a quem nós agora veneramos, foraõ homens? Reſpondeu lhe o pay que ſim. Retorquio outra vez Barbora, argumentando neſta fórma: Todos os homens naſcem, & morrem; os deoſes naõ naſcem, nem morrem: logo os deoſes naõ ſaõ homens. Foy eſte argumẽto de taõ grande efficacia, que naõ pode o pay negarlhe a conſequencia; mas como podia ſer, ſe era argumento feyto por Barbora. Ficou o pay com eſte argumento naõ menos admirado, que confuſo; mas como lhe naõ convinha darſe na materia por concluido, determinou combater com enganos a quem via q̃ naõ podia vencer com argumẽtos.

Mandou recluſar a filha em huma torre, para que retirada de todo o conſorcio das gentes, ſe lhe naõ augmentaſſem as noticias da Fé, & naõ vieſſe Barbora a ſer deshonra da ſua caza, por naõ querer ſeguir a cega idolatria. Mas ah Dioſcoro! Como eſtás enganado; porque neſta meſma torre, aonde

de mandas prender a tua filha, a hi ha de ella encontrar com a mayor fortaleſa, porque me parece que vejo já na primeyra janela deſſa torre huma viva ſintinella, que quando ſe vir mais cõbatida, entaõ ſe ha de moſtrar mais valeroſa: *Oppugnata fortior.*

Eu naõ reparo agora tanto neſta recluſaõ de Barbora, como no ſofiſtico engano, com que o pay ſe houve neſta ſua recluſaõ; porque fechando naquella torre a Barbora, lhe mandou meter em ſua companhia os idolos. E para que fim lhe mete o pay os idolos na torre? Sabeis porque? Tinha já o pay deſconfianſa de que Barbora aborrecia os idolos, & como a communicaçaõ cria amor, entendeu o pay que Barbora poria o ſeu amor naquelles idolos, tendo com elles taõ proxima communicaçaõ. Eſte foy o primeyro engano, com q̃ quiz arruinar eſta torre firmiſſima de Barbora; & neſta maliciosa induſtria, naõ ſó ſe moſtrou o pay tyranno, mas tambem fez o officio de demonio, porque da meſma induſtria, de q̃ uſou o demonio com Chriſto no deſerto, quando o chegou a tentar, deſta meſma uſou Dioſcoro com Barbora ſó a fim de aperverter.

No deſerto tentou o demonio a Chriſto, & foy eſta tentaçaõ com hum engano taõ deſtro, & taõ ſubtil, que ſe naõ fora Chriſto, a quem tentava, facilmente o concluira. Chegou-ſe ao Senhor, & encobrindo a ſua malicia com capa de piedade, lhe propos a tentaçaõ neſta fórma: *Si filius Dei es, Matdic ut lapides iſti panes fiant.* th. 4. n. 3. Se es filho de Deos, naõ te deyxes conſumir, nem attenuar com taõ continuos jejuns, & dize que eſtas pedras ſe façam paõ. Reparou S. Joaõ Chryſoſtomo neſta tentaçaõ do demonio, & diz que o ſeu intẽto naõ foy tanto em que Chriſto fizeſſe paõ das pedras, comq̃ remediaſſe a fome, mas que foy ſó o ſeu intento fazer quebrar a Chriſto o jejũ, & faltar

faltar na abſtinencia: *Non cibum parare vult, ſed vult amputare jejunium.* Pois ſe eſte foy o intento do demonio, porque ſe naõ explica de todo, porque naõ diz a Chriſto: Faze deſtas pedras paõ, & come? Quer que Chriſto quebre o jejum, & não o manda comer? Naõ, & a hi eſteve a deſtreſa do engano: occultou o demonio o intento, que levava, callou o comer, porque julgou que, ſe diceſſe expreſſamente a Chriſto que fizeſſe das pedras paõ, & que comeſſe, daria a entender a Chriſto que todo o ſeu intento era fazer quebrarlhe o jejum. Pois naõ ha de ſer aſſim, (diz o demonio) faça eu muyto por lhe meter o paõ entre as mãos, que elle ſe for puro homem, tendo paſſado quarenta dias de jejum, baſtarlheha ter entre as mãos o paõ, para que coma, baſtarlheha ter a occaſiaõ proxima á viſta, para que caya.

D. Chryſoſt. hic.

Deſte engano uſou o demonio com Chriſto para lhe fazer quebrar a abſtinencia; & deſte meſmo engano uſou Dioſcoro com Barbora, para a fazer cahir na Idolatrîa. O demonio vendo que Chriſto pela virtude do jejum aborrecia o comer, intentou meterlhe o paõ nas maõs, para que com a preſença do paõ faltaſſe Chriſto naquella virtude; Dioſcoro vendo que Barbora deſeſtimava aos idolos, meteulhe os idolos na torre, paraque com a ſua viſta, & preſença ſe affeyçoaſſe Barbora á Idolatria. Com eſte engano, & induſtria pretendia Dioſcoro arruinar a fortaleſa de Barbora. Mas de balde ſe canſa a fua malicia contra a fortaleſa deſta torre, pois acha nella huma ſintinella, que quando mais combatida, entaõ eſtá mais valeroſa: *Oppugnata fortior.*

E aſſim foy; porque importou taõ pouco eſte primeyro combate, que do meſmo engano conſeguio Barbora o mayor triunfo, pois ſe houve Barbora entre os idolos, como roſa entre eſpinhos: porque ſe a roſa entre

entre os eſpinhos naõ perde a cor, nem o cheyro, antes conſerva melhor a ſua belleſa, & fermoſura, como diſſe Saõ Bernardo: *Inter ſpinas viget, & nitet*; Barbora entre os eſpinhos dos idolos conſervou muyto melhor a fermuſura da graça, levando os dias, & noytes ſó na contemplaçaõ do ſeu Deos, aquem dirigia todos os ſeus cuydados, & emquẽ tinha empregado todos os ſeus affectos. E que foſſe Barbora taõ valeroſa, que aſſiſtindo na communicaçaõ dos idolos, nenhum mal lhe fizeſſe a ſua communicaçaõ, he eſta a mais evidente prova da fortaleſa de Barbora.

A fortaleſa, que vejo mais celebrada na ſagrada Eſcrittura, foy a de Jacob, tanto aſſim, que para conhecer o Mundo quaõ grande era a ſua fortaleſa, lhe mudou Deos o nome de Jacob em Iſrael, que he o meſmo que esforſado: *Iſrael, id eſt, prævalens.* E que extremos obraria o Patriarca Jacob, para que engrandeça tanto a ſagrada Eſcrittura a ſua rara fortaleſa? O meſmo Texto o declara: *Ecce vir luctabatur cum eo. Contra Deum fortis fuiſti.* Foy taõ forte, & taõ valeroſo Jacob, que lutou com hum Anjo a braços por eſpaço de hũa noyte; porém baſtando em Jacob eſta admiravel valentia para abono de ſua grande fortaleſa, vejo que diz Caetano que a fortaleſa de Jacob lhe procedeu tãbem de outro principio. E qual foy? Foy, que naõ ſó venceu Jacob ao Anjo na luta, mas tambem venceu a Labaõ em ſua caza *Quia etiam certando cum hominibus Laban non polluiſti, ideo fortis appellaberis.*

Lanret. verb. Jacob

Genes. 32. n. 24. & 28.

Caetan. hic.

Aqui entra agora o meu reparo. Que louve a ſagrada Eſcrittura a fortaleſa de Jacob, por ter taõ generoſos brios, que por eſpaço de huma noyte lutou com hũ Anjo a braços, eſtà bem: que como o Anjo he por natureſa esforſado, nenhum homem, por mais valente que ſeja, tem partido para lutar com hum Anjo; mas que, ſendo

ſendo Labaõ hum homem, como o era Jacob, ſe engrandeça a fortaleſa de Jacob, porq̃ venceu a Labaõ: *Quia certando cũ Laban ideo fortis appellaberis?* Sim; antes neſta luta, q̃ teve Jacob cõ Labaõ, ſe experimentou mais a fortaleſa de Jacob. Notay. Aſſiſtio Jacob em caza de Labaõ muytos tempos, & havendo neſta caza muytos idolos, aquem Labaõ, & os ſeus filhos adoravaõ, ſe houve Jacob de tal maneyra neſta caza, que nũca ja mais ſe lhe pegou o vicio da Idolatria. E que foſſe Jacob taõ valeroſo, que aſsiſtindo entre idolos tanto tempo, em nenhũ tempo ſe affeyçoaſſe a eſſes idolos! Que foſſe Jacob taõ esforſado, que vivendo de portas a dentro com a idolatria naõ contrahiſſe Jacob neſte particular a menor mancha! He iſto huma acçaõ taõ valeroſa, que por ella naõ ſó mereceu Jacob que o meſmo Deos o applaudiſſe por forte: *Contra Deum fortis fuiſti*; mas tambem quis que tiveſſe a meſma fortaleſa por nome: *Vocaberis Iſrael, id eſt, prævalens.*

E ſe a forraleſa de Jacob foy taõ grande, por aſſiſtir dentro de huma caza com idolos, ſem nunca contaminar a ſua virtude, grande foy tambem a fortaleſa de Barbora, aſſiſtindo com os idolos em huma torre, ſem nunca manchar a ſua innocencia. Mas antes, ſe me naõ engano, cuydo queeſta fortaleſa de Barbora ainda ſubio mais de ponto: porque ſuppoſto q̃ Jacob nunca venerou naquella caſa aos idolos, com tudo naõ ouſou nunca a deſpreſallos, por naõ deſagradar niſſo a ſeu ſogro Labaõ; porém Barbora, naõ ſó naõ venerou aos idolos, mas ainda, ſabendo muy bem que deſagradava a ſeu pay, tratou os idolos com tal deſpreſo, que lhe mandou lançar o fogo.

Eſta fortaleſa ſim, que he fortaleſa intrepida, pois chega a romper por todo o reſpeyto humano, por naõ faltar ao Divino! Deſejava Barbora amar ſómente ao verdadeyro Deos; &

& para moſtrar que eſſe ſeu amor era verdadeyro, naõ era bem tiveſſe á ſua viſta aquelles eſtimulos da cegueyra. Aſſim o aconſelhava lá Samuel aos cegos Iſraelitas: * *Si in toto corde veſtro revertimini ad Dominum, auferte deos alienos de medio veſtri.* Se quereis, ò Iſraelitas cegos, (dizia Samuel, falando com os Iſraelitas) virarvos para Deos de todo o voſſo coraçaõ, he neceſſario primeyro que aparteis da voſſa preſença os idolos, que vos traſem cegos, & enganados. Bem cõprio a noſſa Santa á riſca eſte conſelho de Samuel, pois vendo que ſeu pay intentava combater a fortaleſa deſta torre com enganos, metendolhe os idolos na torre, moſtrou Barbora neſte combate do pay tal fortaleſa, que lhe pos eſſes idolos na fogueyra. Mas que muyto foſſe taõ grande a fortaleſa de Barbora, ſe era muyto grãde a ſua Fé. Viofe a ſua fortaleſa combatida do engano, & ſahiolhe logo a Fé de encontro, & com tal reſoluçaõ, q̃ quãto mais o engano determinou deſtruir a fortaleſa deſta torre, tanto mais ſe avivava a Fé: porque (como diſſe Hugo Cardial) tem a Fé huma propriedade, que quando mais ſe prohibe, entaõ mais ſe acende: *Talis eſt natura Fidei, quód quanto plus vetatur, eò magis accenditur.* E como na ſegunda janela deſta torre ſoberana eſtava de ſintinella a Fé com hum preceyto, & ordem, que guardaſſe palavra a hum ſó Deos: *Uni ſervo fidem*, lembrada a Fé deſta ordem, & preceyto, defendeu de tal ſorte a fortaleſa da torre, que ſe achou mais valeroſa, quando ſe vio mais combatida: *Oppugnata fortior.*

Bem o moſtrou aſſim a experiencia; porque vendo Dioſcoro que nadã lhe valiaõ os enganos, tratou de combater a fortaleſa de Barbora com carinhos. Entrou o pay na torre, a onde eſtava a filha, & lhe falou deſta maneyra: *Filia mea, quidam de potentatibus commemorati ſunt mihi de te, ut acci-*

1. *Reg. cap. 7. n. 3.*

Hug. ſup. Matth 8.

Claud Rot. in vit. S. Barb.

acciperent te in conjugio. Quid ergó vis de hoc? Minha filha, (lhe diſſe o pay) os principaes deſta Cidade me falaõ para caſarem com voſco. Que me dizeis vós a iſto? E que vos parece reſpõderia Santa Barbora, vendo ſe combatida do pay? Condeſcenderîa aos ſeus rogos, obrigarſehia dos ſeus affagos, ou aceytaria os ſeus carinhos? Naõ por certo; mas antes foy tal a ira, com que reſpondeu ao pay, que houve o pay por ſeu barato virar as coſtas á filha, ſem lhe reſponder huma ſó palavra. Emfim era fortaleſa de Barbora, que quando mais combatida, entaõ eſtá mais valeroſa: *Oppugnata fortior.*

Eſta ſegunda enveſtida do pay ainda me quer parecer mais induſtrioſa, que a primeyra, porque vejo que uſou Dioſcoro do carinhoſo nome de filha, para poder vencer a fortaleſa de Barbora: *Filia mea*, minha filha; nomeando-a o pay por filha ſua, foy para que Barbora vieſſe no conhecimento de que elle era ſeu pay; & como eſte nome de pay obriga a fazer todo o exceſſo, queria Dioſcoro obrigar a Barbora com o carinho de filha, para que fizeſſe algum exceſſo por ſeu pay. Eſte nome, pay, por qual quer lado que ſe attenda á ſua etymologia, he nome de piedade, de ternura, & de amor: *Pater eſt nomen affectûs*, diz Hugo Cardial; porque *Pater*, ou ſe dedus *à patiendo*, pelo muyto que hum pay ſofre por ſeus filhos, ou ſe deriva *á portando* pelo incanſavel affecto, com que ostras nos ſeus braços, ou ſe deriva *à patefaciendo*, porque para receber hum pay aos filhos ſempre tem os braços abertos; ou ſe chama, *Pater quaſi paſtor a paſcendo*, pelo amoroſo cuydado, com que lhe procura o ſuſtento; & como eſte nome *Pay* inclue em ſi tantos carinhos, por iſſo Dioſcoro intitulou a Barbora por filha, para que obraſſe por elle como pay alguma fineſa.

Mas que fineſa havia de obrar

obrar pelo pay da terra quem tinha já contrahido os deſpoſorios com o Pay do Ceo? Tinha jà Barbora contrahido deſpoſorio com o ſeu amado Jeſu Chriſto, & lembrada deſta Fé, que lhe devia guardar: *Uni ſervo fidem*; a meſma fé era a ſintinella viva, que lhe augmentava cada ves mais a fortaleſa. Naverdade que naõ ſey eu de que mais me admire, ſe deſta fortaleſa combatida, ou ſe deſta fé verdadeyra: porque he digno de admiraçaõ, que hũa menina ainda ſem agoa do Baptiſmo, nada, & creada com o leyte da gentilidade, foſſe taõ grande a ſua fé, que nem os carinhos do pay a commovéraõ, nem os ſeus enganos aobrigáraõ, para deyxar de guardar a fé ao ſeu Eſpoſo! Foy iſto huma Fé taõ grande, que me atrevo a dizer que a todos os mais Santos excedeu Barbora na Fé.

Chegou o Centuriaõ a Chriſto para lhe pedir ſaude para hum filho enfermo, & foy tal a fé, com que eſte homem ſe houve na ſuppliça, que meteu, que chegou Chriſto a dizer que naõ achará tanta fé em Iſrael, como foy a fé deſte homem: *Non inveni tantam fidem in Iſrael.* Muytos tratos tem dado ao juiſo humano eſta propoſiçaõ de Chriſto; porque moſtra Chriſto neſta ſua propoſiçaõ antepor a Fé do Centuriaõ á Fé dos Patriarcas, à dos Apoſtolos, à do Baptiſta, & á de todos os mais Santos? E como iſto parece que encontra a meſma Fé, por iſſo diſſeraõ alguns dos Expoſitores que eſta propoſiçaõ de Chriſto ſe havia de entender deſte modo. Depois da minha prégaçaõ naõ encontrey Fé, como foy a Fé deſte homem. Porém não obſtante eſta, & outras explicações, que ſe daõ a eſte Texto, Cactano o explica aſſim da maneyra que ſoa; porque diz que ſe deve entender ainda em cõparaçaõ dos mais Santos. E como o ponto, que aqui mais nos aperta, he comparar a Fé do Centuriaõ com a Fé do

Matth. 8. n. 10.

Caet. ſupra Matth. 8.

Baptiſta; reſponde o meſmo Caetano, que ainda comparada a fé do Baptiſta com a fé do Centuriaõ, ainda a fé do Centuriaõ foy mayor em algum ſentido: *Quamvis fides Baptiſtæ fuerit maior, quantitatem quantitati comparando, fides tamen Centurionis fuit maior proportionabiliter.*

Quer dizer: Se attendermos preciſamente à fé do Baptiſta, ſem attendermos á ſua peſſoa, & a compararmos com a fé do Centuriaõ ſómente, ſem attendermos á peſſoa do Centuriaõ, mayor foy a fé do Baptiſta, do que foy a do Centuriaõ; porèm ſe na comparaçaõ deſta fè do Baptiſta com a fè do Centuriaõ entrarem tambem as peſſoas, aſſim do Centuriaõ, como do Baptiſta, foy mayor a fé do Centuriaõ, do que foy a do Baptiſta. E ſabeis porque? Porque o Baptiſta na ſua fé teve muytas ajudas de cuſto; foy Santo antes de nacido, filho de paes Santos, creado em penitencia, illuſtrado com muytos beneficios: porèm o Centuriaõ foy hum gentio, filho de paes gentios, & advertidas eſtas circunſtancias, teve mayor fé o Centuriaõ, attendendo ſer quem foy, do que teve o Baptiſta, attendendo ſer quem era.

Logo ſe a fé do Centuriaõ foy taõ grande, que excedeu ás dos mais Sãtos, por naſcer de paes gentios, quem vir a Barbora nada, & creada com o leyte da gentilidade, & filha de paes gentios, renunciar com tal valor os carinhos de ſeu pay, por naõ faltar à fé do ſeu Divino Eſpoſo, expoſta antes a perder a ſua vida, do que perder a ſua fé, bem póde dizer de Barbora que he da fé o non plus ultra: *Non inveni tantam fidem.* E ſe taõ grande foy a fé de Barbora, já naõ me admiro de que foſſe taõ grande a ſua fortaleſa, & poder; por que huma fé viva tem taõ grande efficacia, que parece chega a roubar a Deos o ſeu meſmo poder, & fortaleſa.

Enferma vivia huma miſeravel

feravel mulher por eſpaço de doze annos, & ouvindo as maravilhas, que Chriſto Senhor noſſo obrava com todos os enfermos, & neceſſitados, intentou buſcar a Chriſto, para que alcançaſſe ſaude na ſua infirmidade. Buſcou occaſiaõ opportuna, & vendo paſſar a Chriſto em certa occaſiaõ em companhia dos Diſcipulos, ſe foy atrás do meſmo Chriſto, & ſem que elle a viſſe, buſcou tal induſtria, & tal modo, que lhe tocou na fimbria do veſtido: ſentio Chriſto eſte toque, & virando para os Diſcipulos, lhes perguntou, quem o havia tocado no veſtido, porque no meſmo inſtante ſentira ſair virtude do ſeu corpo: *Quis me tetigit?...; nam ego novi virtutem de me exiiſſe.* Luc. 8. n. 45. & 46. Neſte reparo de Chriſto eſtá tambem todo o meu reparo.

He certo que eſta virtude, poder, & fortaleſa (que tudo quer dizer a palavra *virtutem*) ſahio de Chriſto naquelle meſmo ponto, em que a mulher lhe tocou na fimbria do veſtido; & tambem he certo que eſta virtude, & fortaleſa de Chriſto ſe introduſio naquella mulher ao meſmo ponto; porque logo ſe achou com huma ſaude perfeyta em tocando a Chriſto na tunica. O que ſuppoſto, pergunto. Se Chriſto dá a entender a os Diſcipulos que ſentio ſair de ſi virtude, & fortaleſa no meſmo inſtante, em q̃ lhe tocáraõ na tunica, que virtude haveria neſte tacto, para tirar como por violencia aquella fortaleſa de Chriſto? Sabeis que virtude houve? Houve a virtude da Fé. Notay.

Era taõ grande a fé daquella mulher, que antes de chegar a Chriſto tinha já formado eſte conceyto: *Si tetigero tantùm veſtimentum ejus ſalva ero.* Matth. 9. n. 21. Tanta fé tenho (dizia eſta mulher) naquelle homem Chriſto, que creyo firmemente que, ſe eu lhe chegára a tocar ſómente na fimbria do ſeu veſtido, logo alcançaria para a minha infirmidade o remedio. Pois mulher, que

tem huma fé taõ firme, & verdadeyra, naõ podia deyxar de conſeguir de Chriſto a ſua virtude, & fortaleſa. E ſe quem tem verdadeyra fé, parece que chega a roubar a Deos a ſua meſma fortaleſa, ſendo taõ grãde a ſé de Santa Barbora, naõ he muyto que vendoſe combatida com enganos contra a Fé, moſtraſſe tal fortaleſa no combate deſtes crueis inimigos, que quando mais combatida, entaõ ſe moſtraſſe mais valeroſa: *Oppugnata fortior.*

Eſta meſma fortaleſa, & poder, que a Fé miniſtrou a Santa Barbora, para rebater enganos, lhe adminiſtrou tambem, para que obraſſe prodigios, pois no meſmo tempo, em que eſtamos vendo eſta myſtica Torre combatida, a diviſamos tambem milagroſa. A'lerta andava a fé de Barbora, como quem eſtava de ſintinella, & paſſeando pela torre fazendo corpo de guarda; para deyxar a ſua fé aſſinalada na torre, fez o ſinal da Cruz com o dedo em huma pedra, & ficou na pedra eſculpida huma precioſa Crus. E como era taõ grande a fé de Sãta Barbora, com aquelle acto ſo, q̃ fez de fé, obrou taes maravilhas, & prodigios, que tres prodigios ſe viraõ juntos em hum ſó acto; o primeyro foy, abrandarſe a pedra dura, como ſe fora cera branda; o ſegundo foy ſair no meſmo inſtante huma fonte de agoa da pedra; o terceyro baptizarſe Barbora naquella agoa: em fim milagres de Santa Barbora, que ſendo taõ prodigioſos, deyxaõ de ſer ſingulares, porque ſaõ feytos a montes; & já que naõ podemos põderar todos, porque nos falta o tempo, ao menos encontremos agora a pedra deſta torre com aquella pedra do deſerto, porque tambem ha occaſiões, em que as pedras ſe encontraõ.

No deſerto ſe achava o Povo de Deos muy ſequioſo, & querendo Deos remediar a ſede a eſte Povo, mãdou a Moyſés que falaſſe a huma pedra, & que della

manaria hũa fonte de agoa, com que eſſe Povo mitigaſſe a ſua ſede: *Loquimini ad petram.* Tratou Moyſés de executar o que o Senhor lhe mandava, & chegandoſe á pedra, lhe fez hũa Crus com huma vara, & no meſmo inſtante começáraõ a correr agoas da pedra: *Egreſſæ ſunt aquæ largiſſimæ.* Eſtá obrada a maravilha, porèm eu vejo que Moyſés faltou na obediencia, porque o que Deos lhe mandou, foy que falaſſe áquella pedra: *Loquimini ad petram*, & Moyſés em vez de lhe falar tratou ſó de a ferir: *Percutiens virgâ bis ſilicem.* Em vez de Moyſés falar á pedra, feslhe hũa Cruz com a vara: *Gemina percuſſio Crucem ſignificat*, diſſe Santo Auguſtinho.

Num. 20. *n.* 8.

Ibid. n. 11.

D. Aug. hic.

Pois ſe Deos manda hũa couſa a Moyſés, como obra Moyſés outra cõtra aquillo que Deos manda? Eu o direy. Notay. He verdade q̃ neſta acçaõ andou Moyſès inobediente, mas he certo que o fez por ſe moſtrar conſiderado, & advertido. Via Moyſès que o transformarſe huma pedra em agoa era huma acçaõ taõ prodigioſa, que ſó o poder de Deos podia obrar tal acçaõ. E como naquella vara, q̃ Deos havia dado a Moyſès, tinha o meſmo Deos poſto o ſeu poder: *Hic eſt poteſtas Dei ad miracula facienda*, para que fahiſſe indubitavel o prodigio, naõ ſe quis Moyſès fiar das palavras da ſua bocca, porque tal vez lhe faltaria o poder, & virtude nas palavras, & ſó ſe confiou na vara, aonde a virtude, & o poder de Deos nunca podia faltar. E agora alcanço eu a razaõ, porque vendo os circunſtantes os admiraveis prodigios, que aquella vara obrava, diſſeraõ q̃ naquella vara aſſiſtia o dedo de Deos: *Digitus Dei eſt hîc*: porque vara que fas transformar huma pedra em agoa, parecerá vara á viſta, porẽ he dedo de Deos nas maravilhas, que obra.

Exod. 8. *n.* 19.

Pois ſe ſó o dedo de Deos podia transformar em cryſtallina agoa a dureſa de

huma pedra, que diremos de Santa Barbora, vendo q̃ com o ſeu dedo converte huma pedra dura em huma agoa cryſtallina? Diremos que he dedo de Deos o dedo de Santa Barbora? Eu naõ ſey niſto que diga, porèm ao menos direy que parece que tem Barbora no ſeu dedo o poder do meſmo Deos: *Hîc eſt poteſtas Dei, &c. Digitus Dei eſt hîc.* Mas naõ he muyto tenha taõ grande poder quem tinha huma fè taõ grande; pois era taõ grande a fè, que Santa Barbora tinha ao ſeu Eſpoſo na palavra, que lhe havia dado: *Uni ſervo fidem*, que com eſta fé naõ ſó rebateu os enganos, com q̃ o pay a queria perverter, mas tambem obrou prodigios para haver de o confundir. E ſe eſta torre era defendida pela ſintinella da fè, nunca ſe poderia eſta torre arruinar, nem poderia eſta torre cahir, porque a meſma fè, que a defendia, lhe augmentava cada vez mais o poder, & fortaleſa: *Oppugnata fortior.* E ſe a fè de Barbora ſempre eſteve de ſintinella, he certo que ſempre houve em Barbora huma perpetua vigia, & que ſe as virgens do Evangelho todas ſe deytáraõ a dormir, Barbora foy taõ vigilante, que naõ chegou nunca a dormitar: *Dormitaverunt omnes, &c.*

Vitorioſa ficou a fortaleſa de Barbora neſte primeyro combate, porque nem os enganos a puderaõ convencer, nem os carinhos a chegáraõ a obrigar. Porém o que naõ pode fazer o engano com as ſuas deſtreſas, intentou fazer a tyrannia com as ſuas crueldades. Naõ podendo já Dioſcoro ſofrer a fortaleſa, & reſoluçaõ de Barbora, começou a entender com ella, arguindo-a, porque razaõ mandára abrir naquella torre tres janelas, mãdando elle abrir ſómente duas? Reſpõdeulhe a Santa que o fizera, para q̃ aquella torre repreſentaſſe o myſterio da Santiſſima Trindade, tres Peſſoas, & hum ſó Deos na eſſencia. Colheyo o pay de furor com a reſpoſta de

de Barbora, lançou maõ a huma eſpada para lhe tirar a vida, porém fugindo Barbora ao furor de ſeu pay, ſe abrio de repente huma pedra, aqual recolheu em ſi a Santa Barbora. E que ſe abrandem as pedras para defender, & amparar a huma innocencia, & que á viſta diſto a inda continue Dioſcoro com a ſua tyrannia! Bem moſtra que tem coraçaõ mais duro que as meſmas pedras.

Porém que he iſto, minha Santa? Eſta he a voſſa fortaleſa? Se quereis ſacrificar a Deos a voſſa vida, como dais a entender que tendes medo de huma eſpada? Quereis que digaõ que ſó tendes fortaleſa para rebater enganos, & que naõ tendes valor para ſupportar tormentos? Mas que pouco entende quem aſſim diſcorre; porque o fugir Barbora na quella occaſiaõ, naõ foy por conſervar a ſua vida, mas foy para que ſe viſſe quaõ grande era a ſua fortaleſa. Offerecendo Barbora a cabeça ao golpe da eſpada, era padecer Barbora hum ſó golpe na ſua vida, porém fazendo Barbora aquella fuga, irritava mais a tyrannia do pay, para deſcarregar na ſua vida muytos golpes. E como ſó aſſim ſe experimenta huma fortaleſa, foy neceſſario que Barbora ſe fingiſſe fugitiva para ſe moſtrar mais valeroſa: *Oppugnata fortior.*

Bem o moſtrou aſſim a experiencia; porque acolhendo-a o pay ás maõs, deſcarregou a tyrannia do pay ſobre ella tantos golpes, q̃ ſervio a ſua cabeça de çafra para os malhos de ferro, & o ſeu corpo de eſcapulas, em que dependuráraõ tochas aceſas: aſſim deſconjuntada, & moida a mandou meter no carcere, & fechando as portas com chave, lhe deyxou poſto guardas, para que vigiaſſem as portas. Porèm eſcuſadas eraõ as vigias aquem tinha o amor de ſintinella, o qual eſtà publicando que tanto ha de amar, & querer, atè que de todo hade acabar: *Donec in cineres.*

Para

Para corroborar eſta fortaleſa de Barbora deſceu Jeſu Chriſto ao carcere, & a animou deſte modo: *Confortare, filia, quia ego tecum ſum.* Confortay-vos, filha minha, porque eu ſerey ſempre em voſſa ajuda. E dittas eſtas palavras, ficou Barbora ſã de todas as ſuas feridas. Oh diſpoſiçaõ Divina, que em tudo andais acertada, pois ſe curais as chagas a Barbora, naõ he tanto para que tenha alivio nas penas, como para haver lugar de abrir no ſeu corpo novas chagas! E aſſim foy; porque vendo o Preſidente Marciano que Barbora naõ deſmayava com os tormentos, para dar de huma vez com eſta Torre por terra, lhe mandou cortar ambos os peytos; & neſta acçaõ envidou a tyrannia todo o reſto, porque como os peytos ſaõ parte muy dolorosa, como diſſe o Angelico Doutor: *Ubera enim ſunt ſenſitiva doloris*; quiz o tyranno enveſtir a fortaleſa de Barbora pela parte mais ſenſitiva.

Claud. Rot. ubi ſupra.

Mas ah tyranno! que ſe tu bem advertiras que Barbora tinha o amor de ſintinella, he certo que lhe naõ havias de combater o coraçaõ, aonde lhe aſſiſte o amor. Padecia Barbora os tormentos por amor de Jeſu Chriſto. Aſſim o diſſe a meſma Santa na occaſiaõ, em que lhe deſcarregáraõ com hum malho na cabeça: *Tu noſti Domine, quia amoris tui occaſione hæc patior.* Bem ſabeis vós, meu Deos, que por voſſo amor padeço eſtes tormentos. E ſe Barbora padecia os tormentos por amor, naõ podia Barbora explicar melhor os ſeus affectos, que cortandolhe a tyrannia ambos os peytos.

Claud ubi ſupra.

Eſpirou Chriſto na Cruz, & ſuppoſto que o amor, que tinha aos homens, lhe fez acabar a vida, naõ acabáraõ com a vida as fineſas de ſeu amor, porque ainda depois de morto entregou o peyto a huma lança, para que lhe abriſſem no coraçaõ huma porta: *Unus militum lancea latus ejus aperuit.* Reparou Saõ Bernardo

do neſta ferida do peyto, & chamoulhe ferida do amor: *Vulnus amoris.* Como aſſim? E as outras feridas ſaõ do odio? Se o amor, que Chriſto tinha aos homens, lhe fez levar tãtas feridas no corpo, porque ſó a ferida do peyto ha de ſer a ferida do amor? Sabeis porque? Diz Saõ Vicente Ferreyra: Porque a lança, com que lhe deram eſta ferida, lhe chegou ao coraçaõ: *Infixit eam in corde Chriſti*; & como o coraçaõ he o centro do amor, o meſmo foy tocar a lança no coraçaõ de Chriſto, que ferirlhe o ſeu amor. E ſe o amor de Chriſto ficou ferido, quando lhe raſgáraõ o peyto com a lança, ferido ficou o amor de Barbora, quando lhe cortáraõ ambos os peytos com a eſpada; porque com aquelles duros golpes lhe feriraõ tambem o coraçaõ. Mas pouco importou eſta crueldade, & tyrannia, porque com elle ſe augmentou mais o ſeu amor, & fortaleſa.

Deſta fortaleſa, & valor ſe admirava o Eſpoſo Divino nos Cãtares, parece falando já com a ſua Eſpoſa Santa Barbora: *Soror noſtra parva, & ubera non habet...? Si murus eſt.* A minha Eſpoſa eſtá ſem peytos, porèm advirtaõ que he forte como hum muro: *Si murus eſt*: porque naõ he a falta dos peytos a que a faz deſmayar nos tormentos; & bem ſe vio; porque como a ſintinella do ſeu amor eſtava expoſta, ou a morrer, ou a triunfar: *Donec in cineres*; mandou o Preſidente que ao fio de huma eſpada acabaſſe Barbora a ſua vida. Temou o pay por ſua conta eſta empreſa, & ſubio cõ a filha ao alto de hum monte, para que ficaſſe mais patente a ſua tyrannia, & crueldade. Subi pois, Martyr valeroſa, ſubi, Torre invencivel, que eſta voſſa ſubida muyto ha que eſtá profetizada: *Super montem excelſum aſcende tu, qui evangelizas Sion*; ou como leu Saõ Gregorio: *Quæ evangelizas Sion.* Parece q̃ fala o Profeta Iſaias com voſco neſta ſua profecia. Vós, eſclarecida

Cãtic. 8. n. 8. & 9.

Iſaia 4. n. 9.

Bar-

Barbora, que prégais a Fè em Siaõ, ſubi para eſſe alto, porque ſe o dia do Juiſo dizem que ha de ſer em hum valle, veja ſe hoje outro dia de juiſo neſſe monte.

Quiz Chriſto Senhor noſſo declarar a ſeus Diſcipulos os tremendos ſinaes, que ha de haver no dia do Juiſo, & diſſ. lhes que o Sol ſe hade eclipſar, que a Lua ſe ha de eſcurecer, & que as eſtrellas haõ de cahir. E como ſe naõ baſtaſſem eſtes ſinaes para fazer aquelle dia funeſto, & lamentavel, accreſcenta que os meſmos paes haõ de entregar á morte aos ſeus proprios filhos: *Trademini autem à parentibus.* Pois como aſſim? E naõ baſta a cahida das eſtrellas, a obſcuridade da Lua, & o eclipſe do Sol, para fazer aquelle dia em tudo lamentavel, & funeſto? He neceſſario tambem que ſe veja no dia de Juiſo que ſaõ os meſmos paes os que tiraõ a vida aos filhos? Sim: & eſta he a circunſtancia (diz Hugo) mais digna de ſe ponderar, porque he mais para ſentir. E ſabeis porq? *Qui debent defendere.* Saõ os paes obrigados a defender os filhos da morte, & que ſendo eſta obrigaçaõ nos paes taõ preciſa, ſe veja naquelle dia que os meſmos paes haõ de tirar a vida aos filhos, he iſto hũa acçaõ taõ triſte, & lamentavel, que quando os ſinaes, que ha de haver no Ceo, naõ baſtaſſem para cõſtituir hum dia de juiſo na terra, baſtára ſomẽte o verſe eſte final, para que foſſe hum dia de Juiſo.

Luc. 21. n. 16.

Foy a morte de Santa Barbora hum dia de Juiſo, porque o meſmo pay, que a devia livrar da morte, foy o que lhe tirou a vida, & com tal inhumanidade, que com o primeyro golpe, que lhe deſcarregou ſobre a gargãta, deu com a noſſa Torre por terra. Bem dizieis vós, minha Santa, que tanto haveis de amar, & querer até que de todo haveis de acabar: *Donec in cineres.* Mas ſe acabaſtes para o Mundo, naõ acabaſtes para o Ceo, pois là no Ceo nos fica perpetuamente o amparo deſta Torre

Torre ſoberana, aonde nos podemos recolher de todos os perigos, & aonde temos o refugio certo para todos os trabalhos. Recorramos pois todos a eſta Torre ſoberana, pois todo o que a ella ſe acolhe, de nenhum modo periga. Bem o experimentaõ cada dia os devotos da noſſa Santa, pois ſendo taõ univerſal em favorecer a todos os ſeus devotos, particularmẽte lhes alcançou do meſmo Deos que nenhum delles morreſſe ſem Sacramentos. Bem experimentou eſta fineſa o Beato Eſtanislao, o qual eſtando cattivo, & vendo-ſe ás portas da morte, com deſejos de commungar invocou a Santa Barbora, de quem era muy devoto, & a Santa lhe trouxe do Ceo o Sacramento por viatico. Sejamos pois todos muy devotos de Santa Barbora, valhamo-nos todos do amparo deſta Torre, porque nella acharemos fortaleſa para rebater enganos, fé para triũfar dos tormentos, amor para morrer pela Fè. Eſta fé, eſta fortaleſa, & eſte amor nos alcançay de voſſo Divino Eſpoſo, para que logrãdo a ſua graça neſta vida, o vamos lograr cõ voſco por eternidades de gloria, &c.

SER-

SERMAÕ

DE PROFISSAÕ

Da Reverenda Madre Soror Tereſa da Annunciada, Filha do Capitaõ Manoel Rebello da Camara, Prégado no Moſteyro de Santo André da Cidade de Ponta Delgada em 3. de Novembro de 1701.

Si quis diligit me, ſermonem meum ſervabit.
Joan. 14. n. 23.

SE a ave pelo cantar ſe conhece, como diſſe hum Poeta: *Ex cantu dignoſcitur avis*, dicera eu que a vóz, que ainda agora ſe ouvio, me pareceu vóz de Cyſne, que cantou: porque ſe he propriedade do Cyſne entoar ſuaves cânticos quando ſe auſenta dos boſques, & ſe deſpede dos valles, como o diſſe com elegancia hum Poeta: *Et cantor Cygnus funeris ipſe ſui*; ſendo a vóz, que acabámos de ouvir, huma vóz, que ſe deſpede do valle deſte Mũdo, para viver para ſempre no

Alludeà Profeçante, que cantou hum ſolo ao Prègador.

no Ceo da Religiaõ; huma vóz, que com taõ ſuave melodia, & com taõ ſonora ſuavidade ſe deſpede das plantas, que aproduſiraõ, & dos a menos prados, que a creáraõ, bem ſe deyxa ver que parece de Cyſne eſta vóz, pois forma o mais doce canto no meſmo dia, em que ſe deſpede do Mundo.

Mas contra eſta verdade ſe me offerece huma duvida, porque ſe eſta alma Religioſa com a meſma vóz, cõ q̃ do Mundo ſe deſpede, com eſſa meſma ſe ſacrifica hoje ao ſeu Deos; bem eſtá que ſeja Cyſne ao deſpedirſe, mas que ſeja tambem Cyſne ao ſacrificarſe, iſſo como póde ſer, ſe mandou Deos antiguamente que ſe lhe não ſacrificaſſe o Cyſne? Nos ſacrificios da ley antigua numerando Deos as couſas, que ſe lhe haviaõ de offerecer em ſacrificio, determinou o meſmo Deos q̃ ſe lhe naõ fizeſſe offerta do Cyſne: *Hæc ſunt quæ de avibus ..., & vitanda ſunt vobis : Aquilam..., & Cygnum.* He certo que, tendo Deos eſpecial cuydado, aſſim dos homens, como das aves, mandar Deos que eſta ave ſe lhe naõ offereça em ſacrificio naõ ſó deve ter algum myſterio, mas tambem deve incluir algum ſingular documento: porque ſe bem advertirmos, o Cyſne naõ ſó he fermoſo, porque he brãco, mas tambem he agradavel, porque he muſico. Pois logo em q̃ deſagradaria a Deos o Cyſne, que nem a ſua alvura o namora, nem a ſua muſica o agrada, para que o receba em ſacrificio? Sabeis em q̃ o deſagradou? Eu o direy.

Levitic. 11 n. 13.

He o Cyſne taõ continuo na muſica, que (como affirma Tertulliano) em toda a ſua vida canta o Cyſne; porèm quando ſe ve apanhado, & com a liberdade cattivo, toda eſta ſua muſica ſe converte em triſteſa. Para o Cyſne ſe ſacrificar a Deos no templo, neceſſariamente o haviaõ de primeyro apanhar, para o poderem offerecer; & ave, que na occaſiaõ, em que ſe ha de a Deos offerecer, entaõ he

Tertul lianõ de cibis Judaicis.

que

que perde o cantar; ave, que na occaſiaõ, em que deve dar moſtras de alegria, entaõ ſe cobre de huma profunda triſteſa, naõ ſerve para ſer traſida a ſagrado, nem para ſe offerecer a Deos em ſacrificio. Huma ave, que fóra do ſagrado he a legre, & metida no templo he ave triſte, naõ he dadiva, que Deos aceyte, nem que a Deos ſe ſacrifique *Hæc ſunt quæ de avibus..., & vitanda ſunt vobis, &c.*

Porèm ſe eſta foy a razaõ, porque Deos naõ aceytou antiguamente o ſacrificio do Cyſne; ſe moſtrou Deos que eſta ave naõ era do ſeu beneplacito, porque havia de entrar triſte no ſacrificio; entrando hoje eſta ditoſa alma taõ alegre a ſacrificarſe, que pelas vozes da muſica explica os affectos da alma, bem podemos affirmar que eſte ſeu ſacrificio he para Deos de tanto agrado, que taõ fóra eſtá de lhe negar Deos no ſeu Têplo a entrada, que antes a eſtá chamando como Eſpoſa eſcolhida: *Veni electa mea.* Eſtas ſaõ as palavras, com que o Eſpoſo a chama; porèm outras ſaõ as palavras, com que o Eſpoſo a admoeſta. E quaes ſaõ? Saõ as que tomey por thema para prègar neſta hora.

Siquis diltgit me, ſermonẽ meum ſervabit. Quem me ama, (diz Chriſto no Evangelho falando com a ſua Eſpoſa) hade guardar minha palavra, que aſſim entendẽ muytos Padres aquelle termo, *ſermonem*, & por iſſo vertem muytos: *Siquis diligit me, verbum meum ſervabit.* Cuydava eu que o ſeu Eſpoſo JeſuChriſto lhe havia hoje de encomendar que guardaſſe a ſua Ley, porque eſta foy a recomendaçaõ, que Chriſto fez ao outro mancebo, o qual deſejando acertar com o caminho do Ceo, perguntou ao Senhor que faria, para naõ errar eſte caminho, e o Senhor lhe reſpondeu que guardaſſe a ſua Ley: *Serva mandata.* Pois ſe entaõ recomendou a guarda da ſua Ley, como hoje ſó encomenda a obſervancia da ſua palavra: *Si quis*

Apud Sylveyra ſup. hoc. Evãg.

Matth. 19 v. 17.

quis diligit me, ſermonem meum ſervabit? Sabeis porque? Faz Chriſto diverſas recomendações conforme a diverſidade dos eſtados. Naquella occaſiaõ falava Chriſto com hum homem, que vivia lá no ſeculo, hoje fala com huma alma, que habita na Religiaõ; entaõ falava com hum ſecular, porem hoje fala com huma Religioſa; & ſe baſta para hum ſecular o guardar a Ley de Deos, naõ baſta para huma Religioſa o guardar a ſua Ley, mas tambem he neceſſario que guarde a ſua palavra: *Si quis diligit me, &c.*

De ſorte que a palavra, *ſermonem*, ainda diz mais que a palavra, *legem*, porq guardar a Ley de Deos he attender ao preceyto, porem guardar a ſua palavra, he attender ao conſelho do Senhor, & obedecer á ſua ſanta vontade. E huma alma Religioſa, naõ ſó ſe deve eſmerar na obſervancia do preceyto, mas tambem deve adivinhar a võtade do Eſpoſo. Iſto deſcubro eu em humas palavras de Saõ Bernardo, o qual falando com as almas Religioſas, diz aſſim: *Non eſt veſtrum ſolum attendere, quid præcipiat Dominus, ſed quid velit.* Naõ deveis cuydar, ó almas conſagradas a Deos, naõ deveis cuydar ſó do que Deos manda, mas tambem haveis de fazer o que Deos quer. Pois pergunto.. E tudo o que Deos manda, naõ o quer? Sim: porèm nem tudo o que quer, manda: porque os conſelhos d perfeyçaõ ſaõ võtade de Deos, & com tudo naõ ſaõ preceytos ſeus: porque ſuppoſto que Deos ſempre quer o melhor, naõ manda ſe naõ o mais facil; & aquelle que obra por obedecer ao preceyto, obra muytas vezes de medroſo, porem o que obra por adivinhar o goſto do amado, obra por impulſo do amor. Trate pois o ſecular de attender ao que Deos manda, porèm a alma Religioſa, que deve obrar por amor, adivinhe o que Deos quer, naõ guarde ſó a Ley, mas guarde a ſua palavra:

D. Bernard. de Præceptis.

lavra: *Siquis diligit me, &c.*

Visto pois que recomenda hoje Christo a esta nova Esposa que guarde a sua palavra, creyo que desejará saber o modo, com que lha deve guardar. O Cardial Hugo lhe satisfará hoje este desejo, porque expondo as palavras do meu thema, diz assim: *Sermonem meum servabit: corde, ore, & opere.* Sabeis de que modo (diz Hugo Cardial) ha hũa esposa de guardar a palavra do Esposo? Hade guardalla no coraçaõ, hade guardalla na bocca, & hade guardalla na obra: guardando a esposa no coraçaõ a palavra do Esposo, mostrará a sua obediencia; guardando esta palavra na bocca, resplandecerá na Castidade, & pondo esta palavra por obra, mostrará a sua pobreza. Estes haõ de ser os tres discursos do Sermaõ, aos quaes discursos haõ de corresponder tres prognosticos, que servindo de parabens à nova Esposa, tambem serviráõ ao Prégador de muyta graça. *Ave Maria.*

Hug. Card. hic.

Siquis diligit me, sermonem meum servabit.

CUydava eu atègora q̃ huma alma Religiosa na occasiaõ, em que se desposava com Christo, se devia offerecer sómente em sacrificio, porem já agora vejo que tambem lhe he necessario se offereça a Deos em holocausto. Esta differẽça se dá entre o holocausto, & sacrificio, que no sacrificio naõ se offerece toda a offerta, porèm no holocausto toda a offerta se offerece: assim o fazia Samuel quando assistia no Templo, porq̃ offerecia a Deos todo o cordeyro: *Obtulit illum holocaustum integrum Domino.* Donde disse Saõ Gregorio que offerecer Samuel a Deos todo o cordeyro, era para mostrar que se offerecia a Deos todo: *Offerre agnũ integrum est mentis integritatem præparare.* E este he o sacrificio proprio, (diz Hugo Cardial) que faz huma alma Religiosa na occasiaõ, em que profeça:

Lib. 1 Reg. cap. 7. n. 9.

D. Greg. ibi.

Hug. Card. in Psal. 4.

ça: *Ad sacrificandum omnes tenentur; ad holocaustum solum perfecti, & Claustrales.* Offerece pois hoje a nossa Profeçante hum holocausto inteyro, & hum todo de si mesma em obediencia, em pobreza, & em castidade; esta he a palavra, que hoje dá ao seu Esposo em final de que nelle emprega todo o seu amor, & affecto; porèm deve advertir esta Esposa, que para mostrar que emprega no Esposo o seu amor, deve guardar fielmẽte esta palavra, que lhe dá: *Si quis diligit me, &c.* E a primeyra parte, aonde a deve guardar, ha de ser no coraçaõ: *In corde*, porque fazendo-o assim, naõ só agradará ao seu Esposo, mas mostrarà o mesmo Esposo que he a Madre Teresa a Esposa do seu agrado.

Para Deos declarar os seus segredos a huma alma, que profeçava ser sua, diz o Profeta Oseas q̃ a guiou para a solidaõ, & retiro, & que ahi lhe falou a o coraçaõ: *Ducam eam in solitudinem: & loquar ad cor ejus.*

Oseæ 2. n. 14.

Eu naõ reparo agora em que o Esposo Divino para haver de falar com a sua Esposa, a leve para a solidaõ do deserto, ou para a clausura do mosteyro, porque como a leva com intento de lhe falar, bem he que a aparte de tudo o que a póde divertir; no que faço o meu reparo, he em que diga o Esposo que lhe ha de falar ao coraçaõ: *& loquar ad cor ejus.* Cuydava eu que o Esposo lhe havia de falar ao ouvido, porque o ouvido he a propria potencia, aonde se recebe a voz; pois se saõ os ouvidos o proprio receptaculo, aonde a voz se recebe, porque naõ diz o Esposo que ha de falar aos ouvidos da Esposa, mas só diz que lhe ha de falar ao coraçaõ: Sabeis porque? Eu o direy. Queria o Esposo Divino ensinar a sua Esposa o como devia guardar a sua Divina palavra, & como a palavra Divina para produsir o seu effeyto, no coraçaõ he que deve fazer o seu assento, por isso diz o o Esposo q̃ lhe hade falar ao coraçaõ.

Notay. Engana-se quem imagina que saõ os ouvidos o porto, para onde a palavra Divina navega. Antes se nós bem advertirmos, acharemos que nos canaes dos ouvidos he que a palavra Divina dá á costa, porque fica muytas vezes nos ouvidos encalhada. Por isso diz Saõ Gregorio que importa pouco ter huma alma o ouvido no exterior aberto, tendo o coraçaõ no interior fechado: *Unde homo exterius auditum aperit, inde interius obsurdescit.* Pois para que sayba a Esposa que nada importa ter os ouvidos abertos para receber as palavras do Esposo, se tiver o coraçaõ fechado ás inspirações do Ceo, por isso naõ diz que lhe ha de falar aos ouvidos, mas que só ao coraçaõ lhe ha de falar: porque sendo o coraçaõ o centro, aonde a palavra Divina deve formar o seu eco, nesse centro do coraçaõ deve guardar a Esposa essa Divina palavra.

D. Greg. lib. 13 Moral. cap. 12

Esta deve ser a obrigaçaõ de huma alma, que se entrega a Deos de todo, deve fechar os ouvidos aos affagos do Mundo, & abrir as portas do coraçaõ ás palavras do Esposo: porque Esposa que pretende lograr de seu Esposo os affectos, he necessario que suspenda as operações dos sentidos.

No mayor exemplo da santidade havemos de descobrir a prova mais evidente. Nas mõtanhas de Judea, estando ainda o Baptista no ventre de sua mãe, conheceu taõ claramente a Christo, que por naõ ter ainda vozes para o poder declarar, saltou no ventre da mãe com jubilos de prazer: *Exultavit in gaudio infans in utero meo.* Porém sendo isto assim, eu vejo q̃ assistindo depois o mesmo Baptista nas ribeyras do Jordaõ, confeça pela sua mesma bocca q̃ naõ conhecia a Christo, & que para haver de o conhecer foy necessario q̃ se lhe désse hum final: *Et ego nesciebam eum: sed qui misit me baptizare in aqua, ille mihi dixit: Super quem videris Spiritum descẽdentem*

Luc. 1 n. 44.

Joan. 1. n. 33.

dentem, ..., hic est. Pois valhame Deos! desconhece o Baptista no Jordaõ aquelle mesmo, que conheceu em Judea? Se o Baptista antes de nascer no Mundo, já tinha conhecimento de Christo, como ao depois de nacido lhe falta este conhecimẽto: *Et ego nesciebam eum?*

Eu o direy. Teve o Baptista antes de nacido conhecimento de Christo, porque como o Baptista no ventre de sua mãe naõ tinha ainda o exercicio dos sentidos, tambem naõ tinha cousas humanas, que se lhe offerecessem aos olhos; porèm ao depois de crecido ignora a Christo no Jordaõ, porque no Jordaõ exercitavaõ os sentidos do Baptista o seu officio, supposto q̃ com muyta pureza, & santidade. E para nosso exemplo nos quiz mostrar o Baptista q̃ chegou a desconhecer entre as operações dos sentidos aquelle mesmo, que conheceu claramente, quando tinha suspensos os sentidos das suas operações. Que admiravelmente o diz a meu intento Cyrillo Jerosolymitano: *Joannes in utero exiſtens, & corporis oculis nihil videns Spiritum Divinum agnovit.* Oh que singular documento para huma alma, que he Esposa de Christo! O Baptista metido no ventre, & clausura de sua mãe, representa a hum espirito Religioso metido, & encerrado na clausura de hum mosteyro; & sendo isto assim, deve haverse hũa Religiosa na clausura, quãto ás operações dos sentidos, como se ha huma alma no ventre de sua mãe, ou para melhor dizer, como se houve o Baptista, quando estava no ventre. O Baptista, porque no ventre da mãe tinha suspensas as operações dos sentidos, mereceu conhecer a vóz de Christo, porque a recebeu no coraçaõ: *Spiritu agnovit*; & hũa alma Religiosa para saber merecer o agrado do seu Esposo, deve guardar no coraçaõ a sua Divina palavra, privando os seus sentidos de todas as cousas da terra,

Cyril. Catenches. 3

Eu bem ſey que enſina a Filoſofia que tudo o q̃ entra no coraçaõ, ou na alma, primeyro caminhou pelas portas dos ſentidos, aſſim o dizem cõmummente os Filoſofos: *Nihil eſt in intellectu, quin prius fuerit in ſenſu.* Axioma. Porèm que aſſim o ſiga o Filoſofo, he porque uſa da noticia practica; mas a alma Religioſa naõ o deve fazer aſſim, porque ſó deve ſeguir a ſciencia myſtica. Mas para que naõ pareça aos Filoſofos que eu deſpréſo Axioma taõ recebido, delle meſmo pretendo tirar hum ſingular documento. Convenho em q̃ nada aſſiſte no coraçaõ, q̃ primeyro naõ paſſaſſe pelos ſentidos; mas para hũa alma moſtrar que lhe não ſervem os ſentidos de embaraço para o que tras no coraçaõ, deve fazer muyto que o ſeu exterior correſponda ao interior; deve fazer que a letra do ſobreeſcritto correſponda aos caractéres de dentro: porque he certo que pela capa de fóra ſe conhece muytas vezes o q̃ no interior ſe paſſa.

Da caza de ſeus paes ſahio a fermoſa, & engraçada Rebecca para ſe deſpoſar com o Patriarca Iſaac; & depois de haver caminhado largos dias de jornada, chegando já perto da caza de Iſaac, vio paſſear no campo hum mancebo, & perguntando quem era a hum pajem, que a conduſia, lhe reſpondeu que aquelle mancebo era o ſeu eſpoſo Iſaac, que a eſperava. Apenas ouvio Rebecca eſta taõ alegre nova, quando logo adverte o ſagrado Texto que tomou Rebecca a ſua capa, & ſe cubrio a toda a preſſa. *Tollens citò pallium, operuit ſe.* Geneſ. 24. n. 65. Neſta acçaõ de Rebecca he que fundo a minha duvida. Se Rebecca ſahio de caza dos paes com tanto goſto para contrahir com Iſaac o deſpoſorio, como na occaſiaõ, em que lhe deve apparecer, trata de ſe encubrir? Naõ ve Rebecca que naõ cõvem regatear as viſtas no meſmo tempo, em que deve publicar as fineſas; pois ſe ſe conſidera ja na preſença do ſeu eſpoſo, como ſe moſtra

ſtra ao parecer taõ eſquiva, cubrindo os olhos com a capa? *Tollens citò pallium, &c.*

Muytas razões tem dado os Santos Padres a eſta diligencia de Rebecca, porém a que deu Tertulliano, he a q̃ nos ſerve ao intento. Diz eſte grande Padre q̃ ſe cubrio Rebecca com a capa, porque no meſmo ponto, em que diviſou a Iſaac, ſe vio deſpoſada no eſpirito: *Confeſſa fuit quod ſenſerat, id eſt, ſpiritu nuptam.* Tertul. lib. de velãd. Virg. Deſejava Rebecca dentro na alma contrahir os deſpoſorios cõ ſeu eſpoſo Iſaac, & para declarar eſte deſejo, q̃ no coraçaõ lhe aſſiſtia, o meſmo foy verſe á viſta do ſeu eſpoſo, q̃ cubrirſe logo cõ a capa em final do deſpoſorio; moſtrãdo Rebecca no exterior do veſtido a anſia, q̃ traſia no interior do animo, declarãdo com o exterior da capa o affecto, que havia no interior do coraçaõ.

Foy Iſaac figura de Chriſto: *Iſaac typus eſt Chriſti*, Lanr. verb. Iſaac & verb. Reb. diz Laureto, foy Rebecca figura de hũa Religioſa; porque Rebecca (como diz o meſmo Laureto) val o meſmo q̃ hum ſujeyto, q̃ ſe exercita em actos virtuoſos: *Rebecca deſignat ſubjectũ, quod ſe exercet in diſciplinis.* E a Religioſa, q̃ ſe reſolve a cõtrahir deſpoſorios eſpirituaes com Chriſto, quando ſe valha do exterior para publicar os ſeus affectos diãte do ſeu eſpoſo, deve fazer q̃ o exterior do veſtido concorde com o interior do animo; aquelle meſmo veo, cõ q̃ encobre a viſta na preſença do Eſpoſo, deve ſer o indicativo mais certo de que tẽ o ſeu Eſpoſo no coraçaõ retratado. Aſſim o deve fazer toda a eſpoſa de Chriſto, & aſſim eſpero eu q̃ o faça a ſua nova Eſpoſa, porq̃ a ſua reſoluçaõ fervoroſa aſſim no lo prognoſtica. Ora vejamos eſte primeyro prognoſtico.

Da caza de ſeus paes ſe partio a noſſa Profeçante a buſcar a Jeſu Chriſto por ſeu verdadeyro Eſpoſo, & no to eu q̃, ſendo Tereſa de Jeſus la no ſeculo, quiz ſer Tereſa da Annunciada no moyſteyro: tanto aſſim, q̃

no meſmo inſtante, em que deyxou a caza de ſeus paes, logo tomou eſte nome. Duas couſas ſe me offerecem aqui ambas dignas de reparo: a primeyra he a mudãça do ſobre nome; a ſegunda he no tempo, em q̃ ſe fez eſta mudança. Vamos primeyro à mudança do ſobre nome. E porq̃ razaõ eſcolheria eſta Eſpoſa o ſobre nome da Annũciada logo ao ſahir da caza de ſeus paes? Seria por ventura, por querer imitar à Santa do ſeu nome? Naõ duvido q̃ foſſe aſſim: porq̃ ſe Santa Tereſa ao ſahir da caza dos paes lhe chama a Igreja Tereſa da Annunciada, como ſe cãta no Hymno das ſuas Veſperas: *Regis ſuperni nuntia, Domum paternã deſeris, Terris Tereſa barbaris*; aſſim tambem a noſſa Religioſa Tereſa tomaria o ſobre nome da Annunciada, por imitar a ſua Santa, & quando eſte foſſe o ſeu intẽto, por certo que he muy ditoſo prognoſtico.

Porém neſta mudança do nome ainda deſcubro outro myſterio, para nos conformarmos em tudo com o aſſumpto. Queria eſte Religioſo eſpirito dar a conhecer ao Mundo a reſoluçaõ generoſa, com q̃ vinha a deſpoſarſe cõ Chriſto; & como lhe era impoſſivel pór logo em execuçaõ eſte deſejo, quiz ao menos q̃ ſe conheceſſe pela mudãça do nome; quiz q̃ moſtraſſe o ſeu nome o anſioſo deſejo, q̃ trafia no coraçaõ. Noray. Diz a grande luz da Igreja Santo Auguſtinho q̃ hũ dos fins, q̃ teve a Providencia Divina na Annunciada do Verbo, foy o fazer ao homem Deos por uniaõ amoroſa cõ o meſmo Verbo Divino: porque unindo a sî a ſegũda Peſſoa Divina aquella Humanidade ſantiſſima, pretendeu juntamente unirnos a todos cõſigo por amor. *Factus eſt Deus, homo ut homo fieret Deus.* A eſta uniaõ chamou S. Paulo deſpoſorio: *Ego autẽ dico in Chriſto, & in Eccleſia.* E eſte deſpoſorio (diz S. Bernardo) he o que celebra hũa alma Religioſa na occaſiaõ, em q̃ profeça: *Non terret celſitudo, quem ſociat ſimilitudo*

D. Aug. Serm. de Nativit. tom. 3. Ad Epheſ. 5. n. 32. D. Bern. Serm. 85. in Cant.

litudo, amor conciliat, profeſſio maritat. De ſorte, q̃ (como diz S. Bernardo) a Annunciada do Verbo com a natureſa humana repreſenta a Profiſſaõ de huma alma Religioſa.

Pois agora vejamos todos a diſcreta reſoluçaõ deſta Religioſa alma. Sahio da caza de ſeus paes cõ hũ ardente deſejo de ſe deſpoſar cõ Jeſu Chriſto; & como via que naõ podia pór logo em execuçaõ eſte deſejo, por naõ poder fazer logo a Profiſſaõ, quiz ao menos tomar logo o nome de Annũciada, para q̃ na mudãça exterior do ſeu nome ſe conheceſſe o affecto interior da ſua alma; para moſtrar q̃ vinha ja deſpoſada no eſpirito, tomou o nome de Annunciada, que he ſymbolo do deſpoſorio. E ſe no nome de Annunciada trouxe a noſſa Religioſa hũ prognoſtico taõ venturoſo, juſto he q̃ lhe demos hoje o parabem de taõ venturoſo prognoſtico.

Tenho ſatisfeyto á razaõ de mudar eſta eſpoſa o nome, reſta ſaber agora a razaõ, porq̃ o mudou antes do tempo. Se o nome commũmente ſe muda na Profiſſaõ, como a noſſa Madre Tereſa antes de profeçar muda o nome? Quero entẽder q̃ foy, porque, como no nome de Annunciada ſe offerecia ja por eſpoſa, quiz anticipar a offerta, para ſer mais agradecida. Diz Seneca que quem faz eſperar as ſuas dadivas, mais parece vendellas, do q̃ dallas, porq̃ he vẽder a offerta pela moeda da eſperanſa: *Ingratum eſt beneficium, quod diu inter manus dantis hæſit.* A dadiva q̃ ſe offerece ſem a penſaõ de eſperar, póde ſe dizer q̃ he dadiva offerecida, porém a offerta, que ſe faz com pretexto de eſperanſa, naõ ſe póde chamar ſe naõ dadiva comprada. Verdade ſeja, que eſſa dadiva ſe aceytará, como q̃ ſe foſſe dada, porẽ o amor agradece a como vendida. Naõ pareça que he ponderaçaõ affectada, porque o Texto a confirmará por verdadeyra.

Senec. tom. 1. lib. 2. de Beneficiis. cap. 1.

Entre os filhos de Jacob diz a ſagrada Eſcrittura

que

que foy Joseph o mais querido do pay,& desejando eu investigar a razaõ, porque amava Jacob cõ mayor excesso a Joseph, acho q foy, porq teve Jacob este filho ja ao depois de velho, *eo quòd in senectute genuisset eum.* Porém esta razaõ naõ me parece Filosofica, nem discreta; porq nada conduz a velhice do pay, para amar com mayor excesso ao filho. Pois aonde descobriremos a causa deste amor? Por certo que naõ será muy facil de achar; porém eu hey de ver se a posso descobrir. Notay.

Genes. 37. n. 3.

Foy Joseph o filho mais amado de Jacob, porq o teve na velhice: se o tivera tido na mocidade, teria nesta occasiaõ esperanças de o ter, porq todos na mocidade tẽ esperanças de ter filhos; porém tendo este filho na velhice, era em occasiaõ, que o naõ esperava ter, porque na velhice ninguẽ espera ter filhos: & vay tanta differẽça em quẽ ama, de receber hũa dadiva, esperando, ou naõ esperando, q foy Joseph o filho mais querido, por ser Joseph o filho menos esperado. He verdade que amou Jacob a todos os seus filhos, porém amou menos aos primeyros; porque como estes lhe haviaõ custado o tormẽto da esperança, aceytou os como dadiva comprada, & por isso desquitou do seu amor, como discreto, o q lhe havia custado de sofrimẽto; porém amou a Joseph com mais excesso, porq como foy dadiva sem o custo da esperãsa, foy para o seu amor como dadiva offerecida. Pois se a offerta, q se offerece sẽ a pensaõ de esperar, he a offerta digna do mayor amor, naõ espere a nossa Religiosa a mudãça do seu nome para o tempo da Profissaõ: porq se nesse nome faz patente o desejo de se desposar com Christo, bem he q se anticipe na offerta, para q fique mais agradecida, & na aceytaçaõ do seu Esposo mais estimada. Eu creyo que, se mudarmos este lugar ás avessas, nos ha de ficar para o nosso intento ás direytas: porq se Joseph foy o filho mais querido de Jacob, porque

que o teve na velhice, quãdo ja o naõ esperava; tambẽ a nossa Profeçante deve ser muyto amada dos paes, porque estando estes ainda na mocidade, viveraõ por alguns annos sem esperança de terem filhos, & supposto que os desejavaõ muyto, sempre se conformáraõ com a vontade do Altissimo, até q no fim de alguns annos lhes satisfez Deos os seus desejos, porq lhes deu filhos multiplicados. Porẽ reparo eu em que estes illustres desposados, dandolhes Deos tantos filhos, os dous primeyros foraõ os que offerecéraõ a Deos. Pois logo os primeyros he que haõ de a Deos offerecer? Sim: assim convinha q fosse; & sabeis a razaõ, porq? Para mostrarẽ q eraõ filhos de taes paes, ou que eraõ paes de taes filhos. Naõ cuydem q he lisonja, porq na Escrittura sagrada lhe havemos de achar a prova; só com esta differença, q o succesſo, que aqui se acha unido, o achamos na Escritra separado.

Dous sugeytos descubro eu na sagrada Escrittura, q viviaõ desconsolados; porq se viaõ sem filhos: hum delles foy Manué pay Sansaõ, o outro foy Anna mãe de Samuel. E assim Manué, como Anna faziaõ deprecações a Deos para haver de conseguirem o q tanto desejavaõ. E reparo eu que era a petiçaõ de ambos taõ cõforme, que ambos faziaõ a Deos a mesma petiçaõ, porque Manué dizia assim: Senhor, se fordes servido darme hum filho, dizeyme o q quereis que faça delle? *Quid vis, ut faciat pater? aut àquo se observare debebit?* Naõ pedia Manué a Deos hum filho, que tivesse no Mundo grandes postos; mas pedia a Deos hum filho, que observasse os seus preceytos. *Aut à quo se observare debebit?* Esta era a petiçaõ de Manué. E a petiçaõ de Anna qual era? Era esta mesma petiçaõ: *Dederis que servæ tuæ sexũ virilem: dabo eum Domino omnibus diebus vitæ ejus.* Naõ pedia Anna a Deos filho, que fosse grande no Mundo, mas hum filho, [que

O pay da Profeçãte chamava se Manoel, & a mãe Anna

Judic. 13. n. 12.

1. Reg. cap. 1. n. 11.

que ſerviſſe a Deos em toda a ſua vida no Templo. E q̃ ſe ſeguio de taõ juſtas petiçõés? Sabeis que? Que aſſim Manuè, como Anna alcançáraõ de Deos os filhos, que lhe pediráõ; mas tambem ſatisfizeraõ a palavra que promettéraõ. Porque o filho de Manuè foy Nazareno, que val o meſmo que dedicado a Deos por voto; & tambem foy Nazareno o filho de Anna, porque por voto ſervio a Deos em toda a ſua vida no Templo. Aſſim o executaraõ naquelle tempo Manuè, & Anna, dando os ſeus primeyros filhos a Deos, para moſtrarẽ que eraõ filhos de taes paes. E aſſim o executáraõ tambem eſtes nobiliſſimos deſpoſados Manoel, & Anna, para moſtrarem q̃ eraõ paes de taes filhos. O pay adiantouſe na primeyra offerta, porq̃ como varaõ lhe pertenceu a primeyra filha, & eſta como ſegunda bem he que pertẽça hoje a ſua mãe; & aſſim vemos q̃ deu a mãe taõ cabal ſatisfaçaõ á promeſſa, que ſe Anna mãe de Samuel de doze annos trouxe o filho para o Templo, (como diz o Padre Mendoça) tambem eſta amoroſa mãe offereceu eſta filha neſte Templo de doze annos; & ſe a mãe naõ faltou à palavra, q̃ deu a Deos, vejaõ ſe prognoſtico eu bem, ſe diſſer que eſta amada filha tambem naõ ha de faltar à palavra, que dá hoje ao ſeu Eſpoſo, pois ſabe muy bem que para amar ao ſeu Deos deve guardar no coraçaõ a ſua Divina palavra: *Si quis diligit me, ſermonem meum ſervabit, id eſt, corde.*

Sic Laur. verb. Naſa- rans.

Men: doç. in lib. 1. Reg.

Bem conheço q̃ fuy neſte diſcurſo dilatado; porẽ iſto tem hum bõ remedio, porq̃ nos demais ſerey muy breve. Paſſemos agora do coraçaõ para a bocca, pois vemos q̃ o Eſpoſo tambẽ recomẽda hoje a ſua eſpoſa que guarde a ſua palavra na bocca: *Si quis diligit me, ſermonẽ meũ ſervabit, id eſt, ore.* E ſe no primeyro diſcurſo diſcorremos do exterior dos ſentidos para o interior do de coraçaõ, agora havemos de diſcorrer do interior da alma para o exterior da bocca;

ca; porq̃ ſuppoſto ſeja o coraçaõ o centro, aonde a palavra Divina deve formar o ſeu eco, deve o eco deſta palavra retumbar na bocca da Eſpoſa. Deve a Eſpoſa manifeſtar pela bocca aquillo meſmo, q̃ guarda no coraçaõ; porq̃ ſó obrando deſte modo moſtrará q̃ tẽ amor ao ſeu Eſpoſo, & o meſmo Eſpoſo lhe louvará eſte amor.

Entre os admiraveis elogios, & ſingulares ẽcomios, cõ q̃ o Eſpoſo Divino louvou a ſua Eſpoſa, foy hum delles o dizerlhe q̃ os ſeus beyços pareciaõ hũa romã partida, ou hũa fitta encarnada, & q̃ as palavras da ſua bocca continhaõ toda a doçura: *Sicut vitta coccinea, labia tua: & eloquiũ tuum dulce: ſicut fragmen mali punici.* Que louve o Eſpoſo as palavras da Eſpoſa, eſtá muy bem, porq̃ ſempre ouvi dizer q̃ bem parece o bõ falar. Porèm q̃ na meſma occaſiaõ, em q̃ louva as palavras da ſua bocca, lhe louve tambẽ a cor dos ſeus beyços, iſto he o q̃ eu naõ entendo: porq̃ tenho para mim que para as palavras ſerem liſas, ſe lhes naõ deve dar cor. Pois qual ſerá logo a razaõ, porq̃ o Eſpoſo Divino no meſmo tempo, em q̃ lhe louva as palavras, lhe louva tambẽ a cor dos ſeus beyços: O Abbade Gilberto nos declara eſte ſegredo: *Cõcepta in corde charitas, quaſi ignis flãmigerans, germanũ labus præſtat colorẽ.* Tinha a Eſpoſa concebido no coraçaõ o ardentiſſimo amor do ſeu Eſpoſo; & como o q̃ cada hũ tem no coraçaõ, iſſo meſmo lhe vem à bocca, como o coraçaõ da Eſpoſa eſtava ardendo cõ o fogo do amor Divino, por iſſo lhe ſahiaõ da bocca taes incẽdios, que ſe diviſava na ſua bocca hũa cor de fogo. Fas o fogo do amor Divino na alma aquelles meſmos affectos por inverſaõ, q̃ fas hũa febre no corpo: porq̃ aſſim como a febre, q̃ ſe ateou nas entranhas, logo affea o roſto, eſcurece os beyços, entriſtece os olhos, enfraquece a fala, perturba a lingua, & tudo iſto ſaõ indicios do mal, que no interior ſe padece; aſſim tambem o fogo

Cantic. 4. n. 3.

Gilbert. ſerm. 24.

do

do amor Divino, que arde no interior da alma, naõ póde deyxar de ſe ver no exterior da bocca; & como a Eſpoſa exhalava pela bocca o meſmo fogo de amor, que ardia no coração, por iſſo o Eſpoſo, não ſó lhe louva a bocca de encarnada, mas tambem louva as palavras, que lhe ſahiaõ da bocca: *Sicut vitta coccinea, labia tua: & eloquiũ tuũ dulce. Concepta in corde charitas, quaſi ignis flammi gerans, germanũ labiis præſtat colorem.*

Eſte ſoy o louvor, que o Eſpoſo Divino deu à Eſpoſa dos Cantares, porq̃ conſervava na ſua bocca aquelle meſmo amor, q̃ traſia no coraçaõ: *Eloquium tuũ dulce abſque eo quod intrinſecus latet*; & eſte meſmo louvor alcãçará do ſeu Eſpoſo aquella Eſpoſa, que naõ ſó guardar a palavra Divina no coraçaõ, mas tambẽ a guardar na bocca. He o coraçaõ a planta, donde naſcem as palavras; & ſendo o coraçaõ planta, devẽ ſer as palavras flores, donde ſe venha a colher frutto. Eſta he a obrigaçaõ das almas Religioſas, que aſſiſtẽ na caza de Deos; aſſim o diſſe David: *Plantati in domo Domini, in atriis domũs Dei noſtri florebunt.* Sẽpre devem florecer, & ſempre devem fruttificar deſde a ſua mocidade até a ſua velhice: *Ad huc multiplicabuntur in ſenecta uberi.* Porq̃ ſaõ plantas, que ſempre vivem, & nũca ja mais ſe murchaõ. E quereis ſaber porq̃? Ouvi a Saõ Bernardo: *Quia cœnobium eſt Paradyſus, qui ad ſuavem ſpirans Auſtri clemẽtiam, quaſi tot floribus vernans, quot virtutibus abundans.* Naõ ſe murchaõ nunca eſtas plantas, nem ſe ſeccaõ eſtas flores, porque vivem ſempre da ſuave viraçaõ do ſeu Eſpoſo. Em hũa humanidade havemos de achar a prova mais excellente.

Pſ. 91 n. 14.

D. Bern. in Epiſt.

Conquiſtando Alexandre Magno a India Oriental, affirma Bercorio que encontrou nos fins da India hum frondoſo, & ameno boſque, cultivado todo de arvores, & guarnecido todo de flores; aſſiſtiaõ neſte ameno

meno jardim, ou neſte alegre Parayſo, grande nnmero de donzellas de taõ grãde fermoſura, que cauſava admiraçaõ a ſua engraçada belleſa. Viviaõ eſtas ſómente da ſua vidade do cheyro, que deſpediaõ de ſi as flores daquelle boſque; & taõ coſtumadas eſtavaõ eſtas donzellas a ſuſtentarem-ſe deſtes ſuaves aromas, que ſe a caſo alguma dellas ſahia fóra deſte ſitio, para receber a fragrãcia de outras flores, ou o olfato de outras plantas, ou os alentos de outro ar, no meſmo ar perdia os alentos da vida, porque cahia de repente morta.

Deſta hiſtoria humana ſe póde colher huma ponderaçaõ muyto pia. Vivem as almas Religioſas na clauſura do moſteyro com mayor lindeſa, & fermoſura, do que vivem as flores no jardim. E como a viraçaõ ſuave do Eſpoſo Divino he a que recrea eſtas flores no lugar ſagrado da clauſura, bem he que ſe ſuſtentem ſempre deſta ſuave viraçaõ, ſem q̃ appliquẽ os ſeus ſentidos a os floreyos do Mundo, porque o meſmo ſerá quererem divertir o ſeu cuydado, que faltar-lhes o alẽto da graça, & perder a vida do eſpiriro. E ſe aſſim o deve fazer hũa Eſpoſa de Chriſto, bom prognoſtico temos de que a noſſa Profeçante o faça aſſim. Para ſer flor do Divino Verbo ſe tranſplantou eſta alma da caſa de ſeus paes para o jardim da clauſura, & com taõ boa ventura, & ſucceſſo, que naõ ſó entrou neſte jardim como roſa ſem eſpinhos, mas com hum ditoſo prognoſtico de que nũca ha de murchar eſta Roſa na virtude, mas ſempre ha de florecer no exemplo, & ſantidade.

Ora vejaõ. Repara Saõ Joaõ Chryſoſtomo no amor, & exacçaõ fervoroſa, com que Anna trouxe para o Templo ao ſeu filho Samuel, & diz aſſim: *Aſcendit in templum, & in pratum deduxit roſam à ſpinis liberam, quæ nunquam marceſcit, ſed floret perpetuò.* Trouxe Anna para o Templo hũa roſa ſem eſpinhos, que nunca ſe

D. Chryſ. Hom. 13.

ha

ha de murchar, mas antes ha de perpetuamente florecer. Assim o disse Chrysostomo falando de Samuel, quãdo foy trasido ao Templo por sua maẽ Anna; & assim o digo eu hoje tambem da nossa Madre Teresa, pois por vontade de sua maẽ Anna foy trasida a este Templo. Para este Templo trouxe Anna esta rosa: *Rosam deduxit in templum*, & foy rosa sem espinhos: *Rosam á spinis liberam*, porque a naõ enganou o Mundo com seus divertimentos. Assim o disse Saõ Gregorio Niceno, expondo aquelle Texto dos Cantares: *Sicut lilium inter spinas*: Commenta o Santo: *Sicut rosa inter spinas*; & prosegue assim: *Post quam ergo facta est flos, neque á spinis læsa fuit tẽtationibus oblita populi, & domus patris, & matris suæ.* O mesmo foy esta esposa esquecerse da caza de seus paes, & plantarse como rosa no parayso do mosteyro, que ser huma rosa bella, livre dos espinhos, & dos affagos do Mundo, para florecer para sempre neste parayso do Ceo. E se a nossa Profeçante tem taõ venturoso prognostico, bẽ he que lhe demos o parabem de prognostico taõ vẽturoso, pois nos está certificando que para amar ao seu Esposo, naõ só ha de guardar no coraçaõ as suas palavras, mas tambem havemos de ver que essas mesmas palavras lhe haõ de estar na bocca de mil rosas: *Si quis diligit me, sermonem meum servabit, id est, ore.*

Greg. Nic. Hom.

Finalmente para huma esposa de Christo mostrar que lhe tem amor, naõ só deve guardar a sua palavra no coraçaõ, & na bocca, mas tambem a deve guardar na obra: *In opere.* Devem as suas palavras corresponder com as obras, assim como o coraçaõ deve corresponder com a bocca, porque pouco importará guardar no coraçaõ a palavra, se a naõ proferir pela bocca, & pouco importará o proferilla pela bocca, se essa palavra se naõ reduzir a obra.

Tratando Saõ Paulo das cousas, que se guardavaõ na Arca,

Arca, diz que tinha a Arca hum vaso de ouro, que tinha o Manná, a Vara de Araõ, & as Taboas do Testamento. Pouco era que se guardasse na Arca o vaso de ouro, se naõ contivesse o Manná; pouco era que se guardassem as Taboas, se naõ estivesse nellas escritta a Divina palavra. Pouco era que a Arca tivesse em si huma Vara, se naõ estivesse vestida de flores, & fruttos. Porém o sumo da felicidade, & o emblema da perfeyçaõ consistia em que entre os claustros da quella sagrada Arca cada huma destas cousas estivesse adornada de virtudes. A urna com o Maná, as Taboas com a Ley, & a Vara com flores, e com fruttos.

Laur. verb. Arca.

Foy a Arca do Testamẽto figura expressa de hum mosteyro; assim o disse Laureto: *Arca significat Religionis statum, aut ipsum Monasterium.* E he justo que se ache na clausura aquillo mesmo, que se continha na Arca. Naõ só se deve guardar o Manná da palavra Divina no vaso do ouro do coraçaõ. Naõ só se haõ de guardar as palavras na bocca, como flores, ou como rosas, mas tambem se haõ de guardar os fruttos, porque se entendem as obras: porque se se agrada muyto o Esposo de que a sua Esposa guarde a sua palavra no coraçaõ, & na bocca, muyto mais se agrada de que a ponha por obra. Vejamos a prova, porque se o fim he o que coroa a obra, servirá este lugar para este Sermaõ de coroa.

Em certa occasiaõ estando o Esposo Divino revendo-se como em espelho nas perfeyções de sua Esposa, rompeu nestas seguintes palavras: Oh como me roubaõ o affecto, Esposa minha, os passos do teu calçado: *Quàm pulchri sunt gressus tui in calcea mentis!* Confeço que naõ entendo este louvor do Esposo. Se os passos propriamente saõ dos pés, porque os pés saõ os que andam, porque naõ louva o Esposo os passeyos dos seus pés, & só lhe engrandece os passeyos dos sapatos:

Cant. cor. 7. n. 1.

Greſſus tui in calceamẽtis? para me poder explicar he neceſſario primeyro advertir com Clemente Alexandrino que antiguamente havia entre as donzellas hum eſtylo muy praticado, & vinha a ſer, que coſtumavaõ as donzellas antiguamente porem huns cravos de ouro nas ſolas do ſeu calçado, diſpondo eſtes cravos por tal modo, que formavaõ algumas palavras, ou letras, com que davaõ a entender aos amantes a ſua amoroſa affeyçaõ, por lhes naõ permittir a ſua modeſtia pronunciar eſtas palavras pela bocca. Para eſte fim deſciaõ as dózellas para a area, & paſſando por ella, deyxavaõ impreſſos com os cravos dos ſapatos os ſeus amoroſos affectos; & como os amantes já tinhaõ diſto noticia, hiaõ ſeguindolhe os paſſos, & aſſim nelles deſcobriaõ o que tanto deſejavaõ.

Clem. Alex. lib. 2. pedag. cap. 11.

Pois já agora entẽdereis a razaõ, porque o Eſpoſo Divino louva na ſua Eſpoſa, naõ os paſſeyos dos pés, mas os paſſos dos ſapatos. Tinha a Eſpoſa no coraçaõ os affectos do Eſpoſo, & paſſando eſtes affectos do coraçaõ para a bocca, uſou a Eſpoſa de induſtria, para os pór por obra, eſculpindo no calçado eſtes amoroſos affectos; & como a execuçaõ deſtes affectos ſó ſe dava a entender nos paſſos dos ſeus ſapatos, por iſſo o Eſpoſo Divino lhe louvou tanto eſtes paſſos: *Quàm pulchri ſunt greſſus tui in calceamentis!*

Minha nova Profeçante, diz o adagio Heſpanhol q obras ſon amores, y no buenas razones: & foy tambem o que diſſe Saõ Gregorio: *Probatio amoris exhibitio eſt operis.* Bom he guardar a palavra Divina no coraçaõ, melhor o guardalla na bocca, porẽm o optimo he pór eſta palavra por obra. Guardando voſſa Reverencia a palavra Divina no coraçaõ, naõ póde deyxar de ſer muy obediente, porque a obediencia (como diz Santo Antonio de Padua) attribue-ſe ao coraçaõ: *Cum tui Prælati vox reverberat tuam aurem, non*

D. Greg. Hom. 13. in Evãg.

D. Anton. Serm. Dom. 12. poſt. Trinit.

non aure, ſed auris auditu, id eſt, interiori cordis affectu, debes audire, dicendo cum Samuele: loquere, quia audit ſervus tuus. Quando a voz da Prelada (diz Santo Antonio de Padua) ſoar aos ouvidos das ſubditas, naõ deve tanto applicar o ouvido, como deve applicar o coraçaõ; porque deve ſer a obediencia de huma Religioſa no moſteyro, como foy a obediencia de Samuel no Templo: porque ſe Samuel ainda dormindo eſtava obedecendo, pois apenas o chamavaõ, já dizia: Eiſme aqui: *Samuel: Ecce ego*; eſta meſma obediencia deve ſempre obſervar a verdadeyra Religioſa. E tenho eu para mim que com alguma propriedade deve voſſa Reverencia imitar eſta obediencia de Samuel: porque ſe Samuel dos peytos de ſua maẽ Anna amou tanto a obediencia, juſto he tambem que naõ falte na obediencia quem tem de Samuel a ſemelhança.

1 Reg. 3. n. 4

Guardando voſſa Reverencia tambem a palavra de ſeu Eſpoſo, na bocca, reſplandecerá na Caſtidade; porque ſaõ as palavras da bocca o indicio mais certo da pureſa, & pondo eſta palavra por obra, lhe agradaráõ ſómente as delicias do ſeu Eſpoſo, para que deſpreſe, & aborreça a todos os bens do Mundo. Eſtes ſaõ os fruttos, & exercicios eſpirituaes, em que deve voſſa Reverencia florecer, & em que ſe deve occupar por toda a vida neſſa ſagrada clauſua, porque he a clauſura o jardim, aonde ſe produſem eſtes fruttos; pois (como diz Saõ Ceſareo) he a clauſura ſaya de malha do pejo, muro da corrupçaõ, madrinha da ſantidade, repudio da torpeſa, exercicio da continencia, alvo da perfeyçaõ, carcere do deſejo, & porto da honeſtidade. Tudo diſſe Saõ Ceſareo: *Iſt clauſura loríca pudóris, murus corruptionis, pronuba ſanctitatis, repudium turpitudinis, exercitium Continentiæ, paritctis culmen, libidinis carcer, honeſtatis portus.*

Divus Cæſar. in exhortat. ad cuſt. Caſtitat.

Ancóre pois voſſa Reverencia em boa hora neſſe ditoſo porto, logre eſſe monte de perfeyçaõ, abrace eſſa perpetua continencia, renuncie todas as couſas da terra, para que va viver eternamente com o ſeu Eſpoſo na Gloria. *Quam mihi, & vobis, &c.*

SER-

SERMAÕ

DE NOSSA SENHORA

DA VITTORIA

No dia de ſua Appreſentaçaõ no Templo, eſtando manifeſto o Santiſſimo Sacramento, prégado no Moſteyro de Jeſus da Villa da Ribeyra Grande em 21 de Novembro de 1699.

Beatus venter, qui te portavit.
Luc. 11. n. 27.

SAmbem havia de haver hum dia, em que ſubiſſe goſtoſo ao pulpito, pois ſe tem paſſado muytos, em que ſubi a elle violentado (Todo poderoſo, & amoroſo Senhor, que differente he; meu Deos, o que hoje vemos na terra, do que o que antiguamente vio Saõ Joaõ no Ceo. No Ceo vio antiguamente Saõ Joaõ que apparecia a Arca, porque ſe abria o Templo* *Et apertũ eſt templum..: & viſa eſt Arca* Apocal. 11. n. 19.

Arca Teſtamenti ejus in templo; porém nós eſtamos hoje vendo na terra que ſe o Templo ſe abre, he porque a Arca entra no Templo; porque Maria Santiſſima, myſtica Arca do Teſtamento, ſe appreſenta no Templo neſte dia, por iſſo ſe manifeſta o Templo do voſſo ſagrado Corpo neſta hora: *Apertum eſt Templum: loquebatur de templo corporis ſui.* Mas aſſim havia de ſer, meu Deos, porque como Maria entra no templo acclamando a vittoria, juſto era que ſahiſſeis hoje a campo para premio da batalha: *Vincenti dabo manna abſconditum.*) *Apoc. 2. n. 17.*

Tambem havia de chegar hum dia, (dizia eu) em que ſubiſſe goſtoſo ao pulpito, pois ſe tem paſſado muytos, em que ſubi a elle violento; mas ſó hoje podia ſer eſte dia para mim de tanto goſto, porque para todos he dia de univerſal applauſo. Vejamo-lo em hũ lugar da Eſcrittura, & nelle deſcobriremos todas as circunſtancias da feſta.

Sahio a campo aquelle valeroſo, & eſforſado Capitaõ Judas Macabeu para haver de peleyjar contra o exercito dos Aſſyrios; porèm vendo que os ſeus Soldados começavaõ a deſmayar á viſta dos inimigos, para lhes meter animo lhes falou por eſte modo: Ea Soldados valeroſos, naõ tẽdes de que temer, nem de q vos recear; porque ſuppoſto que ſejamos poucos, & os inimigos ſejaõ muytos, ſabey que a vittoria de huma batalha naõ conſiſte tanto no valor humano, como depende do auxilio Divino: *Ne timueritis multitudinem eorum, quoniam non in multitudine exercitûs victoria bel li, ſed de Cælo fortitudo eſt.* 1 *Macchab. 4. n. 8.* Eſtay certos, que aſſim como Deos livrov a noſſos paes do poder de Faraó quãdo os perſeguio com ſeu exercito pelas agoas do mar Vermelho, aſſim nos aſſiſtirá neſta batalha, para que della ſayamos com vittoria. Com eſta pratica ſe animáraõ os Soldados de tal modo, que o meſmo foy tocarſe alarma, & porem-ſe em

em tom de guerra, que porem-ſe tambem logo os inimigos em fugida, perecendo todos os que ficáraõ ao fio da eſpada. Eſte foy o ſucceſſo da batalha, o que nos importa ſaber, he como ſe applaudio a vittoria? Eu o digo.

Ajũtou ſe logo todo o povo de Iſrael cõ grãde feſta, & alegria. * *Et facta eſt lætitia in populo magna valde*, & com ſolenne acompanhamento ſubiraõ todos para o monte Siaõ, que era o lugar, aonde eſtava o templo; o qual por falta de habitaçaõ eſtava feyto hum deſerto: * *et aſcenderunt in monte Sion, & viderunt ſanctificationem deſertam.* Leváraõ comſigo neſte acompanhamento a menza do Santuario, a qual puzeraõ dentro do meſmo Templo: *Et intulerunt menſam in Templum.* Sobre eſta menza puzeraõ logo o paõ: *Et poſuerunt ſuper menſam panes.* E poſto o paõ ſobre a menza, enchéraõ o altar todo de luzes, & de incenſo: *Poſuerũt incenſum, & accenderunt lucernas.* Depois diſto ornáraõ a perſpectiva do Templo com muytas coroas de ouro, & juntamente com eſcudos: *Et ornaverunt faciẽ Templi coronis aureis, & ſcutulis.* E feytas todas eſtas ceremonias, começáraõ a louvar ao Senhor com a ſuavidade das vozes, & com a harmonia dos inſtrumẽtos: *In canticis, & citharis, & cinyris.* Deyxando por eſtatuto que todos os annos em o mes, a que chamavaõ Caſleu, ſe celebraſſe eſta vittoria com grandes demonſtrações de alegria. * *Et ſtatuit Judas,..., & univerſa Eccleſia Iſrael, ut agatur dies dedicationis altaris... ab anno in annum...die menſis Caſleu, cum lætitia, & gaudio.*

Eſte foy o modo, com que o povo de Iſrael celebrou a vittoria naquelle Tẽplo; & ouydo, ſe me naõ engano, que deſte meſmo modo acclamamos hoje neſte Templo a vittoria, & ſenaõ, ouçaõ a expoſiçaõ do lugar, & entaõ julgará cada hum conforme lhe parecer; & para que procedamos

com clareſa, vamos reparando nas clauſulas deſte Texto, porque todas ellas ſaõ muy dignas de reparo.

Primeyramente diz o Texto que foy todo o povo de Iſrael com grande feſta, & alegria appreſentar naquelle Templo a menza do Santuario. E aquẽ ſymbolizava eſta menza, que ſe appreſentou naquelle Templo? Reſponde Ludolfo que a Maria Santiſſima: *Pulchrè per menſam Maria eſt figurata, quia per eam cæleſtis eſca nobis eſt collata.* Logo ja temos que aquella menza, que naquelle Templo ſe appreſentou, figurava a Maria, que hoje ſe appreſenta no Templo. Bem eſtá. E que repreſentava o paõ cercado todo de luzes, que ſe pos ſobre a menza? Todos dizem, q̃ repreſentava aquelle Divino Paõ, q̃ rodeado todo de luzes eſta expoſto naquella Menza á viſta dos noſſos olhos. E paraque fim ornáraõ aquelle Templo com coroas, & com eſcudos? Reſponde o noſſo Lyra q̃ foy, para que ſe ſoubeſſe q̃ a feſta, q̃ ſe fazia naquella Appreſẽtaçaõ, era juntamente hũa feſta cõ o titulo da Vittoria: *Pro victoriis à Deo ſibi datis.* Eporque razaõ ſe havia de acclamar eſta vittoria, & celebrarſe eſta Appreſentaçaõ o mes, a q̃ chamavaõ Caſleu? Reſponde o meſmo Lyra, que foy, porque ao mes Casleu correſponde o mes de Novembro: *Caſleu, cui reſpondet November.* Ainda neſte lugar temos mais q̃ advertir, porq̃ ainda ha mais circunſtancias q̃ dizer. Diz o meſmo Lyra que tres annos ſe paſſáraõ primeyro q̃ aquella menza ſe appreſentaſſe no Templo: *Revolutis tribus annis eâdem die renovatũ eſt Templum.* E a ſagrada Eſcrittura diz que eſte Templo era de Zorobabel, o qual (como diz Laureto) he figura de Jeſus: *Zorobabel Jeſum Chriſtũ ſignificat.* Suppoſto iſto, cõbinemos agora a feſta, q̃ hoje ſe faz neſte Templo, com a feſta, q̃ antiguamẽte naquelle Templo ſe fez, para ver ſe

Lud. de vita Chriſti p. 1 cap. 2.

Lyra ſup. cap.

Laur. verb. Zorob

ſe diz a copia com o original, ou para ver ſe podemos diſtinguir qual ſeja o original, ou qual a copia.

Comecemos por aqui. Depois de paſſados tres annos, ſe levou aquella mẽza, q̃ era imagem de Maria, para ſe appreſentar no Tẽplo. Hoje ſe appreſenta tambẽ Maria no Tẽplo, depois de eſtar tres annos no Mundo, porq̃ de tres annos foy q̃ ſe appreſentou. Naquella appreſentaçaõ houve ſolenne acompanhamento, aſſim de ſeculares, como tambem de ſacerdotes; na Appreſentaçaõ de Maria tambem houve acompanhamento muy ſolenne, aſſim de ſacerdotes, como tambem de ſeculares: aſſim o affirmam S. Germaõ, Surio, & o Biſpo Nicomedienſe, & tambem hoje neſte Templo vemos o meſmo concurſo. Aquella appreſentaçaõ feſ-ſe no mes Casleu, aquem correſponde Novembro, no mes de Novembro ſe faz tambẽ hoje a noſſa Appreſentaçaõ. Naquella appreſentaçaõ aſſiſtia o Sacramento repreſentado no paõ; neſta Appreſẽtaçaõ temos aquelle Paõ do Ceo expoſto no Sacramento. Celebrou-ſe aquella appreſentaçaõ no Templo de Zorobabel, que era imagem de Jeſus; nós em o Templo de Jeſus celebramos tambem hoje eſta Appreſentaçaõ. Naquella appreſentaçaõ eſtava o altar todo rodeado de luzes; neſta Appreſentaçaõ naõ podem caber mais luzes no Altar. Naquella appreſentaçaõ houve ſuaves muſicas, & ſonóros inſtrumentos; neſta Appreſentaçaõ naõ podem ſer os inſtrumentos mais ſonóros, nem as muſicas mais ſuaves. Finalmente com o titulo da Vittoria ſe celebrou aquella appreſentaçaõ: *Pro victoriis á Deo ſibi datis*; & nós tambem hoje no dia da Appreſentaçaõ applaudimos a Vittoria. Pois ſendo iſto aſſim, victor pela feſta da Vittoria, & tambem victor ao lugar, que tanto ornou a feſta; & ſendo neſta feſta taõ univerſal o applauſo,

D. Germ. Serm. de Præſetat. Virg.

bem

bem dizia eu no principio que, ſuppoſto que eſte lugar, em que eſtou, ſeja para mim violento, era bem que neſte dia ſubiſſe a elle com goſto.

Temos viſto todas as circunſtancias da feſta. Peguemos agora do Evangelho do dia, para combinarmos a feſta com o Evangelho. Conſta o Evangelho preſente de huma grande vittoria, que Chriſto Senhor noſſo alcançou do inimigo infernal, affugentando-o do corpo de hum miſeravel, por cuja cauſa levantou Marcella a vóz, applaudindo a Maria pela felicidade, que lograva em ter tal Filho. Iſto querem dizer em ſumma as palavras do meu Thema: *Beatus venter, &c.* Porèm com eſte meſmo Evangelho celebramos neſte dia a Appreſentaçaõ da Senhora no Templo, aquem hoje a devoçaõ applaude cõ o titulo da Vittoria, expondo-nos juntamente aquelle Sacramento á viſta para mayor realce deſta magnifica feſta. Com que vem a ſer, que Appreſentaçaõ, Sacramẽto, & Vittoria ſaõ as circunſtancias da feſta: pois todas ellas tem cõbinaçaõ com o Evangelho do dia.

Primeyramente he o Evangelho proprio para o Sacramento, porque o Sacramento he Paõ: *Hic eſt panis*, formado da queſſe trigo: *Dominus JESUS erat granum*, que naceu do ventre da Senhora: *De carne Mariæ*; eo Evangelho he do ventre da Senhora: *Beatus venter*: Campo em que naceu aquelle Trigo: *Venter tuus ſicut acervus tritici*: de que ſe formou o Sacramento. E como no ventre da Senhora ſe formou aquelle Sacramento ſoberano, vem accommodado para o Sacramento o Evangelho, que fala do ventre da Senhora: *Beatus venter, &c. Venter tuus ſicut acervus, &c.*

He tambem o Evangelho para a Appreſentaçaõ adequado, porque nelle louva Chriſto a toda a creatura, que ſe emprega em ouvir a ſua doutrina: *Quinimo beati, qui audiunt verbum Dei, & cuſtodiunt illud*; a qual doutrina diſſe o meſmo Chriſto que enſinava no templo: *Quotidie eram apud vos in templo docens*; & como na ſua Appreſentaçaõ foy Maria Santiſſima ao Templo, deyxando a caza de ſeus paes para ouvir a doutrina do ſeu Deos: *Audi filia, & vide, & inclina aurem tuam & obliviſcere..., & domum patris tui*; claramente ſe deyxa ver que vem o Evangelho accommodado para a Appreſentaçaõ de Maria.

Joan. 6. n. 50. Cant. 7. n. 2. Luc. 11. n. 28. Marc 14. n. 49. Pſalm 44. n. 11. Syl. veyra tom. 6

He tambem o Evangelho muy proprio para a vittoria; porque todo o fundamento, que Marcella teve para louvar a Senhora, foy pela vittoria, q̃ Chriſſto havia alcançado, & já por eſſa razaõ, ſendo o Filho o que alcançou o triunfo, a Maria foy que ſe rendeu o applauſo, para que ſe viſſe (diz o douriſſimo Sylveyra) que a Maria Santiſſima he que ſe devia a vittoria: *Quia omnem noſtram victoriam per Mariam voluit Deus fieri.* Pois ſe no Evangelho preſente ſe louva a Senhora pela vittoria, bem ſe moſtra a Vittoria da Senhora no Evangelho.

Combinado o Evangelho com as circũſtancias da feſta, deſcubramos agora o aſſumpto para prégar neſta hora; & já que o que diſſemos atéqui fica em tudo concordado, bom fora tambem que buſcaſſemos hum aſſumpto, que concordaſſe com tudo. Aſſim entendo que ha de ſer.

Vio Saõ Joaõ no ſeu Apocalypſe huma engraçada mulher, a qual voava para o deſerto com duas azas de Aguia: * *& datæ ſũt mulieri alæ duæ aquilæ magnæ, ut volaret in deſertum.* E deſejando eu ſaber que aguia, ou que mulher foſſe eſta, que para o deſerto voava, acho q̃ diz Alberto Magno que eſta aguia he Maria: *Aquilla eſt Maria.* E que ſeja Maria caminhando para o Templo, bem ſe colhe das palavras do meſmo Texto, porque diz que eſta aguia voava para o deſerto, a onde

Apocal. 13. n. 14. Alb. Mog. in ſua Biblia ad cap. 3. Job.

de ſe ficou creãdo por tempo determinado: *Ut volaret in deſertum, ubi alitur per tempus.* Alem de que diz Panonio que o meſmo foy voar eſta Aguia para o deſerto, que fugir aos tumultos do Mundo, para ir buſcar a cõtemplaçaõ de Deos: *A tumultu rerum temporalium ad Dei contemplationem.* E ſe o fim, para que Maria ſe retirou ao Templo, foy para contemplar no ſeu Deos, & deyxar de todo o Mundo, bem ſe colhe que o meſmo foy voar eſta Aguia para a ſolidaõ do deſerto, que caminhar para o retiro do Templo. E como a Aguia ſeja prognoſtico certo da vittoria, tambem ſe colhe que entrando hoje Maria no Templo como Aguia, he o meſmo que entrar no Templo acclamando a Vittoria.

Panon citat. a Sylveyra tom 2.

Já logo temos neſte aſſumpto Appreſentaçaõ, & Vittoria, falta-nos agora o Sacramento, para que fique em tudo ajuſtado; porem naõ falta, porque no meſmo lugar o temos. Diz o Texto que eſta Aguia voava para o deſerto para nelle ſe crear, & receber o ſuſtento: *Ubi alitur per tempus*: & que ſuſtento ſeria eſte, com que ſe havia de alimentar eſta Aguia? Reſponde Primaſio que era aquelle Diviniſſimo Sacramento: *Ubi alitur per tempus: alitur Manná cæleſti, hoc eſt, Euchariſtiæ Sacramento.* E por iſſo diz Saõ Bernardo que a Senhora ſe ſuſtentava no Templo com o paõ, que traſiaõ os Anjos do Ceo: *Angelus veniebat, de cujus manu cibum ſumebat.* Logo ſe eſta Aguia, que voava para o deſerto, era Maria Santiſſima caminhando para o Templo; ſe caminhava com ſemelhanças de Aguia, porque entrava no Templo applaudindo a vittoria; ſe o ſuſtento, com que ſe alimẽtava no retiro, era com o paõ do Ceo figura do Sacramento, parece que vem ajuſtado o aſſumpto para a aſſiſtencia do Sacramento, para a feſta da Appreſentaçaõ, & para o titulo da Vittoria. Agora quizera eu deſcobrir

D. Bern. ſup. Sign. magn.

deſcobrir os plauſiveis trofeos deſta vittoria nos acelerados voos deſta Aguia, mas como he materia muy ſubida, naõ o poderey conſeguir ſem os auxilios da graça

Ave Maria.

Beatus venter, &c.

RE tira-ſe Maria hoje do Mundo, para ſe appreſentar a Deos no Templo, & ſuppoſto que neſta ſua retirada cõſeguio Maria a mais illuſtre vittoria, naõ me admira tanto a vittoria, que conſeguio, como me admira o modo, com que a acclamou: porque ſendo quinze os degraos do Templo, por onde eſta engraçada Menina havia de irſubindo, vejo que com as azas de ſeu eſpirito paſſou eſtes degraos voando: *Ut volaret in deſertum.* Mas ſe ſubia como Aguia a publicar a vittoria, ſo com acelerados voos era bem que declaraſſe os ſeus triunfos.

Eſcreve Valeriano, que quando os Egypcios queriaõ ſaber as felicidades futuras, que haviaõ de experimentar, obſervavaõ em certos tempos os exercicios da Aguia. Se viaõ a Aguia ſentada, & quieta, era indicio certo de vittoria, porém com condiçaõ de que havia eſſa vittoria de ſer cuſtoſa; porem ſe viaõ a Aguia voãdo, era prognoſtico certo de vittoria taõ ſegura, q̃ naõ havia de cuſtar a menor anſia: *Si volantem conſpexiſſẽt, fauſtiſſimum auguriũ; ſi vero ſedentem animadverſ. Hieſent, præclaræ rei indicium, rogyin qua tamen peragenda plurimum laboris eſſet adeundũ.* De ſorte que ſempre prognoſticava a Aguia vaticinios muy ditoſos, que como a Aguia he figura da Senhora, ainda em huma ſombra de Maria naõ póde haver deſgraça; porem de tal ſorte declarava a Aguia os ſucceſſos, que a mayor felicidade ſó ſe aſſegurava nos voos; porque ſe o eſtar a Aguia ſentada era final de vittoria, havia de ſer a cuſta de muyta anſia: *Plurimũ laboris*

Valer. lib. 16 cap. 2. fol. 189.

laboris, &c. Porém quando ſe via a Aguia voando, era ſinal que prognoſticava huma vittoria muy ſegura, ſem pẽſaõ de trabalho, nem moleſtia: *Si volantem conſpexiſſent, fauſtiſſimum augurium.*

Fabuloſa he a hiſtoria, porem ſe a applicarmos á noſſa Divina Aguia, nos ficará muy verdadeyra. Sobe hoje Maria para o Templo acclamando a vittoria, & para moſtrar que he vittoria ſem trabalho, ſobe como Aguia voãdo: *Ut volaret in de ſertum*; dãdo a entẽder neſtes ligeyros voos que leva já ſeguros os ſeus triunfos Em todos os triunfos primeyro he pelejar, que vencer; porem no triunfo de Maria primeyro foy o vencer, que o pelejar. Em todos os trofeos he primeyro a batalha, que a vittoria; porem neſte trofeo de Maria primeyro foy a vittoria, que a batalha, & a razaõ he: porque ſer primeyro a batalha que a vittoria, he ſer a vittoria duvidoſa; porem ſer primeyro a vittoria que a battalha, he ſer a vittoria ſegura; & vencer ao inimigo á cuſta de trabalho he vittoria humana, porem vencello ſem cõtingẽcia de perigo he vittoria Divina.

Vendo Deos que os noſſos primeyros paes imputavaõ a culpa, que commettéraõ no Parayſo, aos enganos da ſerpente, depois de os ſentenciar, deu tambem contra a ſerpente eſta ſentença: *Inimicitias ponam inter te, & mulierem,...: ipſa conteret caput tuum, & tu inſidiaberis calcaneo ejus.* Eu porey inimiſades entre ti, & a mulher; ella te quebrará a cabeça, & tu lhe armarás ſilladas a ſeus pés. Todos convem em que eſta mulher he Maria Santiſſima, & que o meſmo he ter aos ſeus pés a ſerpente com a cabeça quebrada, que cantar o triunfo como vitorioſa. Eſte he o ſentir commum: porem nas clauſulas deſte Texto deſcubro eu hum muy ſingular reparo, porque diz o Texto deſte modo: Maria te quebrará a cabeça, & tu armarás ſilladas a ſeus pés; & querme parecer que ſe naõ havia de dizer aſſim, ſenaõ pelo contrario: Tu armarás ſilladas a Maria, porém vendo-ſe ella enfadada do teu grande atrevimento, te quebrará a cabeça. Pois ſe eſte modo parecia o mais ajuſtado, como vemos ſe perverte eſte modo? Como ſe põem em primeyro lugar o quebramento da cabeça, & ao depois as ſilladas da ſerpente? Eu o direy. Genes. 3. n. 15.

Notay; neſtas duas clauſulas do Texto ſe deſcobre aſſim a vittoria de Maria, como a batalha da ſerpente. Deſcobre-ſe a vittoria de Maria em quebrar a cabeça da ſerpente: *Ipſa conteret caput tuum.* Deſcobre-ſe a batalha da ſerpente nas ſilladas, que a ſerpente havia de armar á Senhora: *Tu inſidiaberis.* E ſuppoſto que em todos os triunfos ſeja primeyro a batalha, que a vittoria, neſte triunfo, como era de Maria, havia de ſer primeyro a vittoria, que a batalha; por iſſo fala primeyro o Texto em quebrar Maria a cabeça da ſerpẽte, q̃ he no q̃ conſiſte a vittoria, & ao depois fala nas ſilladas, que he no que a batalha conſiſte.

Eſtá bem. Porem agora entra o melhor reparo. Se a vittoria deſta Imperial Aguia he vittoria taõ ſegura, que he vittoria ſem trabalho, como ſe ha de atrever a ſerpente a armar batalha aquem vé que leva a vittoria já ſegura? Ora vede, que nas meſmas palavras, com que fala a Eſcrittura, ſabereis q̃ naõ foy batalha a que a ſerpente propos, ſenaõ que foraõ ſilladas, que armou; porque naõ diz a Eſcrittura: *Tu pugnabis: Dimicabis*, que ſaõ verbos que ſignificaõ peleja, & batalha; mas ſómente diz: *Tu inſidiaberis.* Naõ diz tu pelejarás com Maria, ſenaõ tu lhe armarás ſilladas, & para bem ſó aſſim o havia de dizer: porq̃ o pelejar he de hum inimigo publico, que ſe põem valeroſamente em campo, armar

mar ſilladas he de hum inimigo cobarde, que quer ſupprir com amanha o que lhe falta de forſa: a batalha he entre dous inimigos deſcubertos, as ſilladas ſaõ de hum inimigo occulto, que por naõ atreverſe a ſair a campo, arma ſilladas ao inimigo para o vencer deſcuydado. Pois por iſſo naõ diz o Texto que a ſerpente pelejará com Maria, porque nunca pelejou. Permitte o Ceo a ſerpente que arme ſilladas a os paſſos de Maria, porem naõ lhe conſente que ſaya a campanha com ella: porque ficar a ſerpente vencida em batalha, iſſo fora atreverſe a litigar com Maria a vittoria, & he taõ unica, & ſingular a vittoria de Maria, que ſem atreverſe o inimigo a ſair a campo, ſe declara por Maria o triunfo. Pois diga Deos á ſerpente: Tu armarás ſilladas a Maria: *Tu inſidiaberis*: porém ſabe que naõ has de pelejar com ella: *Non pugnabis*, porque he taõ ſingular a ſua vittoria, que nunca te atreverás a preſentarlhe batalha.

Oh triunfo ſem exemplo, vittoria ſem perigo, trofeo ſem trabalho! Mas que muyto que leve Maria a vittoria taõ ſegura, ſe entra no Templo voando como Aguia; & ſe por menina lhe faltaõ pés para correr, como Aguia tem azas para voar, moſtrando neſtes acelerados voos que leva a vittoria taõ ſegura, que naõ ſe atreveu o inimigo a preſentarlhe batalha. Mas como havia de appreſentarlhe batalha o inimigo, ſe baſta que Maria ſeja viſta, para que fique logo vitorioſa.

Aſſim parece que o deu a entender o Divino Eſpoſo, quando falando deſta celeſtial Menina caminhando para o Templo, ſe admirou deſte modo: *Quæ eſt iſta, quæ progreditur, quaſi aurora conſurgens..., terribilis ut caſtrorum acies ordinata?* Quem he eſta, que como aurora, por ſer de pouco tempo nacida, caminha hoje para o Templo como hum exercito bem armado. Vatablo trasladou do Hebreu: *Terribilis velut caſtra cum vexillis*, & os Settenta leram *Pavor ut ordinatæ*. E val o meſmo, que dizer o Eſpoſo. Quem he eſta, que no dia de ſua Appreſentaçaõ apparece taõ terribel, q̃ como hũ exercito armado vay arvorando bandeyras, & metendo pavor a todos os inimigos?

He certo que todos eſtes encomios, com que o celeſtial Eſpoſo louva hoje a eſta querida Eſpoſa, naõ ſó denotaõ a ſua grande valẽtia, mas tambem eſtaõ publicãdo a ſua inſigne vittoria. Porém deſejára eu ſaber ſe para Maria acclamar eſta vittoria chegáraõ os inimigos a enveſtilla, ou a pelejar cõ ella? Iſſo naõ: *Non pugnabis*. Baſtou que Maria foſſe viſta dos inimigos, para que logo ſe publicaſſem os ſeus triunfos. E donde ſe colhe iſto? Sabeis donde? Das palavras do meſmo Texto, porque aonde a noſſa vulgata le: *Quæ eſt iſta, quæ progreditur*, le o Hebreu: *Quæ eſt iſta, quæ videtur*. O meſmo foy verem os inimigos as ſuas forſas, que virarem logo as coſtas; ſó com a ſua viſta ficáraõ tam deſmayados, que logo ſe deraõ por vencidos: *Quæ eſt iſta, quæ progreditur? Quæ eſt iſta, quæ videtur?* Agora Saõ Bernardo: *Horruerunt principes tenebrarum, quando viderunt contra ſe procedere fœminam fortem, ad bella doctiſſimam.* Viraõ-lhe os inimigos os paſſos, (diz Saõ Bernardo) ou para melhor dizer, diviſaraõ lhe os voos, & como viraõ q̃ eraõ voos de Aguia, logo tiveraõ por certo q levava o triũfo ſem trabalho. Como viraõ que voava para o Templo como Aguia: *Ut volaret in deſertum*, logo inferiraõ que levava ſegura a vittoria. *Divi. Bern. in Cãt. 11.*

Mas ſuppoſto que eſta vittoria foy ſegura, eu quero perſuadirme que naõ foy vittoria ſem anſia. Mas como poderá iſto ſer? Se a anſia he filha do cuydado, & a Maria nenhum cuydado

dado lhe deu a vittoria, que alcançou; como ſe poderá dizer que foy a ſua vittoria com anſia, ſe temos dito que foy vittoria ſem moleſtia? Eu o direy. Naõ he a vittoria de Maria com anſia, porque haja de temer ao inimigo, he vittoria com anſia, porque ſe vay appreſentar a Deos no Templo. Com tanta anſia buſca hoje Maria ao ſeu Deos, que naõ ſó o buſca com paſſos, mas tambem ſe remonta com voos, para moſtrar que nos meſmos voos, com que vay applaudindo a vittoria do inimigo, com os meſmos vay declarando a obediencia do ſeu affecto.

Só em voos de Serafins, ainda que muyto mais remiſſos, poderey deſcobrir ſemelhança a eſtes voos. No anno em que morreu o Rey Ozias, diz a Eſcrittura ſagrada que vio Iſaias a Deos no Templo em hum mageſtoſo throno ſentado: *Vidi Dominum ſedentem ſuper ſolium excelſum*; & que neſte meſmo Templo, em que o Senhor aſſiſtia, ſe lhe appreſentáraõ huns Serafins, cada hum delles adornado com ſeis azas: *Sex alæ uni, & ſex alæ alteri*, os quaes com repetidos clamores louvavaõ a Deos naquelle Templo, dizendolhe tres vezes Santo: *Sanctus, Sanctus, Sanctus.*

Iſaiæ 6. v. 2.

Em duas couſas reparo neſte lugar, a primeyra he nas azas, com que eſtes Serafins voaõ; a ſegunda he nas vozes, que publicaõ. Peguemos logo das azas, para que nos naõ voem, & depois iremos ás vozes. Serafins com azas! Naõ vi eu couſa menos neceſſaria para os Serafins; & a razaõ diſto he: porque os Anjos tem por dote devido a ſeu eſpirito o dom da agilidade. Naõ pódem os Anjos voar mais ligeyros com o artificio de ſuas azas, que com a agilidade de ſuas naturezas? Pois ſe as ſuas intellectuaes naturezas ſaõ as mais ligeyras azas, para que ſe aproveytam do que de nenhum modo neceſſitam? Diraõ

Diraõ que os Serafins, como ſaõ huns abrazados amantes, deſejavaõ occuparſe naquelle Templo no ſerviço do ſeu Deos, & obedecer promptamente a todos os ſeus mandados, & por iſſo ſe appreſentaõ cheyos de azas a ſeus olhos, porque moſtram que iráõ voando a comprir os ſeus preceytos.

Aceyto a reſpoſta; porém ainda perſiſte a meſma duvida. Pois ſe para eſſes voos ſaõ ſuperfluas as azas, para que as veſtem os Serafins? Eu o digo: porque ſaõ eſpiritos de amor, & o amor naõ ſe contenta com ter para ſervir o que baſta, mas paſſa a buſcar o que ſobra: pódem voar os Serafins por ſuas naturezas, porém para voarem a Deos veſtem-ſe de novas azas, porque moſtraõ como amantes, que quando naõ ſouberaõ voar por ſuas naturezas para o ſervir, buſcariaõ novas azas para lhe obedecer. Ja logo ſabemos a cauſa, por que eſtes Serafins voam.

Vejamos agora o motivo, porque clamaõ; & eſte ſegundo reparo nos faz o lugar mais genuino. Diz o ſagrado Texto que eſtes Serafins ſe appreſentáraõ a Deos naquelle Téplo no anno, em que morreu o Rey Ozias: *In anno quo mortuus eſt Rex Ozias.* E que tem a morte deſte Rey com aquella appreſentaçaõ dos Serafins, para que no meſmo tempo, em que eſtes Serafins ſe appreſentaõ, ſe faça mençaõ daquella morte? O noſſo grande Lyra nos ha de ſoltar a duvida.

Ubi ſup.

Ora vede. Foy eſte Rey taõ inſolente, & perverſo, que chegou a offerecer a Deos temerariamente hum ſacrificio, por cuja cauſa o cubrio Deos todo de lepra; & diz S. Jeronymo que eſte Rey aſſim leproſo ficou repreſentando no ſeu Reyno o que o demonio repreſenta em todo o Mundo: *Rex leproſus, id eſt, diabolus quando regnat in nobis.* Naquelle anno, álem da lepra, com q Deos o cubrio, caſtigou-o

D. Hier. apud Gloſſ.

tambẽ cõ a morte, q̃ lhe deu. Notay agora. Ficando eſte Rey morto, ficava o demonio vencido, repreſentado no Rey; & como os Serafins viraõ que ficava vencido o demonio, & deſtruido o ſeu reyno, naõ ſó ſe veſtiraõ de azas, para obedecer a Deos no Templo, mas tambem uſáraõ de voz, para lhe cantar o triunfo: *Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus exercituum.* Naõ ſó ſerviraõ os voos dos Serafins de moſtrar o fervoroſo affecto, com que ſe appreſentavaõ a Deos no Tẽplo, mas tambem ſerviraõ eſtes voos de dar a todos noticia de que naquelle Tẽplo ſe acclamava huma vittoria: *Sanctus, &c.*

Aſſim ſe houveraõ os Serafins naquella appreſentaçaõ do Templo, em que os vio Iſaias; mas muyto melhor que aſſim ſe ha hoje Maria quando ſe appreſenta no Templo, pois o que os Serafins faziaõ com ſeis azas: *Sex alæ uni*, faz Maria ſó com duas: * *et datæ ſunt mulieri alæ duæ.* Voavaõ os Serafins naquelle Templo, para moſtrarem o amor, com que ſe offereciaõ a Deos; Maria entrando hoje no Templo, vay voando, para que ſe conheça o affectõ, com q̃ a Deos ſe offerece. Com os voos, que os Serafins davaõ no Templo, publicáraõ o triunfo; Maria cõ os voos, com que ſobe hoje para o Templo, vay acclamando a vittoria; & ſe neſſes voos repreſenta algũas anſias, naõ ſaõ anſias, porque tema ao inimigo, ſó ſaõ anſias de ir buſcar ao ſeu Eſpoſo.

Voay pois, Menina bella, & engraçada, para o deſerto deſſe Templo: *Ut volaret in deſertũ*; voay, & ſejaõ os voſſos voos de Aguia: * *et datæ ſunt mulier alæ duæ aquilæ*: porque ſe a Aguia nos ſeus voos prognoſtica huma vittoria ſem trabalho, vós nos voos, que dais hoje para o Tẽplo, eſtais moſtrando a todos q̃ ſem o menor trabalho conſeguîs hoje a vittoria; & ſe moſtrais alguma anſia neſſes voos, naõ ſaõ anſias de

de temor, porque nada tendes que temer: ſaõ humas anſias de amante, ſaõ huns voos, que no meſmo tempo, em que vos applaudem triunfante, vos publicaõ tambem obediente; & ſe eſſa obediencia vos adquirio eſta vittoria, bem he que vos de hoje os parabens com Marcella: *Beatus venter, qui te portavit.*

Temos deſcuberto a ſingularidade deſta vittoria nos acelerados voos deſta Aguia: porém ainda temos mais que ver, porque ainda neſtes voos ha mais, que conſiderar. Diz Saõ Jeronymo que coſtuma a Aguia voar em tres dias diſtinctos, para buſcar o corpo morto, que lhe ſerve de ſuſtento: *Triduo pervolare dicuntur eo ubi cadaver eſt.* E Chriſto Senhor noſſo diſſe que aonde eſtiveſſe o ſeu corpo morto, ahi aſſiſtiriaõ as Aguias: *Ubicumque fuerit corpus, illic congregabuntur & aquilæ*, o qual lugar entende Santo Ambroſio no ſentido myſtico do Corpo de Chriſto no Sacramento. E ſendo iſto propriedade da Aguia, naõ podia faltar à noſſa celeſtial Aguia eſta inſigne propriedade. Tres voos deu, & em tres dias diſtinctos. O primeyro voo foy no dia, em que ſe concebeu, o ſegundo no dia, em que naceu; o terceyro foy no dia, em que ſe appreſentou. E ſe a Aguia no terceyro dia, em que voa, entaõ he que acha o corpo, com que ſe ſuſtenta; neſte terceyro voo, que eſta Aguia deu, logo encontrou aquelle ſagrado Corpo, com que ſe alimentou: *Ut volaret in deſertum, ubi alitur per tempus: alitur Mannà cæleſti, hoc eſt, Euchariſtiæ Sacramento.*

Porém o meu reparo eſtá, que ſendo eſtes voos prognoſticos certos de vittoria, porq̃ em todos elles voou Maria ſempre como Aguia, vejo que ſe naõ acclama eſta vittoria no dia, em que ſe concebe, nem no dia, em que naſce, mas

Luc. 17. *n.* 37.

ſó ſe acclama no dia, em que ſe appreſenta. Pois ſe em todos eſtes tres dias ſahio Maria triunfante, porque em todos elles ſahio muy vittorioſa, porque ſó no dia, em que ſe appreſenta no Templo, ſe ha de applaudir eſte triunfo? Eu quero entender que foy determinaçaõ do Ceo; porque me parece que o acclamarſe neſte dia a Vittoria, naõ he tanto determinaçaõ de algũa creatura, como foy diſpoſiçaõ da Providencia Divina. Eu o provo.

Tres vezes chamou o EſpoſoDivino aeſta querida Eſpoſa, como ſe diz no Capitulo quarto dos Cantares: *Veni..., veni.., veni.* E quero eu entender que neſtas tres vezes, em que chamou a Maria, eſtaõ repreſentados os tres voos, que ella deu como Aguia, correſpondendo com hum voo a cada *Veni*: aſſim o colho do Texto. E ſenaõ, vede. Diz o Texto deſte modo: *Veni: coronaberis de capite Amana, de vertice Sanir..., de cubilibus leonum, de mõtibus pardorum.* A primeyra vez, que a chamou o Eſpoſo, foy de entre pardos dragões, & ferozes animaes; & a eſte *Veni* correſpondeu Maria com hum voo, & foy no dia de ſua immaculada Conceyçaõ, porque no dia, em que Maria foy concebida, neſſe dia foy que a rodeáraõ dragões, & a cercáraõ ſerpentes, pretendendo inficionalla com a culpa original: porém neſte dia deu Maria hum voo como Aguia, & conſeguio dos inimigos vittoria, naõ ſó deyxando-os vencidos, mas ainda deſconfiados, como o diſſe David: *Draco iſte, quem formaſti ad illudendum ei.*

Cant. 4. n. 8.

Pſal. 103. n. 27.

A ſegunda vez, que a chamou, foy dos montes de Amaná, & de Sanir, & a eſte ſegundo *Veni* correſpondeu Maria com ſegundo voo, & foy no dia de ſeu Nacimento: porque (como diz Saõ Jeronymo) ſaõ eſtes montes muy eſtereis por cauſa da neve, de que ſempre eſtaõ cubertos, & por iſſo

por iſſo repreſentã a Saõ Joaquim, & a Santa Anna, montes altos de ſantidade, mas eſtereis pela ſua grande velhice; porẽm deſtes montes taõ eſtereis deu Maria eſte ſegundo voo no dia do ſeu Nacimento, & contra a meſma eſterilidade ficou acclamando o triunfo.

Terceyra vez chamou o Eſpoſo a Maria, que vieſſe do monte Libano; a eſte terceyro *Veni* correſpondeu Maria com terceyro voo, & foy no dia de ſua Appreſentaçaõ, porq (como diz Filo Carpacio) eſte monte Libano, donde chamou a Maria, denota a pureſa, & virgindade: *Veni de Libano virginitate decora*; & na ſua Appreſentaçaõ foy que Maria fez a Deos voto ſolenne de ſua virgindade, & pureſa; & com tal ſingularidade, que foy Maria a primeyra entre todas, que fez a Deos eſte voto, como o diz Santo Ildefonſo: *Prima omnium fœminarum Deo virginitatem obtulit.* E como neſta primaſia levou a todas a palma, tambem neſte terceyro voo acclamou logo a vittoria. Iſto ſuppoſto.

Entra agora o meu reparo. He certo, como dizem todos, que o fim, para que o Eſpoſo chamou a Maria em todas eſtas tres vezes, foy para a coroar com tres coroas em final das tres vittorias, que conſeguio neſtes tres dias: porém ſendo iſto aſſim, eu vejo que o Eſpoſo ſó na terceyra vez, em que achamou, declarou a coroa, que lhe deu; porq chamando-a o Eſpoſo tres vezes para a coroar cõ tres coroas em final das tres vittorias, ſó da terceyra ves falou expreſſamẽte na coroa, porque diſſe aſſim: *Veni de Libano ..., veni .., veni: coronaberis*; & gloſou Jacob de Valencia: *Veni coronaberis, id eſt, triumphabis.* Só no terceyro dia lhe declarou a coroa, & ſó no terceyro *Veni* apublicou vitorioſa.

Pois ſe em todos os tres dias alcançou Maria dos inimigos vittorias, porque naõ declara eſtas coroas no primeyro, & ſegũdo *Veni*, no

primeyro, & ſegundo voo, & ſó no terceyro he que publica eſte triunfo: *Veni, triumphabis?* A razaõ eſtá bem clara. Declara o Eſpoſo no terceyro *Veni*, ou no terceyro voo o triunfo, porq (como temos dito) neſte terceyro voo ſe appreſentou Maria a Deos no Templo. E ſuppoſto que nos dous primeyros voos, que deu eſta Imperial Aguia no dia de ſua Conceyçaõ, & no dia de ſeu Nacimento, ficaſſe ſempre vitorioſa, he de tanto agrado para Deos eſte terceyro voo, que hoje dá para o Templo, aonde ſe lhe vay offerecer por Eſpoſa, que ſó neſte ultimo *Veni*, ou neſte terceyro voo he que lhe declara a coroa, & lhe publica a vittoria: *Veni, veni, veni: coronaberis, id eſt, triumphabis.*

Coroada logo temos hoje a Maria em final de ſua vittoria; & como foraõ tres as vittorias, por iſſo a vemos hoje com tres coroas, mas com eſta differença, que logrando ja eſtas coroas no dia, em q ſe gerou, & no dia, em que naceu; ſó neſte dia, em que ſe appreſenta a Deos no Templo, diſpõem o Eſpoſo Divino q ſe publiquem os ſeus troſeos, & ſe declarem os ſeus triunfos; para que ſe veja que he taõ ſingular eſta feſta da Vittoria na Appreſentaçaõ de Maria, que parece ſer diſpoſiçaõ do Ceo, que ſó hoje ſe lhe acclame a vittoria, por ſer o dia de ſua Appreſentaçaõ. Deſte modo engrandeceu Deos a Maria em ſatisfaçaõ do affecto, com que hoje ſe lhe appreſenta no Templo: porque ſe Maria para declarar o ſeu affecto, & publicar o ſeu triunfo, dá hoje voos como Aguia, como naõ ha Aguia ſem coroa, com tres coroas a deyxa hoje coroada, para que conſte a todos como fica vitorioſa.

Agora quizera eu ſaber, como correſpondeu Maria a eſta fineſa do Eſpoſo? Sabeis como? Com lhe por tambem hoje huma coroa; aſſim o diz Saõ Bernardo: *Et coronavit eum, & viciſſim meruit ab eo coronari.* *Div Bern. ſup. Sign. magn.*

Por

Porque ſe amor com amor ſe paga, bem era que, coroando hoje o Filho á que havia de ſer ſua Mãe coroaſſe hoje tambem a Mãe, ao ſeu Filho. E ſe aonde aſſiſte o Rey, a hi tem a ſua coroa, aſſiſtindo o Filho hoje naquelle Sacramento como Rey: *Chriſtum Regem adoremus dominantem gentibus*, alli aſſiſte tambem coroado; para que ſe veja que, ſe a coroa he o ſinal mais certo da vittoria, aſſim como vemos hoje a Mãe na Appreſentaçaõ vitorioſa, aſſi nviſſemos tambem a Chriſto triunfante no Sacramento. E naõ ſey eu agora de que mais nos admiremos, ſe da vittoria de Maria na ſua Appreſentaçaõ, ſe do triunfo de Chriſto naquelle diviniſſimo Sacramento!

Salamaõ nos ha de tirar a duvida. Fala elle com as filhas de Siaõ, & dizlhes eſtas palavras: *Egredimini, & videte filiæ Sion Regem Salomonem in diademate, quo coronavit illum mater ſua in die deſ-* *Cant. 3. n. 11.*

penſationis illius. Commenta Hugo Cardial: *Quo coronavit illum mater ſua, id eſt, Beata Maria*; & foy o meſmo que dizer: Vinde, filhas de Siaõ, ver ao voſſo Rey coroado com huma coroa, que lhe deu Maria ſua Mãe no dia, em que ſe deſpoſou com ella. Logo ſe Maria Santiſſima no dia, em que ſe deſpoſou com Chriſto, neſſe dia foy que lhe deu a coroa; ſendo o dia de ſua Appreſentaçaõ o dia do deſpoſorio, neſte dia foy, em que Maria pos ao ſeu Filho a coroa. Aſſim he: porém reparo, que dando tambem Chriſto neſte dia a coroa a ſua Mãe, como temos dito, & o diſſe o meſmo Salamaõ no Capitulo ſeguinte: *Veni: coronaberis*, naõ cõvide ás filhas de Siaõ para verem a coroa da Mãe, & ſó as convide para verem a coroa do Filho? Se aſſim a Mãe, como o Filho com as inſignias das coroas eſtavaõ denotando as vittorias, como naõ convida a que venhaõ ver a Mãe vitorioſa, aſſim como convida a *Hug. Card. ibid.*

que

que venhaõ ver ao Filho triunfante? Sabeis porque? Porque naõ admira tanto ver a Maẽ coroada pelo Filho, como admira ver ao Filho coroado pela Maẽ. Era a Maẽ Eſpoſa, era o Filho Rey, & por iſſo naõ he muyto q̃ appareça a Maẽ cõ coroa, que he inſignia de Rainha: mas que ſendo o Filho por ſua natureſa Rey dos Reis, & que ſendo Senhor dos ſenhores, recebeſſe a coroa de huma pura creatura, iſto he o que ſuſpende, iſto he o que admira! *Egredimini, & videte, &c.*

Admiray vos pois, filhas de Siaõ, & admiremo-nos todos de vermos hoje a Chriſto triunfante no Sacramento, porque vemos a Maria vitorioſa na ſua Appreſentaçaõ, pois vemos q̃ no meſmo dia, em que ſe appreſenta no Templo, moſtra tanto ſer Senhora da Vittoria, que até ao meſmo Deos chega hoje a pór a coroa.

Agora quizera eu tambem pór a coroa no Sermaõ, naõ porque mereça ter coroa, mas porque naõ fique ſem fim, que he o que coroa a obra: *Finis coronat opus.* E como o fim diz relaçaõ ao principio, do meſmo principio havemos de deduſir eſte fim. Temos deſcuberto os trofeos deſta vittoria nas azas deſta generoſa Aguia: porque ſe a vittoria ſe coſtuma pintar com azas, bem era que hoje as azas foſſem emblema da Vittoria. Porém o que eu agora noto he, que aſſim como nas azas deſta Aguia deſcobrimos a Vittoria de Maria, tambem deſcobrimos neſtas azas a noſſa conveniencia.

Tres officios fazem as azas; o primeyro he voar, o ſegundo he defender, o terceyro he fomẽtar. Quãto ao primeyro officio, que he voar, a experiencia o moſtra: quanto ao ſegundo officio, que he defender, o declara a Eſcrittura: *Sub umbra alarum tuarum protege me*, diſſe David, Senhor: defendey-me debayxo das voſſas azas. E em outro lugar *Pſal. 16. n. 9.*

gar diſſe: *In umbra alarũ tuarum ſperabo.* Eſperarey, Senhor, na ſombra das voſſas azas. Que ſirvaõ tambẽ as azas de fomentar, o diſſe Chriſto Senhor noſſo por bocca de Saõ Mattheus: *Quoties volui congregare filios tuos, quem admodum gallina congregat pullos ſuos ſub alas, & noluiſti?* Pois ſabey agora, q̃ para Maria exercitar eſtes tres officios com toda a creatura, ſe veſte hoje com azas como Aguia ſoberana.

Pſal. 56. n. 2. *Matth. cap. 23. n. 37.*

Primeyramente que Maria tenha azas de Aguia para voar, claramente o eſtamos vendo: * *& datæ ſunt mulieri alæ duæ Aquilæ magnæ, ut volaret.* Naõ ſaõ eſtas azas, como as do Anjo ſoberbo, porque ſe as azas ſerviraõ a Lucifer de o levar para o inferno, eſtas azas, com que Maria hoje voa, ſervem denos levar para a Gloria. Uſa hoje Maria cõ ſeus devotos do que uſa a Aguia com ſeus filhos. Para a Aguia moſtrar o amor, que tem aos filhos, toma os ſobre ſuas azas, até os pór no lugar, aonde tem o ſeu ninho: aſſim o affirma Laureto: *Expãdit alas ſuas, & aſſumit eos in humeris ſuis uſque ad manſionem ipſi præparatam.* Pois iſto, que faz a Aguia por inſtinto natural, executa Maria com hum affecto piedoſo. Saõ os devotos de Maria os filhos deſta Aguia, & para Maria moſtrar o quãto ama a eſtes filhos, ſe veſte hoje de azas, para como Aguia ſoberana os levar ſobre ſuas azas, até os pór no ninho da Gloria. Por iſſo Alberto Magno falando deſta Imperial Aguia, diſſe que o ſeu officio era levar ſobre as azas as almas, que eſtaõ enfermas: *Beatiſſima Virgo dicitur infirmarum animarum portatrix.* Porque he tal o amor de Maria para com os ſeus devotos, que ſe ſe veſte com azas de Aguia, naõ he ſó para acclamar a ſua Vittoria, mas tambem para os levar neſſas azas para a Bẽaventurança.

Laur. verb. Aquila. ſup. Dom. ter. 7.

Alb. Mag. in Biblia Virg. ad cap. 1.

E ſe as azas tambem ſervem de defender, para nos defender dos perigos toma hoje

hoje Maria eſtas azas. Cria a Aguia com tanto amor a os filhos, que naõ repara na propria vida, para que naõ padeçaõ os filhos huma minima moleſtia; eſtende as azas ao caçador, para que, ſẽdo alvo das ſettas, fiquem os filhos ſem feridas, dando a entender com eſta acçaõ que eſtima mais a vida dos filhos, que a ſua propria vida. De tal ſorte nos ama eſta ſoberana Aguia, que para nos defender das ſettas, que nos atira o inimigo, eſtende hoje as ſuas azas, para que nos naõ façaõ dano eſtas ſettas.

Por eſta razaõ contemplando Saõ Bernardo nos paſſos, ou nos voos deſtas azas, com que Maria hoje voa para o Templo, rompe neſtas devotas palavras: *Amplectamur fratres Mariæ veſtigia, eſt enim vellus interrorem, & aream, id eſt, inter Chriſtum, & Eccleſiam.* Abracemos, irmaos, (diz S. Bernardo) eſtes paſſos, ou eſtes voos de Maria, porq̃ para nos defender das juſtas iras do ſeu Filho, toma hoje a natureſa do vello. Pois iſto que quer dizer? Eu me explico com hum exemplo. Quando huma bala deſpedida de huma peſſa, acerta de dar em lã, de tal ſorte reprime o impeto, que parece fica eſquecida do impulſo; que ja por eſta razaõ inventou a arte militar o fazer muros de lã, para que naõ ſejaõ nocivas as balas. Pois eis ahi a razaõ, porque nos diz Saõ Bernardo, que Maria ſe interpõem como vello, ou como lã entre Deos, & as creaturas, para que deſpedindo ſua Divina Juſtiça contra nós as ſettas, ou as balas do caſtigo, percaõ eſtas balas o impeto, dando neſte ſagrado Vello.

Tambem ſe veſte hoje Maria com azas de Aguia para nos fomentar, porq̃ ſe a Aguia com a virtude do ſeu calor fomenta a os filhos, & para eſte fim os mete debayxo de ſuas azas, Maria como piedoſa Aguia a todos mete dentro no ſeu coraçaõ, fomentando nos a todos com o calor ardẽte de ſua abrazada caridade. Aſſim o diſſe S. Bernardo: *Omnibus miſericordiæ ſignũ aperit, ut de plenitudine ejus accipiant univerſi.* Todos achaõ abrigo no ſeu ſeyo, amparo neſſas azas, & protecçaõ neſtes voos; porque o cattivo alli deſcobre o reſgate, o enfermo a ſaude, o triſte alivio, o peccador perdaõ, o juſto a graça, o Anjo alegria, & toda a Trindade a Gloria. *Ad quã nos perducat, &c.*

D. Bern. ſup. Sign. magn.

Div. Bern. ſup. Sign. magn.

SER-

† IHS.

SERMAÕ

DE NOSSA SENHORA

DA PIEDADE

Com a circunſtancia do fogo, que rebẽtou no monte de Joaõ Ramos, eſtando o Santiſſimo Sacramento expoſto, prégado no Moſteyro da Eſperanſa da Cidade de Ponta Delgada no anno de 1699

Stabant autem juxta crucem JESU Mater ejus,...
Joan. 19. n. 25.

SEndo todas as feſtas da Senhora muyto dignas de applaudir, a deſte preſente dia tem particular motivo para ſe poder celebrar. (Meu Deos, & meu Senhor Sacramentado, bem me parecia amim que feſtejandoſe hoje neſte Templo voſſa ſantiſſima Maẽ com o illuſtre titulo da Senhora da Piedade, naõ podieis deyxar de aſſiſtir neſſe Sacramento expoſto, a onde verdadeyramente vos compete eſte titulo taõ illuſtre: porq̃ ſe lá antiguamẽte o voſſo Real Profeta vos appellidava por Senhor de juſtiça, & de vingança: *Deus ultionum Dominus*, neſſe Sacramento vos intitula por Senhor de piedade, & de miſericordia: *Miſericors, & miſerator Dominus: * eſcam dedit timentibus ſe.*)

Pſal. 93. n. 1.

Pſal. 110. n 4.

Sendo todas as feſtas da Senhora (dizia eu) muyto dignas de applaudir, a deſte preſente dia tem particular motivo para ſe poder celebrar. Todos ſabem que a feſta deſte dia he da Senhora da Piedade, mas naõ ſey ſe ſabem todos o motivo, porque ſe dedica à Piedade da Senhora eſta feſta; & como he certo que occultar os beneficios he querer faltar nos agradecimentos, para que todos nos moſtremos hoje agradecidos, bem he que o motivo da feſta ſe publique hoje a todos.

Foy o caſo, que no anno de 1652 em dès do mes de Outubro em huma quinta feyra á noyte começou a tremer toda eſta Ilha com taõ grande vehemencia, que a todos ameaçava huma univerſal ruina; & como para a parte de Roſto de Caõ, & Alagoa eraõ mais vehementes os tremores, ahi ſe experimentáraõ com mais evidencia os eſtragos, porq̃ em breves horas cahiraõ ſeſſenta cazas. Foraõ durando os tremores por eſpaço de nove dias continuos, em todos os quaes ſe fizeraõ muy devotas prociſſões, & muy aſperas penitencias. Deſamparavaõ todos as ſuas cazas, porque temiaõ q̃ foſſem ſepultura de ſuas vidas; & o que mais he, que até as Religioſas do Moſteyro de JESUS da Villa da Ribeyra grande deſamparáraõ a clauſura, & ſe foraõ recolher em hũa quinta, que hoje ſe intitula do Morgado de Pedro da Ponte. Neſte ſitio eſtiveraõ por eſpaço de quatro dias, deyxãdo

do convertido em hum parayſo de lagrymas o que d'antes era hum ameno vergel de delicias.

No fim de nove dias em hum Sabbado paráraõ os tremores de todo; & imaginando os homens que eſta ſuſpenſaõ dos tremores era prognoſtico certo de que eſtavaõ já livres dos caſtigos, ſuccedeu tanto ao contrario, que paſſadas poucas horas, ſe viraõ em mayor cõflicto; porque na tarde do meſmo Sabbado rebẽtou o fogo com tal eſtrondo, & vehemencia em o monte, que chamamos de Joaõ Ramos, q̃ parece ſe ſubvertia a terra, & ſe abrazava toda a Ilha. O Vigario da freguefia de S. Roque, q̃ he a q̃ fica mais perto a eſte monte, remeteu com toda a preſſa ao Sacrario, & tirando o Santiſſimo Sacramento, ſe partio para eſta Cidade, & toto o povo atrás delle; & como entráraõ pela Cidade ja de noyte, foy taõ grande a confuſaõ em todos, que ſe naõ ouvia outra couſa, mais que eſtrondos de penitencia, & vozes de miſericordia.

E que vos parece fariaõ as Religioſas deſte ſagrado Moſteyro, vendo-ſe neſta tribulaçaõ afflictas, & com taõ grande afflicçaõ atribuladas? Deſampararíaõ a clauſura? Naõ por certo. Antes acodindo os Religioſos do Convento, para haver de tirarem o Santiſſimo Sacramento do Altar, rompéraõ todas com clamores taõ impacientes, como amantes, dizendo que por nenhum modo lhes haviaõ de levar o ſeu Divino Eſpoſo, & que ſe lho chegavaõ a tirar, ſó iſſo as obrigaria a ſahir. Oh leaes Eſpoſas, como andaſtes acertadas em naõ querer conſentir que vos tiraſſem de diante dos voſſos olhos aquelle Deos, em quem haveis poſto todos os voſſos cuydados!

Em certa occaſiaõ ſey eu que vendo ſe a Alma Sãta na preſença do Eſpoſo, para poder declarar as ſuas anſias, rompeu neſtas impaciẽtes palavras: *tenui cũ: nec dimittam.* *Cant. tic. 3. n. 4.*

dimittam. Tenho o meu Eſpoſo á viſta, de nenhum modo heyde deyxar a ſua preſença. Aſſim o fez a Eſpoſa dos Cantares, & aſſim o executáraõ tam bem eſtas amantes Eſpoſas, tendo por certo que naõ havião de ter perigo, tendo á viſta o ſeu querido Eſpoſo; & para mais o obrigar, lhe interpuzeram a Piedade da Mãe, rogando ao Senhor que por interceſſaõ da Senhora da Piedade quizeſſe aplacar a ſua ira, & uſar com os peccadores de ſua miſericordia.

Mas graças vos ſejaõ dadas, meu Deos, pois o meſmo foy meterem-vos por medianeyra voſſa Santiſſima Mãe a Senhora da Piedade, que ficar immovel o fogo, ſem que creatura alguma tiveſſe o menor perigo. E para que dalli a diante ſe ſoubeſſe que eſte beneficio taõ grande ſe devia á Piedade da Senhora, & áquelle Sacramento, que he todo de piedade, lhe rendem as Religioſas deſte Moſteyro todos os annos eſtes feſtivos obſequios para memoria eterna dos ſeus agradecimentos. Eſte foy o motivo, que teve apreſente feſta; peguemos agora do Evangelho do dia, para combinarmos a feſta com o Evangelho.

Saõ as palavras do preſente Evangelho tiradas do Capitulo dezanove do Evangeliſta Saõ Joaõ, aonde narrando a lamentavel hiſtoria, que ſuccedeu no monte Calvario, quando os Judeus pregáraõ a Chriſto na Cruz, accreſcenta o meſmo Evangeliſta que junto á Cruz de Chriſto eſtava ſua Santiſſima Mãe: *Stabant autem juxta crucem JESU Mater ejus,...* E ſendo eſte o Evangelho, com que ſe celebra eſta feſta, naõ vi eu couſa mais propria para a feſta, que o preſente Evangelho; porque ſe bem advertirmos, nenhuma circunſtancia inclue a feſta do dia, aqual ſe naõ poſſa deſcobrir no Evangelho da feſta. E ſe naõ, vejaõ.

Ja ſabem todos que o motivo, porque ſe inſtituhio eſta feſta, foy porque

tremeu a terra, & porque rebentou o fogo; & como todos temiaõ que o fogo os abrazaſſe, & que a terra os ſubverteſſe, acodio a piedade religioſa deſte Convento a implorar o patrocinio da Senhora da Piedade, tendo juntamente naquelle throno aquelle diviniſſimo Sacramento. Com que vem aſer, que Sacramento, Piedade, fogo, & tremores ſaõ as circunſtãcias deſta feſta, pois eſtas meſmas ſe deſcobrem no Evangelho do dia.

Primeyramente temos tremores de terra no Evangelho, porque (como diz o Evangeliſta) ao eſpirar Chriſto na Cruz tremeu taõ grandemente a terra, q as pedras dando humas pelas outras, ſe quebráraõ, & as ſepulturas ſe abriraõ: a eſtes tremores taõ grandes ſe vio logo rebentar no alto do monte Calvario aquelle amoroſo fogo, que ha muytos tempos ardia no peyto de JESU Chriſto; & o meſmo foy verſe deſcuberto eſte fogo, que ficarem todos confuſos, & arrependidos, rendendo logo adorações ao Sacramento, o qual ficou expoſto naquelle Divino peyto: *De latere Chriſti exierunt Sacramenta. Percutientes pectora ſua revertebantur.* E como a cauſa deſtes exceſſos eraõ as culpas dos homens, aſſiſtia a Senhora da Piedade junto á Cruz, ou junto ao Sacramento, para lhes alcançar do Senhor o perdaõ de ſuas culpas: *Stabãt autem juxta crucem, &c.* *Luc. 23. n. 48.*

Temos combinado a feſta com o Evangelho do dia, tiremos agora do Evangelho o aſſumpto para eſta hora. Eſtava Chriſto crucificado na Cruz, & eſtava Maria Santiſſima junto á Cruz do meſmo Chriſto. *Stabãt autem juxta crucem;* Chriſto negociando com o Pay a Redempçaõ dos homens: *Pater ignoſce illis;* & Maria negociando com Chriſto a ſalvaçaõ do Mũdo; aſſim o diſſe Santo Ambroſio: *Pijs oculis ſpectabat, non pignoris mortem, ſed Mũdi ſalutem.* Porque ſuppoſto que ſó Chriſto foy o reparador da ruina univerſal, com tudo, como naõ queria obrar nada ſem ſua Santiſſima Mãe, quis tambem que aſſiſtiſſe ao reparo deſta ruina, como ſe foſſe Redemptora; aſſim o diſſe Carthuſiano: *Voluit adeſſe Chriſti Paſſioni, & ſic fieret Redemptrix, & cooperatrix.* He verdade que tudo obrou o Filho, porem nada fez ſem aſſiſtencia da Mãe.

Daqui vem o dizer Santo Ambroſio que Chriſto na Cruz eſtava repartindo os officios de piedade: *Pietatis officia dividebat.* E com quem repartiria Chriſto eſtes officios de piedade? Sabeis com quem? Comſigo, & com ſua amoroſa Mãe. Que o Filho na Cruz tomaſſe para ſi o officio de piedade, naõ ſó a razaõ o eſtá dictando, mas o meſmo Santo Ambroſio expreſſamente o eſtá dizendo: *Tradidit ſpiritum --conſummans omne myſterium bono fine pietatis:* que o meſmo foy Chriſto acabar na Cruz a vida, que dar cabal ſatisfaçaõ ao officio de piedade. Que Chriſto repartiſſe tambem com ſua Santiſſima Mãe o officio de piedade, o diſſe Hugo Cardial; porque inclinando Chriſto a cabeça antes de eſpirar na Cruz, diz eſte Douto que foy para aparte, aonde eſtava a Mãe: *Ex parte Matris ſuæ,* & que com eſta inclinaçaõ a intitulou por Senhora da Piedade: *Per ipſam veniam petite: ipſa enim eſt oraculũ miſericordiæ, & pietatis.* E foy como ſe dicera Chriſto, falando da Cruz com os homens: Ah homens! He poſſivel que naõ baſte o verdes tremer a terra, abriremſe as ſepulturas, quebrarem-ſe as meſmas pedras, cobrirſe o Ceo de luto, raſgarſe o veo do Tẽplo, rebẽtar o fogo no mõte, que naõ baſtem eſtes evidẽtes caſtigos, para que deyxeis de continuar nos peccados! Mas em fim como ſe ha de conhecer a minha piedade, ſenaõ houver em vós tanta tyrannia: porque ſe a piedade tem por objecto a miſeria, para perdoar as voſſas culpas, he q exercito *Hug. Card. hic.*

cito neſta Cruz o officio de piedade. Porém adverti, q̃ naõ ſou eu ſó oque exercito eſte officio, tambem haveis de negociar por meyo de minha Mãe, porque he o Templo, & oraculo da Piedade: *Per ipſam veniam petite: ipſa enim eſt oraculum pietatis.* E de tal ſorte nos conformamos nos officios de piedade, que naõ podereis conſeguir couſa alguma, ſem que concorramos ambos juntos.

Neſte ſentido entendẽ os Expoſitores ſagrados aquelle Texto da Eſcrittura: *Cum eo erant cuncta componens*; & iſſo querem dizer tambem as palavras do meu thema: *Stabant autem juxta crucem*: *Stat*, (diz o doutiſſimo Lanuza) *id eſt conformat*: porque o ſignificado deſte verbo naõ ſó quer dizer eſtar, mas tambem ſignifica conformar. E de tal ſorte ſe conformáraõ, aſſim o Filho, como a Mãe, nos officios de piedade, que da piedade de ambos he que depẽdeu o remedio do Mũdo todo: & ſe a ruina de todo o Mundo ſe reſtaurou toda na Cruz pela piedade do Filho, & da Mãe; a ruina, em que ſe vio eſta Ilha ha quarenta & ſette annos, toda ficou reſtaurada, porq̃ interveyo a Piedade da Mãe, & juntamente a do Filho. Iſto veremos nos diſcurſos do Sermaõ, & aſſim ſeja com acerto, como cuydo que ſerá com propriedade. Recorramos á Senhora nos alcance do Eſpirito Santo a graça, obrigando-a com a oraçaõ Angelica.

Ave Maria.

Lanuz. hic.

Stabant autem juxta Crucem, &c.

Tremeu a terra no Calvario para demõſtraçaõ das offenſas, que os homens eſtavaõ obrando contra Deos; & ſuppoſto que muytos delles ficáraõ confuſos, & admirados com eſtes tremores da terra, nem por iſſo tratáraõ de ſe arrepender, nem ſe acabáraõ de deſenganar. E ſabendo pela experiencia que os tremores da terra ſaõ o indicio mais

mais certo de haver fogo occulto, foy tal a obſtinaçaõ dos homẽs, q̃ a ſua meſma cegueyra fez rebẽtar eſte fogo, q̃ occultamente ardia no peyto de Jeſu Chriſto. *Sed unus militũ lancea latus ejus aperuit.* Ah Fieis! Rebentou fogo no mõte? Pois de quem ſe haõ de valer os homens, para q̃ naõ pereçaõ no fogo? Porẽ naõ tendes q̃ recear, (diz Deos) porq̃ ſe rebentou a mina do meu coraçaõ cõ fogo, á viſta deſſe incendio, ou na bocca deſſa mina vos fica o Sacramento expoſto? *De latere Chriſti exierunt Sacramenta.* Que ſendo eſte Sacramẽto a mais excellente obra, q̃ inventou a minha piedade: *Memoriã fecit mirabilium ſuorum, miſericors, & miſerator Dominus*; á viſta de obra taõ excellente, & de Sacramento taõ piedoſo eſtay certos vos naõ ha de offender o fogo; porém ha de ſer com condiçaõ, q̃ haveis de meter por medianeyra a minha amoroſa Mãe, q̃ he oraculo da miſericordia, & piedade: *Per ipſam veniã petite: ipſa enim eſt oraculum miſericordiæ, & pietatis.* Eſta foy a liçaõ, que Chriſto deu aos homens no Calvario, quando ſe viram aſſombrados com caſtigo; & eſta meſma liçaõ tomáraõ as Religioſas deſte Moſteyro quando ſe virã cercadas com o incendio.

Joan. 19. n. 34.

Tremeu a terra neſta Ilha por eſpaço de nove dias, & como em todos elles naõ houveſſe emẽda nas culpas, para abrandar a noſſa obſtinaçaõ rebentou o fogo no mõte: virã ſe todos ameaçados do fogo, & recorréraõ cõ fé áquelle Sacramento piedoſo, & a Maria Santiſſima, que eſtava junto á Cruz, ou junto ao Sacramẽto: *Stabant autem juxta Crucem.* E q̃ reſultou daqui? Sabeis que? Que nẽ o fogo os offendeu, nem o incendio os moleſtou. Mas q̃ muyto os naõ moleſtaſſe, nem offendeſſe o fogo, ſe ſe valeraõ da Piedade da Senhora, & daquelle Sacramento, q̃ he todo de piedade. Aſſim o moſtrou entaõ a experiencia, & aſſim o heyde eu agora tambẽ moſtrar cõ hũa excellente prova.

Mandou fazer Nabucodonoſor huma eſtatua de ouro, para que foſſe adorada de toda agente do ſeu Reyno; & para que naõ ficaſſe alguem, que naõ rendeſſe adoraçaõ á eſtatua, mandou lançar hum bando pela Cidade, que todo o que naõ adoraſſe aquella eſtatua de ouro, havia de ſer lançado em huma fornalha de fogo. Chegou o dia determinado para ſe adorar a eſtatua, & obedecendo todos promptamente aos mandados do Rey, ſó ſe acháraõ tres meninos, que naõ quizeram obedecer aos ſeus mandados. Fizeraõ queyxa deſte deſpreſo ao Rey, o qual todo furioſo, & colerico mãdou que a fornalha ſe acendeſſe mais ſette vezes em dobro, do que ſe coſtumava acender, & que aquelles tres mancebos atados de pés, & mãos ſe lançaſſem na fornalha. Fizeraõ-no aſſim os miniſtros da juſtiça; porém diz a Eſcrittura ſagrada que o fogo naõ ſó os naõ conſumio, mas q nem ainda levemente os tocou: *Et non tetigit eos omnino ignis..., nec quidquam moleſtiæ intulit.* Dan. 3. n. 50.

Ja temos a admiraçaõ entre maos. Se he propriedade do fogo, naõ ſó queymar, mas ainda conſumir, como vemos que eſte fogo da fornalha perde a ſua propriedade, ſem fazer a eſtes meninos hũa minima moleſtia: *Nec quidquam moleſtiæ intulit?* He certo que naõ podia ſucceder eſte prodigio ſem impulſo ſoberano; pois donde procederia eſte ſoberano impulſo? Sabeis donde? Theodoreto o diz. Foy, porque eſtes tres meninos ſe fizeraõ pregoeyros da Piedade, & por iſſo paſſeavaõ pelo meyo daquellas chammas, como ſe andaſſem por ſima de bellas roſas: *Tanta autem ſerenitate præcones pietatis Deũ colentes fruebantur, ut per ignitos carbones, quaſi per quaſdam roſas, incederent.* Theodoret. in c. 3 Dan.

E que piedade ſeria eſta, dequem eſtes meninos eraõ pregoeyros? Seria por ventura a Piedade da Senhora? Eu

Eu me naõ atrevera a dizello, ſe o Texto o naõ explicára. Ora vede. No meſmo ponto, em que eſtes tres meninos foraõ lançados naquella fornalha de fogo, diz a Eſcrittura ſagrada que começáraõ a louvar a Deos deſta maneyra: *Benedictus es in throno regni tui: & ſuperlaudabilis, & ſuper glorioſus in ſæcula.* Sejais louvado, Senhor, no throno do voſſo Reyno. Eſte throno, que eſtes mancebos louvavaõ, diz a Gloſſa moral de Lyra que he a Virgem Senhora: *Benedictus es in throno, hoc eſt, in Beata Virgine, quia propriè dicitur ipſius Thronus.* Pois bem: ſe eſtes tres mancebos eraõ pregoeyros da piedade: *Pietatis præcones*; & os pregões, que lançavaõ, era invocando a Maria: *Benedictus es in throno, hoc eſt, in Beata Virgine*, bem ſe ſegue que invocavaõ a Senhora com o titulo da Piedade; & ſe elles ſe valiaõ da Piedade da Senhora, naõ foy muyto que o fogo os naõ offendeſſe, nem ainda levemente os tocaſſe: *Et non tetigit eos omnino ignis.* Dan. 3. n. 54. Lyra in Gloſſ. mor.

Eſtá bem. Mas ſe a Piedade de Maria foy a que os livrou do fogo, como os livrou tambem o Sacramento? Iſſo direy eu agora. Diz Saõ Baſilio Magno que a virtude do jejum tinha veſtido a eſtes mancebos com hum veſtido de Amianto, que he hũ genero de linho muy branco, & precioſo, aquem o fogo naõ queyma, mas antes o purifica: *Eſt quædam corporis natura, quam Amiantum nominant, ex eo quòd igne conſumi nequeat: talia erant illorum trium puerorum corpora, quæ jejunio naturam Amianti induerant.* E eſta veſtidura de Amianto, com que eſtes meninos ſe veſtiraõ, diz o meſmo Saõ Baſilio que repreſenta aquelle ſoberano Sacramento: *Chriſtus in Euchariſtia linum, & Amiantos eſt.* Pois ſe eſtes tres meninos ſe veſtiraõ de Amianto, o qual repreſenta aquelle Divino Sacramento; ſe ſe fizeraõ da Piedade pregoeyros, invocando a Senhora Divi. Baſ. Mag. Hom. 5. de jejun.

com o titulo da Piedade, q̃ muyto que os naõ offendeſſe o fogo, nem moleſtaſſe o incendio: *Nec quidquam moleſtiæ intulit.*

Na verdade me parece que vem o lugar taõ proprio para o intentõ, que naõ neceſſita applicado; ſómente o que farey, paraque ſe augmente o fervor nos devotos da Senhora da Piedade, & daquelle Diviniſſimo Sacramento, referirey hum prodigio, que me parece que vem talhado de molde para a confirmaçaõ deſte aſſumpto.

Refere Gregorio Turonenſe que houve hum refinado Judeu, o qual tinha hum filhinho, que traſia na eſcola, aonde juntamente aprendiaõ os mais meninos Chriſtãos: ſuccedeu q̃ hum dia ajuntando ſe eſte com os mais em hum Templo da Senhora, & vendo que os outros meninos chegavaõ á Menza da Communhaõ para receber aquelle Deos Sacramentado; levado eſte menino do deſejo de querer imitar aos outros, ſem mais diſcurſo algum ſe chegou tambem á Menza, & recebeu com elles juntamente a ſagrada Communhaõ. Partio-ſe para caza muy contente, & foy contar ao pay com grande feſta o que lhe havia ſuccedido na Igreja. Ficou o pay taõ furioſo com o ſucceſſo, que logo o negou de filho, dizendolhe que, ja que fora taõ atrevido, & louco; que havia recebido o Sacramento dos Chriſtãos, elle meſmo cõ ſuas proprias mãos lhe havia de tirar a vida, para haver de ſe vingar deſta taõ grande affronta; & ditto iſto, tomou nos braços o innocente menino, & lançou-o dentro de huma fornalha de fogo: porque (como diz a hiſtoria) tinha eſte Judeu o officio de vidreyro, & por iſſo tinha fornalhas de caza.

Greg. Tur. lib. de gloria Mar. tyr. cap. 8. citat. a Cartag. fol. 537.

Chegou á noticia da mãe, que o ſeu filhinho eſtava ardendo nas chammas, & acodio com toda apreſſa para o poder livrar; porem avoracidade do fogo lho naõ deyxou conſentir. Vendo

do a affligida mãe, que perecia o ſeu filho no incendio, ſem poder darlhe remedio, ſahio pela porta fóra como louca, enchendo a Cidade de gritos, & de clamores, dando a conhecer a todos o motivo da ſua dor, & a cauſa da ſua pena. Acudio toda a gente da Cidade para ver eſta tyrannia, & chegando todos á fornalha, tiráraõ o fogo para fóra, & acháraõ o menino vivo, ſem que o moleſtaſſe o fogo: começáraõ todos a louvar ao Senhor; & para que naõ ficaſſe eſte delicto ſem que foſſe caſtigado, lancáraõ ao pay na meſma fornalha de fogo, o qual em breve tẽpo de tal ſorte ſe cõſumio na fornalha, q̃ até os meſmos oſſos ſe desfizeraõ em cinza.

Ouçamos agora aos Chriſtaõs falando com eſte menino. Menino, quem uſou comtigo de taõ grande piedade, que te naõ queymou o fogo, nem moleſtou o incendio? Reſpondeu q̃ naquella Igreja, em que havia recebido o Santiſſimo Sacramento, eſtava no Altar huma Senhora de muy rara fermoſura, & que eſſa meſma com o ſeu manto o defendera na fornalha. Bem me parecia amim que naõ havia de obrar o Sacramento eſta obra de piedade, ſem que a Piedade de Maria tiveſſe tambem quinhaõ neſta obra. Aſſim o experimẽtou eſte menino naquella fornalha de fogo, aſſim o experimentáraõ tambem os tres meninos da fornalha de Babylonia, & o que mais he, que tambem os moradores deſta Ilha o experimentáraõ aſſim; pois vendo-ſe ameaçados, naõ com o fogo de huma fornalha mas com hum monte de fogo, todos ficáraõ livres do incendio, porque recorrèraõ á piedade daquelle ſoberano Sacramento, & á Virgem Santiſſima com o titulo da Piedade. E para bem aſſim havia de ſer; porque como o Filho na Cruz havia repartido com ſigo, & com ſua amoroſa Mãe os officios de piedade: *Pietatis officia dividebat*; bem era que recorreſſem á piedade

de

de ambos, pois para se conformarem ambos nos officios da piedade, he q̃ assistio o Filho na Cruz, & a Senhora da Piedade junto à Cruz do seu Filho: *Stabant autẽ juxta crucem. Stat, id est, conformat.*

Supposto pois que assim o Filho, como a Maẽ concorreraõ ambos juntos para huma obra de taõ grande piedade, como foy livrarem do fogo a os moradores desta Ilha; quizera eu agora pór em questaõ, a qual destas piedades estamos mais obrigados, se á piedade do Filho, se á Piedade da Maẽ? Confeço que a questaõ he peregrina; mas como he de materia piedosa, será de muyto agrado para o Filho, se a resolvermos por parte de sua Maẽ.

Comecemos primeyro pela piedade do Filho. Ostenta Deos naquelle Sacramento o ser verdadeyro Senhor de piedade, porque álem de o dizer assim o Real Profeta: *Misericors, & miserator Dominus:* * *escam dedit timentibus se*; assim operssuadem os seus piedosos effeytos; porque effeytos saõ de verdadeyra piedade dar de comer a quem tem fome, & de beber a quẽ tem sede; & para satisfazer á fome, & matar a sede espiritual dos Fieis, dá aquelle piedoso Senhor no Sacramento o seu sagrado Corpo em mãjar, & o seu precioso Sangue em bebida: * *Caro enim mea verè est cibus: & sanguis meus verè est potus.* Porem este Sangue, & esta carne, que a piedade de Christo nos concede no Sacramento, diz Santo Augustinho que he carne, & sangue de Maria: *Caro enim JESU caro Mariæ est.* E se Christo ostenta os effeytos de sua piedade em darnos no Sacramento a sua carne, & o seu Sangue, sendo este Sangue, & esta carne de Maria, parece que a piedade do Filho toda se derivou da Maẽ; assim he: & quereis saber como? Ora notay. He communissimo entre os sagrados Doutores que Maria Santissima concorreu com o seu purissimo sangue para se formar a Humanidade

Joan. 6. n. 59.

Aug. Serm. de Assumpt.

manidade de Christo; porem toda a duvida está, de que parte do Corpo da Virgem Santissima tomaria o Divino Verbo este sangue precioso; se foy da cabeça, se do pescoço, se do lado, ou se do peyto? Abulense, Tertullianno, Salmeyraõ, & outros affirmaõ que foy sangue do coraçaõ: *Quidam pié meditantur ex aliquibus sanguinis guttis è corde Mariæ erutis Spiritûs Sancti ministerio Corpus Christi fuisse coalitum*

Isto supposto, nasce agora a mayor duvida. E porque razaõ quiz receber o Verbo encarnado o sangue do coraçaõ de Maria? Se todo o sangue da Senhora era semelhante, porque todo era puro, porque só escolhe o sangue do coraçaõ? Seria por ventura, porque o sangue do coraçaõ he mais nobre, porque he sangue mais generoso? Boa razaõ era esta; mas naõ nos serve agora. Ora vede. Dizem commummente os Filosofos que do ventre trasem comsigo os filhos as propriedades, ou inclinações das mães: *Filii matrizant.* A propriedade, ou inclinaçaõ de Maria diz Saõ Boaventura que he ser vea de misericordia, & fonte de piedade: *Maria est vena misericordiæ, & fons pietatis.* E para Maria communicar ao seu Filho a piedade desta fonte, da vea do coraçaõ, como de fonte, havia de manar este sangue. E isso porque, ou para que? Eu o direy.

Axiom.

D. Bonavent.

Esta differença ha entre o sangue do coraçaõ, & o sangue das demais partes do corpo; que sendo o sangue das demais partes do corpo salgado, só o sangue do coraçaõ he doce: he taõ doce, & suave o sangue do coraçaõ, q̃ parece q̃ todo se compõem de piedade; & daqui vem chamarse ao coraçaõ humano o centro da piedade, porque entre as demais partes do corpo só o coraçaõ humano he de sua natureza inclinado á compayxaõ. Pois se a piedade, ou inclinaçaõ de Maria he ser vea de misericordia, &

fonte

fonte de piedade, & piedade propriamente aſſiſte no coraçaõ, bem era que querendo communicar a ſua piedade ao Filho, concorreſſe com o ſangue do coraçaõ, que he o centro da piedade. Que admiravel o diz ao noſſo intento Saõ Boaventura meu Padre: *Maria eſt vena miſericordiæ, & fons pietatis, quippe quæ ſtillavit è cordis venulis puriſſimi Sãguinis guttas, ex quibus formaretur Chriſtus, ad miſericordiam eximié propenſus.*

Div. Bonav. apud Paulet.

Era o Filho de ſi infinitamente piedoſo; porem depois de receber o ſangue do coraçaõ de Maria, ficou mais inclinado á piedade, & mais rendido á compayxaõ: *Ad miſericordiam eximié propenſus*; & taõ rendido ficou à compayxaõ, & piedade, que ſe antes de encarnar na Senhora, ſe intitulava por Senhor de juſtiça, & de vingança: *Deus ultionum Dominus*, depois de encarnar, & de naſcer de Maria, ſe fez verdadeyro Senhor de piedade, & pode com razaõ dizer: *Quia ab infantia mea crevit mecum miſeratio: & de utero matris meæ egreſſa eſt mecum.*) Job 31. n. 18.

He iſto tanto aſſim, que me atrevo a dizer que, ſe por impoſſivel faltára ao Filho o ſer Deos de piedade, ſó a tivera por ſer Filho de Maria. Em huma voz muy repetida na Igreja heyde hoje deſcobrir huma ponderaçaõ muyto nova. Todos na Salve Rainha, que reſamos, chamamos a Maria Santiſſima Mãe de Piedade, & de miſericordia: *Mater miſericordiæ*. E querme parecer que ſenaõ havia de dizer aſſim: naõ ſe havia de dizer: *Mater miſericordiæ*; mas havia-ſe de dizer: *Mater miſericordis*: porque Maria naõ he Mãe da miſericordia, mas Mãe do miſericordioſo, que he Chriſto. He Mãe, como diz o Evangelho, porem he Mãe do concreto, & naõ do abſtracto.

Confirmo eſta razaõ cõ eſte forſoſo argumento; porque Maria naõ ſe póde chamar Mãe da Divindade: *Mater Deitatis* ſenaõ Mãe de Deos: *Mater Dei*: logo tambem naõ lhe poderemos chamar Mãe de miſericordia, mas Mãe do miſericordioſo. Creſce a inda mais a duvida; porque a miſericordia he hum attributo Divino, & Maria naõ he Mãe de nenhum Divino attributo; porque naõ ſe póde chamar Mãe da immenſidade, da eternidade, nem da Omnipotencia, porque ſaõ attributos, que ſó ao Filho pertencem. Logo tambem naõ ſe poderá chamar Mãe da piedade, & da miſericordia, por ſer igualmente hum attributo, q ſó pertence ao Filho.

Confeço que a duvida he delicada, & por iſſo he neceſſario que a reſpoſta ſeja aguda. Pois eu cuydo que do meſmo argumento hey de tirar a reſpoſta. E ſenaõ, vejaõ. Chama-ſe Maria Mãe de Deos, & naõ ſe póde chamar Mãe da Divindade; & a razaõ he, porque chamando ſe Mãe de Deos, he ſuppor que a Divindade he do Filho, & naõ da Mãe, & iſto he certo; porem naõ ſe póde chamar Mãe da Divindade; porque iſſo era ſuppor que a Mãe dera a Divindade ao Filho, & iſto he falſo: logo, ſe a Senhora ſenaõ póde chamar Mãe da Divindade, porque naõ deu a Divindade ao Filho, bem ſe ſegue que, chamandolhe a Igreja Mãe de piedade, & de miſericordia, he porque communicando ao Filho o ſeu puriſſimo ſangue, juntamente com elle lhe communicou a miſericordia, & piedade; & he tal a clemencia, & piedade de Maria, que ſe por impoſſivel o Filho de ſi a naõ tivera, ſua Mãe, como fonte de piedade, lha communicára.

E ſe a Mãe foy a que cõmunicou ao Filho a piedade, ſe a piedade do Filho toda ſe derivou da Mãe, ſuppoſto q cõcorreſſẽ ambos para hũa obra de taõ grande piedade, como foy o livrar do fogo aos moradores deſta Ilha, bem ſe colhe que ficámos mais obrigados á Piedade da Mãe, do que á piedade do Filho. Agora quizera eu ſaber

ſaber, como agradeceria Chriſto a ſua Mãe a piedade, que lhe influhio, & a clemencia, que lhe communicou? Sabeis como? Com ſe moſtrar taõ obediente a ſua Mãe, que antes dilatará Chriſto o obedecer ao Pay, por naõ faltar aos preceytos da Mãe quando ſe lhe interpõem como Senhora da Piedade.

Sendo Chriſto Senhor noſſo de idade de doze annos, caminhou cõ ſua Mãe, & Saõ Joſeph para aſſiſtirem á feſta, que ſe fazia em Jeruſalem. Quando foy ao voltarem para caza, ſuccedeu que com o tumulto da gente perdéraõ a Chriſto de viſta no caminho. Começou logo a affligida Mãe a multiplicar anſioſa os paſſos, para poder deſcobrir aquella luz dos ſeus olhos; & depois já de tres dias foy a Senhora dar com elle, eſtando diſputando no Templo com os Letrados da Ley. E para lhe encarecer a anſia do ſeu affecto, lhe falou por eſte modo: *Fili, quid feciſti nobis ſic? ecce pater tuus, & ego dolentes quærebamus te.* Filho, porque nos fizeſtes aſſim? Pois ando eu, & voſſo pay com tantas anſias em buſca de vós ha tres dias; ao que reſpondeu Chriſto: *Quid eſt quód me quærebatis, neſciebatis quia in his, quæ Patris mei ſunt, oportet me eſſe?* E para que me procuraveis, naõ ſabieis muy bem que importa muyto que eu aſſiſta nas couſas, que pertencem a meu Eterno Pay? E dittas effas palavras, diz o Texto que deſceu logo com a Mãe para a Cidade de Nazareth. *Et deſcendit cum eis, & venit Nazareth: & erat ſubditus illis.*

Luca 2. n. 48.

Ibid. n. 49.

Ibid. n. 51

Que fazeis, Meſtre dos Doutores, ſe atégora deſamparaſtes a Mãe, para tratardes das couſas, que pertenciaõ a voſſo Eterno Pay, como agora deyxais os negocios do Pay, para ſeguirdes a Mãe? Sabeis porque? Diz Santo Antonio de Padua. Porque ſe lhe interpos a Mãe como Senhora da Piedade: *Bonus Jeſus ad interrogationes piæ Matris dicentis: Fili, quid feciſti nobis ſic? uſque ad triginta annos negotium diſtulit, quod inceperat duodenus, & de Templo, in quo erat in medio Doctorum, deſcendit.* Ficando Chriſto no Templo, (diz Santo Antonio de Padua) tratava dos negocios do Pay, porém faltava á obediencia da Mãe, & como a Mãe ſe lhe interpos como Mãe de piedade: *Ad interrogationes piæ Matris*, por naõ faltar com a obediencia à piedade da Mãe, deyxou os negocios, que pertenciaõ a ſeu Eterno Pay: *Deſcendit: & erat ſubditus illis.* O meſmo foy (diz o veneravel Beda) interporſe a piedade da Mãe, que concorrer logo o Filho com a ſua piedade: *Oh quantum pietatis ſimul in Domino, & humilitatis exemplum!*

Div. Anton. Serm. 1. Epiſph.

Bed. in c. 2 Luca

Deſte modo agradeceu Chriſto a ſua Mãe a piedade, que uſou com elle; & de que modo agradecemos nós a Maria Santiſſima as piedades, que ſempre uſa com noſco? Naõ ſey ſe em lugar de a ſervirmos a offẽdemos; pois devendo moſtrarnos agradecidos á piedade, com que nos ſoccorre, offendemos a clemencia, com que nos favorece; porém niſſo ſe deſcobre mais a piedade de Maria, que ſem attender ás noſſas ingratidões, nos não falta nunca com as ſuas piedades, & havendo ſempre da noſſa parte motivo para a queyxa, da ſua parte ſempre ha motivo para a clemencia. E que motivo ſerá eſte? Sabeis que motivo? O ſer Maria quem he; pois mais impoſſivel parece q̃ haja Maria ſem piedade, do que Sol ſem dia.

Quiz Deos uſar de piedade com os filhos de Iſrael, & livrallos do cattiveyro, que padeciaõ em poder de Faraó; & para eſte fim ordenou a Moyſés que em ſeu nome os foſſe ſoccorrer, & libertar: & para que Moyſés não duvidaſſe de que quem o mandava era Deos, lhe deu por ſinaes de ſua Divindade eſtas palavras: *Ego ſum qui ſum.* Eu ſou quem ſou. Na verdade que mais me parecem eſtas palavras enigma

Exod. 3. n. 14.

enigma confuſo, que diffiniçaõ quidditativa, & mais ainda, ſe attendermos á occaſião, em que Deos as diſſe a Moyſés: porque foy em occaſião, em que compadecido do ſeu Povo, determinava a poder de milagres libertallo; foy na occaſião, em que promettia caſtigar aos Egypcios, & premiar aos Hebreos. Pois na occaſião, em que ſe devião executar todas eſtas piedades, para certificar Deos a Moyſés de que lhe havia de aſſiſtir, lhe aſſegura as ſuas aſſiſtencias ſó com dizerlhe eſtas palavras: Eu ſou o que ſou? Não parecia melhor que diceſſe a Moyſés: Eu ſou o Deos da Omnipotencia, o Deos da Juſtiça, o Deos da piedade, & da miſericordia? Parece que ſim; porque aquella empreſa neceſſitava de miſericordia, de juſtiça, & de omnipotencia: pois como calla Deos todos eſtes attributos, & ſó fala do ſeu ſer: *Ego ſum qui ſum*? Sabeis porque? Diz Ruperto, porque diz o q̃ mais importa.

Notay. Todos eſtes attributos ſaõ attributos, a q̃ chamaõ os Theologos relativos; eu me declaro, para que todos me entendaõ. De ſorte que a miſericordia, juſtiça, & omnipotencia chamam-ſe attributos relativos, porque dizem ordem a ſujeytos; porque naõ uſará Deos de piedade, & miſericordia, ſenaõ houver a quem perdoe; não uſará Deos de juſtiça, ſenão houver a quem caſtigue; não uſará de omnipotencia, ſe não houver couſa que obre. Faltará em Deos o exercicio deſtes attributos, ſenão houver ſujeytos, a quem communique eſte exercicio. Pois (diz Deos a Moyſés) ſe queres ter ſeguro conhecimento de que me heyde compadecer do meu Povo, naõ ponhas a confiãſa na miſericordia, nem na juſtiça, nem na minha Omnipotencia; porque eſtes exercicios podem os objectos ſuſpendellos; põem ſó a tua confianſa em ſer eu quem ſou, porque eſte he ſó o motivo, que me move a obrar

a obrar eſta piedade, porque ainda que faltem os motivos da parte do meu Povo, para delle me compadecer, nunca em mim poderáõ faltar os motivos para o poder libertar.

Ainda que faltem em nós os motivos exteriores, para mover a piedade de Maria; ainda que por noſſas culpas naõ mereçamos o favor da ſua piedade, nunca póde faltar a Maria o ſer quem he, porque (como diz Saõ Pedro Damiaõ) he Maria de ſua natureſa piedoſa: *Maria naturâ ſua eſt piiſſima.* Naõ he immudavel como Deos, porém naõ he mudavel, como creatura; & como de ſua natureſa he Senhora de piedade, todas as piedades, que com noſco uſa, naõ procedem do noſſo agradecimento, mas procedem do ſeu piedoſo ſer: *Ego ſum qui ſum. Maria naturâ ſua eſt piiſſima.* Oh ſoberana Senhora, com grande acerto vos intitula a Igreja por Mãe de piedade, & de miſericordia, pois he taõ immenſa a voſſa piedade, que ſendo vós Mãe do miſericordioſo, que he Chriſto, vos chama juntamente Mãe de miſericordia; porque de Chriſto foſtes Mãe huma ſó vez, & da miſericordia, & piedade ſois Mãe ſem fim; porque como de voſſa natureſa ſois piedoſa, nunca póde ter fim a voſſa piedade, porque o voſſo ſer naõ tem fim. E ſe as eſſencias das couſas naõ ſe podem comprehender, a voſſa piedade nunca ſe póde eſgottar; aſſim o diſſe Guarrico Abbade: *Benedictus fructus ventris tui gravidam te inexhauſta pietate reliquit, opia Mater.* Todos os inſtantes ſe tais ſendo Mãe de miſericordia, porque todos os inſtantes eſtendeis a voſſa piedade para patrocinar noſſas culpas. A tanto como iſto ſe extende a immenſa piedade de Maria: porque, como a ſua piedade anda annexa com o ſeu ſer: *Maria naturâ ſua eſt piiſſima*, aonde quer que Maria exiſte, ahi exiſte

O

Div. Pet. Dam. Serm. 44.

Guarr. Abb. Serm. 1. de Aſſũpt.

iſte a ſua piedade. Por eſta razaõ intitulando a o Filho por Mãe de piedade ao pé da Cruz: *Stabant autem juxta crucem,... Ipſa enim eſt oraculum pietatis*; ſe preſou Maria tanto deſte titulo da Piedade, que naõ ſó o exercitou na terra, mas continuamente o eſtà exercitando na Gloria.

Hoſpedáraõ Martha, & Magdalena a Chriſto Senhor noſſo em ſua caza, ambas moſtráraõ grandes demonſtrações do ſeu affecto; Martha no ſolicito cuydado, com que o ſervio: *Satagebat circa frequens miniſterium*; a Magdalena nos amoroſos affectos, com que o tratou: *Sedens ſecus pedes Domini, audiebat verbum illius*: & ao concluir o Evangeliſta a hiſtoria conclue com dizer que a Magdalena eſcolhera a melhor parte: *Maria optimam partem elegit, quæ non auferetur ab ea*. Supponho com todos os Expoſitores que eſta melhor parte, que a Magdalena eſcolheu, ſe entende da vida contemplativa, que he melhor, que a activa; porém Guarrico Abbade diz que iſto, que Chriſto diſſe da Magdalena, ſe comprio em Maria Santiſſima naquelle triunfante dia, em que tomou poſſe da Gloria. E Carthuſiano diz que por eſta melhor parte ſe entende a Viſaõ beatifica, & a gloria eterna, com que a Senhora foy premiada no Ceo: *Pars Mariæ ei perficitur, quæ non auferetur ab ea, quia videt Deum facie ad faciem, & gaudet cum Filio ſuo in æternum. Hæc eſt pars optima, quæ non auferetur ab ea.* Iſto ſuppoſto.

Luc. 10. n. 40.

Ibid. n. 42.

Carth. 1. p. c. 61.

Difficulto deſte modo. Se a gloria de Maria he eſtar vendo a Deos com os ſeus olhos, porque razaõ ſe ha de chamar a eſta gloria parte: *Optimam partem*, & naõ ſe ha de chamar todo? Se a graça (como diz Santo Thomàs) he a cauſa meritoria da gloria, & a Virgem Santiſſima teve mais de graça, do que tiveraõ todos os Santos; como vendo

do, & gozando os Santos a Deos todo: *Totoque Deo fruuntur*; ſe ha de dizer de Maria que ſó em parte goza a Deos? De mais diſto, que (como dizem os Theologos) Deos he taõ unico, & ſimpliciſſimo, q̃ naõ contem em ſi partes: porque (como enſina a Filoſofia) naõ ha partes aonde naõ ha quantidade, & como a quãtidade he accidente, & em Deos naõ póde haver accidentes, por iſſo naõ póde haver partes em Deos. Iſto foy o que diſſe Auguſtinho: *Deus eſt ſine quantitate magnus*. Pois ſendo iſto aſſim, ſe em Deos naõ póde haver partes, como ſe ha de dizer de Maria que vendo, & gozando a Deos, eſcolheu a melhor parte: *Maria optimam, &c?* A ſoluçaõ deſta duvida conſiſte na explicaçaõ deſta palavra, *partem*, porque tem ſua equivocaçaõ; porque eſta palavra, *partem*, ou ſe póde tomar pela parte que concorre para a compoſiçaõ de algum todo, ou ſe póde tomar, em quanto ſignifica algum officio, ou obrigaçaõ; aſſim coſtumamos muytas vezes dizer: Fulano faz as minhas partes, quer dizer, faz o meu officio. Pois neſte ſentido (diz o doutiſſimo Mantelada) he que ſe entende a clauſula do Evangelho, porque val o meſmo dizer que Maria eſcolheu no Ceo a melhor parte: *Optimam partem*, que dizer q̃ Maria eſcolheu no Ceo o melhor officio? *Optimum officium* (diz o Douto) *elegit in Cælo ſibi Maria, quod non auferetur ab ea*. E que officio foy eſte, que Maria eſcolheu no Ceo? Foy o ſer Mãe de piedade; porque neſte officio com o titulo de Piedade conſiſte huma parte da gloria accidental de Maria; que admiravelmente o diz o Doutor: *Maria reputat ſuæ beatæ gloriæ partem etſi accidentalem, hominibus copioſè miſereri: ſic eſt ſolicita de noſtris periculis; ſic enim puriſſima Virgo miſeros amat mortales, ut partem gloriæ ſuæ reputet illos materna pietate fovere*. Naõ ha mais dizer para o noſſo intento:

Mart. tract. ap. c. 13. n. 812.

tento. Tanto como iſto devemos à extremoſa piedade de Maria, pois ſe preſa tanto de ſer Mãe de piedade, que naõ ſó exercita eſte officio na terra, mas ainda hoje no Ceo eſtá exercitando eſte officio, & de tal ſorte, que chega a ter por ſua gloria o compadecerſe dos homens como Mãe de piedade: *Ut partem gloriæ ſuæ reputet illos materna pietate fovere.*

SER-

SERMAÕ

DE NOSSA SENHORA

DA ESPERANSA,

Prégado na ſua Igreja da Cidade de Ponta Delgada em 18. de Dezembro de 1700.

---

* *Ecce concipies in utero, & paries filium.*
Luc. in 1. Cap. n. 31.

SE a flor he eſperanſa do frutto, como diſſe Saõ Bernardo: *In flore ſpes*; bem podemos ja inferir que muyto cedo nos gozaremos do frutto, pois ja hoje eſtamos vendo as eſperanſas na flor: *Maria eſt flos de Jeſſe: Ecce concipies in utero, & paries.* Se a Aurora he eſperanſa do Sol, como diſſe Saõ Gregorio: *Aurora ſpes Solis*; querme parecer qnão póde o Sol tardar muyto, pois ja diviſamos aquella Divina Auro-

Div. Bern. Serm. 3. de Aſſũpt.

Divũ Greg. lib. 4. Mor. c. 14.

Cantic. 6. n. 9.

ra poſta em campo: *Quaſi Aurora conſurgens. Et orietur vobis... Sol.* Mas como

Malach. 4 n. 2.

publicarey eu hoje as eſperanſas deſta Aurora no Nacimento do ſeu Sol, & as anſias deſta flor na producçaõ do ſeu frutto, ſe vejo que he huma flor taõ engraçada, que enlea os ſentidos, & huma Auroras taõ luzida, que ſuſpende os diſcurſos? Confeço q̃ menaõ falta deſejo para debuxar eſte retrato, mas que importa, ſe me falta o talento.

Que importa que hum pincel tenha valentia nas cores, para poder debuxar hum Sol rico de rayos, ſe ſempre ha de deyxar eſſe Sol muy pobre de luzimentos: pois em ſendo Sol pintado, logo deyxa de ſer Sol luzido. Naõ duvido q̃ poderá a agilidade de hum Pintor retratar hum Ceo com eſtrellas, hum mar com ondas, & huma terra com flores; porem he certo que por mais que anime as cores deſſa pintura, ſempre ha de deyxar as eſtrellas deſſe Ceo ſem influxos, as ondas deſſe mar ſembramidos, & as flores deſſa terra ſem fragrancia, nem cheyro: fará a pintura com todo o primor, & valentia, porẽ por mais que pinte, nunca hade igualar a natureſa.

Bem quiſera eu hoje debuxar a Maria como flor na eſperanſa do melhor frutto, & retratalla como Aurora na eſperanſa do melhor Sol. E ſuppoſto que nada pode eſcurecer a belleſa deſta Aurora, nem remittir a fragrancia deſta flor, com tudo temo que com o toſco das minhas vozes naõ fique eſta flor taõ engraçada, nem eſta Aurora taõ luzida: porque ſeraõ as minhas vozes nuvens, que óffuſquem o reſplandor da ſua gloria; mas naõ ſerà couſa nova verem ſe as glorias entre nuvens, & ficarem as nuvens luzidas.

Entre as glorias do Thabor diz o Evangeliſta Saõ Mattheus que ſe vio huma nuvem luzida, aqual fizera ſombra aos Apoſtolos: *Ecce nubes lucida obumbravit eos.* Naõ he o luzir propriedade

Matth. 17. n. 5.

de da nuvem; porem o reſplandor do Ceo, que naquelle monte aſſiſtia, era a cauſa, porque a nuvem brilhava: porq̃ em glorias ſoberanas naõ he taõ efficaz o tenebroſo para eſcurecer o luzido, como tẽ valor o luzido para illuſtrar o tenebroſo. Pois ſe naquelle dia de glorias ſe desfes o tenebroſo daquella nuvem cõ a nova luz, q̃ appareceu no Ceo, eſpero eu hoje ſe deſfaça tambem a tenebroſa nuvem do meu diſcurſo; pois por ſer dia da Eſperanſa, tambem apparece no Ceo huma nova luz.

Columel. lib. 11 c. 11.

Eſcreve o douto Columella que em dezoyto de Dezembro ſe deſcobre no Ceo huma eſtrella, áqual chamaõ os Aſtrologos Aguia; & eſtrella, que apparece com o nome de Aguia, & em dezoyto de Dezembro, quem póde ſer, ſenaõ huma imagem de Maria na eſperanſa do ſeu parto. Bem ſe póde aſſim inferir, naõ ſó por ter eſta eſtrella dia certo, em que apparece, mas tambem por ter nome proprio, com que ſe nomea. O dia, em que apparece eſta eſtrella no Ceo, dizem os Aſtrologos que he em dezoyto de Dezembro, & ſe hoje ſe contaõ dezoyto de Dezembro, hoje he o dia, em que apparece no Ceo eſta eſtrella. O nome, que os Aſtrologos lhe daõ, he o de Aguia, & da Aguia diſſe Plinio que cria no interior huma pedra, & que eſta meſma pedra produs outra dentro em ſi: *Eſt lapis iſte prægnans, intus alio lapide ſonante in utero.* De maneyra, que cria a Aguia huma pedra taõ fecunda, que vulgarmente falando, tras no ventre outra pedra. E ſe Maria Santiſſima naõ ſó he Eſtrella do Ceo: *Stella Cali extirpavit*; naõ ſó he Aguia, como lhe chamou Alberto Magno: *Aquila eſt Maria*; mas tambem (como diſſe Iſaias) he Pedra do deſerto: *Emitte agnum Domine ...,de Petra deſerti*; & hoje feſtejamos eſta myſtica Pedra de Maria, traſendo no ſeu puriſſimo ventre outra Pedra precioſa, pois tambem ſe

Plin. lib. 1. c. 3.

Iſaiæ 16. n. 1.

chama Pedra o ſeu Filho (como diſſe o Apoſtolo Saõ Paulo: *Petra autẽ erat Chriſtus*); bem era q̃ no meſmo dia, em q̃ celebramos a Eſperanſa do ſeu parto cá na terra, appareça hũa Imagem da Eſperanſa lá no Ceo; ou ja ſeja para demonſtraçaõ do goſto, que o Ceo tem neſta feſta, ou para nos dar a entender que quem eſpera em Maria, nada tem que recear. 1. *ad Cor.* 10 *n.* 4.

Viſto pois que apparece hoje no Ceo hũa nova luz, eſpero eu que com os reſplandores deſta luz taõ nova fique a minha rudeſa illuſtrada, & a nuvem da minha ignorancia luzida, *ecce nubes lucida.* Caminhemos pois com a claridade deſta luz a buſcar o norte do Evangelho, que nelle acharemos exemplar para debuxar o retrato, que prometti no principio.

Diz o Evangeliſta Saõ Lucas no preſente Evangelho que veyo o Anjo S. Gabriel à Cidade da Nazareth, aonde aſſiſtia a Senhora, & lhe trouxe a embayxada da Encarnaçaõ do Verbo; & como eſte Anjo vinha em forma humana, foy motivo para dizerem alguns Padres que a Senhora ſe turbára: *Turbata eſt.* Porém eu julgo que a perturbaçaõ da Senhora naõ procedeu tanto de q̃ o Anjo lhe appareceu, ſe naõ do que o Anjo lhe falou; & eſta explicaçaõ ſe ajuſta melhor cõ o Texto: *Turbata eſt in ſermone ejus.* Turbou-ſe a Senhora do que ouvio ao Anjo. Ah ſenhores! E quando as palavras ſantas perturbaõ, como naõ perturbaráõ as converſações eſcuſadas! Se a Senhora da Eſperanſa ſe perturba com hum recado do Ceo, bem he que ſe perturbe a Eſperãſa com as embayxadas do Mũdo: *Turbata eſt.*

Reparou a Senhora neſta embayxada do Anjo, & antes de lhe reſponder ſe poz a cõſiderar: *Cogitabat qualis eſſet iſta ſalutatio.* Naõ deu reſpoſta ao Anjo, ſem a conſiderar primeyro. E com razaõ, porq̃ mulher que para falar, ou reſponder, ainda q̃ ſeja

ſeja a hũ Anjo, naõ conſidera primeyro no q̃ fala, naõ he mulher de conſideraçaõ: *Cogitabat.* Vio o Anjo a Senhora perturbada, & cuydadoſa, & para a livrar do cuydado lhe aſſegurou q̃ a embayxada era verdadeyramẽte de Deos, & q̃ por virtude do Altiſſimo havia de conceber, & parir: *Ecce concipies in utero, & paries.*

Aqui paro neſtas palavras, porq̃ ja aqui encontro as eſperanſas; a eſperanſa de conceber: *Ecce concipies in utero,* & a eſperanſa de parir, *& paries.* Neſtas duas eſperanſas poz o Anjo a Maria, quãdo lhe trouxe a embayxada. A primeyra eſperanſa ſe comprio no meſmo inſtãte, em q̃ o Verbo Divino encarnou, porq̃ no meſmo põto, em q̃ a Senhora deu o cõſentimento: *Fiat mihi ſecundùm verbum tuum*, paſſou eſta eſperanſa a ſer poſſe, gozando no ſeu puriſſimo ventre o Verbo Divino encarnado. A ſegunda eſperãſa he a do ſeu ditoſo parto, & eſta he a eſperanſa, q̃ ſe feſteja neſte dia, & ſobre q̃ eu devo prégar neſta hora. E ſuppoſto ſeja hũa eſperãſa ſingela, conſidero eu hoje em Maria multiplicada eſta eſperanſa, porque ſe o Filho ha de naſcer de ſeu puriſſimo ventre como frutto: *Benedictus fructus ventris tui*; bem he q̃ Maria eſpere hoje como flor, pois a flor (como diſſe no principio) he eſperanſa do frutto: *In flore ſpes.* E ſe o Filho tambẽ ha de naſcer como Sol: *Et orietur vobis Sol*, juſto he q̃ Maria o eſpere tambẽ como Aurora, porq̃ ſóa Aurora (como ja diſſe) he eſperanſa do Sol: *Aurora ſpes Solis.* Mas cõ tal ſingularidade oſtenta hoje Maria eſtas ſuas eſperanſas na producçaõ do ſeu frutto, & no Nacimento do ſeu Sol, que quando eſpera como flor eſte precioſo frutto, moſtra que ſaõ as ſuas eſperanſas engraçadas; & quando eſpera como Aurora eſte rutilante Sol, moſtra que ſaõ as ſuas eſperanſas luzidas. Eſtes ſaõ os dous diſcurſos, ſobre que fundo eſte Sermaõ, para os concluir com

com gloria, he necessario principiallos com graça.

Ave Maria.

Ecce concipies in utero, & paries. Luc. Cap. supra cit.

COmecemos este retrato de Maria pela flor. Nem he muyto retratar eu hoje a Maria como flor, porque sempre o frutto teve as suas esperanças na flor. E sendo Maria Santissima huma flor taõ bella, & engraçada, como lhe chamou Saõ Bernardo: *Maria est flos de Jesse*, naõ podiaõ deyxar de sair muy engraçadas, & muy bellas as esperanças desta flor. Mas como as flores sejaõ muytas, he necessario saber em qual dellas havemos de debuxar hoje este retrato. Eu sou de parecer que no Lirio; porque se o Lirio (como diz Santo Ambrosio) he o mesmo que virgem: *Lilium idem est ac virgo*; o primeyro nome, que hoje ouvimos no Evangelho depois de se nomear o Anjo, he o nome de Virgem: *Missus est Angelus Gabriel ad Virginem.* E se o Lirio tambem he symbolo da esperança, como dizem todos commummente, bem he q as esperanças da Virgem se retratem na flor do Lirio.

Esta devia ser a razaõ, porque vindo o Anjo annunciar a Maria por Senhora da Esperança: *Ecce concipies in utero, & paries,* trouxe na maõ hum fermoso ramo de Lirios; assim o affirma o Illuminado Mayron: *Lilium puritatis manu tenens*; o que parece havia tambem ja profetizado Isaias, quando disse que a Senhora naõ só havia de cõceber como Lirio, mas como Lirio havia tambem de parir: *Quasi lilium germinans germinabit.* E qual será a razaõ, porque Maria Santissima na esperança do seu parto ha de ser semelhante á flor do Lirio? Será por ventura, porque assim como o Lirio com o assopro do vento despede de si o orvalho, que recebeu do Ceo; assi a Maria Sãtissima recebendo no seu purissimo vẽtre

Mayr Serm. 1. de Annunt. fol. 156. col. 1.

Isaiæ 35.

tre o verbo Divino como orvalho: *Rorate Cæli desuper, &c.* espera despedir de si este orvalho do Ceo, ficando sempre muy bella, & muy fermosa? Esta razaõ he muyto boa: porèm eu ainda descubro outra razaõ. O Lirio, naõ só he symbolo da Esperança, mas tambem (como diz Santo Ambrosio) he significativo da graça, & para mostrar que a sua Esperança he engraçada, por isso espera hoje a producçaõ do seu frutto, como verdadeyra flor de Lirio. Mas como naõ havia de ser engraçada esta Esperança de Maria, representada no Lirio, se toda a sua gloria consiste em ser Maria flor de Lirio nesta sua esperança. Cuydo que me ha de desempenhar a prova.

Isaiæ 45. n. 8.

Omnis gloria ejus filiæ regis abintus, in fimbriis aureis. Toda a gloria de Maria Santissima (diz o Real Profeta David) lhe provem do interior, aonde se achaõ humas fimbrias, ou huns remates de ouro. Que David neste lugar fale individualmente da Senhora da Esperança, o mesmo Texto está dando essa noticia: porque, se a gloria consiste em estar gozando de Deos, gozando hoje Maria a Deos no interior do seu ventre, bem se segue que do mesmo interior, donde lhe nasce a Esperança, desse mesmo interior lhe resulta toda a gloria: assim he: *Omnis gloria ejus filiæ regis abintus.* Porém o meu reparo está em dizer David que toda esta gloria resulta a Maria Santissima do interior, aonde estaõ humas fimbrias, ou huns remates de ouro: *Omnis gloria ejus filiæ regis abintus, in fimbriis aureis.* Isto he o que eu naõ posso entender. E q semelhança, ou q sympathia tem estas fimbrias, ou estes remates de ouro, com esta Esperança, ou esta gloria de Maria, para que diga David q a gloria de sua Esperança consiste no interior, aonde se divisaõ estes remates de ouro? Eu o direy; & assim seja cõ ventura, como me parece q he com algũa novidade.

Psl. 44 n. 14.

Digam

Digam-me, ſenhores, como eſpera hoje Maria o precioſo frutto do ſeu ventre? Ja diſſemos que o eſpera como flor; & que flor he eſta, em que debuxamos hoje eſta Eſperanſa da Senhora? Tambem diſſemos que era a flor do Lirio. Bẽ eſtá. Ora reparay cõ curioſidade na belleſa deſta flor, & achareis que o Lirio nas fimbrias, ou remates, que tem da banda de dentro, deſcobre no interior deſſes remates, ou deſſas fimbrias hũa cor como de ouro. Aſſim o vem os noſſos olhos. Pois ſabey que por eſtes remates de ouro, que eſtaõ no interior do Lirio, entende Ricardo de S. Lourenço o Filho de Deos feyto homem no interior da Virgem: *Grana aurea in medio Lilii eſt Filius Dei factus homo in utero Virginis.* Pois agora ja entendereis a duvida. Se os remates de ouro, que eſtaõ no interior do Lirio, repreſentaõ a Deos menino no ventre, ou interior da Senhora; eſperando hoje Maria o ſeu precioſo frutto, como engraçado Lirio, he para nos dar a entender que do interior deſſe Lirio, aonde aſſiſte o ouro da Divindade, que he o objecto de toda ſua Eſperanſa, deſſe meſmo interior de ouro lhe reſulta toda a gloria: *Omnis gloria ejus filiæ regis abintus, in fimbriis aureis.*

Richard. lib. 12 de laud. beatæ Virg.

Suppoſta eſta verdade, ja agora nos ſerá facil reſponder a huma celebre queſtaõ, na qual pergunta Saõ Joaõ Chryſoſtomo, em que occaſiaõ ſe vio Maria mais glorioſa, ſe quando traſia a Deos no ſeu puriſſimo ventre, ou ſe no dia, em que ſubio ao Ceo? Quanto amim eu dicera que nenhũa gloria podia ſer ſemelhante á gloria, que poſſuhio Maria no dia de ſua Aſſumpçaõ glorioſa: porque no dia de ſua Aſſumpçaõ paſſou de huma vida mortal a lograr huma vida eterna. Naquelle dia foy trasladada do Mundo para gozar felicidades ſem fim; alli ſe vio venerada dos Santos, cortejada dos Serafins, & acclamada dos Patriarcas, & finalmente coroada

roada por toda a Trindade Santiſſima. Pois ſabey, que com ſer iſto aſſim, affirma Saõ Joaõ Chryſoſtomo que mais glorioſa ſe vio Maria na eſperanſa do ſeu parto, do que no dia de ſua Aſſũpçaõ ao Ceo. E a razaõ he, porque todas as glorias, de que ſe vio enriquecida no dia de ſua Aſſumpçaõ, lhe procedéraõ de ſer Senhora da Eſperanſa. Todas as glorias exteriores, de que ſe vio aſſiſtida lá no Ceo, lhe procediaõ do interior, por haver ſido Mãe de Deos cá na terra: *Mihi tamen videtur* (diz o Santo) *glorioſius eſſe ſuſcipere Regem hoſpitem, quã hoſpitari apud Regem, nam omnis gloria ejus filiæ Regis fuit abintus.* Mayor gloria foy para Maria (diz Saõ Joaõ Chryſoſtomo) hoſpedar a Deos no ſeu ventre, do que ſer hoſpedada no Ceo pelo meſmo Deos, porque toda a gloria, que Maria entaõ gozou no exterior, lhe procedeu de traſer a Deos no interior: *Omnis gloria fuit ab intus.*

Div. Joan. Chryſoſt. lib. 3. de compar. lipul. chriſtud. Mariæ

Pois ſe Maria Santiſſima quando tras a Deos no interior, entaõ he Senhora da Eſperanſa, bem ſe ſegue que na ſua Eſperanſa conſiſte a ſua gloria. E ſe do interior, a onde Maria tem a eſperanſa, dahi lhe reſulta toda a gloria, julgay lá ſe ſerá engraçada a eſperanſa de Maria, eſperando hoje, como engraçado lirio, o ſeu precioſo frutto? Quem duvîda que he a ſua Eſperanſa engraçada, porque he eſperanſa de gloria; & aſſim como na Gloria nada ſe póde temer, Maria na ſua Eſperanſa nada tem, que recear. Receaõ as demais mulheres o parto, porq como todas foraõ cõprehẽdidas em o primeyro delicto: *in dolore paries filios*; mais temem o parto, do que o eſperaõ; porém Maria, que foy izenta de culpa, eſpera ſem temor algum o ſeu parto; & o que para as outras mães he motivo de triſteſa, para Maria Santiſſima he motivo de alegria; aſſim o diſſe Iſaias: *Quaſi liliũ germinans germinabit, & exultabit lætabũda.* Que he alegre, & engraça-

Geneſ. 3. n. 16.

da

da a Eſperanſa de Maria, porque na eſperanſa do ſeu parto moſtra ter as propriedades do lirio, occultãdo no interior do ſeu puriſſimo ventre aquelle ouro finiſſimo, do qual naõ ſó lhe reſulta a eſperanſa, mas tambem lhe reſulta toda a gloria: *Omnis gloria ejus filiæ regis ab intus, infimbriis aureis. Grana aurea in medio lilii eſt Filius Dei in utero Virginis. Glorioſius eſt ſuſcipere Regem hoſpitem, quàm hoſpitari apud Regem.*

Mas ſe toda a gloria de Maria lhe reſulta de traſer a Deos feyto homem no interior de ſeu ventre, como eſpera hoje com tanta anſia o ſeu parto, ſe eſſe parto a ha de privar deſſa gloria? Se he propriedade de quem ama, naõ ſe apartar da couſa amada, como diſſe o Real Profeta: *Mihi autem adhærere Deo bonum eſt*; como deſeja hoje Maria apartar de ſi o ſeu Filho, ſe eſſe Filho he o unico emprego do ſeu amor? Sey eu que, vendo Obededon a grãde conveniencia, que gozava em ter dentro de ſua caza a Arca do Teſtamento, fez toda adiligencia por naõ apartar de ſi aquella Arca; & vendo tambem David que Deos havia favorecido tanto a Obededon, por ter a Arca dentro em caza, procurou tambem David de a levar para a ſua. Pois ſe Maria Santiſſima tem hoje dentro de ſua caza hum bem taõ grande, que delle lhe reſulta toda a gloria, como ſuſpira hoje verſe apartada deſta gloria, & deſte bem? Mas ch deyxay; porque ſuppoſto que eſte bem he para Maria a mayor gloria, tambem he para nós a mayor conveniencia, & he taõ fino o amor deſta Senhora, que ſuſpira o privarſe deſta gloria ſo por naõ faltar á noſſa cõveniencia; antepõem a conveniencia, & utilidade dos homens á ſua propria utilidade, & á ſua conveniencia propria.

Pſal. 72. n. 28.

No meſmo Evangelho havemos de achar a prova. Para encarnar o Verbo Divino nas puriſſimas entranhas de Maria lhe trouxe o Anjo a embayxada; & reparo eu muyto na ultima reſpoſta, que a Senhora deu ao Anjo: *Fiat mihi ſecundùm verbum tuum.* Eſtas palavras conforme a Grammatica podem conſtruirſe de dous modos; naõ he advertencia minha, ſenaõ de Alberto Magno, porque aquella voz, ou aquella palavra: *ſecundùm*, ou póde ſer prepoſiçaõ, ou nome; conſtruida como prepoſiçaõ, quer dizer: Obre-ſe em mim o que dizeis, ſegundo a voſſa palavra. E conſtruida como nome, quer dizer: Obre-ſe em mim a voſſa ſegunda palavra. Suppoſta pois eſta diverſa intelligencia, deſcubro eu na Senhora huma ſingular fineſa.

Para hum embayxador executar com diſcriçaõ o negocio, a que o mandaõ, primeyro devem preceder as ceremonias de corteſia, & aodepois deve ſeguirſe o negocio da embayxada. E ſendo eſte o eſtylo mais politico, era forſa que ouſaſſe aquelle Embayxador do Ceo. Primeyro começou com vozes de ſaudaçaõ, & com termos de corteſia dizendo: *Ave Maria gratiâ plena, Dominus tecum.* Paſſa depois o Anjo a propor a embayxada, & em duas palavras a comprehendeu toda: *Concipies in utero, & paries*: conceberás, & parirás. Ouvio Maria as duas palavras, & reſpondeu deſta maneyra: Anjo do Senhor, execute-ſe em mim a embayxada, que traſeis, com tanto que ſe obre em mim eſſa ſegunda palavra. Notay agora.

A primeyra palavra era, que a Senhora havia de conceber: *Ecce concipies in utero*: a ſegunda palavra era, que havia de parir: *Et paries.* Conceber Maria a Chriſto era gloria para Maria, o parillo era conveniencia para os homens. Ter Maria a Deos no ſeu puriſſimo ventre era hum favor taõ unico, que ſó a ſua grandeſa o conſeguio; o naſcer Chriſto no Mundo era hum beneficio taõ geral, que naſcia para redimir a todos. E como a Senhora mais eſtima

ma a noſſa cõveniencia, do-
que a ſua meſma gloria, a-
inda que era gloria para
Maria conceber a Chriſto
no ſeu ventre, naõ deu pa-
lavra ao Anjo de o conceber
ſem opretexto de que o ha-
via de parir: moſtrando
niſto que mais eſtimava pa-
rillo por ſer conveniencia
noſſa, do que eſtimava con-
cebello, que era gloria ſua:
*Fiat mihi ſecundùm verbum
tuum.*

Oh Virgem ſoberana,
quem vos ſoubera agrade-
cer taõ particular fineſa!
Que ſuſpirais hoje o privar-
vos da voſſa gloria, ſó por
naõ faltardes á noſſa conve-
niencia; & cuydando eu até-
gora que a eſperanſa ſó pa-
ra vós era engraçada, acho
que tambem para nós he
engraçada a Eſperanſa, por-
que eſperando hoje como
flor de lirio a producçaõ do
voſſo frutto, deſcobri-
mos neſſe Lirio de eſperan-
ſas tanta graça, que acha-
mos nelle virtude para nos
abrir as portas da Gloria.

Deſterrado eſtava Saõ
Joaõ naquella ilha de Path-
mos, quando com paſ-
mos, & admiraçaõ vio que
ſe abria no Ceo huma por-
ta teõ generoſa, que lhe deu
entrada franca, para que
pudeſſe gozar dos reſplan-
dores da Gloria: *Poſt hæc vi-* *Apoc.*
di & ecce oſtiũ apertũ in Cælo. *4. n. 1.*
Ja vejo que a curioſidade
naõ póde eſcuſar eſta per-
gunta. Se o Ceo eſtava fe-
chado, quem abriria a Saõ
Joaõ aquella porta do Ceo?
Naõ nos direis, ſagrado
Evangeliſta, quem vos a-
brio eſta porta? Eu naõ ſey,
(reſponde o Evangeliſta,)
porém o que ſey dizer he,
que ſe quẽ abre a porta, he
o primeyro que ſe vé, a pri-
meyra peſſoa, que eu vi no
Ceo, quando vi a por-
ta aberta, foy a Maria
Santiſſima, que eſtava ſey-
ta throno, em que o Senhor *Sanct.*
habitava. *Et ecce ſedes poſi-* *Joan.*
ta erat in Cælo. Maria ſedes *Da.*
ejus, qui nullo capitur loco. *maſc.*
diſſe Saõ Joaõ Damaſceno. *orat.*
Logo ſe ao abrir a porta do *dedor-*
Ceo a primeyra peſſoa, que *mit.*
vio o Evangeliſta, foy a *Virg.*
Maria Santiſſima, final evi-
dente he, que ſoy Maria a
prmey-

primeyra, que lhe abrio eſ-
ta porta. Iſto ſuppoſto.

Eu naõ reparo em que a
Senhora compadecida da
afflicçaõ do Evangeliſta
foſſe ella a primeyra, que
lhe abriſſe a porta: porque
como Maria he chave, cõ
que ſe abre o Ceo, como
diſſe Santo Efrem: *Maria*
eſt clavis Regis cæleſtis; juſto
Sãct. E- era que ſó abriſſe a porta
phren. quem tinha o dominio da
in laud. chave. No que faço o meu
Virg. reparo, he nas circunſtãcias,
com que apparece Maria,
quando abre eſta porta;
porque diz o Evangeliſta q̃
a Senhora naõ ſó appareceu
como throno, aonde o Se-
nhor aſſiſtia, mas tambem
que ao redor deſſe throno
eſtava hum arco de flores:
Apoc. *et Iris erat in circuitu ſedis:*
4. n. 3. *Iris florida*, diſſe André Ce-
ſarienſe. E q̃ flores ſeriaõ as
deſte arco, ou deſte throno?
Diſſe o Alapide q̃ eraõ flo-
res de lirios, & aſſim o colhe
Alap. do Texto; porque o Texto
in Cã- chama a eſte arco *Iris: Et Iris*
tic. c. *erat, &c.* & a flor, q̃ em latim
2. ſe chama *Iris*, em Italiano
n. 2. ſe chama Lirio celeſte. *Lilii*
ſpecies, quæ Latinè Iris, Ita-
licè Lilium cæleſte appellatur.

Pois ja agora entendo
todo o ſegredo. Vivia Joaõ
afflicto, & deſterrado na-
quella ilha de Pathmos; &
para Maria moſtrar que he
Mãe das eſperanſas para
todos os que vivem neſte
valle de lagrymas, por iſſo
ao abrir das portas appare-
ceu ao Evangeliſta como
throno, em que o meſmo
Deos aſſiſtia, & rodeada
toda de lirios, que ſaõ
ſymbolo da Eſperanſa, para
que nos certifiquemos que
ſempre ſerá Maria a pri-
meyra, que nos abra as por-
tas da Gloria, ſe puzermos
em Maria toda noſſa eſpe-
ranſa. Ah Catholicos! E
que Chriſtaõ haverá, que
naõ ponha a ſua eſperanſa
em Maria, ſe quizer apor-
tar ſeguro neſſe porto da
Gloria? Pois ſabey q̃ para
eſte fim tem aquella Ima-
gem da Eſperanſa huma
ancora pendẽte da ſua maõ;
eſtá denotando aquella an-
cora que devemos pór em
Maria a ancora de toda a
noſſa eſperanſa, & aſſim o
diſſe Leaõ Conſtantino po-

politano: *De qua ſalutis noſtræ anchora pendet.* Todo o Chriſtaõ, que naõ quizer naufragar no tempeſtuoſo mar deſte Mundo, deve deytar a ancora de ſua Eſperanſa naquelle porto ſeguro de Maria. Aſſim o diz Ricardo de Saõ Lourenço: *Maria eſt portus ſalutis, in quâ figenda eſt anchora noſtræ ſpei.*

Leo Conſtorat. de Præſent.

Rich. lib. 1. de laudi. vitæ Virg.

Por iſſo a Igreja chama á Senhora vida, doçura, eſperanſa noſſa; que ſuppoſto houve alguns Herejes, como Luthero, & Calvino, que quizeraõ negar a Maria o glorioſo titulo de ſer eſperanſa noſſa, dizendo q̃ ſe havia de eſperar ſó em Deos, he porque a ſua ſoberba naõ teve luz para entender como ſe ha de eſperar em Maria. He verdade que devemos eſperar todos em Deos, como o diſſe David: *Sperate in eo omnis congregatio populi*; porém iſſo naõ tira que naõ ponhamos em Maria a noſſa eſperanſa; porque a naõ pomos em Maria do modo que a pomos em Deos, como em cauſa prima, & noſſo ultimo fim. Porém pomos a noſſa eſperanſa em Maria como Mãe poderoſa de Deos, para interceder por nós. E para que digamos tudo em hũa palavra, pondo a noſſa eſperanſa em Maria, a pomos tambem em Deos.

Pſal. 61. n. 9.

Iſto he o que dizia eſta Senhora ao ſeu Filho nos Cantares: *Flores apparuerũt in terra noſtra.* Na noſſa terra ſe vio huma povoaçaõ fermoſa de flores. Já tinha dito que as flores ſaõ ſymbolo da Eſperanſa; porem noto eu com o Abbade Guilherme que naõ diz o Texto que eſtas eſperanſas, ou eſtas flores apparecéraõ na terra de Jeſus, ou de Maria, ſenaõ na noſſa terra, *in terra noſtra*: porque tinha feyto o amor entre Jeſus, & Maria que o poder de Maria, & de Jeſus foſſe hum ſó poder. Para que ſe veja que a eſperanſa, q̃ ſe põem na interceſſaõ de Maria, ſe julga poſta no poder infinito de Jeſus: *In terra noſtra*, diz o Douto, *ideo noſtra, quia omnia*

Cantic. 2. n 12.

nia mea tua ſunt, & omnia tua ſunt mea. Ponhamos pois todos a noſſa eſperanſa em Maria, porque pondoa em Maria, a pomos tambẽ em Jeſus, que he o ſoberano frutto, que hoje Maria eſtá eſperando como flor: *In flore ſpes. Ecce concipies in utero, & paries.*

Segundo Diſcurſo.

Naõ ſó eſpera hoje Maria como flor o Nacimento do ſeu Filho; mas tambem o eſpera como Aurora, & iſto por muytas razoẽs, porque aſſim como o Sol he parto da Aurora, aſſim Chriſto Sol de juſtiça foy parto de Maria. Aſſim como a Aurora he mãe do orvalho, como diz Santo Iſidoro: *Aurora idem eſt, ac aura rorans*; aſſim Maria Santiſſima gerou no ſeu puriſſimo ventre o orvalho do Divino Verbo; porque na fórma de orvalho o pediaõ, & ſuſpiravaõ os Santos Padres: *Rorate Cæli de ſuper, & nubes pluant juſtum.* Aſſim como a Aurora he a primeyra, que expelle as trevas da noyte; aſſim Maria na eſperanſa do ſeu parto foy a primeyra, que deſterrou as trevas da culpa; aſſim o diz Saõ Bernardo: *Certe, ó Maria, officium Auroræ impleviſti nam Sol juſtitiæ de te proceſſurus in te lucis ſuæ radios copioſiſſimè fudit.* Aſſim como a Aurora he o fim da noyte, & o principio do dia; aſſim Maria na ſua Eſperanſa foy o fim da noſſa triſteſa, repreſentada na noyte, & o principio de toda noſſa alegria repreſentada no dia. Aſſim o diſſe Ruperto: *Sicut Aurora eſt finis noctis præteritæ, & initium diei ſequentis, ſic Maria fuit finis triſtitiæ, & lætitiæ nobis extitit principium.* Aſſim como a Aurora he o meſmo que hora de ouro: *Aurora, id eſt, aurea hora*; aſſim fora hora de ouro aquella hora, em q̃ Maria deu principio á ſua eſperanſa.

Div. Iſidor. lib. Etymol.

Iſai. 45. n. 8.

Div. Bern apud. Carrag.

Rup. lib. 6. in Cantic.

Finalmente eſpera hoje Maria como Aurora o Nacimento de ſeu Filho, porque aſſim como a claridade da Aurora nunca ſe dimi-

nue, mas antes creſce; aſſim a Eſperanſa de Maria nunca diminuhio, mas antes ſempre creceu: aſſim o diſſe Helinando: *Sicut Auroræ claritas nunquam minuitur, ſed ſemper creſcit; ita Beata Virgo.* Foy ſempre em augmento a claridade deſta Aurora, porque eſperando Maria ſempre; agora, que ſe a viſinha ao parto, he mayor a ſua eſperanſa; aſſim o diz Saõ Vicente Ferreyra: *maria ſemper ex pectavit, ſed modò maximè.* Por iſſo eu dizia no principio que a eſperanſa da Virgem ſymbolizada na Aurora, era eſperanſa luzida; porque nũca a eſperanſa deſta Aurora ſe diminuhio, mas ſempre ſe augmentou: *Maria ſemper expectavit, ſed modò maximè.* Hoje que tem a Eſperanſa mais propinqua, hoje ſe multiplica mais a ſua anſia; & ſendo poucas as horas, as conta por largos dias; porque como a ſua eſperanſa ſe regula pelo ſeu amor, indo o amor em augmento, naõ póde ir a eſperanſa em diminuiçaõ. Eſta differença ha entre o amor poſſuindo, & entre o amor eſperando; que o amor quando poſſue, conta por diminuiçaõ os dias; porém quando o amor eſpera, conta por augmento as horas, porque o amor na poſſe cõta diminuindo, o amor na eſperanſa conta multiplicando.

Helin Serm. 1. de Aſſũpt.

Vieẽt. Ferr. in Vigil. Nat.

Parecerá nova eſta arte de Arithmetica; porém eu preſumo q̃ a dictou o meſmo Chriſto. Em certa occaſiaõ diſſe Chriſto a ſeus Diſcipulos eſtas myſteriozas palavras: Diſcipulos meus, por pouco tempo me naõ vereis, & pouco tempo me vereis: *Modicum, & non videbitis me & iterum modicum, & videbitis me.* Eſtas palavras, que á viſta parecem enigma, diſſe o Cardial Caetano que incluhiaõ em ſi huma ſingular fineſa. E que fineſa ſerá eſta taõ ſingular, que eſtas palavras incluem? O meſmo Douto a declara. Falava Chriſto neſtas palavras de ſua morte, & de ſua Reſurreyçaõ; donde o dizer Chriſto a ſeus Diſ-

Joan. 16. n. 17.

Diſcipulos que por pouco tempo o deyxariaõ de ver, falava dos tres dias, em q̃ havia de eſtar no ſepulcro, & quando diz que por pouco tempo o veriaõ, falava dos quarenta dias, em que havia de aſſiſtir com elles depois de reſuſcitado: *Modicum*, (diz o Douto Cardial) *ſcilicet paucarum horarum ſpatium: & iterum modicum, id eſt, poſt mortem meam.*

Caet. hic. fol. 473. Ratio utriuſque intervalli eſt, quia vado ad Patrẽ: in ire ad Patrẽ includitur meri, & reſurgere

Suppoſta eſta intelligẽcia, naõ me parece que eſtá ajuſtada eſta conta; antes julgo que, ſe lhe tirarmos a prova, lhe havemos de achar huma grande duvida. Ora vamos á prova. O meſmo tempo, que Chriſto aſſinala para os Diſcipulos o verem, eſſe meſmo tempo aſſinala para o naõ verem: *Modicum, & modicum.* E ſendo iſto aſſim, eu vejo q̃ o eſpaço de tempo, em que os Diſcipulos o viraõ, foy muyto mais do que o tempo, em que os Diſcipulos o naõ viraõ: porque o tempo que os Diſcipulos deyxáraõ de ver a Chriſto, foy por eſpaço de quarenta horas, que tantas eſteve Chriſto no ſepulcro: o tempo em que os Diſcipulos o viraõ, foy por eſpaço de quarenta dias, que tantos converſou com elles depois de reſuſcitado: *Per dies quadrginta apparens eis.* Pois ſe o tempo de quarenta dias naõ he o meſmo que o de quarenta horas, como explica Chriſto eſtes tempos pelas meſmas vozes, & pelos meſmos termos, dizendo: *Modicum, & non videbitis me: & iterum modicum, & videbitis me?* Eu o direy. He verdade que naõ he o meſmo tempo, ſe o medirmos pelos computos da luz; porém he o meſmo tempo, ſe o regularmos pelo relogio da vontade.

Actor 1. n. 3

Notay Amava Chriſto aos Diſcipulos com ternura, & os Diſcipulos reciprocamente amavaõ a Chriſto com fineſa, & ſuppoſto que gozáraõ a Chriſto quarenta dias depois de reſuſcitado; & ſó quarenta horas o tiveraõ eſcondido no ſepulcro; com tudo,

como eſſas quarenta horas foraõ horas de eſperanſas, porque anſioſamente eſperavaõ a Reſurreyçaõ de ſeu Meſtre, tanto montáraõ para a conta do amor de Chriſto as quarenta horas, como os quarenta dias; porque taõ largas ſaõ quarenta horas para quem eſpera, como quarenta dias para quem goza. Saõ muy diverſos os algariſmos, com que o amor declara as ſuas anſias, & manifeſta os ſeus deſejos, porque o amor quando goza, conta diminuindo; o amor quando eſpera, conta multiplicando; & como Chriſto amava tanto a ſeus Diſcipulos, tanto lhe pareceu o tempo, em que os Diſcipulos o eſperavaõ no ſepulcro, como o tempo, em que o gozavaõ reſuſcitado, & glorioſo. Para a conta do ſeu amor tudo lhe pareceu o meſmo tempo: *Modicum, & modicum*. porq a poſſe faz de quarenta dias quarenta horas, a eſperanſa faz de quarenta horas quarenta dias.

Conta hoje Maria as horas por augmento; porque ſaõ horas de eſperanſas; & como deſeja ſummamente ver ao ſeu Filho nacido, vay em augmento o ſeu deſejo, porque eſperando ſempre, hoje eſpera com mais anſia, porque eſpera como Aurora, cuja claridade nũca diminue, mas antes creſce: *Auroræ claritas nunquã diminuitur, ſed ſemper creſcit. Maria ſemper expectavit, ſed modò maximè.*

Mas como ſe póde dizer, ou ſe póde verificar que Maria eſpera com anſia, ſe temos dito no primeyro diſcurſo que na ſua eſperanſa tem Maria a ſua gloria? A anſia he indicio de triſteſa; a gloria he indicio de alegria: pois ſe na eſperanſa do Nacimento do Filho moſtra jubilos de alegria como juntamente dá indicios de triſteſa? Sabeis porque? Porque eſpera como Aurora o Nacimento do ſeu Filho, ou do ſeu Sol.

Saõ diverſas as locuçoẽs dos Poetas no modo, com que deſcrevem a Aurora; huns dizem que para naſcer o Sol,

o Sol, vem a eſtrella da alva rindo; outros dizem que vem a Aurora chorando; & aſſim huns termos, como os outros me parecem accommodados: porque ſe attendermos aos campos borrifados com as lagrymas da Aurora, parecernos ha que he choro; ſe attendermos à alegria das perolas, com que enriquece os prados, parecernos ha que he riſo. Naõ deſeja a Aurora o nacimento do Sol para ſi, porque no meſmo Ceo, aonde eſtá aſſiſtindo, ahi meſmo o eſtá gozando; madruga porém a deſpertallo com ſeu choro, & com ſeu riſo, para que amanheça em publica luz a todo o Mundo. Para eſte nacimento do Sol germana a Aurora hum choro, que parece pranto de lagrymas, & huma alegria, que parece riſo de perolas.

Iſto, que deſcobrimos neſſa Aurora material, diviſamos tambem hoje naquella Divina Aurora; pois ſaõ taõ complicadas as ſuas eſperanſas, que ſendo engraçadas, por ſerem eſperanſas de flor; & ſendo luzidas, por ſerem eſperanſas de Aurora, ficaõ ſendo as eſperanſas de Maria, como lagrymas cahidas da Aurora na gracioſidade da flor.

Deſte modo eſpera hoje Maria o Nacimento de ſeu Filho. Eſpera o Nacimento do Filho como flor; porque he a ſua eſperanſa engraçada; eſpera tambem como Aurora, porq he a ſua eſperanſa luzida. Se quereis pois, ò almas Religioſas, que a voſſa Eſperanſa ſeja ſempre luzida, & engraçada, imitay as propriedades da flor, & as ſingularidades da Aurora. Tres propriedades diz Hugo Cardial que ſe deſcobrem na flor, que vem a ſer: fragrancia, & ſuavidade no cheyro, fermoſura na cor, & eſperanſa no frutto. Pela fermoſura da cor ſe entende a converſaçaõ eſpiritual, & honeſta, pela ſuavidade do cheyro ſe entende o augmẽto nas virtudes, porque no caminho da virtude o meſmo he naõ ir avante, que tornar atras: caminhay pois

Hug. Card. fol. 131. col. 1.

In re virtutis nõ progredi est regredi.

avante no cheyro das virtudes, que niſſo moſtrareis naõ ſó que ſois flores da Eſperanſa, mas tambem que tendes como filhas de Clara a claridade da Aurora. Vá em augmento eſta claridade, creſça cada ves mais o eſpirito da virtude, para que como flores da Eſperãſa conſigais os fruttos da Gloria. *Quam mihi, & vobis, &c.*

Div. Amb.

SER-

SERMAÕ

DE NOSSA SENHORA

DA ESPERANSA,

Prégado no ſeu Moſteyro da Cidade de Ponta Delgada no anno de 1701.

---

* *Ecce concipies in utero, & paries filium.*
Luc. in 1. Cap. n. 31.

HE eſta a quarta vez, que ſubo a eſte pulpito a publicar as eſperanſas da Senhora no ſeu feliciſſimo parto; & ſe ſe coſtuma dizer q̃ as couſas por huma meſma bocca muytas vezes repetidas, ficaõ menos engraçadas, tendo as eſperanſas de Maria toda a graça: *Ave gratiâ plena*; temo que eſtas ſuas eſperanſas naõ fiquem hoje taõ luſtroſas, por ſerem pela minha bocca quatro vezes publicadas; porem eſte meſmo

meſmo temor, que me podia deſanimar, he o que me offerece o motivo para poder melhor diſcorrer: porq̃ acho que ſó entaõ ficaõ as noſſas eſperanſas completas, & adequadas, quando ſaõ quatro vezes repetidas.

Quatro ſaõ as eſperanſas, (diz Alberto Magno) que devemos pór todos em Maria Santiſſima; a primeyra he a eſperanſa do perdaõ das noſſas culpas; & a eſta primeyra eſperanſa correſpõdeu o primeyro Sermaõ: a ſegunda eſperanſa, que devemos pór na Senhora, he a eſperanſa de nos alcançar de Deos a ſua Divina graça; & aeſta ſegunda eſperanſa correſpondeu o ſegundo Sermaõ: a terceyra eſperanſa, que devemos fundar em Maria, he a eſperanſa de perſeverarmos neſſa graça; & a eſta terceyra eſperanſa correſpondeu o terceyro Sermaõ: a quarta, & ultima eſperanſa, que devemos pór em Maria, he a eſperanſa de que por ſua interceſſaõ cheguemos ao porto da Gloria; & a eſta quarta eſperanſa ha de correſponder eſte Sermaõ, por ſer o quarto. Logo ſe o repetir quatro vezes as eſperanſas da Senhora, tem myſterio, naõ ſe me deve arguir o ſubir a eſte lugar a repetir as eſperanſas quatro vezes; antes tenho para mim que eſta quarta eſperanſa ſerá a mais engraçada, pois, como tenho dito, he eſperanſa de gloria.

Alb. Mag. lib. 11 de laud. div. B. Maria.

Mas como poderey eu deſcobrir glorias nas eſperanſas, ſe todos avaliaõ as eſperanſas por grandes penas? La diſſe Caſſiodoro que a eſperanſa era o mayor trabalho, ou para melhor dizer, os trabalhos todos juntos: *Solos ſpei labores.* Tambem ſey que Meandro chamou á eſperanſa hum grande mal. *Oh Jupiter colẽ diſſime, quantum malum eſt ſpes!* E Salamaõ chegou a dizer q̃ huma eſperanſa dilatada tras a huma alma afflicta: *Spes, quæ differtur, affligit animam;* ou como trasladou Janſenio: *Spes protracta æ gritudo cordis.* Que a eſperanſa he mal da morte, porque

Caſſiod. 9. variar.

Prov. 13. n. 12.

porque he mal do coraçaõ: que já por iſſo mandou Chriſto Senhor noſſo aos ſeus Diſcipulos que tiveſſẽ a candea na maõ, como quẽ eſtá para morerr, porque os mandava eſperar, *& lucernæ ardentes in manibus veſtris. Et vos ſimiles hominibus expectantibus.* Pois ſe as eſperanſas põem a huma alma ás portas da morte, ſe ſaõ dores do coraçaõ, que tiraõ a vida, ſe ſaõ males, que affligem, & ſe ſaõ trabalhos, que atormentaõ; como he poſſivel que deſcubra eu hoje na eſperanſa glorias, ſendo a eſperanſa motivo de tantas penas? Sabeis como póde ſer huma eſperanſa da gloria? Quando ſe deſeja o que ſe deve appetecer, & quando ſe eſpera ſómente o que ſe deve eſperar.

Luc. 12. n. 35. & 36.

Todos ſabemos de fé q̃ a Eſperanſa he huma das tres virtudes Theologaes; porẽ o noſſo engano tranſforma eſta virtude em vicio, porque deyxando o objecto, em que devemos ſómente eſperar, pomos a noſſa eſperenſa no que deviamos aborrecer. Para a eſperanſa ſer virtude, deve ter a Deos por objecto, porque ſó Deos unicamente he o objecto da eſperanſa: porem como os homens cegos põem a eſperanſa no Mundo, fica mudada eſta eſperanſa em vicio, porque ſe naõ encaminha a Deos, que he o ſeu verdadeyro objecto; & como o Mundo naõ ſabe dar ſenaõ penas, por iſſo ſaõ taõ penoſas as eſperanſas do Mundo; porem como Deos naõ ſabe dar ſenaõ glorias, por iſſo ſaõ glorioſas as eſperanſas poſtas em Deos; porque eſperar em quem ſe deve eſperar he virtude; porem eſperar em quẽ devemos aborrecer, he vicio. Logo naõ he muyto que, ſe o eſperar nos homens he já huma continua pena, o eſperar em Deos ſeja huma eternidade de gloria. Pois ſe o eſperar em Deos he toda a gloria, de gloria, & naõ de pena he hoje a eſperanſa de Maria, pois eſpera ao ſeu Deos. Mas para que fundemos

demos o aſſumpto do Sermaõ com mais acerto, vejamos primeyro eſta eſperanſa no Evangelho.

Em duas eſperanſas pos o Anjo a Maria quando lhe trouxe a embayxada: a primeyra eſperanſa ſe comprio no meſmo inſtante q̃ o Divino Verbo encarnou; porque no meſmo ponto, em que a Senhora deu ſeu conſentimento: *Fiat mihi ſecundùm verbum tuum*, paſſou eſta eſperanſa a ſer poſſe, gozando ao Verbo Divino no ſeu puriſſimo ventre. A ſegunda eſperanſa he a de ſeu puriſſimo parto: **Ecce concipies in utero, & paries*; & eſta he a eſperanſa, que celebramos hoje neſte Templo.

Eſtas duas eſperanſas, de que fala o Evangelho, tinha já profetizado Iſaias nas propriedades do lirio, dizendo que a Senhora naõ ſó havia de conceber como lirio, mas que como lirio havia tãbem de parir: *Quaſi lilium germinans germinabit*. Bem ſey eu que neſta ſemelhança quis prognoſticar o Profeta a pureſa da Senhora, porque como o lirio he ſymbolo da pureſa, nos quis dar a entender que a Senhora foy Virgem antes do parto, no parto, & de pois do parto; como porem o lirio tambẽ he ſymbolo da eſperanſa, juſto era que retrataſſe tambem a eſperanſa da Senhora nas propriedades do lirio. E quereis ſaber porque? Eu o direy. Conſta o lirio de raiz, vara, & flor, porq̃ de flor, vara, & raiz he que ſe compõem hum lirio; mas com eſta differença, que o lirio na flor deſcobre ſuavidade, na vara repreſenta a altura, & na raiz moſtra firmeſa. Pois para que ſe veja que a eſperanſa da Senhora he ſegura, ſublime, & ſuave, compare-ſe a ſua eſperanſa ao lirio, que tem flor, vara, & raiz, paraque na raiz ſe veja a ſegurança, na vara ſe moſtre a eminencia, & na flor ſe deſcubra a ſuavidade. Temos logo hoje as eſperanſas de Maria ſuaves, ſublimes, & ſeguras; ſeguras pelo q̃ tẽ de raiz, ſublimes pelo

Iſaiæ. 35.

pelo que participaõ de vara, & ſuaves pelo que gozaõ de flor. Eſtá propoſta a materia, para a poder proſeguir neceſſito de muyta graça.

Ave Maria.

COmecemos pela flor, para vir a dar na raiz. Debuxou Iſaias a eſperanſa de Maria no lirio, paraque ſe viſſe que aſſim como o lirio tem ſuavidade na flor, aſſim tambem he ſuave a eſperanſa de Maria. Taõ doce, & taõ ſuave he a eſperanſa da Senhora, que fẽdo eſperãſa, he poſſe, & fẽdo deſejo, he gozo porq̃ goza aquillo meſmo, q̃ deſeja, & poſſue aquillo meſmo que eſpera. Goza Maria a Deos no ſeu puriſſimo ventre: *Dominus tecum*; & deſeja hoje a eſſe meſmo Deos que goza: *Fiat mihi ſecundùm verbum tuum*. Poſſue a Deos no ſeu peyto, & eſtá hoje eſperando ao meſmo Deos que poſſue; por iſſo todos os Padres da Igreja chamaõ gozos a eſtes deſejos de Maria, porque quando eſpera a Deos com mais anſia, entaõ o goza cõ mais certeſa.

Luc. 1. n. 28.

Diz eſta Senhora pelo Eccleſiaſtico que ſaõ fruttos todas as ſuas flores: *& flores mei fructus*; & naõ parece muy facil de entender, como podem ſer fruttos as flores, ſe das flores aos fruttos ſe mete tanta diſtancia, que muytas vezes ſuccede naõ ſer frutto o que de antes era flor. Pois ſe a flor he muy diverſa do frutto, como em Maria Santiſſima o meſmo he frutto, que flor: *& flores mei fructus?* Sabeis porque? Eu o direy. Pela flor ſe entende a eſperanſa, & pelo frutto ſe entende a poſſe. E para Maria moſtrar o quanto a ſua eſperanſa he ſuave, ajuntou a ſuavidade da flor com a poſſeſſaõ do frutto; & por iſſo nas flores das ſuas eſperanſas pode o eſpoſo logo colher a abundancia dos fruttos: *Flores apparuerunt in terra noſtra, tempus putationis ad tic. venit*. Logo ſe viraõ os fruttos tanto que ſe puzeraõ em

Eccleſiaſt. 24. n. 23.

Cant. 2. n. 12.

em execuçaõ os deſejos: pois (como diſſe Sãto Ambroſio) a ſua abrazada eſperanſa, & o ſeu ardente deſejo he o que fez deſcer do Ceo ao meſmo Verbo Divino: *Conceptus eſt voti*: porque ſoube o deſejo de Maria facilitar o que parecia impoſſivel de conſeguir. Eſperava com anſia ver ao ſeu Deos temporalmente nacido, & como o deſejo, que ſe encaminha a Deos, tem forſa de poſſeſſaõ, por iſſo o meſmo foy em Maria o deſejar, que conceber, & o meſmo foy eſperar, que poſſuir: porque huma eſperanſa poſta em Deos he theſouro, que ſe goza na meſma occaſiaõ, em que ſe eſpera.

Div. Amb. tom. 3. lib. 2. in Luc. cap. 2.

Para Chriſto Senhor noſſo dar a conhecer aos homens a virtude, & ſantidade do ſeu amigo Baptiſta, buſcou huma occaſiaõ, aonde eſtiveſſem muytos ouvintes, & ahi fez hum panegyrico de todos os ſeus louvores; porém entre elles diſſe Chriſto hum, que pareecndo de todos o menor, acho na minha opiniaõ q foy o mayor de todos: & qual ſeria? Foy o dizer Chriſto ás turbas eſtas ſeguintes palavras: *A diebus autem Joãnis Baptiſtæ uſque nunc, regnum cælorum vim patitur, & violenti rapiunt illud*: quiz dizer Chriſto ás turbas: Deſde o tempo do Baptiſta até o tempo preſente padece o Ceo muyta forſa; porque todos roubaõ o Ceo com violencia. Santo Ambroſio explicaudo eſta violencia, com que ſe rouba o Ceo, dis que ſaõ as lagrymas de hum peccador contrito: *Vim facimus Domino, non compellendo, ſed flendo.* Iſto ſuppoſto, entra agora o meu reparo.

Mat. 11. n. 12.

Div. Amb. tom. 5. Serm. 15.

Se o Divino Meſtre dicera que os homens com as ſuas lagrymas alcançavaõ o perdaõ das ſuas culpas, entaõ naõ tinha eu que duvidar: porque (como diſſe o meſmo Chriſto) huma lagryma bẽ chorada põem a huma alma contrita: *In quacunque hora ingemuerit peccator, &c*: mas dizer Chriſto que os homens deſde

de o tempo do Baptiſta já poſſuhiaõ o Ceo por violencia: *Et violenti rapiunt illud*; como ſe póde iſto verificar, ſe antes de Chriſto morrer nenhuma alma entrou no Ceo? Eu o direy.

He verdade que antes de Chriſto morrer, & ſubir ao Ceo nenhuma alma lá entrou, porque até entaõ eſteve o Ceo ás portas fechadas; porem aquillo meſmo, que fez a graça Divina depois de Chriſto entrar no Ceo, iſto fez a eſperanſa, eſtando Chriſto no Mundo. E quereis ſaber como? Notay Diz Chriſto que foy o Ceo levado por forſa deſde o tempo do Baptiſta, porque prégando o Baptiſta a os homens penitencia, lhes dava huma eſperanſa certa de poſſuirem a Gloria; & como deſde aquelle tempo começaraõ os homens a pór no Ceo a ſua eſperanſa, eſſa meſma eſperanſa os meteu de poſſe do Ceo, eſtando eſſes homens ainda exiſtindo na terra. O meſmo foy começarem os homens a eſperar, que chegar logo a poſſuir.

Eſta he a differença, que ſe dá entre a eſperanſa poſta em Deos, & a eſperanſa poſta no Mundo, que a eſperanſa em Deos he gozo, & a eſperanſa no Mundo he tormento. He gozo a eſperanſa em Deos, porque theſouro poſſuido, ainda quãdo deſejado. Aſſim o diz Saõ Joaõ Climaco: *Eſt indubitatus theſaurus ãte theſaurum*: he tormento a eſperanſa poſta no Mundo, porque (como diſſe Petrarca,) ſempre anda embaraçada com o temor, & o medo: *Sine metu ſpes non habitat*: o temor de naõ alcançar, & o medo de perder: pois quẽ quizer eſcuſar eſtes medos, & evitar eſtes temores, que tras com ſigo a eſperanſa do Mundo, procure imitar a eſperanſa de Maria repreſentada no lirio: aſſim nolo encomenda o Eſpirito Santo por bocca do Eccleſiaſtico:* *Florete flores, quaſi lilium*; & he como ſe dicera: Imitay, Catholicos, a eſperanſa da Senhora; ſe quereis que ſeja ſuave a voſſa eſpe-

Div. Joan. Clim. in Scala Paradyſi gra. d. 30. Petrar. de re. med. prop. fort. Dialog. 109.

Eccleſiaſt. 39. n. 19.

eſperanſa, eſperay em Deos, & a Deos, como Maria eſpera. E para eſperardes em Deos, ha de ſer eſperando por meyo de Maria, porque ſó pondo em Maria a voſſa eſperanſa, naõ tereis que temer na vida, & eſtareis certos de poſſuirdes a Gloria. Duas partes tem o conceyto, porém eu creyo que a prova ha de ſatisfazer a ambas as partes.

Fala o Real Profeta David daquella celebre jornada, que fizeraõ os Iſraelitas no deſerto para a Terra promettida, & diz que de tal ſorte os guiou Deos na eſperanſa, que nunca tiveraõ que temer, nem de que ſe poder recear: *Et deduxit eos in ſpe, & non timuerunt.* Cõfeço que naõ tem palavras eſte Texto, que naõ ſejaõ todas muyto dignas de reparo. Porque ſe combinarmos eſte Texto de David com outro Texto do Exodo, que fala ſobre a meſma materia, acharemos tal oppoſiçaõ entre ambos, que nega hum o que outro affirma, & ſenaõ, vejaõ. O Texto de David diz que a eſperanſa he a que guiava o Povo pelo deſerto: *Et deduxit eos in ſpe:* porẽ o Texto do Exodo diz que huma nuvem he a que guiava eſſe Povo: *Perdiem in columna nubis:* & ja aqui temos a primeyra contrariedade. A ſegunda contrariedade he, q̃ diz David que, ſendo os Iſraelitas guiados pela eſperanſa, naõ tiveraõ que temer: *Et non timuerunt:* porem no Exodo ſe diz que, ſendo os Iſraelitas guiados pela nuvem, em vendo os Egypcios, foy grande o ſeu temor, *viderunt Ægyptios poſt ſe & timuerunt valde.*

Pſal. 77. n. 53.

Exod. 33. n. 1.

Exod. 14 n. 10.

Pois como pode iſto ſer? Se diz David que a eſperanſa era a que os guiava, como ſe diz no Exodo que a nuvem era a que os conduſia? De mais diſto ſe diz David que os Iſraelitas naõ tiveraõ que temer, quando eraõ guiados pela eſperanſa, como ſe diz no Exodo que os Iſraelitas tiveraõ muyto que recear, quando eraõ guiados pela nuvem? As duvidas

duvidas eſtaõ bem fundadas, porem creyo que com as reſpoſtas haõ de ficar ſatisfeytas. Notay.

Caminhavaõ os Iſraelitas com hum inſaciavel deſejo de chegar á Terra promettida, que era figura da Gloria, & para haverem de conſeguir eſta gloria, que eſperavaõ, era neceſſario que naõ ſó a nuvẽ os guiaſſe, mas que tambem a eſperanſa os conduſiſſe; naõ porque foſſe a nuvem couſa diverſa da eſperanſa, nem a eſperanſa couſa diverſa da nuvem: mas porque ſendo a nuvem huma imagem de Maria, como diz Saõ Boaventura: *Maria nobis eſt columna nubis;* naõ alcançaria aquelle Povo a gloria, que eſperava, ſenaõ interviefſe a Senhora com o titulo da Eſperanſa. Havia de guialos a nuvem, que era imagem de Maria, & juntamẽte havia de guiallos a eſperanſa, que era o titulo da Senhora. Para que entendamos que ſó pondo a noſſa eſperanſa em Maria, poderemos eſtar certos de poſſuirmos a Gloria. Pois ſe a Senhora da Eſperanſa he a que guiava os Iſraelitas na jornada, que faziaõ, bem he que diga David que nenhuma couſa temeraõ. *Et deduxit eos in ſpe, & non timuerunt.*

Div. Bon. in ſpecul. c. 3.

Aréqui eſtá muy bem, mas contra iſto ſe oppõem o Texto ſanto do Exodo, que claramente affirma q̃ os Iſraelitas temeraõ, *& timuerunt valde.* Pois temeraõ, & naõ temétaõ? Sim. E iſſo como? Eu o direy. Notay. Naquella jornada, que os Iſraelitas faziaõ, hiaõ com os olhos na nuvẽ, porque a levavaõ diãte dos ſeus olhos: *Dominus autem præcedebat eos ad oſtendendã viam per diem in columna nubis:* porem vendo que os Egypcios lhe vinhaõ ſeguindo os paſſos, viráraõ os olhos a hum lado para verem com ſeus olhos a forſa do inimigo, *levantes filii Iſrael oculos, viderũt Ægyptios poſt ſe:* virando os Iſraelitas os olhos para tras, ja naõ viraõ a nuvem com ſeus olhos, & como a nuvem era

imagem de Maria, em quem tinhaõ posto a esperança, o mesmo foy apartar da Senhora da Esperãça os olhos, que verem-se logo cercados de medos, & de temores, *viderunt Ægyptios post se, & timuerunt valde* Em quãto os Israelitas levavaõ os olhos fixos na nuvem, que era a sua esperança, nada temeraõ: *Non timuerunt*: porem em apartando a vista da Esperança da Senhora, logo tiveraõ que temer, logo tiveraõ que recear, *levantes oculos, viderunt Ægyptios post se, & timuerunt valde.*

Exod. 14. n. 10.

Aquella jornada dos Israelitas para a terra de Promissaõ he huma figura expressa da jornada da nossa vida para o porto da Gloria, & quem quizer ter por certo esta esperança da Gloria, he necessario que ponha em Maria toda a sua esperança, porque se naõ ha que recear, pondo a esperança na Senhora, temos muyto que temer, se nos faltar a Senhora da Esperança; & que bem o diz Saõ Bernardo: *Ipsam sequens, non devias: ipsam rogans non desperas: ipsam cogitãs non erras; ipsa tenente, non corruis: ipsa protegente, non metuis; ipsa duce, non fatigaris: ipsa propitia, pervenis.* Quem busca a Maria, naõ erra: quem a segue, naõ derrota: quem a acompanha, naõ cansa: quem a roga, naõ desespera; mas antes o mesmo he pór a esperança na Senhora, que naõ ter q̃ temer na vida, & estar certo de gozar as felicidades da Gloria.

Div. Bern. Hom. 2. sup. Missus est

Todas estas ditas consegue, & todas estas felicidades alcança quem põem a sua esperança em Maria. E se disse Alberto Magno (como ja referi no principio) que a quarta esperança, que devemos pòr em Maria, he a esperança da Gloria; de gloria nos saye hoje esta esperança, por ser este Sermaõ o quarto. Mas como naõ havia de sahir de gloria esta esperança, se he huma esperança taõ doce, & taõ suave, que a naõ malquista, nem o temor de conseguir, nem o medo de perder; pois goza Maria no seu ventre

ventre ao mesmo Deos, q̃ espera para remedio do Mundo. Muyto desejou sempre Maria ver o Verbo Divino encarnado só a fim de ver o Mundo redimido: esta redempçaõ do Mundo lhe roubou sempre o affecto, tanto assim, que naõ houve distancia de tempo em conceber a Deos, & desejallo para remedio dos homens; assim o disse Ricardo de S. Lourenço: *Tanta fuit ejus charitas apud nos, quòd ex quo Filium concepit, ipsum pro Mundi salute pati desideravit.* E como hoje ve este remedio mais propinquo, por estar proxima ao seu parto, por isso he hoje o seu desejo mais ardente, & fervoroso.

Rich. à Sãct. Laur. lib. 4. col. 274.

Disse o doutissimo Espiera q̃ Maria Santissima excedeu aos antigos Padres nos desejos, & esperanças de ver redimido o Mundo, & a razaõ, q̃ dà para isso, he, porq̃ os Sãtos Padres esperáraõ a Redẽpçaõ de muyto lõge, & a Senhora esperou a Redẽpçaõ de mais perto: *Gloriosa Virgo humanã redemptionem tantò amplius, quàm aliquis Sanctorũ Patrũ affectabat, quanto quod illi longo tempore expectaverũt, ipsa de propinquo sentiebat.* Naõ nego ser esta razaõ delicada, mas por isso mesmo a acho difficultosa. Que diga este Douto q̃ os desejos, & esperãças de Maria excedéraõ ás esperanças, & aos desejos de todas as creaturas, esta muy bẽ; mas q̃ diga q̃ os desejos da Senhora foraõ mais fervorosos, que os dos antigos Padres, porq̃ estes esperárao de mais longe, & a Senhora esperou de mais perto, isto he oq̃eu naõ entẽdo: porq̃n e quer parecer q̃ por isso mesmo deviaõ ser os desejos nos Sãtos Padres mais vivos, & fervorosos, porq̃ começáraõ de mais longe, & na Senhora deviaõ ser menos ardẽtes estes desejos, porq̃ começàraõ de mais perto; & a razaõ disto he, porq̃ quãto o desejo mais se vay avisinhãdo à posse, mais se deve ir diminuindo na alma. E pelo contrario, quãdo a posse do q̃ se deseja està mais distãte, entaõ deve ser a ansia na alma mais fervorosa, & ardẽte;

Amb. Spier. Serm. 11. in Sabb. Dñi prima Quadr. cõsider. 2. cõsid. 2.

assim me quer parecer que a experiencia o mostra; porẽ naõ obstãte mostrallo a experiencia assim, vejo q̃ diz este Douto q̃ menos se deseja o bem, q̃ està mais longe de se possuir, & q̃ mais se deseja o bem, q̃ està mais perto de se gozar; por cuja causa se Abrahaõ desejou muyto a redempçaõ do Mundo, mais a desejou Moysés, & mais que Moysés a desejáraõ os Profetas: *Avidè enim Abraham hanc redemptionẽ affectabat avidiùs Moyses: avidissimè: cæteri Prophetæ;* porque quanto mayor era a distancia, era menor o desejo, & quanto menor a distancia, era o desejo mayor.

Idem Doct. sup. citat. ibid.

Agora infiro eu: logo em Maria Santissima foy mayor o desejo de ver redimido o Mundo, porque teve esse desejo de mais perto? Assim he, responde o douto Espiera: que por isso na resposta, que a Senhora deu ao Anjo, naõ só mostrou a sua rara obediencia, mas tambem deu a entender a sua fervorosa ansia: *Fiat mihi secundùm verbum tuũ. Ecce ingens desiderium* Logo por boa razaõ hoje q̃ se avisinha a Senhora ao parto, serà mais fervoroso o seu desejo? Tudo assim he na opiniaõ deste Douto; porém tomàra eu ouvir a razaõ da minha duvida, porque se he certo se deve mais desejar o que està mais longe de se possuir, porque haõ de ser hoje mais ardentes os desejos de Maria, estando ja em vesperas de possuir o que espera, & de gozar o que deseja?

Com huma razaõ Filosofica havemos de soltar a dvida. Dizem cõmummente os Filosofos q̃ o movimẽte naõ he taõ apressado no principio, como he acelerado no fim: *Est regula apud Philosophos, quòd omnis motus velocior est in fine, quàm in principio.* De sorte que o movimẽto he menos remisso, quando começa, & mais fervoroso, & activo, quando acaba; o que supposto, notay. Disse o Doutor Angelico que os desejos saõ huns movimentos da alma, que se encaminhaõ a hum bom fim:

fim: & conforme isto, os desejos dos Patriarcas, dos Profetas, & de Maria Santissima, foraõ huns movimentos da alma, com q̃ desejavaõ ver a Christo nacido para remedio do Mundo. Começáraõ estes desejos, ou movimentos em Abrahaõ, porém naõ foram com muyta ansia: *Avidè.* Passáraõ depois a Moysés, porém ja hiam com mais forsa: *Avidiùs:* chegáraõ aos Profetas, & ja com mayor actividade: *Avidissimè:* porém tanto que chegáraõ a Maria, achàraõ se estes desejos com taõ grande efficacia, que se naõ podia explicar a sua ansia: *Ingens desiderium.* E como estes desejos, ou movimentos da sua alma vaõ hoje chegando ao fim, por isso he hoje mais ardente o seu desejo, & o movimento da sua alma mais activo: que bem o disse o Douto asima referido: *Virgo gloriosa omnibus individuis Mundi adventui Christi erat vicinior: ergo necesse est concedere illum velocius affectasse.* Hoje que tem Maria a posse do que espera menos distante, he preciso que seja o movimento de sua alma mais ardente, & por isso correm hoje os desejos de Maria com o passo taõ apressado, porque espera ja de muy perto o Nacimento do Filho.

Idem Doct. ubi sup.

Mas que muyto fossem estes movimentos, ou desejos de Maria mais fervorosos, & acelerados no fim, se se encaminhaõ a Deos, que he o centro destes desejos. Todas as cousas naturaes nos seus movimentos se inclinaõ a ir buscar o seu centro; por isso vemos que a pedra quando se move, tem inclinaçaõ de descer, & o fogo tem appetite para subir: porque o centro do fogo he o ar, & o centro da pedra he o chaõ; & porisso mesmo nos mostra a experiencia que o movimento da pedra entaõ he mais apressado, quando està mais perto do chaõ, que he o seu centro. E como os movimentos, ou desejos da alma

de Maria tem por ſeu centro a Deos, por iſſo ſaõ hoje mais apreſſados, por eſtarem mais perto de Deos, que he o ſeu centro: porque hoje Maria Santiſſima eſtá mais perto de ver a Deos nos ſeus braços, por iſſo ſaõ hoje os ſeus deſejos mais fervoroſos.

E ſe eſtes ſaõ hoje os deſejos de Maria, eſtes devem ſer tambem os noſſos deſejos; aſſim no lo intima o Eſpirito Santo por bocca do Eccleſiaſtico. *Florete flores, quaſi lilium*: florecey flores como o lirio: quer dizer, imitay hoje, ò Catholicos, os deſejos, & eſperãſas de Maria repreſentadas no lirio: porque ſe os ſeus deſejos ſaõ huns movimentos da alma de ver ao ſeu querido Filho nacido; ſejaõ aſſim tambem os voſſos deſejos, para que mereçais ver nacido ao Menino Deos na voſſa alma: tenham os voſſos deſejos as propriedades do fogo, que ſẽpre buſca o Ceo, & naõ as propriedades da pedra, que ſe inclina para o chaõ; ſejaõ eſtes deſejos movimentos da alma, que ſe encaminhẽ a Deos, como a ſeu centro, & como a fim de todo o noſſo deſcanço: aſſim o dizia David: *Domine, ante te omne deſiderium meum*. Senhor, (dizia David) em vós ponho toda a minha eſperança, & todo o meu deſejo: *Integrũ, & non diviſum*: commenta S. Gregorio Magno: Todo o meu deſejo inteyro, & naõ partido, porque com ninguem reparto os meus deſejos.

Eccleſ. 39. n. 19.

Pſal. 37. n. 10.

Mas oh, & quantos ha, que partem os ſeus deſejos com Deos, & com as creaturas, devendo os pór ſó em Deos, que he o ſeu ultimo fim. Bem advertio Seneca neſta deſordem dos homẽs, & por iſſo eſtranhou tanto nos homens eſta deſordem: *Tanquam mortales timetis, et tanquam immortales concupiſcitis*. Na minha opiniaõ he eſta a mayor ſentença, que diſſe eſte Filoſofo. Temem os homens tudo como mortaes, (diz Seneca) porem tudo deſejaõ, & appetecem como ſe foram immortaes. Vereis a hum homem, que

Senec. de brevit. vitæ

que como mortal tudo teme; teme o tempo, teme os aſtros, teme a comida, teme a infirmidade, teme ao inimigo: tudo teme como mortal: *Tanquam mortales, &c.* porẽ como ſe fora immortal, tudo appetece, & tudo deſeja. Vereis a huns carregados de annos, cheyos de cans, & tal vez ſem terem filho, nem filha, taõ cobiçoſos, edificando cazas, melhorando juros, comprando heranças, augmentando gados, como ſe foram immortaes: *Tanquam immortales concupiſcitis*: & naõ advertem os homens, que aſſim como os deſejos ſe inclinaõ para o fim, tal ha de ſer o fim, quaes foraõ os deſejos.

Eccleſiaſtes cap 11. n. 5.

Myſterioſamente o diſſe o Sabio: *Sicciderit lignũ ad Auſtrum, aut ad Aquilonem ..., ibi erit*. Chama arvore ao homem, & diz que a onde cahir na morte, ahi ha de ficar por toda a eternidade. E quereis ſaber a onde hade cahir cada hum? Attenda, & examine os ſeus deſejos. Serraõ huma arvore pelo tronco, & logo ſe deyxa ver para onde ha de inclinar, & para onde ha de cahir. Arvores de entendimento ſomos todos os filhos de Adaõ, plantadas em o jardim da Igreja! *Et erit tanquam lignum, quod plantatum eſt, &c.* os ramos deſtas arvores diz Saõ Bernardo que ſaõ os noſſos deſejos: *Rami noſtri deſideria noſtra*. Deſde que naſcemos até que eſpiramos, nos vay a continuaçaõ do tempo ſerrando pelo tronco: pois ſe queremos ſaber para que parte havemos de cahir, ſe ha de ſer no Ceo, ou ſe ha de ſer no inferno, attendamos para onde ſe inclinaõ os noſſos affectos, & para que parte pendem os noſſos deſejos; & ſe os traſemos retorcidos, ponhamos eſtes deſejos a caminho, para que vaõ buſcar a Deos, que he o ſeu centro, porque ſendo aſſim, naõ haverá em nós deſejo penoſo, nem eſperança moleſta: mas antes acharemos tal ſuavidade na noſſa eſperança, que o meſmo ſerá deſejar, que poſſuir, imitãdo hoje á Vir-

Pſal. 1. n. 3.

gem Santiſſima, cuja eſperanſa he delicioſa, & ſuave, porque deſeja o meſmo, que eſpera, & poſſue o meſmo, que deſeja: *Ecce paries, &c. Quaſi lilium germinabit. In flore ſuavitas.*

Para que ſejamos mais breves, paſſemos deſta flor para a raiz, para nella deſcobrirmos a firmeſa da eſperãſa. Goza hoje Maria a Deos nas ſuas puriſſimas entranhas, & cõ ſer iſto aſſim, he eſta ſua eſperãſa taõ firme, & eſte ſeu deſejo taõ permanente, que ſenaõ acaba com eſta poſſe. Oh lirio mil vezes ditoſo, que regado cõ aquelle rio de todas as graças, naõ ſó hoje reverdece, mas profũda mais as raizes, para fazer mais firmes, & ſeguras eſtas ſuas eſperãſas! Chamou S. Gregorio Niceno a Maria Santiſſima raiz de todo o noſſo goſto, & de toda a noſſa alegria: *Maria eſt radix noſtri gaudii*; & como he propriedade da raiz, q̃ quanto mais ſe vay profũdando na terra, tãto mais deſeja cõmunicarſe aos ramos, ſendo nós os ramos, a quem eſta raiz de toda a graça deſeja hoje communicar ao ſeu ſoberano frutto; por iſſo hoje experimentamos, que quando com mayor firmeſa chega a lograr eſte frutto, entaõ deſeja com mais anſia cõmunicallo, tãto aſſim, q̃ naõ teve eſta Senhora eſta ſua eſperãſa perfeytamente completa, em quanto naõ teve aquem cõmunicar eſta dita.

Div. Greg. Nic. tract. 2. de Reſur.

Com Deos no ventre caminhou a Senhora cõ preſſa para as montanhas de Judea a viſitar ſua prima Santa Iſabel, (que he taõ ardẽte a caridade de Maria, q̃ facilita todas as difficuldades a fim ſomẽte de ſoccorrer as noſſas tribulações) & conhecẽdo Iſabel por impulſo do Eſpirito Santo que Maria Santiſſima levava no ſeu puriſſimo ventre ao Verbo Divino encarnado, foy taõ exceſſivo o ſeu goſto, que reconhecendo ſe incapaz de taõ ſoberana viſita, rompeu neſtas ſeguintes palavras. *Et unde hoc mihi, &c.* Luc. 1 n. 43. E dõde mereci eu viſita taõ ſoberana, pois vejo hoje a Mãe

Mãe de Deos na minha caza? E pondo os olhos na Senhora, proſeguio deſta maneyra. *Et beata, quæ credidiſti, quoniam perficientur ea, quæ dicta ſunt tibi à Domino.* Sois bemaventurada Senhora, porque déſtes inteyro credito a todas as palavras, q̃ vos annunciou o Anjo; ao q̃ a Senhora reſpõdeu eſtas ſeguintes palavras: Vio Deos a humildade deſta ſua eſcrava obediente, & por iſſo me podem ja conhecer todas as gentes por bẽaventurada: *Quia reſpexit humilitatem ancillæ ſuæ, &c.* o Texto Grego commenta: *ex hoc nunc*, deſde agora, & Theofilato diz: *ex hoc tempore*, deſde eſte tempo, em que vos faço eſta viſita, me poſſo ja chamar bemavẽturada.

Ibid. n. 45.

Theoph. in 1. Luc.

Aqui entra agora o meu reparo. Se Iſabel diz que Maria Santiſſima he bemaventurada deſde o tempo, em que deu credito ao Anjo, quando lhe annunciou a Encarnaçaõ do Verbo. *Et beata quæ credidiſti*, como reſponde a Senhora q̃ ſó ſe acha por bemaventurada, & ditoſa deſde aquella hora, em q̃ Iſabel a hoſpeda em ſua caza: *Ex hoc tẽpore beatã me dicent?* Acha ſe Maria por mais ditoſa, & engraçada em caza de Iſabel, do que quando concebeu a Deos no vẽtre em ſua propria caza? Sim; & ſabeis porque? Eu o direy. Quando o Anjo annunciou á Senhora a Encarnaçaõ do Verbo, ſó a Senhora foy participante deſte goſto, porq̃ lhe deu o Anjo eſta embayxada, eſtando a Senhora ſó em huma camera recolhida; & ſuppoſto q̃ neſſa Encarnaçaõ do Verbo teve a Senhora toda a dita, cõ tudo, como neſſa occaſiaõ nẽ S. Joſeph, nẽ Sãta Iſabel forã participãtes deſte goſto, porq̃ naõ tiveraõ por entaõ alguma noticia do Myſterio, naõ tinha a Senhora por perfeyta, & completa eſta ſua felicidade, porq̃ ſó ella a gozava; porẽ vẽdo a Senhora q̃ ſua prima Sãta Iſabel por revelação do Ceo participava ja deſta noticia, então he que ſe julgou por ditoſa, então ſe teve por bemaventurada:

Ex

Ex hoc tempore beatam me dicent; porque como o que Maria mais deſejava, era cõmunicar a todos o goſto, q̃ poſſuhia, entaõ teve eſte goſto por perfeyto, & completo, quando o vio a Iſabel communicado.

Mas que muyto foſſe eſte goſto para a Senhora completo, vendo-o a Iſabel cõmunicado, ſe a Senhora naõ deſejava eſte myſterio para ſi ſó, mas para remedio dos homens? Por iſſo quando deu a reſpoſta ao Anjo, naõ lhe diſſe ſomente: *Fiat mihi*; obre ſe ẽſte myſterio para mim, mas accrecentou: *ſecundùm verbum tuum*, cujas palavras ſe referem a toda a embayxada do Anjo, como diſſe Chryſologo. E como o Anjo na embayxada naõ ſó manifeſtou a dignidade da Senhora, mas tambem deu a entender a conveniencia dos homens, deſejava a Senhora tanto a noſſa conveniencia, que ſe deſeja hoje ver ao ſeu Filho nacido, mais attende á noſſa utilidade, doque á ſua grandeſa. Deſeja communicar aos homens aquelle Deos, que goza em ſeu puriſſimo ventre. Eſtes ſaõ hoje todos os ſeus deſejos, para ſe conformar em tudo cõ a vontade de Deos, porque como Maria ſo ſabe amar, por iſſo ſo ſabe querer. Deſeja a Deos, & deſeja-o como Deos quer: *Secundùm verbum tuum*. Oh exemplo raro de Maria! Mas oh deſejo ſem exemplo! Todos deſejaõ a Deos, porem naõ querem a Deos do modo, q̃ Deos o deſeja. Deos quer communicarſe em dores, & alguns ſó o deſejaõ em regalos. Deos quer communicarſe em pobreſa, & alguns ſó o querem em abundancia. Todos querem a Deos, porem naõ como Deos quer. Porem Maria quer como ha de querer, deſeja, como ſe ha de deſejar, porque naõ quer Deos ao ſeu arbitrio, mas quer render o ſeu arbitrio humildemente a Deos: *Fiat mihi ſecundùm, &c.* para nos enſinar que ſó deſejou a Deos, como deve quem o deſeja ter, do meſmo modo, que Deos,

Chryſol. Serm. 144.

Deos ſe quer communicar.

Guiava Deos o ſeu Povo no deſerto com huma columna de luzes, naõ ſó para lhe encaminhar os paſſos, mas tambem para o livrar dos perigos: *Dominus autem præcedebat eos.... per diem in columna nubis, &c.* Porem mal contente eſſe Povo com eſta guia ſoberana, ſe começou a alvoroçar com tumultos, & alaridos, pedindo a Araõ em altas vozes que lhe fabricaſſe hũ Idolo, que foſſe a ſua guia em toda aquella jornada: * *Surge, fac nobis deos, qui nos præcedant.* Que deſacertado deſejo me parece o deſte Povo! Para que pedem eſſe Idolo? Se he para que os guie, já os guia Deos com o inſtrumento da nuvem, pois ſe vaõ guiados por Deos, para que deſejaõ outra guia? Se para eſſe fim, he ſuperflua. Se eſtes homens pediraõ a Araõ hum Deos para outros effeytos diverſos, tiveraõ alguma deſculpa, mas pedir hum Deos, que os guie, indo guiados por Deos, creyo q̃ naõ pode haver mais deſpropoſitado deſejo. Mais. E ja que procuraõ a Araõ outra guia, porque querem que eſſa guia ſeja Deos: * *Surge, fac nobis deos?* Eu o direy.

Exod. 13. n. 21.

Ibid. c. 32.

He verdade que guiava Deos ao Povo por meyo daquella nuvem, mas com tal diſpoſiçaõ, & ordem, q̃ em parando a nuvem, havia de parar o Povo, & em a nuvem ſe movendo, havia de ir o Povo caminhando. De ſorte que a nuvem naõ ſe ajuſtava ao arbitrio dos Hebreos, antes obrigava aos Hebreos a que ſe ajuſtaſſem ao ſeu arbitrio. Pois naõ nos ſerve eſſe Deos, (diz o Povo) hum Deos, que nos obriga a parar quando para, & nos obriga a andar quando caminha, naõ he Deos de noſſo goſto, porq̃ ſe naõ ajuſta com o noſſo deſejo. Queremos hum Deos, (dizem os Hebreos) que nós levemos, & naõ q̃ nos leve a nós, hum Deos, que pare quando nós pararmos, & que caminhe quando nós quizermos. Queriaõ tudo a ſeu

ſeu goſto, queriaõ que a guia foſſe Deos, mas que ſe ajuſtaſſe ao ſeu deſejo.

Bem penetrou Araõ o intento deſte Povo, porque lhe mandou fazer hum Deos fundido, *formavit opere fuſorio, & fecit ex eis vitulum conflatilem; dixeruntque: Hi ſunt dii tui Iſrael.* Notay. Para huma obra, que ſe funde, primeyro ſe faz o molde, deyta o artifice as linhas, prepara a materia, diſpõem a forma, mede a quantidade, & ordinariamente o fundido ſempre ſaye ſemelhante ao modelo: pois eſtes ſaõ os deoſes, que queriaõ, hum Deos, que ſiga as ſuas linhas, que ſe incline ás ſuas eleyções, & que ſiga os ſeus goſtos. O Deos, que vay na colũna, naõ he Deos do ſeu goſto, porque ſe naõ ajuſta ao ſeu arbitrio; porém o Deos fundido eſte ſim, eſte he o Deos do ſeu agrado, porque ſatisfaz aos ſeus deſejos. E naõ vem eſtes homens cegos que iſto he deſejar hum idolo, & naõ he deſejar a Deos; porque quem deſeja a Deos, naõ o deve levar, mas ſó o deve ſeguir. Deſte modo deſejaõ os homens a Deos, porq̃ querẽ a Deos á medida do ſeu. deſejo Porẽ Maria Santiſſima deſeja a Deos por muy differente modo, porque deſejando hoje ao meſmo Deos, que goza, he para em tudo ſe ajuſtar á võtade do meſmo Deos: *Fiat mihi ſecundùm verbũ tuum.* Imitemos pois todos hoje eſtes deſejos de Maria: *Florete flores, quaſi lilium*, ſe deſejamos todos que Deos ſe nos communique, ſeja reſignando-nos todos ao arbitrio de Deos.

Ibid. n. 4.

Saõ as creaturas inſtrumento da cauſa prima, que he Deos, & aſſim como o inſtrumento ſempre eſtá ſujeyto á diſpoſiçaõ do artifice, aſſim tambem a creatura, que he de Deos inſtrumento, deve eſtar obediente á determinaçaõ do ſeu Deos. Mas oh como ſe experimenta o contrario quando chega Deos a tocar eſte inſtrumento! Logo quebraõ as cordas do coraçaõ, logo deſaffinaõ as reſignações da vontade, logo deſanda a eſcaravelha da paciencia, & aſſim importa pouco que ſeja o tangedor taõ deſtro, ſendo o inſtrumento de ſua natureſa deſaffinado. Para evitarmos eſte erro dera eu hoje hum bom conſelho, & vem a ſer: que já que todos ſomos inſtrumento de Deos, naõ ſejamos inſtrumentos de cordas, mas que façamos muyto por ſer inſtrumento de teclas; quero dizer: que tenhamos as propriedades do orgam, & deyxemos as defectibilidades da harpa. Saõ a harpa, & orgam os inſtrumentos mais uſados na Igreja; porém ha entre elles huma bem conhecida differença, que a harpa he no ſofrer taõ melindroſa, que ſempre eſtá dando ſinaes de achacada; ſe ſe abayxou o bordaõ, ſe deſandou a eſcaravelha, ſe ſe humedeceu a corda, he neceſſario cada inſtante temperalla, porq̃ em qualquer couſa deſtas ſe moſtra pouco ſofrida. Porem o orgam naõ he aſſim: porque de huma vez, que ſe tempera, paſſam-ſe muytos tempos, que naõ ha de miſter affinado; naõ he neceſſario para o orgam mais que applicar as mãos para o tocar, todas as vezes que huma peſſoa quizer, ſempre eſtá temperado, & ſempre eſtá obediente.

O que ſuppoſto, ha humas almas no caminho da vîrtude, que ſendo inſtrumentos de Deos, tem huns as propriedades da harpa, & tem outros as propriedades do orgam; & por onde ſe conhecem eſtas ſuas propriedades? Sabeis por onde? Conhecẽ-ſe pela conſonancia das vozes, quando os toca Deos com as ſuas mãos. Aquelles q̃ ſe achaõ iguaes a qual quer toque de Deos, eſſes tem as propriedades do orgam, & aſſim moſtram que tem verdadeyro eſpirito. Vede o exemplo em Job. Pos Deos as ſuas maõs neſte orgam da paciencia, dandolhe hum toque nos gados: *Manus Dòmini tetigit me.* E qual ſeria a voz, que ſahio deſte inſtrumento, ou deſte orgam ao primeyro toque

Job 19. 21.

de

de Deos? O Texto o diz: *Dominus dedit Dominus abstulit;...: sit nomen Domini benedictum.* Deos o deu, Deos o tirou, louvado seja o mesmo Deos. Deu Deos segundo toque neste orgam, derribando-lhe cazas, matandolhe filhos, & com ser o toque mais rijo, sempre soou bem este orgam, porque se ouvia a mesma consonancia da voz: *Dominus dedit, Dominus abstulit, &c.* Tornou Deos a dar outra corrida neste orgam, porq o cubrio de lepra desde os pés até a cabeça, & naõ foy bastante esta corrida para desaffinar este orgam. Sempre deu o mesmo tom, ou o tocasse Deos de brando, ou o tangesse de rijo. Porém ha outras creaturas taõ achacadas no espirito, como as harpas no som, que cõ qualquer toque se mostraõ pouco sofridas; pois em lhes naõ succedendo bem as cousas, já desaffinam de tal sorte, que no seu mesmo enfado mostraõ o seu pouco sofrimento. Oh espiritos fracos, que custais a Deos mais cordas, do que valeis!

Ibid. c. 1. n. 21.

Pois se sois instrumentos de Deos, naõ sejais instrumẽtos de cordas, pelo muyto que lhe custais, sede instrumento com as propriedades do orgam. Assim o dizia a Deos Saõ Gregorio Naziãzeno: Senhor, eu sou vosso orgam: *Organum divinum ego sum:* & assim o devem dizer todos os que servem a Deos: haõ de ser como o instrumento do orgam, que todas as vezes, que o tocaõ, sempre se acha o mesmo. Assim os servos de Deos sempre haõ de estar obediẽtes ao que Deos lhes mandar, & sempre se haõ de mostrar sujeytos ao que Deos dispuser, ou seja para a vida, ou para a morte, para gloria, ou para pena, para abundancia, ou para pobreza, para saude, ou para infirmidade. Porque sendo deste modo, imitaremos o desejo de Maria, que deseja hoje a Deos, como Deos quer, para em tudo se conformar com a vontade de Deos: *Fiat mihi secundùm verbum tuum.*

Div. Greg. Nazian.

Divina

Divina Senhora, amorosa Mãe, & soberana Rainha, oyto dias faltaõ naõ mais para o logro dos vossos desejos, para a dita do Mundo, para a felicidade dos homẽs, para a legria do Ceo, & para gosto dos Anjos. Mas em quanto a verdadeyra Luz não saye a luz, & o Divino Sol de justiçá não amanhece nos vossos braços, pedi-lhe, Divina Aurora, por vosso amor, rogay-lhe por vossa misericordia, pois tão dentro de vós o tendes, nos conceda taes auxilios, que nos disponhamos como devemos, paraque naça em nossos coraçoẽs por graça, para q o vamos lograr por eternidades de Gloria. *Quam mihi, & vobis, &c.*

SER-

SERMAÕ

DE NOSSA SENHORA

DE GUADALUPE,

Prégado no Mosteyro da Esperança da Cidade de Ponta Delgada em 9 de Outubro de 1701.

Beatus venter, qui te portavit.
Luc. 11. n. 27.

GRande festa! Prodigioso assumpto! Mas limitado Orador para assumpto taõ prodigioso, & para festa taõ grande. Grande festa digo, porque para ser esta festa grande, basta ter por objecto a Maria Santissima, a quem se dedicaõ hoje estes applausos com o titulo de Guadalupe. Prodigioso assumpto, porque he taõ admiravel o principio, donde se originou esta festa, que naõ só merece o nome de

de grande, mas tambem o epitheto de prodigiosa. Narremos com brevidade o caso, para que se conheça assim a grandesa da festa, como o prodigioso do assumpto.

Governando a Cadeyra Pontificia o Papa Gregorio Magno o primeyro deste nome, se levantou em Roma huma gravissima peste com tanta perda dos moradores da Cidade, que quasi hia tirando a vida a todos os moradores. Tinha este Summo Pontifice no seu Oratorio huma Imagem da Senhora, & ordenando com ella huma muy devota, & solenne procissaõ, succedeu hũa cousa maravilhosa, & soy, que por todos os lugares, por onde a Imagem da Senhora hia passando, assim hia a peste com velocidade fugindo; & tanto que a procissaõ se acabou, se vio hum Anjo sobre o Palacio do Pontifice, o qual brandindo huma espada toda ensopada em sangue, a alimpou, & meteu na bainha em final de paz, & amisade. Confusos, & admirados todos os circunstantes com este estupẽdo favor, renderaõ as graças á Senhora como Autora daquella maravilha, cantandolhe aquella Antifona, de que usa a Igreja na Pascoa: *Regina Cæli lætare, Alleluia*; que deste successo he que teve esta Antifona o seu principio. Dalli em diante ficou rida esta milagrosa Imagem em tanta veneraçaõ de todos, que todos experimẽtavaõ nella hũ amparo muyto certo, & hũ patrocinio muy seguro.

Ex Hist. V.M. de Guadalup.

Porém vendo se o ditto Papa Gregorio obrigado dos grandes serviços, q̃ Saõ Leandro Arcibispo de Sevilha havia feyto a toda a Igreja, em remuneraçaõ destes serviços lhe enviou por prenda esta milagrosa Imagem. Esteve este celestial thesouro em Sevilha por todo aquelle tempo, em q̃ as cousas de Hespanha succediaõ prosperamente. Mas permittindo o Altissimo q̃ Hespanha por seus peccados fosse cattiva dos Mouros,

ros, fugindo alguns Sacerdotes à furia daquelles barbaros, levàraõ comsigo esta Imagem da Senhora; & retirando se cõ ella pelos bosques mais occultos, foraõ parar ao pé de huma altissima montanha, aonde nasce hũ caudaloso rio, que se chama *Guadalupe*, que val o mesmo que rio de Lobo; porque esta palavra *Guada* na lingua Arabiga he o mesmo que rio. Ou tambem se chama a este rio *Guadalupe*, tomado da lingua Franceza, porque *Guada* em Frances he o mesmo que multidaõ de agoas. Junto pois a este rio escondèraõ os Sacerdotes a Imagem da Senhora. E para q̃ em nenhum tempo viesse a dar nas mãos do inimigo, fizeraõ huma cova na terra, & em huma cappellinha occulta, & subterranea escondéraõ a Senhora, & juntamente hum papel, q̃ narrava todo o succesſo.

Depois de passados largos seculos, gozando outra vez Hespanha de sua antigua liberdade, se dignou a Rainha dos Anjos apparecer a hum pastor naquelle mesmo lugar, (cujo succesſo naõ relato por estar muytas vezes repetido) dizẽdolhe que cavassem naquelle sitio, porq̃ nelle achariam a sua milagrosa Imagem, em cuja veneraçaõ lhe fizessem alli mesmo huma cappella, em q̃ fosse venerada, daqual resultariam ao Mũdo todo felicidades sem cõto, & misericordias sem numero. Este foy o prodigioso succesſo, donde esta festa tomou o seu principio; porém querme parecer que o q̃ faz este succesſo mais prodigioso, he o estar ja muyto de antes por David profetizado. Ora ouvi.

Convida o Real Profeta no Psalmo trinta, & dous a todos os homens, para que louvem a Deos, & depois de referir a creaçaõ dos Ceos, & o ornato das estrellas, diz q̃ pos Deos os abysmos nos thesouros: *Ponens in thesauris abyſſos.* Porém Joaõ Soprano, & Sotomayor, expõdo estas palavras de David, dizem q̃ se haõ de entender estas

Psal. 32. n. 7.

estas palavras por inversaõ deste modo: *Ponens thesauros in abyſſis*, que pos Deos o seu thesouro nos abysmos. Supposta esta intelligencia, entra agora a minha duvida. Eq̃ thesouro será este, q̃ Deos depositou nos abysmos, ou que abysmos seraõ estes, em que Deos depositou este thesouro? E o que me faz ainda mayor duvida, he a grande desconveniencia, q̃ eu descubro entre thesouro, & abysmo. Porque esta palavra, *Theſouro*, propriamẽte falando, quer dizer a moeda escondida, & subterrada, aqual se achou depois de passados muytos tempos; ou tambem, impropriamente falando, podemos chamar thesouro a tudo aquillo, que guardamos, ou escõdemos na terra. Tudo isto quer dizer esta palavra *Theſouro*, como se póde ver no Vocabulario Ecclesiastico. E q̃ quer dizer esta palavra *abysmo*? Conforme S. Basilio Magno, abysmo quer dizer lugar de muytas agoas: *Abyſſus est multitudo aquarum.*

Joan. Sopr. in cap 21. lib 1. Reg

Basil. in Hom. 2. Hexaemer.

Isto assim supposto, difficulto agora assim. Se thesouro he só aquillo, q̃ se escondeu na terra, se abysmo he o mesmo q̃ lugar de muytas agoas, como diz David q̃ escondeu Deos o seu thesouro nas agoas, se o q̃ nas agoas se esconde, naõ póde ter o nome de thesouro? Se para haver de ser thesouro ha de estar na terra sepultado, como he possivel q̃ esteja nas agoas escondido? Cõfeço que me naõ atrevera a soltar a duvida, senaõ tivera ja narrado a historia. Notay. Chamou S. Joaõ Damasceno a Maria Santissima pelago de graças, & thesouro de santidade: *Maria est gratiarum pelagus, & ſanctitatis theſaurus.* E aonde escondèraõ os Sacerdotes de Sevilha este celestial Thesouro? Ja disse que o escondéraõ na terra ao pé de huma aspera montanha. Ainda pergunto mais. E debayxo desta montanha que he o que se descobria? Tambem ja disse q̃ se descobria o rio Guadalupe, q̃ na lingua Franceza quer dizer multidaõ de agoas.

Divi Joan. Dam. orat. 2. de Maria Nativit.

Logo ja aqui temos hũ theſouro, que eſtando na terra ſepultado, tambem eſtava nas agoas eſcondido. Aſſim he: pois ja agora bem clara fica a profecia de David. Previo David com eſpirito profetico que a Imagem de Maria em algum tempo ſe havia de eſconder na terra junto ao rio Guadalupe, q̃ quer dizer lugar de muytas agoas, & para que ſoubeſſemos que muyto de antes tinha ja profetizado eſte ſucceſſo, diſſe q̃ havia Deos de eſconder o ſeu theſouro nos abyſmos: *Ponens theſaurum in abyſſis.* Porque ſendo Maria Santiſſima eſte Theſouro: *Maria eſt ſanctitatis theſaurus*, & ſendo abyſmo o meſmo, que lugar de muytas agoas: *Abyſſus eſt multitudo aquarum*, quando viſſemos deſcuberto eſte Theſouro de Maria na terra junto a hum lugar de muytas agoas, rendeſſemos a Deos as graças, dizendo a altas vozes: *Impleta ſunt quæ concinit David fideli carmine.* Ja aqui achamos completo o que David Diſſe em eſpirito. Pois ſe eſte ſucceſſo eſtava ja muyto de antes por David profetizado, naõ he muyto q̃ ſeja taõ prodigioſo.

Ex Hymn ad Veſp. Dñcæ Paſſionis.

Temos propoſto o motivo deſta feſta. Peguemos agora do Evangelho do dia, para combinarmos a feſta com o Evangelho. Conſta o Evangelho preſente de hũ repetido louvor, que Marcella deu á Senhora na occaſiaõ, em que Chriſto obrou huma grande maravilha. E reparou Tertulliano q̃ naõ diſſe eſta mulher: Bendito ſeja o Pay, que te gerou; mas diſſe: Bendita ſeja a Mãe, que te pario: *Beatus venter, qui te portavit.* Pois porq̃ louva ſó a Mãe, podendo tambem louvar o Pay? Reſponde o meſmo Tertulliano que deu ſó à Mãe o louvor, porque do ventre da Mãe he que reſultaraõ a Chriſto todas as venturas, & todas as felicidades: *Quia felicitatem ab utero, & uberibus Matris ſuæ.* Agora pergunto eu. E que prerogativas logra o vẽtre puriſſimo de Maria,

Tertul. l. 4. adverſus Marcion.

Maria, para que diga Tertulliano que as felicidades de Chriſto todas lhe procederaõ do ventre, em q̃ andou clauſurado? Sabeis que prerogativas logra? He ſer ventre de Maria com o titulo de Guadalupe. Naõ me atrevera a dizello, ſe o naõ tivera dito primeyro S. Bernardo: *Non timeo dicere quòd in omnium gratiarum effluxu quandam jurisdictionem habuerit hæc Virgo.* Notem agora: *De cujus utero, quaſi de quodam Oceano rivi, & flumina emanabant omnium gratiarum.* Naõ podia o Santo mais dizer, nem eu para o meu intento podia mais deſejar. Naõ temo dizer (diz S. Bernardo) que nas correntes das graças, felicidades, & ditas teve Maria dominio, & juriſdicçaõ, porque do ſeu puriſſimo ventre, como de hum mar Oceano, correm caudaloſos rios de graças, que fertilizaõ todo o Mundo. Pois ſe do ventre de Maria correm tantos rios de graças, felicidades, & ditas, bem he que no dia, em que a feſtejamos com o titulo de rio, diga Marcella que o ventre da Senhora he bemaventurado: *Beatus vẽter, qui te portavit: De cujus utero, quaſi de quodam Oceano, rivi, & flumina emanabant omnium gratiarum.*

Div. Bern. Serm. 61. in fer. 4. poſt. Paſcha 1. c. 8.

E Se as meſmas agoas, que deſcobrimos na feſta, eſtaõ tambem ja deſcubertas no Evangelho do dia, quizera eu agora tambem deſcobrir o aſſumpto do Sermaõ na corrẽte deſtas agoas, ſem q̃ por iſſo foſſe o meu aſſumpto corrente. Aſſim cuydo q̃ ha de ſer, porq̃ a meſma Senhora, a quem hoje ſe dedicaõ eſtes applauſos, nos ha de abrir o caminho para deſcobrir os diſcurſos. E ſenaõ, vejaõ. Temos dito que a Senhora foy junto ás agoas deſcuberta, para ſer nellas exaltada. Agora pergũtára eu. E como foy a Senhora exaltada jũto ás agoas? A meſma Senhora o diz pela ſua propria bocca, *& quaſi platanus exaltata ſum juxta aquam.* Eu (diz a Senhora de Guadalupe) fuy

Eccl. 24. n. 19.

exaltada junto às agoas como platano. Pois como Platano he que ha de ser a Senhora exaltada junto às agoas? Sim. E isso porq, ou para que? Eu o direy. Notay.

Consta o Platano de folhas, & ramos, como cõstaõ as mais arvores; porém observou Hugo Cardial, Plinio, & outros muytos, que o Platano nos ramos, & nas folhas he muy differẽte das mais plantas: porque saõ as suas folhas taõ grandes, que cada huma dellas faz a fórma de hum escudo; assim o diz tambem o Alapide: *Platanus habet folia instar scutorum.* E saõ os seus ramos taõ compridos, que desamparaõ os ramos donde nascem, por espaços dilatados. Na extensaõ destes ramos mostra o Platano a liberalidade, cõ que a todos dà os braços. E em ter o Platano as folhas com semelhança de escudo, mostra q̃ serve a todos de defensa, & de amparo. Pois ja agora entendereis a razaõ, porq̃ a Senhora de Guadalupe diz que foy exaltada junto às agoas, como Platano, & *quasi platanus, &c.* Porque se o Platano faz das suas folhas escudos para defender dos rayos do Sol aos que se valem da sombra das suas folhas; assim tambem val tanto só a sombra deste Platano soberano, que detem como valeroso escudo as iras do Sol Divino. E se o Platano na extensaõ dos seus ramos mostra a generosidade, com que a todos convida; tambem a Senhora de Guadalupe quis ser exaltada junto às agoas como Platano, para mostrar a liberalidade, com que a todos favorece. Seraõ estes os dous discursos, de que cõstará o Sermaõ. E como a Senhora de Guadalupe foy a que nos deu para elles a materia, para os discorrer com acerto, nos naõ faltarà tambem com a graça.

Ave Maria.

Plin. lib. 12 Hug. Card. apud Vieg. in Apocal. c. 11.

Alap. in Eccles. 24.

Beatus vẽter, qui te portavit.
Cap. supra cit.

Muytos saõ os titulos, differentes as invocações

cações, com que a soberana Mãe de Deos se festeja em todo o Mũdo; porem comparadas todas estas invocaçoẽs, & titulos com o titulo de Guadalupe, parece q̃ ficaõ a perder de vista os demais titulos: porque sendo verdade Catholica, que a Senhora naõ pódet er augmento no seu ser, porque em ser Mãe de Deos teve o mayor augmento, a que podia chegar, vejo que diz a mesma Senhora que o titulo de Guadalupe a engrãdeceu, & que este titulo a exaltou, *& quasi platanus exaltata sum, &c.* E se o titulo de Guadalupe he para a Senhora de tanto agrado, que confeça ter nelle a sua exaltaçaõ, & augmento, bem se infere que entre todos os titulos da Senhora, naõ só he o titulo de Guadalupe o mais prodigioso, mas tambem he o mais soberano titulo. Mas sendo isto assim, eu vejo que naõ estima a Senhora tanto a exaltaçaõ deste titulo pelo que conduz para a sua mayor gloria, senaõ pelo q̃ pertence á nossa mayor conveniencia; & para mostrar que he assim, diz que foy exaltada como Platano junto ás agoas, para q̃ tomando nas agoas as propriedades do Platano, experimentem os homens na Senhora de Guadalupe estas mesmas propriedades.

A primeyra propriedade do Platano he ter as folhas á maneyra de escudo, paraque os rayos do Sol naõ façaõ a menor molestia aos que se ampararem da sua sombra: pois esta mesma propriedade tem Maria jũto ás agoas como Platano: porque basta só huma sombra de Maria jũto ás agoas, para fazer com Deos que suspenda logo as suas iras. Vejamos a prova, porque supposto que principiey pelas folhas, naõ quizera andar pela rama.

Vendo Deos as abominações, & idolatrias, que os filhos de Israel commettiaõ na Cidade de Jerusalem, determinou destruir naõ só a Cidade, mas tambem aos moradores della: *Ecce ego inducam super vos gladium,* *Ezech. cap. 6. n. 3.*

gladium, & disperdam excelsa vestra; & para demonstraçaõ deste castigo, q̃ pretendia executar, appareceu ao Profeta Ezequiel cõ taes instrumentos de justiça, q̃ bem mostravaõ o seu furor, & vingança; porque (como diz o Texto) vinha Deos em hũa ligeyra carroça toda cercada de fogo, rodeada toda de nuvens: *& nubes magna, & ignis involvens*; com cuja tremenda vista ficou Ezequiel taõ attonito, que cahio em terra desmayado: *& cecidi in faciem meam.*

Ezech. 1. n. 4.

Ibid. c. 3. n. 24.

Quem naõ dicera que a Cidade de Jerusalem brevemente se havia de assolar, vendo a Deos taõ empenhado em a destruir! Porèm eu vejo q̃ naõ succedeu assim; porque nem a Cidade experimentou o menor dano, nem os moradores della tiveraõ o menor castigo. Pois pergunto. Se Deos vinha para destruir a Cidade, & cõ taõ grande rigor, q̃ empenhou sua palavra, que lhe naõ havia de perdoar. *Et non parcet oculus meus super te, & non miserebor*; quem assim aplacou as suas iras, & rebateu as suas ameças? Sabeis quẽ? Respõde Alberto Magno. Aplacou Deos a sua justiça, porq̃ vinha sentado na carroça; & como a carroça, em q̃ Deos vinha sentado, era imagem de Maria, por intercessaõ de Maria he q̃ suspendeu Deos o castigo, & perdoou a todo o povo.

Ibid. c. 7. n. 4.

Está muy bem, porém eu dicera que, se Deos naõ assolou a Cidade, nem destruhio aos moradores, como tinha promettido, foy, naõ porq̃ a carroça era sométe imagem da Senhora, mas porque era imagem da Senhora cõ o titulo de Guadalupe. Que fosse a carroça imagem de Maria, ja o disse com Alberto Magno, & q̃ f. sse imagem de Maria com o titulo de Guadalupe, isso heyde eu dizer agora. Notay. Quando Deos appareceu a Ezequiel para destruir a Cidade, & juntamente aos moradores, naõ só appareceu na corroça, mas (como adverte o mesmo Texto) estava essa carroça junto do rio

Alb. Mag. in Bibliotheca Mariana.

Ezech. 1. rio Cobar, *juxta fluviũ Cobar aperti sunt cæli, & vidi visiones Dei.* E como a carroça junto ao rio era imagẽ da Senhora com o titulo de Guadalupe, o mesmo foy ver Deos huma Imagem de sua Mãe, a Senhora de Guadalupe, que suspender logo a sua ira Divina, & usar com os peccadores da sua misericordia. O mesmo foy ver Deos huma Imagem daquelle mystico Platano, que reprimir logo o seu furor soberano.

He verdade que vinha Deos todo cercado de fogo para demonstração do castigo: *& nubes magna, & ignis involvens*, mas tanto que este fogo Divino tocou nas agoas daquelle soberano Platano, *juxta fluvium*, com o escudo das suas folhas, ou com a corrente das suas agoas aplacou logo este fogo. Ah Catholico; & quantas vezes deyxamos de experimentar os castigos, q̃ merecẽ as nossas culpas, porque se metẽ de permeyo estas agoas de Maria. Deyxẽ-me introduzir aqui hũa historia humana, para della inferirmos hũa ponderação piedosa.

Era Alexandre Magno muy colerico, paraque tivesse em tudo as propriedades de generoso; & para poder evitar o seu furor, lhe ensinou a Filosofia hũ remedio, & foy, que se visse a hũ espelho na occasiaõ, em que estivesse furioso, paraque vendo representado no espelho o seu semblante irado, aplacasse o furor, por não deslustrar o seu aspecto. Não ha em Deos, nem póde haver desayre, que o affee, nem payxão, q̃ o perturbe, porque supposto na sagrada Escrittura se attribua a Deos ira, & vingança, não se hão de attribuir estes affectos em Deos, como sobresaltos de apayxonado, mas como demonstrações de Juiz recto; & indo neste mesmo sentido, em q̃ a Escrittura contempla a Deos como colerico, & irado, piedosamente podemos conjecturar que vendo se Deos, como em espelho, neste prodigioso

rio,

rio, ou neſte milagroſo Platano, obriga a Deos eſte eſpelho de Maria a que naõ execute em nós ſua vingança; o meſmo he verſe Deos neſtas cryſtallinas agoas, que por logo de parte as ſuas iras.

Agora entendo eu a razaõ, com que Ricardo de Saõ Lourenço chamou a Maria Santiſſima Rio de Deos, cheyo de agoas da graça: *Maria eſt flumen Dei, repletum aquis gratiæ.* E como as agoas deſte Rio alegrão a Cidade de Deos, como o cantou David: *Fluminis impetus lætificat civitatẽ Dei*, não he muyto que vẽdo-ſe Deos neſte Rio, como em cryſtallino eſpelho, converta o ſeu furor, & triſteſa em demonſtraçoẽs de alegria, deyxando de caſtigar as noſſas culpas, por ſe meterem d permeyo eſtas cryſtallinas agoas.

Richard a Sãcto Laur. lib. 9. pag. 516. Pſal. 45. n. 5.

Na verdade que quando a Senhora de Guadalupe não exercitaſſe com os homẽs mais que ſómente eſta acção de piedade, parece q eſta baſtava para affervorar nos homẽs a devoção deſta Senhora: porque, ſe o que os homens mais temem, ſaõ os caſtigos, que merecem os ſeus peccados, ſendo propriedade na Senhora de Guadalupe rebater eſtes caſtigos, motivo baſtante era, paraque todos nos moſtraſſemos ſeus devotos; mas como a noſſa tibieſa nos tem reſfriado tãto a devoção deſta Senhora, he neceſſario q vamos ſubindo de ponto, para ver ſe ſe augmenta em nós a devoção, & o eſpirito.

Muyto he que a protecçaõ da Senhora de Guadalupe ſeja taõ efficaz para com Deos, que obriga ao meſmo Deos a que ſuſpenda os caſtigos, tendoos já decretados; porém ſendo iſto muyto, ainda o que ſe ſegue he mais; porque he taõ poderoſa a protecção de Maria com o titulo de Guadalupe, que quem tem a protecção deſta Senhora, parece que he ſuperflua a protecçaõ do meſmo Deos. Subido he o penſamento, mas a prova o fará claro.

Fugi-

Fugitivos caminhavão os filhos de Iſrael para eſcapar das tyrannias do barbaro Faraó, o qual com hum exercito armado de tal ſorte os foy perſeguindo até dar com elles nas prayas do mar Vermelho. Vendo-ſe Moyſés com o ſeu Povo neſte taõ grande conflito, & que era impoſſivel humanamente poder eſcapar da morte; por quanto ſe viraſſe para tras, tinha os inimigos pelas coſtas, & ſequizeſſe fugir para diante, impediam-lhe as agoas do mar a paſſagem; diz o ſagrado Texto que neſte conflito recorreu Moyſés a fazer deprecaçoẽs a Deos, paraque lhe acodiſſe, & paraque o naõ deſamparaſſe: *Clamavit ad Dominum.*

Eu não reparo agora em que vendoſe Moyſés neſte tão grande aperto, trataſſe de implorar o auxilio Divino, no que faço o meu reparo, he na reſpoſta, que Deos deu ao ſeu amigo Moyſes; & que reſpoſta foy eſta? O meſmo Texto o diz: *Quid clamas ad me?*

Exod. 14. n. 15.

Moyſés, para que clamas por mim? Naõ ha duvida que he digna de admiraçaõ eſta reſpoſta de Deos. Se Moyſes ſe ve em taõ grande afflicçaõ, que por hum lado ſe ve cercado do mar, & por outro lado ſe ve perſeguido do inimigo, aquem com mayor confianſa devia invocar, ſenaõ a Deos, tendo o perigo taõ evidente, & o remedio taõ duvidoſo; pois ſe Moyſés andou prudente em chamar por Deos, que lhe acodiſſe, como diz Deos a Moyſes para que chama por elle: *Quid clamas ad me?* Sabeis porque? Eu o direy.

Verdade ſeja que era grande o perigo, em que Moyſés ſe achava, porem para ſe livrar deſte perigo taõ grande, nas ſuas mãos tinha Moyſés o remedio, porque tinha huma Imagẽ da Senhora de Guadalupe nas mãos. O meſmo Deos lho deu a entender aſſim: *Quid clamas ad me?... Tu autẽ eleva virgam tuam ... ſuper mare, & divide illud.* Moyſés, paraque clamas por

Ibid. n. 16.

mim?

mim? Toma eſſa vara, que tens nas mãos, toca com ella eſſas agoas, & logo ſe abrirá caminho, paraque poſſas paſſar com o teu Povo. Que aquella vara foſſe imagem da Senhora, claramente o diz Santo Ambroſio: *In veteri Teſtamento Virga Hebræorum per mare ducit exercitum. In novo Teſtamento virga Regis aulæ cæleſtis electa eſt ad ſalutem.* E q foſſe aquella vara imagem da Senhora com o titulo de Guadalupe, bem ſe infere, porque era huma vara junto ás agoas: *Tu autem eleva virgam tuam ... ſuper mare.* Pois já agora entendereis a razaõ, porque Deos diſſe a Moyſés que naõ chamaſſe por elle, nem procuraſſe a ſua protecçaõ, & patrocinio, pois taõ perto de ſi tinha o remedio. E foy como ſe dicera Deos a Moyſés. Moyſes, porque razaõ chamas por mim, & invocas o meu auxilio? *Quid clamas ad me?* Sei he pelo conflito, em que te ves, nas tuas mãos tens huma vara, que repreſenta a minha Mãe. Invoca pois a protecçaõ deſſa vara, mas com eſta condiçaõ, que has de pór eſſa vara junto ás agoas: *Tu autem eleva virgã tuam... ſuper mare.* Porque em ſe unindo a vara com as agoas, ou as agoas com a vara, em ſe ajuntando hũa Imagem de minha Mãe cõ o titulo de Guadalupe, de tal ſorte experimentarás hum patrocinio taõ ſeguro, que naõ neceſſitarás do meu amparo, & patrocinio.

Div. Amb. lib 1. epiſt. 7. ad Syriacum

E que ſendo taõ poderoſa, & efficáz a protecçaõ da Senhora de Guadalupe, deyxem os homẽs de ſe valer nos ſeus conflitos de protecçaõ taõ efficáz, & poderoſa! Oh como he indicio certo de pouca devoçaõ nos homẽs, pois tendo o remedio nas mãos, ou pelo menos á viſta, querem padecer por vontade os males, por ſe naõ valerem do remedio. Naõ ſeja da qui em diante aſſim. Buſquemos todos a ſombra daquelle myſtico Platano, porque com a protecçaõ da ſua ſombra eſcaparemos aos rigores da Divina Juſtiça. E como eſte Platano faz aſſiſtencia nas agoas, nos ſervirá tambem de eſpelho para emendarmos noſſas vidas. Eſtas ſaõ as ditas, & felicidades, que todos achaõ nas correntes deſte Rio, porque he para todos corrente: que já por eſſa razaõ, vendo Marcella que o ventre de Maria era hum mar de graças, donde manavaõ tantos rios de felicidades para o Mundo, diſſe que o ventre da Senhora era bem aventurado: *Beatus venter, &c. De cujus utero, &c.*

A ſegunda propriedade do Platano he, que de tal ſorte eſtende ao comprido os ſeus ramos, que parece que elle meſmo vay buſcando aquem offereça os braços. E ſe a Senhora de Guadalupe he Platano junto ás agoas, tambem lhe naõ póde faltar eſta meſma propriedade; aſſim he: porque he taõ ſingular eſte titulo da Senhora de Guadalupe, que naõ ſó excede aos demais titulos nos beneficios, & favores, que communica aos homẽs, mas tembem excede no modo, cõ que lhos cõmunica. E a razaõ diſto he: porque os favores, & beneficios, que os homẽs alcançaõ da Senhora debayxo de outro titulo, ſaõ favores, & beneficios pedidos, porẽ os beneficios, & favores, q a Senhora faz com o titulo de Guadalupe, ſaõ favores, & beneficios buſcados. Mais claro o direy. Quando a Senhora favorece aos homẽs debayxo de outro titulo, he porque os homẽs buſcão a Senhora para os remediar: porem a Senhora com o titulo de Guadalupe he a que buſca aos meſmos homẽs para os favorecer. Vejamos a prova ſẽ nos apartarmos do titulo.

Lançou Deos fóra do Parayſo a noſſo pay Adaõ, porque lhe naõ pareceu que era capaz de governar o Mundo todo quem ſe não ſoube governar a ſi meſmo. E para que Adão não tornaſſe a entrar no Parayſo, lhe pos á porta hum Querubim com huma eſpada de fogo: *& collocavit ante Paradyſum voluptatis Cherubim* Genes. 3. n. 24.

bim, & flammeum gladium. Porèm ſe nós attendermos ao que diz o meſmo Texto, acharemos que o prohibir Deos a Adão a entrada do Parayſo foy, para que não tornaſſe a comer do frutto da arvore da vida, *ad cuſtodiẽdam viam ligni Vitæ.* He certo que no Parayſo não ſó havia delicioſas fruytas, mas tambem havia hum rio de cryſtallinas agoas; pois ſe diz o Texto que Adão foy lançado fóra, para que não goſtaſſe da fruyta, porque não diz tambem que o lançou Deos fóra, para que não bebeſſe da agoa? Dirmehão que não prohibio Deos a Adão as agoas do Parayſo, por q̃ eſtas agoas, ainda que tinhão no Parayſo o nacimento, ſahião fóra do Parayſo, como o declara o meſmo Texto. *Et fluvius egrediebatur de loco voluptatis.* E ſe as agoas deſte rio ſahiaõ fóra do Parayſo, ſuperfluo ſeria o prohibir Deos a Adão eſtas agoas. Confeço que aſſim he; porém deſta verdade taõ certa nos naſce huma duvida muy clara, porque (como affirma Rabano) naõ faltavaõ agoas, & fontes por fóra do Parayſo, com que ſe regaſſe a terra, & com que ſe mitigaſſe a ſede: *Erant multi fontes per univerſam terrã loca, & regiones proprias irrigantes.* Pois ſe havia tanta abundancia de agoas por fóra do Parayſo, que naõ havia lugar, que naõ as tiveſſe, que neceſſidade havia, para que aquelle rio do Parayſo lançaſſe fóra as ſuas agoas? Sabeis que neceſſidade havia? Eu o direy.

Gen. 2. n. 10.

Rab. apud. Cat.

Aquelle rio do Parayſo, donde manavaõ aquellas agoas, era imagem da Senhora com o titulo de Guadalupe, aſſim o diz S. Boaventura: *Maria figurata fuit per fluvium, qui aſcendebat de terra.* Eſtavaõ Adaõ, & Heva deſterrados do Parayſo, que era a patria, aõde nacéraõ. Eſtavaõ impedidos com os grilhoẽs das ſuas culpas, para que naõ chegaſſem a goſtar da doçura daquellas agoas; & vendo Maria Santiſſima, repreſentada no rio, que Adaõ, & Heva naõ ſó padeciaõ hum deſterro, mas tambem hum cattiveyro, correu como impaciente por fóra do Parayſo, para que Adaõ, & Heva com a corrente daquellas agoas tiveſſem alivio nas correntes, em que os tinhaõ poſto as ſuas culpas. O meſmo foy ver a Senhora de Guadalupe a grande afflicçaõ, & aperto, que os noſſos primeyros paes padeciaõ no cattiveyro que para os favorecer, ella meſmo os foy buſcar. Mas ſe a Senhora de Guadalupe he Platano junto às agoas, naõ lhe podiaõ faltar as propriedades de Platano: porque, ſe o Platano eſtende tãto os ramos, q̃ pareceq̃ elle meſmo vay buſcar aquẽ offereça os braços, aſſim tãbẽ os ramos deſte Rio cryſtallino, ou deſte Platano ſoberano deyxã o ſeu proprio domicilio, paraq̃ a ninguem faltem cõ o remedio.

Divi. Bonav. lib. de laudib. V. M.

Aſſim o executou eſta Senhora lá no Parayſo do Mundo, quando repreſentada no rio foy buſcar Adaõ, & Heva, para os alleviar no cattiveyro; & aſſim o eſtá ainda hoje executando, naõ ſó com muytos cattivos, mas com todos os neceſſitados. Quantas vezes deyxando eſta Senhora o Ceo que goza, appareceu em Argel ſó a fim de livrar muytos cattivos das priſões, que padeciaõ; quantas vezes appareceu aos que naufragáram no mar, ſó a fim de lhes acodir? Quãtas vezes foy em buſca dos enfermos ás ſuas proprias camas, para que com a ſua viſita lograſſem huma ſaude muy perfeyta? Refiramos aqui hũ caſo por extẽſo, q̃ ſuppoſto naõ he o mais prodigioſo, he para o noſſo intẽto o mais accõmodado.

No Moſteyro de noſſa Senhora da Conceyçaõ de Talavera eſteve huma Religioſa por eſpaço de dous annos muy gravemente enferma; & no fim deſta prolixa infirmidade lhe ſobreveyo huma poſtema á garganta, que lhe naõ deyxava pronunciar huma ſó palavra. Vẽdo-ſe neſte conflito, já deſconfiada dos Medicos, porque

Ex Hiſt. V. M. de Guad.

porque nenhuns remedios humanos lhe valiaõ; eſtando huma noyte quaſi exhalando a alma, ouvio huma voz que lhe dizia: Levãtate, naõ temas. A eſta voz abrio a enferma os olhos, & diviſando hũa grande luz, & claridade, perguntou: Quem me manda levantar? & ouvio que lhe diziaó: Sãta Maria de Guadalupe. Apenas acabou de perceber eſta taõ ſonora voz, quando logo de repente ſe achou com tanta ſaude, & forſas, que levantando-ſe da cama, foy ao Coro a render a Deos as graças, deyxando confuſos, & admirados, aſſim os Medicos, que a curavaõ, como a todos os mais, que lhe aſſiſtiaõ.

Mas paraque vamos buſcar milagres a convẽtos taõ remotos, ſe neſte religioſo Cõvento os achamos muy ſemelhãtes. Proponho o ſucceſſo, porq eſtá juridicamẽte authenticado. No anno de mil & ſeis cẽtos & ſettẽta & dous enfermou gravemẽte neſte religioſo Moſteyro hũa Religioſa, q ainda hoje nelle exiſte; & ſẽdo viſitada por muytas vezes dos tres Medicos, q entaõ tinha eſta Cidade, vẽdo eſtes q nada aproveytavaõ as medicinas, & q álem diſto, tinha ſobrevindo á enferma hũa chaga na garganta, q lhe impedia a fala, determináraõ todos ſe lhe deſſẽ os Sacramentos com preſſa, porq ſẽdo iſto ás tres horas da tarde, affirmavaõ os ditos Medicos q naõ chegaria á noyte com vida. Aſſim ſe fez logo, como elles o determináraõ; & depois de recebido o Viatico, em quãto os Religioſos foraõ buſcar a Uncçaõ, diſſe a enferma no modo q pode, q lhe troúxeſſẽ alli á cama a Senhora de Guadalupe. E como eſta petiçaõ naõ pareceſſe ás Religioſas cõveniẽte, por ſer a Imagem muyto grande, como alli a eſtamos vẽdo; conſoláraõ a enferma com dizerlhe que lhe levariaõ o manto, como com effeyto lho leváraõ; porẽ replicando a ditta enferma, q naõ queria o mãto, mas q queria a Senhora, lhe fizeraõ a vontade, como a doente; & levãdolha á cama, o meſmo foy abraçarſe a enferma cõ a Senhora, ou a Senhora abraçar a ſua enferma, q ficar de repente com a ſaude perfeyta de tal ſorte, que chegando neſte tempo os Religioſos, para lhe darem a Uncçaõ, a acháraõ ſentada ſobre a cama, dizendo com voz muy clara q ja eſtava com ſaude, & q nada ſentia na garganta; & q de amor de Deos pedia á ſua Abbadeſſa a deyxaſſe levãtar da cama, para ir acompanhar a Senhora até a porta; & como nem os Religioſos, nem a Prelada o conſentiſſem, obedeceu promptamẽte: porem logo no dia ſeguinte ſe levantou da ſua cama, & ſe foy para o coro a render as graças á Senhora em huma Miſſa cantada, que lhe mãdou dizer em acçaõ de graças, aſſiſtindo dalli em diante a todas as acçoẽs da ſua Communidade com huma perfeyta ſaude.

Chama-ſe Franciſca do Livramẽto.

Eu naõ reparo agora em que a Senhora de Guadalupe obre eſtas maravilhas, ſó reparo no modo, com q as obras porq vejo q para dar ſaude aos enfermos, ella meſma os vay buſcar, & lhe offerece os braços. Mas aſſim havia de ſer, para podermos verificar q a Senhora de Guadalupe tẽ as propriedades do Platano: porq ſe o Platano eſtende cõ generoſidade os ramos, para haver de amparar, bem he que eſta Senhora eſtenda com liberalidade os braços, quando quer favorecer. Eſta he a prerogativa, & ſingularidade do titulo de Guadalupe, q ſe a Senhora debayxo de outro titulo favorece aquẽ a buſca, a Senhora com o titulo de Guadalupe buſca aquem favoreça; que bem o diſſe Santo Antonino: *Virgo pulcherrima non ſolum curam habet de electis ratione utentibus, ut procuret aquam gratiarum; ſed etiam de peccatoribus, ut animalibus rationalibus non petentibus curam habet, & aquam gratiarum procurat.* Eſta ſingularidade (diz Santo Antonino de Florença) tem a Senhora de Guadalupe

Divi. Antonin. p. 4. tit. 15.

dalupe, q̃ naõ ſó communica as agoas de ſuas graças aos juſtos, q̃ as procuraõ, mas tãbem as communica aos peccadores, q̃ as naõ pedẽ.

Bem patente faz ao Mũdo todas eſtas maravilhas aquelle grandioſo Tẽplo, q̃ ſe levãtou em Toledo á Senhora de Guadalupe, Caza na Religiaõ celebre, na mageſtade grande, no edificio peregrina, nos milagres famoſa, no concurſo da gente memoravel, & no ornato taõ regia, q̃ ſó na Cappella da Senhora ardem cõtinuamente ſettenta alampadas de prata, aonde entraõ algũas de ouro. Alli pois neſte magnifico Tẽplo em qualquer parte, q̃ ponhais os olhos, achareis infinitas prẽdas para teſtemunhas dos favores, q̃ o Mundo tem recebido do quanto o poderoſo braço deſta Senhora tẽ obrado; porq̃ alli reconhecem os enfermos ſaude, os peregrinos remedio, os cattivos liberdade, os mortos vida. Venturoſa caza, q̃ tal bem goza! Precioſa mina, que tal riqueſa encerra! Ditoſas paredes, em q̃ tal gloria ſe deſcobre! Magnifico Tẽplo, em q̃ taes grandeſas ſe exercitaõ! Caudalcõſo Rio, q̃ taes miſericordias derrama! Clariſſimo Ceo, em q̃ aſſiſte tal Lua! Riquiſſimas montanhas, em q̃ tal Sol naſce! Que eſpalhando por todo o Mundo os ſeus rayos, experimenta o Mũdo todo a liberalidade dos ſeus beneficios, & com tãta generoſidade, & abundãcia, q̃ naõ tendo a liberalidade Divina termo, porq̃ he infinita a ſua liberalidade, moſtra Deos q̃ eſtima tanto a ſua Mãe a Senhora de Guadalupe, q̃ nos dà a entender que a mais ſe extende a liberalidade da Senhora com o titulo de Guadalupe, q̃ a liberalidade do meſmo Deo. Vejamos a prova, & naõ nos apartemos do titulo.

Aquelle Contemplador das Viſoẽs do Ceo, o Evangeliſta Saõ Joaõ, diz no ſeu Apocalypſe que vio diante do throno da Divina Mageſtade hũ rio, cujas agoas eraõ taõ claras, que pareciaõ hum cryſtal. *Et oſtendit mihi fluvium aquæ vitæ, ſplendidum tanquam cryſtallum, procedentem de ſede Dei.* Apoc. 22.

Façamos aqui ponto, & vamos buſcar o principio da creaçaõ do Mundo. Lá no principio do Mundo creou Deos no Parayſo terreal hũ rio, o qual correndo daquelle ameno lugar, diz a Eſcrittura ſagrada q̃ ſe dividia em quatro rios com taõ grande abundancia, que regavaõ toda a redondeſa da terra. *Et fluvius egrediebatur ..., qui inde dividitur in quatuor capita.* Iſto aſſim ſuppoſto, cõbinemos agora aquelle rio, q̃ Saõ Joaõ vio no Ceo, cõ eſte rio, que Deos creou no Parayſo. Gen. 2. n. 10.

Se o rio, q̃ Saõ Joaõ vio no Ceo, era hum ſó indiviſo, porq̃ o rio do Parayſo, ſendo hum, ha de ſer multiplicado? Ainda fica mais forſoſa eſta duvida, ſe advertirmos que o Parayſo, q̃ Deos creou na terra, foy huma imagem, & ſemelhança do Parayſo do Ceo. Pois ſe por eſte original do Ceo ſe tirou aquella copia na terra, porque ſe naõ ha de parecer a copia com o ſeu original, porque o rio do Parayſo do Ceo ha de ſer ſó hum, & o rio do Parayſo da terra, ſendo hum ſó, ſe ha de dividar em muytos? *Et fluvius egrediebatur ..., qui inde dividitur in quatuor capita.*

Vejamos nós o que repreſenta hum, & outro rio, & logo alcãçaremos o myſterio. O rio, que Saõ Joaõ vio no Parayſo do Ceo, repreſentava a Bemaventurãça eterna, aonde ſe cifraõ todos os beneficios, & liberalidades de Deos; aſſim o expõem a Gloſa. *Et oſtendit mihi fluvium, id eſt, æternam Beatitudinem.* Gloſ. hic.

O rio, q̃ Deos creou no Parayſo da terra, repreſentava os favores, & liberalidades de Maria Saatiſſima; aſſim o diz Jacob Monaco ſobre eſte Texto: *In te, virgo Maria, abundantius exundant perennis gaudii fluminua, terramque totã in orbem gyrantia inexhauſ tam reſtagnant gratiam.* Jacob Mon. orat. de Nativ. Mariæ.

Ehe taõ grande a liberalidade da Senhora com o titulo de Guadalupe, que ſendo a li-

beralidade de Deos infinita, he repreſentada em hum ſó rio. *Et oſtendit mihi fluvium*: porém a liberalidade de Maria com o titulo de Guadalupe he repreſentada em quatro rios: *Et fluvius egrediebatur...., qui inde dividitur in quatuor capita.*

Com tantas graças, & com tantos dões foy enriquecida a Senhora de Guadalupe do ſeu precioſo Filho, que ninguem ha, que careça do favor deſta Senhora; porque as agoas de ſua graça com tal abundancia fecundaõ, & fertilizaõ toda a terra, que por mais que corraõ eſtes rios de graças, & de favores por todo o Mundo, nunca ſe poderão eſgottar eſtas graças, nem eſtes favores: *Terramque totam in orbē gyrantia inexhauſtam reſtagnant gratiam.* E ſe o ventre da Senhora he o mar, donde naſcem tantos rios, naõ he muyto que no dia, em que a feſtejamos com o titulo de rio, diga Marcella que o ventre da Senhora he bemaventurado: *Beatus venter, &c. De cujus utero, &c.*

E ſe a Senhora de Guadalupe favorece a todos cõ tanta liberalidade, cõ quanta mayor razaõ favorecerà a quem com tanto applauſo, & grandeſa a feſteja todos os annos? Boas novas vos trago, ó devotas deſta Senhora, ſabey que hoje renova a Senhora de Guadalupe para com voſco os beneficios, porque hoje repetis para com ella os agradecimentos.

Diz o Eſpirito Santo que os rios correm para o mar, donde ſahiraõ, para tornarem a ſair deſſe mar, aonde entràraõ: *Ad locum, unde exeunt flumina, revertuntur, ut iterum fluant.* Eu naõ reparo agora nas palavras deſte Texto, mas reparo na explicaçaõ, com que Ricardo de Saõ Lourenço expõem eſtas palavras; porque diz que devemos dar continuas graças a Maria Santiſſima pela liberalidade, com que a todos favorece; *Eccleſiaſtes* 1. n. 7.

rece; porque nunca ceſſa a Senhora de favorecer a todos: *Nunquam debemus à gratiarum actione ceſſare; quia Maria nunquam ceſſat nobis benefacere.* Agora nas palavras, que ſe ſeguem, he que eſtá o meu reparo: *Ad locum, unde exeunt flumina, revertuntur, ut iterum fluāt.* Que nunca devemos ceſſar de agradecer à Senhora os ſeus favores, para que tornem os rios para o lugar, donde ſahiraõ; & repitaõ o ſair do lugar aonde entràraõ: iſto he o que eu naõ entendo. E que connexaõ, ou ſemelhança tem os rios, que correm para o mar para tornar a ſair, com as continuas graças, que devemos dar à Senhora pelos beneficios, que continuamẽte nos faz? Se chama rios aos perennes beneficios, que ſahẽ do immenſo mar de Maria, como he poſſivel que eſtes favores, que a Senhora nos faz, tornem para eſte meſmo mar, ſe naõ ha em nós capacidade para lhe fazer favores? Sabeis como tornaõ a entrar no mar de Maria eſtes favores? He quando lhe damos humildes agradecimẽtos. Eu me explico. Supponhamos que recebeſtes daquelle immenſo mar de Maria hum rio de favores: eſte rio de ſua natureſa pede correr para eſte mar, para tornar a ſair. Pois ſabey que, para que eſtes rios de favores, que de huma vez recebeſtes do immenſo mar de Matia, tornem a ſair duplicados, he neceſſario que corraõ outra vez eſtes favores como rios em perpetuos agradecimentos; porq entaõ o rio de favor, que entra naquelle mar de Maria, com o agradecimento torna a ſair daquelle mar, como beneficio. Iſto foy o que quiz dizer Ricardo de Saõ Lourenço: *Nunquam debemus à gratiarum actione ceſſare, ut ad locum, unde exeunt flumina, revertantur, & iterum fluant.* Pois ſe os rios de graças, & de favores entaõ ſahem do immenſo mar de Maria duplicados, quando ſe renovaõ nos ſeus devotos os agradecimentos; renovando-lhe vós hoje cõ eſta

Rich. à Sãct. Laur. ubi ſup.

esta solenne festa humildes agradecimentos, bem podeis esperar desta Senhora duplicados beneficios.

Mas como tenho dito que a liberalidade desta Senhora he para todos; todos devemos esperar com confiansa nesta sua liberalidade; q já por esta razaõ diz a Senhora que he Platano jũto da agoa: *Quasi platanus exaltata sum juxta aquam.* Porq se a agoa (como disse Claudiano) a toda a fórma se accõmoda: *Aqua se accommodat omni formæ*: a Senhora de Guadalupe a toda a creatura favorece. Accõmoda-se a agoa a toda a fórma; porque a agoa (como diz Santo Epifanio) nas arvores faz planta, nas flores frutto, nas vides vinho, nos espinhos branca, nas rosas vermelha, nos jacinthos encarnada; & finalmente em todas as cousas se faz tudo; porque se accõmoda ao genio de todas as cousas. Pois esta mesma propriedade, que descobrimos na agoa, descobrimos tambem por modo mais eminente na Senhora de Guadalupe; assim o diz Saõ Bernardo: *Maria omnibus omnia facta est.* He a Senhora de Guadalupe todas as cousas para todos, porq todas as cousas, de que podeis necessitar, cõ todas vos póde esta Senhora acodir. Se tendes sede, he rio: *Maria est flumen Dei.* Se padeceis fome, he frutto: *Fructus meus fructus honoris.* Se experimentais pobresa, he thesouro: *Maria est sanctitatis thesaurus.* Se vos sentis frios, he Sol: *Electa ut Sol.* Se vos vedes tristes, he alegria: *Mœstis consolatio.* Se receais as culpas, he perdaõ: *Peccatoribus venia.* Se temeis os inimigos, he Castello: *Terribilis ut castrorum acies ordinata.* Se padeceis naufragio, he porto seguro: *Tempestate jactatis portus.* Finalmente he a Senhora de Guadalupe tudo para todos: *Omnibus omnia facta est*; porque he Platano junto da agoa, que a todos os genios se accommoda: *Aqua se accommodat omni formæ.* Acolhey-vos pois a este porto, amparay-vos com este Castello, conseguireis este perdaõ, procurai esta alegria, aquentay-vos neste Sol, enriquecey-vos com este thesouro, regalay-vos com este frutto, lauay-vos neste Rio; para que purificados todos nas correntes agoas de Maria, vos ponhais todos correntes nesse caminho da Gloria. *aQum mihi, & vobis, &c.*

Div. Epiph. hæres. 74.

Dix. Bern. Serm. insign. magn.

Rich. ubi supr.

Div. Joan. Dam. ubi sup.

Div. Anselm. in Psalt. Virg.

Div. Joan. Dam. orat. 1. de dormit. virg.

SERMAÕ

DE NOSSA SENHORA

DO PILAR,

PREGADO

No Convento da Esperança da Cidade de Ponta Delgada Com circunstancias de que a Abbadessa do ditto Cõvento havia feyto de novo hum altar, no qual pos a Senhora do Pilar, a quem fazia a festa, & entrando neste dia no ditto Convento hũa Aya da caza do Excellentissimo Conde da Ribeyra em 3. de Julho de 1701.

Extollens vocem quædam mulier de turba dixit illi: Beatus venter, qui te portavit. Luc. 11. n. 27.

Quem nos havia de dizer que havia-mos de ver hoje na realidade o que lá antiguamente vio Jacob na representaçaõ. Fugitivo caminhava o Patriarca Jacob para escapar ás traições de seu irmão Esaù, & como he certo que quem caminha fugitivo, necessariamente se ha de achar cansado, para poder descansar se deytou Jacob a dormir. *Cumque vellet requiescere,.... dormivit in eodem loco.* Mas, como Deos nunca falta em favorecer aquem o busca, neste sono experimentou Jacob taõ grãdes favores de Deos, que para agradecer a Deos estes favores, lhe fez logo naquelle lugar hum voto em memoria, & final do seu agradecimento. *Vovit etiam votum.* E que voto seria este, que Jacob nesta occasiaõ fez a Deos? O mesmo Texto o diz. *Vovit etiam votum, dicens....: erit mihi Dominus in Deum*; que fez Jacob hũ voto de ter a Deos por seu Deos.

Gen. 28. n. 11.

Ibid. n. 20.

Na verdade que me parece superfluo este voto de Jacob, porque o voto (como diz Santo Thomás) para ser conveniente, & opportuno, naõ ha de ser de cousa, a q̃ cu esteja obrigado; mas só deve ser de cousa, que naõ me obriga por preceyto: pois se he obrigaçaõ precisa ter Jacob a Deos, por seu Deos como faz Jacob hũ voto do q̃ he sua obrigaçaõ? *Quomodo* (pergũta Sãto Thomás) *vovet illud, ad quod tenebatur?* Div. Thom. hic.

Resp onde o mesmo Doutor Angelico que este voto de Jacob naõ foy na realidade voto; mas que pretendeu Jacob sómente em final de agradecido cõsagrar alli a Deos hum especial, & religioso culto, ao qual d'antes naõ estava obrigado: *Per hoc intendit Jacob aliquem specialem, & superrogativum cultum Dei, ad quod prius non tenebatur.* E foy o caso, que quiz Jacob com huma demonstraçaõ religiosa agradecer a Deos os favores passados, & assegurar os beneficios futuros; & para dar a conhecer a todos esta religiosa acçaõ, instituhio naquelle lugar hũa festa com hum novo culto, & levantou juntamente hum Altar com hum novo titulo. E q̃ titulo seria o deste Altar, a quem Jacob consagrou esta nova festa? Do mesmo Texto se colhe que o Altar, que levantou Jacob de novo, foy com o titulo do Pilar, porq̃ diz o mesmo Texto que

que tomou Jacob huma pedra,& que a levãtou por titulo *Surgens ergo Jacob manè, tulit lapidem..., & erexit in titulum.*

Gen. 28. n. 18.

Que eſta palavra *titulũ* ſeja o meſmo que Altar, he commum na Eſcrittura: & ſuppoſto q̃ a pedra no ſentir de Santo Thomas ſeja figura de Chriſto,eu dicera, naõ com leve fundamento, que tambem aquella pedra era Imagem da Senhora; porque do meſmo modo, que Jacob a vio repreſentada na eſcada, ſe lhe figurou tambem depois ſymbolizada na pedra: o meſmo Jacob o deu a entender aſſim, dizendo que aquella pedra ſe havia de intitular caza de Deos: *Et lapis iſte vocabitur domus Dei:* & he certo que naõ houve caza para Deos de mayor goſto,do que Maria Santiſſima. Logo ſe aquella pedra, que Jacob levantou em forma de Pilar, repreſentava a Senhora, bẽ ſe infere que á Senhora do Pilar dedicou Jacob aquella feſta, & tributou aquelle culto, levantandolhe hum Altar com hum novo titulo: *Erexit Jacob lapidem in titulum. Et lapis iſte vocabitur domus Dei. Per hoc intendit Jacob aliquem ſuperrogativum cultum Dei, ad quod prius non tenebatur.*

Ibid n. 22.

Iſto que ſuccedeu a Jacob em figura no caminho de Bethel, ſuccede hoje na realidade no Moſteyro da Eſperanſa. E ſenaõ, vejaõ. Jacob para ſe moſtrar agradecido aos favores do Ceo, levãtou hum altar de novo em Bethel, no qual feſtejou a Senhora com o titulo do Pilar: *Et lapis iſte, quem erexit in titulum, vocabitur domus Dei.* Hoje tambem vemos no Moſteyro da Eſperanſa hum Altar, que ſe levantou de novo com o titulo do Pilar, aquem ſe dedica hoje eſte grandioſo culto em ſinal de hum perpetuo agradecimento. O ſujeyto, q̃ levantou de novo aquelle Altar em Bethel, foy o Patriarca Jacob; o ſujeyto, que neſta Igreja levantou de novo aquelle magnifico Altar, ſe naõ he Jacob no nome, he muy parecido cõ

Ubi ſup.

Jacob

Jacob na ſignificaçaõ: porque ſe Jacob (como diz Laureto) ſignifica hum ſujeyto religioſo, & juntamente Prelado,ambas eſtas prerogativas aſſiſtem no ſujeyto,que levantou aquelle Altar com novo titulo. O lugar,aonde Jacob levantou aquelle Altar de novo, foy no campo de Bethel, & ſe nós bem advertirmos no q̃ ſignifica Bethel,acharemos que Bethel val o meſmo q̃ caza de Deos, aonde aſſiſtẽ os Anjos; aſſim o affirma Laureto: *Bethel, id eſt, domus Dei, ubi habitant Angeli.* E ſendo iſto aſſim, naõ parecerá violento, ſe differmos que Bethel repreſenta hum Moſteyro, aonde aſſiſtem tantos eſpiritos Angelicos louvando a Deos de continuo, como em ſua propria caza. E ainda ſe póde dizer que Bethel repreſenta hum Moſteyro com o titulo da Eſperanſa,porque Bethel foy o lugar, aonde Deos deu a Jacob hũa eſperanſa muy certa de que havia de ter huma larga deſcendencia. *Eritque ſemen tuum ſicut pulvis terræ.* Logo ſe em Bethel, por ſer imagem de hum Moſteyro da Eſperanſa, ſe levantou hum Altar de novo,no qual ſe fez feſta à Senhora com o titulo do Pilar, acertado foy tambem que neſte religioſo Moſteyro da Eſperãſa ſe erigiſſe de novo hum Altar, no qual ſe fizeſſe à Senhora do Pilar a meſma feſta. Oh ditoſo Moſteyro da Eſperanſa, que todas as tuas celebridades tem myſterio,porque todas ſaõ feytas com muy grande fundamento!

Laur. verb. Jacob.

Laur. verb. Beth.

Só parece que falta neſte lugar hũa circunſtancia, a qual cõcorre tambem hoje neſta feſta; porém eu creyo que naõ falta,porque no meſmo lugar a acharemos incluſa. A circunſtancia, q̃ hoje occorre demais neſta feſta, he o deſpoſorio eſpiritual de huma alma, q̃ com amoroſa anſia ſe vem hoje offerecer a Deos por eſpoſa. E que no meſmo dia, em que o Pilar ſe feſteja, dé eſta creatura a Deos a maõ de eſpoſa, bem poderá

ſer

ſer a caſo, mas naõ deyxa de ter o ſeu myſterio, & o myſterio he; porq aſſim como naquella primeyra feſta, q Jacob fez à Senhora do Pilar no moſteyro de Bethel, que era ſymbolo da Eſperança; concorreu alli em figura hum deſpoſorio eſpiritual, que foy o deſpoſorio do Verbo com a natureſa humana, (como affirmam todos os Padres da Igreja) juſto era que, para que eſte lugar vieſſe em tudo adequado, concorreſſe tambem hoje neſta feſta outro eſpiritual deſpoſorio.

Temos propoſto as circunſtancias da feſta. Peguemos agora do Evangelho do dia, para combinarmos a feſta com o Evangelho. Lançou Chriſto Senhor noſſo do corpo de hum miſeravel homem hum eſpirito infernal; & ſendo eſte prodigio taõ mal avaliado dos homens, ſo hũa mulher ſe reſolveu a levantar ſua voz para acclamar eſte prodigio. *Ex tollens vocem quædam mulier.* Mas cuydando que eſtas acclamações foſſem dirigidas a Chriſto, por ſer elle o que obrou o milagre, vejo que eſta religioſa mulher toda ſe emprega nos louvores da Senhora, dizendo que ſo de tal Mãe podia naſcer tal Filho: *Beatus venter, qui te portavit, &c.* Pois ſe Chriſto foy o que obrou o milagre, como louva Marcella a Mãe pelo milagre do Filho? Sabeis porque? Reſponde Guerrico Abbade: Porque louvava eſta mulher a Senhora cõ o titulo do Pilar, & quando a Senhora ſe applaude com eſte titulo, á Senhora ſe devem attribuir os applauſos, porque do ventre do Pilar reſultáraõ ao Filho eſſes creditos. Que bem o diſſe Guerrico Abbade: *Si petra Chriſtus, (ut ait Apoſtolus) non degenerat à Matre Filius, quãdo ipſa nomine petræ cenſetur.* Nem eſte Douto para o intento podia mais dizer, nem eu podia mais deſejar. Se Chriſto he pedra, (como o diſſe o Apoſtolo) naõ degenera o Filho da Mãe, quando eſſa Mãe ſe feſteja com o titulo do Pilar,

Guer. Abb. 1. Cor. 10.

Pilar, ou com o meſmo nome de pedra. Pois ſe o Filho por ter o nome de pedra, naõ degenera de ſua Mãe, quando tem o meſmo nome, bem he q louve Marcella a Mãe, que gerou a taõ bom Filho: *Beatus venter, &c.*

Reſta agora que do meſmo Evangelho do dia deſentranhemos o aſſumpto para prégar neſta hora. Tres prodigios, ou tres milagres diz o veneravel Beda que obrou Chriſto Senhor noſſo com aquelle miſeravel homem, de que fala o Evangelho, por cuja cauſa rompeu Marcella em louvores da Senhora, dizendo: *Beatus venter, &c.* Porque primeyramente reſtituhio áquelle homem a viſta, recuperoulhe a fala, & eſtando eſte homem cattivo do demonio, o pos em ſua perfeyta liberdade. *Tria ergo ſigna ſimul in uno homine perpetrata ſunt; cæcus videt, mutus loquitur, poſſeſſus á dæmone liberatur.* O homem era hũ ſó, porem foraõ muytos os milagres, que Chriſto obrou com hum ſó homem. *Tria ergo ſigna ſimul in uno homine.* E ſe a Senhora do Pilar, como fica dito, he muy parecida com o ſeu Filho, & o Filho cõ ſua Mãe: *Non degenerat á Matre Filius, quando ipſa nomine petræ cenſetur;* vremos tambem hoje como a Senhora do Pilar obra multiplicados milagres com cada hum dos peccadores; porque primeyramente reſtitue aos peccadores a ſaude, dilatalhes a vida, & para os meter de poſſe da Gloria, lhes alcança tambem a graça. Deſta neceſſito eu muyto para proſeguir eſtes diſcurſos cõ acerto. Para apodermos alcançar, metamos a Senhora por noſſa medianeyra, obrigandoa para iſſo com a oraçaõ Angelica.

Ave Maria.

Extollens vocem, &c.

Beda his.

EM muytas imagẽs ſe retrata Maria Santiſſima na ſagrada Eſcrittura; porque vejo q a Eſcrittura ſagrada

ſagrada chama a Maria Sol, Lua, Aurora, Eſtrella, Ovelha, Cordeyra, Paſtora, Baculo, Vide, Oliveyra, Palma, & Pedra. E ſe nós bem advertirmos, acharemos que nenhum deſtes titulos, ou imagens he para utilidade ſua, mas que todos ſe dirigem, & encaminhaõ á noſſa propria utilidade. Primeyramente he Maria Sol, porque naceu para todos, para bons, & para maos; aos bons para os favorecer, & aos maos para os alumiar. He Maria Lua, porq deſterra a noyte da culpa a todo aquelle, que com devoçaõ a invoca. He Maria Aurora, porque por meyo deſta amoroſa Mãe ſe nos cõmunicou o dia da graça. He Eſtrella do Norte, porque no tempeſtuoſo mar deſte Mundo, ſó sẽdo guiados pelo Norte de Maria, podemos chegar ſeguros a eſſe porto da Gloria. He Maria Ovelha ſem mancha, porque com maternal affecto a todos nos dá o alimento. He innocente Cordeyra, para ſe offerecer por noſſos peccados em ſacrificio. He fermoſa Paſtora, porque nos guarda o ſeu cuydado. He firme Baculo, porque nos ſerve de arrimo. He abundante Vide, porq nos deu o ſeu frutto. He coroada Oliveyra, porque nos dá ſeu luzimento. He victoriosa Palma, porque nos alcança o triunfo. E por coroa de tudo he Maria Pedra; porque naõ contente o ſeu amor com tantos titulos, & imagens para ſe nos communicar, ſe faz tãbem imagem de pedra para nos ſofrer.

Suppoſto pois que Maria Santiſſima ſe retrata hoje em hum Pilar de pedra, deſejára eu ſaber que conveniencia tem os homẽs na pedra deſte Pilar? Sabeis q conveniencia tem? He ſer aquelle Pilar hum univerſal refugio para todos os peccadores; aſſim o deu a entẽder o Real Profeta David no Pſalmo cento & tres: *Petra refugium herinaciis.* Dis David que tambem os ouriços tem o ſeu refugio na pedra: pelos ouriços entende Pſal. 103. 18.

Divꝰ Aug. in Gloſſ. Rich. à Sãct. Laur. l. 8. de laud. Virg. tende Santo Auguſtinho a os peccadores, & pela pedra entende Ricardo de S. Lourenço a Maria: *Collocat in petra, id eſt, in Maria, refugium ſuum.* Suppoſta pois eſta intelligencia, ſoy como ſe dicera David: He o Pilar da Senhora, ou a Senhora do Pilar de tanta utilidade, & conveniencia para todos, que naõ ſó os juſtos, mas tambem os peccadores tem no Pilar o ſeu remedio, porque para todos lhes ſerve o Pilar de refugio: *Petra refugium herinacus. Collocat in petra, id eſt, in Maria, refugium ſuum.* E ſe todos tem refugio naquelle Pilar de Maria, naõ he muyto que obre aquelle Pilar tantas maravilhas com todos. A primeyra maravilha, ou oprimeyro prodigio, que eu hoje deſcubro naquelle Pilar milagroſo, he o reſtituir a ſaude aos enfermos; porque o meſmo he recorrerem os enfermos ao refugio do Pilar, q alcançarem logo a ſaude, que pretendem conſeguir. Notem a prova, q me parece vem adequada.

Relata o Evangeliſta Saõ Lucas aquelle eſtupendo milagre, que obrou o Apoſtolo S. Pedro no Templo de Jeruſalem, & refere o caſo deſte modo. Havia em Jeruſalem hum pobre homem, taõ manco, & aleyjado deſde o ſeu nacimento, que para poder moverſe, era neceſſario que o trouxeſſem nos braços. Deſte modo o trafiaõ todos os dias, & o punhaõ na porta do Templo, à qual chamavaõ a porta Eſpecioſa: *Et quidam vir, qui erat claudus ex utero matris ſuæ, bajulabatur: quem ponebant quotidie ad portam templi, quæ dicitur Specioſa.* Actor 3. n. 3.

Eu naõ reparo agora em que eſte aleyjado ſe levantaſſe ſaõ de repente por mãdado do Apoſtolo; o meu reparo eſtá em que havendo tantas portas no Templo de Jeruſalem, como conſta da Eſcrittura, nas quaes podiaõ pór a eſte enfermo, ſó o puzeſſem na porta Eſpecioſa, & ſó neſta porta alcançaſſe eſte enfermo a ſaude. Se me differem

que

que eſte enfermo ſó podia alcançar a ſaude na porta Eſpecioſa, porque eſta porta era imagem da Senhora, como o diz a Gloſſa moral: *Gloſſ. mor. ad c. 3. Actor* *Porta Specioſa hujus templi eſt Virgo Maria*; contra iſſo eſtá, que ſendo Maria porta do Ceo, como lhe canta a Igreja: *Felix Cæli porta*; & repreſentando aquelle Têplo de Jeruſalem na terra aquelle meſmo Templo, que Saõ Joaõ vio no Ceo, qualquer das portas daquelle Templo podia repreſentar a Senhora. Pois ſe cada hũa daquellas portas era imagem de Maria, porque ſó haõ de levar eſte enfermo à porta Eſpecioſa, & porque ſó neſta porta ha de alcançar eſte enfermo a ſaude?

Eu o direy. He verdade que cada huma das portas daquelle Templo, por ſer imagem do Ceo, era tambem imagem da Senhora, porém a porta Eſpecioſa era imagem da Senhora com o titulo do Pilar: que a porta Eſpecioſa foſſe imagem da Senhora, ja fica dito com o noſſo Nicolao de Lyra: *Porta Specioſa hujus templi eſt Virgo Maria*; & que foſſe imagem da Senhora com o titulo do Pilar, iſſo heyde eu agora dizer. Notay. Eſta differença havia entre a porta Eſpecioſa, & as demais portas do Templo, que as demais portas ficavaõ contiguas cõ a terra, porém a porta Eſpecioſa ficava levantada no alto; as demais portas eſtribavaõ-ſe no chaõ, porem a porta Eſpecioſa eſtribava ſe ſobre pilares de pedra. Ah ſim! Pois ſe a porta Eſpecioſa, porque ſe eſtriba, & ſuſtenta ſobre pilares de pedra, he imagem da Senhora poſta ſobre o ſeu Pilar, naõ ſe ponha o enfermo em alguma das outras portas, mas ſó na porta Eſpecioſa ſe ponha, para que ſe veja que ſó batendo o enfermo a eſta porta, poderà conſeguir huma ſaude muy perfeyta.

Eu naõ duvido que em qualquer das outras portas alcançaria eſte enfermo a ſaude, porque todas eſſas portas repreſentavaõ a Senhora; porém alcáçar o enfermo

fermo a ſaude ſó na porta Eſpecioſa, que era imagem do Pilar, foy, para que ſe viſſe que he taõ ſingular, & taõ unica a Imagem da Senhora com o titulo do Pilar, que havendo naquelle Templo tantas imagens da Senhora, a quem podia recorrer eſte enfermo, todas eſſas imagens deyxou, valendo-ſe ſómente da Imagem do Pilar, por ſer unica entre todas.

Eſte enfermo, ou aleyjado, que nas portas do Pilar alcançou de repente a ſaude, diſſe o Cardial Vital que repreſentava todo o genero humano tolhido, & aleyjado com a infirmidade das culpas: *Hæc eſt porta templi, ad quam genus humanum originali tranſgreſſione cludicans anhelat.* *Card. Vit. tit. de duodecim portis.* E que podendo ſarar todos os homens das ſuas infirmidades, ſe bateſſem por meyo da devoçaõ áquella Eſpecioſa porta, ſe deyxem aſſim andar mancos, & aleyjados, tropeçando cada dia, & cada hora em o caminho dos vicios, naõ póde haver mayor cegueyra, nem infirmidade mayor! Se queres pois, Catholico, ſarar das tuas infirmidades, recorre com devoçaõ áquelle Pilar de Maria, que para ſer refugio de peccadores ſe pos naquelle Pilar: *Petra refugiũ hermaciis*; moſtrando-ſe naquelle Pilar de pedra com tanta benignidade, que lhe naõ impedem os noſſos agravos a que deyxe de nos communicar ſeus beneficios; mas antes quando retratada naquella pedra, ſe ſẽte dos homens mais aggravada, entaõ ſe moſtra para com os homens mais benefica.

Na occaſiaõ, em que o Povo de Iſrael caminhava pelo deſerto, diz a ſagrada Eſcrittura que ſe moſtrou o Ceo taõ milagroſo, que fazendo das pedras fontes, encheu todo o deſerto de cryſtallinas agoas; & como ſenaõ baſtaſſe hum ſó milagre, para que aquelle Povo mitigaſſe a ſua ſede, em duas pedras multiplicou o Ceo os prodigios: na pedra de Oreb, & na pedra de Cadés;

porém noto eu que, ſendo dous os milagres, que alli aconteceraõ, foy muyto differente o modo, com que eſtes milagres ſe obráraõ; porq para a pedra de Oreb ſe deſentranhar em agoas, mãdou Deos a Moyſés que a feriſſe: *Percuties petram*; porém á pedra de Cadés mandou ſó que lhe falaſſe. *Loquimini ad petram.*

Num. 20. n. 8.

Pergunto aqui de paſſagem. Se para a pedra de Cadés ſe deſátranhar em agoas, baſtaõ as vozes da bocca *Loquimini*, como para a pedra de Oreb ſaõ neceſſarios os golpes da vara: *Percuties*? Sabeis porque? Porque a pedra de Oreb era imagẽ de Chriſto; aſſim o affirma Saõ Paulo. *Petra autem erat Chriſtus.* Porém a pedra do deſerto de Cadés era imagem de Maria: *Maria eſt illa Petra deſerti*: & he a Senhora do Pilar taõ prompta em nos fazer beneficios, que ſe para Chriſto nos favorecer, he neceſſario que o obriguemos com obras, para Maria nos patrocinar, baſta que a invoquemos com palavras.

1. ad Cor. c. 10. n. 4. Div. Joan. Dam.

Porem naõ he eſte o meu principal reparo; o meu reparo eſtá em que mandando Deos a Moyſés que falaſſe áquella pedra: *Loquimini ad petram*, obrou Moyſés tanto ao contrario, que em vez de lhe falar, tratou ſó de a ferir: *Percutiens virga bis ſilicem*: & que reſultou da qui? Sabeis o que? Que devendo deſfazerſe aquella pedra em rayos para ſatiſfaçaõ do aggravo, deſatouſe em cryſtaes de agoa para remedio do Povo. Mas que muyto foſſe aſſim, ſe aquella pedra (como já diſſe) era imagem de Maria: *Maria eſt illa Petra deſerti.* E he taõ benigna a Senhora do Pilar, que quando mais offẽdida, entaõ ſe moſtra mais milagroſa. Que importa (diz aquella ſoberana Senhora) que os homẽs me offendaõ, ſe neceſſitaõ de mim eſſes homẽs; primeyro eſtá a ſua utilidade, do que a minha veneraçaõ, porque nunca deyxarey de os favorecer, ainda na occaſiaõ, em que me cheguem a aggravar.

Num. 20. n. 11.

O' Catholicos, pois ſe tendes

tendes o refugio taõ certo naquelle Pilar milagroſo, recorrey todos com devoçaõ áquelle milagroſo Pilar. Naõ vos ſirvaõ as culpas de embaraço, porque ſempre alli achareis hum patrocinio muy ſeguro: ſe vós conſiderais pobres, & mendigos dos bens eſpirituaes, batey com devoçaõ áquella porta, que logo alcançareis os bens da graça: ſe vós achais mancos, & aleyjados no caminho das boas obras, ponde-vos com devoçaõ, & ternura naquella porta Eſpecioſa, q logo vos achareis fortificados, & logo caminhareis deſimpedidos, pois he certo q obrãdo aquelle Pilar tantos prodigios, o mais commum entre elles he reſtituir a ſaude a todos os neceſſitados, parecẽdo-ſe niſto muyto a Senhora do Pilar com o ſeu amado Filho, que vendo taõ neceſſitado aquelle homẽ, de que fala o Evangelho, lhe remediou naõ ſó a ſaude do corpo, mas tambem a ſaude da alma, por cuja cauſa rompeu Marcella em louvores da Senhora: *Beatus venter, qui te portavit. Non degenerat a Matre Filius, quando ipſa nomine petræ cenſetur.*

A ſegunda conveniencia, & utilidade, que todos temos naquelle Pilar da Senhora, he ſer a Senhora do Pilar o remedio da noſſa vida; porque naõ ſó ſerve aquelle Pilar de refugio aos enfermos, mas tambem ſerve de amparo aos moribundos, naõ ſó ſerve de refugio para alcançarmos huma ſaude perfeyta, mas tambem nos ſerve de amparo, para conſeguirmos huma vida muy dilatada. Vamos continuando com os lugares do Pilar.

Goſtoſo vivia Abrahaõ com ſeu filho Iſaac por ſer unica prenda do ſeu amor, que como foy filho taõ deſejado, naõ podia deyxar de ſer muy querido. Porém como os amigos de Deos naõ ſe provaõ nas bonanças, mas ſó nas adverſidades ſe provaõ, mandou Deos a Abrahaõ que lhe ſacrificaſſe eſte filho na emi-

nencia de hum monte. Duro golpe para hum pay taõ amante! Mas só assim se podia examinar o valor de hũ filho obediente. Obedeceu Abrahaõ sem replica, pondo-se logo ao caminho com seu filho para o lugar determinado, & diz o sagrado Texto que depois de tres dias de jornada, levantando Abrahaõ os olhos, vio de longe o lugar do sacrificio: *Genes 22. n. 4* *Die autem tertio, elevatis oculis, vidit locum procul:* & voltãdo para os criados, que levava, lhes disse estas palavras: Esperay aqui em quanto eu subo áquelle monte cõ o meu filho Isaac a fazermos oraçaõ, & brevemente eu, & elle seremos outra ves com vosco: *Ibid. & 5.* *Expectate hîc cũ asino ego, & puer illuc usque properantes, postquam adoraverimus, revertemur ad vos.*

Em duas cousas reparo neste succesſo: a primeyra he, como podia Abrahaõ conhecer o lugar do sacrificio, se esse lugar lhe ficava taõ desviado? *Vidit locum procul.* Teria a caso alguma revelaçaõ do Ceo? Naõ cõsta que ativesse: pois donde teve essa noticia, sendo taõ dilatada a distancia? Responde o douto Abulense q̃ divisou Abrahaõ hum final na eminencia do monte, & que por este final veyo no conhecimento de que naquelle monte havia de sacrificar o seu filho: *Forte aliquod signum accepit in cacumine montis.* *Abul. hic* Está muyto bem. Porém agora se me offerece mayor duvida, & he o segũdo reparo. Se esse final, que Abrahaõ vio no monte, foy para conhecer melhor o sitio, aonde havia de entregar o filho á morte, como certifica aos seus criados de que o filho ha de descer do monte com vida: *Expectate hîc: ego, & puer revertemur ad vos?* Leva Abrahaõ o filho sentenciado a morrer, & em vendo o final no monte, diz que o filho ha de tornar: *ego, & puer revertemur?* Sim, & quereis saber a razaõ porque? Foy, porque esse final, que Abrahaõ vio, era huma columna de resplandecente fogo;

fogo; assim o affirmam os Rabbinos: *Hebræi dicunt fuisse columnam ignis in cacumine collis.* E como aquella columna, que Abrahaõ vio no alto daquelle monte, no sentir de André Cesariense era imagem de Maria posta no alto do seu Pilar, o mesmo foy ver Abrahaõ que tinha em seu favor huma imagem do Pilar, que certificarse logo de que o filho naõ havia de morrer. *Andr. Cæsar. Serm. de Assump.*

Em quanto Abrahaõ naõ divisou aquelle Pilar, ou columna, naõ assegurou a vida ao filho; porém tanto que a vio, tanto que a divisou, ficou taõ certo de que o filho havia de voltar com vida, que logo publicou a os seus criados esta taõ alegre nova: *Vidit locũ procul -- Forte signum accepit: -- Hebræi narrant fuisse columnã ignis:* agora André Cesariense: *Maria est sustentaculũ, & columna firmissima vitæ spiritualis, & corporalis.*

Agora entendo eu a razaõ, ou motivo, porque o Bispo Almeyrense chamou áquella soberana Senhora pedra angular, que vai o mesmo que pedra do canto: *Maria est lapis angularis, pariens lapidem angularem;* & a razaõ a meu ver foy: porque se nós bem repararmos no officio, que faz hũa pedra do canto, acharemos q̃ o officio desta pedra he unir huma parede com outra, & de tal sorte as une, que em faltando o amparo desta pedra, logo a parede se arruina. Consiste a nossa vida na uniaõ da alma, & corpo, como de duas paredes unidas em hum sujeyto, de tal maneyra, que em faltando a uniaõ destas paredes humanas, he forsa que falte a vida. Pois saybaõ os homens que he Maria pedra do canto, porque por virtude da uniaõ desta pedra conservaõ os homens a vidas, & escapaõ da ruina da morte. Oh soberana Senhora, que cousa haverá, que vos naõ devaõ os peccadores, quando até a propria vida vos devem! Pois como columna firmissima, & como pedra angular, naõ só lhes cõservais a vida do corpo, mas *Almeyr. fol. 565. col. 2.*

tãbem a vida da alma: *Maria eſt lapis angularis, & columna firmiſſima vitæ ſpiritualis, & corporalis.*

Todas eſtas utilidades,& todas eſtas conveniencias experimentaõ os peccadores naquella ſoberana Imagem do Pilar;porque he taõ poderoſa aquella Imagem ſoberana, & de taõ grande valor o ſeu patrocinio, que ſe equivóca de tal ſorte o patrocinio, & protecçaõ do Pilar com a protecçaõ do meſmo Deos, que ſe naõ póde diſtinguir, ſe he Deos o que nos favorece, ou ſe he a Senhora do Pilar a q̃ nos patrocina. Temos hum bom lugar para prova.

Taõ cego por obſtinado, & taõ obſtinado por ambicioſo vivia o barbaro Faraó, que enviandolhe Deos por embayxador a Moyſés, paraque naó perſeguiſſe, nem avexaſſe aoPovo de Iſrael,recebeu Faraó eſte embayxador com tal obſtinaçaõ, & ſoberania, que deſconhecẽdo o poder do meſmo Deos, ſó ſe eſtribava no ſeu proprio poder: *Quis eſt* *Exod. 5. n. 2.* *Dominus, ut audiam vocem ejus, & dimittam Iſrael?* Taõ cega huma ambiçaõ,que chega auſurpar ao meſmo Deos a Divindade! Pois naõ fazendo Faraó nenhum caſo do que Moyſés da parte de Deos lhe dizia, nem dos prodigios, & milagres, que na ſua preſença obrava, começou a perſeguir ao Povo de Iſrael, perſuadindo-ſe q̃ nem ainda o meſmo Deos poderia livrar eſſe Povo do ſeu valeroſo braço. Porèm noto eu que a poucos paſſos andados, diz a ſagrada Eſcritura que Faraó ſe vio taõ medroſo, que elle meſmo perſuadio aos ſeus que ſe puzeſſem em fugida,porque eſtava vendo a olhos viſtos que o meſmo Deos pelejava pela parte dos contrarios: *Fugiamus Iſraelem: Dominus enim pugnat pro eis contra nos.* *Exod. 14. n. 25.*

Ja aqui temos o reparo entre as mãos. Se Faraó até-gora naõ conhecia a Deos, como homem que tinha o coraçaõ taõ obſtinado, como ja agora ſe confeça taõ rendido? Niſto veyo a parar o ſeu valor? Que prodigios vio Faraó de novo,paraque largue a peleja,& ſe ponha em fugida? Elle meſmo o confeça por ſua propria bocca; diz que vio a Deos poſto em campo defendendo o exercito contrario: *Fugiamus Iſraelem: Dominus enim pugnat pro eis.* Pois eu cuydo que ſe enganou Faraó com o que vio, porque (como diz o Texto) naõ foy Deos, mas foy hum Anjo o que lhe appareceu: *Tollens que ſe Angelus Dei,..., abiit poſt eos.* Pois ſe foy hũ Anjo o que lhe appareceu na batalha, como affirma Faraó que o meſmo Deos lhe faz a guerra? Sabeis porque? Porque lhe appareceu eſſe Anjo com huma columna de nuvem nos braços: *& cum eo pariter columna nubis.* E diſſe o Cardial Caetano que eram taõ grandes as luzes,que ſahiaõ da columna, que com ellas ficavaõ os Egypcios cegos, & os Hebreos alumiados: *Ex illa colũna ſenſibilis actio emanabat; alióquin non diceret: Fugiamus Iſraelem, quia Deus pugnat pro eis.* Bem eſtá; mas ainda nos fica a duvida, porque ſe eſſa columna de nuvem he a que favorecia aos Hebreos com ſuas luzes, como affirma Faraó que Deos he o que os favorece: *Dominus enim pugnat pro eis?*

Ibid. n. 19. *Ibid.* *Caet. ſup. hoc. Cap.*

Eu o direy. Notay. Aquella columna de nuvem, que o Anjo levava nos braços, daqual procediaõ tantos reſplandores, & luzes, diſſe Santo Epifanio que repreſentava a Senhora do Pilar, aqual foy levada nos braços dos meſmos Anjos em huma columna de jaſpe á Cidade de Saragoſa, para communicar as luzes da Fé naquella ditoſa Cidade: *Ave gratiâ plena, nubis colũnæ ſimilis, quæ Deum habes, qui populum deduxit per deſertum.* E he taõ poderoſa a protecçaõ da Senhora com o titulo do Pilar,que o meſmo he ſer defendido por Deos, do que ſer patrocinado por aquella ſoberana Senhora. He verdade que a columna he a que favorecia aos Hebreos: *Ex illa colũna* *Dio. Epiph. de Laud. Mar.*

ſenſibilis actio emanabat : porém como eſſa columna era imagem do Pilar: *Ave gratiâ plena, nubis columnæ ſimilis*, anda taõ equivocada a protecçaõ do Pilar com a protecçaõ do meſmo Deos, que ſendo huma imagem do Pilar a que favorecia aos Hebreos, parecia a Faraò q̃ era o meſmo Deos o que os favorecia: *Dominus enim pugnat pro eis.*

Porém ſẽ do iſto muyto, eu ainda quizera ſubir eſte lugar mais de ponto. Muyto he que a protecçaõ da Senhora do Pilar ſeja taõ grande, que ſe equivoque com a protecçaõ do meſmo Deos. Porém naõ he iſto o mais, o mais he, que ſendo Deos todo poderoſo, que naõ neceſſita de ninguem, ſe valha do patrocinio do Pilar, para deſtruir ſeus inimigos, quando o chegaõ a offender.

No meſmo lugar temos a prova. Fugitivos caminhavaõ os filhos de Iſrael, para ſe livrarem das tyrannias do barbaro Faraò; porẽm vendo Deos afflicto o ſeu Povo com taõ crueis tyrannias, tomou por ſua conta a vingança, deſtruindo de tal ſorte aos inimigos, que nem hum ſó ficou com vida: *Interfecit exercitum eorum.* Eu naõ me admiro de que Deos favoreceſſe aos ſeus amigos com tirar a vida aos contrarios; porque como fizeraõ pouco caſo das admoeſtaçoẽs de Deos; juſto era que pagaſſem com apropria vida a ſua obſtinaçaõ, & cegueyra; o que me admira, he o meyo, q̃ Deos buſcou para deſtruir eſtes inimigos do ſeu nome: porq̃ vejo que diz a ſagrada Eſcrittura que para eſte miniſterio ſe valeu Deos da meſma columna, que guiava aquelle Povo. *Per colũnam ignis, & nubis, interfecit exercitum eorum.* Pois faltava em Deos poder, para que os deſtruiſſe, & ainda os aniquilaſſe? Naõ por certo; porque he Deos todo poderoſo, & aſſim como no principio do Mundo fez tudo ſem adjutorio, aſſim neſta occaſiaõ, ſe quizeſſes, em adjutorio de alguem os poderia *Exod. 14. v. 24.*

ria deſtruir, & aniquilar. Pois ſe Deos o podia fazer porſi ſó, como uſa da protecçaõ da colũna para deſtruir a os contrarios, & favorecer aos amigos? Arazaõ eſtá bem clara; foy, porq̃ aquella columna (como ja diſſe) era huma imagem do Pilar: *Ave gratiâ plena, nubis colũnæ ſimilis.* E para Deos dar a entender quaõ grande he o patrocinio de Maria naquelle Pilar ſoberano, ſe valeu o meſmo Deos do patrocinio do Pilar, para favorecer aos amigos, & deſtruir aos contrarios: *Per columnam ignis, & nubis, interfecit exercitum eorum.*

Cuydava eu atégora q̃ ſó os homens tinhaõ o ſeu refugio na Senhora do Pilar, porém ja agora vejo q̃ até ao meſmo Deos ſerve aquelle Pilar de refugio, pois podendo deſtruir por ſi ſó aos inimigos, recorreu áquelle Pilar de Maria, como valendo-ſe do patrocinio do Pilar para os poder deſtruir. E ſe o patrocinio da Senhora do Pilar he taõ grande, que até o meſmo Deos ſe vale deſte taõ grande patrocinio, bem poderá eſte patrocinio mais ſubir, porém eu confeço q̃ o naõ ſey melhor encarecer. Só concluirey com Marcella, repetindo as palavras do meu thema: *Beatus venter, &c.*

Reſtava agora moſtrar como aquelle Pilar milagroſo nos communica as luzes da graça, para nos meter de poſſe da Gloria, mas como prometti q̃ naõ havia de ſer dilatado; para dar ſatisfaçaõ á promeſſa, em duas palavras lhe deſcobrirey a prova. Porque ſe temos dito que aquella columna de nuvem, que com ſuas luzes guiava aos Hebreos, era imagem do Pilar, com as luzes deſſe Pilar, ou columna, he que ſe guiava o Povo para a terra de Promiſſaõ, a qual era imagem da Gloria, para que acabemos de entender que naõ ſó devemos áquella ſoberana Senhora o reſtituirnos a ſaude, o dilatarnos a vida, mas que tambem lhe devemos o communicarnos as luzes da

graça

graça, para nos meter de poſſe da Gloria.

E ſe eſta luz do Pilar foy a que guiou aquelle Povo para a terra de Promiſſaõ, que ſendo hum lugar na terra, era hũa imagem da Gloria; tambem hoje vemos q a meſma luz do Pilar he a que guia huma alma para eſte religioſo Moſteyro, q tendo na terra o ſitio, he nas virtudes hum Ceo. Se com aquella luz do Pilar foy guiado aquelle Povo, ſendo hum Povo peregrino, q eſtava auſente da Patria; cõ eſta meſma luz do Pilar vem hoje guiada huma creatura, que por eſtar auſente da Patria, tambem ſe acha peregrina. E ſe aquelle Povo guiado por aquella columna ſó fazia o ſeu aſſento no lugar, aonde via que a columna parava, vendo eſta creatura que neſte religioſo Moſteyro fazia aquella columna o ſeu aſſento, aqui quiz tambem ter o ſeu perpetuo domicilio. E ſe aquelle Povo para haver de entrar na terra de Promiſſaõ, que era toda a ſua eſperanſa, andou peregrino alguns annos, tambem eſta creatura depois de eſtar por alguns annos peregrina, entrou hoje a lograr o que tãto deſejava, que era a ſua Eſperanſa.

Porém tambem he digno de reparo, que ſendo aquelle Povo guiado por aquella columna do Ceo, vejo tambem que Moyſés, como General do exercito, guiava aquelle Povo; ſó cõ eſta differença, que a colũna guiava o Povo, aſſinalãdolhe o ſitio, para onde havia de caminhar; porém Moyſés como General do exercito, concorria com liberalidade para os gaſtos do Povo. O moſtrar o caminho corria por conta da columna; o fazer os gaſtos da jornada corria por conta do ſeu General Moyſés.

Tudo iſto vemos hoje, pois nem faltou a eſta creatura columna, que a guiaſſe, nem lhe faltou hũ General, que tambem a favoreceſſe. A columna aſſinaloulhe na jornada o domicilio, porém o ſeu General concorreu cõ liberal

liberal maõ para os gaſtos da jornada. Reſta pois que para ſatisfaçaõ de taõ grandes beneficios ſe reconheça ſempre obrigada, aſſim áquella columna, q a guiou, como tambem ao General, que a favoreceu, intercedendo ſempre áquelle Pilar, ou columna pelos augmentos deſta taõ illuſtre Caza. E eu, ſoberana Senhora, tambem vos peço o meſmo, & que em ſatisfaçaõ deſta obra de caridade, que eſtes Principes fizeraõ, lhes conſerveis a ſaude, lhes dilateis a ſua vida, & para elles, & nós todos nos alcãceis muyta graça, para que vos vamos louvar por eternidades de gloria. *Quam mihi, & vobis, &c.*

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA

SER-

SERMAÕ

DE NOSSA SENHORA

DO ROSARIO

Em huma festa votiva, que se fez à mesma Senhora no Mosteyro da Esperança da Cidade de Ponta Delgada em 28. de Mayo de 1702.

Stabant autem juxta crucem JESU Mater ejus,...
Joan. Cap. 19. n. 25.

COstumavaõ antiguamente os Romanos escolher hũ dia particular em toda a roda do anno, no qual faziaõ huma festa muy solenne a hũa Deosa chamada Flora. O motivo, que tinhaõ para lhe dedicarem esta festa, era porque imaginavaõ que esta Deosa tinha dominio, & imperio sobre as flores, & assim lhas defendia, & guardava da furia dos ventos, & da inclemencia dos astros, por cuja causa intitulavaõ os Romanos a esta festa por festa de flores: *Floralia festa vocitabant*, disse Joaõ Rossino. *Joan. Rossin. de antiquitatib. Rom. lib. 2. c. 20.*

Este

Este uso, que entre os Romanos foy huma superstiçaõ cega, se transmutou para os Catholicos em hũa devoçaõ piedosa, porque reconhecendo os Catholicos a Maria Santissima por Mestra, & inventora do Rosario, tem na roda do anno hum dia, no qual lhe consagraõ huma solennissima festa, naõ por guardar as flores do campo, como lá a Deosa Flora, mas por livrar nossas almas dos tormentos do inferno. E se lá aquella festa, por ser dedicada à Deosa Flora, se chamava festa de flores, esta por ser consagrada á Senhora do Rosario, se chama festa de rosas. Assim o colho eu da definiçaõ do Rosario da Senhora, pois (como disse o doutissimo Malvenda) he o Rosario da Mãe de Deos hum jardim de bellas, & engraçadas rosas, nas quaes se encerraõ os Mysterios da nossa Fé: *Rosarius est floscu-* *Malv. apud Cartag.* *lus ex quindecim rosis colligatus, scilicet, ex quindecim nostræ Religionis Mysteriis.* E sendo isto assim, ja naõ estranho que celebrando toda a Igreja universal a festa do Rosario no tempo do Outono, se reservasse de industria esta festa para o tempo da Primavera, porque se lá os antigos para significarẽ a Primavera, pintavaõ com varias flores hum açafate de rosas, como affirma Pierio: *Cesta florum Ver significat*; justo era que, sendo esta festa de rosas, se celebrasse em huma Primavera de flores. *Pier. Hieroglyph. 642.*

Mas supposto que o Sermaõ tem pela sua parte o tempo, cuydo que tem contra si o Evangelho: porque se attendemos ao Evangelho do dia, achamos nelle hum promontorio de penas, se advertimos na solennidade que se festeja, descobrimos nella hum assumpto de rosas; & naõ sey eu como se possa prégar de rosas com hum Evangelho de penas. De mais disto o titulo, que a Senhora tem na festa, he o titulo do Rosario. O titulo, que a Senhora tem no Evangelho, he o titulo da Senhora ao pé da Cruz:

Sta-

Stabāt autem juxta crucem: & ſendo o Roſario hum aggregado de Myſterios, ſendo a Cruz hum objecto de tormentos, como poderey eu accommodar a ſolennidade do Roſario com o Evangelho da Cruz? Confeço q̃ he grande eſta difficuldade! Mas oxalá que o Sermaõ naõ tivera mais difficuldade do que eſta. Porque aqui aonde parece ſe acha a mayor repugnancia, deſcubro eu a mayor conveniencia, pois ſe abraçaõ tanto a ſolennidade do Roſario, & o Evangelho da Cruz, que o meſmo he ſer Senhora do pé da Cruz, que ſer Senhora do Roſario. E ſenaõ, digaõ-me porque ſe invoca a Senhora com o titulo do pé da Cruz? Naõ he por aſſiſtir junto á Cruz do ſeu Filho? Sim he. Pois ſe eu agora provar que o Filho eſtãdo na Cruz, teve o Roſario na mão, naõ ficará bem ajuſtado o Evangelho da Cruz com a feſta do Roſario? Creyo que ſim. Pois ouçaõ a prova em hum grande lugar da Eſcrittura.

Refere o Evangeliſta mimoſo no ſeu Apocalypſe que vio ſair a campo hum biſarro Cavalleyro para batalhar corpo a corpo contra o dragaõ do inferno. Traſia eſte Cavalleyro hum titulo de tanta ſoberania, & majeſtade, que o dava a conhecer por Rey dos Reis, aſſim como a roſa he flor das floras: *Rex Regum* (diz a Gloſa de Lyra) *eo modo, quo roſa dicitur flos florum.* Porém o que mais ſobre tudo o acreditava, eraõ as armas, com que ſahia á pendencia, porque (como diz o Texto) tinha eſte Cavalleyro nas ſuas mãos hum arco, & na cabeça huma coroa: *Habebat arcum, & data eſt ei corona*: & aſſim armado deſta maneyra vinha ja taõ certo do triunfo, que antes de entrar a contender, ſe acclamava ja por vencedor, *& exivit vincens ut vinceret.*

Apocal. 19. n. 16.

Ibid. c. 6. n. 2.

Atéqui he o que diz o ſagrado Texto. Deſcubramos nós agora o myſterio. Por eſte Cavalleyro, que vio o Evangeliſta, entẽdem os Expoſitores a Chriſto Senhor

Senhor noſſo: o arco que tinha nas mãos, diz o Cardial Paleoto que ſignificava a Cruz: *Arcus in manibus Chriſti eſt ejus Crux.* E falando o Profeta Habacùc deſte arco, diſſe que Chriſto entaõ tivera mão eſte arco pelas pontas, quando teve na Cruz as mãos pregadas: *Et cornua in manib. ejus.* Ja temos logo que eſte Cavalleyro com eſte arco nas mãos he Chriſto Senhor noſſo pregado na ſua Cruz. Eſtá muy bem. Porém eu creyo que neſte arco da Cruz ainda ſe deſcobre algum ſegredo, porque ſe eſte arco tomado pelas pontas he Cruz, ſe o tomarmos pela circumferencia, acharemos que he Roſario. Ora vejam.

Alphonſ. Paleot. c. 15. ſacra Sindonis.

Habac. 3. n. 4.

Conſta o Roſario da Mãe de Deos de quinze verſos, nos quaes ſe repreſentaõ todos os Myſterios da vida de Jeſu Chriſto, & como os principaes Myſterios da ſua vida foraõ tres, cõvem a ſaber; Encarnaçaõ, Payxaõ, & Reſurreyçaõ, daqui vem que os quinze Myſterios do Roſario ſe reduſem a tres ordens de Myſterios, de que ſe compõem tres Terços; que vem a ſer, Myſterios gozozos, q̃ pertencem á Encarnaçaõ, Myſterios doloroſos, que ſe reduſem á Payxaõ, & Myſterios glorioſos, que pertencem á Reſurreyçaõ. Eſtas ſaõ as tres ordẽs de Myſterios repreſentados todos no ſoberano arco da Cruz.

Primeyramente repreſenta o arco da Cruz o Myſterio da Encarnaçaõ, aonde ſe reduſem os Myſterios gozozos, porque iſſo denotam (diz o doutiſſimo Ferrario) as duas pontas, de que ſe fórma hum arco: porque ſe para ſe formar hum arco, ſe ha de unir hũa ponta com a outra, mediante o cordaõ, com que ſe prendẽ, ou ſe ataõ; aſſim tambem para ſe obrar o Myſterio da Encarnaçaõ ſe unio a natureſa Divina com a humana, mediante o cordaõ, ou vinculo da uniaõ Hypoſtatica. Repreſenta o arco o Myſterio da Payxaõ, a que ſe reduſem os Myſterios doloroſos,

Ferrar. citat. à Sylv. tom. 1 Apoc.

doloroſos,

rosos, porque foy esse arco a Cruz, em que Christo foy crucificado, & aonde se vio sustentar com suas mãos as duas pontas deste arco, como ja disse com o Profeta Habacuc: *Et cornua in manibus ejus.* Representa tambem o arco da Cruz o Mysterio da Resurreyçaõ, aonde se reduzem os Mysterios glorioso, conforme o que disse o mesmo Profeta. *Suscitans suscitabis arcum tuum.*

Habac. c. 3. n. 9.

Logo se o arco da Cruz representa os Mysterios da vida de Jesu Christo, bem se segue que foy o arco da Cruz huma figura expressa do Rosario, pois todos sabem que naõ he outra cousa hum Rosario, mais que hum arco de Cruz, aonde se recopilaõ todos esses Mysterios. E paraque em tudo venha o lugar ajustado, advertio discretamente Haymon que as settas, que se enfiavaõ naquelle arco da Cruz, eraõ humas palavras sagradas: *Ex quo procedunt tot sagittæ, quot sunt Divina eloquia.* Paraque se veja que, se as settas, que se enfiaõ no arco da Cruz, ou no Rosario da Senhora, saõ humas palavras sagradas, de que se compõem os Padre nossos, & Ave Marias, saybamos nós tambem que estas mesmas Ave Marias, & Padre nossos se enfiavaõ naquelle arco da Cruz, figura expressa do Rosario.

Haym citat. à Sylv. tom. 1. Apoc.

Pois agora expliquemos o lugar. Se o mesmo foy ver o Evangelista a Christo cõ hum arco nas mãos, que ver a Christo pregado em huma Cruz; & se Christo estando na Cruz pregado, entaõ teve nas suas mãos as duas pontas deste arco: *Et cornua in manibus ejus*, bem se infere que, sendo este arco da Cruz figura do Rosario, o mesmo foy ter Christo as mãos pregadas na Cruz, do que estar Christo na Cruz com o Rosario nas mãos. Logo se o titulo, que o Evangelista dá á Senhora, he o titulo do pé da Cruz, por se achar junto á Cruz do seu Filho: *Stabant autem juxta crucem*; & na mesma Cruz se inclue o Rosario da Senhora, bem dizia eu depois

pois que se uniaõ tanto o titulo do Rosario com o titulo do pé da Cruz, que o mesmo Evangelista, que hoje nos mostra a Senhora ao pé da Cruz, a publica tambem hoje por Senhora do Rosario.

Temos combinado a festa com o Evangelho, descubramos agora hum assupto, que nos diga com a festa. Quis Aresio debuxar em hum abreviado Mappa os louvores do Rosario da Senhora, & para este fim mãdou delinear hum muro cercando hum jardim de rosas, com hum titulo, ou emblema, que dizia: *Fortitudo, & decor*, & foy o mesmo que dizer: Aqui neste jardim de rosas, ou neste Rosal de Maria, se acha fortaleza, & termosura. Estas duas prerogativas do Rosario, que Aresio mandou escrever naquelle quadro, quizera eu que me servissem para este Sermaõ de assumpto. Será pois o assumpto do Sermaõ convidar neste dia aos meus ouvintes a que venhaõ colher rosas em o rosal de Maria, & paraque saybam a utilidade, que tem na colheyta destas rosas, lhes mostrarey em dous discursos q̃ saõ as rosas deste rosal de tãta utilidade, q̃ nellas se acha fortaleza, & fermosura. Fortaleza, para vencer inimigos, fermosura da graça para aborrecer os peccados. Está proposta a materia, para a discorrer com acerto necessito de muyta graça.

Aresi. citat. à Pinel.

Ave Maria.

QUem nos havia de dizer que, sendo o Calvario hum promontorio de penas, haviamos de ver hoje o Calvario feyto hum jardim de rosas! Mas que muyto seja assim, se assiste hoje Maria junto á Cruz do seu Filho, como Senhora do Rosario: *Stabant autem juxta crucem Jesu Mater ejus.* Para colher pois estas rosas, de que se compõem o Rosario da Senhora, subo hoje a este pulpito a convidar os meus ouvintes. E estou certo, que naõ haõ de recusar este convite, porque he cõ-

vite de roſas, & de roſas taõ ſigulares, que todos aquelles, que com devoçaõ as colherem, naõ ſó adquiriraõ fortaleſa contra os ſeus inimigos, mas tambem alcançaraõ a fermoſura da graça, para aborrecer os peccados: *Fortitudo, & decor*. Ora deſcubramos primeyro a fortaleſa deſtas roſas, & depois diſto veremos a ſua fermoſura. Taõ grande he a valentia, & fortaleſa, que ſe acha nas roſas deſte roſal, ou Roſario de Maria, que todo aquelle, que ſe val das roſas deſte Roſario, adquire tal fortaleſa, & valentia, que ſendo hum ſó no numero, val por milhares no eſforſo.

No ſegundo livro dos Reis ſe refere que querendo o Rey David ſahir com o ſeu exercito á campanha, o deteve o ſeu Concelho de guerra, dizendo que de nenhum modo convinha que David ſahiſſe de ſua caza. *Egrediar & ego vobiscum. Et reſpondit populus: Non exibis*; & a razaõ, que allegava o povo, era, porque ficando David no ſeu Palacio, faria elle tanto, ſendo hum ſó, como fariaõ dés mil homens na campanha: *quia tu unus pro decem millibus computaris*. 2. Reg. c. 18. n. 3. Confeço ingenuamẽte que naõ entendo eſte computo. Se eſte povo dicera que David aſſiſtindo na batalha, valia elle ſó por dés mil homens, ainda que iſtó parecia hyperbole encarecido, com tudo de algum modo ſe lhe podia dar credito: porque como a preſença de hum Rey na campanha he a alma do eſforſo militar, o meſmo he aſſiſtir o Rey a todos com a ſua preſença, que influir em todos huma nova alma; mas ſe David fica no ſeu Palacio, como he poſſivel que valha por dés mil homens, que vaõ a pelejar no exercito? *Tu unus, &c.*

Reſponde Abulenſe a eſta duvida, que o determinou aſſim o povo, porque entendeu que tanto havia de obrar David, ſendo hum ſó, por ficar em caza orando, como haviaõ de obrar dés mil homens, eſtando na guerra

guerra contendendo: *Quia ipſe manens in urbe tantum egerat orando, ſicut decem millia de euntibus ad bellum pugnando*. Abul. hic. Pois valha me Deos! E que oraçaõ ſeria eſta de taõ grande efficacia, que produſia em David tal fortaleſa, que ſe reputa a fortaleſa de David, ſendo hum ſó, pela fortaleſa de dés mil? Sabeis que oraçaõ era? Era a oraçaõ do Roſario. Notay. Em quanto o exercito pendenciava no campo, ficava David em caza entoando na ſua harpa o Pſalterio; & naõ ha couſa mais ſabida, que ſer o Pſalterio de David huma figura expreſſa do Roſario da Senhora: porque aſſim como o Roſario conſta de cento & ſincoenta Ave Marias, tambem o Pſalterio de David conſta de cento & ſincoenta Pſalmos. Se os tratados, de que ſe compõem o Pſalterio de David, contem os Myſterios da vida de JESU Chriſto, (como affirma Ruperto) os Capitulos, de que ſe compõem o Roſario de Maria, ſaõ eſſes meſmos Myſterios, que já por eſta razaõ ſe chama tambem ao Roſario Pſalterio, como o diſſe o meſmo Chriſto a Saõ Domingos quando lhe mandou que prégaſſe a devoçaõ do Roſario: *Prædica ergo Pſalterium Carmeum*. Carthag. Serm. de Roſar. Pois ſe David para vencer ſeus inimigos ſe valia do ſeu Pſalterio, figura expreſſa do Roſario, que muyto que adquiriſſe David com eſta devoçaõ tal fortaleſa, que ſendo hum ſó no numero, valha por dés mil no eſforſo: *quia tu unus pro decem millibus computaris*. Eſta he a fortaleſa, que adquirem os homens, que ſe valem das roſas daquelle roſal, ou Roſario de Maria. Mas naõ he muyto que o Roſario da Senhora communique eſta fortaleſa aos homens, para vencer ſeus inimigos, quando ainda os meſmos Anjos ſe valem da fortaleſa do Roſario para vencerem ſeus contrarios.

Eſtando o Evangeliſta Saõ Joaõ arrebatado em eſpirito, vio no Ceo huma re-

nhida batalha, naqual de huma parte pendenciavaõ os Anjos, & da outra pendenciava Lucifer, como General dos demonios: porém ao concluir da peleja adverte o ſagrado Texto q̃ ficáraõ os Anjos de vencida, porque por elles ſe acclamou a vittoria. *Et vidi aliud ſignum mirabile, Angelos ſeptem, qui vicerunt beſtiam, habentes citharas Dei.* Eu naõ reparo agora em que eſta vittoria ſe acclamaſſe pelos Anjos, porém ſó reparo no modo, com que os Anjos conſeguiraõ eſta vittoria: porque imaginando eu que fora eſta vittoria alcançada com eſtrondo das armas, vejo que diz o Texto que os Anjos a conſeguiraõ com a harmonia das citharas: *Vicerunt beſtiam, habentes citharas.* Pois como aſſim? Se as citharas faõ inſtrumentos, em que ſe tange, como podem ſervir de armas, com que ſe peleje? Se màis ſervé as citharas de ſuſpender os ſentidos, do que ſervem para affervorar os animos, como he poſſivel que naõ tendo os Anjos mais armas, de que as citharas, vençaõ aos inimigos com citharas, comoq̃ ſe foſſe com armas? Sabeis porque? Eu o direy.

Apoc. 15. n. 1.

Significavaõ aquellas citharas as ſaudaçõesAngelicas, de q̃ ſe compõem o Roſario; aſſim o diz Bernardino de Buſtos: *Cithara eſt ſalutatio Angelica*, & com muyta propriedade: porq̃ (como diz Lorino) coſtumavaõ antiguamente eſculpir roſas nas citharas naquella parte, aonde ſoavaõ as vozes: *In corpore lyrarũ, unde ſonus redditur, roſæ viſuntur ligno inſculptæ.* Tendo os Anjos nas ſuas mãos eſtas citharas, era o meſmo, que terem o Roſario nas mãos; & como para vencer inimigos naõ póde haver melhores armas, q̃ as ſaudações Angelicas, de que ſe compõem o Roſario, por iſſo os Anjos ſe valéraõ das citharas do Roſario, para poderem alcançar aquelle eſtupendo triunfo. Queriaõ os Anjos deſtruir, & vencer a Lucifer com todos os ſeus ſequazes, & para vencer todo

Bernardin in ſuo Roſar. & in Marial. Serm. de Annunt. Lorin in Pſalm 44.

todo o inferno naõ ha arma mais valente, que a citharra do Roſario. *Vicerunt beſtiam, habentes citharas.*

Apoc. 15. n. 2.

Deſta vittoria, que os Anjos alcançáraõ no Ceo por interceſſaõ do Roſario, parece lhes reſultou adevoçaõ, com que cõtinuamente louvaõ aSenhora no Ceo; pois (como diz Santo Athanaſio) todos os nove Coros dos Anjos ſe ouvem no Ceo a coros cantando o Roſario de Maria: *Beatam te prædicant omnium Angelorum Heerarchiæ, dicendo. Benedicta tu in mulieribus, & benedictus fructus vẽtris tui.* Omeſmo diſſe o Beato Alano de Rupe: *Angeli in Cælo offerunt Mariæ ſalutationem Angelicam ſciunt enim quòd tali auxilio eſt ruina Angelorum reparata.* Naquelle motim, que ſe levãtou no Ceo, ſuppoſto que ficou o campo pelo exercito de Deos, naõ deyxáraõ as Jerarquias Angelicas de padecer muytas ruinas. Porem vendo os Anjos que por interceſſaõ das ſaudações Angelicas, repreſentadas nas citharas, ficáraõ todas eſtas ruinas reparadas, por iſſo naõ ceſſaõ de repetir no Ceo eſtas meſmas ſaudaçoẽs. Que já por eſta razaõ notou o doutiſſimo Ebroicenſe que a ſaudaçaõ Angelica cõſta de nove dicções ſómente, convem a ſaber: *Ave, gratia, plena, Dominus, tecum, benedicta, tu, in mulieribus.* Porque, comoas Jerarquiasſaõ nove, & mediãte a ſaudãçaõ Angelica, ſe recuperaõ todas eſtas nove Jerarquias, cõheceſſe o Mundo todo que he tanta a fortáleſa, que occultaõ as ſaudações Angelicas, ou as Ave Marias do Roſario, que na reparaçaõ dos nove Coros dos Anjos toca a cada dicçaõ por Jerarquia.

Athan. ſup. Evãg. Sanc. Deip.

Alan. lib. de ortu, & progreſſu fratern. in c. 17.

Ebroic. Roſ. aur. Serm. 51.

E que reſem os Anjos o Roſario no Ceo, & que o naõ reſem os homens na terra! Que ſe póde inferir daqui, ſenaõ o naõ quererem os homens parecerſe com os Anjos. Que ſe valhaõ os Anjos da fortaleſa do Roſario, para vencer aos ſeus contrarios, & que ſenaõ valhaõ os homens deſta forta-

leſa para vencer ſeus inimigos? Naõ póde haver mayor incuria nos homẽs, nem mayor diſcriçaõ nos Anjos; pois naõ obſtante ſerem os Anjos de ſua natureſa esforſados, ſe amparaõ da fortaleſa do Roſario para vencerem os inimigos.

Muyto he na verdade que, ſendo os Anjos valentes por natureſa, procurem a protecçaõ do Roſario para conſeguirem a vittoria. Porém ſendo iſto muyto, ainda o q̃ ſe ſegue he mais, porque mais he que, ſendo Chriſto Senhor noſſo Rey, & Senhor deſſes Anjos, ſe chegaſſe a valer da fortaleſa do Roſario na occaſiaõ, em que ſe vio no mayor conflito.

O conflito mayor, que Chriſto Senhor noſſo moſtrou ter em ſua vida, foy quando no Horto ſe inclinou a orar ſobre a terra; pois (como nos diz o Texto) foy tal a agonia do coraçaõ, que Chriſto experimentou naquella hora, que naõ ſó a deu a entender cõ palavras: *Triſtis eſt anima mea*; mas tambem a declarou com o ſangue de ſuas veas: *Factus eſt ſudor ejus ſicut guttæ ſanguinis decurrentis in terram.* E para alleviar a Chriſto neſtas mortaes agonias, diz o Evangeliſta Saõ Lucas que deſceu hum Anjo do Ceo: *Apparuit autem Angelus de Cælo confortans eum.* O que ſuppoſto, entra agora o meu reparo. Se eſte Anjo deſceu do Ceo para confortar a Chriſto no Horto, he certo que o havia de confortar com obras, ou o havia de alleviar com palavras; porque por hum deſtes dous modos ſe póde confortar hum afflicto. Pois com qual deſtes dous modos confortaria o Anjo a Chriſto, ſeria com palavras, ou ſeria cõ obras? o Texto naõ o declara, porém naõ falta quem dé a declaraçaõ do Texto, porque naõ falta quem diga que o Anjo confortou a Chriſto naquella mortal agonia, pondo-lhe ſobre a cabeça o Roſario da Senhora. E quereis ſaber como? Ora ouvi.

Marc. 14. 34.

Luc. c. 22. n. 44.

Ibib. n. 43.

Diſſe Hegeſippo diſcipulo dos Apoſtolos, que as pingas de ſangue, que naquella occaſiaõ cahiraõ de Chriſto ſobre a terra, ſe convertéraõ em roſas de varias cores, convem a ſaber, encarnadas, roxas, & brancas, & que de todas eſtas roſas teſſera o Anjo hũa coroa, a qual pondo ſobre a cabeça de Chriſto, ficára Chriſto confortado: *Guttæ ſanguinis decurrentis in terram verſæ ſunt in flores, quæ fuerunt roſa rubea, roſa candida, & roſa violacea, & Angelus de illis fecit coronam, quam poſuit ſuper caput Jeſu, & Jeſus confortatus eſt.* Roſas ſaõ as Ave Marias, de que o Roſario da Senhora ſe compõem, & ſaõ roſas de varias cores, porque repreſentaõ varios Myſterios. Em quanto repreſentaõ os Myſterios gozozos, que pertencem á Encarnaçaõ, ſaõ roſas encarnadas; em quanto repreſentaõ os Myſterios dolorozos, que pertencem á Payxaõ, ſaõ roſas roxas; em quanto repreſentaõ os Myſterios glorioſos, que pertencem á Reſurreyçaõ, ſaõ roſas brancas. E como deſtes tres Myſterios he que ſe compõem o Roſario, o meſmo foy formar o Anjo daquella variedade de roſas huma coroa, para por a Chriſto na cabeça, que confortar a Chriſto com o Roſario da Senhora; paraq̃ ſe veja, & todo o Chriſtaõ conheça q̃ he tal a fortaleſa, que inclue em ſi o Roſario de Maria, que até o meſmo Chriſto para ſe confortar ſe valeu do ſeu Roſario.

Hegeſip. tom. 2.

Atéqui diſſe Hegeſippo, porém com ſua licença ainda pretendo ir mais adiãte, porque pretendo provar q̃ aquella coroa do Roſario, que no Horto pos o Anjo a Chriſto na cabeça, naõ foy ſó para confortar a Chriſto naquella mortal agonia, mas foy tambem para que Chriſto alcançaſſe a vittoria. Tornemos àquelle lugar, com que principiey o Sermaõ. Vio o Evangeliſta Saõ Joaõ hum biſarro Cavalleyro, que na expoſiçaõ dos Santos Padres era Chriſto Senhor noſſo. Porém reparo em que diga o

Evangeliſta que para eſte Cavalleyro poder triunfar, & vencer, lhe foy dada huma coroa, *& data eſt ei corona*, conſtaõ de quinze letras ſómente em correſpondencia dos quinze Myſterios do Roſario. Repreſentava aquelle Cavalleyro a Chriſto, oqual por meyo de ſua Payxaõ, & morte vinha armar guerra a todo o Mundo, para o ſujeytar ao ſeu imperio: a primeyra eſtancia, aonde alojou o ſeu exercito, foy no Horto de Gethſemani, aonde fazendo alli corpo de guarda, mandou que os ſeus Diſcipulos eſtiveſſem de ſintinella: *Vigilate hîc*. E conſiderando Chriſto comſigo os varios ſucceſſos, que lhe haviaõ de ſucceder na batalha, ſe lhe abrio de repente o coraçaõ de agonia; porém vendo o Ceo a Chriſto neſta taõ grãde afflicçaõ, lhe enviou hũ Anjo, o qual teſſendo-lhe huma coroa de roſas, figura expreſſa do Roſario, a pos ſobre a cabeça de Chriſto, naõ ſó para o confortar na triſteſa, mas tambem para o certificar da vittoria, *& data eſt ei corona*. *Aptè intelligi poteſt, &c. Exivit vincens ut vinceret.*

Apoc. 6. n. 2 ma coroa, *& data eſt ei corona, & exivit vincens ut vinceret*. Confeço que naõ entendo eſte apparato de guerra: porque hũa coroa mais ſerve de ornato para a cabeça, do que ſerve de inſtrumento para ſe alcançar huma vittoria, porque eſta ſó ſe aſſegura, ou nas armas, com que ſe briga, ou no valor, com que ſe peleja. Pois ſendo iſto aſſim, como diz o Evangeliſta que eſte Cavalleyro levava certa a vittoria, ſe naõ levava mais armas, do que a coroa, *& data eſt ei corona*?

Sabeis porque? He porque aquella coroa naõ era de ouro, nem prata, mas era huma coroa toda teſſida de roſas, ou de ſaudações Angelicas, de que ſe compõem o Roſario de Maria, aſſim o diz o doutiſſimo Cartagena: *Aptè intelligi poteſt promiſſam illam coronam roſaceam eſſe ex ſalutationibus Angelicis contextam*: que ja por iſſo as meſmas palavras,

Cartag. Serm. de Roſar.

Cuy-

Cuydo, ſe me naõ engano, que naõ póde haver encarecimento mais ſubido, porque me parece que atéqui póde chegar o mayor encarecimento. Que o Roſario da Senhora produſa tal fortaleſa nos homens, que a fortaleſa de hum ſó homem equivalha á fortaleſa de dès mil, grande encarecimento he; porèm ainda póde ſubir a mais eſte encarecimento; porque ſendo hum ſó Anjo mais valente, que muytos milhares de homens, ainda vemos que os meſmos Anjos ſe valem da fortaleſa do Roſario para vencerem ſeus inimigos. Porem que ſendo Chriſto aquelle, a cuja viſta tremem os meſmos Anjos, *& ſubquo curvantur qui portat orbem*, neceſſite Chriſto da fortaleſa, & valentia do Roſario, quando ſe acha no mayor conflito? Confeço que naõ póde eſta fortaleſa mais ſubir, nem eu a ſey melhor encarecer. E ſe a fortaleſa he a primeyra utilidade, & cõveniencia eſpiritual, que alcançaõ todos aquelles, q ſe valem das roſas do Roſario de Maria, quem haverá, que naõ queyra aproveytarſe da fortaleſa deſtas roſas? Das roſas dizem commummente os Medicos, que ſe ſe infundirem em agoa nove mezes, ſaõ hum medicamento taõ ſaudavel, que lhe chamaõ *Doſis*, ou baze da botica, porque com eſte medicamento ſe conforta o eſpirito, ſe alenta a alma, ſe recuperaõ as forſas, ſe fortifica o coraçaõ, & ſe alimenta o peyto: aſſim do meſmo modo, ſe as roſas das Ave Marias do Roſario ſe deytarem de infuſaõ nas lagrimas de noſſos olhos, procedidas de huma contriçaõ verdadeyra, naõ póde haver para a alma medicina mais ſegura, nem de mayor fortaleſa. Cheguemos pois todos a tocar eſtas roſas com eſpirito, & a colhellas com devoçaõ, pois para todos eſtá hoje eſte Roſal patente junto á Cruz do Calvario: *Stabant autem juxta crucẽ Jeſu Mater ejus*,...

Job 9. n. 13.

Paſſemos da fortaleſa

par

para a fermoſura, pois tambem ſe acha fermoſura no Roſario da Senhora: *Fortitudo, & decor.* Aſſim parece que o deu a entender Salamaõ, quando diſſe nos ſeus Proverbios que a gala do Roſario ſe teſſia deſtes dous fios: *Fortitudo, & decor indumentum ejus.* E que deſta meſma gala de dous fios veſtia a Senhora a todos os ſeus devotos: *omnes enim domeſtici ejus veſtiti ſunt duplicibus.* Ora ajuntemos o fio da fermoſura com o fio da fortaleſa, porque ſó deſte modo nos ficará o veſtido de mil roſas.

Proverb. c. 31. n. 25.

Ibid. v. 21.

He tanta a fermoſura da graça, que alcãça hũa alma, que ſe val do Roſario da Senhora, que ainda vivendo de aſſento nos peccados, naõ deyxará o meſmo Deos de a receber por eſpoſa, ſe ſe valer do Roſario de Maria. Tenho hum lugar de Oſeas, que me parece admiravel para o intento. Mandou Deos ao Profeta Oſeas que tomaſſe por eſpoſa a huma mulher errada, & diſſoluta: *Adhuc vade, & dilige mulierem dilectam amico & adulteram.* Obedeceu promptamente o Profeta ao preceyto de Deos, & falando a Eſcrittura no dote da nova eſpoſa, diz o meſmo Profeta que lhe deraõ em dote quinze reaes de prata. *Et fodi eam mihi quindecim argenteis.* Na verdade que para hum caſamento conſtrangido parece dote muy limitado! Mas como na ſagrada Eſcrittura não ha palavra, que não tenha ſeu myſterio, deſejára eu ſaber que myſterio tem, que ſendo Oſeas hum homem Santo, o obrigaſſem a caſar com hũa mulher de ruim trato, & mais ainda, ſendo o dote de taõ limitada eſfera, que não paſſava de quinze reaes de prata? O doutiſſimo Cartagena nos ha de ſoltar a duvida.

Oſea 3. v. 1.

Foid. n. 2.

Notay. Para todos os myſterios da Ley da graça diz o Apoſtolo Saõ Paulo que houve figuras na Ley Eſcritta. *Hæc autem omnia in figura contingebant illis.* E neſte caſo Oſeas era figura de Chriſto, a mulher peccadora

Epiſt. 1. ad Cor. c. 10. n. 11.

dora, com quem ſe deſpoſava, repreſẽtava aquellas almas, que vivem de aſſento na culpa: os quinze reaes de prata, em que conſiſtia o dote da noyva, repreſentavaõ os quinze Myſterios do Roſario de Maria. E como os Myſterios do Roſario incluem em ſi a fermoſura da graça, ficaõ taõ engraçadas, & fermoſas na aceytaçaõ do meſmo Deos aquellas almas, que ſe valem do Roſario da Senhora, que por virtude da graça deſſe Roſario chegaõ a contrahir com Deos hum eſpiritual matrimonio. Ouçaõ ao doutiſſimo Cartagena graviſſimo Expoſitor de minha Religiaõ Serafica: *Oh bone Deus! Quoties Chriſtus Dominus in Oſea figuratus perditiſſimas animas mediis quindecim Roſarii decadibus ſibi arctiſſimo amoris vinculo copolavit.* He o meſmo q̃ dizer: Oh bom Deos! Equãtas vezes Chriſto Redemptor noſſo, figurado em Oſeas, ſe deſpoſa com as almas mais perdidas, ſe ellas tem por dote os quinze reaes de prata, que ſaõ os quinze Myſterios do Roſario de Maria. Pois ſe as almas, que ſe aproveytam das roſas deſte Roſal, cobrão tanta fermoſura, q̃ tem na aceytação de Deos toda a graça, quem haverá, que queyra perder eſta graça, por ſe não aproveytar deſtas roſas?

Lá affirmavão os Antigos que as roſas conciliavão a graça. Donde diſſe Pierio Valeriano que quando os Magos entravão a falar cõ os ſeus Principes, ſe querião ter boa aceytação na ſua preſença, & conciliar a ſua graça, untavão primeyro o roſto com hum unguento de roſas. Aſſim tambem aquelles Catholicos, que quizerem conciliar a graça de Deos, & achar graça nos ſeus Divinos olhos, devem armarſe cõ as roſas do Roſario, porque ſaõ roſas de tal virtude, que ainda que ſeja a alma mais peccadora, conſeguirá por virtude deſtas roſas a fermoſura da graça. Conta Homero que quando Ulyſſes perſeguido da fome, & de trabalhos o arrojou

arrojou o mar em Finicia, acodio a Deosa Pallas, & ungindoo todo com hum unguento de rosas, de tal sorte perdeu a fealdade, que tinha, & de tal maneyra recuperou a antigua fermosura, que ficou muyto mais fermoso, que de antes: *Omni abjecto squalore, quem ex maris salsugine contraxerat, dignior, & venerabilior effectus est.* Isto, que foy ficçaõ entre os gentios, he verdade muy certa entre os Catholicos: porque com as rosas do Rosario de Maria adquirem os seus devotos taõ agradavel fermosura, que naõ há com quem possa cõpararse fermosura taõ agradavel.

Hom. apud. Valer lib. 5. de Rosa.

Assim parece que o deu a entender o Profeta Jéremias em humas palavras, que cuydo vem cortadas á medida dos devotos da Senhora do Rosario: *Candidiores Nazaræi ejus nivæ nitidiores lacte, rubicũdiores ebore antiquo, sapphiro pulchriores.* Para intelligencia deste lugar havemos de primeyro suppor que Nazareno he o mesmo que florido, & que os floridos da Igreja Catholica, com quem aqui fala o Profeta, saõ aquelles, que trasem sempre comsigo as rosas, & flores do Rosario; saõ aquelles, que trasem o Rosario nas mãos, & as Ave Marias na bocca. O que supposto, ouvi agora o que nos diz o Profeta dos devotos do Rosario. Diz que saõ mais candidos, que a neve, mais brancos do que o leyte, & mais fermosos, que a saffira. Muyto grande fermosura nos encarece o Profeta nos devotos do Rosario, pois não acha cousa, com que possa comparar esta sua fermosura, pois diz que vencem a neve na pureza, ao leyte na brancura, & que excedem na gentileza á saffira. E sabeis porque vencem os devotos do Rosario a gentileza da saffira? Porque vestem de cor de rosa; excedem ao leyte na brancura, & á neve na pureza, porque por meyo das rosas do Rosario de Maria alcançaõ a fermosura da graça. Que bem o disse Saõ Boa-

Thern n. 7.

Div. Bonaven. in Spec. Virg. c. 4.

Boaventura: *Libenter nos salutat cum gratia, si libenter eam salutamus cum Ave Maria.*

Estas saõ as prerogativas, & excellencias, que alcançaõ todos aquelles, que se aproveytão destas peregrinas rosas. Aproveytemonos pois todos dellas, & como argumentosas abelhas levantemos as azas do espirito, & com o sussurro das vozes cheguemos a gostar destas flores: porque se das flores, & rosas formão as abelhas o mel, não póde formar a nossa devoção mel mais saboroso, que o que inclue em si o mystico favo do Rosario. Entre todas as cousas, que resamos, & actos de penitencia, que fazemos, esta excellencia tem as Ave Marias, que como saõ mysticas rosas, tem fermosura para os olhos, cheyro para o olfato, & mel para o gosto. Contem hum cheyro do Ceo, hum mel Divino, & hum gosto soberano. As demais oraçoẽs todas se compuzerão na terra, porq as escrevérão os Santos, tirandoas do jardim do seu espirito. Humas fez São Gregorio, outras Santo Thomás, & Sãto Ambrosio outras; porém as Ave Marias, & Padre nossos, de que se compõem o Rosario da Senhora, saõ favos, ainda que feytos na terra, colhidos do jardim do Ceo.

A Ave Maria quanto ao seu principio, he mel, q São Gabriel Arcanjo, como abelha Divina, colheu das flores do Ceo; de lá trouxe estas rosas, & cá nolas deyxou na terra. O Padre nosso, ainda que foy feyto na terra, foy tirado do peyto do mesmo Amor Divino; as demais obras penitenciaes, que fazemos, parece que estão engastadas em espinhos, porém as Ave Marias, que resamos, saõ favos feytos de rosas. Que difficuldade he para o que tem muyto amor proprio, & muyto pouco do espirito, tomar hũa disciplina! Que aspero o perdoar huma injuria! Que insupportavel o restituir afasenda, ou a honra mal ganhada! Que duro

duro lhe parece o jejum! Que rigoroſo o cilicio! Porém o Roſario da Senhora tudo he mel, tudo flores, & tudo roſas. E ſenão, diga-o o que com devoção o reſa, ſe ha couſa mais ſuave, & mais doce, que aquella Ave Maria? Ave que cura o coração mais enfermo: Ave q̃ conforta o eſtamago mais fraco; & Ave, q̃ enche da fermoſura da graça a alma mais peccadora. Pois (como diſſe o devoto Alano de Rupe) he prédeſtinado para a Gloria todo o Chriſtaõ, que reſar o Roſario de Maria: *Habentibus hanc devotionem ſignum eſt prædeſtinationis, & gloriæ.* Naõ haja logo Chriſtão, que ſe não aproveyte deſtas roſas, & q̃ não ſeja muy devoto do Roſario da Mãe de Deos, de cuja devoção lhe reſulta ſer eſcolhido para o Ceo.

Alan. apud Cartag. ubi ſup.

Mas que muyto ſejão os Catholicos para o Ceo eſcolhidos por virtude deſte ſoberano Roſario, ſe he eſte Roſario ſoberano defenſa das virtudes, fonte da vida, antidoto dos enfermos, jardim de flores, diadema celeſte, eſtrella do mar, Arca de Noé, eſcudo poderoſo, eſcada de Jacob, & coroa finalmente da Gloria. Tudo diſſe o doutiſſimo Cartagena: *Roſarium eſt virtutum propugnaculum, fons vitæ, antidotum infirmorum, hortus amœnitatis, ſtella maris, Arca Noé, ſcutum potentiſſimum, ſcala Jacob, diadema gloriæ.*

Cartag. ubi ſup.

He o Roſario defenſa das virtudes, porque os que ſe armaõ com a devoção do Roſario, vivem izentos de vicios. He fonte de vida, porque com eſta devoção purificaõ os peccadores as ſuas culpas. He antidoto, aonde todos achão o remedio dos ſeus males. He jardim de flores, aonde ſe colhem as mais ſuaves roſas. He eſtrella do mar, porque guia os peccadores para o porto ſeguro da ſalvação. He Arca de Noé, aonde ſe livra todo o Mundo do diluvio dos peccados. He eſcudo poderoſo, com que ſe rebatem as tentações dos inimigos. He eſcada de Jacob, por onde ſe ſobe para a Gloria. E finalmente he diadema celeſte, com q̃ na Gloria ſe achão todos coroados. Coroay-vos pois com eſta coroa, ſubi por eſta eſcada, defendey-vos com eſte eſcudo, ſalvay-vos neſta Arca, guiay-vos por eſta eſtrella, purificay-vos neſta fonte, entray neſte jardim, aproveytayvos deſtas roſas. Porque ſendo aſſim, permanecerá ſempre em vós o cheyro das virtudes, com as quaes ſe alcança muyta graça neſta vida, penhor certo de muyta gloria, & na outra. *Quam mihi, & vobis præſtare dignetur Pater, Filius, & Spiritus Sanctus.*

Amen.

SER-

SERMAÕ

DA SOLEDADE

DA SENHORA,

Prégado no Moſteyro da Eſperanſa da Cidade de Ponta Delgada no anno de 1701.

---

* *Idcirco ego plorans, & oculus meus deducens aquas: quia longe factus eſt a me conſolator.*
Thren. 1. n. 16.

EM hum Sermaõ de tantas penas que thema podia eu tomar, ſe naõ delagrimas! Em hũ dia de tãta laſtima q aſſumpto devia eu eſcolher, ſenaõ de pena! Subo hoje a eſte pulpito para referir as laſtimas, & para relatar as penas da ſoledade da melhor Mãe pela morte do melhor Filho; & ſendo as penas deſta ſoledade taõ crecidas, ſendo as laſtimas deſte deſamparo taõ notorias, ſó com lagrymas ſe poderaõ

deraõ explicar, ſó com ſuſpiros ſe poderaõ encarecer; porque ſó ſente bem huma Soledade quem deyxa o uſo das vozes, & appella para o exercicio das lagrymas. As demais penas poderſehaõ explicar com palavras, porém as penas, que cauſa huma Soledade, ſó com lagrymas ſe podem bem explicar; nos mais conflitos ſerá acerto o diſcorrer, porém no conflito da Soledade o mais proprio he chorar; porque em huma Soledade erra quem fala, & ſó quem chora naõ erra.

Eſtava Agar em huma triſte ſoledade por conſiderar a morte de ſeu filho Iſmael; & diz a ſagrada Eſcrittura que errava Agár na ſoledade, em que eſtava: *Errabat in ſolitudine.* E porque errava Agár na ſoledade? Seria por chorar o deſamparo do filho? Naõ: o meſmo Texto dá a razaõ do ſeu erro: *Levavit vocem ſuam, & flevit.* Errava Agar na ſoledade porque na ſoledade levantou a voz, & chorou; rompeu na ſoledade em altas vozes, devendo ſó verter rios de lagrymas. Pois que mayor erro podia commetter Agar, que fiar das vozes a pena de huma ſoledade: *Errabat in ſolitudine.* Que chore Agar na ſoledade, eſtá muy bem, porq na ſoledade ſó dizem bem as lagrymas; mas que queyra explicar com vozes a dor de huma ſoledade, naõ póde haver mayor erro, nem deſacerto mayor; porque a dor de huma ſoledade naõ ſe explica bem com vozes: *Levavit vocem ſuam. Errabat in ſolitudine.*

Genes 21. n. 16.

Pois ſe huma triſte ſoledade naõ ſe explica bem cõ vozes, porque ſó com lagrymas ſe explica, vinde, ó lagrymas, a falar deſta Soledade taõ triſte. Vinde, ó ſuſpiros, relatar eſte deſamparo taõ cruel. Mas oh dor! Que ſendo hoje minha obrigaçaõ moſtrar o exceſſivo deſta penoſa Soledade, neceſſariamente ha de ficar a minha triſteſa deſacreditada, & a minha mágoa deſmentida; porque devendo fazer hoje conceytos dos

ſoluços, eloquencia das anſias, lingua dos ſuſpiros, locuçaõ das lagrymas, & Rhetorica dos ſentimẽtos, neceſſariamente me vejo obrigado a uſar da liberdade das vozes para explicar hũ mar de penas; & ja que me empenha a obrigaçaõ a que diſſimule os ſuſpiros, paraque ſe percebaõ as vozes, aque reprima os prantos, para que ſe entendaõ os cõceytos, começarey a repetir com huma lingua ſem alma o que a alma havia de dizer, ſervindo de lingua.

Já ſabeis, Catholicos, q̃ o meſmo Filho de Deos, que o Verbo intellectual do Eterno Pay por amor dos homens ſe fez homem nas puriſſimas entranhas de Maria Santiſſima, preſando-ſe tanto de ſer Filho deſta Senhora, que ſendo-o do Padre Eterno, quis tambem ſer Filho ſeu; amando-a em ſua eternidade, a predeſtinou para Mãe ſua, dotando-a daquellas graças, excellencias, & prerogativas, que ſabeis. Sabeis muy bem que veyo ſalvar o Mundo, & q̃ nelle aſſiſtio trinta & tres annos, alumiando-o com os rayos de ſua divina luz, cõ doutrina, com beneficios, com milagres, & admiraçõeſ; & o agradecimento, que teve deſtes milagres, o pago, que os homens lhe deraõ deſtes beneficios, forão accuſações infames, atrozes tormentos, ignominoſos aggravos, entregando-o á inſaciavel inveja de taõ perfidos inimigos, & á crueldade de taõ rigoroſos juizes, condenando-o finalmente a huma infame morte de Cruz, que pondo em ſentimento toda a creatura, todas publicáraõ deſta morte o ſentimẽto; aſſim o diz S. Leaõ Papa: *Pendẽte in patibulo Creatore, omnis creatura ingemuit, omnia elementa ſenſerunt.* Sentiraõ os irracionaes, aindaque naõ choráraõ, geméraõ os brutos, ſuppoſtoque naõ faláraõ, eſtalàraõ os inſinſiveis, aindaque naõ geméraõ: O Sol arraſtou capùs de ſombras, a Lua ſe cobrio cõ mãto de trevas, veſtiraõ-ſe de luto as eſtrellas: a terra tremeu, *Div. Leo.*

meu, as ſepulturas abriraõ-ſe, quebráraõ-ſe cõ dor as pedras; & entre taõ funebres diſſonãcias, entre taõ laſtimoſos ſentimẽtos, encomẽdando ſua Alma nas mãos de ſeu Eterno Pay, ſe deſpedio deſta vida o Autor della.

Oh Ceos, que inſenſivel ſou, pois o cheguey a dizer ſem que eſtalaſſe com dor! Ay Catholicos, que ficou hoje o Mundo ſem o ſeu melhor Sol, a Igreja ſem o ſeu Eſpoſo, o rebanho ſem o ſeu Paſtor, os Diſcipulos ſem o ſeu Meſtre, & finalmente ficou hoje huma afligida Mãe ſó ſem o ſeu amado Jeſus. O' eſtrellas Catholicas deſſe Ceo da Religiaõ, ſe he proprio das eſtrellas depois de ſe por o Sol ſairem a acompanhar a Lua, pela verem ſó, & ſolitaria; eſte he o dia, eſta he a hora, em que deve brilhar a luz da voſſa fé, & o reſplandor da voſſa devoçaõ, para aſſiſtirdes compaſſivas a eſta ſoberana Lua, poſta em hũa triſte Soledade pela auſencia do ſeu Sol. Eclipſada eſtà a fermoſiſſima Lua de Maria, (diz Santo Antonino de Florença) porque interpondo-ſe a terra da ingratidaõ dos homens, a privou da alegre preſença do ſeu Divino Sol, & da delicioſa viſta do ſeu amado Filho, & como tem hoje eclipſadas as ſuas luzes, ſó ſe diviſaõ neſta Lua rios de lagrymas: aſſim o dizem as palavras do meu thema; peço-vos q̃ as vades contemplando em quanto eu as vou expondo.

Idcirco ego plorans, & oculus meus deducens aquas: quia longe factus eſtá me cõſolator. Saõ eſtas palavras tiradas do Capitulo primeyro dos Threnos de Jeremias, as quaes no ſentido literal ſe entendem da Cidade de Jeruſalem; porém no ſentido myſtico ſe entendem da Mãe de Deos poſta na Soledade do ſeu Filho; & ſoy, como ſe dicera aquella afligida Mãe neſta ſua Soledade: Falta-me o meu amado, auſentou-ſe-me a viſta dos meus olhos; já naõ vejo ao meu Filho, eſtà longe de mim o meu Cõſolador, por

iſſo tudo em mim ſaõ penas, & chorando amargamente, vertem os meus olhos rios de lagrymas: *Idcirco ego plorans, & oculus meus deducẽs quas, &c.*

Ay triſte Mãe! Oh affligidiſſima Senhora! Como temo que naõ tenham hoje eſſas lagrymas alivio, porq̃ me quer parecer que ſaõ lagrymas ſem remedio. Dizem os Filoſofos que perſeverando a meſma cauſa, ſempre ſe conſerva o meſmo effeyto: *Cauſis eodem modo ſe habentibus, effectus eodem modo conſervatur.* E ſe a cauſa, que vos faz verter hoje eſſas lagrymas, he a auſencia do voſſo Filho: *Idcirco ego plorans ,...: quia longe factus eſt áme conſolator;* ſe por cauſa daquelle *quia* vos vedes taõ ſolitaria, como poderaõ ter remedio as lagrymas, q̃ chorais na auſencia do voſſo Filho, ſe vos falta eſſe Filho, que he a cauſa, porque chorais: *quia longe, &c.* Nenhum remedio tem as voſſas lagrymas, porque vejo que perſevera a cauſa das voſſas penas. Bem me peſa, Virgem Santiſſima, de vos traſer taõ triſtes novas, pois a peſar do meu ſentimento me obriga hoje o thema a q̃ tome eſte aſſumpto: Lagrymas ſem remedio, Soledade ſem alivio. Para proſeguir hum aſſumpto de tanta pena, valeyme, meu Deos, com a voſſa graça.

Ave Maria.

Idcirco ego plorans, &c.

Axioma.

POſto o Divino Sol Chriſto Jeſu no occaſo do Sepulcro, ſe recolheu a Virgem Santiſſima com Saõ Joaõ, & as Marias para a caza do Cenaculo; & vendo-ſe alli ſó ſem o ſeu amado Filho, fizeraõ os ſeus olhos o officio da lingua, porque reprimindo as ſuas queyxas taõ juſtas, ſe deſatáraõ ſeus olhos em inundaçoẽs de lagrymas: *Idcirco ego plorans, & oculus meus deducens aquas.* Porq̃ chorais, Virgem Santiſſima, porque verteis tantas lagrymas? Em poucas palavras

vras nos dà a Senhora a reſpoſta: *quia longe factus eſt àme conſolator.* Choro, (diz aquella affligidiſſima Senhora) porque naõ vejo o meu Filho, choro, porque me falta o meu amado, choro, porque ſe auſẽtou o meu Eſpoſo; choro em fim, ou ſem fim, porque eſtá muy longe o meu Conſolador: *quia longe factus eſt á me conſolator, idcirco ego plorans.*

Eu naõ ignoro, Virgem Santiſſima, que vertais agora pelos olhos tantas lagrymas: porque tendo os olhos dous officios, que ſaõ ver, & chorar, pede a obrigaçaõ do voſſo amor que acabando com os officios de ver, comeceis agora com o officio de chorar; porem o que ſinto he, que ſendo a auſencia do voſſo Filho a cauſa das voſſas lagrymas, naõ tenhaõ remedio eſſas lagrymas, porque ſe vos continúa a meſma cauſa: *Cauſis eodem modo ſe habentibus, effectus eodem modo conſervatur.* E ſe verteis lagrymas ſem remedio, naõ choreis, Virgem Santiſſima, eſſas lagrymas. Se tiveſtes valor a o pé da Cruz para verdes os tormentos, com que os crueis algozes tiráraõ ao voſſo Filho a vida, ſem ſe ver nos voſſos olhos huma ſó lagryma: *Stãtẽ lego, flentem non lego;* como agora nos dais a entender que parece vos falta o valor para ſupportar a ſua auſencia? Se pode a voſſa conſtancia tolerar ſem lagrymas a ſua morte, com naõ ſupporta agora ſem lagrymas a ſua Soledade? Porém já ſey, Virgem Santiſſima, que me haveis de reſponder que he taõ intenſa a dor, que padeceis neſſa triſte Soledade, que tendo o voſſo coraçaõ alento para ver ſem lagrymas a hum Filho morto, parece naõ tem alento eſſe voſſo coraçaõ para o conſiderar ſem lagrymas, depois de metido em hum ſepulchro; porque mais vos tyranniza agora a Soledade, doque vos atormentou entaõ a ſua morte.

Div. Amb. in obitu Valẽtiniani.

Duas mulheres encontro eu na ſagrada Eſcrittura chorãdo copioſas lagrymas,

huma foy a viuva de Naim, a outra foy a Magdalena, irmã de Lazaro: a viuva de Naim chorava a morte de hum filho; a Magdalena chorava a morte de seu irmaõ; & favorecendo Christo Senhor nosso ambas as lagrymas destas mulheres, reparo eu que as favoreceu com acções muy encontradas, porque á mãe viuva, que chorava a morte do filho, mandoulhe o Senhor q̃ naõ chorasse: *Noli flere*, & á Magdalena, que lamentava a morte de seu irmaõ, naõ só lhe mandou que naõ chorasse, mas antes vẽdo-a chorar, chorou o Senhor tambem, *ut vidit eam plorantem*,.... *Et lacrymatus est Jesus*. A' mãe prohibiolhe o choro, & á irmã acompanhou-a no pranto.

Luc. 7. n. 14.

Joan. 11. n. 33. & 35.

Isto assim supposto, difficulto agora assim. Mais natural he chorar hũa mãe a hum filho, doque chorar huma irmã a hum irmaõ: pois se Christo prohibe as lagrymas da mãe, que chorava a morte do filho, porque naõ prohibe as lagrymas da irmã, que chorava a morte do irmaõ, mas antes a acompanha nessas lagrymas, *ut vidit eam plorantem*,.... *Et lacrymatus est Jesus*? Se Christo manda á mãe que naõ chore, porque pretende resuscitarlhe o filho, tambem pretende resuscitar a Lazaro. Pois sendo isto assim, ou consinta Christo que chorem ambas, ou mande a ambas que não chorem: mas prohibe á mãe o pranto, & á Magdalena acõpanha-a no choro? Sim; & quereis saber a razaõ? Notay.

Ambas estas mulheres choravão a tristeza de huma morte; porém com huma differença, porque a mãe chorava a morte do filho, aquem hia acompanhando no esquife, a Magdalena chorava a morte do irmaõ, que estava já metido no sepulchro: a mãe estava ainda vendo o filho, supposto q̃ em tristezas de morto, a Magdalena ja não via a seu irmão, porque estava sepultado: a mãe supposto q̃ sentia a morte, ainda não padecia a soledade, porque levava o filho em sua companhia; porem a Magdalena naõ só chorava huma morte, mas padecia tambem huma soledade, porq̃ lhe faltava a companhia do irmaõ; & quando se está vendo a hum amado, supposto q̃ esteja defũto, podẽ passar os olhos vendo, porém quando se naõ chega a ver, he forsoso que fiquẽ os olhos chorando. Destas desiguaes lagrymas se infere que excede a soledade á morte, porque a viuva chorava a morte do filho, & a Magdalena lamentava a soledade do irmaõ. Naõ estava a mãe taõ só como a Magdalena; porque a mãe estava vendo com os olhos o que a Magdalena ja naõ alcançava com os sentidos; & quem chora hũa morte, póde impedirselhe o choro, porem quem chora hũa soledade, naõ se lhe póde coarctar o seu pranto.

Naõ foy necessario, Virgem Santissima, que Christo vos prohibisse o chorar, quãdo na Cruz o vieis morrer, ou fosse por conhecer o valor do vosso animo: *Stabant autem juxta crucem*: ou por entẽder que quem tem á vista o seu amado, ainda que esteja defunto, deve evitar as lagrymas, porque ainda tem em quem empregue as vistas; porem agora, que vos falta a vista dos vossos olhos: *& lumen oculorum meorum, & ipsum non est mecum*, agora que considerais ao vosso Filho ja metido em hum sepulcro, agora que padeceis a Soledade, naõ convem reter as lagrymas, porque agora saõ mais crecidas as penas: *Id circo ego plorans, &c.* E se Christo approvou as lagrymas da Magdalena, por chorar a soledade do irmaõ, quem haverá, que reprove hoje as vossas lagrymas, chorando a Soledade do vosso Filho, havendo mayor razaõ da natureza, & mayor motivo na causa; mayor razaõ da natureza, porque sois Mãe, mayor motivo na causa, porque perdestes hum Filho homem, que era juntamente Deos?

Joan. 19.

Ps. 37 n. 11.

Mas ay deſconſolada Senhora, que as lagrymas da Magdalena logo tiveraõ alivio, porém hoje as voſſas lagrymas ſaõ lagrymas ſem remedio. Teve a Magdalena alivio nas ſuas lagrymas, porque como Chriſto lhe reſtituhio o irmão cõ vida, deyxou logo de padecer a ſoledade do irmão, & (como dizem os Filoſofos) tirada a cauſa, tira-ſe o effeyto: *Sublata cauſa, tollitur effectus*; porẽ vós chorais lagrymas ſem remedio, porque ſe vos conſerva ainda a cauſa deſſas lagrymas, que he eſtar longe de vós o voſſo Filho: *quia longe factus eſt à me conſolator, idcirco ego plorans*. A Magdalena ainda poſta na ſoledade, teve quem lhe fizeſſe nas lagrymas companhia, que foy o voſſo amado Jeſu: *ut vidit eam plorantem*,.... *Et lacrymatus eſt Jeſus*: porem vós, que vos falta o voſſo Jeſus, até nas lagrymas ſois ſó, porque naõ tendes quem vos faça companhia neſſas lagrymas. O' almas Catholicas, para quando guardais a voſſa compayxão? O' eſpiritos Religioſos, para quando reſervais a voſſa ternura? Se ſois eſpoſas do Filho, bem he que acompanheis agora a Mãe; fazey-lhe pois companhia neſtas lagrymas, emquanto eu vou relatando as ſuas penas.

Axioma.

Não ſó me quer parecer que ſão eſtas lagrymas da Senhora ſem remedio, & eſta Soledade ſem alivio, por ter longe de ſi o ſeu Conſolador, mas tambem porq Deos lhe tirou a ſua conſolação; aſſim o diz a Gloſa moral do noſſo Thema: *quia longe factus eſt á me conſolator, id eſt, quia ipſe Deus retrahens áme conſolationem ſuam*. Vertem hoje os meus olhos tantas lagrymas, (diz aquella affligidiſſima Senhora) porque Deos me tirou a ſua conſolaçaõ. E que conſolaçaõ ſeria eſta, de que Deos privou hoje a ſua Mãe? Sabeis que conſolaçaõ foy? O naõ morrer a Mãe na Cruz com o meſmo Filho: foy a morte de Cruz para o Filho de conſolaçaõ, & de goſto; aſſim o diſſe Saõ Paulo: *qui propoſito ſibi gaudio ſuſtinuit crucem*; & ver Maria Santiſſima que naõ padecia eſta morte, que foy conſolaçaõ para o Filho, foy iſto na ſua Soledade o mais rigoroſo tormento.

Gloſſ. mor.

Hebr. 12. n. 2.

Eſta foy a cauſa, porque prevenindo ja a Senhora tormento taõ rigoroſo, diz S. Bernardo q fizera a o Filho na Cruz a ſeguinte petiçaõ. Meu Filho, & meu Deos, em quẽ tinha todo o meu alivio, & em quẽ tinha todo o meu goſto: *Fili dulcor unice, ſingulare gaudium*; vós ereis a minha alma, & tambẽ a minha vida: *Tu mihi vita, tu mihi anima eras*. E pois ficando ſem vós, fico ſem vida, & ſem alma, deſpachay-me eſta petiçaõ; ouvi-me o que vos peço: *exaudi me obſecro*: diſponde Filho deſta alma, que acabe eu a vida juntamente com voſco em os braços deſſa Cruz: *In tuo me ſuſcipe patibulo*: porque bem he que com o meſmo tormento acabem hum Filho, & hũa Mãe, que com hum meſmo amor ſe amaõ: *ut qui uno amore ſe diligunt, una morte pereant*. Eſta foy a petiçaõ, que a Mãe fez ao ſeu Filho, quando eſtava na Cruz; mas ay Catholicos, que naõ deſpachou o Filho a petiçaõ de ſua Mãe.

Aſſim o deu a entender o Evangeliſta mimoſo nas palavras, com que explicou os ultimos alentos de Chriſto. Eſpirou Chriſto na Cruz, & ao dar os ultimos alentos, refere o Evangeliſta eſtas palavras. *Et inclinato capite tradidit ſpiritum*: que inclinando Chriſto a cabeça, entregou o eſpirito; porem a verſaõ Syriaca diz aſſim. *Et inclinavit caput ſuũ, ac tradidit ſpiritũ ſuum*; q inclinãdo Chriſto a cabeça, entregou o ſeu eſpirito. Parece eſta advertencia eſcuſada, que entregou Chriſto o ſeu eſpirito. Por ventura tinha Chriſto outro eſpirito, mais que o ſeu, para que o Evangeliſta nos faça eſta advertencia de que Chriſto entregou o ſeu eſpirito? Sim: tinha Chriſto comſigo o eſpirito de ſua Mãe; aſſim

Joan. 19. n. 30.

assim o diz Saõ Boaventura: *Anima Mariæ erat in corpore Filii per amorem, plusquã in corpore proprio, quia anima plus est ubi amat, quàm ubi animat.* Estava o espirito, & a Alma da Mãe no Corpo do mesmo Christo; & para que se veja q ao morrer Christo na Cruz só entrega o seu espirito, & a sua Alma, & naõ a Alma da Mãe, por isso declara o Evangelista q entregou o seu espirito, *tradidit spiritum suum*: se entregára o Filho o espirito da Mãe, morréra a Mãe juntamente com o Filho, tivera a Mãe essa grãde consolaçaõ; mas paraque fosse a Soledade da Senhora sem alivio, & as suas lagrymas sem remedio, era forsoso que ficasse sem esta consolaçaõ, porque se póde ter por consolaçaõ huma morte, só por naõ padecer o rigor de huma soledade.

Divi. Bonavent. citat. à Pelbard. lib. 3. p. 2. c. 3. a. 3.

Fala o Evangelista Saõ Mattheus da morte dos meninos Innocentes, a qual mandou executar a tyrannia de Herodes, & diz que chorou Raquel taõ tristemente esta morte, que naõ quis admittir a menor consolaçaõ: *Rachel plorans filios suos, & noluit consolari, quia non sunt.* Eu naõ reparo agora em que o Evangelista chame filhos de Raquel aos Innocentes, nem reparo tambem em que diga que Raquel os chorava depois de morta; porque (como advertiu Hugo Cardial) foy isto exaggeraçaõ, para nos dar a entender que espectaculo taõ lastimoso era digno de que até os mortos chorassem: *Quasi diceret: Tantus fuit dolor, ut etiam hic. mortui lugére deberent*; só no que reparo, he em que diga Saõ Mattheus que naõ quis esta mãe admittir consolaçaõ na sua soledade pela morte dos seus filhos, *noluit consolari.* Pergunto eu, & quem havia, que pudesse consolar a Raquel? Naõ estava Raquel ja defunta? Assim he; porem diz Eusebio Gallicano que tinha Raquel consolaçaõ, & que por isso a naõ queria: *Ibi consolatio necessaria non est*, que naõ necessitava Raquel de consolaçaõ

Mat. th. 2. n. 18.

Hug. hic.

Euseb Gallic Serm. de nativit. Innocent.

solaçaõ, porque a tinha; & que consolaçaõ era esta? Sabeis qual? O estar Raquel ja morta, quando morréraõ os seus filhos, paraque naõ visse em vida a sua morte. Esta era a consolaçaõ de Raquel na sua soledade, & esta consolaçaõ faltou na Soledade a Maria Santissima.

Raquel teve consolaçaõ na soledade dos filhos, porq como estava morta, já naõ sentia a soledade, & esta era a consolaçaõ de Raquel: *Ibi consolatio necessaria non est*: porem a Maria Santissima faltoulhe na Soledade esta consolaçaõ da morte, porque desejando morrer, naõ acabava de espirar: *Moriebatur, & mori non poterat*, disse Arnoldo Carnotense: Raquel chorando na soledade alcãçou remedio para as lagrymas, porque tiveraõ as suas penas alivio na soledade com a sua mesma morte; porem Maria Santissima chora hoje lagrymas sem remedio, & padece huma Soledade sem alivio, porque lhe faltou o Filho com a cõsolaçaõ da morte nesta sua Soledade: *Idcirco ego plorans: quia longe factus est à me consolator, id est, quia ipse Deus retrahens à me consolationem suam.*

Arn. tract. de septem verbis

Oh como se deyxa ver, Virgem Santissima, que saõ as vossas lagrymas sem remedio, & a vossa Soledade sem alivio: porque se até gora corriaõ dos vossos olhos duas perennes fontes de agoas *& oculus meus deducens aquas*, agora vejo q correm dos vossos olhos duas perennes fontes de sangue: assim o diz Saõ Germaõ: *Beata Virgo in morte Christi amarè flevit, ut post uberrimum effusum imbrem sanguineas lacrymas fuderit.* Taõ tyranna, & taõ cruel he a vossa Soledade, que por naõ terem ja os olhos lagrymas, vos faz agora destillar o coraçaõ pelos olhos; assim o diz Santo Anselmo: *Liquefactum est cor Mariæ præ compassionis angustia.* Até gora vertiaõ os vossos olhos agoas, porem ja a Soledade vos converteu as agoas em sangue.

Divi. Germ. in fragm. oct. Maria.

Divi. Anselm.

Aqui

Aqui temos ja completa, ó Catholicos, a profecia de Joel. Disse Joel com espirito profetico que havia de haver dia, em que o Sol se converteſſe em trevas, & a Lua se converteſſe em sangue. *Sol convertetur in tenebras, & Luna in sanguinem.* E se esta conversaõ se havia de ver em algum dia, hoje he o dia, em q̃ vem os nossos olhos esta conversaõ. Eclipsou-se o Sol Christo cõ as trevas do Sepulcro, & ficou convertido em trevas este Sol. Escureceu-se a Lua Maria com as dores da Soledade, & foraõ taõ vehementes estas dores, q̃ chegou hoje a chorar sangue. Converteu-se o Sol de justiça em trevas pela morte do corpo, converteu-se a Lua em sangue pelo martyrio da alma. Assim o diz Ricardo de Saõ Lourenço: *Conversò enim Sole justitiæ in tenebras per mortem Corporis, conversa est Luna in sanguinem per martyrium animæ.*

Joel 2. n. 31.

Rich. lib. 3. de laud. Virg.

Bem confirma esta verdade meu Padre Saõ Boaventura: *Quæro Mariam, & non invenio Mariam; invenio sanguinem, invenio vulnera, invenio spinas, quia tota conversa est in ista.* Busco hoje a Maria, (diz Saõ Boaventura) & naõ acho a Maria; acho sangue, acho chagas, acho espinhos, porque toda se converteu nestas cousas. Se as lagrymas da Soledade a naõ destruiraõ de repente, foraõ tão crueis essas lagrymas, que a convertéraõ em feridas, & em sangue, *quia tota conversa est in ista.* Oh poder cruel de hũa Soledade! Converter huma cousa em outra he acçaõ do poder de Deos. Converteu a agoa em vinho em Canâ de Galilea, converteu o paõ em sua carne, & o vinho em seu sangue no Cenaculo, porque era Deos todo poderoso. E se Moysés converteu o Nilo em sangue, se converteu a sua vara em serpente, he porque tinha nas suas mãos o poder do mesmo Deos: *Ecce constitui te Deum Pharaonis:* mas que as lagrymas da Soledade convertaõ a Maria em sangue! Oh Soledade tyranna!

Div. Bonav. stim. 1. p. c. 3.

Exod. 7. n. 1.

substan-

Oh rigorosa Soledade! Sey eu que dizem os Filosofos que para haver conversaõ, he necessario destruirse hũa substancia, para que a outra de novo permaneça; & sendo isto assim, bem se segue que, sea Soledade converteu Maria em sangue, primeyro a destruhio. Ay Catholicos, assim foy, porq̃ ja do pé da Cruz trouxe Maria este mal, porque tanto q̃ o Filho espirou, logo ficou assolada, logo ficou destruida.

Agora entendo eu huma estranha saudaçaõ, com que Saõ Cypriano saudou a esta Senhora: *Salve Virgo, quæ fulgur portasti in ventre.* Deos vos salve, Virgem Santissima, que trouxestes nas vossas entranhas hum rayo. Notavel saudaçaõ, & comparaçaõ notavel! E quando foy Christo rayo para sua Santissima Mãe? Eu o direy. Foy quando na Cruz se levantou contra Christo a mais furiosa tempestade. Chegou Christo ao alto mar da sua Cruz. *Veni in altitudinem maris;* & foy tal a tempestade, que alli se levantou, que no mesmo mar da Cruz o submergio: *& tempestas demersit me:* porque se eclipsou o Sol, ensangoentouse a Lua, turbáraõ-se os astros, escureceu-se o Ceo, tremeu a terra, romperaõ-se os penhascos; & com esta commoçaõ taõ grande, com esta tempestade taõ desfeyta, parece que se acabava o Mundo. E como naõ ha tẽpestade grande sem trovoẽs, se ouvio alli hum trovaõ muy grande, que foy o levantar Christo a voz, para entregar o seu Espirito: *Jesus autem emissa voce magna expiravit.* Do trovaõ desta voz sahio o seu Espirito como rayo; & como Maria Santissima sua Mãe era a que estava mais proxima, & mais propinqua, experimentou logo na Cruz os effeytos deste rayo. E q̃ effeytos foraõ estes, que a Senhora experimentou? Sabeis que effeytos foraõ? Aquelles que causa hũ rayo, quando dá em hum sujeyto. Dá hum rayo em hum corpo, & deyxando-o inteyro,

Div. Cypr. lib. de laud. Virg.

Pſal. 68. n. 3.

Marc. c. 15. c. 37.

lhe

lhe converte os oſſos em cinza; dá o rayo em huma eſpada, & deyxando intacta a bainha, converte o ferro em migalhas. Pois eſtes foraõ os effeytos, q̃ experimẽtou Maria ao pé da Cruz, quãdo eſpirou o ſeu Filho; porque exhalando o Eſpirito como rayo, deu eſte rayo no coraçaõ de Maria, deyxando a tyrannamente deſtruida, & cruelmente aſſolada: *Poſuit me deſolatam.*

Mas oh dor, oh ſentimẽto! Que ficando Maria ſantiſſima com a morte do ſeu Filho deſtruida, & aſſolada, agora que chora a Soledade do Filho, vejo que fica aniquilada, & conſumida. Entre aſſolado, & conſumido ſe dá eſta differença: porque o edificio aſſolado ſe diz aquelle, que eſtá cahido por terra, mas com algum veſtigio do que foy; porém o edificio conſumido de tal ſorte ſe reduz a nada, que naõ deyxa o menor veſtigio. O que ſuppoſto, notay. Duas ſoledades lamentava a Senhora com as ſuas lagrymas, ſoledade da companhia, & ſoledade de remedio: a ſoledade de companhia foy a que padeceu ao pé da Cruz, quando o ſeu Filho eſpirou, porque logo com a ſua morte começou a experimentar a falta da companhia do Filho: a ſoledade de remedio foy a que padeceu a Senhora depois de metido o Filho no ſepulcro, porque entaõ chorou ſẽ remedio a Soledade; & foy tãto mais rigoroſa a ſoledade de remedio, q̃ a ſoledade de cõpanhia, que ſe na Cruz a ſoledade da companhia do Filho a aſſolou: *Poſuit me deſolatã*, no ſepulcro a ſoledade do remedio a cõſumio.

Aſſim parece que o deu a entẽder o Profeta Jeremias falando deſta Senhora: *deposita eſt vehementer, non habens conſolatorem.* Cahiſtes, Senhora, com vehemencia, *Thren.* 1. *n.* 9. ficaſtes derribada por terra, naõ tendo conſolador. Iſto querem dizer as palavras do Profeta. Porém a Gloſa ordinaria commentando eſtas palavras, diz aſſim: *Totam te poſſidet contritio, ad non eſſe tendis.* De tal ſorte, *Gloſſ. hic*

Senhora, vos oppprime a veſſa dor, que caminhais a naõ ſer. Iſto ſuppoſto, entra agora o meu reparo. E porq̃ cauſa havia de ſer eſta Senhora com tal vehemencia deſtruida, que chegando a perder o meſmo ſer, ſe havia de reduſir a nada, *ad non eſſe tendis*? O meſmo Profeta he o que nos ſolta a duvida. *Quomodo ſedet ſola.* Profetizou Jeremias a eſta Senhora que em algum tempo ſe havia de ver ſó, & taõ ſó ſe havia de ver, que havia de experimentar huma ſoledade de remedio, porque havia de chorar ſem remedio a ſoledade. *Quomodo ſedet ſola, non habens conſolatorem.* E o meſmo foy profetizarlhe hũa Soledade ſem conſolaçaõ, & ſem remedio, q̃ profetizarlhe tambem q̃ a falta deſſe remedio, naõ ſo a havia de deſtruir, & aſſolar, mas que tambem a havia de conſumir até lhe tirar o meſmo ſer. *Quomodo, &c. Ad non eſſe tendis.* *Thr. ubi ſup.*

Tyranna foy a ſoledade de companhia, que Maria experimẽtou junto á Cruz do ſeu Filho, quando vio eſpirar o Filho na Cruz, porque foy taõ tyranna, & taõ cruel eſta ſoledade, que a chegou a aſſolar, & a chegou a conſumir. Porém a ſoledade do remedio, o chorar ſem remedio a ſoledade, depois de ſepultado o ſeu Filho, ainda lhe cauſou mayor tormento, porque ſe na ſoledade de companhia ficou aſſolada, na ſoledade de remedio ficou conſumida. Se a ſoledade de companhia foy rayo, que a deſſes, & aſſolou, a ſoledade de remedio foy fogo, que a conſumio, porq̃ diſtillando o ſangue do coraçaõ pelos olhos, como eraõ lagrymas ſem remedio, como era Soledade ſem alivio, naõ ſó ficou deſtruida, & aſſolada por terra, mas as meſmas lagrymas a cõſumiraõ, & a reduſiraõ a nada: *Ad non eſſe tendis. Quomodo ſedet ſola, &c. Depoſita eſt vehementer.*

Oh virgem Santiſſima! Como eſtamos vendo aolhos viſtos que as lagrymas, que na Soledade chorais,

rais, naõ ſaõ lagrymas de deſafogo, mas ſaõ lagrymas ſem remedio. Bem o eſtais experimentando a peſar do meu ſentimento, porque ſervindo as lagrymas a muytos de alivio, ſaõ eſſas lagrymas para vós lagrymas de conſumiçaõ. Mas como vos naõ haviam eſſas lagrymas de aniquilar, & conſumir, ſe ſaõ lagrymas choradas em huma ſoledade ſem remedio, por eſtar longe de vós o Filho, que tanto amais. *Idcirco ego plorans: quia longe factus eſt á me conſolator.*

Vejo-me agora embaraçado, porque ſe quizer falar com eſta affligidiſſima Senhora, vejo que ſe converteu em ſangue com o rigor da Soledade, & que a continuaçaõ deſte rigor a deſtruhio de tal modo, que lhe tirou o meſmo ſer. E ſe a Virgem Santiſſima perdeu o ſer, & a exiſtencia que tinha, com quem heyde agora falar, ſe a Senhora naõ tem exiſtencia, nem ſer? Eu naõ vejo mais remedio, que nomealla pelo nome, ja que pelo ſer a naõ poſſo nomear. Mas ay Catholicos! que até o nome de Maria lhe deſtruhio hoje a Soledade.

Aprimeyra joya, que a Senhora na Soledade perdeu, a primeyra prenda, que a Soledade lhe deſtruhio, foy o ſeu Santiſſimo Nome; porque eſtando o Filho na Cruz, & havendo de falar com eſta Senhora, deulhe o nome de mulher, & naõ lhe deu o nome de Maria. Muytas razoẽs ſobre iſto tẽ dadó os Santos Padres, porem eu com venia de todos hey de dar huma razaõ, que me ſerve agora ao intento. Digo pois que, eſtando Chriſto para morrer na Cruz, naõ deu o nome de Maria a ſua Mãe, porque por ſua morte caminhava eſta Senhora para o amargoſo do mar de ſua penoſiſſima Soledade, & he taõ tyranna a dor de huma Soledade, que naõ ſó deſtroe o ſer, mas tambem priva do nome. Ouçaõ para ver ſe tenho razaõ.

Ad nihilum devenient tãquam aqua decurrens. Saõ eſtas palavras de David no Pſal- *Pſalm 57. n. 8.*

Pſalmo 57. Querem dizer eſtas palavras: Reduſirſehaõ a nada, como os rios q̃ correm. Eu naõ reparo no literal deſte Texto, porque ſey que neſtas palavras fala David dos Hebreos, cuja Republica ſe havia de aniquilar, & deſtruir por haverem crucificado ao meſmo Filho de Deos. O reparo, que tenho, he dizer David que ſe haviaõ de deſtruir como os rios, que correm para o mar. *Ad nihilum devenient, &c.* Pois os rios, q̃ para o mar correm, perdem o ſer, convertem-ſe em nada? David, vede o que dizeis. Hugo Cardial reſponde pelo Profeta: *Fluvuiquã do intrant in mare, ad nihilũ deveniunt, quia nomen amittunt.* Reparay, (diz eſte Douto) os rios em quanto correm para o mar conſervaõ o ſeu nome, porque hũ ſe chama Tejo, outro Nilo, outro Minho, & aſſim os mais; porem em chegando ao mar, dizey-me qual he o Minho, qual he o Nilo, ou qual he o Tejo? Naõ ſe apparece, ja perderaõ os rios o nome, que tinhaõ. Aſſim perdem os rios o nome em chegando ao mar, aſſim perdem todo o ſeu ſer, & perdẽ todo o ſeu ſer, porq̃ perdem o ſeu nome. *Ad nihilum, &c.*

Hug. Card. hic.

Iſto que paſſa nos rios, paſſou tambem na Mãe de Deos. Entrou eſta Senhora no mar de ſua Soledade, pois (como diſſe Jeremias) foy a ſua Soledade como o mar. *Magna eſt enim velut mare contritio tua.* E o meſmo foy entrar no mar de ſua triſte Soledade, que perder o ſer, & o nome que tinha, perder a exiſtencia, & reduſirſe a nada. Por iſſo o Filho vendo que morria na Cruz, & que por ſua morte hia correndo ſua Mãe para o amargo mar de ſua Soledade, lhe naõ deu o nome de Maria, como quem ſabia que entrando no mar da Soledade, naõ ſó havia de perder o ſer, mas tambem havia de perder o nome. *Magna eſt, &c. Ad non eſſe tendis. Ad nihilum devenit.* *Thren 2. n. 13.*

Neſte eſtado vos puzeraõ, ó anguſtiada Mãe, as lagrymas da Soledade! Mas

que digo, que nem o nome de Mãe vos ficou na Soledade, porque ſe mãe diz ordem ao filho, como vos falta hoje o Filho, he certo q̃ tambem perdeſtes a relaçaõ de Mãe. Alem de ſer iſto Theologia certa, o notou aſſim hũ grave Douto. *Ah Mater, jam non Mater. Sed ſtentis, & orbæ--infelix ſimulacrum, & functi corporis umbra.* Ah Mãe, que ja naõ ſois Mãe, *jam non Mater*: ſois huma ſombra do que ereis, & hum nada do que foſtes.

Niſto vos paráraõ as lagrymas da Soledade, converteram-vos em ſangue, aſſolaram-vos o ſer, & até o nome de Mãe, & de Maria vos aniquilàraõ, & vos conſumiraõ. Oh lagrymas de conſumiçaõ! Oh lagrymas ſem remedio! Oh Soledade ſem alivio! Bem dizia eu no principio que era ſem alivio a voſſa Soledade, & que eraõ ſem remedio as voſſas lagrymas, porq̃ permanecia a falta do voſſo Filho, que he a cauſa de todas as voſſas penas: *Idcirco ego plorans, & oculus meus deducens aquas: quia longe factus eſt á me conſolator.*

Com eſtas palavras dey principio ao Sermaõ, & com ellas meſmas lhe dey fim. Porem ſó vejo que naõ tem fim as lagrymas deſta Senhora, porque como naõ perdeu o ſer de Mãe de Deos, como lhe falta o ſeu Deos, ainda chora, como tal Mãe. E parece que por fim nos eſtá pedindo a todos q̃, ja que naõ tem remedio as ſuas lagrymas, porque lhe falta o ſeu Filho, quer que a enterremos na Eſperanſa com o Filho, porque ſó aſſim teraõ as ſuas lagrymas remedio: porque, ſe o leyto da ſepultura he tanto da Mãe, como do Filho. *Lectulus noſter*, & por eſtes tres dias deſcança o Filho na Eſperanſa, he muy juſto que na Eſperanſa lhe demos tambem ſepultura com o Filho. Aſſim o eſtá dizẽdo eſta Senhora por bocca de Guilhelmo Abbade. *Lectulus ille, in quo caro tua per triduum requieſcit in ſpe, lectulus ille tuus eſt non ne & meus?* *Cant. tico. l. n. 15.* *Guil. Abbi.*

meus? Se o leyto do ſepulcro, (diz aquella affligidiſſima Senhora) em que neſtes tres dias deſcança o meu Filho na Eſperanſa, tambem he meu eſte leyto, tambem me pertence eſta ſepultura, como enterrando o meu Filho por tres dias na Eſperanſa, naõ ha de ficar eſta Mãe tambem enterrada na Eſperanſa com o ſeu Filho eſtes tres dias?

Que dizeis, ó Religioſas da Eſperanſa, a eſta petiçaõ da Mãe de Deos? Quereis concederlhe a ſepultura, que vos pede? Vede que lha naõ podeis negar, porque a Senhora allega na petiçaõ que na Eſperanſa he que tem a ſepultura: *Lectulus ille, in quo caro Filii mei requieſcit in ſpe, etiam meus eſt*: & parecerá tyrannia faltardes com o deſpacho a huma leal companheyra, que ha tantos annos vos aſſiſte, & taõ finamente vos ama. Por iſſo meſmo, (parece que ouço dizer a todas eſtas Religioſas) por iſſo meſmo, que eſta boa Mãe, & eſta companheyra taõ leal nos aſſiſte ha tantos annos, nos naõ atrevemos agora a a partalla dos noſſos olhos. Por tanto me pedem vos diga da ſua parte que, ſe ſó na Eſperanſa he que póde ter alivio a voſſa Soledade, aqui vos enviaõ huma eſmeralda, que he ſymbolo da Eſperanſa.

Eu aqui a trago envolta com cautela, porque he pedra muy precioſa. Naõ vos mandaõ eſta pedra engaſtada em hum anel, porque ſabem muyto bem que, ſendo eſta pedra imagem do voſſo Filho: *Petra autem erat Chriſtus*, ſó o voſſo coraçaõ póde ſer o anel deſta pedra; & ſendo eſta pedra taõ boa para o coraçaõ, aceytay-a, Virgem Santiſſima, que poderá ſer que com ella ſe allevie a voſſa mãgoa.

Eſta he, ó Mãe de Deos, a eſmeralda, que vos mandaõ eſtas voſſas companheyras, que por ſer ſymbolo da Eſperanſa, allevia-reis com ella as voſſas lagrymas. Porem que he iſto, que vejo? Ay de mim, que a eſme-

eſmeralda, que me deraõ, ſe converteu em rubim! O' eſpiritos Religioſos, que equivocaçaõ he eſta? Se a eſmeralda he decor verde, como vemos agora de cor vermelha eſta eſmeralda? Mas ja ſey que toda a culpa he minha, mudou a eſmeralda de cor: *Mutatus eſt color optimus*, porque deu na minha maõ. He a eſmeralda taõ a miga da pureſa, que ſe eſta falta á ſua viſta, ou ha de logo que brar, ou ha de mudar de cor,& como eu me atrevi, eſtando manchado com culpas, a tocar eſta eſmeralda,por iſſo naõ ſó mudou logo as cores, mas ainda ſe diviſaõ neſta eſmeralda tantas quebras. Bem o moſtraõ os relevos, que aqui vemos nas rodas deſta pedra precioſa, que ſendo huma pedra taõ liſa, abriraõ as minhas culpas tantos favos neſta pedra. Aſſim abrio a tyrannia eſta precioſa eſmeralda, que era a baſe de toda a noſſa eſperanſa, fazendo verter pelas veas deſta pedra copioſos rios de ſangue; & ſe os meus peccados cauſáraõ eſtes effeytos, torno a dizer, ay de mim, que a eſmeralda, que me derão, ſe converteu em rubim. E ſe a minha impureſa foy a cauſa deſta mudança, bem he que arrependido peça agora miſericordia.

Jerem 4. Ruco lib. 2. de Gemmis, c. 5.

O' almas Religioſas, no lado deſta Pedra achareis hum agulheyro, que ſendo aberto com ferro, o prevenio o amor para o voſſo retiro. Retiray-vos pois como pombas ao agulheyro deſta Pedra,para que quando eſte Eſpoſo vos chamar, dizendo vos: *Columba mea in foraminibus petræ*,lhe reſpondais lá de dentro, dizendo: Aqui eſtamos, Senhor, retiradas,& todas arrependidas, eſperando alcançar as voſſas miſericordias. O' Catholicos, com voſco falo agora, ſe ſabeis muy bem que foraõ as voſſas culpas as que abriraõ neſta Pedra tantas boccas, & fizeraõ neſta Eſmeralda tantas chagas, choray agora as voſſas culpas, emenday a voſſa vida, pedindo a eſte

eſte Senhor muytas vezes miſericordia. O' precioſa Eſmeralda, & ó Pedra muy precioſa, vinde agora a os meus braços, que como ſaõ tambem de pedra, os não deveis eſtranhar; mas ay meu Deos, que ſendo vós como de pedra no ſofrimento, ſó eu ſou de pedra na obſtinaçaõ. O' meu Jeſus, aqui ſe encõtraõ as pedras, vós huma Pedra branda, & eu huma pedra dura; mas quem poderá abrandar a dureſa deſta pedra, ſenaõ eſte precioſo Sangue, que he todo de miſericordia, &c.

SERMAÕ
DE
SANTO THOMAS
DE VILLA-NOVA,
Prégado no Mosteyro de Saõ Joaõ da Cidade de Ponta Delgada em 21. de Janeyro de 1700.

Euge serve bone, & fidelis,..., intra in gaudium Dòmini tui. Matth. 25. num. 21.

HAvia Deos alguma hora de parecerse com o homem, já que o homem se naõ quis parecer com Deos. He o homem de seu natural taõ inconstante, que nunca está no mesmo estado permanente, mudando de parecer cada dia, tomando diversas resoluções cada hora; & sendo isto no homem hum vil achaque, acho que Deos tambem muda de parecer, naõ podẽdo haver em Deos este achaque taõ vil.

Decretou Deos alagar o Mũdo todo com as agoas de hum Diluvio, sem achar a hum homem vivo. *Delebo, inquit, hominem, quem creavi*: porém vemos que deyxou ao Patriarca Noe com toda a sua familia. Enviou Jonas a Ninive com tençaõ de destruilla. *Adhuc quadraginta dies, & Ninive subvertetur*: porém á primeyra lagryma, que os moradores choraram, lhes concedeu o perdaõ, que pretendiam. Prometteu que naõ havia de entrar na Cidade do seu povo, *& non ingrediar civitatem*: & depois entrou nella a buscar Mãe. Creou ao homem, para que lhe fosse semelhante: *Faciamus homine adm*iaginem, & similitudinem nostram.* Porẽ vendo que o homem perdera a semelhança, mudou Deos de parecer; (diz Santo Augustinho) vestio Deos a nossa natureza, para se parecer com o homem: *Vice versa factus est Deus ad imaginem, & similitudinem hominis.*

Gen. 6 n. 7.
Jon. 3. n. 4.
Oseæ 11. n. 9.
Gen. 1 n. 26.

Cheguemo-nos agora ao Evangelho. Aconselhava Christo aos homens que desprezassem os thesouros, porque sem esta renuncia naõ poderiaõ ser seus discipulos: *Nisi renuntiaverit omnibus, quæ possidet, non potest meus esse discipulus.* Porém hoje vemos no Evangelho que reparte com os seus servos os seus bens, & lhes dá a lucro os seus talẽtos: *Vocavit servos suos, & tradidit illis bona sua.* Pois que he isto, (pergunta Saõ Pedro Chrysologo) muda Deos de parecer: *Docet avaritiam, qui cœpit suadere contemptum?* Fas tratantes aos que dantes persuadia q̃ fossem pobres? Sim: naõ quizeram os homens fazer o que Deos lhes aconselhava, trasiam o coraçaõ nas riquezas, & fizeram com que Deos mudasse de parecer, entregandolhes os seus talentos, para com elles lhes levar o coraçaõ.

Foy o caso, que querendo Christo Senhor nosso fazer huma jornada dilatada, como era da terra para o Ceo: *Homo peregre proficiscens,*

cens, diz o Evangelista Saõ Mattheus que chamou aos seus servos, & que lhes entregou todos seus bens: *Tradidit illis bona sua.* Chama a estes bens seus, paraque entendamos que todos os bẽs, que temos, ou sejaõ de riquesa, ou de dignidade, ou de sabedoria, naõ saõ nossos, senaõ de Deos, & que todos nos entregou sem lhe ficar nem hum só. Grande liberalidade de Senhor! que tudo nos deu, & tudo nos entregou. Entregounos Ceos, terra, Anjos, Apostolos, & até o seu proprio Filho nos entregou, como diz S. Paulo: *Qui proprio filio non pepercit, sed pro omnibus tradidit illum.*

A hum destes servos deu sinco talẽtos, a outro dous, & a outro hum. Naõ deu todos os talentos a hum, nem deu todos os talentos a todos, mas distribuhio-os com variedade, paraque vissemos que nesta vida ninguem ha, a quem naõ falte algum talento, & na verdade que isso mesmo nos convem; porque se nós com experimẽtarmos neste Mũdo tantas faltas, ainda lhe estamos taõ affeyçoados, q̃ naõ queremos sahir deste Mũdo, que seria, se tivessemos cada qual todos os talentos, & isto foy o que quis dizer Santo Augustinho: *Mundus te turbat, & amatur, quid faceres, si tranquillus esset.*

Por isso, sendo a repartiçaõ destes talentos desigual, todos os servos ficaraõ contentes com esta repartiçaõ. Ficou satisfeyto o primeyro servo com sinco, porque podia com tantos. Contentou-se o segundo com dous, porque naõ podia cõ mais. Ficou o terceyro pago com hum, porque era para pouco; porque quem naõ podia com o seu talento, pois deu com elle em terra, como poderia com os mais? Contente-se cada hum com o que póde o seu talento, se não quizer perder muyto do seu credito. Contente-se a Lua com luzir de noyte, que para isso tem talento: *ut præesset nocti*; & será tida Rainha das estrellas; porẽ se

se quizer sahir de dia, naõ sahiráõ bem seus resplandores. Por isso estes servos do Evangelho naõ desejavaõ mais talentos, porque naõ podiaõ com mais as suas forsas: *Dedit unicuique secundùm suam propriam virtutem.*

Na entrega, que o Senhor lhes fez destes talẽtos, lhes encarregou tambem q̃ haviam de negociar com elles até a sua vinda: *Negotiamini dum venio.* A todos
Luc. 19. *n.* 13. impoz Deos esta obrigacaõ; & por isso dispos que houvesse sabios, & ignorantes, ricos, & pobres, grandes, & pequenos, Prelados, & subditos, para q̃ todos lucrem, & paraque todos negoceem. Os sabios ensinando, os nescios aprendendo, os ricos fazendo esmolas, os pobres levando com paciencia as suas faltas, os Prelados mãdando os subditos obedecendo.

Naõ cuydem aquelles, a quem Deos deu a dignidade de superiores, que foy para se assentarem descançados no throno, mas que lha deu Deos para naõ perdoarem ao trabalho, & que se Deos os fez Prelados, & Pastores, devem tratar do seu rebanho, para que nelle se vejam os lucros espirituaes do seu talento; que já por essa razaõ lhe pos Christo o nome de talento, nome que, supposto que significa huma quantidade, tambem significa hũa muy pesada carga. *Lanuza sup. hoc Evang.*

Naõ cuydem tambem os ricos que lhes tem Deos dado os seus bens, para os gastarem só comsigo, sem negociarem a sua salvaçaõ cõ esmolas, que para tirarem este lucro lhes envia Deos os pobres todos os dias ás portas. Mas oh! E quantos recebem os bens de Deos, naõ para cõ elles negociar, mas para os deytar a perder; como fez aquelle filho Prodigo, que recebẽdo os bens, que o pay lhe deu, todos os gastou, & consumio, entregando-se a vicios, & torpesas, *dissipavit substantiam suam, &c.* *Luc.* 15. *n.* 13.

Depois de passado muyto tempo, diz o Texto que veyo

veyo o Senhor: *Poſt multũ verò temporis venit Dòminus.* E reparo eu que, ſendo o tempo da noſſa vida taõ breve, como o diſſe o Santo Job: *Breves dies hominis ſũt,* lhe chama o Evangeliſta muyto tempo: *Poſt multum, &c.* E ſabeis porque? Porq ſuppoſtoque o da noſſa vida em ſi ſeja muy breve, como tambem diſſe Saõ Paulo: *Tempus breve eſt;* com tudo em ordem a podermos grãgear a noſſa ſalvaçaõ he tẽpo muy dilatado, pois em hum ponto nos podemos arrepender de todas as noſſas culpas: cõ hũa ſó lagryma bem chorada podemos lavar todas as noſſas manchas, & ſe iſto podemos fazer em hum inſtante, tendo nós tantos inſtantes, & tantas horas de vida, largo tẽpo temos para lucrarmos a Gloria: *Poſt multum, &c.*

Job 14. n. 6.

1. Cor 7. n. 29.

Eſta vinda do Senhor diz Saõ Mattheus que foy para pedir conta aos ſeus ſervos, com quem havia repartido os ſeus talentos: *Venit Dòminus, & poſuit rationem cum eis.* Oh que terribel conta? Oh que tremẽda reſidencia! Eſta conſideraçaõ ſó de ſaber que ha de vir dia, em que todos haõ de ſer chamados a contas, até aos meſmos juſtos tras deſvelados, até aos meſmos Santos tras confuſos; & não póde haver mayor ceguey-ra, que ſabendo os homens que haõ de dar contas a hũ Senhor taõ juſto, que condenou a hum dos ſervos, naõ porque perdeſſe o talẽto, mas ſomente porq não grangeou com elle, eſtejam taõ deſcuydados, ſem ajuſtarem as ſuas contas, ſem ſaberem o dia, em que lhas haõ de tomar, nem a hora, em que lhas haõ de pedir! Oh eſtejamos álerta, andemos todos muyto ajuſtados, que não ſabemos ſe ſerá hoje, ſe á manhã, ou ſe neſta noyte, como ſuccedeu áquelle rico do Evangelho: *Sulte, hac nocte animam tuã repetunt à te.* Luc. 12. n.

E o dizer o Evangeliſta 20. que entrou o Senhor em cõtas com os ſeus ſervos, foy o meſmo que dizer que lhas pedio com razaõ, & ordem, porq

porque naõ pede Deos a todos os ſervos os meſmos lucros, ſenaõ que pede mais ao que mais recebeu, & iſſo foy o que quis dizer S. Gregorio: *Quò augentur dona, rationes etiam creſcunt donorum:* o que recebeu de Deos mayores beneficios, eſſe eſtá obrigado a correſponder cõ mayores lucros. Aquelle, aquem Deos fez Letrado, Prégador, Religioſo, Sacerdote, Prelado, & poderoſo, a eſtes he que ha de pedir mais lucros, porque com eſtes repartio mais avantejados talentos: *Poſuit rationem, &c. Quò augentur, &c.*

Div. Greg. Hom 9. in Evãg.

Finalmente chegou hũ deſtes ſervos a dar conta dos ſeus talentos, & diſſe ao Senhor: *Domine, quinque talenta tradidiſti mihi, ecce alia quinque, &c.* Senhor, finco talentos me entregaſtes, aqui tendes outros finco, que lucrey. Vendo o Senhor a boa conta, que lhe deu eſte ſeu ſervo, diz o Evangeliſta que lhe deu a Gloria por premio: *Euge ſerve bone, & fidelis,..., intra in gaudium Domini tui.*

Matth. 25. n. 20.

Eſta he a expoſiçaõ do preſente Evangelho, com o qual feſtejamos hoje, & particularmente hum eſpirito Religioſo, & hum animo agradecido, ao diamante dos Biſpos, ao prototypo dos Prelados, ao grande pay dos pobres, ao obrador dos mais aſſinalados prodigios, o glorioſo Santo Thomás de Villa-Nova, em cujo portentoſo braço parece que avinculou Deos, como á vara de Moyſes, a ſua Omnipotencia; fazendo-o de todas as graças cumulo, de todas as virtudes centro, de todas as grandeſas alvo: pois he Thomás hum Santo, em quẽ acham os enfermos a ſaude, os neceſſitados remedio, os affligidos ſoccorro, a Igreja militante o ſeu deſcanço, & a triunfante o ſeu credito.

E ſuppoſtoque ſaça o Evangeliſta mençaõ de tres ſujeytos, & Thomás ſeja hum ſò, nem por iſſo deyxa de lhe quadrar bem o Evangelho, porque ſe Thomás he ſó hum, he hum que val

por

por muytos, que ja por eſſa razaõ vejo em Thomás avinculados aquelles meſmos talentos, que pelos mais ſervos ſe achaõ divididos: porque ou eſtes talẽtos ſignifiquem os dões da graça, ou os bens da natureſa, ou da fortuna, ou da Prelaſia, ou da ſciencia, todos Thomás poſſuhio, todos o noſſo Santo logrou; nem para iſto he neceſſaria mais prova, doque ter da ſua vida noticia.

Porém naõ he ſó eſta a razaõ, porque o Evangelho preſente he proprio para Thomás, antes quero entender que o preſente Evangelho he para Thomás taõ proprio, que me parece que ſó para Thomás foy feyto; aſſim o daõ a entender as palavras, que tomey por thema: *Euge ſerve bone, & fidelis*: porque ſe o que contem eſtas palavras, he hum louvor, & hum parabem, q̃ Chriſto deu áquelle bom ſervo do Evangelho pelos lucros, que lhe havia adquirido, por cuja cauſa lhe deu a Gloria por premio, *intra in gaudium Domini tui*; eſte meſmo louvor, & parabem deu Chriſto por ſua propria bocca ao ſeu ſervo Thomás; pois no inſtante, em que Thomás eſtava para morrer, no ponto, em que ja queria eſpirar, fitando os olhos em hum Chriſto, que ſempre tinha diante dos ſeus olhos, lhe falou o meſmo Chriſto, dizẽdo: Meu ſervo Thomás, bem me ſerviſte na vida, vẽ agora receber a minha Gloria por premio. Iſto foy o que Chriſto diſſe a Thomás naquella ultima hora, & iſto meſmo querem dizer as palavras do meu thema: *Euge, &c.* Dous louvores, ou parabens (diz o Doutor Angelico) dá Chriſto neſtas palavras ao ſeu ſervo Thomàs; dà-lhe hum louvor, & parabem da bondade, dizendolhe: *bone*: porque he propriedade do bom ſer communicativo de sî meſmo. Da-lhe outro louvor, & parabem da fidelidade, dizendo, *& fidelis*: porque nada reteve Thomàs para sî, ſe naõ que tudo

tudo offereceu ao ſeu Senhor: *De duobus laudat Dominus ſervũ; commendat eũ de bonitate, quia bonum propriè eſt diffuſivum ſui, commendat eum de fidelitate, quia nihil ſibi retinuit, ſed Domino obtulit* E ſe o meſmo Chriſto he o que dà os parabens a Thomàs dos lucros, que lhe adquirio, juſto ſerà que todos nós lhe demos tambem hoje os parabens deſtes lucros. E para que ſejam eſtes parabens dados com graça, roguemos à Senhora nola alcance, ſaudandoa com a oraçaõ Angelica.

Ave Maria.

Euge ſerve bone, &c.
Cap. ſupra cit.

TAõ grandes foraõ os lucros, que Sãto Thomàs grangeou com os talentos, que Chriſto Senhor noſſo lhe deu, que chegou o meſmo Chriſto a louvar ſua virtude, & engrãdecer a ſua bondade: *Euge ſerve bone, &c. Commendat Dominus ſervum de bonitate.* E querendo eu hoje proſeguir eſte meſmo aſſumpto de Chriſto, me vejo logo no principio embaraçado, porque naõ ſey ſe comece eſtes parabens, & louvores de Thomàs pelas virtudes, que nelle aſſiſtiraõ, ou ſe lhe dé principio pelas virtudes dos paes, que o geraram.

Quis o Evangeliſta Saõ Lucas deſcrever as virtudes do Baptiſta, & principiou os ſeus louvores pelas excellencias dos paes. *Erant autem juſti ambo ante Deum.* *Luc. 1. n. 6*
E parecendo eſta advertencia ſuperflua, vejo que diz Caetano que foy muyto neceſſaria. E que neceſſidade haveria, paraque o Evangeliſta fizeſſe eſta advertencia? O meſmo Doutor dà a reſpoſta: *Ut ex juſtis parentibus velut hæreditario jure Joannes Sanctus naſcatur.* Queria o Evangeliſta ſagrado fazer a todos notoria a vida admiravel do Baptiſta, & para dar principio às acçõés da ſua vida, começou pelas virtudes dos paes; como ſe dicera: Se querem ſaber quem he Joaõ,

ouçaõ

ouçaõ primeyro as virtudes de seus paes, & dahi viraõ no conhecimento das suas grandes virtudes. Bom será logo que pelas virtudes dos paes, que geraram a Thomàs, demos hoje principio às suas grandes virtudes.

Naceu Thomàs em Villa Nova dos Infantes, seu pay se chamou Affonso Thomàs Garcia, & sua mãe Dona Luiza Martins de Castelhanos, ambos taõ illustres na prosapia do sangue, como nas acçoẽs de virtude, por cuja causa naõ só herdou Thomàs a nobreza, mas tambem a caridade, & misericordia; pois eram seus paes na virtude da Caridade taó extremosos, que em todo o tempo, que viveram, procuravaõ dar a Deos mais do que tinham, fazendo tantas diligencias por se empobrecerem a si, & enriquecerem a os pobres, que se Deos milagrosamente lhes naõ accrescentàra os bens, sem duvida ficaria o filho sem nenhuns para depois distribuir com esses pobres. E se he certo (como disse o Sabio) que pelos paes se conhecem os filhos, vede que bondade seria a deste filho, nascendo de taõ bons paes! Vede qual seria a Caridade de Thomàs para com os pobres, quando nascia Thomàs de hũs paes, que a todos os pobres estendiam a sua grande Caridade! Por certo que pode Thomàs dizer em nascendo o q̃ là dizia de sî o Santo Job: *Quia ab infantia mea crevit mecum miseratio: & de utero matris meæ egressa est mecum.*) Job 31. m. 18.

Esta devia ser a causa, porque logo no mesmo põto, em que o nosso Santo naceu, se conheceu claramente a sua virtude, & bondade; pois o mesmo foy nascer Thomàs no Mundo, que trasér logo comsigo as approvações de Santo: porq̃, se disse o Ecclesiastico que a virtude, & bondade de hũ sujeyto he ser bem contra o mal, he ser vida contra a morte. * *Contra malum bonum est, & contra mortẽ vita,* Thomàs logo em nascendo Eccles. fiast. 33. n. 15.

cendo de tal modo foy vida contra a morte, de tal maneyra foy bem cõtra o mal, que com o seu nacimento desterrou o mal da peste, em que ardia todo o Reyno de Hespanha, parecendo-se o seu feliz nacimento nesta portentosa acçaõ cõ o Nacimento do mesmo Filho de Deos, de quem estava profetizado que com o seu Nacimento traria a saude ao Mundo. *Et orietur vobis ... Sol justitiæ, & sanitas in pennis ejus.* E que Thomàs assim comece a influir, como o Filho de Deos a beneficiar, he assombro, que admira, he admiraçaõ que assombra. Malach. 4 n. 2

Naõ me admira o que vejo no Sol Christo, porq̃ he Filho de Deos, & como vem curar o Mundo, tras a saude em nascendo como Sol. Porem que nasça Thomàs, huma mera creatura, ou huma creaturinha, & que naõ traga a saude a hum só, mas que a todo o Reyno de Hespanha traga Thomàs a saude, affugentando a peste em nascendo Sol no berço, oh prodigio, oh assombro! Logo, meu Thomàs, em nascendo começais a influir? Logo no instante, que nasceis quereis com os talentos, lucrar? Sim: & naõ se admirem, senhores, que estemenino Thomàs naõ só he huma cousa nova, mas huma cousa muy boa: *Commendat Dominus servũ de bonitate.* Thomàs se chama este menino, & tendo este ditoso nome, a todos convida que tomem de seus favores: nasce, segundo parece, cõ os talentos da graça, & com tanta graça nasce, que todos quer que participem da graça deste talento, porque, como sabia muy bem q̃ lho dava Christo para lucrar, quis com o dom deste talento a todos favorecer.

Foy crescendo o nosso Santo menino, & excedendo os seus costumes a idade, a nenhum gosto desta vida inclinou o coraçaõ, porque nascendo entre delicias, & mimos, entre honras, & regalos, entre riquesas, & esperanças, entre parentes, & amigos,

amigos, occaſiões aſſàs baſtantes para perverter huma alma pura, & innocente, ſe houve Thomàs entre todas, como roſa entre eſpinhos: porque, ſe a roſa entre eſpinhos naõ perde a cor, nem o cheyro, antes a hi conſerva melhor ſua graça, & belleſa, como o diſſe Saõ Bernardo: *Inter ſpinas viget, & nitet*; entre os eſpinhos do Mundo conſervou ſempre Thomàs ſua belleſa, & graça, havendo-ſe entre as delicias com temperança, entre as honras com humildade, entre as liſonjas cõ cautela, entre as converſaçoẽs com prudencia, entre as riqueſas cõ moderaçaõ, & entre os deſmanchos dos amigos com innocencia; antes era taõ ſingular a ſua modeſtia, que com ella edificava aos paes, com ſeu ſiſo enſinava aos amigos, com ſua prudencia refreava aos diſſolutos. Finalmẽte eraõ de taõ grande admiraçaõ as acções do noſſo Santo na idade da infancia, que ſó pelo numero dos annos ſe conhecia a ſua idade, pois (como diz a ſua lenda) primeyro mereceu reſpeytos de Santo, que gozaſſe titulos de homem, Sãto lhe chamavaõ, ſendo menino, & allegavaõ cõ os ſeus exemplos os Prégadores no pulpito, como ſe foſſe ja hum Santo canonizado.

Div. Bern.

Ja naõ parece muyto ſe admire Santo Ambroſio da Virgem Santa Ignes, que ſó em doze annos de idade compendiaſſe muytos ſeculos de virtude: *Computabatur inanis infantia, ſed erat ſenectus mentis immenſæ*: admire-ſe ſim outra Religioſa Ignes do ſeu menino Thomàs, que na idade de ſette annos obra taõ ſingulares prodigios, que excede aos mais na idade de perfeytos; pois neſta tenra idade de tal ſorte abraçou a penitencia, que jejuava muytos dias, tinha oraçaõ por muytas horas, veſtia-ſe de cilicio, tomava aſperas diſciplinas, chegando a tal extremo a bondade de Thomàs, que chegava a deſpirſe a sî para veſtir os mais meninos; & nós levantemos da qui figura

Div. Amb. de Virginib.

ra para ſabermos quem virà a ſer neſtas virtudes o noſſo Sãto menino depois de Varaõ perfeyto.

Ouviraõ os montanhezes de Judea os prodigios do nacimento do Baptiſta, & levantáraõ figura, quem viria a ſer depois de grande aquelle engraçado menino: *Quis puer iſte erit?* E o que foy, elle meſmo o dirá: *Ego ſum vox.* Eu ſou voz: pois pergunto, & porque foy voz eſte menino? Sabẽ porque? Diz Chryſologo, porque quando era menino, deu voz a ſeu pay, que eſtava mudo: *Cum mater pareret filium, dedit filius patri vocem.* Como o ſer de Joaõ era ſer voz, deſde menino começou a exercitar o que depois podia ſer; foy voz depois de Varaõ perfeyto, porque deu voz quãdo menino. Grande figura no Baptiſta! Grande figura em Thomás! He Thomás quando menino caritativo, & penitente; pois elle ſerá depois de grande o que exceda a todos neſtas virtudes.

Huma viſaõ teve o Profeta Ezequiel, na qual vio quatro animaes de differẽtes feyções, & advertindo que tendo quatro azas cada hum, & que ſendo a Aguia hum dos quatro, voava eſta Aguia ſobre todos *& facies Aquilæ de ſuper ipſorũ quatuor.* He digno de admiraçaõ, que ſendo eſtes quatro animaes taõ generoſos, & tendo todos quatro igual numero de azas, naõ voem todos igualmente. Pois ſe todos ſaõ iguaes nas azas, porque naõ haõ de ſer todos iguaes nos voos, porq̃ ha de ſer a Aguia a que voe ſobre todos, *Aquilæ de ſuper, &c?* Santo Auguſtinho deu a razaõ: *Quia Aquilæ dantur alæ ab incunabulis.* Voa a Aguia ſobre todos, porque á Aguia naceraõ lhe as azas no ninho. Os outros animaes ainda que eraõ generoſos, tiveraõ as azas mais tarde, para eſtes eraõ as azas poſtiças, para a Aguia eram as azas naturaes; & como a Aguia era coſtumada a voar deſde pequena, por iſſo excedia nos voos a

Ezech 1. n. 10.

todos os que voavaõ com ella: que quem ſabe voar deſde o ninho do berço, he forſa que a todos exceda, & que voe ſobre todos, *Aquillæ deſuper, &c.* Deſde o berço tomou Thomás a Caridade, deſde a infancia abraçou logo a penitencia; pois deyxem creſcer Thomás, q̃ naõ ſó viráõ no conhecimento da ſua grande bondade, mas conheceraõ o exceſſo, que a todos faz neſtas virtudes.

Mas que muyto comece Thomás a obrar deſta maneyra, ſe Chriſto havia repartido com elle, naõ ſó os talentos da natureſa, mas tambem os dões da graça; & para Thomás moſtrar as prerogativas de bom ſervo: *Euge ſerve bone*, bem era que logo nos ſeus principios déſſe demoſtraçaõ deſtes lucros, reſervando para a mayoria dos annos os lucros dos mais talentos. Aſſim o executou Thomás promptamente, porque dotandoo Deos de hum raro entendimento, em taõ breve tempo aproveytou nas eſcolas, que voava por todo o Mundo a fama de ſuas letras. Tanto aſſim, que lhe rogou toda a Univerſidade de Salamanca que nella leſſe huma cadeyra de Eſcritura. E aceytando-a o noſſo Santo, por ſe moſtrar agradecido, ſubio tres vezes a ella, & na terceyra vez que ſubio, eſtando preſentes todos os Doutores daquella Univerſidade, explicando aquelle myſterioſo Pſalmo de David, que começa: *In exitu Iſrael de Ægypto*, fez huma pratica a todos os circunſtantes, & deſpedindo-ſe delles com muytas lagrymas, deyxou a borla de Doutor, cadeyra, & Magiſtrado, & ſe foy pedir o Habito da illuſtre Religiaõ de Santo Auguſtinho.

Que he iſto, meu Thomás? Se ſois aquelle bom ſervo, aquem Chriſto dà o parabem dos lucros, que adquirio com os talentos, que lhe deu: *Euge ſerve bone*, como agora neſta acçaõ quereis occultar eſte talento, para que fique ſem lucro? Mas ja entendo, meu Sãto, que

que ſe o occultaſtes, naõ foy, para que faltaſſeis com o lucro, foy ſim para fugirdes ao applauſo, porque ſe o abraçar as ſciencias he virtude, eſcuſar os applauſos he modeſtia.

Tendo Chriſto em ſua vida obrado tantos prodigios, para poder ſer conhecido por Filho de Deos em todos elles, vejo que dizem os Evangeliſtas que ſó no tempo, em que quis eſpirar na Cruz, o reconheceraõ os homens por Deos: *Videns autem Centurio,...,quia ſic clamans expiraſſet, ait: Verè hic homo Filius Dei erat.* Marc 15. n. 9. Muytos dizem cõ Sãto Auguſtinho que o reconhecerem os Judeus a Chriſto neſta hora por verdadeyro Filho de Deos foy, porque na Cruz inclinou Chriſto a cabeça para fugir com ella ao titulo, que o publicava Rey. Porem contra iſto eſtà, que no deſerto, dando Chriſto de comer às turbas, lhe offereceram o titulo de Rey, o acclamàraõ por Profeta, & o reconheceram por Senhor; & deſeſtimando Chriſto todas eſtas grandeſas, fugio a todas eſtas dignidades, **fugit iterum in montem ipſe ſolus*; & com tudo naõ vemos que neſta occaſiaõ o recõhecceſſem os homens por Deos. Joan. 6. n. 15.

Pois difficulto aſſim. Se no deſerto daõ a Chriſto o meſmo titulo de Rey, que ao depois lhe deraõ na Cruz, porque o acclamaõ por Deos na Cruz, vẽdo-o fugir com a cabeça ao titulo de Rey, & porque o naõ confeçam por Deos, vendo-o fugir no deſerto ao meſmo titulo? Ouçaõ as palavras do Evãgelho, que nellas ſe deſcobre a reſpoſta: *Erat autem & ſuper ſcriptio ſcripta ſuper eum litteris Græcis, & Latinis, & Hebraicis.* Diz o Evangeliſta que eſtava aquelle titulo ornado com todo o genero de letras. E pois por fugir Chriſto a eſſe titulo de letras, he que o confeçam por Divino? Sim. Notay. No deſerto publicavaõ a Chriſto por grande pelos prodigios, que obrava, reconheciam-no como Rey, porq̃ o Luc. 23. n. 38.

ſeu nobre ſangue aſſim o pedia: acclamavam-no por Profeta pelas virtudes, que o adornavaõ; porem na Cruz ſó as letras he que lhe davam eſſes applauſos. E ſe o fugir Chriſto ao titulo de Rey, que os homens lhe offerecem, naõ foy iſſo baſtãte para o publicarem por Deos, o vello fugir com a cabeça a hum titulo, com que as letras o engrãdecem, iſſo baſtou para o confeçarem por Divino: *Verè Filius Dei erat iſte.*

Mat. 27. n. 54.

Eſtá muy bem: porem eu advertindo no officio, que Chriſto exercitava na Cruz, ſe me offerece novo reparo, porque haja Chriſto de fugir com a cabeça àquelle titulo; porque (como diz Ludolfo) eſtava Chriſto na Cruz, como em cadeyra enſinando a todos a ſua celeſtial doutrina: *Tanquam in cathedra docens.* Pois ſe Chriſto na Cruz nos eſtà enſinando de cadeyra, que documento he eſte, que nos dà em fugir com a cabeça a hum titulo, porque eſtava com muytas letras ornado? Que faculdade nos dicta? Que materia nos inculca? Quer por ventura dizernos com eſte fugir de cabeça que fujamos às ſciencias, que viremos o roſto às eſcolas, que naõ amemos as letras? Naõ por certo. Ora vede.

He certo que todos os ardìs, & traças, de que os Judeus uſàraõ, para mortificarem a Chriſto, foraõ inventados por aſtucia do demonio. Pois vede a aſtucia, de que o demonio uſou na impoſiçaõ deſtas letras. A onde foy que puzeram a Chriſto eſtas letras? Diz Saõ Mattheus que lhas puzeram ſobre a cabeça, *ſuper caput ejus.* E que officio fazia Chriſto na Cruz? Ja diſſemos que fazia o officio de Meſtre: *Tanquam in cathedra docens.* Pois ſabey que a liçaõ, que Chriſto nos deu em fugir ao titulo das letras, que tinha ſobre a cabeça, foy como dizendo-nos: Naõ enſino com eſte fugir de cabeça que ſe ha de fugir à ſabedoria, naõ acõſelho que ſe naõ haõ de abraçar

braçar as letras, porque as letras em sî ſaõ boas; porẽ letras ſubidas á cabeça iſto he o que pretendo evitar, eſtas ſaõ as deque ſe deve fugir: *Inclinato capite. Erat ſuperſcriptio, &c.*

Aſſim o fez Chriſto na Cruz, & aſſim o fez Thomás para imitar o meſmo Chriſto, fugindo com a cabeça ao titulo de Meſtre, & á borla de Doutor. Naõ recuſa Thomás os eſtudos, antes affectuoſo os ama; naõ ſe aparta des ſciencias, porque carinhoſo as buſca, naõ aborrece a ſabedoria, porq fervoroſo a ſegue; naõ ſe retira das letras, porque cuydadoſo as deſeja: porem foge aos applauſos, que por ellas lhe queriam dar os homens; foge Thomás á vaidade, & naõ á ſabedoria.

Porem conſidero que diraõ que, ſe Thomás por fugir aos applauſos, recuſou aborla de Doutor, como naõ temeu depois eſſes applauſos, aceytando a Mitra de Arcibiſpo? Duas razões darey. Recuſou Thomàs a offerta da cadeyra, porque no tempo, que a recuſou, tinha Thomás a vontade livre; porem aceytou depois a Mitra de Arcibiſpo, porque como neſſe tempo ja era filho da obediencia, niſſo moſtrou Thomàs que ja naõ tinha vontade, que por iſſo foy neceſſario que por ſanta obediencia lho mandaſſem os ſeus Prelados.

Se ja naõ foy, (& he a ſegunda razaõ, que nos ſerve para o aſſumpto) que como Thomàs havia de ter todas as prerogativas de bom ſervo: *Euge ſerve bone*, & a propriedade do bom he ſer communicativo de sî meſmo: *Bonum propriè eſt diffuſivum ſui*, diſpos Deos que renunciaſſe Thomàs a cadeyra, & aceytaſſe a Prelaſia, paraque por eſte modo ſe communicaſſe melhor a todos a virtude de ſua bõdade. Thomàs na cadeyra fazia hum ſó officio, porem na occupaçaõ de Arcibiſpo fazia muytos officios. Na cadeyra era ſó Meſtre; porem no Arcibiſpado era Meſtre, era Prelado, era Paſtor, & era pay. Como

pay a todos ſoccorria, como Meſtre a todos enſinava, como Prelado,& Paſtor a todos advertia, & ſobre todos zelava.

Bem o moſtrou aſſim a experiencia, pois neſte officio zelava tanto Thomàs o bem das almas, que aprimeyra couſa, que fez em tomando poſſe da dignidade, foy eſcrever em hum livro com ſua propria maõ os nomes das ſuas ovelhas, que lhe conſtava andavaõ mal encaminhadas, & para haver de as reduſir, eram taes os ardîs, & traças, que buſcava, que o naõ ſey encarecer. Tanto deſejava Thomàs o lucro eſpiritual das ſuas ovelhas, tanto trabalhava pela ſalvaçaõ do ſeu rebanho, que naõ reparava em verter o proprio ſangue pelos peccados dos ſeus ſubditos, dando niſto a entender que lhe ſervia de mayor tormento ver aos ſeus ſubditos com culpas, doque o proprio ſangue, q̃ lhe corria das veas. E com razaõ, porque como Thomàs era Paſtor vigilantiſſimo, mais devia ſentir o dano alheyo, doque o ſeu proprio tormento. Ora vede.

Comtemplou Santo Hilario na crueldade, & tyrãnia,com que os Judeus pregaraõ a Chriſto na Cruz, & diz que ſentio tanto o Senhor pregaremlhe as palmas das maos, que chegou a declarar eſte ſentimento com ſuſpiros taõ penetrantes, que parece chegavaõ a o Ceo eſtes ſuſpiros: *Tranſverberante clavo palmam, gemitus aſcendit*: porem eu reparo em que pregando os Judeus a Chriſto na Cruz, aſſim de pés,como de maõs, ſe naõ queyxa Chriſto das dores, que lhe cauſavaõ os cravos, com q̃ lhe atraveſſaram os pés, & ſó ſe queyxa dos cravos, com que lhe atraveſſaram as maos, & o que mais faz avultar eſte reparo, he dizer o Cardial Paleoto que as feridas dos pés cauſam huma dor mais ſenſivel, doque as feridas das mãos;porque como nos pés eſtaõ os nervos mais complicados, por iſſo ſaõ de ſua natureſa mais doloridos:

Div. Hilar Pictav. lib. 10. deTrinitat.

'Alph. Card. Pal. de pedib. Chriſti

dos: *Dolor pedum adeò recrudeſcit, ut homines examinet.* Pois ſendo iſto aſſim, ſe a dor dos pés he mais ſenſivel, que ador das mãos, como pregando os Judeus a Chriſto na Cruz, aſſim nos pés, como nas mãos, ſenaõ queyxa Chriſto da dor dos cravos, com que lhe atraveſſàraõ os pés, & ſó ſe queyxa dos cravos, com q̃ lhe traſpaſſaram as mãos, moſtrando neſta dor das mãos taes ſentimentos, que chega a publicalla com gemidos, *gemitus aſcendit* ? Eu o direy.

Eſtava Chriſto na Cruz conſtituido Paſtor univerſal de todo o Mundo, & (como diſſe Iſaias) tinha feyto de ſuas mãos livro, em que tinha eſcritto todas as ſuas ovelhas, de que o PadreEterno lhe havia feyto entrega: *Ecce in manibus meis deſcripſi te.* E ſuppoſto que como paſſivel erá forſa que ſentiſſe o tormento dos cravos, cõ que lhe atraveſſàraõ os pés, era tal o amor, & caridade, com q̃ Chriſto padecia eſtes tormẽtos, que ſó os tormentos das mãos he que ſentia, por ter os homens eſcrittos neſſas mãos. De ſorte, que ſendo taõ grandes os tormentos, que lhe cauſavaõ os cravos dos pés, como eraõ ſó tormentos ſeus,naõ fez Chriſto caſo delles; porem faz Chriſto muyto caſo dos tormentos, com que lhe ferem as mãos, porque, como nellas tinhaaos homens eſcrittos: *Ecce in manibus, &c.* atraveſſandolhe as mãos, offendiaõlhe os homens. E para Chriſto moſtrar que como Paſtor Divino devia ſentir mais o dano das ſuas ovelhas, doque o ſeu proprio tormento, nenhũ caſo faz dos tormentos proprios, ſó porque as ſuas ovelhas naõ padeçam o menor dano. Por iſſo naõ dá demonſtraçaõ de ſentimento ao cravaremlhe os pés; por iſſo ſe moſtra taõ dolorido ao pregaremlhe as mãos: *Ecce in manibus meis deſcripſi te. Tranſverbernate clavo palmam, gemitus aſcendit.*

Iſaiæ 49. n. 16.

Eſte foy o ſentimento de Chriſto na Cruz, por ver o dano

dano, em que incorriaõ os homens, os quaes trafia eſcrittos no livro de ſuas mãos. E eſte foy o ſentimẽto de Thomás na Cruz do ſeu Arcibiſpado, que tambem a Prelafia he Cruz, vendo a ruina eſpiritual, em que incorriam as ſuas ovelhas, as quaes tinha tambem eſcrittas em hum livro. Quando via que eſtas ſe naõ queriam emendar cõ affagos, à ſua propria viſta deſpia o noſſo Santo o eſcapulario, & capello, & ajoelhando diante de hũ Chriſto crucificado, ſe diſciplinava com tal rigor, até que depois de enſopados os veſtidos, cahia emterra aquelle ſangue innocente; & ſendo eſtes tormentos tanto para ſentir, naõ ſentia Thomás eſtes tormentos, porq eram tormentos ſeus, o que mais ſentia, era o dano dos ſeus ſubditos.

Deſta induſtria uſava Thomás na communicaçaõ dos bens eſpirituaes; & para poder communicar os bens temporaes, tambem uſava Thomás de outra induſtria. Deſejava muyto Thomás que a ſua Caridade por todos os modos a todos ſe extendeſſe, & a todos ſe communicaſſe; ſendo Thomás hũ ſó no numero, ſe fazia muytos no officio.

Enviava o noſſo Santo a os ſeus Viſitadores pelas terras do ſeu Arcibiſpado, paraque repartiſſem com todos as eſmolas; & muytas vezes ſuccedeu que depois de acabado o dinheyro, ſe tornavam a encher os ſaccos milagroſamente. Pois que he iſto? Quem obra eſtas maravilhas? Saõ os Miniſtros enviados por Thomás, ou he a virtude de Thomás, que aſſiſte nos ſeus Miniſtros? Direy. He a virtude de Thomás; porque em todos os Miniſtros, que enviava, aſſiſtia eſſa virtude; porque era taõ caritativa a ſua Caridade: *Bonum eſt diffuſivum ſui*, que naõ quizera Thomás ſer hum ſó para o beneficio, por iſſo aſpira a ſer muytos para o remedio.

Com finco paẽs ſuſtentou Chriſto no deſerto a mais

mais de finco mil peſſoas, que como a Providencia Divina he infinita, naõ importava que foſſem tantos os neceſſitados, & o ſuſtento taõ pouco, paraque com eſſe pouco ſuſtento naõ ficaſſem todos ſatisfeytos, & liberalmente providos. Para eſte fim diz o Evangeliſta que tomou Chriſto o paõ nas mãos, & partindo-o deu os pedaços aos Diſcipulos, paraque os repartiſſem com os pobres: *Fregit, deditque diſcipulis: diſcipuli autem turbis.* Repara S. Joaõ Chryſoſtomo neſtas duas acções de Chriſto, & querlhe parecer que ſó hũa dellas baſtava. Que Chriſto tome o paõ nas mãos (diz Chryſoſtomo) eſtá bem, paraque nas ſuas mãos tenha o augmento; mas que depois de o tomar nas mãos, o ponha nas mãos dos Diſcipulos, naõ parece ſer neceſſario. Seja elle meſmo o que o diſtribua com os pobres, & naõ fie eſſa diſtribuiçaõ dos Diſcipulos. Porém naõ ha de ſer aſſim, (diz o Santo) aos Diſcipulos ha de entregar eſſe paõ. E paraque? Paraque nas mãos dos Diſcipulos ſe vejam os milagres multiplicados: *Horum autem fragmenta in manibus diſcipulorũ multiplicabat.* *Div. Joan. Chryſ. hic.*

Mayor duvida tenho agora. Pois naõ baſtava ſó Chriſto para multiplicar eſſe paõ? Sim baſta. Pois ſe elle ſó baſta para o multiplicar, elle ſó baſtára tambem para o diſtribuir. He verdade que aſſim he: porém o determinallo aſſim Chriſto teve profundo myſterio. Notay. Se Chriſto fó fizera o milagre, dirſehia que era hum ſó a fazer o beneficio, porém fiando o paõ das mãos dos Diſcipulos, como em cada hum delles aſſiſtia a ſua providencia cõ ſingular prodigio, em doze ſe multiplicava a ſua virtude para o remedio; & ſendo Chriſto hum ſó no numero, ficava ſendo doze no officio. Ah ſim, pois obre a liberalidade de Chriſto diſtinctamente em cada hum, paraque naõ eſtreytando-ſe à limitaçaõ de hum ſó para

benefi-

beneficiar, aſpire a multiplicarſe no numero de doze para repartir: *Quinque panes, quos fregerat, dedit; horum autem fragmenta in manibus diſcipulorum multiplicabat.*

Em Valença ficava o noſſo Santo, & enviava Viſitadores a repartir as eſmolas, & em cada mão, que dava, ſe experimentava hũ milagre, que fazia: *novo miraculo multiplicabat.* Pois naõ irá Thomás a diſtribuir eſſas eſmolas? Naõ: porque entaõ fora hum ſó no obrar, & mandando aos ſeus Miniſtros, hia em cada hum delles para favorecer; porque eraa ſua Caridade taõ extenſa, que naõ ſe contentava o ſeu zelo com ſer hum para o beneficio, & pretendia ſer muytos para o remedio. Mas aſſim havia de ſer; porque como a bondade he de ſi cõmunicavel: *Bonum eſt diffuſivum ſui*, ſendo taõ grande a bondade de Thomás, a todos havia de acodir, a todos havia de remediar, porque era Thomás para todos.

Quisis Theodoreto fazer hum panegyrico das excellencias de Saõ Paulo, & recopilou em tres palavras todas as ſuas excellencias, dizẽdo: *Omnia Paulus erat.* Era Paulo todas as couſas. Acho eſte modo de falar taõ ſuccinto, que naõ deyxa de me cauſar grande reparo; porque eſte termo, *Omnia*, he termo taõ univerſal, que nada exclue, & parece difficultoſo de explicar, como ſendo Paulo hum ſó no numero, inclua em ſi as couſas todas. Para poder reſolver eſta duvida, heyde propor primeyro huma celebre humanidade.

Coſtumavam os Principes, & nobres da Grã Bretanha em certo tempo do anno ajuntarem-ſe em hum campo, aõde corriaõ as lanças para cada hum examinar as ſuas forſas; porem antes de ſahirem á contenda, ſe preparavam neſta fórma. Levava cada hum delles em huma mão huma lãça, & na outra hum eſcudo; & em cada hum deſtes eſcudos levavaõ eſculpido hum emble-

ema, ou eſmalte, que melhor conduzia a ſeu valor, & eſforſo: porque hũ levava huma Aguia pintada; outro levava hum Pavaõ; hum levava hum veado, outro levava hum pinheyro. Hum levava hum Cedro, outro levava hum cypreſte; & aſſim os mais. Porem entre todos eſtes houve hũ, que ſahio áquella contenda, ſem que levaſſe pintura alguma no eſcudo, mas ſòmente levava eſcritas humas letras, que diziam: *In me omnia.* Em mim eſtaõ todas as couſas, & era o meſmo que dizer: Todas as prerogativas, & excellẽcias, que ſe acham divididas neſtes meus competidores, em mim, ſendo hum ſó, ſe acham todas juntas, & unidas: porque em mim ſe acha agenerоſidade da Aguia, a nobreſa do Pavaõ, a velocidade do veado, a altura do pinheyro, a immobilidade do cedro, a cõſtancia do cypreſte, em huma palavra: *In me omnia.* Em mim ſe acham todas as couſas.

Pois ja agora entẽdereis o que quis dizer Theodoreto, quando diſſe que Saõ Paulo era todas as couſas: *Omnia Paulus erat.* Achouſe Paulo em huma grande tormenta, que ſe levantou no mar, a qual ſe augmentou de tal ſorte, que vendoſe o piloto da embarcaçaõ ſem animo, & os marinheyros ſem esforſo, todos largáraõ o cabo por maõ, eſperando por inſtantes quando os ſubmergiam as ondas, & quando os affogavam as agoas. Porém Paulo vendo-ſe em taõ evidente perigo, a todos metia animo, tomando por ſua conta o officio de todos; a huns ſoccorria, a outros animava, ja pegando no leme, ja deſembaraçando as cordas, amaynando as velas, lançando fóra os remos, exhortando aos marinheyros, livrando do golfo do mar aos affogados, olhando para os Ceos, a todos exhortando, para poder livrar a todos; tudo diſſe Theodoreto: *Omnia Paulus erat, ad hoscurrebat, ad illos veniebat, ea nautas ſũt*

Theodor. apud Dida. Nican in ſer. 3. De min

nautas adhortans, funes tendens, remos tractans, vela trahens, Cælum ſuſpiciens, omnia erat, & omnia patiens, ut mala ſolveret aliorum.

Iſto que Theodoreto diſſe de Saõ Paulo, podemos dizer com muyta propriedade do glorioſo Sãto Thomás: *Omnia Thomas erat.* Era Thomás todas as couſas, porque era ſua Caridade taõ communicativa, que a todos ſe extendia; no cuydado das almas vigilantiſſimo, na prégaçaõ incanſavel, em enſinar os Fieis caritativo, para com os pobres benigno, para com os pupillos miſericordioſo, em ſoccorrer as neceſſidades diligente, na cura dos enfermos admiravel. Emfim era Thomás todas as couſas, porque para todos era Thomás, fazendo o officio de todos. Se era neceſſario encherẽ-ſe os celleyros de trigo para remediar aos pobres as ſuas neceſſidades, ahi eſtá Thomás; ſe he neceſſario dar ſaude ja enfermos, venha Thomás; ſe he neceſſario reſuſcitar mortos, ahi eſtá Thomás; nove mortos reſuſcitou. Se he neceſſario dar pernas, & mãos a aleyjados, ahi eſtá Thomás. Emfim: *Omnia Thomas erat.* Mas naõ he muyto ſeja Thomás para todos, porque ſe he propriedade do bem ſer de ſi communicavel, ſendo taõ grande a bondade de Thomás, que chegou o meſmo Chriſto a louvalla, a todos ſe havia de eſtender, a todos havia de remediar: *Euge ſerve bone, &c, Commendat Dominus ſervum de bonitate. Bonum propriè eſt diffuſivum ſui.*

Meu glorioſo Santo Thomás, em dous louvores, ou parabens, que Chriſto Senhor noſſo vos deu, fundey eſte limitado Sermaõ; hum louvor, ou parabem da voſſa bondade outro da voſſa fidelidade; & devendo eu continuar agora com o ſegundo, vejo que he razaõ naõ paſſe deſte primeyro, ja que nelle fuy taõ dilatado: mas naõ he muyto fiquem ſem fim os meus diſcurſos, quando os voſſos louvores naõ tem fim. Peço vos, meu Santo, que ja que Deos vos dotou de taõ ſingular bondade, que a todos ſoccorreis, & a todos remediais, nos ſoccorrais deſſa Gloria, aonde aſſiſtis, alcançando-nos hum grande arrependimento de noſſas culpas, paraque vivendo em graça, vos vamos acompanhar com os mais Bemaventurados na Gloria. *Quam mihi, &c.*

SER-

SERMAÕ

SEGUNDO

DE SANTO THOMAS DE VILLA-NOVA,

Prégado no Mosteyro de Saõ Joaõ da Cidade de Ponta Delgada em 5. de Fevereyro de 1702.

Euge serve bone, & fidelis,..., super multa te constituam. Matth. 25. num. 23.

TErceyra vez subo a este lugar apublicar as maravilhas, & excellencias daquelle grande pay dos pobres, daquelle prototypo dos Prelados, daquelle obrador dos mais assinalados prodigios o glorioso Santo Thomás de Villa-Nova, & na verdade que para haver de me conformar em tudo com o Evangelho, era precisamente necessario que prégasse tres vezes deste Santo.

Peguemos do presente Evangelho, porque nelle descobriremos prova para o conceyto. Quis Christo Senhor nosso fazer huma jornada bem comprida, como era o ausentarse da terra para o Ceo: *Homo peregre proficiscens*; & diz o Evangelista Saõ Mattheus q̃ chamou aos seus servos, & que lhes entregou todos seus bens, *& tradidit illis bona sua*. A hum destes servos deu sinco talentos, a outro deu dous, & a outro hum. Depois de passados muytos tempos, veyo o Senhor a pedir conta a estes servos, com quem havia repartido os seus talentos; & chegando hum dos servos, que havia recebido sinco, deu a sua conta deste modo: *Dòmine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque super lucratus sum*. Senhor, sinco talentos me entregastes, aqui tendes outros sinco, que lucrey. Vendo o Senhor a boa conta, que este servo lhe deu, & os lucros que grangeou, lhe deu o Senhor muytos parabens, & louvores, dizendolhe: *Euge serve bone, & fidelis, &c.*

O Angelico Doutor cõmentando estas palavras de Christo, diz que Christo nestas palavras deu tres louvores ao seu bom servo. Louvou-o de humilde, louvou-o de bõ, & de fiel; louvou o de humilde, chamandolhe servo, louvou-o de bom na palavra *bone*, louvou-o de fiel, dizendolhe, *& fidelis*. *De tribus laudat Dominus servum, de humilitate, cum ait, serve, quia recognoscebat se esse servũ ejus; de bonitate per hoc, quod dicit bone, quia bonum est diffusivum sui; de fidelitate, quia non sibi retinuit, sed Domino obtulit*. E se tres saõ os louvores, que Christo dá no Evangelho ao seu servo Thomás, bem dizia eu depois que para satisfazer aos louvores do nosso Santo me era necessario subir terceyra vez a este pulpito. O primeyro Sermaõ correspondeu á sua humildade, o segundo foy da sua bondade: agora este terceyro publicará a sua fidelidade; porem

Doct. Ang. apud. Sylv. tom. 6 in Add. sup hoc. Evãg.

para

para falsa dos enfastiados pretendo seguir este assũpto debayxo de hũa figura, ou metafora. Ora vamos descobrindoa.

Varias saõ as prerogativas, com que os sagrados Doutores descrevem aos servos de Deos, dandoos a conhecer ao Mũdo debayxo de diversas analogîas, ou metaforas; como saõ chamandolhe Fonte, Rio, Mar, Nao, Veado, Aguia, Ouro, Sol, Rosa Vide, & Palma. Ora vamos vendo as razões, porque o servo do Senhor se intitula com estes nomes.

Primeyramente chamase ao servo do Senhor Fonte, porque ou cresçam, ou diminuam as agoas das tribulações, sempre perseverа sem mudança: de tal sorte, que se lhe póde applicar este titulo, ou emblema: *Nec auctu, nec haustu*: que he o mesmo que dizer: Esta fonte sempre he a mesma, porq nunca se sécca esta fonte. A isto allude o dizer Saõ Lourenço Justiniano *Ne extollaris in prosperis, nec frangaris in adversis*. Que nos naõ vãglorieemos nas bonanças, nem desmayemos nas adversidades. Chama-se ao servo de Deos *Rio*, porque quanto mais corre pelos atalhos das virtudes, tanto mayor espirito vay adquirindo, até que chega a gozar da Gloria: q he o mar, para onde este rio caminha, & assim lhe podemos applicar este emblema: *Vires acquirit eundo*; que he o mesmo que dizer: Este rio, quãto mais corre, mais cresce. A isto allude o dizer Santo Ambrosio: *In re virtutis non progredi est regredi*. Que no caminho da virtude o naõ ir adiãte he o mesmo, que tornar atràs. Chama-se ao servo do Senhor *Mar*: porque por mais que os ventos das adversidades o persigam, nem por isso o desamparam as agoas da Divina graça; ao qual bem lhe quadra este emblema: *Nunquã siccabitur*. E este mar nunca se ha de seccar. A isto allude o dizer Saõ Paulo: *Multò magis gratia Dei in plures abundavit*.

Laur. Justin. apud Paul.

Div. Amb. apud Paulet.

Epist. ad. Rom. c.5.n. 15.

Cha-

Chama-se ao servo de Deos *Nao*: porque, ainda q seja combatido dos ventos das tentações, sempre as velas de sua alma vaõ cheas da viraçaõ do espirito, navegando pelo tempestuoso mar deste Mundo com summa felicidade de espirito, q bem se lhe póde applicar este emblema: *Adverso flãte*, que he o mesmo que dizer: Este navega contra o vẽto, & com a sua paciencia tem certo o premio da Gloria; que foy o que disse Santo Ambrosio: *Contra diabolũ dimicanti parat Deus æternitatis coronam*. Chama-se ao servo de Deos *Veado*: porq, suppoſto que algumas vezes se experimente cansado na carreyra dò espirito, sẽpre funda a sua esperança na clemencia do Redemptor, & bem se lhe pòde dizer: *Dant animos vires*, conforme o que dizia Saõ Paulo: *Omnia possum in eo, qui me confortat*. He semelhante o servo do Senhor à Aguia, porque, se esta naõ teme os ardores do Sol, o justo naõ teme as ameaças do inimigo; & se lhe póde applicar este emblema: *Nec æstas, nec hyems*, que he o mesmo que dizer: Este naõ teme calma, nem frio, conforme o que diz Saõ Joaõ: *Sed perfecta charitas foras mittit timorem*. He semelhante o servo de Deos ao ouro, porque se prova, & purifica no fogo da adversidade, & bem lhe quadra este emblema: *Donec purum*. Assim has de andar na forja até que fiques puro de tudo; ao que allude Malaquias, dizendo, *& purgabit filios Levi, & colabit eos quasi aurum*. He semelhente ao Sol, porque a todos communica suas luzes, & se pòde delle dizer: *Dives in omnes*. Este he rico para todos; como o cantou Malaquias do Nacimento de Christo. *Et orietur vobis... Sol justitiæ*. Assemelha se o servo de Deos à Rosa, porque entre os espinhos das calamidades hũanas sempre anda com o rosto taõ alegre, & sereno, que se póde dizer delle: *Cum lenitate asperitas*. Aqui andaõ unidas a aspereſa, & bran-

Div. Amb. ubi sup.

Ad Philip. 1. c.4.n. 13.

1. Joã. epist. c 4. n. 18.

Malach. 3. n. 3.

Malach. 4. n. 2.

Aa dura

dura, conforme o que diz Santo Ambrosio. *Beatus qui rigorem, & manſuetudinem tenet.* He ſemelhante à vide, porque cortados os ramos das commodidades da terra, frutifica cõ obras virtuoſas na vinha da Igreja; & bem lhe quadra eſte emblema: *Reſciſſa uberior*, que quer dizer. Quando me cortam, entaõ dou melhor frutto, que foy o que diſſe Saõ Paulo: *Cum enim infirmor, tunc potens ſum.* 2. ad Corinth. c. 12. n. 10.

Finalmente aſſemelha-ſe o ſervo de Deos à palma, naõ ſó por ſer a palma ſymbolo da juſtiça, & fidelidade, como affirma Laureto, mas tambem porq̃ o trõco da palma junto à terra he eſtreyto, & quanto mais ſobe ao Ceo, mais dilatado; por iſſo a palma ſe pinta cõ eſte titulo, ou emblema: *Turgeſcit in altum*, que he o meſmo que dizer: Nada quero da terra, porque tudo emprego no Ceo. Daqui vem, que entre todas as mais plantas tem a palma huma ſingularidade entre todas, porque he a palma unica no viver, & unica no morrer. Todas as arvores, & plantas tem o principio da ſua vida nas raizes, porem ſó a palma he taõ unica, que tem a origem da ſua vida nos ramos. He eſta verdade taõ certa, que a cõfirma a experiẽcia. Cortada huma arvore pelo tronco, logo fenece, & a caba; porem cortada huma palma pelo trõco, logo torna a arrebentar, & a florecer; & ſó eſpira a palma, ſe a cortam pelos ramos: *Vitam* (diz Filo) *non habet in radice, ſed in ſummo.* Pois ſe a palma he ſymbolo da fidelidade, porque nada quer para ſî, mas tudo quer para o Ceo; louvando hoje Chriſto a fidelidade do ſeu bom ſervo Thomàs; porque para ſî naõ quis nada, & tudo quis para Deos: *Laudat Dominus ſervum de fidelitate, quia nihil ſibi retinuit, ſed Domino obtulit*, bem ſe ſegue que teve Thomàs a fidelidade da palma E ſe deſta prerogativa, & excellencia, que a palma tem entre as demais plantas, lhe naſce o ſeruni-

ca

ca no viver, & unica no morrer, tendo Thomàs a fidelidade da palma, veremos como Thomàs entre os demais Santos foy unico na vida, & unico na morte. Eſtá propoſta a materia, para a diſcorrer com acerto neceſſito de muyta graça.

Ave Maria.

Euge ſerve bone, & fidelis.
Cap. ſupra cit.

LOuva hoje Chriſto ao ſeu ſervo Thomás de fiel, porque de todos os talentos, que lhe entregou, nada reſervou para ſi, mas tudo offereceu ao Senhor, que lhe deu eſſes talentos: *Nihil ſibi retinuit, ſed Domino obtulit*, imitando Thomàs deſta maneyra a ſingularidade da palma, que por ſer ſymbolo da juſtiça, & fidelidade, moſtra que naõ quer nada da terra, porque toda a ſua ſubſtancia põem no Ceo: *Palma deorſum ſtringitur, & ſurſum dilatatur.* Taõ unica, & ſingular he a virtude da fidelidade em quem deſpende os bens alheyos, que como couſa admiravel a repete o Senhor duas vezes no Evangelho, & por eſta virtude louva duas vezes ao ſeu bom ſervo: *Euge ſerve bone, & fidelis, quia ſuper pauca fuiſti fidelis.* A virtude da humildade, & da bondade ſó huma vez a louva Chriſto; porém a virtude da fidelidade tem o louvor dobrado, porq̃ a louva Chriſto duas vezes; & com razaõ: porque he couſa taõ ſingular acharſe a virtude da fidelidade em hum Miniſtro, que ſó por eſta virtude ſe póde acreditar de unico. Eſtes talentos, que o Senhor entregou ao ſeu bom ſervo, eram talentos de dinheyro, que aſſim o declarou o Senhor, falando com o mao ſervo: *Oportuit ergo te committere pecuniam meã numulariis*; & traſer hum Miniſtro dinheyro, ou bẽs alheyos nas mãos, ſem reſervar nada para ſî, he couſa taõ rara, & ſingular, que por unica a devem todos applaudir. Matth. 35. n. 27.

Pitinel.

Querẽdo Samuel justificar a sua fidelidade, & rectidaõ no governo do seu Reyno, fez a seguinte pratica diante de todo o seu povo.

1. Reg c. 12. n. 3. **Loquimini de me coram Domino..., utrùm bovem cujus quam tulerim.* Dizeyme povo, haverá algum de vós, que diga de mim com verdade q eu lhe tomey nunca cousa alguma, nem ainda boy, nem vacca? Pois paraque conheçais esta minha fidelidade, o mesmo Ceo me ha de ser testemunha. Vedes muy bem que estamos em tempo de Veraõ, tempo, em que o calor do Sol está taõ intenso: *Numquid non messis tritici est hodie?* Pois aqui donde eu estou, chamarey pelo meu Deos, & em testemunho da minha fidelidade lançará o Ceo muytas agoas de repẽte. Assim o disse Samuel ao povo, & assim succedeu, como Samuel o disse: porque estãdo a calma mais intensa, descéraõ as agoas do Ceo em abundancia. *Et clamavit Samuel ad Dominum, & dedit Dominus voces & pluvias in illa die.*

Ibid. n. 17.

Ibid. n. 18.

Em duas cousas reparo neste lugar; a primeyra he, que querendo Samuel mostrar a sua rectidaõ, & fidelidade no governo do seu Reyno, naõ faça Samuel mençaõ das sentenças justas, que deu, nem da exacta distribuiçaõ das suas rẽdas, nem da rectidaõ, com que fazia as suas pagas, nem do cuydado, que tinha de todo o bem commum; mas só se mostra izento de naõ haver tomado nada ao seu povo; pois só disto faz Samuel mençaõ? Sim: porque isto he o que mais admira, ter hum sujeyto as cousas alheas nas mãos, & naõ lhe ficar nas mãos pegada alguma cousa, he huma prerogativa taõ unica, & singular, q exercitando Samuel tantas obras de virtude com o povo, só faz mençaõ da virtude da sua fidelidade, *utrùm bovem cujusquam tulerim.*

A segunda cousa, em q reparo he, que para testemunho da fidelidade de Samuel mandou Deos do Ceo muytas agoas em occasiaõ, em

ubi sup. em occasiaõ, em que o povo as naõ espe rava, *& dedit Dòminus voces & pluvias in illa die.* E sabeis porque? Porque he taõ unica a virtude da fidelidade, & rectidaõ, q para se dar credito à rectidaõ, & fidelidade de hũ Ministro, he necessario que o testemunhe o Ceo com hum milagre. Com hũ milagre de agoas mostrou Deos a fidelidade de Samuel no governo do seu Reyno, & com outro milagre de agoas mostrou Deos tambem a fidelidade de Thomás no governo do seu Arcibispado: porque no mesmo tempo, em q Thomás chegou a Valença para tomar posse do seu governo, havendo muytos tempos, que padecia este Reyno muyta esterilidade, & pobresa pela muyta falta de agoa, o mesmo foy entrar Thomás pelo destricto da sua Diecese, que começar a cahir do Ceo tanta abundãcia de agoas, q logo prognosticaram todos os grandes beneficios, & favores, que Deos havia de fazer a todo aquelle Reyno por interceSSaõ daquelle Sãto Prelado, mostrando o Ceo ja de antemaõ a fidelidade, q Thomás havia de ter na distribuiçaõ dos talentos, que Christo lhe entregou; & paraque conhecessem todos que, sendo taõ propria a infidelidade em hum Ministro, era Thomás hũ Ministro de toda a fidelidade.

Taõ antigua he a infidelidade nos homens, que logo no primeyro homem, q Deos creou no Mundo, se vio a sua pouca fidelidade. Creou Deos a Adaõ, & collocou-o no Paraysо, para q como fiel Ministro o guardasse, *ut custodiret illum*: porém foy Adaõ Ministro taõ infiel ao que Deos lhe entregou, que os primeyros furtos, que experimentou o Paraysо, foram feytos pela maõ do seu Ministro, & da sua mesma guarda, pois naõ só furtou Adaõ os pomos para comer, mas tambem as folhas das arvores para se vestir: *et tulit de fructu illius, & * comedit.* Por isso disse

Genes. cap. 2. n. 16.

Ibid. c. 3. n.

hum Douto que as mãos dos Ministros tinham a propriedade de esponjas, quando os Principes depositavam nas suas mãos as riquesas: *Bibulæ sunt Ministrorum manus, si divitiæ per ipsas fluant*; ao que alludio Cassiodoro quando disse que a liberalide do Principe se cõverte em avaresa, quando se distribuem os seus bens por mãos alheas: *Affluentia Principis avaris distributionibus immutatur*. Mas sendo esta regra taõ géral, acho que Thomás foy a exceyçaõ desta regra: porq se lá Adaõ, sendo guarda do Parayso, naõ só lhe roubou os pomos das arvores para o gosto, mas tambẽ lhe tirou as folhas para o vestido, Thomás, sendo guarda, & Pastor vigilantissimo de Valença, chegava a despirse a si, para vestir aos pobres; & taõ pobremente vestia, que houve pobre, que naõ quis aceytar hum seu vestido, pelo ver todo remendado, conservando Thomás com tanta fidelidade os talentos, que o Senhor lhe entregou no officio, que lhe deu, que por nenhum respeyto humano quis faltar a esta fidelidade.

Naxer. in Josue tom. 1. c. 1. n. 207

Cassiod. 12. Variar. 11.

Em certa occasiaõ quis o Emperador Carlos Quinto fazer hũa Fortalesa em Juiça, paraq̃ os Mouros naõ tivessem allî entrada, & naõ se achando ao presente com dinheyro, mandou pedir ao nosso Santo, que lhe emprestasse vinte mil crusados para ajuda daquella obra. Respondeu Thomás que Sua Magestade lhe perdoasse, que a fazenda, que tinha, nada era seu, porque tudo era dos pobres. Tornou o Emperador a replicar que pedia aquelle dinheyro emprestado, & que advertisse que o fazerse aquella Fortalesa tambem era obra pia. Respondeu-lhe o Santo Prelado que bem o entendia assim, porem que Deos lhe naõ havia encommendado a Juiça, senaõ a Valença, que se Sua Majestade lhe quizesse tomar todas as rendas, nenhuma resistencia faria; porém darlhe o dinheyro, que Deos

Deos lhe havia entregue para os pobres, que o naõ havia de fazer por nenhum modo, porque era contra a obrigaçaõ do seu officio. Oh fiel Ministro! Que justamẽte mereces que o mesmo Deos te applauda hoje por Ministro taõ fiel: *Euge, &c. Laudat Dòminus servũ de fidelitate*. E se disse Cassiodoro que as mãos dos Ministros saõ sumidouro dos bens alheyos, sayba o Mundo que he Thomás hum Ministro taõ recto, & taõ fiel na distribuiçaó dos talentos, que o Senhor lhe entregou, que naõ só nas mãos de Thomás se multiplicavaõ, mas tambem cresciam estes talentos, quando Thomás os entregava nas mãos dos seus Ministros.

Muytas vezes mandava Thomás os seus Ministros, & Esmoleres repartir esmolas de dinheyro por todo o seu Arcibispado, & entregando aos Ministros as bolsas cheas de dinheyro para o distribuirem pelos pobres, ao depois de o repartirem todo, tornavam a achar cheas as bolsas. Se este dinheyro se multiplicára nas mãos de Thomás, naõ o tivera por maravilha, porque destas, & outras semelhantes fazia Thomás cada hora; mas que nas mãos dos seus Ministros se multiplique este dinheyro, he esta maravilha taõ unica, & singular, que ainda nos Ministros mais qualificados se naõ acha esta taõ singular maravilha.

Seguia a Christo pelo deserto hũa grande multidaõ de gente, taõ desejosa de ouvir a Divina palavra, que com este sustento espiritual se esquecia totalmente do material sustento. Porem compadecendo-se Christo desta gente, determinou darlhe sustento para o corpo, assim como lhe havia dado a refeyçaõ para o espirito. Para este fim tomou Christo o paõ nas mãos, & de tal sorte o multiplicou, que parecia pequeno o deserto para receber tanto paõ: *Accepit ergo Jesus panes, & ..., distribuit discum-*

Joan. 7. n. 61.

bentibus. E aqui satisfes o Senhor aquella murmuraçaõ, que antiguamente havia feyto o povo de que Deos lhe naõ podia dar paõ no deserto: *Nunquid & panem poterit dare,...?* satisfazendo a todos com tanta abundancia, que comendo quanto quizeram, diz o Evangelista Saõ Joaõ que sobejaram doze alcofas, & *impleverunt ducodecim cophinos fragmentorum.* Façamos aqui ponto, & vamos a outro Texto de Saõ Marcos.

Psal. 77. n. 20.

Joan. 6. n. 13.

Em outra occasiaõ ostentou tambem Christo a sua liberalidade com huma multidaõ de gente, que se achava faminta, & para lhe matar a fome tomou o Senhor o paõ nas mãos, & deytando-lhe a bençam, o distribuhio por todos; & depois de estarem fartos, & satisfeytos, diz o Evangelista Saõ Marcos que do que ficou recolheram sette alcofas. *Et accipiens septem panes ,...: & ipsos benedixit.. & saturati sunt, & sustulerunt quod super averat de fragmentis, septem sportas.* Isto supposto, combinemos agora hum banquete com o outro, que em tudo descobriremos hum particular reparo.

Marc 8. n. 6.

No primeyro banquete havia sinco paẽs, & dous peyxes; no segundo banquete eraõ sette os paẽs, & mais peyxes do que sinco. No primeyro banquete eraõ os cõvidados sinco mil, *numero quasi quinque millia;* no segundo banquete eraõ quatro mil os convidados, *quasi quatuor millia.* No primeyro banquete encheraõse as alcofas, *& impleverunt;* no segundo banquete naõ diz o Texto que se encheram, mas só diz que se tiraram, *& sustulerunt.* No primeyro banquete comeram quanto quizeram: *Quantũ volebãt:* no segundo comiam o que lhes davam. Pois pergunto agora. Se de sinco paẽs, & dous peyxes comeram sinco mil homens, & sobejaram doze alcofas, como no segundo banquete sobejam só sette alcofas, sendo mais os pães, & peyxes, & menos

Joan. 6. n. 10.

Marc ubi sup.

menos os convidados? Naõ era o mesmo Christo o que deu hum, & outro banquete? Sim era; pois se o poder de Christo he igual, & a sua liberalidade naõ póde diminuir, como em huma occasiaõ vemos que do menos sobeja mais, & na outra vemos que do mais sobeja menos? Donde procederia esta desigualdade? Sabeis dõde? Procedeu das mãos, que distribuhiam a esmola. Notay.

Sustentaram-se sinco mil homẽs somente com sinco paẽs, & sobejaram doze alcofas; porque nesta occasiaõ a maõ do mesmo Christo foy a que repartio a esmola: *Accepit ergo Jesus panes, & ... , distribuit.* De sette paẽs sustentaram-se só quatro mil homens, & foraõ menos os sobejos, porque os Ministros de Christo foraõ os que distribuhiram o paõ: *Dabat Discipulis, ut apponerent turbis.* Verdade seja que os Discipulos distribuhiram tudo o que receberam da maõ de Christo, sem tomarem nada para si: mas para Christo mostrar a diminuiçaõ, que tem as cousas, quando passam às mãos dos Ministros, ainda sendo Ministros de boa consciencia, como eram os Apostolos, fez Christo que poucos paẽs na sua maõ se augmẽtassem, & mais paẽs, passando ás mãos dos Ministros, se diminuissem. Que admiravelmente o diz Saõ Basilio: *Panes pariebant panes, & absque rusticano sudore, non despicis erumpebant, sed de manu Domini florescebant.* Nas mãos do Senhor se multiplicavam os paẽs de tal sorte, que parecia que huns pariam os outros. Porem estes mesmos paẽs, q̃ na maõ de Christo floreciam, nas mãos dos Ministros murchavam, *sed de manu Domini florescebant.* E na verdade eu naõ sey, se foy mais raro prodigio sobejarem sette alcofas, quando os Discipulos repartiam, ou sobejarem doze, quando repartio o Senhor. O q̃ sey dizer, he que, se naõ foram Discipulos de Christo os que repartiam a esmola, he

Div. Basil. Orat. 33

he certo que ficaria muy diminuta.

Na verdade que a applicaçaõ deſte lugar he taõ ſubida, que he neceſſario a ponderemos com cautela. Confeço que o milagre, q̃ Chriſto obrou com ſuas proprias mãos, o meſmo podia obrar pelas mãos de ſeus Miniſtros: porem o diſpor Deos que o paõ paſſando ás mãos dos Diſcipulos, naõ ſahiſſe taõ multiplicado, como das ſuas mãos proprias, foy para que ſaybamos a differença, que vay das couſas, que Deos reparte, ás que repartem os Miniſtros, ainda por mandado do meſmo Deos. Porem ſendo iſto aſſim, nós vemos que o meſmo milagre, que Thomás obra com as ſuas proprias mãos, eſte meſmo obram os Miniſtros de Thomás. Pois que havemos de inferir? Sabeis o q̃? Que aquella virtude milagroſa, que Chriſto naquella occaſiaõ naõ quis communicar aos ſeus Apoſtolos, reſervou para Thomás, & para a communicar aos ſeus Miniſtros. E que ſeja taõ prodigioſo Thomás, que naõ ſó tenha virtude para fazer milagres, mas tambem tenha poder para communicar aos outros eſta virtude! Excellencia he eſta taõ grande, que ella por ſi ſó baſtava para que foſſe Thomás unico na ſua vida.

Em certa occaſiaõ diſſe Chriſto do Baptiſta que entre todos os Profetas era elle mais que Profeta. *Sed quid exiſtis videre? Prophetam? Utique dico vobis, & pluſquã Propheta.* Na verdade que, ſe Chriſto naõ fora o que diſſe eſta ſentença, naõ o crera facilmente, porque lhe acho hũa grande duvida, & arazaõ diſto he: porque o Baptiſta, ainda que conheceu a Encarnaçaõ do Verbo, foy depois de Chriſto exiſtir, & com ſeus olhos o ver: *Ecce Agnus Dei, &c.* porem Iſaias conheceu eſte myſterio muyto antes de o haver, & antes do Verbo encarnar. *Et egredietur virga de radice Jeſſé, & flos de radice ejus aſcendet.* E ſe no

Luc. 7. n. 26.

Joan. 1. n. 29.

Iſaiæ 11. n. 1.

no ſentir dos Theologos aquelle he o mayor Profeta, que penetra o que eſtá mais ſocculto á viſta, naõ tem duvida, que mayor Profeta foy Iſaias, que conheceu eſte myſterio de futuro, doque foy o grande Baptiſta, porq̃ ſó o cõheceu de preſente. Pois, como diz logo Chriſto que o Baptiſta fora o mayor Profeta, ou fora mais que Profeta? Eu o direy.

Quando a Virgem Senhora foy viſitar a Iſabel, conheceu logo o Baptiſta que ella era a Mãe de Deos, *exultavit infans in utero ejus*: mas de tal modo o conheceu, & de tal ſorte o profetizou, que o fez tambem profetizar, & conhecer a ſua mãe Santa Iſabel. *Et unde hoc mihi* (diſſe ella) *ut veniat mater Domini mei ad me?* Ah ſim, & o Baptiſta foy taõ grande na profecia, que naõ ſó profetizava, mas fazia profetizar; naõ ſó tinha a profecia, mas tambem a communicava; pois por iſſo veyo a ſer no dom da profecia taõ unico, que entre todos os Profetas ficou ſendo mais que Profeta. *Sed quid exiſtis videre? Prophetam? Utique dico vobis, & pluſquam Propheta.*

Luca 1. n. 41.

Ibid. n. 43.

Eſta excellencia, & ſingularidade, que teve o grãde Baptiſta em ordem a profetizar, teve tambem Santo Thomás de Villa-Nova no ſeu maravilhoſo poder: o Baptiſta foy mais q̃ Profeta na ordem da profecia, porque naõ fõmẽte a tinha, mas tambem a communicava; Thomás no poder de fazer milagres póde-ſe dizer que foy mais que Santo, porque naõ ſó lograva eſte poder, mas tambem o influhia. Mas juſto era que Thomás obraſſe deſta maneyra, paraque conheceſſe o Mundo que foy unico na ſua vida, reſultandolhe eſta ſingularidade da fidelidade, & rectidaõ, com que diſtribuhia os talentos, que o Senhor lhe communicou, naõ reſervando nada para ſi, mas lucrando a todos para Deos, imitando niſto a propriedade da palma, que ſe eſtreyta junto à terra, para

ſe

se dilatar para o Ceo; por cuja causa lhe dá hoje Christo o parabem de bom servo: *Euge serve bone, & fidelis. Palma designat fidelitatẽ. Laudat Dominus servum de fidelitate, quia nihil sibi retinuit, sed Domino obtulit.*

E se a palma, por ser symbolo da fidelidade, naõ só he unica na vida, mas tambem na morte, vejamos como Thomás symbolizado na palma, tambem na morte foy unico. Enfermou Thomàs de huma esquinẽcia, que lhe deu, causada de huma grande penitencia; q̃ fez, & como sabia que daquella doença havia de acabar esta vida mortal, para ir a gozar da vida eterna, (porque assim lho havia dito hum Crucifixo, que tinha no seu Oratorio) tratou logo de se preparar, supposto que em toda a sua vida sempre andou Thomás prevenido; & fazendo hũa confissaõ géral, mandou logo lhe trouxessem o Santissimo Sacramento em procissaõ para exemplo de todos; o qual recebeu da maõ do seu Bispo de Anel com tanta devoçaõ, & lagrymas, q̃ cõmunicando-se estas a todos os circunstantes, de tal sorte se edificàram, & tanto se enterneceram, que querendo os Conigos cantar o *Te Deum laudamus*, como he uso, naõ o puderam proseguir, porq̃ a abundancia das lagrymas lhe impedia as vozes. Depois de feyta esta principal diligencia, mandou aos seus Esmoleres que todo o dinheyro, que estivesse cobrado das suas rendas, o fossem distribuir por todos os necessitados, & pobres, assim das Cidades, como das freguesias, & que lhe naõ trouxessem hum só real para caza. Eu não reparo agora em que podendo Thomás deyxar estas esmolas, paraque as dessem por sua alma ao depois que morresse, determinasse o nosso Santo que se fizessem estas esmolas antes que espirasse; porque he certo que quem naõ tratar da sua alma em quanto vivo, naõ espere que outrem lhe tratem della depois de morto

morto. Só no que reparo, he em que naõ deyxe Thomás estas esmolas a pessoas determinadas, mas que se distribuam com todos, conforme a necessidade de cada hum. Pois com todos se haõ de distribuir estas esmolas? Sim: porque como Thomás a todos trasia no coraçaõ, & a todos amava com igualdade, por isso estende Thomás o seu beneficio a todos. Oh Caridade abrazada de Thomás, que só com Christo póde ter semelhança a tua Caridade!

Estando Christo para morrer no leyto de sua Cruz, diz o Evangelista S. Joaõ que antes de Christo espirar inclinou a cabeça sobre o peyto. *Et inclinato capite tradidit spiritum.* Taõ mysteriosa foy esta inclinaçaõ de Christo, que naõ ha Expositor, que à cerca della naõ tenha feyto o seu particular reparo. Mallonio disse que inclinàra Christo a cabeça, por fugir ao titulo da Cruz: *Inclinavit caput, quia super caput habebat titulum Judæorum*; & Santo Augustinho disse q̃ Christo apartou a cabeça da Cruz, para a inclinar sobre o coraçaõ: *Avertit caput á Cruce, & inclinavit ad cor.* E sendo estes termos diversos, quero entender que estes dous Padres ambos disseram o mesmo, supposto que por diversos termos. Porque o dizer Mallonio que Christo inclinou a cabeça, por fugir ao titulo da Cruz, foy porque esse titulo o publicava Rey de huma só naçaõ *Rex Judæorum*; & o dizer Santo Augustinho que Christo apartou a cabeça da Cruz, para a inclinar sobre o coraçaõ, foy para mostrar que Christo tinha no coraçaõ a todos os homens: *Inclinavit ad cor, ubi erant omnes nationes.* E que se póde inferir desta mysteriosa acçaõ de Christo? Sabeis q̃? Eu o direy. Estava Christo no leyto de sua Cruz fazẽdo leylaõ de todos os seus bens, porque estava dando Reynos, repartindo vestidos, distribuindo Sacramẽtos; & para mostrar o quanto amava a todos os homẽs

Joan. 19. n. 30.

com

com igualdade, por isso antes de morrer inclinou a cabeça sobre o coraçaõ, aõde tinha os homens todos. A cabeça de Christo junto ao titulo da Cruz era huma cabeça applicada a huma só naçaõ; porem inclinada sobre o coraçaõ era huma cabeça inclinada para todos. E para Christo mostrar que a todos os homens trasia no coraçaõ, por isso na occasiaõ, em que por todos morre, reparte os seus bens com todos. Admiravelmente S. Gregorio: *Non autem quoniam expiravit inclinavit caput, sed quia inclinavit caput, tunc expiravit, quoniam omnium Dominus ipse erat.* Assim o fez Christo no leyto da sua Cruz antes de espirar, & assim o fez tambem Thomàs no seu leyto antes de morrer, naõ só repartindo o dinheyro com todos, mas ainda os seus vestidos, & móveis de sua caza, & ainda a propria cama, em q estava deytado; tão assim, que naõ pode Thomás morrer, em quanto teve Thomás que repartir. Ora vejam.

Div. Greg. sup hoc c.

Depois que os Esmoleres de Thomás repartiram as esmolas, vieram dar cõta ao seu Santo Prelado em como tinham já remediado todos os necessitados, & pobres, assim das freguesias, como das Cidades; porem q ainda sobejaram mil crusados, o que ouvindo o nosso Santo, disse cõ grande sẽtimẽto. Oh peccador de mim! Que me estais detendo nesta cama, & fazeis com que eu naõ và gozar dessa Gloria! Ide logo com muyta pressa, aindaque seja de noyte, & acabay de repartir esse dinheyro, para que eu va lograr do descanço, que espero. Perguntàra eu agora, meu Santo, & que tem esta esmola, que sobejou, com a vossa vida, para dizerdes que naõ dais fim á vossa vida, porque se naõ deu fim à vossa esmola? Sabeis que tem? Eu o direy. Encarece Thomás que se de fim á esmola, para poder dàr fim à sua vida, porq era a esmola a alma de Thomás, & assim como o corpo vive

vive pela alma, que o informa, assim Thomás vivia pela esmola, que dava.

Grande prova temos para este conceyto em humas palavras de David no Psalmo cento & dezoyto. *Anima mea in manibus meis semper: & legem tuam non sum oblitus.* A minha alma (dizia David a Deos) sempre anda nas minhas mãos, & naõ me esqueci da vossa ley. He certo q a alma racional (como dizem os Filosofos) naõ só faz assistẽcia nas mãos, mas tambẽ em todas as mais partes do corpo faz a sua assistencia, porque, como he espiritual, & indivisivel está toda em todo o corpo, & toda em qualquer parte do corpo. Pois se a nossa alma em todas as partes do corpo assiste, porque a todas anima, & informa, porque, diz David que tras a sua alma nas mãos, se a sua alma tanto lhe assiste nas mãos, como na cabeça, & nos pés?

Psal. 118. n. 109

Bem se pudera aqui dizer que o traser David a sua alma nas mãos, era para nos. mostrar a vigilancia, & cautela, com que observava a Ley Divina: porq se aquillo, q̃ se tras nas mãos, sempre anda diante dos olhos; para David mostrar que trasia sempre a sua alma diante dos seus olhos, por isso disse que trasia sempre a sua alma nas mãos. *Anima mea in manibus meis semper.* Oh como he certo que nunca havia de haver em nós defytos, se trouxeramos sempre a nossa alma diante dos nossos olhos! Como he certo que evitariamos muytas offensas contra Deos, se estimaramos tanto a nossa alma, que a trouxeramos nas palmas das mãos; pois vemos que diz David que sempre observou a ley Divina, porq̃ sempre trouxe diante dos olhos a sua alma. *Anima mea in manibus meis semper, &c.*

Porem descubramos outra razaõ, que nos sirva para o intento. Saõ Pedro Damiaõ commentando estas palavras de David: *Anima mea, &c.* diz que pela alma se

se entende aqui a esmola: *Manus illæ, quæ fundaverũt Cælos, extensæ sunt in Cruce, ut manus tuæ extenderentur ad pauperẽ, & dicere posses: Anima mea in manibus meis semper.* Supposta esta intelligencia, foy o mesmo que dizer David: A minha alma, Senhor, sempre está nas minhas mãos, porque sempre estendo as minhas mãos para soccorrer as necessidades dos pobres, & como aonde assiste a alma, só ahi assiste a vida, parecia a David que a sua vida só nas suas mãos consistia, porq̃ só nas suas mãos se achava a esmola, q̃ era a alma da sua vida. Verdade seja, que tambem viviam as demais partes do seu corpo, porque em todas lhe assistia a sua alma: porem como as suas mãos eram o instrumento das esmolas, que fazia, por isso na estimaçaõ de David só lhe parecia que tinha a alma nas mãos, porque eram as mãos o instrumento das esmolas: *Anima mea, &c.*

Div. Pet. Damcitat. á Zulleta.

Vivia Thomás pelas esmolas, que fazia; & como neste sentido tinha Thomás a sua vida nas mãos, era necessario que as suas mãos naõ tivessem cousa alguma, que dar, paraque Thomás pudesse morrer. Oh prodigioso Thomás, que bem mostras ser mystica palma da Igreja! Todos sabem q̃ os ramos da palma tem semelhança de mãos, & que os fruttos tem semelhanças de dedos; & se a palma para haver de fenecer, he necessario que lhe tirem todos os fruttos, & ramos; assim tambem para Thomás acabar, foy necessario que o despojassem até dos seus proprios vestidos.

Mas como Thomás era palma milagrosa, pouco importava que a cortasse o golpe da morte pelas mãos, ou pelos ramos, para deyxar de florecer esta palma. Pois da mesma sepultura, em que ficaram enterradas as raizes do seu corpo, está ainda hoje produsindo tanta abundancia de fruttos, quantos saõ os beneficios, que decõtinuo está fazendo, dando vida a mortos, fala

fala a mudos, olhos a cegos, mãos a aleyjados, & pés a coxos; pois ninguem já mais chegou à sepultura de Thomás a procurar o seu patrocinio, que naõ ficasse logo remediado. O mesmo era porem os olhos na sua Imagem, que ficar a olhos vistos com huma perfeyta saude. Oh singularidade de Thomàs, que assim como foste unico, & singular em quanto vivo, assim o foste tambem depois de morto!

Nos Actos dos Apostolos se refere que, dando os Apostolos de Christo saude a os enfermos com a sua propria presença, saõ Pedro communicava esta saude só com a sua sombra. E disse o nosso Lyra que o curar Saõ Pedro com a sombra, & os demais Apostolos curarem com a presença, foy para se conhecer a ventagem, que tinha Pedro entre todos os Apostolos: *Quòd erat principalis Apostolorum.* Eram os Apostolos luzes, & era Pedro Sol; & se o Sol he o mesmo que *Solus*, só Pedro cura com a sombra, para que se veja o excesso, que faz a todos os mais.

O Cardial Baronio, põderando este Texto, diz q̃ o curar Pedro com a sõbra, era o mesmo que curar Pedro com a Imagem: *Quid insuper ũbra Petri? nisi imago expressa Petri?* De sorte, que a sombra de Pedro era a sua Imagem. Pois se o fazer Pedro milagres com a sua sombra, era fazer milagres com a sua Imagẽ, causando a Imagem tanta saude nos enfermos, justo era que se acreditasse por Principe dos Apostolos: *Quòd erat principalis Apostolorum.* Pois se Pedro foy Principe dos Apostolos, porque a sua Imagem a todos dava saude, Thomás foy unico entre os Santos, porque com a sua Imagem dava saude a todos, & o que he mais para notar, vem a ser, que se faltava na Igreja a Imagem, pela haverem levado a algũ enfermo, bastava a terra da sua sepultura.

SERMAÕ
DO SANTISSIMO
SACRAMENTO,

Prégado na Matrîs da Cidade de Ponta Delgada em 13. de Junho de 1700.

* *Caro enim mea verè eſt cibus: & ſanguis meus verè eſt potus.... Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.*
Joan. 6. n. 56. & 59.

SAõ taõ ãtiguas nos homens as maldades, que logo que Deos creou o Mundo, ſe vio gravemente offendido com as maldades dos homens. (Divina, humana, & tremenda Majeſtade.) Saõ taõ antiguas nos homẽs as maldades, que logo que Deos creou o Mundo, ſe vio gravemente offendido com as maldades dos homẽs. Creou Deos toda eſta fabrica do Mundo

& começou pelo Ceo, & terra o ſeu principio: *In principio creavit Deus Cælum, & terram*: Creou o Ceo, engrandeceuo com aſtros, eſmaltou-o com eſtrellas, ornou-o de reſplandores; creou as agoas, enchueas de diverſos peyxes, o ar de differentes aves, as cãpinas, & montanhas de animaes differentes. E para quem vos parece que crearia Deos couſas taõ bellas, Ceos taõ ricos, terras taõ ferteis, agoas taõ claras, arvores taõ fermoſas, flores taõ lindas, fruttos taõ doces? Tudo creou para regalo dos homens. Porem foraõ os homẽs taõ ingratos, que vendo-ſe de Deos taõ liberalmente favorecidos, o que lhes devia ſervir de impulſo para o amar, ſervio-lhes ſò de motivo para o offender.

Gen. 1.

Vendo pois Deos que a ingratidaõ dos homẽs procedia da ſua grãde malicia: *Videns autẽ Deus quòd multa malitia hominum eſſet in terra*, & que todos os ſeus penſamentos ſe inclinavaõ a vicios, & a torpeſas: *Et cogitatio cordis intenta eſſet ad malum*, meteu a maõ á eſpada de ſua ira divina, & apagou com as agoas de hũ diluvio as fumaças das torpeſas, que affogavaõ o Ceo, & os incendios abrazados daquelle enſual fogo, que por ſer taõ exceſſivo nas chãmas, ſe naõ podia agagar com menos agoas.

Gen. 6. n. 5.

Porem como a ira de Deos o faz lembrar de ſua miſericordia, como diſſe o Profeta Habacuc: *Cum iratus fueris miſericordiæ recordaberis*, ceſſou Deos com os caſtigos, & determinou perdoar aos homẽs os ſeus peccados. Para eſte fim convocou Noé, & aos ſeus filhos, & na preſença de todos fez hum capitulo de pazes.* *ſtatuam pactum meum vobiſcum*; & para que eſtas pazes entre Deos, & os homens ficaſſem fixas, & perpetuas, lhe diſſe o meſmo Deos que havia de por hum arco nas nuvens para memoria do concerto, que cõ elles havia feyto, & q̃ eſte arco ſeria ſinal eterno

Gen. 9. n. 11.

de que naõ experimentariam jamais a ſua juſtiça, mas que viveriaõ ſeguros na ſua miſericordia: *Arcum meum ponam in nubibus, & erit ſignum fœderis inter me, & inter terram.* Ah meu Deos amante; he poſſivel q̃, ſendo vós o agravado, vós ſois o que commetteis o partido? Deſafiam os homens a voſſa Divina Bondade com ſuas aboninaveis torpeſas, & vós meſmo vos offereceis para fazer pazes com os homens? Mas naõ me admiro, meu Deos, de q̃ aſſim ſeja, que como ſey q̃ amais aos homens com extremo, por iſſo executais com elles a mayor miſericordia, quando elles uſaõ com voſco da mayor ſeveridade. *Ibid. n. 13.*

Eſta capitulaçaõ de pazes, que Deos fez com os homens la no principio do Mundo, quando ſe via dos homens mais offendido, tornou a revalidar depois no meyo dos tempos, quando ſe vio dos homens mais agravado. Quereis ſaber como, & quando foy? Ora ouvi. Naõ ſatisfeyto o Amor Divino com fazer aos homens ſenhores de todo o Mundo, determinou tambẽ fazellos herdeyros do Ceo; para eſte fim deſceu Deos do Ceo a ſer homem, para que o homem ſubiſſe a ſer Deos; porem a correſpondencia, que Deos teve de taõ ſuperiores beneficios, foy paſſarem os homens de ingratos a tyrannos, porq̃ ſe na creaçaõ do Mundo o deſconheceram, depois de vir ao Mundo o maltratáraõ, ſubindo tanto de ponto a crueldade nos homẽs, que apregoaram guerras vivas contra Deos, determinando dar a morte ao Autor da meſma vida. Porem foy tal o amor de Deos para com os homẽs, que no meſmo ponto, em que os homẽs apregoavaõ eſtas guerras cõtra Deos, determinou logo o meſmo Deos fazer pazes com os homẽs, *quoniam Dominus Jeſus in qua nocte tradebatur, accepit panem*; convocou para iſſo os ſeus Diſcipulos, & communicou-lhes eſtes deſejos: *Deſiderio deſi-* *1. ap Corinth. c. 11. n. 23. Luc. 22. n. 151.*

deſideravi hoc Paſcha mãducare vobiſcum: & ſentando-ſe todos em menza redonda para capitulaçaõ deſtas pazes, fez o Senhor por ſuas proprias mãos a eſcritura: *Accepit panem in ſãctas, ac venerabiles manus ſuas*: & ſacramentando-ſe debayxo das eſpecies de paõ, & vinho, reſumio toda eſta eſcrittura de pazes a dous põtos: *Caro enim mea verè eſt cibus: & ſanguis meus verè eſt potus*; ficando eſte Sacramento por Antonomaſia o Sacramento da paz, como diſſe Saõ Joaõ Chryſoſtomo: *Euchariſtia Sacramentum pacis eſt:* ou como primeyro o havia dito David: *Qui poſuit fines tuos pacem: & adipe frumenti ſatiat te*: & como todo o Sacramento he final, aſſim como Deos lá no principio do Mundo pos hum arco no Ceo em final das pazes, que fazia com os homẽs; aſſim tambem no Ceo de ſua Igreja quis que ſerviſſe eſte Sacramento de arco em final do amigavel concerto, que cõ os homẽs fazia. Aſſim o diſſe Guidmundo: *Euchariſtia eſt arcus fœderis inter nos, & Deum*, para que todas as vezes que recebeſſemos eſte Diviniſſimo Sacramento, nos lembraſſemos das pazes, que com noſco havia feyto. *Div. Chryſoſt. hom. 51. in Mat. Pſal. 147. n. 14.* *Guidm. l. 2. de veritat. Euchar.*

Viſto pois que Chriſto Redemptor noſſo ſubſtabeleceu as pazes no Sacramento, como em hum arco ſoberano, reſta agora que averiguemos as cores, de q̃ ſe veſte eſte arco, para por ellas conhecermos as obrigaçoẽs, em que lhe eſtamos. Tres cores póde diviſar a noſſa Fé neſte Eucariſtico Arco; cor branca, cor verde, & cor roxa. Na cor brãca ſe deſcobre a miſericordia, de que Deos uſa comnoſco naquella ſagrada Eucariſtia; na cor verde ſe ſymboliza a eſperanſa, que nos promette a ſua Divina Bõdade; na cor roxa ſe denota a juſtiça, com que ameaça a noſſa ingratidaõ. Eſtaõ propoſtos os diſcurſos, para os finalizarmos com gloria, he neceſſario principiallos cõ graça. *Ave Maria.*

A Primeyra cor, que hoje divisa a nossa Fé naquelle arco triunfal do Sacramento, he a cor branca em sinal da misericordia, de que Deos usa comnosco naquella sagrada Eucaristia. He certo que todos os dões, & beneficios, que a Divina Liberalidade nos tem feyto, se podẽ chamar Eucaristia, que he o mesmo que boa graça, ou bens dados de graça: porque todos esses bens nos deu Deos graciosamente. Porem só o Sacramento do Corpo, & Sangue de Christo se chama por Antonomasia *Eucharistia*: porque álem de nos dar Deos no Sacramento a melhor de todas as graças, nunca está Deos de melhor graça, do que quando assiste no Sacramento: porque sendo sempre tanto Deos de misericordia, como de justiça, naquelle Divinissimo Sacrameto põem de parte a justiça, & se intitula Senhor de misericordia; assim o disse o Real Profeta, *misericors, & miserator Dominus*: * *escam dedit timentibus se*. Por isso o Santo Job querendo render a Deos as graças, por lhe dar este paõ de vida eterna: *Qui mãducat hunc panem, vivet in æternum*, confeça que Deos lhe deu com elle a misericordia: *Vitam, & misericordiam tribuisti mihi*, dandonos a entender que assim como participamos deste Sacramento a vida, participamos tambem a misericordia. Daqui vem que em quanto aquelle Deos se naõ pos Sacramentado debayxo das especies de paõ, experimentavaõ os homẽs o seu rigor; porẽ ao depois que se nos deu no Sacramẽto, todo se inclinou á piedade, & compayxaõ; tanto assim, que o mesmo he exporse aos olhos aquella Eucaristica Menza, que abrandar Deos logo a sua Divina justiça.

Psalm 110. n 4.

Job 10. n 12.

sic explicatura Ben. Fidel. f. 160. Theor. 12.

Offendeu se Deos gravemente de que o Rey David mandasse numerar o povo de Israel, & para Deos lhe dar o castigo, que merecia a sua culpa, lhe mandou pelo Profeta Gad huma embayxada diz endolhe, que de tres castigos, que lhe pretendia dar, escolhesse qual queria, que ou havia de padecer fome no seu Reyno por espaço de sette annos, ou havia de ser perseguido de seus inimigos por tres mezes, ou lhe havia de castigar o Reyno com peste por espaço de tres dias. Vio-se David bem apertado com este tremendo decreto, & resolveu que de todos estes males antes queria aceytar peste por tres dias, porque antes queria o castigo, vindo pelas mãos de Deos, que dado pelas mãos dos homẽs. Aceyto assim nesta forma o partido, enviou logo Deos a peste sobre o Reyno de Israel, & com tal severidade, que só no breve espaço de tres horas morreram settẽta mil pessoas. Porem o que mais me admira neste caso, he dizer o Texto sagrado que enviou Deos esta peste até o tempo determinado. *Immisitque Dominus pestilentiam in Israel de mane usque ad tempus constitutum*: & cuydando eu q̃ este tempo determinado era o espaço de tres dias, pois Deos assim o havia dito: *aut certè tribus diebus erit pestilẽtia in terra tua*, vejo q̃ logo no primeyro dia cessou Deos com o castigo da peste.

2. Beg 2. 4. n 15.

Ibid. n. 13.

Pois como assim? Se o partido, q̃ Deos havia feyto com David, he, que lhe havia de dar peste no seu Reyno por espaço de tres dias, & David nesta fórma he que aceytou o partido, como dis a Escrittura sagrada que durou a peste até o tempo determinado, se o tempo determinado eram tres dias, & a peste naõ passou do primeyro dia? Eu bẽ sey que a versaõ dos Settenta dis que este tempo determinado foy da manhã do primeyro dia até horas de jantar: *à mane usque ad horã prandii*; porém esta razaõ ainda naõ solta a duvida: porque se o tempo, q̃ Deos determinou a David, foram tres dias, como he possivel que ametade de hum dia equivalha áquelle tempo? Eu o direy. He verdade q̃ o casti-

caſtigo da peſte, que Deos aſſinalou a David, foy por eſpaço de tres dias; porém o dizer a Eſcrittura q̃ naõ durou eſte caſtigo da peſte mais que da manhã do primeyro dia até horas de jantar, he, porque até eſtas horas ſe coſtumava por a mẽza para offerecer a Deos ſacrificio; aſſim o diz o Hebreo: *Uſque ad horam prãdii, id eſt, uſque ad tempus ſacrificiorum*; & como aquella menza, em que ſe offerecia a Deos ſacrificio, repreſentava eſta Eucariſtica Menza, por iſſo o meſmo foy exporſe a Menza do Sacramento em figura, que abrãdar Deos logo o rigor de ſua juſtiça, & uſar com os peccadores de ſua miſericordia. Que admiravelmente o diz S. Cyrillo Alexandrino: *A mane uſque ad horam prandii, hoc eſt, uſque ad menſæ tempus; ubi enim nobis advenit hujus menſæ tempus, id eſt, illius in Chriſto, in qua illo panis veſcimur, mors ceſſavit Deo ad miſericordiam provocato.*

Div. Cyril. de Adorat. l. 13.

Pouco importou que o decreto do caſtigo foſſe por eſpaço de tres dias, porque em chegando a exnorſe a Menza do Sacramẽto, logo ceſſou o tempo da vingança, porque logo chegou o tempo da miſericordia: porque como eſte Sacramento he todo de miſericordia, apparecendo à viſta o Sacramento, era bem que ceſſaſſe todo o rigor de juſtiça.

Conforme iſto, ja agora me atreverey reſolver hũa queſtaõ, naqual pergũtam os Doutores por quanto tempo ha de durar aquelle Diviniſſimo Sacramento? Funda ſe o motivo deſta queſtaõ no que Chriſto Senhor noſſo diſſe pelo Evangeliſta Saõ Mattheus, que eſte Sacramento ha de durar até o fim do Mundo. Mas perguntára eu agora: & porque não ha de permanecer o Sacramento depois de acabado o Mũdo? Se a Cruz de Chriſto, porque foy o inſtrumento de noſſa Redempçaõ, ha de permanecer depois do Mundo acabado, como o dizem muytos

tos Padres, & a Igreja aſſim o canta: *Hoc ſignum Crucis erit in Cælo, cum Dominus ad judicandum venerit*: parece que com mayor razaõ deve guardarſe eternamente no Ceo eſte ſoberano Sacramento, pois tambem foy inſtituido para memoria da Payxaõ do noſſo amante JESUS. Digamos logo que depois de acabado o Mundo, ainda ha de permanecer eſte Sacramento no Ceo.

Naõ Catholicos, naõ ha de durar eſte Sacramento mais que até o fim do Mundo; & ſabeis porque? Porque no ultimo dia do Mundo ha de Deos proferir contra os maos aquella tremenda ſentença: *Ite maledicti in ignem æternum.* Ide malditos para o fogo eterno: porque aſſim o pede a igualdade da ſua juſtiça Divina. E como eſte Sacramẽto commove a Deos ao perdaõ, para Deos naõ faltar com a juſtiça, ha de faltar o Sacramento, que he todo de miſericordia. Se Deos naquelle dia final perdoaſſe aos maos, faria offenſa a ſua juſtiça; ſe á viſta do Sacramento executaſſe o ſeu rigor, fazia injuria ao Sacramento. Pois paraq̃ nem o Sacramento fique offendido, nem o Divino decreto fique fruſtrado, executeſe naquelle dia ultimo a Divina juſtiça, porém naõ haja ja Sacramento, porq̃ he todo de miſericordia.

Tanto como iſto devemos àquelle Sacramento ſoberano, que como he obra da Divina Miſericordia, ninguem ha que na ſua preſença experimente os rigores da juſtiça. Mas ah Catholicos! E que confuſaõ ſe póde tirar daqui para a noſſa tibieſa, pois uſando Deos com noſco naquelle Sacramento da mayor miſericordia, naõ ſey ſe uſamos com Deos naquelle Sacramento da mayor tyrannia.

E ſe não, dizeyme: naõ he grande tyrannia q̃ chegue hum peccador a receber em culpa aquelle Paõ do Ceo, que nos dà a vida da graça? E ſem ir muyto agora ao interior das conſciencias,

ſciencias, dizeyme. Naõ parece tyrannia naõ darmos o devido culto a quem nos faz o mayor obſequio? Pois como faltamos com as devidas venerações a quem obrou por nós as mayores miſericordias, como vemos cada dia, que, ſaindo aquelle Deos Sacramẽtado a viſitarnos a noſſas proprias cazas, o veneremos taõ pouco, que nos fiquemos paſſeádo pelas ruas? Naõ ke huma dor de coração, que em huma Cidade como eſta haja taõ pouco amor ao Sacramento, que quando ſaye fóra aos enfermos, apenas ſe ache gente, que leve as varas do palio? He iſto para crer entre Cidadões taõ tementes, & Catholicos? Deſte modo agradecemos a Deos as miſericordias, de que uſa com noſco no Sacramento? Pois ſabey que por Deos uſar cõ noſco naquelle Sacramẽto da mayor miſericordia, por iſſo meſmo quer que lhe demos naquelle Sacramẽto a mayor veneraçaõ.

Para Moyſés chegar junto da C,arça, em que Deos lhe appareceu, primeyro ſe deſcalçou, porque aſſim lho mandou o meſmo Deos: *Solve calceamentum de pedibus tuis*; & para Moyſés chegar junto do meſmo Deos, quando lhe appareceu no monte Sinai, nem Deos mandou a Moyſés q̃ ſe deſcalçaſſe, nem Moyſés ſe deſcalçou. * *Moyſes autem aſcendit ad Deum, vocavitque eum Dominus de monte.* O que ſuppoſto, difficulto deſte modo. Se era o meſmo Deos no monte, & na C,arça, porque ordena que ſe deſcalce Moyſés para chegar junto da C,arça, & naõ lhe ordena que ſe deſcalce para chegar ao monte? Se ſe deſcalça Moyſés na C,arça, porque a terra, que junto a ella eſtava, era ſanta, por eſtar alli peſſoalmente Deos: *Locus enim, in quo ſtas, terra ſancta eſt*; aſſiſtindo Deos tambem peſſoalmente no monte Sinai, porque ſe não diria ſanta aquella terra, para Moyſés ſe deſcalçar em final da veneraçaõ? Pois ſendo o meſmo Deos, como quer q̃ ſeja oculto taõ differẽte, porque diſpõem ſe lhe tribute mayor veneraçaõ, & ſe lhe faça mayor honra, quando apparece na C,arça, do que quando no monte Sinai apparece?

Exod. 3. n. 5

Ibid. 19. n. 3.

A duvida eſtà bem fundada, & a ſoluçaõ naõ he menos para advertida. Notem. Na C,arça eſtava Deos uſando de ſua clemencia, & exercitando a ſua miſericordia, porque eſtava tratando da liberdade do ſeu Povo, para o livrar do cattiveyro: *Vidi afflictionem populi mei..: Et.., deſcendi, ut liberem eum.* No monte Sinai eſtava Deos oſtentando a ſua ſoberania, & declarando a ſua ſeveridade, porque eſtava dando ley ao meſmo Povo, & aſſignando caſtigos para os q̃ quebrantaſſem a ſua ley. *Omnia quæ dixi vobis, cuſtodite.* Pois eis ahi a razaõ, porque quando Deos apparece na C,arça, ordena a Moyſés que ſe deſcalce, & naõ lhe impõem eſte preceyto, quãdo lhe apparece no monte:

Exod. 3. n. 6.

Exod. 23. n. 13.

porque oſtentando no mõte a ſua ſoberania, na C,arça oſtentava a ſua miſericordia; & devendo Deos ſer ſempre ſummamente venerado, & com todo o reſpeyto ſervido, quer ſe lhe faça mayor honra, & ſe lhe tribute mayor veneraçaõ aonde exercita com os homens a mayor miſericordia.

Figura foy aquella antigua C,arça (diz o doutiſſimo Fideli) deſta C,arça abrazada, que alli eſtamos vendo diante dos noſſos olhos, & ſe là Deos antiguamente, por exercitar cõ os homens a mayor miſericordia na C,arça, quis que nella ſe lhe déſſe a mayor veneraçaõ, uſando tambem cõ noſco neſta Eucariſtica C,arça da mayor miſericordia, vede ſe he juſto q̃ lhe tributemos nella a mayor honra? E ainda aqui com mayor razaõ, porque là ſó ſe deyxava ver, porém aqui tambem ſe deyxa comer, & goſtar; & naõ póde haver effeytos de mayor miſericordia, que dar de comer a quẽ tẽ fome, & de beber a quem tem

Bened. Fid. Locus ille tẽpla præſigurabat, quæ Chriſtum ſub. formis panis præſentẽ habẽt.

tem ſede. E para ſatisfazer a fome, & para matar a ſede eſpiritual dos Fieis, nos dá Deos naquella C,arça o ſeu ſagrado Corpo em manjar, & o ſeu precioſo Sangue em bebida: *Caro enim mea verè eſt cibus : & ſanguis meus verè eſt potus*, firmando pazes com noſco por meyo deſte Sacramento, ſervindo de arco triunfante, & ſinal perpetuo deſſas pazes, que ja por eſſa razaõ diviſamos neſte arco a cor branca, que he ſinal evidente da ſua miſericordia: *Euchariſtia eſt arcus fœderis inter nos , & Deum.*

A ſegunda cor, que hoje contempla a noſſa Fè naquelle arco triunfal do Sacramento, he a cor verde; & como o verde he ſymbolo de eſperãſa, eſtá denotãdo eſta cor que toda a noſſa eſperanſa ſe cifra naquella ſagrada Menza. He a eſperãſa huma virtude, que Deos infundio no homem, paraq obrando bem até o fim, eſperaſſe do meſmo Deos por ſua bondade infinita a Bemaventurança eterna. Viciou o homem pela culpa eſta virtude da eſperanſa, porque em lugar de pór a ſua eſperanſa nas delicias do Ceo, pos toda a ſua eſperanſa nas vaidades do Mũdo. Para remediar eſte mal pos Deos no Ceo de ſua Igreja aquelle Sacramento Divino, ou aquelle triunfante Arco, veſtindo-o de cor verde, paraque nos ſerviſſe de eſperanſa ſegura, & penhor da eterna Gloria: *Et futuræ gloriæ nobis pignus datur*, pois (como diz S. Vicente Ferreyra) he aquelle Paõ dos Anjos a raiz, & fundamento de toda a noſſa eſperanſa: *Victus ſacræ Euchariſtiæ eſt radix ſpei noſtræ*; & com razaõ: porq naõ temos couſa no Mundo, pela qual poſſamos eſperar a Bemaventurança eterna, ſenaõ aquella ſagrada Eucariſtia. *Div. Vinc. Serm. ſecundo de Epiph*

Junto do rio Cobar eſtava o Profeta Ezequiel, quãdo abrindo-ſe os Ceos de repente, vio nelles hũa triunfal carroça formada de hũa branca nuvem, a qual envolvia em ſi hum reſplandecente

Ezech 1.n.4. decente fogo: *& nubes magna, & ignis involvens.* Eram as rodas deſta carroça taõ excellentemente viſtoſas, que eſtavam rodeadas todas de olhos, como os que fórma o pavaõ nas ſua pennas: *& totum corpus oculis plenũ, id eſt,* (commenta o A Lapide) *oculis pulcherrimis, quales ſũt in caudis pavonũ.* *Ibid. n.18.* E accreſcẽta o ſagrado Texto q nas rodas deſta carroça eſtava o eſpirito da vida. *Spiritus enim vitæ erat in rotis.* *Ibid. n.20.*

Antes que difficulte eſte lugar, hey de ſuppor duas couſas, a primeyra he, que aquelle fogo, que envolvia em ſi eſta carroça de nuvẽ, repreſentava a Chriſto no Sacramento, aonde o venera a noſſa Fé cuberto com a nuvem branca dos accidentes de paõ; aſſim o diz Benedicto Fideli. Supponho mais com o douriſſimo A Lapide que as rodas deſta carroça repreſentavam a vida eterna, daqual gozaõ os Bemaventurados na Gloria: *Notat ergo rota æternas coronas Beatorum.*

Iſto aſſim ſuppoſto, entra agora o meu reparo. E qual ſerá a razaõ, porque ſó nas rodas da carroça ſe ha de repreſentar a vida eterna? Parecia-me amim que aſſim como as almas dos juſtos reſplandecem como eſtrellas no firmamento do Ceo, aſſim era conveniente que a Bemaventurança eterna, de que gozam eſſes juſtos, ſe figuraſſe tambem no firmamento da corraça: porq ſendo o firmamẽto o ſitio mais illuſtre, parecia mais decẽte para repreſẽtar a eterna vida. Pois como ſó nas rodas da carroça ſe repreſenta a vida eterna?

Eu o direy. Formavam eſtas rodas huma cor taõ excellente, que (como diz o meſmo Texto) parecia cor de mar. *Et aſpectus rotarum, ...,quaſi viſio maris*; & traſladou Aquila, *quaſi ſpecies Chryſolithi*, que reſplandecia nas rodas huma cor verde á maneyra de Chryſolitho. Pois bem: ſe na carroça aſſiſte o Sacramento, & as rodas da carroça reſplandecem de cor verde, q he ſymbolo da eſperanſa, ja *Ibid. n.16.*

enten-

entendo a razaõ, porque ſó nas rodas da carroça ſe repreſenta a vida eterna. Notay. Aſſiſtia naquella carroça o Sacramento, repreſentado no fogo, o qual eſtava envolto com aquella nuvẽ branca, & para Deos dar a entender aos homens que naõ ſó uſa com elles no Sacramento de ſua miſericordia, mas tambem lhes promette huma eſperanſa ſegura de gozarem a vida eterna, por iſſo veſtindo ſe no Sacramento de nuvem branca, ſymbolo da miſericordia, tambem ſe reveſte de cor verde, que he ſymbolo da eſperanſa; para nos dar a entender que ſo pondo naquelle Paõ celeſtial toda a noſſa eſperanſa, poderemos eſtar certos de gozar a vida eterna. *Et aſpectus rotarum,..., quaſi ſpecies Chryſolithi. Notat ergo rota æternas coronas Beatorum. Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.*

Fieis, ſe naõ quereis perder a eſperanſa de gozar da Gloria eterna, reveſtí-vos das propriedades, que tinham as rodas daquella carroça de Deos, as quaes gozavam do eſpirito de vida em todo o tempo. *Spiritus enim vitæ erat in rotis*; porque nunca careciam dos olhos daquelle Paõ Sacramentado: *& totum corpus oculis plenum in circuitu ipſarum quatuor.* Adverti que naõ póde ter eſperanſa de viver com Deos eternamẽte aquelle, em quem ſe naõ acha eſte Paõ da vida, que he a menina dos olhos da noſſa alma; que ja por eſſa razaõ diſſe Filo Judeu que o Mannà figura do Sacramento tinha a ſemelhança das meninas dos noſſos olhos: *Erat Manna ſimile pupillæ oculis* paraque ſe perſuadiſſem os homens a crer que em lhes faltando nos olhos da alma a menina daquelle celeſtial Manná Sacramentado, lhes faltaria a eſperanſa da vida eterna, que nella ſe contem; & com eſta falta podiam deſconfiar ja da ſua vida.

Eſcreve Santo Iſidoro que he opiniaõ commua entre os Medicos, que ſe tres

tres dias, antes de hum enfermo morrer, ſe lhe naõ vem nos olhos as meninas, he ſinal certo de naõ ter eſperanſa de vida: *Phyſici dicunt eaſdem pupillas, quas videmus in oculis, morituros ante triduum non habere, quibus non viſis, certa eſt deſperatio.* He aquelle delicioſo Paõ a menina dos olhos da noſſa alma; pois examina agora, Catholico, ſe ſe diviſa nos olhos da tua alma aquella engraçada menina do Corpo, & Sangue de Chriſto: porque ſe a tiveres eſtampada nos olhos da tua alma, crè que podes eſperar a vida eterna; mas ſe a naõ ves, ſenaõ diviſas nos olhos da tua alma eſta menina do Corpo, & Sangue de Chriſto, naõ tens que eſperar a eterna vida. Oh temam, & tremam aquelles, que em todo hum anno naõ chegam a receber o Sacramento Eucariſtico! Paſmem tambem os que cheyos de maldades ſe atrevem a cõmungar, quebrãdo os olhos a ſuas almas, paraque nunca nellas ſe veja a menina engraçada dos olhos de Deos Sacramentado, porq eſtes taes morreràõ ſem eſperanſa de vida, & daráõ com as ſuas almas no lugar da deſeſperaçaõ eterna.

Div. Iſid. Orig. l. 11. c. 1.

Mas paraque aſſim nos naõ ſucceda, ponhamos toda a noſſa eſperanſa naquelle Paõ, que nos dá a eterna vida: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum*, abracemos o conſelho, que nos dá o Real Profeta: *Spera in Domino, & fac bonitatem:..., & paſceris in divitiis ejus.* O' homens, (diz David, falan com todos nós) tratay de abraçar as boas obras, eſperay em Deos, que elle vos ſuſtentará com todas as ſuas riqueſas. E que riqueſas ſaõ eſtas, que nos podem ſervir de ſuſtento, ſenaõ aquelle Corpo, & Sangue de Chriſto? Aſſim o diz o doutiſſimo Fideli: *Per divitias intelligitur Chriſtus, qui nobis proponitur ſub formæ cibi, & potûs in Sacramento altaris.* Pois Catholicos, ſe quereis lograr eſtas riqueſas, abraçay as boas obras: *Spera in Domino, &c.* Mas eſperar

Pſal. 36. n. 3.

no

no ſuſtẽto daquelíe Paõ Sacramentado, & paſſar hum mes,& outro mes, hũ anno, & outro anno, ſem ſe apartar hum homem da occaſiaõ do peccado, ſem fazer guerra aos vicios, ſem reſtituir o alheyo, ſem deſarreygar os odios, ſem perdoar aos inimigos, he hũa eſperanſa de delirio, & hũa muy enganoſa eſperãſa.

Pedio em certa occaſiaõ hum homem ao Santo Frey Gil, companheyro de meu Padre Saõ Franciſco, que o encomendaſſe a Deos, para poder alcançar a vida eterna. Reſpondeu-lhe o Santo Religioſo: Filho, mais razaõ ſerá que tu rogues a Deos por mim, porque te julgo por mais perfeyto do que eu, por teres mais eſperanſa; porque tu, irmão, todo vives entregue ás vaidades do Mundo, engolfado nos deleytes deſta vida, liſongeado com todos os goſtos mundanos, & com tudo tens eſperanſa de ir á Gloria. Eu vivo nù, & deſcalço neſte Mũdo, morto de fome, retirado de affagos, entregue ás penitencias, abraçado com os rigores,& com tudo iſto a penas tenho eſperanſa de ſalvarme, porque temo muyto a minha eterna condenaçaõ: logo tu,que tens mais eſperanſa do que eu, deves rogar a Deos por mim,que tenha miſericordia da minha alma.

Ex Chr. Seraph.

Oh que formidavel reſpoſta para todos aquelles, que tem eſperauſa vã de ſalvarſe, ſem deyxar os vicios, & ſem ſe apartar dos peccados! Naõ ſeja aſſim, Fieis, a voſſa eſperanſa, abraçay as boas obras, obedecey aos Divinos preceytos, porque ſe aſſim ofizerdes, alcançareis muyto álem do que eſperais.

Coſtumavam os Apoſtolos Saõ Pedro, & Saõ Joaõ entrar no Templo perto das horas de Noa, para ſe darem a Deos por meyo da oraçaõ (q ſe aquelles, que paſſeam pelos adros, empregáraõ as tardes em ter oraçaõ na Igreja, he certo que viveriam vida Apoſtolica.) Junto da porta deſte Templo eſtava hum pobre mendigo taõ aleyjado de mãos, & pés, que naõ fazia hum movimento, ſem que o levaſſem nos braços. Pedio eſte huma eſmola aos Apoſtolos, que entravam, os quaes olhando com attençaõ para o pobre, lhe diſſeram que puzeſſe nelles os olhos. *Reſpice in nos.* Obedeceu promptamente ao mandado dos Apoſtolos, eſperando receber huma eſmola, com que ſuſtentaſſe a vida. *At ille intendebat in eos, ſperans ſe aliquid accepturum ab eis.* Porem eu vejo que eſperando eſte pobre ſómente huma eſmola, alcançou mais do que eſperava, porque alcançou de repente huma ſaude perfeyta, *& protinus conſolidatæ ſunt baſes ejus, & plantæ. Et exiliens ſtetit, & ambulabat.*

Act. 3. n. 4

Ibid. n. 5.

Ibid. n. 7. & 8.

He certo que eſte pobre mendigo o que eſperava dos Apoſtolos, era huma eſmola em dinheyro; pois ſe elle eſperava dinheyro, como diſpõem Deos que alcance a ſaude? O meſmo he ſaude, q dinheyro? Naõ por certo, que ſe aſſim fora, naõ viveriam os ricos com achaques. Pois ſe eſpera huma eſmola, como alcança a ſaude, de que naõ tinha eſperanſa? Sabeis como? Obedeceu eſte pobre ao preceyto dos Apoſtolos, fez da ſua parte quanto pode; & q fez da ſua parte? Sabeis q? Mandaram-lhe os Apoſtolos que puzeſſe nelles os olhos; & como o pobre aleyjado o que podia fazer, era ſó mover os olhos, por eſtar tolhido nas demais partes do corpo, movendo os olhos, fez quanto pode da ſua parte; & quem obedece aos Divinos preceytos, fazendo da ſua parte quanto póde, alcança de Deos mais do que eſpera; por iſſo eſperando eſte pobre quando muyto huma eſmola, ſe achou de repente com hũa ſaude perfeyta, *ſperans ſe aliquid accepturum abeis, & protinus conſolidatæ ſunt baſes ejus, & plantæ. Et exiliẽs ſtetit, & ambulabat.* Imitay pois, Catholicos, a eſte pobre mendigo, obedecey cõ promptidaõ ao que Deos

vos manda na ſua Divina Ley, porque obrando deſta maneyra, tereis huma eſperanſa ſegura de que, mediante aquelle Sacramento, haveis de alcançar a vida eterna: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum*: que ja para que naõ duvidaſſeis deſta eſperanſa taõ certa, ſe expos Deos no Sacramento como em arco triunfante, ornandoo com cor verde, que he ſymbolo da eſperanſa: *Euchariſtia eſt arcus fœderis inter nos, & Deum.*

Meu Deos, & meu Senhor Sacramentado, eu bẽ ſey que neſſe Sacramento Divino, ou neſſe triunfante Arco ainda ſe diviſam mais cores; porque ainda ahi pode diviſar a noſſa Fé huma cor roxa, comq a voſſa Divina juſtiça eſtá ameaçando a noſſa ingratidaõ; porem em hũ dia, em q fazeis pazes cõ noſco, juſto he que a noſſa ingratidaõ ſe acabe, & que a voſſa juſtiça ſe naõ publique. Diſponde Deos, & Senhor meu, que daqui emdiante nos moſtremos perpetuamente agradecidos ás miſericordias, de que uſais com noſco neſſe Sacramento ſoberano; para que com o noſſo agradecimento mereçamos naõ ſó a voſſa miſericordia, mas tambem huma eſperanſa ſegura de vos ir gozar na eterna Gloria. *Quam mihi, & vobis, &c.*

SER-

† IHS.

SERMAÕ

TERCEYRO

DA PENITENCIA,

Prégado no Convento de Saõ Franciſco da Cidade de Ponta Delgada na occaſiaõ, que ſe fizeram de novo ſette andores para a Prociſſaõ dos Terceyros, & chegando huns dias antes da Prociſſaõ o Santo Chriſto á columna, que mandou vir de Lisboa o Miniſtro, que entaõ era o Reverendo Padre Joaõ Martins Machado no anno de 1699.

Ite: ſeptiesque circuibitis civitatem: & ſeptem alii ſacerdotes tollant ſeptem jubilæorum buccinas, & muri funditus corruent Sola Rahab meretrix vivat. Joſue 6.

DUas novas muy encontradas vos trago hoje, (Catholico auditorio) ſaõ encontradas eſtas novas, porque huma he de praſer, & a outra he de peſar; a nova de praſer he para os peccadores

res arrependidos; a nova de peſar he para os peccadores obſtinados. Oh ſe quizeſſe Deos que todos hoje ſe arrependeſſem das culpas, paraque foſſem para todos boas novas! Se quizeſſe a Divina Miſericordia que traſendo eu hoje novas de vida para huns, & de morte para outros, foſſe hoje taõ geral o arrependimento em todos, q̃ todos geralmẽte gozaſſem de huma nova vida! Tudo póde ſer aſſim, Fieis, ſe derdes vólta à voſſa vida, & abraçardes com fervor a penitencia. Reſiramos primeyro o caſo, para virdes na intelligencia do ſucceſſo.

Caminhava o esforſado, & valeroſo Capitaõ Joſué com todo o povo de Iſrael a conquiſtar as Cidades, q̃ ſe oppunham contra Deos; & depois de haver paſſado o rio Jordaõ a pé enxuto, alojou o ſeu exercito à viſta da Cidade de Jericó. Ouvindo pois os moradores deſta Cidade taõ prodigioſa maravilha, como foy aſſaſtarſe o rio, para que paſſaſſe Joſué com todo o povo, começaram a deſmayar com eſtas novas, temẽdo ja a deſtruiçaõ de ſuas peſſoas, & cazas. Tratou Joſué de pór cerco á Cidade, & mandou que os Sacerdotes por eſpaço de ſeis dias os admoeſtaſſem de longe com o ſinal das trombetas, para ver ſe no entretanto movidos com aquellas vozes, & attonitos com aquelles clamores, tratavam de ſe humilhar rendidos, & de ſe renderem humilhados. Mas oh cegueyra, oh obſtinaçaõ! Que vendo as voltas, com que o exercito rodeava a Cidade, & ouvindo os deſpertadores eccs das trombetas, q̃ lhes prognoſticavam a ſua ruina, cada ves mais ſe encerravam, & cada vez mais ſe guarneciam: *Jericho autem clauſa erat, atque munita.* Joſue 6 n.1

Vendo pois o valeroſo Joſué que nenhuma diligencia era baſtante, paraq̃ os moradores de Jericó ſe rendeſſem, propos ao ſeu povo huma pratica, aqual ſe contem nas palavras do meu Thema: *Ite: Jeptiesque circuibitis civitatem: & ſeptẽ alii ſacerdotes tollant ſeptem jubilæorũ buccinas, & muri funditus corruẽt. Sola Rahab meretrix vivat.* Ide, & day ſette voltas ao redor da Cidade; & outros ſette Sacerdotes levem comſigo ſette trombetas, as quaes ſe coſtumaõ tocar no anno do Jubileu, & tocando as trombetas em todas as ſette voltas, na derradeyra volta cahiraõ os muros por terra: *& muri funditus corruent.* Ibid. n.5. Porem aviſo-vos, que levando a todos os moradores de Jericó ao fio da eſpada, ſó a Rahab peccadora haveis de deyxar com vida. *Sola Rahab meretrix vivat.* Ibid. n.17. Oh que novas de praſer para Rahab! Mas oh que novas de peſar para Jericó! O' Jericó deſgraçada, olha que ſe prepara o teu fim, por naõ obedeceres ás vozes do teu Deos; olha que por eſtares nos vicios taõ obſtinada, te verás brevemente deſtruida. E aſſim foy: porque amanhecendo o dia ſettimo, foy dando o povo as ſette voltas; começaram os Sacerdotes a tocar as trombetas, & a penas tinham dado os ultimos paſſos, quando logo de repente ſe arruinaram os muros, *& muri illico corruerunt.* Ibid. n.20. Entraram pela Cidade, & aſſim ahomens, como a mulheres, amoços, como a velhos, atodos deram triſte morte, & ſó Rahab ficou cõ vida: *Et interfecerunt omnia, quæ erant in ea, á viro uſque ad mulierem, ab infante uſque ad ſenem:... Rahab verò meretricem .. fecit Joſue vivere.* Ibid. n.21. & 25.

Eſte foy o ardil, & traça, que o Capitaõ Joſué buſcou para arruinar os muros de Jerico; & deſta meſma traça, & ardil uſa hoje o verdadeyro Joſué Chriſto Jeſus para deſtruir a obſtinaçaõ dos noſſos vicios, figurada naquelles muros, & ſe naõ, vede.

Joſué para deſtruir os vicios, que reynavam na Cidade de Jericó, paſſou primeyro o rio Jordaõ, & por hum modo milagroſo, porq̃ ſe ſeccou o rio: *Defecerũt aquæ Jordanis.* Joſue 4. n.7. O noſſo verdadeyro

dadeyro Joſué, ou Jeſus para vir deſterrar os peccados deſta Cidade, paſſou primeyro o rio de Lisboa, & com alguma circunſtancia, que naõ carece de myſterio; pois querendo ja partir a embarcaçaõ ſem o traſer, diſpos a ſua Divina Providencia que o tempo ſe mudaſſe, paraque com eſta dilaçaõ nos chegaſſe a taõ bom tempo. Joſué gaſtou dés dias na paſſagem do Jordaõ. *Populus autem aſcendit de Jordane decimo die*, o noſſo Joſué, ou Jeſus neſta paſſagem de Lisboa tambem gaſtou outros dés dias. Joſué depois de haver paſſado o rio Jordaõ, ordenou aos Iſraelitas que deſſẽ ſette voltas ao redor da Cidade de Jericó: *Septiesque circuibitis civitatem*; o noſſo Joſué, ou Jeſus depois de haver paſſado o mar, manda hoje tambem aos Irmãos da Penitencia que dem ao redor deſta Cidade ſette voltas, porque ſe bem advertirdes, ſette ſaõ as voltas, que hoje dá a Prociſſaõ. Joſué antes de deſtruir os muros de Jericó, mandou que os Iſraelitas levaſſem as ſette trombetas do Jubileu, *tollant ſeptem, &c.* o noſſo Joſué, ou Jeſus manda hoje aos Irmãos Terceyros que levem tambem cõſigo ſette trombetas, que ſaõ os ſette andores, que haveis de ver na Prociſſaõ; os quaes como trombetas de Jubileu, & de paz, vaõ admoeſtando a todos que deyxem os vicios, & peccados, & q̃ deſtruam os muros dos ſeus vicios. Joſué finalmente ordenou q̃ morreſſem os moradores da Cidade de Jericò, por naõ haverem obedecido ás inſpirações do Ceo, & que ſó a Rahab peccadora, por haver feyto penitencia, lhe reſervaſſem a vida. *Sola Rahab meretrix vivat.* O noſſo Joſué, ou Jeſus aviſa hoje aos moradores deſta Cidade, que ſe quizerem conſeguir a vida da graça, como Rahab a conſeguio, haõ de fazer penitencia, & arrepẽderſe das culpas, como Rahab ſe arrependeu.

Ibid. n. 19.

Joſue 6. n. 4.

Ibid. n. 17.

Eſta he a explicaçaõ do Thema

Thema no ſentido literal; expliquemo-lo agora no ſentido myſtico, para fundarmos o aſſumpto. Pela Cidade de Jericò dis Abulenſe que ſe entende huma alma poſſuida do demonio, por viver de aſſento no peccado. Os moradores deſta Cidade, ou deſta alma peccadora ſaõ as culpas; os muros, com que ſe fortifica, ſaõ os varios appetites, que a cercam: porque aſſim como os muros guardam, & defendem as Cidades, para que naõ entrem dentro os inimigos; aſſim os maos appetites cõſervam, & guardam as culpas, paraq̃ naõ entrẽ dẽtro na alma o temor de Deos, & as boas inſpirações.

Abul. ſup. hoc Cap.

Tres ſaõ os muros, (diz o meſmo Abulenſe) que cercam eſta Cidade da alma; o primeyro muro he o deſejo dos deleytes, o ſegundo he a anſia das riqueſas, o terceyro he o amor proprio: *Urbs Jericho ſignificat civitatem diaboli, in qua multiplex ſignificatur murus, ſcilicet, carnalis concupiſcentiæ, temporalis affluentiæ, mundialis excellentiæ*: os inſtrumentos bellicos, q̃ deſtroem eſtes muros, ſaõ tambem tres: convem a ſaber; a fé, o temor, & a diligencia. A fé, com que devemos correſponder ás boas inſpirações; o temor, com q̃ devemos fugir das occaſiões das culpas; a diligencia com que devemos abraçar as boas obras. Temos propoſta a materia, peçamos agora a graça.

Abul. ubi ſup.

Ave Maria.

OH alma envelhecida na culpa! Oh Jericó deſgraçada! Olha te venho hoje advertir, que ſe naõ te renderes às inſpirações de Deos, brevemente tehas de arruinar. Mas q̃ digo? Naõ ſou eu o que te dou eſte recado, o meſmo Joſué, ou Jeſus he que te manda eſte aviſo. Elle he o que manda hoje dar ſette voltas ao redor da Cidade da tua alma: *Septiesque circuibitis civitatem*, para ver ſe metida neſtas voltas te emendas das tuas culpas: elle he o que manda hoje levar por eſſas ruas as ſette trombetas do

Jubileu, *ſeptem jubilæorum buccinas:* para ver ſe ao ſom dos ſeus mudos ecos acabas de deſpertar dos teus vicios: manda expor aos teus olhos a penitencia de hum Saõ Franciſco, a continencia de hum Saõ Lucio, o deſpreſo de hum Saõ Luis, a Caridade de huma Santa Iſabel, a mortificaçaõ de huma Santa Roſa, a abſtinencia de hum Santo Ivo; a humildade de hum S. Roque; para ver ſe com eſtes deſpertadores emendas a tua vida, & abraças a penitencia. Mas ay de ti, alma peccadora! Ay de ti, rebelde Jericó! Como temo que, chegando os ecos deſtas trombetas aos teus olhos, naõ paſſem ao teu coraçaõ eſtes ecos! Como temo que, ſe naõ imitares a Saõ Roque na humildade, a Santo Ivo na abſtinencia, a Santa Roſa na mortificaçaõ, a Santa Iſabel na Caridade, a S. Luis no deſpreſo, a S. Lucio na continencia, & na penitẽcia a S. Franciſco, venhas a pagar com morte eterna o q̃ puderas remediar com hũa contriçaõ verdadeyra.

Eſtes eram os Sãtos, de que conſtavã os andores da Prociſſaõ.

Ea pois Catholicos, ja ſe ouvem as trombetas, ja começam a dar ſinal, pedindo à Cidade da tua alma q̃ abras as portas ao amor de teu Deos. Mas oh que ſaõ muy fortes os muros, que a cercam, porque ſaõ varios os appetites, que a fortificaõ. Que muros ſaõ eſtes, Fieis, que vos impedem q̃ naõ ouçais os ecos deſtas trombetas? Ja o diſſe com Abulenſe; tres ſaõ eſtes muros. Ora vejamos a ſua fortaleſa, em quanto preparamos os inſtrumentos de ſua ruina. O primeyro muro he o appetite de deleytes: *Carnalis concupiſcentia.* Oh que muro taõ forte! Oh q̃ cruel edificio! He eſte edificio taõ cruel, & he taõ forte eſte muro, que ſó a graça Divina o poderà deſtruir, ſó hum toque da ſua poderoſa maõ o poderá arruinar.

Diz a ſagrada Eſcrittura que Jacob lutou com Deos por eſpaço de huma noyte, & que naõ ſó o tivera entre os ſeus braços, ſenaõ que tambem o vira com os ſeus olhos

Gen. 32. n. 30. olhos: *Vidi Deum facie ad faciem*; ou como lé outra fraſe: *Pugnavi*, pelejey cõ Deos braço por braço. Mas ſendo eſta verdade taõ certa, pois conſta da Eſcrittura, acho na Eſcrittura algũ lugar, que parece encontra eſta verdade; porque em outra parte nos diz o ſagrado Texto que quem lutou com Jacob foy hũ homem: *Ibid.* n. 24. *& ecce vir luctabatur cum eo.* Em Oſeas ſe lé que foy hũ Anjo: *& in fortitudine ſua directus eſt cum Angelo.* E Jacob diz que a luta foy com Deos, & que o vio cara a *Oſea* 12. n. 3. cara: *Vidi, pugnavi.* Pois ſe era homem, como era Anjo, & ſe era Anjo, como podia ſer Deos? Caetano dis que tudo era; era homem na apparencia, Anjo na realidade, & Deos em o myſterioſo. Eſtá muy bem. Mas porque razaõ eſſe meſmo, que na apparencia he homem, & na realidade he Anjo, aos olhos de Jacob parece hum Deos? Que vio Jacob para ſe certificar que o era? O *Gen.* 32. n. 25. Texto o diz, *tetigit nervum femoris ejus, & ſtatim emarcuit.* Deu-lhe aquelle lutador na coxa da perna hum toque, & ficou Jacob coxo daquella perna. Mais difficultoſo me parece agora o reparo; & de quando a cá ſe conhece Deos por fazer mãcos, & coxos? Por ſarar coxos, & mancos ſey eu q̃ Deos ſe conhece. Pois ſendo iſto aſſim, ha de affirmar Jacob que o que luta com elle he Deos, experimentando neſſa luta huma taõ grande ruina? Sim, reſponde o Doutor Angelico: porq̃ aquella manqueyra, que á viſta parecia leſaõ do corpo, foy hum ſinal da ſaude da ſua alma: *Factum eſt hoc in ſignum, quòd carnalis concupiſcentia, quæ viget in femore, imò ad tactum Dei emarceſcit.* Teve grande myſterio aquella manqueyra de Jacob, porque era hũa couſa, & parecia outra, que iſſo quer dizer a palavra *ſignum*; parecia achaque de enfermo, & era ſinal de esforſado.

Notay. Naquelle lugar da perna, aonde Jacob foy ferido, reſide (como diz Laureto)

Laureto) o appetite libidinoſo: *Femur carnis appetitũ deſignat*; & ao ver Jacob que aquella parte lhe ficava corregida, & de todo mortificada, entendeu q̃ quem lhe deu aquelle toque, ainda que na realidade era Anjo, *directus eſt cum Angelo*, no myſterioſo effeyto, que ſentio, ſe perſuadio q̃ era Deos: *Vidi Deum*: porque ſó o toque de Deos pode deſtruir eſte appetite, ou derribar eſte muro.

Por iſſo affirma Hippocrates q̃ chamavam os antigos á doença ſenſual infirmidade ſagrada, porque reconhecendo os Medicos a difficuldade da ſua cura, & que na terra naõ podia haver medicina, que lhe ſerviſſe, recorriam a Deos, paraque a remediaſſe, como ſe diceram: Para tal doença de Deos lhe venha o remedio. Pois ſe ſó Deos póde extinguir eſte vicio, ſe ſó o poder Divino póde derribar eſte muro, oh como confio em Deos que fique hoje de todo deſtruido, & totalmente arruinado! Pois para eſte fim manda hoje o meſmo Deos pór em campo aquellas ſette trombetas, *ſeptem jubilæorum buccinas*, & dar ſette voltas ao redor deſta Cidade: *Septies circuibitis civitatem*; paraque ao ſom deſtas trõbetas ſe deſtruam os muros dos noſſos appetites, q̃ nos cercaõ as portas das almas, paraq̃ abramos a Deos as portas, *& muri funditus corruent*.

Ja naõ póde allegar eſcuſa aquelle peccador, que vive em mao eſtado, pois o meſmo Deos lhe manda hoje eſte aviſo, ou para melhor dizer, lhe dá hoje eſte toque. Deſperta pois, peccador, arruina ja eſſe muro da laſcivia, que tanto dano te faz á conſciencia. O' q̃ naõ poſſo, reſponderá o ſenſual, & deshoneſto: pois puderaõ tantos deſtruillo, ſendo homens como tu; & tu naõ póde derriballo, ſendo homem, como elles? *Illi potuerunt*, (diz Santo Auguſtinho) *& tu non potes*? Pode Joſeph, ſendo moço na flor de ſua idade, & tu não podes, porq̃ dizes que ainda es moço?

moço? Pode S. Leaõ Papa cortar hũma mão, porq̃ lha tocou huma mulher, pode meu Padre S. Frãciſco deytarſe em hũa cama de fogo, & de neve por fugir a tentações, pode Santo Thomás affugentar com hum tiçaõ aceſo a hũa mulher, q̃ o tentava, & ſó tu dizes que naõ póde? Pode Suſanna ſair caſta dentre os laſcivos juiſes, Luzia dentre inimigos poderoſos, Barbora dentre tyrannos, Catharina dentre algozes; puderam eſtas, ſendo mulheres delicadas, & tu naõ póde, ſendo hũ homẽ valente, & robuſto? *Fœminæ potuerũt*, (diz Auguſtinho) *nunquid tu infirmior es fœminis*? Mas ſabes, Chriſtaõ, porq̃ todos eſtes puderam? Porque quizeram ajudados com a Divina graça; tu naõ póde, porque naõ queres. Puderam aquelles, porque eſtimavaõ mais a Deos, que a ſua propria vida. Tu naõ póde, porque eſtimas mais o teu goſto, do q̃ eſtimas ao teu Deos; & ſe naõ póde nada quem por amor do ſeu goſto deyxa a Deos, tudo póde quẽ antepõem o amor de Deos ao ſeu proprio goſto.

Caminhava o valeroſo Sanſaõ por huma eſtrada a tempo, q̃ hum Leaõ lhe ſahio ao caminho para tirarlhe a vida, *apparuit catulus Leonis ſævus, & rugiens*; & quando eu imaginava q̃ lhe déſſe as coſtas fugitivo, vejo q̃ arremeteu ao Leaõ, como esforſado. Detem-te, valeroſo mancebo; ſe te póde com facilidade eſconder, paraque eſſe feroz Leaõ te naõ chegue a matar, como aſſim taõ temerario te arrojas ao perigo? Olha que mais moſtra eſſa acçaõ ſer ſoberba de valente, que prudencia de diſcreto. Pois naõ foy aſſim, (diz o douto Serario) porque mais foy zelo de religioſo, q̃ valentia de esforſado. Reparay no lugar, dõde o Leaõ lhe ſahio ao encõtro. *Cumque veniſſent ad vineas oppidi, apparuit catulus Leonis*. Sahio-lhe o Leaõ em hum caminho, que por huma, & outra parte eſtava cercado de vinhas. Pois

Judic. 14. *n.* 5.

Ibid.

Pois iſſo ha de ſer razaõ baſtante, paraque Sanſaõ com perigo da ſua vida arremeteſſe ao Leaõ, que podia darlhea morte? Sim. Notay. Fez Sanſaõ eſte diſcurſo. Eu ſou Nazareno de profiſſaõ, a quem eſtá prohibido goſtar do frutto das vinhas: *Quidquid exvinea eſſe poteſt, non comedant*; vejo que hum Leaõ vem a matarme, porem eu naõ poſſo defenderme, ſenaõ entrando nas vinhas. Se entro dẽtro nellas, livrarmehey do Leaõ, porem ponho-me em perigo de quebrantar a minha ley, & cõmetter algum peccado. Se acometo ao Leaõ, he verdade que me exponho a perigo de perder a minha vida, porem livro-me da occaſiaõ de commetter alguma culpa: pois entre eſtes dous perigos antes quero eſcolher o menor, que he morrer, doque entrando nas vinhas, porme em riſco de peccar: *Fortis* (diz o Douto) *extitit Nazaræus ſobrietate ſua, Leonem ad vineas ipſas corripuit, confecit, ac diſſipavit.*

Oh admiravel exemplo dos Chriſtaõs! Sanſaõ antes eſcolhe o morrer, que o peccar; & o Chriſtaõ naõ teme o peccar, vendo que póde neſſe meſmo inſtante morrer. Manda Deos ao Chriſtaõ q ſe aparte de todo o vinho da laſcivia, das vinhas das occaſiões, & dà por eſcuſa que naõ póde, porq ſe lhe offerece o Leaõ de ſuas payxoẽs, convem a ſaber, o vigor do corpo, o fervor do ſangue, a mocidade robuſta, & a natureſa fragil. E imaginas, Catholico, que te haõ de valer eſſas eſcuſas? Pois enganaſte, ſe aſſim o imaginas, porque niſſo moſtras que póde mais para comtigo o teu torpe appetite, que o amor do teu Deos.

E ſe naõ póde haver eſcuſa em hum Chriſtaõ para deyxar de entrar na occaſiaõ da culpa, como a poderá haver para o Chriſtaõ, que a naõ larga, & paſſa hũ mes, & outro mes, hũ anno, & outro anno, & ſempre com a ruim communicaçaõ dentro de caza, ou pelo menos

menos á porta? Por ventura faltaram-lhes a eſtes taes trombetas no pulpito, que os deſpertaſſem, conſelhos no confiſſionario, que os advertiſſem? Naõ; pois porq naõ acabam de deſtruir eſte muro de deleytes? Sabeis porque? Porque vivem na occaſiaõ das culpas, como ſe fora em hum cẽtro de delicias.

Temos em Jeremias, ainda que juſto, hum ſymbolo muyto ao proprio. Em hũ lago cheyo de lodo eſtava o Profeta Jeremias: *deſcendit itaque Jeremias in cœnũ*, padecendo taõ continuas afflicções, que por inſtantes eſperava a ſua morte, porq ſuppoſtoque ſe deſejava tirar, naõ tinha modo para o poder fazer. Paſſou por alli Abdemelech, & compadecendo-ſe delle, buſcou humas cordas, & huns poucos de pannos velhos, & chegãdo-ſe à bocca do poço, lhe falou por eſte modo: Jeremias, ſe queres eſcapar da morte, & tirarte deſſe lago, ata-te com eſtas cordas, & toma eſtes pannos, velhos, mete-os debayxo dos braços: *pone veteres pannos... ſub cubito manuum tuarum.* Valha-me Deos! Pois naõ baſtaram as cordas para tirar a Jeremias do poço? Se ſó as cordas baſtaram para Jeremias entrar, como diz o Texto, *& ſubmiſitea ad Jeremiam in lacum per funiculos*, como naõ baſtam ſo as cordas para Jeremias ſahir, paraque taõ neceſſarios os pannos velhos? Saõ neceſſarios, (diz o Texto) para que ao ſahir Jeremias para fóra o naõ moleſtem as cordas. Pois ha de reparar Jeremias em huma leve piſadura, vendo que ſó deſſe modo recupera a ſua vida? Naõ reparará Jeremias, (diz o douto Baquiario) porem o peccador, a quem Jeremias repreſenta, he o q fará eſſe reparo, porque antes ſe deyxará hum peccador perecer no meſmo lodo da culpa, do que ver que tirando-o, terá alguma moleſtia. Oh cegueyra dos mortaes!

Jerem 38. n. 6.

Ibid. n. 12.

Ibid. n. 11.

Eſtá o deshoneſto no immundo lago da torpeſa, no

poço

poço da occaſiaõ,& permanece nella como pedra em poço. Lança-lhe Deos cordas pelas mãos dos ſeus Miniſtros, para que ſaya deſſa torpe occaſiaõ, & naõ acaba de ſe reſolver, nem trata de ſair. Que he iſto, peccador? Saye deſſe lodo dos teus vicios; bem quizera, mas naõ poſſo. Pois baſtaram as cordas dos teus appetites para te arraſtarem para eſſe lodo, como naõ baſtam as cordas da Ley de Deos, as ſuas promeſſas, & ameaças para poderes ſair delle? Naõ temes o mao cheyro do eſcandalo? Naõ temes ficar morto de repente neſſe lago? Acaba de reſolverte. O' que temo que me moleſtem as cordas da Ley de Deos, & dos ſeus divinos preceytos. Pois (diz Deos) *pone veteres pannos*, toma eſſes pannos velhos, paraque te naõ laſtimem; quer dizer: toma exemplo de tantos, que eſtando no lodo dos vicios, ſe fizeram grandes Santos, porque eſtes te facilitaram a ſahida: *Mittamus ei* (diz o Douto) *pannos veteres, reducamus in memoriam ejus exẽpla antiquorum, qui per peccatum collapſi, poſtmodum de profundis malorum per pœnitentiam ad ſuperna relati.*

Toma exemplo de hum David, que aviſado por hum Profeta, logo cortou os laços da culpa; imita a huma Samaritana, que o meſmo foy ouvir a voz de JESUS junto ao poço, q̃ apartarſe logo das occaſiões do peccado: imita a huma Magdalena, que atropellou todos os reparos humanos, por ir buſcar o ſeu remedio a caza de Simaõ leproſo. Toma exemplo de huma Maria Egypciaca, de Pelagia, & de Theodora, que ſem perderem a occaſiaõ, em que as chamou a Divina miſericordia, fugiram á occaſiaõ, em que eſtavam condenadas, ſegundo a preſente juſtiça. Faze-o aſſim, Chriſtaõ, que ſe aſſim o fizeres, da parte de Deos te prometto que eſte muro da laſcivia fique logo arruinado, & *muri funditus corruẽt. Primus murus eſt carnalis concupiſcentia.*

O ſegundo muro, que cerca a Jericò da noſſa alma, paraque naõ abramos as portas ás inſpirações do Ceo, he o deſejo, & anſia de riqueſas: *Temporalis affluentia.* E quem he aquelle, a quem naõ cerca eſte muro? Quem he aquelle, (diz o Eſpirito Santo) aquem naõ arraſta a cobiça dos bens temporaes: *& qui poſt aurũ non abiit, nec ſperavit in pecunia, & th ſauris.** *Quis eſt hic, & laudabimus eum?* Todos trabalhamos neſte muro. Trabalha o lavrador, navega o marinheyro, agẽcea o mercador, deſvela-ſe o eſtudante, & iſto porque, ou para que, ſe naõ por ter, & mais ter; para que he eſte deſvelo, ſe naõ pelos bens do Mundo?

Eccleſiaſt. 31. n. 8.

Bem o lamentava ja Jeremias, falando com os homens do ſeu tempo.* *A minore uſque ad maiorem omnes avaritiæ ſtudent.* Deſde o menor até o mayor todos eſtudam como haõ de adquirir os bens da terra. Niſto trabalha o entendimento, niſto ſe occupa a memoria, & iſto nos arraſta a vontade. O' almas Chriſtãs creadas para ver a Deos, q̃ he iſto? Que empregos ſaõ eſtes, em que occupais a voſſa vida? Tudo pelos bẽs da terra, nada pelos bens do Ceo? Naõ nego que o trabalhar he penitencia, que Deos deu aos homens pela culpa. *In ſudore vultûs tui veſceris pane*; naõ duvido q̃ envie o Eſpirito Santo ao preguiçoſo, que aprenda da formiga. *Vade ad formicam o piger,...; & diſce ſapientiam*; porém manda-lhe que aprenda a trabalhar, & naõ lhe manda que aprenda a appetecer. Trabalhe em boa hora o homem, mas ſeja como em penitencia para obedecer ao ſeu Deos, & naõ por cobiçar os bens temporaes, que iſto he traſer os cuydados no Mundo, havẽdo de pór no Ceo todos os ſeus cuydados.

Jerem 6. n. 13.

Gen. 3. n. 19.

Prov. 6. n. 6.

Diz Seneca que os lavradores do Egypto nunca olham para o Ceo: *In Ægypto nemo aratorum aſpicit Cælum*; & a razaõ he, porq̃ quan-

quando os lavradores das demais partes do Mundo levantam ao Ceo os olhos para pedir a Deos agoa, que lhes fertilize os campos, os Egypcios olham entaõ para a terra, porque nella tem o rio Nilo, que lha fertiliza, & rega. Os outros quando se vem faltos de agoa, buscam o remedio no Ceo; os Egycios, quãdo necessitam de agoa, empregam os olhos na terra, porque na terra tem o rio Nilo, que he para elles Ceo. E aqui descubro eu hum symbolo muyto ao proprio dos amadores do Mundo, que sem attenderem ao Ceo, para onde foram creados, põem toda a sua attençaõ nas cousas temporaes, como se nisto estivera a sua gloria, & a sua felicidade eterna.

Notay agora para exemplo nosso. Criam-se neste rio huns animaes muyto ferozes, a q̃ chamam Crocodilos; & he muyto de notar, que quando os cães daquella terra chegam a beber nos ribeyros daquelle rio, bebem com tal ligeyresa, que naõ param; porque assim mesmo correndo tomam neste ribeyro hũa gotta, tomam no outro ribeyro outra, & assim sempre vaõ de salto caminhando. Pois porque naõ bebem devagar? Porque senaõ detem estes animaes para satisfazer a sua sede? Isso naõ: porq̃ temem que sayam os Crocodilos, que se criam naquellas agoas, & que lhes tirem a vida. Saõ as agoas deste rio symbolo dos bens do Mundo, & fantasiam os animaes com tal instincto, que sendolhes as agoas de proveyto, naõ se detem muyto nellas, por evitarem o perigo. E que faça isto hum bruto, que naõ tem entendimento para discorrer; & que hum Christaõ, a quem Deos deu juiso para discursar, naõ faça isto? Que se naõ detenham os brutos na cobiça das cousas do Mũdo, por evitarem o seu dano, & que os homens sem temerem o perigo se detenham nesta cobiça?

Agora entendo eu a razaõ, porque Christo Senhor

nhor nosso chamou às riquesas espinhos na parabola do Semeador. *Quod autem in spinas cecidit: hi sunt qui ..., á divitiis suffocantur.* Os espinhos riquesas! Quẽ tal julgára! Se os espinhos picam, & as riquesas deleytam, como póde ser que sejam as riquesas espinhos? Espinhos saõ: (diz Saõ Gregorio) porque assim como os espinhos, se os apertamos na maõ, nos molestam, & ofendem, & quãto mais os apertamos, tanto mayor molestia sentimos; assim tambem as riquesas nos homẽs de maõ fechada para soccorrer a necessidade do pobre, lhes servem de eterno tormento.

Luca 8. n. 14.

Porem para o nosso intẽto outra propriedade descubro eu nos espinhos, para que sejam symbolo das riquesas, & vem a ser; que os espinhos, naõ só tem virtude de picar, mas tambem tem propriedade de prender: porque a experiencia nos mostra que se vos chegardes por espinhos, naõ só haveis de ficar picado, senaõ tambem haveis de ficar preso, & de tal sorte, que ou haveis de ficar alli a pẽ quedo, ou se vos ha de fazer em pedaços o vestido. Ah sim; pois se os espinhos prendem, se os espinhos detem, que muyto he que sejam as riquesas figuradas nos espinhos? Porque as riquesas de tal sorte prendem aos homens, de tal sorte os detem, que como muro lhes cerca as portas da alma, para que naõ tratem do que importa á sua consciencia. Pois para que só trates, Christaõ, do que pertence á tua alma, te manda hoje o bom Jesus dar com este muro por terra: *Et muri funditus corruent. Secundus murus est temporalis affluentia.*

O terceyro muro, que nos cerca as portas da alma, he a vaidade, o amor proprio, ou a propria estimaçaõ, que isso quer dizer: *Mundialis excellentia*; & de tal sorte nos cerca este muro, de tal maneyra nos rodea este vicio, que antes se deyxará hum peccador pa-

decer o mayor tormento, que expellir de sî este amor proprio.

Pay Abrahaõ, (dizia o rico Avarento, ardendo em chammas de fogo no inferno) pay Abrahaõ, vede que me abrazo nestas chammas; manday a Lazaro que meta hum dedo na agoa, para me refrigerar esta lingua: *Pater Abraham, miserere mei, & mitte Lazarum ut intingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam.* Repara Chrysologo na petiçaõ deste rico, & dis que naõ foy feyta em boa fórma esta petiçaõ: porque se o rico Avarento queria que Lazaro o alleviasse da pena, melhor fora que pedisse a Abrahaõ q̃ o deyxasse ir áquelle lugar, aonde Lazaro assistia; porem elle naõ pede isto; naõ pede que o levem ao lugar, aonde està Lazaro, senaõ que tragam a Lazaro ao lugar dos tormentos, aonde elle está padecendo: *Non se ad Lazarum duci postulat, sed ad se Lazarum vult deduci.*

Luca 16. n. 24.

Pois se lhe pode ser mais facil o remedio, podendo ir ter com Lazaro, faça nesta fórma a sua supplica, se sequer livrar daquella pena. Isso naõ, (diz o Cardial Caetano) naõ fará tal; porque esta petiçaõ deste rico nascia do seu amor proprio: *Ex affectu amoris proprii prodit universa hæc precatio.* E pode tanto com hũ peccador o amor proprio, que por naõ ceder delle padecerá o mayor tormento. Notay. Havia neste rico muyta vaidade, & amor proprio, & supposto que o proprio amor o obrigava a solicitar por meyo de Lazaro o alivio das suas penas, com tudo a sua vaidade lhe estava dizendo que naõ era conveniente à sua pessoa ir aonde estava Lazaro. Moverme eu daqui deste inferno (diz o rico Avarento) para ir aonde está Lazaro, isso de nenhum modo me convem. Deyxe Lazaro o descanço do Ceo, aonde assiste, para vir alleviarme do tormento, que padeço neste inferno, porque naõ condiz com a minha pessoa o deyxar

Caet. hic.

deyxar eu de ser servido, aindaque fique eternamẽte atormentado.

O' Christaõ, repara bem na fortaleza deste muro, pois póde tanto com hum peccador a vaidade, & o amor proprio, que antes padecerá huma eternidade de tormentos, por naõ descer hum só pontinho da sua vã estimaçaõ. Oh erro miseravel dos mundanos, que muytas vezes por pontinhos de hum non nada vem aperder o ponto fixo da sua salvaçaõ eterna! Quantas vezes nos mostra a experiẽcia que deyxam os homens de fazer muytas obras de virtude, por naõ se parecerem com outros, que por humildes as fazem? Quantas vezes a vaidade, & amor proprio tem impedido aos grandes muytas acções de merecimento para cõ Deos, & de edificaçaõ para com o proximo, por se gloriarem mais da sua soberania, do q̃ da sua Christandade? Notavel cegueyra! Que se haõ de prefar os homens, huns de fidalgos, outros de nobres, de bons letrados, de bons Ministros, de bons soldados, de bons musicos, de bons officiaes, & só de serem bons Christãos senaõ haõ de prefar os homens? Que se haõ de jactar dos dotes da natureza, & naõ dos dotes da graça? O' como he certo, Fieis, que vos condenais por esse modo, porque esse foy o modo, porque Lucifer se condenou.

Perfecti decoris ego sum. Sou hum Anjo (dizia Lucifer) da mais excellente fermosura, que Deos ha creado. He certo que Lucifer naõ só resplandecia na fermosura, de que o Senhor o dotou, senaõ tam bem na graça, & santidade, com q̃ Deos o enriqueceu. Pois porque se naõ presa de santo, assim como se jacta de fermoso? Eu o direy. He porque a fermosura pertence ao ornato exterior; a graça, & santidade pertence ao interior da alma. E pode tanto a vaidade com Lucifer, que nenhum caso fazia da santidade da alma, que pertence ao interior, fazendo

Ezech 27. n. 3.

do tanta eſtimaçaõ da fermoſura, que pertence ao exterior. E que lhe reſultou daqui? Sabeis que? Que ſendo o mais ſuperior Anjo do Ceo, ficou feyto o mayor demonio do inferno. Pois Chriſtaõ, paraque neſte vicio te naõ pareças com o demonio, te aviſa aquelle Deos, que deſtruas hoje eſte muro: *Et muri funditus corruent. Tertius murus eſt mundialis excellentia.*

Tẽdes viſto, Fieis, quaes faõ os muros, que cercam a Jericó da voſſa alma, paraque naõ abrais as portas ás inſpiraçõẽs do Ceo? Sim. Pois ſe quereis eſcapar da morte eterna, ſe vos quereis reduſir á vida da graça, que tẽdes perdido pela culpa, importa muyto que arruineis eſtes muros, ou eſtes vicios, que vos conſervam dentro na alma a multidaõ dos peccados. E ſabeis como? Rahab peccadora vos ha de enſinar a traça, com q̃ deis hoje com eſtes muros por terra; ella vos aparelha os inſtrumentos, com que podeis arruinar eſtes muros. Vamos ao Texto.

Antes que Joſué deſtruiſſe a Cidade de Jericó, & os ſeus muros, envicu primeyro duas eſpias, paraque foſſem eſquadrinhar a fortaleſa da Cidade, & a multidaõ da gente: *Ite, & conſiderate terram, urbemque Jericho.* Joſue 2. n. 1. Caminharam as eſpias, entraram na Cidade disfarçados, paraque naõ foſſem conhecidos, & recolheram-ſe em caza de hũa mulher peccadora, que ſe chamava Rahab. * *Qui pergẽtes ingreſſi ſunt domum mulieris meretricis nomine Rahab.* Ibid. Mas como naõ ha ſegredo, q̃ naõ ſeja manifeſto, houve quem aviſaſſe ao Rey que em caza de Rahab eſtavam duas eſpias eſcondidas, & mandadas por Joſuè. Mandou o Rey a toda a preſſa que os trouxeſſem logo preſos diante de ſua preſença: *Educ viros, qui venerunt ad te.* Ibid. n. 3. Chegaram a caza de Rahab para prendellos, & foy Rahab taõ caritativa, ainda que peccadora, que para os naõ prenderem, os eſcõdeu debayxo das areſtas do linho

linho, *operuitque eos ſtipulâ lini*, Ibid. n. 6. dizendolhe que os taes homens ſe haviam ja auſentado. E para os livrar da morte, os lançou de noyte por huma janela amarrados com huma corda. *Demiſit ergo eos per funẽ de feneſtra:* Ibid. n. 15. porem antes de os lançar, lhes fez a ſeguinte petiçaõ.

Amigos meus, a gente deſta Cidade toda eſtá muy temeroſa, porque como Joſué nas mais Cidades tem obrado maravilhas, pois tem vencido a dous Reis com o valor das ſuas armas, temem tambem ficar vencidos, & totalmente arruinados. Eu confeço que o voſſo Deos tudo governa, & que naõ ha outro Deos, ſenaõ o voſſo: *Dominus enim Deus veſter ipſe eſt Deus in Cælo ſurſum, & in terra deorſum*; Ibid. n. 11. & por iſſo ja agora tremõ, & temo que brevemente fiquemos todos ſem vida. Pelo que encarecidamente vos peço que aſſim como eu uſey deſta miſericordia com voſco, a uſeis vós tambem comigo, & que me promettais aqui q̃ quando vierdes a deſtruir eſta Cidade, amim, & aos meus parentes haveis de perdoar a morte: & para que eu fique certa no que peço, me haveis de dar hum ſinal. Elles lho prometteram aſſim; & o ſinal, que lhe deram de que havia de ficar com vida, havia de ſer o meſmo cordaõ, cõ que os lançou pela janela. E que quando elles entraſſem a deſtruir a Cidade, puzeſſe aquelle cordaõ na janela, para por elle conhecerem a ſua caza.

Tudo aſſim ſuccedeu, como Rahab o pedio, porq̃ deſtruindo Joſué depois a Cidade de Jericó, & mandando dar a morte a todos os ſeus moradores, ſó a Rahab mãdou reſervar a vida. *Sola Rahab meretrix vivat.* Que he iſto Joſué, (exclama Saõ Joaõ Chryſoſtomo) a Rahab peccadora ordenais vós que viva? Se ha de ficar com vida, paraque lhe chamais peccadora, & ſe lhe chamais peccadora, como he bem fique com vida? *Si vivere debet, quare meretrix, & ſi meretrix, quare vivat?* Divus Joan. Chryſ. hic.

Porém ja entendo o ſegredo, (diz Chryſoſtomo) explica Joſué o que Rahab tinha ſido, paraque admire o que ja naõ era: *Dico priorem ſtatum, ut ſequentem diſcas mutationem.*

Tinha Rahab ſido peccadora, porém eſtava ja muyto mudada. E em que conſiſtio eſta mudança de Rahab? Conſiſtio em que abraçou a penitencia, que iſſo ſignifica o cordaõ roxo, que dependurou na janela, como diz o noſſo Lyra. Pois ſe Rahab ſe havia valido do cordaõ da penitencia, que muyto he que melhoraſſe logo de vida. Porém neſta penitencia de Rahab deſcubro eu tres circunſtancias; porque vejo que abraçou a penitencia com temor. *Et hæc audientes pertimuimus;* abraçou a penitencia cõ fé: *Dominus enim Deus veſter, &c.* & abraçou a penitencia com diligencia, & preſteſa, *appendit funiculum coccineũ in feneſtra.* Eſtas foram as circunſtancias, que teve a penitencia de Rahab, & eſtas meſmas circunſtãcias deve ter a noſſa penitencia, paraque os muros dos noſſos vicios, que nos cercam as portas da alma, fiquem arruinados por terra.

Ibid. n. 11.

Ibid. n. 21.

Ea pois Fieis, acometamos a deſtruir o primeyro muro, que he o appetite de deleytes: *Carnalis concupiſcentia.* Sabeis com que inſtrumento ſe arruina eſte muro? He com a bala do temor. Pelo temor começou a penitencia de Rahab, *pertimuimus*; & pelo temor deve hoje começar a voſſa penitencia: aſſim arruinou Rahab eſte pernicioſo muro, & aſſim o deveis tambem arruinar; porque aſſim o deſtruhio tambem o penitente David, pois para ſer caſto, & puro pedio a Deos que o fizeſſe temeroſo. *Confige timore tuo* vſ Pl. *carnes meas*: porque naõ ſe póde achar caſtidade ſem temor, nem póde haver temor aonde naõ houver caſtidade. Por iſſo publicando David que o temor de Deos era ſanto: *Timor Dòmini ſanctus*, gloſou Saõ Clemẽte Alexandrino: *Timor Dòmini* 118. n. 120

mini caſtus, que o temor de Deos era caſto. Eſta foy tambem a razaõ, porque quãdo Deos quis extinguir em Jacob o appetite libidinoſo, & fazello na caſtidade perfeyto, foy com o fazer coxo de hum pé, porq o que anda coxo, como naõ anda muyto ſeguro, ſempre anda temeroſo. E quando Deos quis influir em Santo Ignacio o dom perfeyto da caſtidade, cauſou hum grãde tremor na caza, aonde o Santo aſſiſtia, para moſtrar que eſta virtude com o temor ſe adquiria, & com tremor ſe conſervava. Por iſſo diz o grande Baſilio que para ſe evitar toda a occaſiaõ do peccado, ſe ha de traſer o temor por companheyro, & com razaõ, porque de naõ temer he que naſce o peccar.

Vio o Rey Faraó aquelle raro prodigio de ſe abrir o mar Vermelho, para que o povo Hebreo paſſaſſe a pe enxuto. Vio o Rey Saul levantar a Samuel depois de morto, para lhe advertir que muyto cedo havia tambem de morrer. Vio o Rey Balthaſar aquella maõ na parede, que eſcrevia cõtra elle a fatal ſentença da morte. Viram os Judeus quando crucificavam a Chriſto, que o Sol ſe eclipſou, & que todo o Mundo ſe eſcureceu. Viram as guardas do Sepulcro aſſuſtadas com o terremoto que a ſepultura, aonde Chriſto havia eſtado, ficou na ſua Reſurreyção vaſia. Vio finalmẽte a mulher de Lot aquelle fatal incendio, que abraſou, & conſumio toda Sodoma.

Quem não dicera que, vendo todos eſtes ſujeytos tão prodigioſos milagres, não haviam de ficar todos tão contritos, como admirados? Pois não foy aſſim: porque Faraó não ſe retira, Saul não ſe emenda, Balthaſar não deyxa amenza profana, os Judeus não cõfeçam a Chriſto por Deos, os Soldados negam haver Chriſto reſuſcitado, & a mulher de Lot olha para trás contra o preceyto Divino. Como pois ſe atreve

a peccar á viſta de taõ eſtupendos caſtigos? Sabeis porque? Porque os viram, porem naõ os temeram. O meſmo Texto o diz.

Morre Faraó affogado, porque vendo o milagre de ver o mar dividido, foy taõ neſcio, q̃ naõ temeu q̃ ſe tornaſſe a cerrar, para haver de o ſubmergir. Morre Saul na campanha, porq̃ ouvindo a Samuel que havia de morrer na peleja, temeu taõ pouco aos Filiſtheus, que lhes appreſentou batalha. Morre Balthaſar, porque revelando-lhe Daniel a ſua deſtruiçaõ, teve taõ pouco temor, que ſe naõ quis emendar. Proſeguiram os Judeus com a ſua aleyvoſia, porque mais temeram incorrer no odio dos Pontifices, ſe naõ crucificaram a Chriſto, do que temeram todos os lutos do Ceo. Negam os Soldados o milagre de Chriſto reſuſcitar, porque mais temem o odio dos vivos, que o milagre dos mortos. Virou a mulher de Lot a cabeça para tornar a ver a Sodoma, porque vendo que o Ceo a havia livrado do caſtigo, naõ temeu que a podia ainda alcançar o incendio. E aſſim todos miſeravelmente morreram, porque faltou o temor em todos.

Porém eu dicera que, ſe a falta do temor os fez morrer, o meſmo temor os chegou a deſtruir. Hum temor humano os fes morrer, & a falta do temor Divino os fes acabar. E ſe naõ, vede o que elles temem, & o que naõ temem. Naõ ſe affogára Faraò, ſe temera, que o milagre, que Deos fes de ſe abrir o mar, paraque paſſaſſe hum juſto, ſe naõ devia continuar eſte milagre, paraque paſſaſſe hum tyráno. Naõ morrera Saul na campanha, ſe naõ temera mais o Mundo, que o havia de notar de cobarde por fugir, do que temia o Ceo, que o aviſava que o haviam de matar. Naõ perdera Balthaſar a liberdade, & a vida, ſe temera mais a maõ, que lhe eſcrevia as culpas, do que temia o Rey Cyro, que lhe deſparava as balas. Naõ executaram

ecutaram os Judeus ſacrilegio taõ infame, ſe naõ temeram mais aos Romanos, que lhes tiravam o Imperio, do que todos os finaes, com que viam o Ceo irado. Naõ mentiram cobardes os ſoldados, ſe naõ temeram que quem havia crucificado a Chriſto por fazer milagres, melhor crucificaria a elles por dizellos. Naõ virára a mulher de Lot a ver as chãmas de Sodoma, ſe temera que quem caſtigava huma laſcivia, tambem caſtigaria huma deſobediencia.

Eis aqui porq̃ todos eſtes taõ miſeravelmente acabaram a ſua vida, porque lhes faltou o temor, que he o principio da verdadeyra penitẽcia: porq̃ (como diz David) o temor de Deos he o principio de toda a noſſa felicidade: *Initium ſapientiæ timor Dòmini*; & o Eſpirito Santo chama bemaventurado áquelle ſujeyto, que ſempre eſtà temeroſo: *Beatus homo qui ſemper eſt pavidus*. Pois ſempre ha de temer hum Chriſtaõ? Sim, diz Saõ Bernardo, ha de temer quando lhe aſſiſtir a Divina graça, ha de temer quando lhe faltar, & ha de temer quando pela penitẽcia ſe lhe torna a reſtituir. Porque (como diz Tertulliano) do temor nos naſce a cautela, & a cautela nos aſſegura a ſalvaçaõ: *Timẽdo cavebimus, cavendo ſalvi erimus.*

Prov. 28. n. 14.

Teme pois ſempre, Catholico, q̃ naõ ſabes o dia, nem a hora, em que ſerás chamado a juiſo; traſe ſempre comtigo hum temor das culpas, que logo evitarás contra Deos muytas offenſas. E ſe atégora, por naõ traſeres o temor de Deos por companheyro, te achavas taõ mal encaminhado, por reverencia do meſmo Deos te peço que te apartes ja dos maos caminhos, & comeces deſde hoje a fazer penitencia dos teus peccados, & paraque daqui ao diante naõ tornes mais a peccar, começa ja hoje a temer, paraque com eſte temor conſigas a vida da graça, como a conſeguio Rahab, ſendo huma mulher peccadora. *Sola Rahab mere-*

meretrix vivat. Et hæc audientes pertimuimus.

Paſſemos do temor para a diligencia, que ſe nos encurta a tarde. Quereis, Chriſtãos, de huma vez deſtruir todos os muros dos voſſos vicios, & eſcapar da morte eterna? Fazey o que fez Rahab, ſendo huma grande peccadora. Advertiramlhe as eſpias de Joſué que, ſe queria ficar com vida, puzeſſe por final o cordaõ da penitencia dependurado na janela, *ſignum fuerit funiculus iſte coccineus.* E quando pos Rahab eſſe cordaõ na janela? Diz o noſſo Lyra que foy no meſmo inſtãte: *Statim appendit.* Pois para que he eſſa preſſa? Para aſſegurar a ſua vida, diz o douto Fabro, porque naõ ſabe o dia, nem a hora, em que viraõ a deſtruir a Cidade de Jericó: *Quia de advẽtu eorum incerta erat.* Pois Catholico, ſe naõ ſabes o dia, nem a hora, em que chegará a morte a deſtruir a Cidade da tua alma, trata logo de te abraçar com o cordaõ da penitencia. Olha que naõ ha hora ſegura para morrer; por iſſo começa hoje a emendar a tua vida, porque naõ ſabes ſe chegará á manhã a tua morte. A' preſſa Chriſtaõ, *ſtatim*, á preſſa a amar a Deos; á preſſa a amar ao teu proximo: *ſtatim*: à preſſa a perdoar aggravos; à preſſa a ſofrer tribulações; á preſſa a reſtituir o alheyo: à preſſa afrequentar os Sacramentos, & a fazer huma confiſſaõ bem feyta de todos os teus peccados, á preſſa a fazer penitencia, á preſſa a chorar culpas, & apór em ſeguro as conſciencias: *ſtatim.* E ſe o cordaõ de Rahab (como dis a gloſa) ſignifica tambẽ o ſangue de JESU Chriſto, á preſſa, Chriſtaõs, a aproveytarvos do frutto deſte ſangue; á preſſa choremos as culpas, & peçamos a Deos miſericordia.

Joſue 2. n. 18.

Eſtes ſaõ os ecos, com q̃ hoje nos deſpertam aquellas ſette trombetas do Jubileu: *Septem Jubilæorum buccinas.* Mas oh dor! Que quanto mais nos deſpertam dos noſſos vicios, tanto

to mais corremos para os peccados: que he iſto peccadores? Mas que ha de ſer; a voſſa má inclinaçaõ, que correndo para os vicios apreſſados, ſó para abraçar a penitencia caminhais muy vagaroſos.

Daquella Aguia grande, que vio o Profeta Ezequiel, a qual com aligeyreſa de ſuas azas voava para o monte Libano: *Aquila grãdis magnarum alarum,.., venit ad Libanum*, dizem cõmummente os Interpretes da Eſcrittura que repreſentava a Nabuco, ſendo Rey de Babylonia; porem ſuppondo iſto como certo, naõ deyxa de me cauſar algum reparo; porque falando Daniel do meſmo Nabucodonoſor, o deſcreve com ſemelhanças de boy: *Et fœnũ ut bos comedes.*

Ezech 17. n. 3.

Pois o meſmo Nabuco, q̃ na expoſiçaõ de Ezequiel he huma Aguia, no ſentir de Daniel ha de ſer boy? Huma Aguia he taõ ligeyra nos voos que rompe com velocidade os ares; hum boy he taõ vagaroſo nos paſſos, que para caminhar avante, he neceſſario que o piquem. Pois ſe o meſmo Nabuco ſe repreſenta com propriedades de Aguia, como he poſſivel que juntamente ſe deſcreva com ſemelhanças de boy: *Et fœnum ut bos comedes?*

Daniel. 4. n. 22.

Reparay vós para onde voa Nabuco, quando ſe repreſenta na Aguia, ou para onde caminha, quando ſe aſſemelha ao boy; & logo deſcobrireis a diverſidade deſtes voos, ou deſtes paſſos. Quando Nabuco ſe repreſentou na Aguia, foy na occaſiaõ, em q̃ hia deſtruir a Cidade de Jeruſalem, quando ſe aſſemelhou ao boy, foy quando quis dar volta á ſua vida, & abraçar a penitencia. Na occaſiaõ, em que hia para deſtruir a Cidade, como caminhava a commetter taõ grave culpa, voava como hũa Aguia: *Aquila grandis magnarum alarum*; porém na occaſiaõ, em que quis mudar de vida, como caminhava a ſatisfazer á penitẽcia, caminha taõ vagaroſo, q̃ dá paſſos como

boy

boy: *Et fœnum ut bos comedes.* Para tyrannias, para deſtruições, & para vicios caminha Nabuco taõ apreſſado, que imita a huma Aguia nos voos; mas para a emenda da vida, & para fazer penitencia, caminha taõ vagaroſo, que imita a hum boy nos paſſos; & com tanto vagar ſatisfes a penitencia, que pos ſette annos de demora.

Ah Fieis! He poſſivel que para commetter peccados haveis de voar como Aguia, & para fazer penitencia haveis de dar paſſos como boy? Para os vicios tudo ha de ſer brevidade, & para a virtude tudo ha de ſer preguiça? Naõ advertis que diz Santo Iſidoro que os que moſtram ter preguiça em fazer penitencia dos peccados, he ſinal de ſerem reprobos? *Pigritia, & pœnitentiã differre ſignum manifeſtũ eſt reprobationis.* Por iſſo diſſe David que ſe perdeu como ovelha. *Erravi, ſicut ovis, quæ periit:* porque ſe peccou como fraco, em ouvindo a voz de Deos, logo moſtrou ſer ovelha predeſtinada, porque logo obedeceu à ſua voz arrependida.

Pſalm 118. n. 176.

O' ovelha deſgarrada pela culpa, ſe queres moſtrar que es ovelha predeſtinada, obedece com diligencia às vozes do teu Divino Paſtor, olha que vem hoje de taõ longe a buſcarte, paſſando rios, & ſurcando mares, para te levar aos ſeus hombros para o rebanho da Gloria. Naõ deſpreſes as inſpirações, com que eſtá batendo ás portas do teu coraçaõ. Arruina ja eſſes muros de teus vicios, & abre ao teu bom Jeſus as portas: aſſim como voas ligeyro para a culpa, caminha apreſſado para a penitencia; naõ dilates eſte remedio para o ultimo, quando te vires enfermo, porque entaõ ſerá enferma a tua penitencia, como diz Santo Auguſtinho: *Pœnitentia, quæ ab infirmo petitur, infirma eſt.*

Penitencia, que ſó naſce entre os achaques, he penitencia achacada, & muyto para temida. Abrir hum Chriſtaõ

Chriſtaõ os olhos ſómente no ultimo artigo da morte, he ſer como a Toupeyra, q̃ andando cega toda a vida, ſó abre os olhos quando morre, mas abre-os para morrer. Olha que aquillo que o tempo, ou infirmidade abranda, naõ ſe admitte por virtude, porque tambem a idade, ainda nas feras mais brabas, coſtuma abrandarlhe a fereſa, mas nem por iſſo deyxam de morrer feras.

Dize-me, Catholico, dize me por vida tua, que fazes pelo teu Deos, ou pela tua alma, ſe entaõ ceſſas de peccar, porque ja eſtás para morrer? E queres que Deos te aceyte o ſacrificio de huma vida, que ja naõ he vida, ſenaõ morte? Oh naõ ſeja aſſim, Catholicos, moſtray-vos agradecidos áquelle amante JESUS, que de taõ longe vos vem dar hoje os braços. E para ſe conhecer eſte voſſo agradecimento, abraçay-vos ápreſſa com o cordaõ da penitencia, como o fez Rahab com o ſeu cordaõ: *Appendit funiculum ſtatim*

Depois de aſſolada, & deſtruida a Cidade de Jericó, diz o ſagrado Texto que lançou Joſué huma maldiçaõ a todos aquelles, q̃ tornaſſem a reedificar os muros de Jericó, commenta Abulenſe: *Solum intelligitur hoc de muris*; porem ouvindo os Iſraelitas a maldiçaõ de Joſué, diz o ſagrado Texto que logo todos juntos prometteram que dalli emdiante haviam de ſervir, & amar a Deos, & obedecer promptamente aos ſeus Divinos preceytos: *Dixit populus ad Joſue: Domino Deo veſtro ſerviemus, & obedientes erimus præceptis ejus.* E para teſtemunho deſta verdade tomou Joſué huma grande pedra, & collocou a no Santuario, dizendo ao Povo eſtas palavras: *En lapis iſte erit vobis in teſtimonium, ne forté poſtea negare velitis.* Aqui fica eſta pedra no Santuario, para que depois me naõ negueis a palavra, que me déſtes de que daqui emdiãte naõ haveis de commetter mais offenſas

Joſué 6. n. 26.

Joſue 24. n. 24.

Ibid. n. 27.

fenſas contra Deos, nem tornar a reedificar os muros dos voſſos appetites.

Abre-ſe a cortina.

Iſto que la diſſe Joſué ao povo Iſraelitico, digo eu hoje a eſte Catholico auditorio. Povo Catholico, alli fica aquella pedra: *Petra autem erat Chriſtus.*

SER-

SERMAÕ DA PAYXAÕ,

Prégado no Moſteyro de JESUS da Villa da Ribeyra Grande no anno de 1698.

Veni in altitudinem maris: & tempeſtas demerſit me. Ex Pſalm. 68. n. 3.

PARA explicar hum mar de tribulaçõeſ, & para narrar hũa tempeſtade de amarguras, ſubo hoje, Catholico auditorio, a eſte pulpito. Oh ſe quizeſſe Deos que aſſim como eſtamos aqui juntos para ouvir eſtas penas, eſtiveſſemos tambem diſpoſtos para chorar as noſſas culpas! Pois ſabey que para eſte fim he que a Igreja noſſa mãe nos tras á memoria a doloroſa Payxaõ de JESU Chriſto, & para eſte fim tambem he que a piedade religioſa me manda ſubir a eſte lugar. Manda me explicar vos eſtas penas,

nas, para que arrependidos das culpas, que foram a cauſa dellas, ponhais emenda nas voſſas vidas. Quarenta dias ha, que a Igreja nos mandou lançar cinza nos olhos, para nos exhortar á penitencia, hoje pretende examinar a noſſa perſeverança. Oh como claramente veremos neſte auditorio, ſe a cinza da penitencia ſez em nós algum effeyto! Porque ſe o primeyro effeyto, que a penitencia cauſa, he defatarem ſe os olhos em lagrymas, faltando-vos hoje as lagrymas nos olhos, bem poderemos inferir vos faltou a penitencia. Pois ſabey, Catholicos, que, ſe a Igreja determinou eſtes quarenta dias para nos darmos á penitencia, ſaõ neceſſarios outros quarenta dias de lagrymas para purificarmos as noſſas culpas.

Foy a natureſa taõ ſabia, & taõ prudente, que inſtituhio nos meninos recem-nacidos huns prantos muyto diſcretos. Conſidera Plinio nas lagrymas dos meninos quando naſcem, & obſervou a ſua curioſidade duas couſas. A primeyra he, que entre todos os vivẽtes ſó os racionaes ſaõ os que choram; a ſegunda he, que a nenhum menino ſe lhe concede o riſo, ſenaõ depois de paſſados quarenta dias do nacimento. E a razaõ diſto he. Choram os meninos ao depois de naſcer quarenta dias cõtinuos, porque outros tantos dias eſtiveram no ventre da mãe ſem alma, & he taõ juſto chorar huma perda da alma, que até obriga a chorar aos que ſaõ incapazes de ſentir. Ah peccadores, ah almas mortas em corpos vivos! Para chorardes a perda das voſſas almas ſe inſtituiram eſtes quarenta dias de penitencias; & ſe hoje vos naõ vir muy lacrymoſos, como he certo que naõ eſtais ainda arrependidos, ſe vos faltarem hoje as lagrymas, como he ſinal evidente, que ainda perſeverais nas culpas. E ſe naõ quereis que aſſim ſe julgue, moſtray com as lagrymas dos voſſos olhos

olhos que eſtais ja arrependidos dos peccados, & que vindes hoje a eſta Igreja chorar a Payxaõ, & morte do noſſo amante JESUS cõ tençaõ de nunca mais o offender, & de nunca mais peccar; & ſe eſta he a voſſa tençaõ, ſe vindes chorar voſſas culpas, para alleviar o bom JESUS nas ſuas penas, preparay-vos para entrar com elle no tempeſtuoſo mar de ſuas anſias: *Veni in altitudinem maris, &c.*

Fala hoje Chriſto por bocca de David nas palavras do meu Thema, & diz eſtas enternecidas palavras: *Veni in altitudinem maris: & tempeſtas demerſit me.* Cheguey ao profundo do mar, & foy taõ grande a tempeſtade, que me chegou a ſubmergir. Eſte mar dizẽ os Expoſitores ſagrados q foy o dilatado mar de ſua penoſa Payxaõ, á qual chama Chriſto mar pela amargura dos tormentos; a tormenta, que levantou, & enſoberbeceu as ondas deſte amargoſo mar, foy a furioſa crueldade dos Judeus.

Seis couſas fazem huma tempeſtade desfeyta, para que o mar ſe embraveça, & vem a ſer: frio, vento, eſterilidade, chuvas, trovões, & nuvẽs. Pelas nuvẽs ſe entẽde a cegueyra dos homẽs, pelos trovões aſ uas blasfemias, pelas chuvas ſe entendem os peccados, pela eſterilidade a falta das boas obras; pelo vento ſe entende a ſoberba, & inveja, & pelo frio a contumacia, & pertinacia. E ſendo os Judeus contumazes, ſoberbos, invejoſos, perverſos, blaſfemos, & cegos, taõ grande tempeſtade chegaram a fazer, que deram com o bom JESUS no mais profundo do mar: *Veni in altitudinem maris.*

Ea Catholicos, que naõ tarda muyto a tormenta, que ha de embravecer eſte mar, porque ja a inveja de Judas ſe começa a enfurecer, & a ſoberba de Annàs ſe começa a levantar; ja a cegueyra de Pilatos ſe vay deſcobrindo, ja a contumacia dos Judeus vay creſcendo, & ja as blasfemias dos

algozes vaõ ſoando. E ſe haveis de aſſiſtir com Chriſto neſte mar de tribulações, he tempo de vos lançardes ás ondas. Naõ tendes de que temer, que na companhia de Chriſto ninguem póde perigar. O' almas Religioſas, eſta he a occaſiaõ, em que as Eſpoſas de JESUS ſe experimentam. O' Catholico auditorio, eſta he a hora, em que as fineſas de Chriſtaõ ſe examinam; vamos todos no alcance de JESUS, que ſe levanta da Cea, & começa a dar entrada por eſte mar de amargura.

Acabado aquelle celeſtial banquete, no qual o amabiliſſimo JESUS deu ſeu Corpo em comida, & ſeu Sangue em bebida, depois de haver executado a acçaõ da mais profunda humildade, como foy a de lavar os pés aos ſeus amados Diſcipulos, ſe levantou o Senhor da menza, & caminhou para o Horto a toda a preſſa, naõ reparando na eſcuridade da noyte, nem na aſpereſa do caminho. O' meu Deos amante, para onde caminhais taõ apreſſado? Adverti que naõ he eſte Horto de delicias, & regalos, mas de triſteſas, & afflicções; nelle haveis de achar por flores o agudo dos eſpinhos, por fonte de agoa hum copioſo ſuor de ſangue, por viraçaõ freſca ardẽtiſſimos ſuſpiros, por recreaçaõ, & alivio agonias, & deſmayos, & finalmente haveis de achar por merenda hum calix de amargura. Pois ſe eſtes ſaõ os regalos, que no Horto vos eſperam, como aſſim com tanta preſſa caminhais para eſte Horto?

Porem oh myſterios! Em hum horto, ou jardim começou a culpa do primeyro homem, & por iſſo a outro jardim vay Chriſto dar hoje ſatisfaçaõ a eſta culpa; aſſim lho tinha ja profetizado a Eſpoſa. *Veniat dilectus meus in hortum ſuum.* Cãtic. 5. Venha o meu amado para o ſeu horto, naõ a provar a maçã da culpa, mas o frutto da deſobediencia, que ſaõ agonias, triſteſas, dores, gemidos, açoutes, eſpinhos, cravos, Cruz, & morte.

Para colher pois eſtes fruttos vay eſte Senhor ao Horto, & o primeyro, que colheu, foy huma triſteſa mortal: *Triſtis eſt anima mea.* Era Chriſto noſſo bem (como elle meſmo diſſe) flor do campo: *Ego flos campi*; & ſe as flores tranſplantadas para os jardins logo falecem, & deſmayam, claro eſtá que tranſplantada eſta flor para o jardim do Horto, havia de desfalecer, & havia de deſmayar, *cæpit contriſtari, & mæſtus eſſe*: para alleviar eſta triſteſa começou ſua oraçaõ poſto de joelhos ſobre huma pedra, aqual (como diz Beda) ficou logo branda como huma cera. O' corações empedernidos, he poſſivel que ſe abrãdam as pedras, vendo ao ſeu Creador affligido, & que os voſſos corações ſe naõ movam, vẽdo ao voſſo Deos agonizado? Mas que muyto ſeja aſſim, ſe os peccados vos tem mudado o ſer de homens, & vos tem feyto mais duros, que pedras. Mat. 26. n. 37.

Era Lucifer eſtrella da madrugada, & pelo peccado ficou convertido em ſerpente. Foy Adaõ o Sol do Mundo, & pelo peccado ficou convertido em bayxo pó; foy Nabuco hum poderoſo Monarca, & pelo peccado ficou reduſido a bruto. Foy Judas hum Apoſtolo de Chriſto, & pelo peccado ficou hum demonio do inferno: foy Faraó hum taõ grande Principe, & pelo peccado ficou convertido em pedra. E que queyra o peccador ſer demonio, podendo ſer Santo, que queyra fazerſe bruto, ſendo racional; que queyra ſer terra, podendo ſer Sol; que queyra ſer ſerpẽte, podendo ſer eſtrella; & que queyra ſer pedra, podendo ſer Principe? Naõ póde haver mayor cegueyra, nem obſtinaçaõ mayor. Por iſſo os homens ouvindo os tormentos do ſeu Creador, ſe naõ melhoram, & por iſſo as pedras, em que Chriſto poz os joelhos, ſe abrandam; & ſendo os peccadores ſym-

bolizados nas chuvas, o chuveyro dos noſſos peccados foy o que deu principio á tempeſtade, que ſe levantou contra o amoroſo JESUS no amargo mar de ſua Payxaõ. *Veni in altitudinem maris, &c.*

Naõ ſó ſe pos o Senhor de joelhos para fazer oraçaõ ao ſeu Eterno Pay, ſenaõ tambem (como adverte o Evangeliſta) pos ſeu Divino roſto na terra, *procidit in faciem ſuã*. Ah meu Deos, o voſſo roſto por terra! he ſinal de que muy cedo haveis de acabar a vida. He o voſſo Divino roſto taõ fermoſo como o Sol. *Et reſplenduit facies ejus ſicut Sol*, & ſe o Sol ſó ſe aviſinha á terra, quando eſtá para ſe por, quẽ duvîda que unindo-vos com a terra, eſtais muy perto de morrer. Aſſim o moſtram, Fieis, eſtes ultimos amplexos, com q o noſſo Redemptor eſtá abraçando a terra, agradecendo-lhe deſte modo o haverlhe dado materiaes para as cordas, madeyra para a Cruz, canna para o ſceptro, juncos para os eſpinhos, animaes para o fel, ferro para os cravos; eſtas ſaõ as fineſas, & caricias, com que Chriſto beyja a terra, & que eſtando Chriſto aſſim proſtrado, haja no Mundo Chriſtaõ ſoberbo? *Quid ſuperbit terra, & cinis?* He poſſivel pó, & cinza, que ſe veja em ti ſoberba, vendo ao Senhor JESUS taõ humilhado na terra? Conſidera que as tuas, & as minhas culpas o fazem aſſim humilhar, & como ſe fora o Publicano, naõ ſe atreve a levantar ao Ceo os olhos, *nolebat nec oculos ad Cælum levare.*

Aſſim abraçado cõ a terra tres vezes fez o Senhor oraçaõ, da qual ficou taõ afflicto, que começou a ſuar ſangue por todos os poros do corpo. *Et factus eſt ſudor ejus, &c.* Quem vio ja mais que o Medico ſe ſangre, paraque ſare o enfermo? Mas ſó no amor de Chriſto ſe pode deſcobrir eſte exceſſo; pois parecendo lhe poucos os ſeus olhos para chorar a perda do homem, fez olhos de

Mat. 26. *n.* 39.

Eccleſ 10. *n.* 9.

Luc. 18. *n.* 13.

Luc. 22. *n.* 44.

de todos os poros do Corpo para chorar eſta perda. Repreſentavam-ſelhe na oraçaõ a Chriſto (como diz Santo Ambroſio) todos os peccados dos homens; allivia-as idolatrias da gentilidade, os ſacrilegios da Synagoga, as ingratidões do povo Chriſtaõ, a obſtinaçaõ de Judas, as negações de S. Pedro, a fraqueſa dos Diſcipulos; & vendo quaõ poucos ſe haviam de aproveytar da medicina, lhe cauſava tudo iſto tal triſteſa, que o fez ſuar ſangue até a terra.

O' almas Religioſas, Eſpoſas deſte Senhor, caminhay com a conſideraçaõ a o Horto a alleviar ao voſſo Eſpoſo, apreſſay-vos com o affecto a alimparlhe o ſuor para lhe dardes alivio. Levay por lenços os olhos, & por toalhas as lagrymas, que ſó lagrymas dos olhos o poderaõ bem alimpar; olhay que aſſim banhado em ſãgue, & cercado de anguſtias, ſe deſeja recolher nas voſſas almas, & com ternura vos pede que lhe naõ negueis a entrada: porque ſe láiem outra occaſiaõ pedio a ſua Eſpoſa que lhe abriſſe as portas da alma, por ſe achar com a cabeça chea do orvalho da noyte: *Aperi mihi ſoror mea,...: quia caput meum plenum eſt rore*; com mayor razaõ agora ſe quererá recolher neſſes voſſos coraçoẽs, porque o orvalho, que tem, naõ he de agoa, mas de ſangue. Entaõ ſe eſtava orvalhado, era ſó na cabeça, *caput meum*: agora he muyto mayor orvalho, porque o tem por todo o corpo; abri-lhe pois as voſſas almas, metey-o nos coraçõẽs; tratay-o com mil carinhos, pois vos merece os affectos, paraque vos naõ faça a vós o que fes á outra Eſpoſa: á outra virou-lhe as coſtas, porque achou nella eſquivanças: *at ille declinaverat, atque tranſierat. Expoliavi me tunicâ meâ*: naõ as uſeis vós com elle, paraque elle as naõ uſe com voſco, porque ſerà grande deſgraça darvos eſte Deos as coſtas, quando eſtá de sî taõ prodigo, que até a huma

Cant. 5. *n.* 2.

Ibid. n. 6.

Cruz dá os braços.

E vós, o' almas Catholicas, correy tambem ao Horto a recolher eſta myrrha, & aproveytar eſte Sangue, que como he o primeyro, q o Senhor na ſua Payxaõ derrama, cuydo, ſe me naõ engano, que he o mais precioſo. De duas myrrhas fazem mẽçaõ os naturaes, as quaes naſcendo da meſma arvore, he a primeyra mais precioſa que a ſegunda. Aſſim o deu a entẽder a Eſpoſa Santa, quando falãdo dos beyços do ſeu Eſpoſo, diſſe que eram como lirios, que diſtillavam a primeyra myrrha. *Cant. 5. n. 13.* *Labia ejus ſicut lilia diſtillãtia myrrham primam.* E que differença haverá entre huma, & outra myrrha, para ſe dizer que a primeyra he a myrrha mais precioſa? A differença eſtá, que a primeyra he hum ſuor, que a arvore de ſi lança, opprimida das quenturas, & dos calores do Sol, a ſegunda myrrha he tirada da arvore a violencias do ferro, com q a cortam, & por iſſo he mais precioſa a primeyra, & de menos valor a ſegunda.

Por virtude do calor do amor do noſſo Deos he tirado eſte ſangue, que hoje derrama no Horto, ſendo que o mais ſangue, que ha de verter em toda a ſua Payxaõ, ha de ſer tirado à violencia do ferro. Pois ſe eſte ſangue do Horto he tirado por amor, quem duvîda q he mais precioſo eſte ſangue. Vinde pois, almas Chriſtãs, banhay-vos neſtas fontes, & recolhey eſta myrrha, apreſſay-vos com os paſſos, que como he myrrha, que corre: *Sicut guttæ ſanguinis decurrentis*, ſenaõ vierdes com preſſa, temo que a naõ acheis. Naõ vos embargue os paſſos o ſer a myrrha amargoſa, porque ſe tem amargura, he ſó para o bom JESUS, que a derrama, que para vós, ſe acolherdes, ha de ſer mais doce que mel; aproveytay-vos deſte mel, goſtay de tãta doçura, que para vola dar a goſtar, he que o noſſo bom JESUS achega hoje a verter. *Et factus eſt, &c.*

Aſſim vertendo ſangue ſe

ſe levantou o Senhor da oraçaõ, & chegando-ſe ao lugar, aonde eſtavam os Diſcipulos, lhes diſſe eſtas palavras: Ah Diſcipulos meus muyto amados, ja podeis dormir, & deſcãçar: *Matt. 26. n. 45.* *Dormite jam, & requieſcite*; ſendo que agora era neceſſaria mayor vigia, por ir creſcendo a tormenta, pois de tal ſorte ſe vaõ ja empolando os mares, que naõ tenho mais remedio, que offerecerme ás ondas; cá vos ficareis em terra, & de longe me vereis ſubmergido neſſes mares. Lãcay-me os voſſos braços, meus amados companheyros; grandes foram as agonias, que me aſſiſtiram neſte Horto, porẽ agora ſaõ mayores as minhas mágoas, porque de vós me aparto. Oh como vay triſte a minha Alma, porque me naõ deſpedi de huma Mãe taõ amoroſa! Oh que eſpada de dor lhe traſpaſſará o coraçaõ, ſabendo que vou ſentenciado a morrer, ſem me poder remediar! Oh que dor, oh que ſentimento, oh que lagrymas ſe derramariam neſte Horto com eſta deſpedida!

Neſte ponto chega Judas com hum eſquadraõ de Soldados para prenderem a o bom JESUS. Ah traidor, ah deshumano, ah ingrato, ah infiel! A hum Deos, que te creou, a hum Meſtre, q te inſtruhio, a hum Pay, que ſempre te favoreceu, queres tu agora entregar, depois de o vender? Que te obrigou a vender aquẽ ſó devias ſervir? Se te obrigou a pobreſa, neſte a moroſo Senhor eſtavam todos os theſouros, com que apodias remediar: *In quo ſunt omnes theſauri.* Se te obrigou a cobiça, naquellas divinas mãos tinhas todas as riqueſas, que podias appetecer: *Omnia dedit ei Pater in manus.* E ſe te obrigou o odio, vendera-lo á Magdalena, q como lhe conhecia o valor, havia-o de pagar melhor, que quem para ungir a ſeu Meſtre gaſtou trezentos dinheyros, muyto mais havia de gaſtar ſó a fim de o remir. Vendera-lo a ſua Mãe, que das precio-

sas perolas, que lhe haviam de correr dos olhos, & dos abrazados rubins, que podia tirar das veas, faria hum preço excessivo só afim de to comprar; porem como em tudo o mais andaste precipitado, até no preço da venda mostraste que estavas cego, pois podendoo vender por tanto, o vendeste por taõ pouco. Mas ja que te resolveste a vendello,& agora teresolves a entregallo,como oentregas, traidor, com hum final de amigo, & com hum beyjo de paz? *Ave Rabbi. Et osculatus est eũ.* Atreves-te a pór a bocca no Co daquella face, & ficar hombro por hõbro com o teu Deos, & Senhor? Porem ja naõ me admiro que tenhas este atrevimento, pois está do teu coraçaõ apoderado o demonio, *cum diabolus jam misisset in cor, ut traderet eũ Judas*; que por intentar igualdades, & semelhanças com Deos: *Similis ero Altissimo*, foy pelo mesmo Deos precipitado no inferno.* *Et projectus est draco ille magnus..: & Angeli ejus.*

Mat. 26. n. 49.

Apoc. 12. n. 8.

Naõ sentio tanto o Senhor que Judas o entregasse, como sentio a aleyvosia, com que delle fes entrega; pois com capa de amisade o entregou aos Judeus. Oh quantas amisades desta casta estamos vendo no Mundo, a alegria na face, & o veneno no coraçaõ, no exterior apparencias de amigo, no coraçaõ realidades de demonio; & sendo isto o que mais se usa, he tambem o que a Deos mais desagrada, & o que mais o penaliza.

Muyto sentio o nosso Deos que a sua tunica interior coubesse por sorte a hum perverso Soldado; & a razaõ deste sentimento disse Raulino que era, porque aquella tunica de Christo tinha virtude para obrar muytos milagres. Quem visse aquelle Soldado vestido naquella tunica, & fazer com ella milagres, havia de imaginar que era hum Christo, & elle era peyor que hum demonio;&ser hum homem demonio, & fin-

fingirse que he hum Santo, isto he o que mais offende a Christo. Assim se offendeu Christo de que hum perverso Soldado lhe levasse a sua tunica, & assim sentio tambem que o aleyvoso Judas com capa de amisade fizesse delle entrega. Depois de Judas haver dado final aos Judeus com o beyjo de paz, fez o Senhor esta pergunta áquelle esquadraõ armado: *Quem quæritis?* A quem buscais? Responderam elles que a JESU de Nazareth. Pois eu sou, lhes respondeu o Senhor; & ouvindo esta voz, cahiram todos por terra. E dando-lhes o Senhor licença paraque se levantassem, lhes fes a mesma pergunta. E o Senhor lhes tornou a responder. Eu sou esse,aquem buscais; eu sou o Deos, que se fez homem só por vos remediar; eu sou o Salvador, que busco as vossas almas para as redimir; eu sou a victima, que me venho offerecer em sacrificio, por isso me deyxo ir preso.

Para onde caminhais, meu Deos? Naõ considerais, meu JESUS, q̃ ides para hum mar: *Veni in altitudinem maris*; & que quem entra nelle preso, tem evidente o perigo? Como vos haveis de livrar das suas soberbas ondas, se levais o corpo preso, & enleado cõ cordas? Mas que pouco sabe quem assim discorre, (diz Christo) porque eu entro neste procelloso mar taõ preso, por isso mesmo entro nelle mais seguro. He o meu amor o q̃me deyta ao mar: *Oblatus est, quia ipse voluit*; & quem se deyta ao mar impellido do amor, para o passar seguro, ha-se de primeyro prender.

Lá se prendeu, & cingio o Apostolo Saõ Pedro quãdo se lançou ás ondas para ir buscar a Christo, *tunicâ succinxit se.* Se eu naõ soubera o mysterio desta acçaõ do Apostolo, havia de presumir que era tontice de velho. Querse lançar ao mar para ir buscar a seu Mestre, & em vez de se despir, trata só de se apertar, *succinxit se?* Sim; queria Pedro pas-

sar

far por aquelle mar seguro, & entendeu que para o passar seguro, era necessario ir preso; era o amor de seu Mestre o que o lançava ao mar: *Dominus est,... & misit se in mare*; & como o amor era o que o lançava, para o passar sem perigo havia de ir atado, *succinxit se*. Atado ides, meu bom JESUS, para esse vosso mar: *Veni in altitudinem maris*: mas como vosso amor he que vos obriga a passallo, porque ides assim atado, assim ides mais seguro.

Joan. 21. n. 7.

Ja sahe o segundo Adaõ do Paraysо para experimẽtar os espinhos dos trabalhos. Preso vay o Divino Sansaõ pelas mãos dos Filistheus. Vendido vay o Divino Joseph por seus proprios irmãos. Cattiva levam a Arca do Testamento para o Templo de Dagon. Cattivo vay de Faraó o verdadeyro Ezequias. Accusado vay falsamente o Divino Daniel para o lago dos Leões. E paraq̃ em hũa palavra diga tudo, preso vay o innocentissimo Cordeyro JESU Christo para caza de Annàs, naõ com cadeas de ouro, como foy Dario Rey dos Persas, mas com cadeas de ferro. O' almas Religiosas, acodi ao vosso Esposo, que vay preso. Consideray bem nestas prisões, que cuydo haveis de achar que entre todos os tormentos este he o mais rigoroso. Taõ rigoroso foy para Christo este tormento, que sofrendo todos os outros sem falar huma só palavra, naõ pode tolerar este tormento, sem desabafar em queyxas: *Tanquam ad latronem existis cum gladiis, & fustibus.* Assim como a ladraõ me amarrais, & como a malfeytor me prendeis? E com razaõ se queyxa este Senhor, porque causa este tormento huma taõ crecida pena, que chega ao coraçaõ, & penetra a mesma alma.

Mat. 26. n. 55.

Fala David da prisaõ de Joseph no Egypto, & diz assim deste modo. *Humiliaverunt in compedibus pedes ejus, ferrum pertransiit animam ejus.* Prenderam a Joseph

Psalm 104. n. 18.

seph no Egypto com grilhões de ferro, & o ferro destes grilhões lhe ferio a alma. Se David dicera que aquelle ferro ferira a Joseph nos pés, estava bem; porq̃ aos pés he que prendeu, *pedes ejus*; mas que lhe ferio a alma, naõ o entendo. Porq̃ se a alma he espirito, & o ferro he corpo, o corpo naõ póde ferir ao espirito. Como diz logo David que o espirito, & a alma de Joseph foy ferida com aquelle ferro, *ferrum pertransiit, &c?* Naõ vedes que aquelle ferro era de grilhões, que prẽdiam, era de grilhões, que atavam: *Ligaverunt*. Pois grilhões que atam, grilhões que prendem, ainda que sejam de ferro, haõ de trasspassar a alma, *ferrum pertransiit animam ejus*. Na alma feriram a Joseph aquelles grilhões, porque o prẽdiam, & na alma ferem a Christo as suas cordas, porque o atam.

Assim atado, & preso veyo o nosso bom JESUS do Horto para a Cidade; & como vinha cercado de Judeus seus inimigos, consideray, meus Fieis, que iria sofrendo de opprobrios. Huns por huma parte lhe davam couces, outros lhe davam empuxões; huns lhe hiam dando bofetadas, outros lhe hiam dizendo affrontas. Huns lhe puxavam pelos cabellos, outros lhe davam repellões. Com estes alaridos, que pelas ruas faziam, alvoroçaram de tal sorte a Cidade, que huns sahiam às portas, outros ás suas janelas para verem este espectaculo. Este naõ he (diziam huns) o que agora ha sinco dias foy recebido com veneraçaõ, & triunfo nesta Cidade? Pois que novidade he esta? Entaõ chamavam-lhe Rey de Israel, & filho de David, agora naõ se ouve se naõ morra o traidor? Entaõ chamavam-lhe o verdadeyro Messias, agora chamam-lhe enganador, & Samaritano? Oh linguas blasfemas, como naõ desce fogo do Ceo, que vos abraze!

Assim, com estas injurias, & affrontas levaram o Se-

Senhor preſo a caza do Põtifice Annás, o qual perguntando a Chriſto por ſua doutrina, & Diſcipulos; & reſpondendo o Senhor com toda a verdade, & manſidaõ, levantou a mão hum ſervo do Pontifice, a qual (como diz Saõ Bernardo) tinha veſtido com hũa manopla de ferro, & deſcarregou cõ toda a forſa naquelle divino roſto huma cruel bofetada. Foy tal eſta bofetada, (diz S. Vicente Ferreyra) que deu com o Redemptor em terra. Oh Ceos, como naõ paſmais! Oh terra, como naõ tremeis! Jeſu Chriſto esbofeteado! Aquelle roſto, em que ſe revem os Anjos, ferido! O' Anjos do Ceo, que fazeis? Vedes taõ grande affronta, & naõ a vingais? Padre Eterno, *reſpice in faciem Chriſti tui*, attentay para o roſto do voſſo querido Filho. Se a Oza porque tocou irreverentemente a Arca do Teſtamento, lhe tiraſtes a vida de repente, ſe a Jeroboaõ porq̃ deu huma bofetada em hũ Profeta, lha ſeccaſtes logo de improviſo; como agora paſſais em ſilencio, que toquem, & firam affrontoſamente o roſto do voſſo Filho? Más ja vejo, Senhor, me reſponde Auguſtinho que naõ he tempo agora do poder, & da juſtiça, mas do amor, & da paciencia.

Pſalm 83.n. 10.

A eſta execranda acçaõ reſpondeu o Senhor eſtas palavras: Se faley mal, dize-me em que, & ſe faley bem, porque me feres? *Quid me cædis?* Eſte he o pago, q̃ me dás de te haver ſarado ha poucas horas aquella orelha, que Pedro te cortou no Horto? O' Catholicos, eſta meſma pergunta vos faz hoje Chriſto a todos: *Quid me cædis?* Porque me offendes, Chriſtaõ? te pergunta Jeſu Chriſto: porque te dey o ſer á minha imagem, & ſemelhança? *Quid me cædis?* Porque me feres, Chriſtaõ, porque te trouxe á minha Igreja, & te fis Catholico, podendo fazerte hereje? *Quid me cædis?* Porque me feres? Porque merecendo tu o inferno, te tenho dilatado a vida, para fazeſ-

Joan 18.n. 24.

fazeres penitẽcia? Que mal te tenho feyto, povo Chriſtaõ? *Populo meus quid feci tibi?* Porque me tratas taõ mal? Porque queres mais por teu ſenhor ao demonio, doque amim, que ſou teu Deos, teu Redemptor, & teu amigo fiel? O' Chriſtaõs, ſe naõ ha razões, que reſponder, deyxemos ja o peccar; & ſe ha neſte auditorio alguma alma, que tenha adornado ſeu roſto cõ demaſias, & enfeytes, chore agora a ſua culpa, pois por amor deſſes ornatos levou o amante Jeſus hũa taõ cruel bofetada.

Mat. 6.n.3.

Depois que o Senhor Jeſus levou eſta grande bofetada em caza deſte barbaro juiz, dis o Evangeliſta que o levaram preſo a caza de Caifás, em cuja caza (como tinha David profetizado) eſtavam os Principes dos Sacerdotes unidos, & cõ muytos teſtemunhos conjurados contra o innocente Cordeyro. *Aſtiterunt reges terræ, &c.* começam a teſtemunhar; porém o Senhor a nada quis reſponder: *Ille autem tacebat*; & vendo Caifás que as teſtemunhas naõ eram convenientes, & que o Senhor a nada reſpondia, pergũtou-lhe com grande colera, ſe era Filho de Deos? E como o Senhor lhe reſpondeſſe que ſim, ficou taõ enfurecido, que ſem mais teſtemunhas o condenou logo á morte.

Pſalm 2.n.2.

Marc 14.n. 61.

Ah meu Deos, que a primeyra palavra, que falaſtes, vos cuſtou hũa grande bofetada, & a ſegunda vos cuſta a meſma vida! Lançaram logo maõ do Senhor os miniſtros da maldade, paraq̃ tanto que amanheceſſe o levaſſem a Pilatos. Conſideray, almas Chriſtãs, que lhe fariam aquelles barbaros em toda aquella noyte! Aqui lhe cuſpiram no roſto, & naõ ſó com as lanças o feriram, mas tambem com as chinelas, & varas o mal trataram: *Crepidis, & fuſtibus cæciderunt.* E depois ja de cãſados, ſe foram huns deytar nas camas, outros ſe foram para ſuas cazas. Vay-te tu tambem agora, peccador, vay-te engolfar nos teus vi-

cios,

cios, que o Senhor ficará por ti penando eſta noyte: vay-te, onzeneyro, abraçar com teus theſouros, que o Senhor fica por ti abraçado com os tormentos. Vay-te, ambicioſo, ſaborear cõ tuas honras, que o Senhor ſe fica eſta noyte conſolando com as injurias. Vay-te, ſenſual, enlodar nas tuas torpeſas, que o Senhor fica todo aſſiſtido de anſias.

Porém advirto-te, peccador, que ſe por tua grande deſgraça naõ quizeres fazer a eſte Senhor companhia, por te parecer melhor buſcar o deſcanço da cama, eſtando na occaſiaõ da culpa, olha que levas muy arriſcada a ſalvaçaõ da tua alma. O que aquelle Senhor neſta noyte mais ſentio, foy ver que o ſeu diſcipulo Pedro por tres vezes o negou; mas que muyto que o negaſſe, ſe na occaſiaõ, em que havia de orar, ſe lançou Pedro a dormir. O' Fieis, que eſtais na culpa adormecidos, conſideray que andais na ſalvaçaõ muy arriſcados. Dormio Holofernes na culpa, & nem todo hum exercito o defendeu do valeroſo braço de Judith. Dormio Iſboſeth no mayor auge do peccado, & achou ſe brevemẽte ſepultado no inferno. Dormio Sanſaõ com os affagos de Dalila, & naõ podendo ſer vencido, logo ſe achou preſo, & atado. Dormio Nabuco, & logo ſe lhe repreſentou toda a deſtruiçaõ do ſeu Reyno. Dormiram os homeus, (como diz Saõ Mattheus) & logo o demonio lhe ſemeou zizania entre o trigo. Dormiram os Diſcipulos no Horto, & logo ſe achou o Senhor ſuando rios de ſãgue. Pois ſe naõ queres, Chriſtaõ, multiplicar a JeſuChriſto eſtes ſuores de ſangue, naõ te vás a deſcançar, eſtãdo na occaſiaõ da culpa, paraque te naõ ſucceda algũa deſgraça. Acompanha a eſte Senhor nos tormentos deſta noyte, vem-te deytar a ſeus pés, lava lhos cõ tuas lagrymas, que logo alcançarás perdaõ das culpas.

Parecervosha, Fieis, que por ſe irem deytar nas camas

camas os miniſtros da maldade, ficaria a tempeſtade quieta, & a tormenta ſocegada? Pois naõ foy aſſim: porque ſe levãtaram de manhã como furioſos ventos, & fizeram de novo mais empolados os mares: *Veni in altitudinem maris:* porque a penas amanheceu, quando logo tornaram a amarrar o bom Jeſus, fazendo-lhe renovar todas as chagas, que lhe haviam feyto as primeyras ataduras, & aſſim atado o levaram á preſença de Pilatos. *Et vinctum adduxerũt eum, & tradiderunt Pontio Pilato præſidi.* Admirado Pilatos da grande preſſa, cõ que os Judeus o traſiam, & do mao tratamento, que lhe davam, lhes perguntou: Que accuſaçaõ traſeis contra eſte pobre preſo? *Quam accuſationem affertis adverſus hominem hũc?* Reſponderam: Eſte homem tem inquieto toda a gente deſde Jeruſalem até Galilea. Conheceu entaõ Pilatos que o pleyto pertencia a Herodes, & mandou que a Herodes o levaſſem. Ficou Herodes muy alegre, cuydando que o Senhor fizeſſe diante delle algum milagre, mas como o Senhor nem huma ſó palavra diceſſe, veſtio-lhe huma veſtidura branca, reputandoo por louco, & tornou o a enviar a Pilatos.

Mat. 27. n. 2.

Joan. 18. n. 29.

Conhecia muy bem Pilatos que os Judeus o accuſavam por puro odio, & inveja, & para ſatisfazer ao ſeu furor, o mandou cruelmente açoutar. Ah Juiz barbaro, ah Preſidente injuſto! Se conheces a JESU Chriſto innocente: *Nihil in venio cauſæ in hoc homine*, como mandas que o açoutem? Em que juſtiça cabe açoutar hum innocente? Porém ja vejo que naõ he a tua juſtiça a que o manda, he ſim a Providencia Divina, que o ordena; que como Adaõ no Parayſo quis arrojadamente atrevido de homem vil fazerſe Deos: *& eritis ſicut Dii*, diſpõem a Providencia Divina que o meſmo Deos deſça tanto ao ſer de homem, que ſeja açoutado como eſcravo.

Luc. 23. n. 4.

Gen. 3. n. 5.

Tanto

Tanto que os infernaes miniſtros ouviram o que ordenava Pilatos, eſcolheram ſeis ſoldados dos mais robuſtos, & valentes para açoutarem o bom Jeſus amarrado a huma columna. Os primeyros dous o açoutáram com varas, os dous ſegundos com cordas, & os dous ultimos com cadeas de ferro. Começaram os primeyros a golpear com as varas, & brevemente empolaram todo o corpo; entraram os ſegundos com as cordas, & acabaram de rõper a pelle, & deſcobrir as carnes. Continuaram os terceyros com as cadeas, & ſem piedade lhe deſcobriram os oſſos. Ah homens deſhumanos, mais crueis que os demonios! Naõ chegou a crueldade do demonio a tirar a pelle a Job. *Pelli meæ, conſumptis carnibus*; & a voſſa tyrannia ſobre tirar a Chriſto a pelle, quer tambem tirarlhe os oſſos. Vede, & conſideray que, ſe agora uſais com Chriſto da crueldade, que naõ uſou cõ Job o demonio, lá virá tempo, em que ás mãos do meſmo demonio haveis de experimentar outra mayor crueldade.

Job 19. n. 20.

Canſados ja eſtes algozes de açoutar ao bõ Jeſus, o deſataram da columna, & com a muyta fraqueſa cahio o Senhor em terra. Teſſeram logo huma coroa de ſettenta & dous eſpinhos, & pregando-lha na cabeça, rebentaram de novo ſettenta & duas fontes de ſangue. Veſtiram-lhe huma purpura vermelha, puzeram-lhe hũa canna na mão, & depois deſtas inſignias reaes lhe fizeram adorações fingidas: *Ave Rex Judæorum*, tirãdolhe da maõ a canna, & dãdolhe com ella na cabeça. O' filhas de Siaõ, ſahi a ver o voſſo Divino Salamaõ com a coroa, que lhe poz a Synagoga, ſahi, que ja Pilatos o tras a huma varanda para o moſtrar ao povo.

Mat. 27. n. 29.

Vendo Pilatos ao bom Jeſus taõ affligido, & taõ rigoroſamẽte açoutado, o levou a huma varanda para o moſttar áquelle tumultuoſo concurſo; & olhando para bayxo,

bayxo, lhe diſſe aſſim: Eis-aqui o homem, que me entregaſte, olha povo, ſe te dàs ja por ſatisfeyto, pois os açoutes o puzeram neſte eſtado: *Ecce homo*. O' Catholicos redimidos com o Sangue de Jeſu Chriſto, & que farieis vós, vendo eſte laſtimoſo eſpectaculo? Naõ morrerieis de pena? Naõ acabarieis de dor? Pois paraque ſe veja a voſſa dor, & ſe conheça a voſſa pena, vo-lo quero propor á viſta, paraque vos naõ queyxeis que naõ tendes homem, que vos chegue ás agoas da penitencia, como lá dizia o paralytico: *Domine, hominẽ non habeo*. Aqui tendes eſte Deos, & homem, que ſó vos pode purificar com tantos rios de ſãgue *Ecce homo*; naõ honrado como Rey, mas abatido como eſcravo: *Non clarus imperio*, (diz Santo Auguſtinho) *ſed plenus opprobrio*.

Joan. 5. n. 7.

Oh homem ſoberbo! *Ecce homo*; põem os olhos neſte Homem, & verás a ſua cabeça traſpaſſada com eſpinhos, por eſtar a tua chea de ſoberbos penſamentos. Oh homem avaro! *Ecce homo*; põem os olhos neſte Homem taõ liberal, que chegou a dar o proprio ſangue, & ainda a meſma vida, ſó por te livrar da morte. Olha avaro, & verás a eſte Homem, que ſe chegou a deſpir dos ſeus veſtidos para encobrir os teus peccados. Oh homem colerico! *Ecce homo*; põem os olhos neſte Homem, & vellohas taõ benigno, & pacifico, que por ſarar as tuas ſoberbas chegou a padecer tantas affrontas. Oh homem glotaõ, que nunca ſabes jejuar, olha para eſte Homem, & verás que por tuas gulas, & demaſias chega hoje a beber fel, & vinagre. O' homens todos, com voſco falo, eis-aqui o Homem, que tanto padeceu por amor dos homens: *Ecce homo*. O' meu bom Jeſus, agora vos quero eu tambem ver cõ os meus olhos para chorar os meus peccados, &c.

Cattivo pelos Iſraelitas Benedab Rey de Syria, naõ teve outro remedio para

ſalvar a ſua vida, ſenaõ mãdar ſeus criados veſtidos de ſacco, & cilicio, & com cordas ao peſcoço diante do Rey Acab, pedindo-lhe q̃ lhe perdoaſſe a morte. E pode tanto eſte eſpectaculo com o Rey, que movido de compayxaõ lhe perdoou. Baſtou que eſte Rey viſſe o cilicio, & as cordas dos criados de Benadab, para lhe perdoar a morte; mas aos perverſos Judeus naõ baſtou verem ao innocente Jeſus taõ mal tratado para o deyxarem com vida; porque o meſmo foy verem-no aſſim affligido, que pedirẽ em altas vozes que foſſe crucificado: *Tolle, &c.* Vendo Pilatos o ſeu furor, & que nada baſtava para os abrandar, deu a ſentença de morte contra o noſſo amãte Jeſus, & o entregou à vontade dos Judeus: *Tradidit eum voluntati eorum.* Naõ tiveram os Judeus para ſi hora de mayor goſto, nem para o Mũdo todo houve hora de mais dita, pois ſe obrou a noſſa Redempçaõ.

Tomaram logo huma rigoroſa corda, & prendendo ao bom Jeſus pela garganta, lhe puzeram aos hóbros hum rigoroſo madeyro. Já começam os gritos, ja ſoam as trombetas, ſahe a gente às praças, os homens, & mulheres ás portas, olham para o paço de Pilatos, & logo vem ſair hũa corda, pela qual puxavam dous crueis algozes, & depois vem ſair hum Homem de laſtimoſa figura, cuberto todo de ſangue, aberto todo a açoutes, rodeada a cabeça de eſpinhos, & feyto todo huma chaga. Sabeis quem he, ó Fieis? E com que coraçaõ o direy! He Jeſu Chriſto Filho Eterno de Deos vivo, verdadeyro Deos, & Homem, Filho puriſſimo de Maria, & o Salvador do Mũdo. Aſſim ſahe o melhor Iſaac carregado com o madeyro da Cruz para o ſacrificio. Aſſim ſahe o Moyſés da graça abrindo o mar vermelho com a vara da ſua Cruz, paraque paſſem as almas para o porto da Gloria.

Caminhay pois, meu bom Jeſus, que neſſa Crus levais

levais a chave para nos abrirdes as portas do Parayſo. *Et dabo clavem domûs David ſuper humerum ejus.* Caminhay, humilde Jacob, que neſſa Crus temos eſcada, para ſubir à Bemaventurança. Navegay, verdadeyro Noé, com veſſa Arca, naõ para fugirdes ao diluvio das culpas, mas para paſſardes melhor eſſe mar de tribulações: *Veni in altitudinem maris.*

Iſai. 22. n. 22.

Neſte tempo diz Saõ Vicente Ferreyra que o Diſcipulo Joaõ fora aviſar a Senhora, & darlhe eſta triſte embayxada, a qual caminhando a toda a preſſa, o foy alcançar na rua da amargura. Oh Mãe, oh Filho, oh Sol Divino, oh fermoſa Lua, como vos vejo ſuſpenſos, & parados! *Sol, & Luna ſteterunt.* Aqui Fieis ſe experimentou o mar mais fundo, porque aqui foram muyto mais as agoas; ajũtaram-ſe as agoas, que corriam dos olhos da Mãe, com as agoas que corriam dos olhos do Filho, & foy em tanta abundancia, q̃ ficou a rua hum mar de lagrymas: *Veni in altitudinem maris.* Chorava a Mãe, porque via o Filho affligido, chorava o Filho, porque via a Mãe magoada; as mágoas, que o Filho via na Mãe, lhe affligiam o coraçaõ; as penas, que a Mãe via no Filho, lhe traſpaſſavam a alma, & foy taõ grande o traſpaſſo, & tal eſte ſentimento, que (como diz Saõ Boaventura) ficou a Senhora morta para a vida, & ſó viva para a pena. E querendo dar ao ſeu amado Filho os braços, para alleviar os ſentimentos, foy tal a crueldade dos Judeus, que o naõ quizeram conſentir, & aſſim foy cõtinuando obõ Jeſus o ſeu procelloſo mar: *Veni in altitudinem maris.* Caminhemos nós tambem com elle, façamos-lhe companhia neſte mar de amargura, levando cada hum de nós com paciencia a Crus de ſua obrigaçaõ.

Habac. 3. n. 11.

Em fim, Catholicos, nadando o bom JESUS por eſte tempeſtuoſo mar de penas, chegou ao Calvario

ſem forſas. Mas oh dor! Q ie quando eu cuydava q ſe iriam abrandando as ondas, vejo que com mayor furia ſe vaõ empolando os mares, & aonde era razaõ que tiveſſe eſte Senhor algum alivio, ſe achou ſem nenhum deſcanço. Quarenta dias, & quarẽta noytes andou Noé dẽtro na Arca, cõtra os mares lutãdo, mas no fim deſſas tres noytes, & dias foy deſcançar com a Arca nos ſuaves montes da Armenia. Porem o noſſo melhor Noé Chriſto JESU depois de acoçado tres dias com a cruel tempeſtade dos Judeus, veyo a ter por deſcanço os braços de huma Cruz. Naõ foy taõ deshumana a tẽpeſtade de Noé, que naõ achaſſe hum monte para o abrigo; porem foy taõ cruel a tempeſtade de Chriſto, que ſe topou com hum mõte, foy para mayor tormento. Ceſſaram á Noé as ondas, porque ſe aplacáram as agoas, porem creceram contra Chriſto os mares, porque ſe augmentaram nos Judeus os odios.

Chegado pois o Senhor á eminencia daquelle ditoſo monte, ou para melhor dizer, ao alto daquelle ſoberbo mar, arremeteram os Fariſeus a tirarlhe a Cruz dos hombros, para haverem de dar principio a ſeus deſpravados intentos; & ſuppoſtoq̃ emtirarem a Chriſto a Cruz, lhe deram ao corpo alivio, para a alma lhe deram o mayor tormento, por ſer a Cruz o ſeu deſcãço. Ah meu Deos, como temo que com a falta deſte deſcanço vos crſeça mais a tormenta, pois o meſmo foy tirarem a Chriſto a Cruz, aque ſe podia pegar, que encruzarem contra elle os mares, que parece oquerem ſubverter. Quem acode, Fieis, ao noſſo Deos, q̃ ſe vay apique nas ondas. Tiraram-lhe os Judeus a Cruz, que era o ſeu deſcanço, & ja o affogam os mares, porque o acham ſem arrimo. Acodi todos, Fieis, ouvi-lhe as ſuas vozes, & ſabereis aonde lhe chegam ja as agoas. *Salvum me fac Deus: quoniam intraverunt aquæ* 2. Pſalm 68 n.

aquæ uſque ad animam meã. Acodi-me, Eterno Pay, pois me vejo nas agoas affligido, & de Judeus todo cercado. Vede que correm tanto contra mim eſtes Judaicos mares, que naõ ſe contentando com me baterem, & mal tratarem o corpo, me vaõ ja tambem chegando ao indiviſivel da alma, *uſque ad animam meam.*

Aſſim clamava o bom JESUS, vendo-ſe no meyo de taõ furioſos mares, ſem ter quem lhe acodiſſe, nem ter aque ſe pegaſſe; & como lhe faltou a Cruz, que era o ſeu deſcanço, como eſtava ja ſem forſas, naõ pode reſiſtir ás agoas. Aqui ſe verificaram as palavras de David: *Infixus ſum in limo profundi: & non eſt ſubſtantia.* Topey com os pés nos limos daquelle profundo mar, & como me faltaſſem os alentos, naõ pude ja mais ſordir. Porem animay-vos, meu JESUS, que naõ he eſte o pégo, em que haveis de perigar; porque em outro mais alto vos haveis ainda hoje de ver. E ſe quẽ topa com pedras, naõ eſtá muy fóra da barra, muyto vos falta, meu Deos, para encher a altura. Pſalm 68. n. 3.

Tirada a Cruz dos hombros ao noſſo bom JESUS, primeyro que o encravaſſem nella, o deſpojaram aquelles infernaes miniſtros de todos os ſeus veſtidos, ficando o Senhor deſcompoſto á viſta de todo hum povo; & neſta acçaõ naõ ſó andou o odio cruel, mas tambem ſe moſtrou induſtrioſa a tyrannia, pois deſpojou ao noſſo bom JESUS das ſuas roupas, quando hia lutar com as ondas de hum tempeſtuoſo mar de penas. Ja agora, meu JESUS, podereis com mais alento ſubir para eſſe alto: *Duc in altum*: porque ſe no mar ſe nada melhor deſpido, deſpido vos vejo ja, para paſſar eſſe mar. Bem ſey que aſſim ſem panno aguardareis melhor a torméta, mas tambem conſidero, meu JESUS, que vos ſerve de grande affronta. Luc. 5. n. 4.

O' Seraſins da Gloria, ſe naquelle throno, em que

vos vio Iſaias, ſervieis de docel à Mageſtade de Deos, como agora naõ encobris com voſſas azas a Humanidade de Chriſto? Mas bẽ ſey que lhe naõ encobris a Humanidade, porque ſó aſſim nua, & deſpida nos póde ſervir de remedio. Tinha tomado o Senhor ás ſuas coſtas o peſo de noſſas culpas, ſendo Cordeyro innocente, tomou de peccador o trajo. *Eum qui non noverat peccatum, &c.* E como corria por ſua conta o peccado, era bem que ſubiſſe á Cruz deſpido. Como Adaõ nõ Parayſo tinha encuberto a culpa, naõ era juſto que Chriſto ſubiſſe à Cruz com gala. Conſidera pois, Chriſtaõ que a tua culpa encuberta faz padecer hoje a Chriſto, aquella affronta. O veſtires tu os teus peccados, lhe faz tirar hoje os ſeus veſtidos. Adverte, que quãto mais creſcem em nós as culpas, tanto mais ſe augmẽtam áquelle Senhor as ondas. Oh meu bom JESUS, que huma onda ſe vos vay, & outra ſe vos vem, por verdes taõ tibios eſtes noſſos corações, & o ſermos nós taõ pouco agradecidos, vos faz hoje naufragar em mares taõ empolados: *Veni in altitudinem maris, &c.*

2. Cor. 5 n. 21.

Deſpojado o Senhor dos ſeus veſtidos, deram preſſa os Fariſeus para lhe encravarem os braços, & eſtendendo a Cruz ſobre a terra, ficou o Senhor de coſtas ſobre a Cruz. O' miniſtros infernaes, que em tudo andais advertidos, & em tudo acautelados pois vendo a o bom JESUS taõ fatigado das ondas, paraque tome algum alivio, aſſim o virais de coſtas. Ahi tendes ja, meu Deos, aquelle leyto de flores, que vos offerecia a Eſpoſa: *Lectulus noſter floridus*; nem eu duvido ſer de flores, quando nelle vejo cravos; eſteudey, Senhor, as mãos para os receber, que ja eſtes crueis miniſtros tratam devo-las pregar.

Eſtendeu o Senhor meſmo a maõ dereyta, & como havia de levar deſte triunfo a palma, pela palma da maõ lhe

lhe atraveſſaram o cravo, o qual á forſa de martelladas lhe foy rompendo a carne, abrindo as veas, cortando os nervos, & apartando os oſſos. Oh ſe aquellas martelladas ſoaſſem aos noſſos ouvidos, quantas lagrymas ſe veriam nos noſſos olhos! Maspor iſſo faltam nos noſſos olhos as lagrymas, porque naõ contemplamos como he bem naquellas penas. Com a meſma tyrãnia, comque ſe houveram nas mãos, com a meſma crueldade lhe encravaram os pès, & ficou o bom JESUS pregado de pés, & mãos; & ſe lá o Evangeliſta o vio no ſeu Apocalypſe com hum pé na terra, & outro em hũ mar de agoa, hoje o vemos no Calvario com ambos os pés em hum mar de ſangue.

Pregado o Senhor de pés, & mãos, arvoraram os Judeus a Cruz, paraque aſſim no alto eſtiveſſe a todos patente, & ficaſſe feyto alvo da tyrannia aquelle Senhor, cujo veſtido era alvo como a neve. Ja tendes chegado, meu JESUS, ao alto mar das voſſas tribulações. *Venit in altitudinem maris, id eſt, in profundum perſecutionis, ex qua obiit in Cruce.* Mas ay meu JESUS, que ficando neſſe alto á viſta de todos, todos os voſſos amigos vos perderam ja de viſta: *Omnes amici mei dereliquerunt me:* porque o meſmo foy verem-vos pregado neſſa Cruz, ou ſubmergido neſſe alto pego, que deyxarem-vos ſó no poſto. Aonde eſtá, Senhor, a generoſidade dos voſſos Diſcipulos? Aõde eſtá a valentia de Thomé quando dizia: Vamos a morrer com o noſſo Meſtre: *Eamus, & moriamur cum eo.* Aonde eſtá aquelle eſforſo de Pedro, que com altas vozes publicava: Senhor, aqui eſtou aparelhado para dar por vós a meſma vida? *Tecum paratus ſum & in carcerem, & in mortem ire.* Aonde exiſte aquelle valor dos voſſos Apoſtolos, que para vos defender diziam lhes naõ faltavam eſpadas: *Dòmine, ecce duo gladii hic?* Antes de entrardes na batalha todos ſe offereciam, porem

Luc. 22. n. 33.

Ibid. n. 38.

agora que vos vem no mar de voſſas anguſtias, todos vos deſamparam. Só vos achais com huma affligida Mãe, em cujo coraçaõ ſaõ tantas as mágoas, quantas ſaõ no voſſo corpo as dores. Todos temeram, todos cahiram, porem ſó ella vos aſſiſte varonilmente em pé: *ſtabant autem juxta Crucem.*

Aſſim em pé ao pé da Cruz fez a Senhora ao ſeu Filho huma petiçaõ, (como diz Saõ Bernardo) na qual enternecidamente lhe pedia a deyxaſſe acabar a vida com elle nos braços daquella Cruz: mas naõ alcançou a Senhora deſta petiçaõ o deſpacho, porque no tempo, em que o Filho a havia de deſpachar, inclinou a cabeça para morrer.

Joan. 19. n. 30. *Et inclinato capite, &c.* Oh deſconſolada Mãe, oh affligidiſſima Senhora, q̃ quando eſperaveis os deſpachos dos voſſos intentos, viſtes dar ao voſſo Filho os ultimos ſuſpiros! Ja o cobriram os mares, ja o ſubmergiram as ondas, ficando vós em hũ mar de penas.

Dizey-me agora, Catholicos, naõ he certo que quãdo os mares brabos fazem grandes danos na coſta, depois de paſſada a tempeſtade, naõ acodist odos de preſſa a ver os danos, que eſſes mares fizeram? Aſſim he: pois ſe quereis ſaber os danos, que cauſou a tempeſtade das voſſas culpas nas coſtas do bom JESUS, acodi todos depreſſa, que tendes maré de roſas. Chegay á-quelle Senhor, & perguntay-lhe: Meu bom JESUS da minha alma, que tempeſtade foy eſſa taõ desfeyta, que aſſim vos desfes o voſſo Corpo? Sabeis quem cauſou eſta tẽpeſtade? Reſponde aquelle Senhor. Foy o frio da tua contumacia, o vento da tua ſoberba, a eſterilidade das tuas obras, as nuvens da tua cegueyra, as chuvas dos teus peccados, os trovões de tuas blasfemias, he que cauſaram em mim eſta taõ grande tormenta, & me fizeram ſubmergir no meyo de tantos mares. Ah Chriſtaõs! Pois ſe as voſſas culpas foram as que

que levantaram eſtes mares, fazey agora mares dos voſſos olhos, paraq̃ laveis voſſas culpas; ja q̃ neſte mar de ſangue achaſteis a taboa da ſalvaçaõ, naõ percais a ſalvaçaõ com tal taboa. Dayde maõ ás couſas da terra, pois foſtes taõ venturoſos, q̃ andando perdidos no naufragio da culpa, ſe vos offerece hoje hũ mar de graça, para caminhar deſeguros para o porto da Gloria. *Quam mihi, & vobis.*

IN-

INDEX

Dos lugares da ſagrada Eſcrittura.

O P. denota a pagina, & o C. a columna.

Ex libr. Geneſis.

Cap. 1. n. 1. *In principio creavit Deus Cælũ, & terram. Pag.* 387. *Col.* 1.

Num. 5. *Factumque eſt veſpere, & mane dies unus, pag.* 107. *c.* 2.

Num. 26. *Ad imaginem, & ſimilitudinem noſtram, pag.* 343 *c.* 1.

Num. 31. *Vidit Deus cuncta, quæ fecerat, & erant valde bona, pag.* 107. *cap.* 2.

Cap. 2. num. 2. *Requievit die ſeptimo, pag.* 107. *c.* 1.

Num. 3. *Benedixit diei ſeptimo, ibidem. c.* 2.

Num. 10. *Fluvius egrediebatur, pag.* 275. *c.* 1.

Num. 16. *Ut cuſtodiret illum, pag.* 373. *c.* 2.

Cap. 3. *num.* 16. *In dolore paries filios,* p. 221. *c.* 2.

Num. 15. *Inimicitias ponam inter te, & mulierem,...: ipſa conteret, &c. p.* 174. *c.* 2.

Num. 24. *Et collocavit ante Paradyſum voluptatis Cherubim, & flammeum gladium, pag.* 269. *c.* 2.

Ad cuſtodiendam viam ligni Vitæ, 270. *c.* 1.

Cap. 6. n. 5. *Videns autem Deus quòd multa malitia hominũ, &c. pag* 387. *c.* 1.

Num. 7. *Delebo, inquit, hominem, quem creavi, p.* 343. *c.* 1.

Cap. 9. n. 11. * *Statuam pactum meum vobiſcum, p.* 387. *c.* 2.

Num. 13. *Arcum meum ponam in nubibus, & erit ſignum, &c. pag.* 388. *c.* 1.

Cap. 11. n. 7. *Confundamus ibi linguam eorum, ut non audiat unuſquiſque, &c. pag.* 13. *c.* 1.

Cap. 21. n. 14. *Errabat in ſolitudine, pag.* 321. *c.* 1.

Num. 16. *Levavit vocem ſuã. Ibidem.*

Cap. 22. n. 4. *Die autem tertio elevatis oculis, vidit locum procul, pag.* 292. *c.* 1.

Num. 5. *Expectate hîc cum aſino: ego, & puer illuc uſque properantes, poſt quam adoraverimus, &c. Ibid.*

Cap. 24. n. 55. *Tollens citò pallium ſuum, operuit ſe, pag.* 150. *c.* 2.

Cap. 25. n. 23. *Et maior ſerviet minori, p.* 112. *c.* 2.

Num. 25. *Plantam fratris tenebat manu, pag.* 113. *c.* 1.

Cap. 28. n. 18. *Jacob mane, tulit lapidem,... & erexit, &c. pag.* 282. *c.* 1.

Num. 11. *Cumque vellet requieſcere,... dormivit in eodẽ loco, pag.* 281. *c.* 1.

Num. 22. *Lapis iſte vocabitur Domus Dei, pag.* 282. *c.* 1.

Vovit votum, dicens: Erit mihi... Dominus in Deum, pag. 281. *c.* 1.

Cap. 32. n. 22. *Dimitte me, jam enim aſcendit aurora, pag.* 96. *c.* 1.

Num. 30. *Vidi Deum facie ad faciem, pag.* 409. *c.* 1.

Num. 24. *Et ecce vir luctabatur cum eo, pag.* 127 *c.* 2.

Num. 25. *Tetigit nervum femoris ejus, pag.* 409. *c.* 1.

Cap. 37. n. 3. *Eo quòd in ſenectute genuiſſet eum, pagin.* 154. *c.* 1.

Ex libr. Exodi.

Cap. 3. n. 6. *Vidi afflictionem populi mei,...: Et .., deſcendi, ut liberem eum, pap.* 395. *c.* 1.

Num. 14. *Ego ſum qui ſum, pag.* 207. *c.* 2.

Cap. 5. n. 2. *Quis eſt Dominus, ut audiam vocem ejus, pag.* 294. *c.* 1.

Cap. 7. n. 1. *Ecce conſtitui te Deum Pharaonis, pag.* 332. *c.* 2.

Cap. 8. n. 17. *Percuſſitque pulverem terræ, & facti ſunt cyniphes in hominibus, pag.* 18. *c.* 2.

Num. 19. *Digitus Dei eſt hîc, pag.* 135. *c.* 2.

Cap.14.n.10. *Viderunt Ægyptios poſt ſe: & timuerunt valde, pag.240.c.2.*
Num.15. *Clamavit ad Dominum, pag.267.c.1.*
Quid clamas ad me? Ibidem.
Eleva virgam tuam. Ibidem.
Num. 19. *Tollenſque ſe Angelus Dei, &c. pag.295.c.1.*
Et cum eo pariter columna nubis. Ibid.
Num.25. *Fugiamus Iſraelem: Dominus enim pugnat pro eis contra nos, pag.294.c.2.*
Cap.19.n.3.**Moyſes autem aſcendit ad Deum, pag.2.c.1.*
Num. 15. *Eſtote parati in diem tertium. Ibidem.*
Deſcenditque Dominus ſuper montem. Ibid. c.2.
Num.16. *Cœperunt audiri tonitrua. Ibidem.*
Num.14. *Deſcenditque Moyſes de monte ad populum, & ſanctificavit eum, pag.4. c.1.*
Cap.17. n. 6. *Percutieſque petram, p.290.c.1.*
Cap.19.n.16. *Timuit populus, pag.3.c.2.*
Cap.21. n.5. *Quòd ſi dixerit ſervus: Diligo dominum,..., perforabitque aurem ejus: & erit ei ſervus in ſæcula, pag.*
Cap.23. n. 13. *Omnia quæ dixi vobis, cuſtodite, pag.395. c. 1.*
Cap. 32. n.4. *Formavit opere fuſorio, & fecit ex eis vitulum conflatilem, &c. p.252.c.1.*
Cap.33.n.1. *Dominus autem præcedebat eos per diem in columna nubis, pag.241.c.2.& 251.c.1.*

Ex Libr. Levitici.

Cap.11.n.13. *Hæc ſunt quæ de avibus comedere non debetis, & vitanda ſunt vobis: aquilam, & cygnum, pag.143. c.1.*

Ex Libr. Numerorum.

Cap.1. n.52. *Metabuntur autē caſtra filii Iſrael unuſquiſque per turmas, pag.77. c.2.*
Num.53. *Ne fiat indignatio ſuper multitudinem filiorum Iſrael, pag.79.c.2.*
Cap.6.n.4. *Quidquid ex vinea eſſe poteſt, non comedent, pag. 412.c.1.*
Cap.20.n.8. *Loquimini ad petram, pag.135. c.1. & pag. 290.c.1.*
Num. 11. *Percutiens virgâ bis ſilicem, pag. 135. c.1.*
Ibid. Egreſſæ ſunt aquæ largiſſimæ, ibidem.

Ex Libr. Joſue.

Cap.2.n.1. *Ite, & conſiderate terram, urbemque Jericho, p. 420.c.2.*
Qui pergentes ingreſſi ſunt domum mulieris. Ibid.
Num.3. *Educ viros, qui venerunt ad te. Ibid.*
Num.6. *Operuitque eos ſtipulâ, pag.421.*
Num.11. *Dominus enim Deus veſter ipſe eſt Deus, &c. ibid.*
Num.12. *Jurate mihi per Dominum, ut quomodo ego miſericordiam feci vobiſcum, &c. pag.33.c.2.*
Num. 15. *Demiſit ergo eos per funem, pag.421.c.1.*
Num.16. *Ad montana conſcēdite, pag.33.c.1.*
Num.18. *Signum fuerit funiculus iſte coccineus, p. 426.c.1.*
Num.21. *Appendit funiculum coccineum in feneſtra, pag.34. & pag. 322.c.1.*
Cap.4. n.3. *Tollant de medio Jordanis alveo,..., lapides in monumentum filiorum Iſrael, pag.57.c.1.*
Num.7. *Defecerunt aquæ Jordanis, pag.405.c.2.*
Num. 19. *Aſcendit de Jordane decimo die, pag.406.c.1.*
Num. 1. *Jericho autem clauſa erat, atque munita, pag.404. c.2.*
Cap.6.n.4. *Septieſque circuibitis civitatem, pag.405.c.1.*
Num.6. *Sacerdotes tollant ſeptem jubilæorum buccinas. Ibid.*
Num.17. *Sola Rahab meretrix vivat. Ibidem.*
Num.20. *Muri illico corruerūt. Ibidem.*
Num.21. *Et interfecerunt omnia, quæ erāt in ea. Ibid.*
Cap.10. n.12. *Sol contra Gabaon ne movearis. Stetit itaque Sol, pag.54.c.2.*
Cap.24. n.24. *Dixitque populus ad Joſue: Domino Deo veſtro ſerviemus, &c. pag. 429. c.2.*
Num.27. *En lapis iſte erit vobis in teſtimonium,...: ne fortè poſtea negare velitis, ibidem.*

Ex Libr. Judicum.

Cap.13.n.12. *Quid vis, ut faciat*

ciat puer? aut à quo se observare debebit? pag.155.c.2.
Cap.7. n.4. *Duc eos ad aquas, &c. pag.64.c.2.*
Cap.14.n.5. *Apparuit catulus Leonis, pag.411.c.2.*

Ex Libr. 1. Regum.

Cap.7. n.3. * *Si in toto corde vestro revertimini ad Dominum, auferte deos alienos de medio vestris pag.129. c.1.*
Num.9. *Obtulit ilium holocaustum integrum Domine, pag. 146.c.2.*
Cap.1.n.11. *Dederisque servæ tuæ sexum virilem: dabo eum Domino omnibus diebus vitæ ejus, pag.155.c.2.*
Cap.12.n.11. * *Loquimini de me coram Dòmino,..., utrum bovem, &c. pag.372.c.1.*
Num.17. *Nunquid non messis tritici est hodie? Ibid.*
Num.18. *Et clamavit, & dedit pluvias in illa die. Ibid.*

Ex Libr.2.Regum.

Cap.18.n.2.*Egrediaret ego vobiscum. Et respondit populus, &c .p.306.c.1.*
Num. 3. *Tu unus prodecem millibus computaris, ibidem. c. 2.*
Num.13. *Tribus diebus erit pestilentia in terra tua, pagin. Ibid. c.2.*
Cap.24. n. 15. *Immisitque Dòminus pestilentiam in Israel de mane usque ad tempus constitutum, pag.391.c.1.*

Ex Libr. Job.

Cap.7.n.1. *Militia est vita hominis super terram, pag. 85. c.2.*
Cap.8. n.14. *Et sicut tela aranearum fiducia ejus, pag.20. c.1.*
Cap.9.n.13. *Et sub quo curvãtur qui portant orbem, pag. 331.c.1.*
Cap.12.n.11. *Vitam, & misericordiam tribuisti mihi, pag. 390.c.2.*
Cap.14.n.5. *Breves dies hominis sunt, pag.346.c.1.*
Cap.19. n.21. *Manus Dòmini tetigit me, pag.253.c.2.*
Cap.28.n.10. *Omne pretiosum vidit oculus ejus, pag.62.c.2.*
Cap.31.n.18. *Quia ab infantia mea crevit mecum miseratio, p.204.c.1.& pag.350.c.2.*

Ex Libr.

Ex Libr. Psalmorum.

Psalm.1.n.3. *Et erit tanquam lignum, quod plantatum est, &c. pag. 247. c.2.*
Psalm.77.n.53. *Et deduxit eos in spe, pag. 240. c.1.*
Psalm.8. n. 4. *Quoniam videbo Cælos tuos, opera digitorum tuorum, pag.16.c.1.*
Psalm.16. n.9. *Sub umbra alarum tuarum protege me, pag. 186.c.2.*
Psalm.32.n.7. *Ponens in thesauris abyssos, pag.258 c.2.*
Psalm.36. n. 3. *Spera in Dòmino, & fac bonitatem, pagin. 399. c.2.*
Psalm.38.n.4. *Et in meditatione mea exardescet ignis, pag. 26. c.2.*
Ps.44. n.11. *Audi filia, & vide, & nc ina aurem tuam, p.171. c.1.*
Numer. 14. *Omnis gloria ejus filiæ regis ab intus, pag. 219.c.1.*
Psalm 45. n.5. *Fluminis impetus lætificat civitatem Dei, pag. 266.c.1.*
Psalm.56. n. 2. *Et in umbra alarum tuarum sperabo, pag. 187.c.1.*
Psalm.68. n. 2. *Salvum me fac Deus: quoniam intraverunt aquæ usque ad animam meã, pag.452.c.2.*
Num. 3. *Veni in altitudinem maris, pag. 333. & 433. c. 1.*
Psalm. 72. n.28. *Mihi autem adhærêre Deo bonum est, p. 222.c.1.*
Psalm.57. n. 8. *Ad nihilum devenient tanquam aqua decurrens, pag.316. c.2.*
Psalm.77.n.20. *Nunquid & panem poterit dare,...? p. 376. c. 1.*
Psalm 80.n.7. *Divertit ab oneribus dorsum ejus; manus ejus in cophino servierunt, p. 46. c.2.*
Psalm 91.n.14. *Plantati in domo Domini, in atriis domus Dei nostri florebunt, p. 158. c.2.*
Psalm.93. *Deus ultionum Dòminus, pag.191.c.1.*
Psalm. 103.n.18. *Petra refugium herinaciis, pag. 126.*
Ps 104. n. 18. *Humiliaverunt in compedibus, p.442.c.2.*
Psal. 116 .n.4. *Memoriam fecit mirabilium suorum, pag.108. c.2.*
Num.4. *Misericors, & miseriator Dòminus, p. 101 .c. 1.*

Psalm,

Psalm.115. n.16. *O Dòmine, quia ego servus tuus, &c. p.44.c.2.*
Psalm.118. n.109. *Anima mea in manibus meis semper, pag. 383.c.1.*
Num.125. *Servus tuus sum ego, pag 50.c.1.*
Psalm.135.n.5. *Qui fecit Cælos in intellectu, pag.16. c.2.*
Psalm.143. n.7. *Emitte manũ tuam de alto, pag.17.c.1.*
Psalm. 147. n.14. *Qui posuit fines tuos pacem, pag.289.c.1.*

Ex Libr. Proverbiorum.

Cap.6. n. 6. *Vade ad apem, & disce quomodo operaria est, pag.115.c.2.*
Cap.13.n.12. *Spes, quæ differtur, affligit animam, pag. 234.c.2.*
Cap.21. *Cor Regis in manu Dòmini: quocumque voluerit, inclinabit illud, pag. 84. c.1.*
Cap. 28. n. 14. *Beatus homo qui semper est pavidus, pag. 425.c.1.*
Cap.31. n.25. *Fortitudo, & decor indumentum ejus, pag. 314.c.1.*
Num.41. *Omnes enim domesti-ci ejus vestiti sunt duplicibus, pag. ibid.*

Ex Libr. Ecclesiastes.

Cap. 1. n. 7. *Unde exeunt flumina, revertuntur, ut iterũ fluant, pap.276.c.2.*
Num. 15. *Et stultorum infinitus est numerus, pag.102.c.1.*

Ex Libr. Cantic.

Cap.1. n.15. *Lectulus noster, pag.338. c.2.*
Cap.2.n.12. *Flores apparuerũt in terra nostra, pag. 226. & 237.c.2.*
Cap.3.n.11. *Egredimini, & videte filiæ Sion, &c. pag. 185.c.1.*
Cap. 4. n.3. *Sicut vitta coccinea, labia tua: eloquium tuũ dulce sicut fragmẽ mali punici, pag. 9.c.2. & 157.c.1.*
Num. 8. *Veni: coronaberis de capite Amana, de vertice Sanir... de cubilibus leonum, p. 182.c.1.*
Num.11. *Favus distillans labia tua sponsa, mel, & lac sub lingua tua, pag.114. c.1.*
Cap. 5. n. 1. *Veniat dilectus meus in hortũ suũ, p.434.c.2.*

Num.

Num.2. *Aperi mihi soror mea, pag.437.c.2.*
Num. 6. *At ille declinaverat, atque transierat, pag. ibid.*
Cap.6. n.9. *Quasi aurora consurgens, pag.214 c.1.*
Num. 9. *Quæ est ista, quæ progreditur, &c. pag.176.c.2.*
Cap.7.n.1. *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, p. 161.c.2.*
Num.2. *Venter tuus sicut acervus tritici, pag.170.c.2.*
Cap.8. n. 6. *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculũ super brachium tuũ, pag.41.c.2.*
Num. 8. *Soror nostra parva, & ubera non habet....? Si murus est, pag.139.c.2:*

Ex Libr. Ecclesiastes.

Cap.1.n.7. *Unde exeunt flumina, revertuntur, ut iterum fluant, p.276. c.2.*
Num.15. *Et stultorũ infinitus est numerus, p.402.c.1.*

Ex Libr. Sapientiæ.

Cap. 4. *O quàm pulchra est casta generatio cum claritate, pag.115.c.2.*

Ex Libr. Ecclesiastici.

Cap.10. n.9. *Quid superbit terra, & cinis? pag.436.c.2.*
Cap.23. n. 28. *Oculi Dòmini multò plus lucidiores sunt super Solem, pag.62.c.2.*
Cap.24. n.19. *Et quasi platanus exaltata sum juxta aquam, pag.261.c.2.*
Num.23. *Et flores mei fructus, pag.237.c.2.*
Cap.31.n.8.**Beatus dives. qui post aurum non abiit. p.415. c. 1.*
Cap.33. n.15. *Contra malum bonum est, pag.350.c.2.*
Cap.39. n. 19. *Florete flores, quasi lilium, pag.239.c.2. & 246. c.1.*
Cap. 49. n. 5. *Præter David omnes peccatum commiserũt, pag.59.c.2.*

Ex Prophet. Isaiæ.

Cap.4. n.9. *Super montem excelsum ascende tu, qui evangelizas Sion, pag.139.c.2.*
Cap.6.n.1. *Vidi Dominum sedentem super solium excelsum, & elevatum, pag.99. c.2.*
Num. 2. *Seraphim stabant,..., & duabus volabant, p. ibid.*
Num.5 *Væ mihi ,..., quia vir pollutus labiis ego sum, p 110.c.1.*
Num.6. *Et volavit ad me unus de Seraphim, p. ibid.*
Cap. 11. *Et egredietur virga de radice Jesse, p.378.c.2.*
Cap.16. *Emitte agnum Dòmi-ne,*

ne, &c. pag.215. col.2.
Cap.18. n. 2. *Qui mittunt in mare legatos suos in vasis papyri, pag 56. c.1.*
Cap.22.n 22. *Et dabo clavem domûs David super humerũ ejus, pag.451.c.1.*
Cap.35. *Quasi lilium germinans germinabit, pag. 221. c.2. & 248. c.1.*
Cap.40.n.9. *Super montem excelsum ascende tu, qui evangelizas Sion, pag.139 c.2.*
Cap. 45. n. 8 *Rorate Cæli desuper, &c, pag.219.c.1.*
Cap.49. n.16. *Ecce in manibus meis descripsi te, pag.359.c.1.*
Cap.51.n.16. *Posui verba mea in ore tuo,..., ut plantes cælos, & fundes terram, & dicas ad Sion: Populus meus es tu, pag.56.c.2.*

Ex Propher. Jeremiæ.

Cap.6. n.13. *Omnes avaritiæ student, pag.415.c.1.*
Cap.31.n.33. *Dabo legem meã in visceribus eorum, p.3.c.2.*
Cap.38. n.6. *Descendit itaque Jeremias in cœnum, p.413. c.1.*
Num.12. *Pone veteres pãnos... sub cubito manuum tuarũ, ibid.c.2.*

Threnorum.

Cap. 1. *Quomodo sedet sola, p.335.c.1.*
Num.9. *Deposita est vehementer, non habens consolatorem, ibid.c.2.*
Num. 16. *Id circo ego plorans, & oculus meus deducens aquas: quia longe factus est à me consolator, pag.323.c.2. & 324.c.1.*
Cap.2. n. 13. *Magna est enim velut mare contritio tua, pag. 337.c.2.*
Cap. 4. n. 1. *Mutatus est color optimus, pag.340.c. 1.*
Num. 7. *Candidiores Nazaræi ejus nive, nitidiores lacte, rubicũdiores ebore antiquo, sapphiro pulchriores, p.316. c.1.*

Ex Proph. Ezechielis.

Cap. 1. n. 1. *Juxta fluvium Chobar, pag.265. c.1.*
Num.4. *Et nubes magna, & ignis involvens, pag.264. c.1. & 397.c.1.*
Num. 16. *Et aspectus rotarum,..., quasi visio maris, p. 24.c.1. & 397.c.2.*

Num.

Num.18. *Et totum corpus oculis plenum, pag.397. c.1.*
Cap.3.n.23. *Et cecidi in faciem meam, pag.264.c.1.*
Cap.6.n.3. *Ecce ego inducam super vos gladium, & dispердam excelsa vestra. pag.263. c.2.*
Cap.7. n. 4. *Et non parcet oculus meus super te, & non miserebor, pag.264.c.1.*
Cap. 17. n. 3. *Aquila grandis magnarum alarum,..., venit ad Libanum, pag.427.c.1.*
Cap.20. n.21. *Et Spiritus Sãctus erat in rotis, pag. 24. & pag 397.c.1.*
Cap. 27. n. 3. *Perfecti decõris ego sum, pag.419. c.2.*

Ex Prophet. Danielis.

Cap.3. n.50. *Et non tetigit eos omnino ignis..., nec quidquã molestiæ intulit, pag 198.c.2.*
Cap.4. n. 22. *Et fœnum ut bos comedes, pag.427.c.2.*

Ex Prophetia Oseæ.

Cap.2. n. 14. *Et ducam eam in solitudinem: & loquar ad cor ejus, p.147.c.1.*
Cap.3.n.1. *Adhuc vade, & dilige mulierẽ dilectam amico, & adulteram, pag. 314.c.1.*
Num.2. *Et fodi eam mihi quindecim argenteis, pag.ibid.c.2.*
Cap.11. n 9. *Et non ingrediar Civitatem, pag.343.c.1.*

Ex Prophet. Joel.

Cap. 2. n. 31. *Sol convertetur in tenebras, & Luna in sanguinem, pag.332.c.1.*

Ex Prophet. Jonæ.

Cap 1.n.8. *Indica nobis ..quod est opus tuum, pag.84.c.2.*
Cap. 3. n. 4. *Adhuc quadraginta dies, & Ninive subvertetur, pag.343.c.1.*

Ex Prophet. Michææ.

Cap.6. n. 3. *Populo meus quid feci tibi? pag. 445.c.1.*

Ex Prophet. Habacuc.

Cap.3. n.2. *Cum iratus fueris, misericordiæ recordaberis, p. 451.c.1.*
Num.4. *Et cornua in manibus ejus, pag.304.c.1.*
Num. 9. *Suscitans suscitabis arcum*

arcum tuum,pag.ibid.
Num.11. *Sol, & Luna ſteterunt,pag.451.c.1.*

Ex Prophet. Malachiæ.

Cap.3. n.3. *Et purgabit filios Levi, & colabit eos quaſi aurum, pag.369. c.2.*
Cap.4.n.2. *Et Orietur vobis... Sol,pag.214.& 351.& 369. c.2.*

Ex Libr. 1. Machabæorum.

Cap 4. n.8. *Ne timueritis multitudinem eorum,quoniam nõ in multitudine exercitus victoria belli, &c.pag.166.c.2.*

Ex Evangel. Div. Matthæi.

Cap.2.n.1. *Cum ergo natus eſſet JESUS in Bethlehem..., ecce Magi ab Oriente venerunt,pag.29.*
Num.11.*Et procidentes adoraverunt eum, pag.32.c.1.*
Num. 18. *Rachel plorans filios ſuos,pag. 330.c.2.*
Cap.4.n.3. *Si Filius Dei es, dic ut lapides iſti panes fiant,pag. 125.c.2.*
Num. 11. *Et ecce Angeli acceſſerunt, & miniſtrabant ei, pag.94 c.2.*
Cap.5.n.13.& 14. *Vos eſtis ſal, vos eſtis lux, p.82.c.2.*
Num. 19. *Qui autem fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur,pag.83.c.1.*
Cap.8. n. 10. *Non inveni tantam fidem in Iſrael, pag.131. c.2.*
Cap.9.n9. * *Et, cum tranſiret inde JESES,vidit hominem ſedentem in telonio,p.53.*
Num. 21. *Si tetigero tantùm fimbriam veſtimenti ejus:ſalva ero,pag.133.c.2.*
Cap.11. n.12. *A diebus autem Joannis Baptiſtæ uſque nunc regnum cælorũ vim patitur, pag.238.c.2.*
Cap. 13. n.35. *Ut impleretur quod dictum erat per Prophetas, quoniam Nazaræus vocabitur,pag.87.c.1.*
Cap.14.n.28. *Domine, ſi tu es jube me ad te venire, pag.48. c.2.*
Num.30. *Videns verò ventum validum timuit pag.ibid.*
Num.31. *Modicæ fidei, quare dubitaſti? Ibid.*
Cap.17.n.2. *Et reſplenduit facies ejus ſicut Sol.pag.436.c.1.*
Num. 5. *Ecce nubes lucida obumbravit eos,pag.214.c.2.*
Cap.23. n.37. *Quoties volui congregare filios tuos, &c. pag.187.c.1.*
Cap.25. n.1. *Accipientes lampades ſuas exierunt obviam, &c.pag.98.*
Num. 5. *Dormitaverunt omnes, & dormierunt, p. 118.*
Num. 21. *Euge ſerve bone, & fidelis, pag.348. c.1.*
Cap.26.n.37. *Cæpit contriſtari, & mæſtus eſſe, pag. 435. c.1.*
Num. 39. *Procidit in faciem ſuam.pag.436 c.1.*
Num.45. *Dormite jam, & requieſcite,p.439.c.1.*
Num. 49. *Ave Rabbi. Et oſculatus eſt eum,pag.440 c.1.*
Num.55. *Tanquam ad latronem exiſtis, .pag. 432. c.2.*
Cap.27.n.29. *Ave Rex Judæorum, pag. 448. c.2.*
Num.54. *Vere Filius Dei erat iſte,pag.356.c.1.*

Ex Evang. Div. Marci.

Cap.8. n.6. *Et accipiens ſeptem panes,.... benedixit, & ſaturatis ſunt,pag. 376.c. 1.*
Num.9. *Quaſi quatuor millia, ibid c.2.*

Cap.14. n.49. *Quotidie eram apud vos in templo docens, pag.171.c.1.*
Num.34.*Triſtis eſt anima mea, pag.310.c.1.*
Num.61. *Ille autem tacebat, pag. 445.c.2.*
Cap.15.n.37. *JESUS autem emiſſa voce magna expiravit, pag. 333. c. 2.*
Num.39. *Videns autem Centurio,..., quia ſic clamans expiraſſet, &c. pag.355.c.1.*

Ex Evang. Div. Lucæ.

Cap.1. n.38. *Fiat mihi ſecundũ verbum tuum, pag.223 c.1.*
Num.31. * *Ecce concipies in utero,& paries, pag.217.c.1.*
Num.43. *Et unde hoc mihi ut veniat mater Domini mei ad me?pag.379.c.1.*
Num.45. *Et beata, quæ credidiſti,pag. 249. c. 1.*
Cap. 2. n. 48. *Fili, quid feciſti nobis ſic, &c.pag.206. c.1.*
Num. 49. *Quid eſt quòd me quærebatis,&c. pag.ibid.c.2.*
Num.51. *Et deſcendit cum eis, & venit Nazareth, ibid.*
Cap. 5. n.4. *Duc in altum,pag. 453.c 2.*
Cap.7. n. 13. *Noli flere, p.326. c.1.*

Num.26. *Sed quid existis videre? Prophetã? &c. p.378. c.2.*
Cap. 8. n. 14. *Quod autem in spinas cecidit, &c. pag. 417. c.1.*
Num.45.&46. *Quis me tetigit? &c. pag. 133. c.1.*
Cap.10.n.40. *Satagebat circa frequens ministerium. pagin. 210.c.1.*
Num.42. *Maria optimam partem elegit, pag. ibid.*
Cap. 11. n.27. *Beatus venter, qui te portavit. pag. 260. c.2. & pag 284. c.2.*
Cap.12. n.49. *Ignem veni mittere in terram, & quid volo, nisi ut accendatur? pag 21.c.2.*
Num.35. *Et lucernæ ardentes in manibus vestris, &c. pag. 235.c.1.*
Num.20. *Stulte, hac nocte animam tuam repetunt a te, pag. 346. c.2.*
Cap.14. n.33. *Nisi renuntiavit omnibus, quæ possidet, &c. pag. 343. c.2.*
Cap.15. n.13. *Dissipavit substantiam suam, pag.37. c.2.*
Cap.16.n.24. *Pater Abraham, miserere mei, & mitte Lazarum, pag. 418. c.1.*
Cap.18. n.13. *Nolebat nec oculos ad Cælum levare, p. 436. c2..*
Cap.19. n. 13. *Negotiamini dum venio, pag.345. c.1.*
Num.17. *Serva mandata, pag. 144.c.2.*
Cap. 21. n.15. *Ego enim dabo vobis os, & sapientiam, pag. 13.c.2.*
Num. 16. *Trademini autem à parentibus. pag.140 c.1.*
Cap.22.n.33. *Tecum paratus sum & in carcerem, & in mortem ire? pag. 455. c.2.*
Num. 43. *Apparuit autem illi Angelus, pag.310.c.2.*
Num.44. *Et factus est sudor ejus, & c. pag. ibid. & p.436. c.2.*
Cap.23n.38. *Erat autẽ & superscriptio scripta super eum litteris Græcis, & Latinis, &c. pag.355.c.2.*

Ex Evang. Div. Joannis.

Cap.1. n. 36. *Ecce Agnus Dei, pag.378.c.2.*
Cap.6.n.11. *Accepit ergo Jesus panes, &..., distribuit discumbentibus. pag.377.c.1.*
Num.10. *Quasi quinque millia, pag.376. c.2.*
Num.13. *Et impleverunt duodecim cophinos fragmentorũ, pag.376. c. 1.*

Cap.

Cap.11. n.33. & 35. *Ut vidit eam plorantem,... Et lacrymatus est Jesus, pag.326.c.1.*
Cap.14.n.23. *Siquis diligit me, Sermonem meum servabit, p. 142.*
Num.26. *Spiritus Sanctus, quẽ mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia, pag.1.*
Cap.16.n.17. *Modicum, & nõ videbitis me, &c. pag. 228. c.2.*
Cap. 18. n. 5. *Jesum Nazarenum, p.87.c.1.*
Cap.19. n.25. *Stabant autem juxta Crucem Jesu Mater ejus. pag.193. c. 2. & pagin. 300.*
Num.30. *Inclinato capite tradidit spiritum, pag.456.c.1. & ultra.*
Num.34. *Sed unus militum lãceâ latus ejus aperuit, p. 197. c.1.*
Cap.20 n.22. *Insufflavit, & dixit eis: Accipite Spiritum Sanctum, p. 22. c.1.*
Cap.21.n.7. *Dominus est,...,& misit se in mare, p.442.c.1.*
Num. *ibid. Tunicâ succinxit se, pag.441 c.2.*
Num.34. *Qui facit peccatum, servus est peccati, p. 43. c.1.*

Ex Libr. Actuũ Apostolorũ.

Cap 1.n.3. *Per dies quadraginta apparens eis, p.229.c.2.*
Cap.2.n.2. * *Et factus est repẽte de Cælo sonus, pag.2. c. 2.*
Ibid. Seditque supra singulos eorum, pag.5. c.2.
Dispertitæ linguæ, pag. 11. . c.2.
Num. 3. *Et apparuerunt illis dispertitæ linguæ tanquam ignis, p. ibid.*
Num.6. *Vocta autem hac voce, convênit multitudo, pagin.3. c.2.*
Num.4. *Et repleti sunt omnes Spiritu Sancto, pag.4.c.2.*
Num. 11. *Judæi quoque, & Procelyti ...: audivimus eos loquentes nostris linguis magnalia Dei, pag.13.c.1.*
Cap.3.n.2. *Et quidam vir, qui erat claudus ex utero matris suæ, bajulabatur: quem ponebant, &c. pag.287.c.2.*
Num.4. *Respice in nos, pag.401. c.1.*
Num. 5. *At ille intendebat in eos, sperans se aliquid acceptarum ab eis, pag. ibid.*
Num. 7. *Et protinus consolidatæ sunt bases ejus, p. ibid.*

Ex Epist. ad Romanos.

Cap.5.n.15. *Multò magis gratia Dei in plures abundavit, p.368.c.2.*

Ex Epist.1. ad Corinthios.

Cap. 6. n. 20. * *Empti enim estis pretio magno,pag.40.c.2.*
Cap 7.n.29. *Tempus breve est, pag.346 c.1.*
Cap.10.n 4. *Petra autem erat Christus,pag.216.c.1.*
Num. 11. *Hæc autem omnia in figura contingebant illis, pag. 314.c.2.*
Cap.11. n.23. *Dominus Jesus in qua nocte tradebatur, pag. 388. c.2.*
Cap.15 n.41. *Alia claritas Solis, alia claritas Lunæ, & alia claritas stelarũ,p.109 c.2.*

Ex Epistol.2. ad Corinthios.

Cap.5. n.21. *Eum qui non noverat peccatũ,&c. p.454.c.1.*
Cap.12.n.10. *Cum enim infirmor, tunc potens sũ,p.370.c.1*

Ex Epistol. ad Philippenses.

Cap.4. n.12. *Omnia possum in eo,qui me cõfortat,p.369.c.1.*

Ex Epistol.ad Colossenses.

Cap.2. n.3. *In quo sunt omnes thesauri sapientiæ, &c. pag. 439.c.2.*

Ex Epistol. 2. ad Timotheũ.

Cap.2.n.5. *Non coronatur,nisi legitimè certaverit,p.90.c.1.*

Ex Epistol. ad Hebræos.

Cap.12. n. 2. *Qui proposito sibi gaudio sustinuit crucẽ, pag. 329.c. 1.*

Ex Epistol. 1. Beati Joannis Apostoli.

Cap.4.n.18. *Sed perfecta charitas foras mittit timorem, pag.369.c. 2.*

Ex Libr. Apocalypsis.

Cap.2.n.17. *Vincẽti dabo manna absconditum, p.77.c.1. & pag.166.c.1.*
Cap.4.n.1. *Post hæc vidi, & ecce ostium apertum in Cælo, pag.224 c.2.*

Num.

Num.3. *Et Iriserat in circuitu sedis, pag.225. c.1.*
Num.10. *Et mittebant coronas suas, pag.30. c. 1.*
Cap.6. n.2. *Et data est ei corona, pag. 302. c.2.*
Num. *ibid. Et exivit vincens ut vinceret, pag. ibid. & pag. 312. c.1.*
Cap.7.n.9. *Et in conspectu Agni, amicti stolis albis, & palmæ in manibus eorum, pag. 89 c.2.*
Cap.11. n.19. * *Et apertum est templum Dei in Cælo: & Visa est Arca Testatamenti ejus in templo, pag.165. c.2.*
Cap.12.n.4. * *Et cauda ejus trahebat tertiam partem stellarum, pag. 95. c.1.*
Num.7. *Et factum est prælium magnum in Cælo, pag 94.c.2.*
Num.9. * *Et projectus est draco, pag. 440.c.1.*
Num.14. *Et datæ sunt mulieri alæ duæ aquilæ magnæ, ut volaret in desertum, pag.171. c.2.*
Cap.14. n.1. *Et cum eo centũ quadraginta quatuor millia, pag.30.c.2.*
Cap.15.n.1. *Et vidi aliud signum mirabile, Angelos septem, &c. pag. 308.c.1.*
Num. 2. *Vicerunt bestiam,..., habentes citharas, p.ibid.*
Cap.19. n.16. *Rex regum, & Dominus dominantium, pag. 302. c.2.*
Cap.21. n. 19. *Fundamentum primum iaspis: secundum sapphirus: tertium, &c. p.57.c.2.*
Cap.22. n 1. *Et ostendit mihi fluvium aquæ vitæ, splendidum tanquam crystallum, p. 274.c.2.*

IN-

INDEX

DAS COUSAS MAIS NOTAVEIS, que se contém neste volume.

O P. denota a pagina, & o C. a columna,

A

Abelha. HE o mesmo que Clara. Pag.104.c.1. He propriedade sua buscar a palma, ibid. c. 2. Foge do fumo, & do vento, pag.105.c 1. He symbolo da virgindade, pag.113. c.2. A que chamam abelha mestra, he mayor que as demais na quantidade do corpo. He muy humilde, porque tendo as demais abelhas aguilhaõ para picar, só a abelha mestra naõ tem aguilhaõ para offender, p.112.c.1. Tẽ na cabeça huma gotta de suor, como se fosse huma coroa, ibidem. Tem grande obediencia à sua abelha mestra, pag. 116. c. 1. Saõ symbolo da pobreza. Veja-se Santa Clara.

Abrahaõ. Certificou-se de que havia de traser o filho com vida do lugar do sacrificio, porque divisou no monte huma imagem da Senhora do Pilar, pag.193.c.1.

Abysmo. Que cousa seja, pag.259. c. 1.

Adaõ. Foy o primeyro Ministro, aonde faltou a fidelidade, p.373. c. 2.

Affectos. Vejam-se Desejos, Operações, & Esposa.

Agoas. As do rio Jordaõ correm turvas, & porque? pag. 57. c.1. Saõ symbolo dos bens do Mũdo, pag.476. c.2. A toda a fórma se accommodam, pag.278.c.1. Cõ hum milagre de agoas mostrou Deos a fidelidade de Samuel no governo do seu Reyno, & com outro milagre de agoas mostrou Deos a fidelidade de Thomás no governo do seu Arcibispado, p. 373. c.1.

Agradecimento. Veja-se Beneficios.

Aguia. A que vio S. Joaõ voando para o deserto, representava a Maria Santissima caminhãdo para o Templo, pag. 171.c.2. Mostram-se as suas propriedades, p. 173. *& per tot. Serm.* & p 219. c. 2. He figura de hum justo, p. 369. c.1. Veja-se Boy.

Alampada. Veja-se Luz.

Aleyjado. Veja-se Enfermo.

Alexandre Magno. Hum documento seu particular, p.265. c.2.

Alma. Quem naõ trata da sua alma em quanto vivo, naõ espere que outrem lhe trate della depois de morto, pag.380.c.2. Huma alma peccadora he semelhante á Cidade de Jericó, que estava de assento na culpa; os muros, que fortificam esta Cidade da alma, saõ tres, & quaes? pag.407. c 1. Os instrumentos bellicos, com que esta Cidade da alma deve ser cõbatida, saõ tambem tres, & quaes saõ? Ibid. c. 2. *& per tot. Serm.* Para naõ haver em nós defeytos, devemos traser a nossa alma diante dos nossos olhos, pag.383 c.2. He taõ justo chorar huma perda da alma, que até obriga a chorar os que saõ incapazes de sentir, p. 432. c.2. Hũa alma em peccado naõ deyxará Deos de a receber por esposa, se se valer do Rosario da Senhora, pag 315.c.2. Veja-se Rosario. As almas, que se daõ ao exercicio da virtude, haõ de imitar aos instrumẽtos de teclas, & naõ os instrumẽtos de cordas, pag.253.c.1. Veja-se Esmola, & David.

Altar. O que levanton Jacob em Bethel, foy com o titulo do Pilar, pag.282.c.2.

Amadores. Os do Mundo põem os seus cuydados na terra, devẽdo-os pór no Ceo, pag 416. c.1. Qual seja o seu emblema? p. 159. c.1.

Amor. O throno que se fes para o descanço, he para o amor o mayor tormento, pag.122. c.2. Podendo o amor tudo, só estar ocioso naõ póde, pag. 23. c.1. Naõse contenta para servir com o que basta, mas procura tambem o que sobra, pag. 179. c. 1 O amor na posse conta diminuindo, porém na esperança conta multiplicãdo, pag. 393. c. 2. Amor peregrino se chama o Espirito Sãto, & porque? pag.24.c.1. Veja-se Poder.

Amor proprio. Antes se deyxará hũ peccador padecer o mayor tormento, do q̃ expellir de si o amor proprio, pag.418 c.1.

Animo. Naõ mostra tanta generosidade de animo quem vence a hũ inimigo solitario, como quem vence a hum contrario, que tem sequito, pag.95.c.1.

Anjos. Cantam no Ceo o Rosario da Senhora, pag.309.c.1. Veja-se Rosario.

Anna mãe de Samuel. Vejam-se Filhos.

Antifena. A de Regina Cæli donde teve o seu principio? pag. 257. c. 2. Santo Antonio he muy parecido com o Anjo S. Miguel, p. 95. c. 2. & 96. N. ō pode fazer hũ Anjo o q̃ fes Sãto Antonio, p. 97. O que annunciou aos Pastores o Nacimento de Christo, foy o mesmo que em fórma de estrella levou novas aos Magos, pag. 82. c. 1.

Santo Antonio. Veja-se pag. 76. *& per tot. Serm.* Quer dizer flor, & quer dizer Santo, pag. 88. c. 1. N. ō sò he defensa da Patria, mas de toda a naçaõ Portugueſa, pag. 89. c. 2.

Appeteter. Veja-se Temer.

Appetites. Veja-se Alma.

Apostolos. Eram Prégadores verdadeyros, porque naõ só tinham linguas na bocca, mas tambem tinham linguas na cabeça, pag. 11. c. 1. Para os Apostolos terem de todas as sciencias hum perfeyto complemento, foy necessario q̃ descesse sobre elles o Espirito Santo, pag 15. c. 2.

Appresentaçaõ. Maria Santissima na sua Appresentaçaõ foy coroada com tres coroas, pag. 184. Veja-se todo o Serm. á pag. 165.

Arca. A do Testamento foy figura de hum Mosteyro, pag 161. c. 1.

Arco. O que S. Joaõ vio no Apocalypse, era figura da Cruz, pag. 303. Tambem he figura do Rosario, ibid.

Arco celeste. Representa o Sacramẽto do Altar, pag. 389. c. 1. Que representam as suas cores? Veja-se ibid.

Arpa. Veja-se Orgam.

Arvores. Saõ os homens arvores racionaes. Vejam-se Homẽs.

Atormentar. Veja-se Soledade.

Avarento. Para fazer parar o Sol bastou o poder de Josué, para fazer parar a hum Avarento, he necessario o poder do mesmo Deos, p. 54 c. 2.

Avareza. Veja-se Cobiça, & Liberalidade.

Ave Maria. Consta de nove dicções, nas quaes se representam os nove Coros dos Anjos, pag. 309. c. 2. As Ave Marias saõ mysticas rosas, & porque? pag. 137. c. 1. Saõ favos feytos na terra, mas colhidos no Jardim do Ceo, ibid.

Aurora. He esperança do Sol, p. 213. Qual seja a sua etymologia? pag. 227. usque ad 228. Veja-se Riso.

Azas. Tem tres officios, & quaes saõ? pag. 186 c. 2.

B

Balas. VEja-se Lã.

Santa Barbora. Veja-se pag. 118. *& per tot. Serm.* Do mesmo engano conseguio Barbora o mayor triunfo, pag. 126. c. 2. Naõ só teve fortaleza para rebater enganos, mas tambem teve valor para supportar tormentos. Veja-se *per tot. Serm.* Fingio-se fugitiva para se mostrar mais valerosa, pag. 137. c. 2. Foy a sua morte hum dia de Juiso, p. 140. c. 2.

Belem. He o mesmo que Mosteyro, pag. 32. c. 1. Interpreta-se caza de paõ, pag. 81. c. 1. Representa hum Mosteyro com o titulo da Esperança, ibid.

Bem. Menos se deseja obem, que està mais longe de se possuir, do que o bem que està mais perto de se lograr, & porque? pag. 34.

Bençam. Porque deytou Deos a bençam ao dia settimo? Veja-se Dia.

Beneficios. Fas-nos a Senhora multiplicados beneficios quando em nós se multiplicam os agradecimentos, pag. 276. c. 2. *& ultra.* Quem recebe de Deos mayores beneficios, està obrigado a corresponder com mayores lucros, pag. 26.

Bens. Todos os bens, que temos saõ dados por Deos, pag. 377. Dà-os Deos para se negociar com elles, pag 345. c. 1. Todos trabalham pelos bens do Mundo, devendo só trabalhar pelos bens do Ceo, pag. 415. Veja-se Cobiça, Ministro, Liberalidade, Christo, & Leylaõ.

Bethel. He o mesmo que Religiaõ, ou Mosteyro, pag. 283. c. 1. Representa hum Mosteyro com o titulo da Esperança, ibid.

Bethsaida. He o mesmo que bayrro, ou aldea, pag. 89 c. 1.

Boy. Para commettermos peccados, damos voos, como Aguia, mas para abraçar a penitencia damos passos como boy, pag. 427. & p. 428.

Bom He de sua natureza communicavel, pag. 357. c. 2.

Bonanças. Os amigos de Deos naõ se provam nas bonanças, mas só nas adversidades se provam, pag. 291. c. 2.

Brutos. Veja-se Cobiça.

C

Cabmio VIda de cambio he vida de mar, & porque? pag. 56. c. 1.

Candea Veja-se Luz.

Cantar. Vejam-se Anjos.

Caõ. As suas propriedades, p. 65. c. 1. As propriedades, que tem os cães do Egypto, pag. 416. c. 1.

Capa. Pela capa de fóra se conhece o que no interior se passa, p. 105.

Caridade. Para ser perfeyta, a todos ha de chegar, & a todos ha de abranger, pag. 380. A caridade de Santo Thomás de Villa Nova só tinha semelhança com a de Christo, pag. 381. Veja-se Sãto Thomàs de Villa Nova. Quaõ grande foy a que usou Rahab com as espias de Josué, pag. 420. c. 2.

Carroça. A que vio Ezequiel, era imagem de Maria com o titulo de

de Guadalupe,pag.265.c.1. Veja-se *Maria sub hoc titulo*. As rodas desta carroça representam a vida eterna. Vejam-se Rodas. Era esta carroça tambem figura do Sacramento da Eucaristia, p. 398.

Castidade. Naõ se póde achar aonde naõ houver temor, pag.422. c.2.

Castelo. Que representa? pag.168. c.2.

Cattiveyro Os Escravos de JESUS tem hũ cattiveyro gostoso, porq̃ fazem hum bom obsequio volũtar o, pag. 32. c.2. Vejam-se Escravos.

Ceo. O Ceo apremîa de diverso modo, doque apremîa a terra, p. 86.c.2. A terra ficou feyta Ceo com o Nacimento de Christo, p. 31.c.1.

Chorar, choro. Veja-se Alma, Riso, & Lagrymas.

Christo. Para Christo mostrar que a todos os homens trasia no coraçaõ, por isso ao morrer repartio os seus bens com todos, p. 382. c.1. Quis antes faltar aos negocios de seu Eterno Pay, só por naõ faltar á obediẽcia de sua Mãe, pag.206.c.1. Entre todos os q̃ festejaram a Christo nacido, só os Anjos lhe cantaram as glorias, porque vinham com o titulo de Soldados, pag. 81. Veja-se Soldado. Para festejar a Christo nacido concorreu o Ceo, & a terra, o Ceo com luzes, & a terra com vozes, ibid. Christo no Presepio nacido está com sombras de Sacramentado, p. ibid.

Chrysolitho. Representa a Saõ Mattheus; porque todas as singularidades, de que participa o Chrysolitho por influxos da natureza, se acham em Saõ Mattheus por privilegio da graça, pag.58 c.2. *& per tot. Serm.* Veja-se S. Mattheus.

Cidade. Se huma Cidade naõ tivesse titulo algum, com que se engrandecesse, só com ser mãe de algum Santo cõseguiria o mayor titulo, pag. 88.c.2. A Cidade de Jericó representa huma alma peccadora, pag.407. Veja-se Alma peccadora.

Citharas. As do Apocalypse figuravam as saudaçõcs Angelicas, pag. 308.

Cysne. Naõ se offerecia a Deos em sacrificio, & porque? pag. 144. c. 1.

Santa Clara. Veja-se pag.98. *& per tot. Serm.* Foy huma nova Debora da Ley da graça, & porque? p. 103.c. He o mesmo que abelha. ibid. Do mesmo modo que procede a abelha nos fruttos da natureza, procedeu Santa Clara nos fruttos da graça, pag. 104. *& per tot.* O mesmo foy impor lhe Deos o nome de Clara, que canonizalla por Santa, pag.106.c.2. As luzes de Santa Clara saõ muy parecidas com as luzes do Sacramento, pag. 108. Creou Deos a Clara para abelha mestra, & por isso a assinalou com singular differença, pag. 109.c.2. & pag. 112.

Clausura. Os seus elogios, pag. 163.

Cobiça. Mayor milagre he fazer deter a hum homem na carreyra da sua cobiça, do que fazer parar o Sol na sua agigantada carreyra, p. 54. c. 1. & 2. Veja-se Sol. Na cobiça dos bens do Mundo nos daõ os brutos hum singular documento, pag.416. c.2. Vejam-se Bens.

Columna. A q̃ guiava aos Hebreos era imagem de Maria, pag. 295. c. 2.

Compayxaõ. Veja-se Piedade.

Complemento. Veja-se Espirito Santo.

Conhecimento. Pelos paes se conhecem os filhos. Vejam-se Paes.

Cõsolaçaõ. Veja-se Morte.

Cordas As cordas, com que prenderam a Christo, lhe causaram tanta pena, que lhe traspassaram a mesma Alma, pag.444.

Cordaõ. O cordaõ de Rahab representava na cor o sangue de JESU Christo, pag.34. Representa tambem o cordaõ da penitencia, pag. 422. *& ultra.* Veja-se Rahab.

Coraçaõ. O que cada hum tem no coraçaõ, isso mesmo lhe vem à bocca, pag. 157 c.1.& c.2. Veja-se Sangue.

Cores. Descrevem-se as tres, de que se compõem o Arco celeste, pag. 389.

Coroa. As linguas com que desceu o Espirito Santo sobre os Apostolos, foram coroas, pag.27. Tres foram as coroas, com que Deos coroou a sua Santissima Mãe, quãdo se lhe apresentou no Templo, pag. 183. & 184. Veja-se Apresentaçaõ, & Maria.

Costumes. Os costumes, que muytos homens tem, lhes procedem da patria, aonde naceram, pag.84. c.1. Veja-se Patria.

Cravos. Vejam-se Queyxas.

Creaturas. Todas deram mostras de sentimẽto na morte do seu Creador, pag 322. Vejam-se Instrumentos.

Criado. Veja-se Escravo.

Crocodilos. Criamse no rio Nilo, p. 416,c.1.

Crueldade. A crueldade, que usaraõ os homens com Christo, foy peyor, do que a que usou o demonio com Job, pag.448. c.1.

Cruz. Foy figura do Rosario, pag. 302. c.1. &.2. O mesmo he ser Senhora do pé da Cruz, que ser Senhora do Rosario, pag.305.c 1. Veja-se Peccado, & Morte.

Cuydados. Vejam-se Amadores do Mundo.

D

Dadivas. QUem fas esperar as suas dadivas, mais parece vendellas, doque dallas, p. 406. Veja-se Offerta.

David. diſſe que traſia a alma nas mãos, porq̃ nas ſuas mãos ſe achava a eſmola, que era a alma da ſua vida, pag. 383. c. 1.

Debora ſignifica mulher de rayos, & reſplandores, pag. 104. Quer dizer tambem abelha, ibid. Conſervou a ſua virgindade no monte Efraim junto a Bethel, & por iſſo foy figura de Santa Clara. Veja-ſe Santa Clara, ibid. Aſſiſtia junto da palma, pag. 105.

Dedos. Vejam-ſe Obras.

Defenſa. Veja-ſe Santo Antonio.

Defeytos. Veja-ſe Alma.

Demonio. Veja-ſe Occaſiaõ proxima.

Deos. Nunca eſtà de melhor graça, doque quando aſſiſte no Sacramento da Eucariſtia, pag. 390. Em quanto ſe naõ deu Sacramentado, tudo nelle era rigor; porém depois que ſe nos deu no Sacramento, logo ſe inclinou à piedade, ibid. Uſa com noſco no Sacramento da mayor miſericordia, paraque lhe demos neſſe Sacramento a mayor veneraçaõ, pag. 391. & pag. 392. Converter a hũ avarento ſó o póde fazer o poder de Deos. Veja-ſe Avarẽto. Quiz Deos parecerſe com o homem, ja que o homem ſe naõ quiz parecer com Deos, peg. 342. c. 1. & 2.

Deſejos. Saõ huns movimentos da alma, que ſe encaminham a hum bom fim, pag. 244. c. 2. E por iſſo os noſſos deſejos devem ſeguir as inclinaçõeſ do fogo, & naõ as propriedades da pedra, pag. 246. c. 1. Só deſeja a Deos como deve, quẽ o deſeja ter do modo, que elle ſe quer communicar, pag. 250. c. 2. Mayores foram os deſejos de Maria Santiſſima em ordem à Redempçaõ do Mundo, doque foram os deſejos de todos os Santos Padres, pag. 243.

Dezembro. Veja-ſe Eſtrella.

Dia. O dia ſettimo naõ teve manhã, nem tarde, & por iſſo alcançou a bençam de Deos, pag. 107. c. 1. & pag. 108. Hum dia de Juizo foy a morte de Santa Barbora. Veja-ſe Morte.

Diligencia. Toda ſe deve pór no caminho da ſalvaçaõ, p. 426.

Dinheyro. Veja-ſe Miniſtro.

Diogenes. Huma ſentença, que diſſe a Alexandre pag. 251. c. 1.

Dões. Os ſette dões do Eſpirito Sãto ſe deſcobrem nas ſette propriedades do fogo. Veja-ſe Fogo, & Talentos.

Dores. As dores dos pès ſaõ mais ſenſiveis que as das mãos, & porque? pag. 358. c. 2. Vejam-ſe Queyxas.

Dormir he muy perigoſo para quẽ eſtà em peccado, pag. 446. c. 1.

E

Ediſicios. VEjam-ſe Muros.

Effeytos. Os primeyros effeytos, que faz a penitencia, he deſatar os elhos em lagrymas, p. 432. c. 1. Veja-ſe Patria.

Enfermo. O que punham na porta Eſpecioſa, repreſentava ao genero humano, pag. 289. c. 1. Vejamſe Meninas dos olhos.

Engano. O engano foy o primeyro inimigo, com que Dioſcoro pretendeu invadir a torre de Santa Barbora, pag. 126. c. 2. & ultra. Veja-ſe Santa Barbora.

Entendimento. Veja-ſe Prẽgador.

Eſcrava. A eſtrella que guiou aos Magos, fazia o officio de eſcrava, pag. 35. c. 2. Sendo os Magos eſcravos das eſtrellas, por virem adorar a JESUS, ficaram as eſtrellas ſendo ſuas eſcravas, pag. 36. c. 2 Vejam-ſe Magos.

Eſcravos. Ha eſcravos da natureſa, da graça, & da culpa, & quaes ſaõ? pag. 42. c. 2. Dà-ſe differença entre criado, & eſcravo, & qual ſeja? pag. 40. c. 2. Emblema de hum eſcravo fiel, pag 51. c. 2. Todos temos obrigaçaõ de ſer eſcravos de JESUS, pag 40. c. 1. Os eſcravos de JESUS devem andar aſſinalados, naõ ſó no interior, mas tambem no exterior, pag. 41. c. 1. Os eſcravos de JESUS haõ de ter tres propriedades, & quaes ſaõ? pag 31. *& per tot Sermonem, maxime* a pag. 45. *uſque ad finem Serm.* Os que ſaõ eſcravos de JESUS, tem hum cattiveyro goſtoſo, porque fazem hum obſequio voluntario. Alcançam a mais perfeyta liberdade, pag. 35. c. 1. Naõ póde dizer o peccador que he eſcravo de Deos, porque tem muytos ſenhores, de quem he eſcravo, pag. 50. c. 2. O verdadeyro eſcravo naõ conhece mais que a JESUS por ſeu Senhor, ibid. c. 1.

Eſcravidaõ. Se quem troca a eſcravidaõ da culpa pela eſcravidaõ da graça, he ſabio, quem troca a eſcravidaõ da graça pela eſcravidaõ da culpa, he neſcio, p. 37. c. 2. Quem he taõ entendido, que ſabe trocar a liberdade da culpa pela eſcravidaõ da graça, ainda que ſeja Rey por officio, ſó lhe convem o appellido de ſabio, ibid. c. 1.

Eſmeralda. He ſymbolo da Eſperança, & da Caſtidade, pag. 339. c. 1. & 2,

Eſmola. Multiplica-ſe conforme a maõ, q̃ a diſtribue, pag. 375. c. 1. & pag. 377. Aſſim como a alma he vida do corpo, aſſim a eſmola he vida da alma, pag. 383. c. 1. Veja-ſe David.

Eſpelhos. Qual foy o fim, para que ſe inventaram? pag. 60. c. 2. Foy Saõ Mattheus hum eſpelho claro, pag. 61. c. 1. Veja-ſe S. Mattheus. Maria he eſpelho, em que ſeu Filho ſe vè, pag. 266. c. 1. & 2.

Eſperança que couſa ſeja? pag. 396. c. 1. A eſperança he mal da morte, porque he mal do coraçaõ, p. 234. c. 2. Como ſe poderáõ deſcobrir na eſperança glorias, ſendo a eſperança motivo de tantas pe-

nas? pag.235.c.1. Hũa eſperanſa poſta em Deos, he theſouro,que ſe goza na meſma occaſiaõ, em q̃ ſe eſpera, pag.238. c. 1. O meſmo he pór a eſperanſa em Maria, que pór a eſperanſa em Deos, p. 216. c.2. Quem põem a ſua eſperanſa em Maria, naõ tem que temer na vida, & eſtá certo de ir poſſuir a Gloria, pag.241. c.1. Quatro ſaõ as eſperanſas, que devemos pór em Maria Santiſſima, pag. 234. c.1. & 2. Veja-ſe Eucariſtia,& Maria ſub hoc tit.

Eſperar. Eſperar no que ſe deve eſperar, he virtude; porém eſperar no q̃ ſe deve aborrecer he vicio,p. 235. c. 2. Quem ſas da ſua parte quanto póde, alcança de Deos mais do que eſpera,pag.401. c.1. & 2. Quem fas eſperar as ſuas dadivas,mais parece querer vendellas, do que dallas,pag.153.c.2.

Eſpinhos. Vejam-ſe Riqueſas.

Eſpirito Santo. Naõ ſó veyo como conſolador, para alleviarnos nas penas, mas tambem deſceu como Meſtre,para nos ſoltar asduvidas, pag 5.c.1. Veyo deſterrar erros do entendimento humano, & introduſir na vontade chammas do amor Divino, pag. 7. *& per tot. Serm* Deſceu ſobre os Apoſtolos para ficarem em todas as ſciẽcias perfeytos, & conſummados, pag. 14. Deſceu ſobre elles, naõ ſó para os fazer eloquentes, mas tambem para os fazer amantes, p. 21.c.2. Chama-ſe Deos peregrino, & porque? pag.23.c.1. Deſceu em fórma de fogo,& de vento, & porque? p.21. c.2. & ultra. He eſſencialmente amor, que parece que com o deſcanço morre, & com o movimento vive, pag. 23.c.1. & 2.

Eſpoſa. Para huma eſpoſa lograr de ſeu eſpoſo os affectos,he neceſſario que ſuſpẽda as operações dos ſentidos.p.148.c.2.

Eſtatua. Huma celebre, que houve em Roma, pag.62.c.2.

Eſtimaçaõ propria. Veja-ſe Amor proprio.

Eſtrella. A eſtrella que guiou aos Magos, repreſentava ao Eſpirito Santo,pag.23.c.2. & pag.24. Em dezoyto de Dezembro apparece no Ceo huma eſtrella, q̃ he imagem da Senhora com o titulo da Eſperanſa,pag.215. c.1. & ultra. Veja-ſe Anjo, & Eſcrava.

Eucariſtia quer dizer boa graça,p. 394. c. 1. Nunca Deos eſtà de melhor graça, do que quando aſſiſte no Sacramẽto da Eucariſtia, ibid. Naõ temos couſa no Mundo, pela qual poſſamos eſperar a Bemaventurança, ſenaõ a ſagrada Eucariſtia, pag. 396. c.2. Veja-ſe Menza, & Sacramento.

Excelino, hum cruel tyranno, a quẽ venceu Santo Antonio, pag.92. c.2. & pag.93.

Exercito. Vejam-ſe Soldados.

Exterior. Veja-ſe interior.

F

Favos. VEja-ſe Ave Maria.

Fè. Qual ſeja o ſeu emblema,pag.122.c.2.Quaõ grãde ſoy a Fé de Santa Barbora, p. 131. Huma fé viva tem taõ grãde efficacia, que parece chega a roubar a Deos o ſeu meſmo poder, & fortaleſa,pag.132. c 2. A fè quando mais ſe prohibe, entaõ mais ſe acende, pag.129.c.2.

Feſta. Veja-ſe Flora.

Filhos. Os primeyros filhos devem offerecerſe a Deos, pag 175. c.1. Devem pedirſe a Deos,como pedia Manué pay de Sanſaõ, & como pedia Anna mãe de Samuel, ibid.c.2. Entre os filhos de Jacob ſoy Joſeph o mais querido, porque ſoy o menos eſperado, p. 154. Vejam-ſe Paes.

Fidelidade. He couſa taõ ſingular acharſe fidelidade em hum Miniſtro, que ſó por eſta virtude ſe póde acreditar de unico, p. 371. c.2. Para ſe dar credito à fidelidade, & rectidaõ de hum Miniſtro,he neceſſario que o teſtemunhe o Ceo com hum milagre, p. 372.c.1.

Fim. He conforme os noſſos deſejos. Vejam-ſe Deſejos. No fim ſe canta a gloria, pag.81.c.1. & pag. 82.

Flor. A flor he eſperanſa do frutto, pag.213. Tres propriedades ſe deſcobrem em hũa flor, & quaes ſaõ? pag. 231. c.2.

Fora. Huma Deoſa, a quem feſtejavam os Romanos, & porque? pag.300.

Fogo. Sendo o fogo hum elemento ſó, tem ſette propriedades, & quaes ſaõ ? pag.6. c.1. Nas ſette propriedades do fogo ſe deſcobrem os ſette dões do Eſpirito Santo, ibid. Tambem he propriedade do fogo acender,& alumiar; & eſtas duas propriedades ſe acham por eminencia na Peſſoa do Eſpirito Santo, ibid. c.2. Naõ offende o fogo aos que ſe valem da Piedade da Senhora, & do Sacramẽto do Altar. *Per Serm. tot.* da Piedade, pag. 197. Veja-ſe Piedade.

Fonte He figura de hum juſto,pag. 368.c.1.

Fermoſura Qual he a do Roſario da Senhora,pag.314. c.1. *uſque ad finem Sermon.* Só a do interior da alma he a que mais nos importa, 419.c.2.

Fortaleſa. Qual ſeja o ſeu emblema, pag. 122. c.2. Quaõ grande ſeja a do Roſario de Maria Santiſſima,pag.306. & ultra. Veja-ſe Fé. Quaõ grande foy a de Santa Barbora, p.132. c.2. Veja-ſe Poder.

Saõ Franciſco Seraſico foy figura daquelle Seraſim, que purificou os labios de Iſaias, p.101.c.1. & 2. Veja-ſe Seraſim.

Furtos. Os primeyros, que experimentou o Parayſo, foram feytos

pela mão do Miniſtro, que o devia guardar, pag 373.c.2. Veja-ſe Adão,

G

S. Frey Gil. REſpoſta admiravel que deu aquem lhe fes huma petiçaõ, pag.210.
Gemidos. Vejam-ſe Suſpiros.
Generoſidade. Veja-ſe Animo.
Glorias. As de Chriſto quando eſtaõ entre nuvẽs, entaõ ficaõ mais luzidas, pag.214.c.2. No fim he que ſe canta a gloria, pag.81. c.1. &.c.2. Vejam-ſe Rios, Goſto, & Poder.
Graça Veja-ſe Eſcravidaõ.
Grilhões. Vejam-ſe Cordas.
Guadalupe que quer dizer? p.258. c.1.
Guarda. Veja-ſe Adaõ.
Guerra. Na meſma occaſiaõ, em que os homens armaraõ guerra cõtra Deos, tratou Deos de fazer pazes com os homens, p.388. c.2.

H

Holocauſto. VEja-ſe Sacrificio.
Homens. Tudo temem os homens como mortaes; porém tudo appetecem como ſe foram immortaes, pag.246.c.2. Todos querem a Deos, mas naõ querem a Deos do modo q̃ Deos quer, pag.250. & 251. Saõ arvores racionaes, que cortadas com o golpe da morte cahem para a parte, para onde tem a inclinaçaõ, p. 145. c.1. & ultra. Para commetterem peccados daõ voos como Aguia, mas para fazerem penitẽcia daõ paſſos como boy, p 427. & pag. 428. Offende muyto a Deos querer o homem parecer no exterior hum Santo, ſendo no interior hum demonio, pag.440. c.2. Veja-ſe Miſericordia.
Hypocriſia. Ibid.

I

Jacob HE o meſmo que esforſado, pag.127.c.1. Repreſenta hum ſujeyto Religioſo, & Prelado, pag.283. c.1. Qual foy o ſeu intento quando fes a Deos o voto? pag.281.c.2.
Janela. Deſcrevem-ſe as tres janelas, q̃ tinha a torre de Santa Barbora, pag.122.c.1. & 2.
Jericó. Veja-ſe Cidade.
Inclinaçaõ. Vejam-ſe Patria, Arvores, & Deſejos.
Infidelidade. A primeyra infidelidade, que ſe vio no Mundo, foy em Adaõ, pag.372.
Infirmidade. Veja-ſe Doença, & Saude.
Inimigo. Naõ he taõ grande valor vencer a hum inimigo ſolitario, como vencer a hum inimigo, que tem ſequito, pag.95.c.1.
Inſtrumento. A differença que ſe dá entre os inſtrumentos de teclas, & os inſtrumentos de cordas, p.253. Saõ as creaturas inſtrumentos da cauſa prima, ibid.
Inſtrumentos bellicos. Veja-ſe Alma peccadora.
Interior. Muytas vezes ſe conhece pelo exterior, pag. 150. Deſagrada muyto a Deos que ſejamos huns no interior, & que pareçamos outros no exterior, p. 440. c.2. Vejam-ſe Eſcravos.
Job. Foy Job hum orgam, que tocando-o Deos com as ſuas mãos, ſempre correſpondeu com bom ſom áquelle toque, pag.254.c.1.
Joſeph. foy o filho mais querido de Jacob, & porque? p.154.c.1.
Joſue. Foy notavel o ardil, & traça, com que Joſuè deſtruhio os muros de Jericó, pag.405. c.1. Em fazer parar o Sol obrou o mayor prodigio, pag. 54. Podendo Joſué fazer que o Sol paraſſe, naõ pode fazer que a avareſa de hum homem ſe detiveſſe, pag.55.c.1.
Juſtiça. he ſymbolizada na palma. Veja-ſe Palma.
Juſto he ſemelhante ao Sol, p. 369. c.2.
Iſaac foy figura de Criſto, p.151.c.1
Iſaias he o meſmo que Prégador, p. 101. c.1.

L

Lã. REprime o impeto das balas, pag.188.c.2.
Ladraõ. Vejam-ſe Furtos.
Lagrymas. As de hum peccador cõtrito roubam o Ceo com violencia, pag.268. As de Maria Santiſſima na ſua Soledade foram lagrymas ſem remedio, p.324. *& per tot. Serm.* Lagrymas de ſangue chorou Maria na ſoledade de ſeu Filho, pag.331. c.2. Veja-ſe Soledade, & Penitencia.
Lanças. A induſtria, com que as jugavam os Principes da Grã Bretanha, pag.362.c.2.
Letrado. Veja-ſe Meſtre, & Prégador.
Letras. As que ſobem à cabeça, ſaõ letras de vaidade, & naõ de ſabedoria, pag.357. c.1. Veja-ſe Sabedoria.
Levi que quer dizer? pag.78.c.1.
Ley. A ley antigua era taõ carregada, que continha ſeiſcentos & treze preceytos, pag.4.c.1.
Leylaõ. Na Cruz fes Chriſto leylaõ de todos os ſeus bens, p.381.c.2.
Liberalidade. A liberalidade do Principe ſe converte em avareſa, quando ſe diſtribuem os ſeus bẽs por mão alhea, p.374.c.1. A da Senhora com o titulo de Guadalupe parece ſe extende a mais, q̃ a liberalidade do meſmo Deos, p. 274. c.2. Veja-ſe Maria ſub tit. Guadalupe, & Bens.
Liberdade. Os que ſaõ Eſcravos de JESUS, alcançam a mais perfeyta liberdade. Vejam-ſe Eſcravos.
Lingua. A lingua, que naõ paſſa da bocca, he lingua faladora, & mentioſa;

tirosa ; porém a q̃ se une cõ a cabeça, he lingua verdadeyra,& entendida,p.9. c.1. Lingua que ha de ensinar a todos, he necessario que todos a entendam,p.12.c.1. Linguas que se daõ a entender a todos, saõ de tanta utilidade para a Igreja de Deos,que de vento fazem edificios de marmore;porém linguas, que se entendem só para si, saõ taõ nocivas à Igreja, q̃ dos marmores fabricam torres de vẽto, ibid. & p.13. As linguas de fogo, q̃ descerão sobre os Apostolos,foram coroas,p.27.

Lirio he symbolo da Esperança, p. 218 & p.226.c.1.& c.2.*& per tot. Serm.* Tambem he symbolo da pureza, ibid.*& per tot.*

Lisboa basta ser patria de Santo Antonio, paraq̃ lhe convenha o mais excellente titulo,p.89.c.1.

Louvores. Descrevem-se os louvores, que Christo deu a Sãto Thomás de Villa Nova. Veja-se Santo Thomás.

Lucros. Vejam-se Beneficios.

Luz. Que diversidade se dá entre a luz da a lampada , & a da candea? p.103. A luz da alampada representa a virgindade,& pureza,ibid. Representa tambẽ os fruttos das boas obras,p.102.c.2. As luzes de Santa Clara saõ muy parecidas cõ as luzes do Sacramẽto,p.108.c.2.

M

Magos. OS Magos do Oriente então ficáraõ mais libretos, quando se offereceraõ à JESUS por escravos, p.35. c.1. Por virem adorar a JESUS ficaram as estrellas sendo suas escravas,sendo elles dãtes escravos das estrellas,p.36.Veja-se Escrava,& Escravos.

Maldades saõ taõ antiguas como o Mundo,p.336.

Maldiçaõ. A que lançou Josué aos que reedificassem os muros de Jericó,p.429 c.2.

Malicia. Veja-se Ingratidaõ.

Manna era semelhante, á menina dos nossos olhos.pag.371

Manué. Vejam-se Filhos.

Mãos. Vejam-se Obras.

Mar. O mar em se mover se conserva, & em naõ descançar se perpetùa, pag.24.c.1.& 2. Veja-se Vida de cambio.

Maria Santissima cõ o titulo da Victoria em o dia de sua Appresentaçaõ,pag.171.c.1. *& per tot. Serm.* Entrou no Templo cõ semelhanças de Aguia, porque entrava applandindo a vittoria, ibid.

Maria. Com o titulo da Esperança. Veja-se a pag.243. usque ad 255. Quando espera a Deos com mais ansia, entaõ o goza com mais certeza,pag.269. As suas esperanças foram luzidas , & engraçadas, p. 122. *& per tot.* Foram tambem suaves, sublimes, & seguras, pag. 236. *& per tot.* He ancora , aonde estribamos toda a nossa esperança, p.230.

Maria. Com o titulo da Piedade. Veja-se a p.190. *& per tot. Serm.* He de sua natureza piedosa, pag. 209. col.1. Tanto se preza de ser Mãy de Piedade, que naõ só exercita este officio na terra, mas tambem o exercita na Gloria, p. 211.c.2.

Maria Com o titulo de Guadalupe. Veja-se a pag. 256. *& per tot. Serm.*

Maria. Com o titulo do Pilar. Veja-se a p.280.*& per tot Serm.*

Maria. Com o titulo do Rosario. Veja-se a p.300. *& per tot.*
A Senhora ao pé da Cruz he o mesmo que Senhora do Rosario, p.302.c.1. *& ultra,*

Maria na sua soledade. Veja-se a p. 320. *& per tot Serm.*
Cujo assumpto he: Soledade sem alivio,lagrimas sem remedio.Foy para Maria hum rigoroso tormẽto naõ padecer na mesma Cruz com o seu Filho, p.329.c.1.
Na sua Soledade ficou assolada, & destruida,p.333. Duas Soledades padeceu Maria Santissima, Soledade de companhia, & Soledade de remedio; com a Soledade de companhia ficou assolada, & com a Soledade de remedio ficou consumida, p. 334. c. 2. Na Soledade naõ só perdeu o ser, & a existencia mas até o nome de Mãe, & de Maria perdeu, p.338. c.1.

Maria he a rais de todo o nosso gosto, & de toda a nossa alegria,pag. 348.Mais estima a nossa conveniencia,do que a sua mesma gloria, p.222.p.c.2.& p. 250. Multiplica os beneficios, quando lhe repetimos os agradecimentos, pag. 276.c.2.& ultra. He chave, com qne se abre o Ceo, p.254. He pelago de graças, & thesouro de Santidade; sempre adevemos servir,porque sempre experimentamos o seu favor, p.277. A sua liberalidade he para todos, ibid. Em muytas imagens se retrata na Escrittura, & porque? p. 286. He pedra angular, & porque ? p. 293.c.2.Foy a primeyra,que fez a Deos voto solenne de sua virgindade, p. 49. Naõ admira tanto ver a Maria Santissima coroada pelo seu Filho, como admira ver o Filho coroado por sua Mãe, p. 186.c.1. He espelho, em que se ve o seu Filho,p.265. c.2. Vejam-se Desejos.

Saõ Mattheus. Veja-se p. 53. *& per tot. Serm.* Foy hum Santo como o ouro, p.63.c.2. Foy o Principe entre os Evangelistas, p.68. Cõcorreram para Mattheus as graças de todos os Santos, como corrẽ para o mar as agoas de todos os rios, p.71. Sendo os mais Santos rios de graça,foy Mattheus hum mar de gloria,ibid.Foy oprimeyro que instituhio mosteyros de Freyras,p.73. c.1.

Mel. O mel das abelhinhas novas he o mais doce,p.117.c.1.

Menina. As meninas dos olhos se se naõ divisam aos que estaõ enfermos,

sermos, he final certo de morte, p.399.c.1.

Menino. Porque razaõ se lhe naõ concede o riso, se naõ depois de passados quarenta dias do nacimento? p.432.

Menza. A da sagrada Eucaristia faz com que Deos abrande a sua ira, & use com os peccadores de misericordia, p.389. & p.390. A menza do Santuario representava a Maria Santissima, p.155.c.2.

Mestre. Deve darse a entender a todos, p.14. Veja-se Prégador.

Milagre: Hum prodigioso, feyto por patrocinio da Senhora da Piedade p.201.c.1 Veja-se Cobiça, Agoas, & Fidelidade.

Ministro. Ter hum Ministro dinheyro, ou bens alheyos na maõ, sem reservar nada para si, he cousa taõ singular, que por unica a devem todos applaudir, p.371. O primeyro Ministro que houve infiel, foy Adaõ. Veja-se Adaõ. As mãos dos Ministros tem propriedades de esponjas, quando nellas se depositam as riquesas, p. 374.c.1.

Myrvha. A primeyra que se tira das argores, he mais preciosa, que a segunda, & porq̃? p.438. *& ultra.*

Miss õ. A vinda do Espirito Santo ao Mundo foy a fazer missaõ ao Collegio Apostolico, p.7. *& per tot. Serm.* Os Sermões de missaõ, supposto naõ sejam para os Prégadores os de mayor applauso, saõ para os ouvintes os de mayor fruto, ibid.

Mysterios. Explicam-se os do Rosario, p.303.

Misericordia. Exercitou Deos com os homens a mayor misericordia, quando os homens usaram com Deos da mayor severidade, pag. 387.c.1. & 2. Veja-se Sacramẽto, & Caridade.

Monte. Tudo o que antiguamente se obrou no monte Sina, foy o mesmo, q̃ depois se obrou no monte Siaõ; só com esta differença, & qual? pag. 1.2. & 3.

Morte. A morte de Santa Barbora foy hum dia de juiso, p.140.c.2. Raquel na morte dos filhos teve consolaçaõ, porque como estava ja defunta, naõ sentio a sua morte, pag.331. Sendo a morte de Cruz cõsolaçaõ para Christo, foy para a Senhora o mais rigoroso tormento, & porque? p.328.c.2.

Movimento. He remisso quando começa, & mais fervoroso, & activo quando acaba, p.378.c.2. Vejam-se Desejos.

Mulher. A mulher que naõ considera no que sala, naõ he mulher de consideraçaõ, p.317.c.1.

Mundo. Vejam-se Amadores do Mundo.

Muros. Veja-se Alma peccadora.

N

Nao HE figura de hum justo, & virtuoso, p.369.c.1.

Nazareno quer dizer flor, & quer dizer Santo, pag.87.c.2.

Nacimento de Christo. Veja-se Christo.

Nescio he todo aquell, que troca a escravidaõ da graça pela escravidaõ da culpa, p.37.c.2. Veja-se Escravidaõ.

Nome. Veja-se Soledade.

Novembro. Veja-se Casleu.

O

Obras. AS obras das mãos saõ obras feytas, mas naõ saõ aperfeyçoadas; as obras dos dedos naõ saõ obras que se saçaõ, mas saõ obras, q̃ se aperfeyçoam, pag.17.c.1. Obras son amores, y no buenas razones, p 147.

Obediencia. A que deve ter huma Religiosa no Mosteyro, ha de ser como a que teve Samuel no Têplo, p.163. Attribue-se ao coraçaõ, ibid. Tanta obediencia teve Christo a sua Mãe, que por lhe naõ faltar à obediencia, deyxou os negocios de seu Eterno Pay, p. 206.c.2.

Occasiaõ proxima he taõ perigosa, & arriscada, q̃ se valeu o demonio della, parecẽdo-lhe que faria cair ao mesmo Christo, p.125.c.2. & 126. Vejam-se Peccados.

Offerta para ser agradecida deve ser anticipada, p.153.c.2.

Officios. Vejam-se Azas.

Olhos. Os olhos de Christo naõ só fizeram a Mattheus hum espelho claro, mas tambem hũ ouro fino, p.62. Tem dous officios, que saõ ver, & chorar, p.325. Os olhos do peccador saõ semelhantes aos da Toupeyra, & porque? Veja-se Toupeyra, Alma, & Meninas dos olhos.

Operações. Veja-se Esposa.

Orgam. A differença que se dá entre o orgam, & a arpa, p.253.c.1. Veja-se Job.

Ouriço he symbolo do peccador, p. 287.

Ovelhas. Mais deve sentir o Pastor o dano das suas ovelhas, que o seu proprio dano. Veja-se Prelado. A ovelha, que acode á voz do Pastor arrependida, he final de ser predestinada, p.428.

Ouro. As suas propriedades, p.63. c.2. *& ultr. per tot. Serm.*

Oseas he figura de Christo, p.314.

Oziel que quer dizer? p.79.c.1.

P

Padre nosso. VEja-se Ave Maria.

Palavras. As de Deos se devem guardar de tres modos, pag. 146. *& per tot. Serm.* Nos canaes dos ouvidos dà a palavra de Deos á costa, porque a hi fica muytas vezes encalhada, p.11.

Palma he symbolo da virtude, & santidade, p. 106. Tambem he symbolo da rectidaõ, justiça, & fidelidade, p.370.c.1. He unica

no viver, & no morrer, ibid. Descreveſe com eſte emblema: *Turgeſcit in altum*; & porque? Ibid. A meſma verdura, que tem nos ſeus principios, eſſa meſma conſerva em todos os ſeus annos, p. 106. As ſuas folhas tem forma de eſpada, p.90. He muy buſcada da abelha, pag.104.c.2.

Paes. Pelos paes ſe conhecem os filhos, p.350. c. 1. Qual ſeja a ſua etymologia? p.130.c.2.

Payxaõ. A de noſſo Senhor Jeſu Chriſto diſcutida na metafora de mar, p.143. *& per tot. Serm.*

Paſtor. Veja-ſe Prelado, & Ovelhas.

Patrocinio. O da Senhora do Pilar he taõ grande, que ſe equivóca cõ o patrocinio do meſmo Deos, p.294.c.1. Veja-ſe Maria ſub hoc titul.

Saõ Paulo. As ſuas excellencias ſe recopilam em tres palavras, & quaes ſaõ? p.362.

Paz. As pazes que Deos fes com os homens no principio do Mundo, revalidou-as outra vez por meyo do Sacramento, p.388.c.1. & 2. Vejam-ſe Guerras, & Sacramento.

Peccado. Para Chriſto nos livrar do peccado, foy neceſſario que ſubiſſe á Crũz deſpido, p.454. c.1. Fas ao peccador mais duro que pedras, p 435 c.1.

Peccador tem tantos ſenhores, a quẽ ſerve, quantos ſaõ os vicios, a q̃ ſe ſujeyta, p.50. Vive na occaſiaõ das culpas, como ſe vivera em hum centro de delicias, p 413. c. 1. Os peccadores, que eſtaõ na culpa adormecidos, andam na ſalvaçaõ muy arriſcados, p.446.c.1. Correm para os vicios apreſſados, mas para abraçar a penitencia caminham muy vagaroſos, p.427. c.1. & 2.

Peccar. Veja-ſe Temor.

Pedra. A differença que houve entre a pedra de Cades, & a de Oreb, p.290.c.1. As doze que vio Saõ Joaõ na celeſtial Jeruſalem, repreſentavam aos doze Apoſtolos, p.57.c.2. Veja-ſe Maria.

Penitencia. O primeyro effeyto, q̃ faz a penitencia, he deſatar os olhos em lagrymas, pag.432.c.1. Deve abraçarſe de tres modos, p. 122. *& per tot. Serm.*

Piedade. He taõ grande a piedade da Senhora, q̃ ſe o Filho por impoſſivel de ſi a naõ tivera, ſua Mãe como fonte de Piedade lha communicára, p.205. Veja-ſe a pag.190 *& per tot. Serm.*

Pilar. He o Pilar de Maria o noſſo remedio, p.291. O Pilar da Senhora, naõ ſó ſerve de refugio aos homens, mas ainda ao meſmo Deos, p.297.c.2. Veja-ſe Maria ſub hoc tit.

Pintura. Deſcreve-ſe a com que ſe coſtuma pintar Santa Barbora, p. 121. Deſcreve-ſe a do Roſario da Senhora, p.305.

Platano. Quaes ſejam as ſuas propriedades, p.262. c.1.

Poder. Se naõ póde nada quem por amor do ſeu goſto deyxa a Deos, tudo póde quem antepõem o amor de Deos ao ſeu proprio goſto, p.471.c.1. Veja-ſe Fé, Avarento, Fortaleſa, & Patrocinio.

Porta A porta Eſpecioſa era imagẽ da Senhora do Pilar, p.288. c.1.

Prègador deve ter linguas de entendimento, & naõ entendimento de lingua, & porque? p. 11. Deve repartir a ſua linguagem com todos, paraque todos alcancem o frutto da ſua lingua, ibid.

Preguiça. Os que tem preguiça em fazer penitencia dos peccados, he ſinal de ſerem reprobos, pag.428. c.1.

Prelado mais deve ſentir o dano do ſubdito, do que o ſeu proprio dano, p.147. c.2.

Prendas. Quaes ſaõ as prendas, que deve ter hum bom ſoldado, p.83. Veja-ſe Soldado.

Primavera. Como a pintavam os antigos, p.301.c.2.

Priſões. Vejam-ſe Cordas,

Prodigio. Veja-ſe Joſué, & Sol.

Pr[illegible]ſaõ. Veja-ſe Annunciada.

Pſalterio he figura do Roſario, pag. 307.c.1.

Q

Quadro. VEja-ſe Pintura.

Queyxa. Naõ ſe queyxou Chriſto das dores, que lhe cauſaram os cravos dos pés, & ſó ſe queyxou das dores, que lhe cauſaram os cravos das mãos, & porque? pag.358. c.2.

R

Rahab. FOy a primeyra eſcrava de Jeſus na ley Eſcritta, p.35.c.1. A traça que uſou para eſcõder as eſpias de Joſué, p.420. c.2. He ſymbolo de huma alma penitente, & de tres modo abraçou a penitencia, p.422. c.1.

Raquel teve conſolaçaõ com a morte dos filhos, porque como eſtava ja defunta, naõ padeceu o rigor da ſua morte, p.330.

Rayo. Veja-ſe Morte.

Rebecca. Repreſenta a huma Religioſa, p.151.c.1.

Rectidaõ. Veja-ſe Fidelidade.

Redempçaõ. Vejam-ſe Deſejos.

Refugio. Veja-ſe Pilar.

Religioſa. De tres modos deve hũa Religioſa obſervar a palavra do do ſeu Eſpoſo, p 146. *& per tot. Serm.* Para poder lograr do ſeu Eſpoſo os affectos, he neceſſario que ſuſpenda as operações dos ſentidos, p.148. c 2. Sempre deve florecer, & frutificar. Naõ baſta para huma Religioſa o guardar a Ley de Deos, mas tambem he neceſſario q̃ guarde a ſua palavra, p.145.c.1. Naõ deve executar ſó o que Deos manda, mas tambem deve fazer o que Deos quer, ibid. Veja-ſe Veo.

Retrato. Deſcreve-ſe o de Maria Sãtiſſim

tissima na esperança do seu parto, p.214. Veja-se Pintura.

Rigor. Veja-se Soledade, & Tormento.

Rio. O rio Jordaõ, saõ as suas agoas cheas de lodo, & porque? p. 57. Os quatro rios do Paraiso a quẽ representavam, pag.65 c.1. & 2. Sendo os mais Santos rios de graça, foy S. Mattheus hum mar de gloria. Veja-se Mattheus. Rio de Deos cheyo de agoas da graça he Maria Santissima, p.266. c.1. He figura de hum justo, & virtuoso, p.368.

Riquezas. Todas se encerram no Sacramento do Altar, pag.399.c.2. Saõ comparadas aos espinhos, & porque? pag.417. c.1. Vejam-se Bens.

Riso. O riso da Aurora he juntamẽte choro, p. 231.c.1.& 2. Veja-se Menino.

Rodas. As da carroça de Ezequiel representavam a vida eterna, pag. 397. Vejam-se ibi as suas propriedades.

Rosario. A sua definiçaõ, p.302.c.2. Os seus elogios abreviados, pag. 318. Veja-se Maria sub hoc tit.

Rosas. As do rosal, ou Rosario da Senhora saõ de tanta utilidade, q̃ nellas se acha fortaleza para vẽcer inimigos, & fermosura da graça para aborrecer os peccados, pag. 306. *& per tot. Serm.* Das rosas se costuma fazer hum unguento, que causa effeytos maravilhosos, p.313.c.2. Costumavam os antigos untar o rosto com unguento de rosas, para cõciliar a graça dos Principes, p. 315. Costumavam esculpir rosas antiguamente nas citharas, p.308.c.2.

S

Sabedoria. A Braçar a sabedoria he virtude, porém o fugir aos applausos he modestia, p.355.c.1.

Sabio. Veja-se Escravidaõ.

Sacramento do Altar he symbolizado na luzes do meyo dia, & porq̃? p.108. Representado no arco, q̃ Deos pos no Ceo. Veja-se *per tot. Serm.* p.386. Do Sacramento naõ só participamos a vida, mas tambem a misericordia, pag. 390.c.2. He todo de misericordia, p.392. c.1. & 2. Depois do Mundo acabado naõ ha de haver Sacramẽto, & porque? ibid. Usa Deos com nosco no Sacramento da mayor misericordia, paraque lhe demos no Sacramento a mayor veneraçaõ, p.364.c.1. He a raiz, & fundamento de toda a nossa esperãsa, p 396 c.2. He por Antonomasia o Sacramẽto da paz, p.389. Usa do Deos com os homens no Sacramẽto da Eucaristia da mayor misericordia, usam os homens com Deos nesse Sacramento da mayor tyrannia, p.393.c.2.

Sacrificio. Que differença se dá entre sacrificio, & holocausto? pag 246.

Samuel foy offerecido no Templo de doze annos. Vejam-se Agoas, Obediencia & Filhos, p.160.c.1.

Sangue. Ha differença entre o sangue do coraçaõ, & o sangue das mais partes do corpo, & qual seja? p.203.c.2. Sangue de Jesus Veja-se Cordaõ.

Santidade. Veja-se Fermosura interior, & Palma.

Saudaçaõ Angelica. Veja-se Ave Maria.

Saude O mesmo he recorrerem os enfermos á Senhora do Pilar, que alcançarem a saude, que desejam conseguir, p.287.c.1.

Sentidos. Veja-se Esposa.

Sentinella. Tres foram as sintinellas que defenderam a torre de Santa Barbora. p.122.c.2. Veja-se Santa Barbora,

Serafim. Os dous que vio Isaias no throno, tinha hum delles apparencias de homem, & o outro de mulher, p 100. c 1. & 2. Representavam a Saõ Francisco, & a Sãta Clara, ibid.

Sermões. Sermões de missaõ, supposto naõ sejam para os Prégadores os de mayor applauso, saõ para os ouvintes os de mayor frutto, p.7.

Servir a Deos. Quem serve a Deos, em nada acha difficuldade, porq̃ tem por crecidas glorias o que o negligente julga por dobradas penas, p.46.c.2. Aquelles aquem Deos assinala para o servir, naõ devem ter nenhum temor, p .43.

Servos. Diversos epithetos, com que os servos de Deos se condecoram, & nomeam, p.368.c.1. Vejam-se Talentos.

Severidade. Veja-se Misericordia.

Siaõ he o mesmo que visaõ de paz, p.4.c.1. Veja-se Monte.

Sina he o mesmo que Cidade, p.4.c.1 Veja-se Monte.

Sol he mayor que a terra 169. vezes, p.54.c.1. Veja-se Justo.

Soldado para ser generoso, ha de ter sinco prendas, & quaes saõ? p. 83. & p.91. Em fórma de soldados, & de excercito celebraram os Anjos o Nacimento de Christo, p 81. Porque ses Deos escolha dos soldados, que beberam as agoas como cães? p.64.

Soledade. Só sente bem huma Soledade quem deyxa o uso das vozes, & appella para o exercicio das lagrymas, p.321.c.1. Póde terse por consolaçaõ huma morte, só por naõ padecer o rigor de huma Soledade, p.330. c.1 He taõ grãde mal o de hũa Soledade, que chega a tirar o ser, & a existencia, p.336. *& ultr.* Nem nome tem quem padece huma Soledade. Converteu a Maria em sangue. Veja-se Maria sub hoc tit.

Suspiros. Os que Christo deu na Cruz quando lhe cravaram as mãos, foram taõ penetrantes, que chegaram ao Ceo, p.358.c.2.

T

Talentos. T Alento que significa? p.345. Naõ distribuhio

tribuhio Christo ōs seus talentos igualmente com todos, porq̄ nesta vida ninguem ha, a quem naõ falte algum talento, p. 344. c. 1. Sendo a repartiçaõ dos talentos desigual todos ficaram cõtentes, & porq̄,? ibid. c. 2. Contente-se cada hum com o seu talento, se naõ quer perder muyto do seu credito, ibid. Todos somos obrigados a negociar com os talentos, que Deos nos dá, p. 345.

Temor. Tudo temem os homens como mortaes, porém tudo appetecem como se foram immortaes, p. 246. c. 2. Nada deve temer aquelle, a quem Christo chama para o servir. De naõ temer he que nasce o peccar, p. 423. c. 1. O sujeyto, que anda sẽpre temeroso, póde-se chamar bemaventurado, p. 425. c. 1. Veja-se Castidade.

Tempestade. Seis cousas fazem hũa tempestade desfeyta, & quaes saõ? p. 433. c. 2.

Thesouro que cousa seja? p. 259. c. 1.

Tyrannia foy o segundo inimigo, cõ que dretendeu Dioscoro invadir a torre de Santa Barbora, p. 123. c. 1. Veja-se Severidade, & Crueldade.

Sãto Thomás de Villa-Nova. Veja-se a p. 147. usque ad 383. Foy taõ grande Santo, q̄ o chegou a louvar o mesmo Christo, p 348. c. 2. Naõ pode morrer em quãto teve que repartir, pag. 382. O mesmo foy nascer no Mundo, que trasler logo cõsigo approvaçõesde Sãto, p. 350. c. 2. Sẽdo hũ só no numero, era muytos no officiõ, p. 363. c. 1. & 2. Foy unico na vida, & unico na morte, p. 371. c. 1. A todos com igualdade amava, & por isso a sua Caridade a todos se estẽdia, pag 381. c. 1. Assim como o corpo vive pela alma que o insórma, assim Thomàs vivia pela esmola, que dava, p 383.

Toupeyra andando cega toda a vida, só abre os olhos quando morre, p. 429. c. 1. Veja-se Peccador.

Tormenta Veja-se Tempestade.

Tormento. Veja-se Morte, Rigor, Prisões, Esperança, & Queyxa.

Torre he symbolo da fortaleza, pag. 121. c. 2. A de Babel como se destruhio, p. 12. c. 1. Veja-se Pintura.

Tremores. Os tremores da terra saõ indicativos de fogo, p. 197. c. 1.

Triunfo. Veja-se Santa Barbora, & Vencer.

Throno. O throno, em que appareceu Deos a Isaias, estava Deos nelle na fórma de Sacramentado, p. 99. c. 2. Veja-se Amor.

V

Vaidade. Vejam-se Letras, & Amor proprio.

Valor. Veja-se Inimigo.

Vara. A vara de Moysés era figura da Senhora, p 268.

Variedade. A variedade das inclinações nas pessoas conta-se pela diversidade das patrias, p. 84. c. 1.

Veado he figura de hũ justo na velocidade, com que corre, p. 369.

Vencer. Vencer ao inimigo á custa de trabalho he vittoria humana, porém vencello sem contingẽcia de perigo he vittoria Divina, pag 174. c. 1. & 2. Vencer aquem tem sequito he o mais insigne triũfo, pag. 94. c. 1

Vento. Porque desceu o Espirito Santo sobre os Apostolos em fórma de vento? p. 21. c. 2. & ultra. Entre as cousas mais sensiveis he o vento o mais ligeyro, p. 22.

Veo. A Religiosa, que encobre com o veo o rosto, mostra que tem ao seu Esposo no coraçaõ retratado, p. 171. c. 2. Veja-se Religiosa.

Vida. Sendo a vida breve na duraçaõ, he larga para o arrependimẽto, p. 346. c. 1. Vida que se naõ emprega em servir a Jesus, mais se lhe póde chamar morte, doq̄ vida, p. 34. c. 2. Vida de cambio he vida de mar, porque assim como o mar sempre anda em continuo movimento, o que se exercita em negocios, sempre está em continuo alvoroço, p. 56. c. 1. Veja-se Esmola, & David.

Vicios. Veja-se Peccador, Peccados.

Vittoria. Veja-se p. 165. *& per tot. Serm.*

Virtude. No caminho da virtude o mesmo he naõ ir adiante, que tornar atràs, p. 232. c. 1. & 2. Santo Thomás de Villa-Nova naõ só tinha virtude para si, mas tinha virtude para communicar a outros, p 378. c. 2. Vejam-se Almas, Fidelidade, & Sabedoria.

Virtuoso. Veja-se Justo, Aguia, Fõte, Ouro, Rio, & Palma.

Unguento. Vejam-se Rosas.

Uniaõ. A' uniaõ do Verbo Divino com a natureza humana chamou Saõ Paulo despoſorio, p. 152. c. 2.

Voto. Que cousa seja voto? p 281. c. 1. & 2. Qual foy o que fez Jacob em Bethel, p. 282. c. 1. & 2.

Z

Zorobabel HE imagem de Jesu Christo, p. 168 c. 2.

FINIS, LAUS DEO.

BIBLIOTECA NACIONAL

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA
GRANADA

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA
GRANADA